**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA**

**ARQUEOLOGIA DAS PRÁTICAS MORTUÁRIAS EM SÍTIOS
PRÉ-HISTÓRICOS DO LITORAL DO ESTADO DE SÃO PAULO**

Sergio Francisco Serafim Monteiro da Silva

**Tese apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Arqueologia, do Museu de
Arqueologia e Etnologia da Universidade
de São Paulo, para obtenção do título de
Doutor em Arqueologia**

Orientador: Profa. Dra. Dorath Pinto Uchôa

São Paulo

2005

INDICE

RESUMO.....	4
INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1 - ARQUEOLOGIA DAS PRÁTICAS MORTUÁRIAS: QUESTÕES E HIPÓTESES DE PESQUISA.....	24
1.1 - Os vivos e os seus mortos: a vez da antropologia e da sociologia da morte.....	24
1.2 - Arqueologia das Práticas Mortuárias: tendências e perspectivas.....	38
1.3 - O Corpo: atributos biológicos.....	43
1.4 - Sepultamentos humanos: agrupando corpo,cova e acompanhamentos funerários.....	52
1.5 - Os Rituais Funerários na Arqueologia.....	56
1.6 - Etnografia das práticas funerárias: inferências (im)prescindíveis para a arqueologia....	71
1.7 - Estudos comparativos sobre práticas mortuárias: perspectivas.....	102
CAPÍTULO 2 - OS SAMBAQUIS PIAÇAGUERA , BURACÃO E OS SÍTIOS TENÓRIO E MAR VIRADO.....	116
2.1 - Considerações iniciais.....	116
2.2 - Aspectos gerais dos sítios.....	120
2.3 - Variabilidade estrutural/variabilidade sócio-cultural: questões para o futuro.....	130
CAPÍTULO 3 - MATERIAIS, MÉTODOS E TÉCNICAS.....	134
3.1 - Tipologia e métodos arqueológicos.....	134
3.2 - Classificação dos acompanhamentos funerários: tipos, atributos.....	145
3.3 - Caracterização dos materiais.....	150
3.4 - Variáveis culturais e biológicas: formas de representação analítica das práticas mortuárias.....	153
3.5 - Descrição e análise dos artefatos.....	160
3.6 - Sexo e idade.....	162
CAPÍTULO 4 - O CORPO NO CONTEXTO ARQUEOLÓGICO.....	169
4.1 - Uma multiplicidade de enterramentos.....	169
CAPÍTULO 5 - ACOMPANHAMENTOS FUNERÁRIOS E OUTRAS ASSOCIAÇÕES.....	209
5.1 - Os acompanhamentos funerários entre as amostras.....	230
5.1.1 - Líticos.....	238
5.1.1.1 - Os líticos no contexto funerário de Piaçaguera.....	238
5.1.1.2 - Os líticos no contexto funerário de Tenório.....	243
5.1.1.3 - Os líticos no contexto funerário de Mar Virado.....	248
5.1.1.4 - Os líticos no contexto funerário de Buracão.....	251
5.1.1 - Ossos de animais.....	254
5.1.2.1 - Ossos de animais no contexto funerário de Piaçaguera.....	255
5.1.2.2 - Ossos de animais no contexto funerário de Tenório.....	257

5.1.2.3 - Ossos de animais no contexto funerário de Mar Virado.....	261
5.1.2.4 - Ossos de animais no contexto funerário de Buracão.....	262
5.1.3 - Dentes de animais.....	267
5.1.3.1 - Os dentes de animais no contexto funerário de Piaçaguera.....	268
5.1.3.2 - Os dentes de animais no contexto funerário de Tenório.....	271
5.1.3.3 - Os dentes de animais no contexto funerário de Mar Virado.....	274
5.1.3.4 - Os dentes de animais no contexto funerário de Buracão.....	276
5.1.4 - Conchas.....	280
5.1.4.1 - As conchas no contexto funerário de Piaçaguera.....	281
5.1.4.2 - As conchas no contexto funerário de Tenório.....	283
5.1.4.3 - As conchas no contexto funerário de Mar Virado.....	288
5.1.4.4 - As conchas no contexto funerário de Buracão.....	289
5.1.5 - Outras associações: ocre, fauna, carvão e estruturas das covas.....	293
CAPÍTULO 6 - INFORMAÇÕES BIOARQUEOLÓGICAS.....	330
6.1 - Sexo e Idade.....	330
6.2 - Características dos dentes.....	343
6.2.1 - Perda dentária.....	344
6.2.2 - Desgaste dentário.....	347
6.3 - Outras características: estatura e osteopatologias.....	353
CONCLUSÕES.....	355
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	361
ANEXOS	

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar comparativamente as parcelas operacionais das práticas mortuárias entre sociedades pescadoras-coletoras que viveram no litoral centro-norte de São Paulo entre em 5040 a 1381BP.

Foram estudados os dados mortuários dos sítios Piaçaguera, Tenório, Mar Virado e Buracão. Entre a Baixada Santista e o litoral norte, um significativo número de sepultamentos foi escavado por arqueólogos da Universidade de São Paulo entre em 1962 a 2004. Foram formuladas 57 variáveis culturais e biológicas distribuídas entre 203 inumações.

O Capítulo 1 apresenta as estratégias teóricas gerais e específicas em arqueologia das práticas mortuárias. As características estruturais e ambientais dos sítios arqueológicos foram esboçadas no Capítulo 2. O Capítulo 3 inclui as terminologias e classificações para a descrição dos sepultamentos e seus conteúdos. Nos Capítulos 4 e 5 são comparados os dados mortuários e descritos os contextos arqueológicos dos sepultamentos: corpo, acompanhamentos funerários e outras associações. No Capítulo 6 é apresentada uma síntese sobre a distribuição dos sexos e grupos etários entre os sítios e sobre as modificações diversas nos esqueletos, patológicas ou não.

Apresentamos uma síntese das variações e similaridades no interior de instâncias específicas das práticas mortuárias entre os sítios e seus reflexos quanto as dinâmicas socioculturais envolvidas, carregadas intencionalmente ao sistema de símbolos mortuários pelas sociedades dos vivos.

PALAVRAS-CHAVES: Arqueologia da Morte, práticas mortuárias, pescadores-coletores-caçadores pré-históricos, simbolismo funerário

ABSTRACT

The objective of this work is to analyze the operational portions of the mortuary practices comparatively among fisher-gatherer societies that lived in the coast center-north of Sao Paulo (5040 to 1381BP).

Between the Santos and the northern coast, a significant number of burials was excavated by archeologists of the University of Sao Paulo enters in 1962 to 2004. They were studied the mortuary data of the archaeological sites Piaçaguera, Tenorio, Mar Virado and Buracao: 57 cultural and biological variables were formulated distributed among 203 inhumations.

The Chapter 1 presents the general and specific theoretical strategies in Archaeology of the Mortuary Practices. The structural and environmental characteristics of the archeological sites were sketched in the Chapter 2. The Chapter 3 includes the terminologies and classifications for the description of the burials and their contents. In the Chapters 4 and 5 the mortuary data are compared and described the archeological contexts of the burials: body, attendances mortuaries and other associations. In the Chapter 6 a synthesis is presented on the distribution of the sexes and age groups among the sites and about the several pathological or non-pathologic modifications in the skeletons.

We presented the synthesis of the variations and similarities inside specific instances of the mortuary practices between the four groups and their reflexes the the involved sociocultural dynamics, carted intentionally to the system of mortuary symbols by the societies.

WORD-KEYS: Archeology of the Death, mortuary practices, prehistoric fisher-gatherer societies, symbolism mortuary

AGRADECIMENTOS

Ao Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo pelo apoio à pesquisa; aos Professores Doutores: Dorath Pinto Uchôa, orientadora e precursora dos estudos em arqueologia das práticas mortuárias no Estado de São Paulo; Rogério Nogueira de Oliveira, José Leopoldo F. Antunes, ambos do Departamento de Odontologia Social da Faculdade de Odontologia da USP.

Aos técnicos e estagiários dos Laboratórios do MAE, em especial ao fotógrafo Wagner Souza e Silva e a Daniella M. Amaral, aos funcionários dos Serviços de Conservação, Documentação, Seção de Pós-Graduação e Biblioteca do MAE/USP.

Aos amigos e colegas arqueólogos e etnólogos por suas considerações e auxílio na pesquisa, entre eles: Paula N. Barbosa, Silvia C. Piedade, Silvia L. Campos e Sandra N. Amenomori; por breves mas significativos auxílios: Paulo De Blassis, Levy Figuti, Manoel Gonzalez, Elaine Hirata, Astolfo G. de M. Araujo, Rafael Bertolomucci, Gilson Rambelli, Maria Mercedes M. Okumura, Walter A. Neves, Verônica Wesolowski, Denise Gomes, Douglas H. Ubelaker.

Em memória do amigo,
Dr. Carlos Delmonte Printes

Aos meus amados,
Cida e Henrique

O mais inquietante não é que se devolva uma beleza à morte e que se dê a ela um ar de representação. Todas as sociedades sempre o fizeram. Elas sempre enfeitaram a abjeção da morte natural, abjeção social da decomposição que esvazia o corpo dos seus signos, de sua força social de significar, para não ser mais do que substância – e que, ao mesmo tempo, precipita o grupo no terror de sua própria decomposição simbólica. É preciso ornamentar a morte, cobri-la de artificialidade, a fim de escapar a esse momento insuportável da carne entregue apenas a si mesma, e que cessou de ser signo. Já os ossos desnudos e o esqueleto selam a reconciliação possível do grupo, pois recuperam a força da máscara e do signo. Mas há entre os dois, essa passagem abjeta pela natureza e pelo biológico que é preciso conjurar a qualquer preço pelas práticas sarcófágicas (devoradoras de carne), que são na realidade práticas semiúrgicas. Toda tanatopraxia, também nas nossas sociedades, é portanto analisada como vontade de conjurar esse súbito desperdício de signos que se abate sobre o morto, de impedir que subsista, na carne a-social do morto, algo que nada signifique.

Jean Baudrillard, 1996:239

INTRODUÇÃO

Human remains: the archaeology of death or the archaeology of life?

Um estranho paradoxo relacionado ao estudo arqueológico dos remanescentes físicos dos mortos chamou a nossa atenção¹: os ossos e seus acompanhamentos funerários prestam-se muito mais para revelar informações sobre a vida dos homens e das suas sociedades do que sobre sua morte e extinção. A arqueologia da morte não se relaciona melhor do que uma arqueologia da vida quando a questão está nos remanescentes humanos. Assim, convém lembrar da eficácia de uma arqueologia que trate das práticas funerárias dos vivos sobre os mortos, das contraditórias e diversificadas expressões dos comportamentos mortuários gerados entre as populações pré-históricas.

Durante a vida o ser humano valoriza seus pertences, alimentos e agraços, mas quando morre, deseja que todos eles o acompanhem, sendo oferecidos ao seu duplo², que continua. A vida dos mortos está imbricada na dos mortais, sendo-lhe análoga e estabelecendo, através das práticas funerárias e sua sequência, trocas simbólicas normalmente inperceptíveis ao arqueólogo:

Archaeologists do not observe the entire sequence of a burial rite.(...) Symbolism associated with the liminal transformation of the body, and the segregation of the mourners,

¹ PEARSON, M P. The Archaeology of Death and Burial. Texas A&M University Press, College Station, p.3, 2002.

² O conceito antropológico de *duplo* remete-se as palavras *sombra* e *reflexo* que designam simultaneamente o morto. É uma representação que diz respeito aos mortos e ao mundo dos *espíritos*. O duplo, termo designativo de *fantasmas*, *espíritos*, constitui uma forma de conteúdo individualizado da morte. Trata-se de uma resposta do vivo na sua tendência de salvar sua integridade para muito além da decomposição do corpo: a sobrevivência pessoal é garantida através da existência de um espectro, um morto que vive a sua própria vida, como vivo. O duplo é o *Eidolon*, *Ka*, *Genius*, *Rephaim*, *Fravashi*, *corpo astral*, é a *alma*, que não é somente a reprodução *postmortem* do indivíduo falecido, mas uma cópia do mesmo enquanto vivo que o acompanha durante toda a sua existência, duplicando-o e sendo percebido, sentido, ouvido e visto pelo mesmo. (MORIN, E. O Homem e a Morte. Biblioteca Universitaria, Publicações Europa-America, Portugal, p.125-130, 1970)

may therefore be carried over into the grave and thus preserved archaeologically. Such symbolism may include the adornment of the corpse (...) (BARRETT, 1999:397)

Entretanto, a partir do que os arqueólogos puderam descrever e reconstruir, torna-se possível "explicar" o "passado", especialmente sobre essas respostas ao fenômeno morte entre populações extintas.

Hábitos culturais, doenças degenerativas e determinados traços de práticas mortuárias são alguns dos aspectos de interesse tanto arqueológico³ quanto bioarqueológico⁴, sobremaneira recuperáveis através do estudo sistemático dos sepultamentos humanos. Associando caracteres culturais ou sócio-culturais com traços biológicos torna-se possível estabelecer marcadores diferenciais entre grupos que deixaram vestígios de formas de assentamento e comportamentos simbólicos, relações de afinidade, obrigações e traços de animosidade (Barrett, 1999).

O termo *Arqueologia da Morte*⁵ ou *Arqueologia das práticas mortuárias*, aqui empregado, indica e define a linha de pesquisa adotada para analisar e interpretar dados mortuários, informações encontradas no contexto arqueológico que remetam às práticas mortuárias - parte dos rituais funerários - de grupos humanos extintos, as respostas dos mesmos diante do fenômeno da morte. Esse termo (Chapman, Kinnes e Randsborg, 1981;

³ Como em BEMENT, L C. Hunter-Gatherer Mortuary Practices during the Central Texas Archaic, University of Texas Press, Austin, 1994; PEARSON, M P, The Archaeology of Death and Burial, Texas A&M University Press, College Station, 2002; UBELAKER, D H. The Ayalán Cemetery. A Late Integration Period Burial Site on the South Coast of Ecuador. Smithsonian Contributions to Anthropology, Washington, n. 29, 1981; CHAPMAN, R, KINNES, I, RANDSBORG, K. (eds) The Archaeology of Death. Cambridge: Cambridge University Press, 1981; TAINER, J A Mortuary Practices and the Study of Prehistoric Social Systems. In: SCHIFFER, M B (ed.) Advances in Archaeological Method and Theory. Academic Press, v.1, p. 105-141, 1978 e BINANT, P. La Prehistoire de la Mort. Les premières sépultures en Europe. Editions Errance. Collection des Hesperides, Paris, 1991, entre os mais significativos trabalhos

⁴ Para não citar centenas de bons trabalhos, temos os significativos estudos de LARSEN, C S Bioarchaeology: Interpreting Behavior from the Human Skeleton. Cambridge, Cambridge University Press, 1997 e os manuais de WHITE, T D, FOLKENS, P A, Human Osteology. Academic Press, New York, 2000; UBELAKER, D H. Human Skeletal Remains: Excavation, Analysis, Interpretation, Washington DC, Taraxacum, 1989; BUIKSTRA, J E, UBELAKER, D H. Standards for Data Collection from Human Skeletal Remains. Fayetteville, Arkansas Archaeological Survey Report N. 44, 1994; BASS, W. Human Osteology: A Laboratory and Field Manual. Columbia Missouri Archaeological Society, 1995 e BROTHWELL, D R. Digging Up Bones. Ithaca, Cornell University Press, 1981.

Duday, Tillier e Vandermeersch, 1988; Pearson, 2002) designa um conjunto de modelos interpretativos voltados ao estudo das práticas mortuárias que surgiu a cerca de vinte anos em decorrência da necessidade de uma reflexão e de métodos adaptados ao estudo das práticas funerárias pré-históricas. Foi a partir da frequência e da tendência de se buscar bases para uma nova abordagem nessa área resultante do redimensionamento do objeto e do aperfeiçoamento de técnicas analíticas que aspectos socio-culturais passaram a ser pesquisados tendo como foco de estudo não somente os dados materiais, mas aceitando a inclusão impositiva dos dados biofísicos - como sexo, idade e determinadas modificações ósseas e dentárias - e determinadas parcelas das ciências biológicas. Assim, os esqueletos humanos também constituem objetos de reflexão arqueológica.⁶

Para Bement(1994:17), o estudo das práticas mortuárias consiste na reconstrução de variáveis biológicas, incluindo idade, sexo e traços herdados, e variáveis culturais, incluindo a localização e morfologia da cova, a forma de processamento do corpo e os acompanhamentos funerários. A identificação das formas de variáveis culturais e biológicas definem programas funerários ou padrões de sepultamento de uma determinada sociedade inserida em um período de tempo de longa duração.

Esse termo inclui, ainda, as investigações arqueológicas e etnográficas das *práticas mortuárias* (Ucko, 1969; Tainter, 1975; Thomas, 1975; Morris, 1992; Saxe, 1970, 1971; Brown, 1971; Tainter, 1978; O'Shea, 1984; Binant, 1991 e Beck, 1951). Discussões sobre a histórica e definições de estudos especialmente voltados as práticas mortuárias em grupos etnográficos devem-se a Binford (1971), Saxe(1970) e Bartel (1982). Não devemos esquecer as pertinentes reflexões de Schiavetto(2003)⁷ sobre a inevitável presença do

⁵ A " archéologie de la mort" discutida em BINANT, P. La Préhistoire de la Mort (Les premières sépultures en Europe), Collection des Hesperides, Editions Errance, Paris, p. 15-16, 1991.

⁶ AMBROISE, D, PERLÈS, C. Note sur l'analyse archéologique des squelettes humains. Revue archéologique du Centre, v.14, fascículos 1-2, p. 561-585, 1975.

⁷ SCHIAVETTO, S N de O . A Arqueologia Guarani - construção e desconstrução da identidade indígena. Fapesp, Annablume ed. Série Antropologia, p.41, 2003.

simbolismo, provavelmente inexistente nos objetos das ciências naturais, e que permeia toda produção da cultura material humana. Agora, devemos nos perguntar: e os aspectos menos visíveis das culturas?

Pelo uso de documentação etnográfica torna-se possível inferir que diferenças nos ritos mortuários - feitos de ações e pensamentos/sentimentos - estão vinculadas a diferenças de afiliação e formas de organização social entre grupos humanos (Bement, 1994:18). Hipoteticamente, os modos de sepultamento variam de acordo com a idade, sexo, status social relativo dentro da unidade social e pelo parentesco e afiliação social entre os membros no interior de uma sociedade ou na própria sociedade. Entretanto, convém ressaltar que Binford(1971:15) sugeriu essa hipótese tendo em vista uma abordagem antropológica fundada em significativa documentação etnográfica sobre sociedades observadas *in vivo* ⁸; que Ucko (1969)⁹ já alertava sobre a possível discrepância entre as interpretações dos arqueólogos prehistoriadores e os reais significados de ocorrências como a cremação, as oferendas, e a orientação do corpo e da cova, verificados em contexto etnográfico.

Tecnicamente, os costumes funerários provém da deposição potencialmente indesejável do corpo do morto. Ritualmente, os ritos mortuários consistem na execução de um número de atos simbólicos que podem variar de duas formas: na *forma* de símbolos empregados e no *número* e espécie de referentes dados à reconhecimento simbólica (Binford, 1971:16). São os *componentes técnicos* e rituais dos costumes funerários (Bement, 1994:18). Em grupos extintos, sem vínculos sócio-culturais ou biológicos com grupos etnograficamente recuperáveis, torna-se inviável a aplicação comparativa direta e não

⁸ Esse antropólogo etnólogo preocupa-se com questões como as formas de adaptação ecológica e indícios de reflexos sociais mensuráveis a partir da análise de artefatos por meio da analogia etnográfica e sua metodologia hipotético-dedutiva.

⁹ UCKO, P. Ethnography and archaeological interpretation of funerary remains. *World Archaeology*, n. 1, p. 262-280, 1969.

inferida desse modelo de análise das práticas mortuárias que inclui o conhecimento de atributos de cada persona social reconhecidos no interior do grupo social.

Ações simbólicas traduzidas em atividades rituais - práticas funerárias - atuando em um determinado objeto - o corpo do morto - resultam em *produtos observáveis no contexto arqueológico*. Para os arqueólogos, esses produtos conhecidos incluem fatores ambientais, culturais e biológicos (Bement, 1994:19). Uma parcela desconhecida da estrutura social pode ser observada enquanto um produto dado pelos seus remanescentes arqueológicos. O investimento gerado por relações sociais de participantes vivos, nesse caso, é inobservável, mas verificável arqueologicamente. Esse produto das ações desenvolvidas sobre o morto, no caso a deposição e disposição do corpo, que é observável, possui uma parcela inobservável que inclui o comportamento dos vivos gerado pelo fenômeno da morte (Bartel, 1982:54). Assim, o arqueólogo pode fazer considerações sobre *os aspectos técnicos, operacionais* sobre o *comportamento funerário* dos vivos resultantes da deposição do corpo.

Os rituais funerários estão relacionados com o sepultamento humano. Nesse contexto, distinguem-se inumação, sepultamento secundário e cremação, formas particulares de "ritos de passagem". Essas formas particulares incluem ritos de separação e de incorporação, caracterizadores de momentos de estabilidade social (Barrett, 1999).

Desde a década de 1970, o estudo das práticas funerárias tem representado um componente de uma teoria de médio alcance, com representantes na *New Archaeology*, na procura de relações invariáveis entre os remanescentes arqueológicos estáticos e os comportamentos dinâmicos das sociedades extintas (Pearson, 2002). Nas últimas três décadas, o advento da bioarqueologia (Larsen, 2002) resulta em estudos de dieta, diferenciação genética e distribuição geográfica das patologias, em modelos interpretativos de formas de mobilidade adaptativa e na análise de alterações esqueléticas por hábitos posturais e de origem biocultural.

Além de serem empregadas enquanto *reflexos da estruturação interna das sociedades*, segundo Bement(1994), as práticas mortuárias podem ser estudadas no âmbito a etnoarqueologia quanto a identificação de relações intergrupais, nas quais grupos locais se reúnem em agregações corporativas, durante os rituais funerários, deixando suas impressões em conjunto no contexto arqueológico (Jirikowic, 1990; Bloch e Parry, 1982; Woodburn, 1982; Hertz, 1960). Assim, determinadas formas de disposição dos membros superiores e inferiores de um corpo podem revelar possíveis diferenças entre grupos no interior de um mesmo cemitério (Pearson, 2002). A combinação das *posições dos corpos* com as *disposições dos acompanhamentos funerários* em análises estatísticas multivariadas (Pader, 1982)¹⁰ pode definir quais variações ocorreram em cada cemitério, precisando a existência de pequenos grupos dentro das populações sepultadas. Torna-se possível comparar sítios cemitérios dentro de uma determinada área geográfica e como se diferenciam cronologicamente e socialmente (Sinclair e Troy, 1992)¹¹.

A *distribuição espacial dos sepultamentos* em um sítio arqueológico, seus graus de dispersão e concentração e forma de distribuição na estratigrafia horizontal, podem indicar depósitos lineares, concêntricos ou segmentados (Pearson , 2002:12), auxiliando na análise de diferenças sociais, cronológicas e de organização da área destinada ao cemitério em dado sítio arqueológico. Desse modo, em alguns casos, podem ser inferidos indicadores de segregação de gênero e status, da distinção entre indivíduos normais e desviantes (Shay, 1985)¹².

¹⁰ Ver o trabalho de Ellen Pader sobre cemitérios pagãos Anglo-Saxões do Leste da Gália (PADER, E J . Symbolism, social relations and the interpretation of mortuary remains. Oxford, BAR Supplementary Series 130, 1982).

¹¹ SINCLAIR, P, TROY, L. Current information technology applications to archaeological data from Lower Nubia. In. REILLY, P, RAHTZ, S. (ed) Archaeology and the information age – a global perspective. Routledge, New York, p.188-211, 1992.

¹² SHAY, T. Differentiated treatment of deviancy at death as revealed in anthropological and archeological material. Journal of Anthropological Archaeology, 4: 221-241, 1985.

Os dados arqueológicos de origem mortuária também auxiliam na obtenção de informações sobre as relações entre os gêneros - as categorias feminino e masculino, socialmente construídas (Hastorf, 1998; Arnold e Wicker, 2001). O arqueólogo deve ater-se as sugestões dos perfis de sexo e idade entre populações funerárias. A distribuição demográfica das curvas de vida e de morte indicam períodos de mortalidade infantil e por sexo, no caso dos indivíduos adultos. Sepultamentos de crianças podem estar agrupados separadamente dos de adultos, assim como agrupamentos étnicos, membros de afiliações religiosas e membros vinculados a determinadas práticas de subsistência. Esses aspectos envolvem diferenças na orientação da cova, preparação da mesma e disposição e tipo dos acompanhamentos funerários (Pearson, 2002) e mesmo a correlação com inferências de caráter etnográfico.

A identificação de grupos intra-cemitério, por exemplo, requer técnicas estatísticas como a análise de agrupamentos (cluster), de coordenadas principais, componente principal e testes de significância (Drennan, 1996 e Shennan, 1988)¹³. Torna-se conveniente, por exemplo, segundo Renfrew e Bahn (1993:184), a identificação e análise da distribuição de frequências, por sexo e idade, em histogramas, de objetos de difícil ou demorada elaboração, difíceis de se obter e provenientes de áreas de captação de matérias-primas distantes: as "unidades de riqueza". Desse modo, quando podemos controlar a obtenção e processamento dos dados mortuários desde o planejamento de uma escavação:

(...)Se pueden aplicar sofisticadas técnicas cuantitativas al análisis de la distribución de los artefactos en un cementerio, incluyendo el análisis factorial y el de conglomerados (Renfrew e Bahn, 1993:184)

Outro aspecto importante no estudo de sítios com vestígios funerários relaciona-se ao estudo das mudanças na *dinâmica* dos cemitérios pela datação do momento em que os

mortos começaram a ser sepultados e dos períodos característicos de abandono da área para fins mortuários, isto é, dos intervalos de tempo máximos e mínimos de ocupação do sítio para fins mortuários.

Interessa ao arqueólogo não exatamente o modo como os artefatos associados a um sepultamento foram confeccionados ou a qual tipo pertencem, mas as comparações entre esses materiais provenientes de sítios de uma mesma região, cronologicamente diferentes e que possibilitem a identificação de mudanças em tradições de oferendas e de organização dos sepultamentos. Essa cultura material, específica do contexto funerário, apresenta-se no corpo (adornos, vestimentas), são do corpo (postura) ou estão fora dele (utensílios, armamentos). Elementos do contexto não-funerário devem sempre ser analisados cronologicamente em conjunto com a *cultura material especificamente funerária*.

Em resumo, os dados mortuários, uma vez registrados em sítios arqueológicos, podem propiciar respostas sobre questões da arqueologia das práticas funerárias voltadas a diferenciação e similaridade dos *aspectos técnicos ou operacionais dos sepultamentos*. Os vestígios funerários propiciam dados mortuários em contexto arqueológico, fora deste, no laboratório ou em conjunto que revelam importantes informações sobre a *variação dos acompanhamentos funerários, cronologia, idade e sexo, formas de assentamento, subsistência* e indicadores de *diversidade e complexidade social*¹⁴ e de *continuidade ou mudança social*¹⁵.

O estudo dos sepultamentos humanos constitui uma das formas de *arqueologia* voltada ao conhecimento das sociedades que os formaram. É, antes de continuarmos em nossa aparente e enfadonha colcha de retalhos, descritiva e processualista marginal, uma

¹³ DRENNAN, R D. Statistics of archaeologists: a commonsense approach. New York, Plenum Press, 1996; SHENNAN, S J. Quantifying Archaeology. Edinburgh University Press, 1988.

¹⁴ BOURQUE, B J (ed). Diversity and Complexity in Prehistoric Maritime Societies. A Gulf of Maine Perspective. Plenum Press, New York, 1995.

¹⁵ Ver SHENNAN, S J. Settlement and social change in central Europe 3500 - 1500 DC. Journal of World Prehistory, 7: 121-161, 1993.

arqueologia comprometida em retomar questões sobre a sua própria importância sócio-política: as questões indígenas direcionadas a territorialidade e identidade ou etnicidade, de gênero e as questões forenses de carácter político. Constitui, desse modo, fonte de rememoração e busca de soluções a problemas das sociedades do presente. Assim, o estudo dos vestígios funerários em seus contextos de deposição leva-nos muito mais a elucidar aspectos da vida cotidiana e das práticas dos vivos do que sobre as circunstâncias da morte (Pearson, 2002).

Vamos analisar neste trabalho as similaridades e discrepâncias das práticas mortuárias entre populações extintas de pescadores-coletores, cujos assentamentos originaram depósitos diferenciados na costa litorânea de São Paulo: os sítios Piaçaguera, Tenório, Buracão e Mar Virado, escavados entre 1962 e 2005¹⁶. Para isso foram estabelecidas variáveis culturais e biológicas que pudessem ser analisadas e comparadas em conjunto. Reforçamos as proposições de Morris e Chapmann sobre a composição dos sepultamentos humanos e a possibilidade de análise *integrada* do corpo, acompanhamentos e caracteres da cova e da deposição funerária.

Os atributos simbólicos ou rituais das práticas funerárias não podem ser recuperados, mas inferidos/sugeridos ou criados pelo arqueólogo com base em descrições etnográficas. Os vestígios das práticas funerárias constituem traços de um funeral maior e este um traço dos *sistemas* sociais. Assim, quaisquer tipos de informações sobre características das sociedades extintas, em especial sobre suas respostas em relação ao fenômeno morte e iminência de desagregação e extinção do grupo, podem ser dadas ao nível das inferências sobre práticas rituais, obtidas de descrições etnográficas e regras gerais do comportamento humano diante de *situações análogas e recorrentes*. A partir dos restos humanos e seus

¹⁶ Ver as teses de mestrado e doutorado dos arqueólogos Dorath Pinto Uchôa e Caio Del Rio Gracia, ambos do IPH e MAE-USP, bem como os diários e relatórios das escavações efetuadas por Luciana Pallestrini no sítio

acompanhamentos funerários, bem como sua forma de deposição, podemos inferir as características técnicas, operacionais do comportamento funerário intra e inter sítios.

Para isso, elaboramos dados mortuários a partir da documentação, bibliografia e das séries de vestígios humanos e de cultura material funerária escavados nos sambaquis Piaçaguera, Buracão e nos sítios Tenório e Mar Virado, situados na Baixada Santista e litoral Norte de São Paulo, respectivamente. Buracão e Mar Virado constituem remanescentes de estratégias de assentamento, subsistência e do universo simbólico de pescadores-coletores em ambiente insular: ilhas de Santo Amaro e do MarVirado. Serão analisados caracteres culturais e biológicos conjuntamente, visando a identificação de marcadores específicos de similaridades e diferenças no interior das práticas funerárias desses grupos.

A reconstrução das parcelas operacionais das práticas funerárias nas amostras dos litorais Centro e Norte de São Paulo, datadas inicialmente entre 5040 e 1381 BP, visa comparar esse tipo de prática exclusivamente pela integração dos dados mortuários. Serão empregadas 54 variáveis culturais e 3 biológicas em cada um dos 203 indivíduos das deposições funerárias válidas para as análises.

Essas variáveis incluem características registradas em contexto arqueológico referentes as deposições funerárias e aos seus conteúdos(Pearson, 2002:5-11): as inumações (a cova e sua estrutura, a posição do corpo, disposição dos membros, orientação, caracteres biofísicos), cremações, acompanhamentos funerários (adornos, oferendas de restos alimentares, artefatos pessoais ou rituais).

Os temas voltados as práticas funerárias entre populações pescadoras-coletoras litorâneas tem sido pouco explorados na literatura nacional. Tanto os atributos culturais, quanto os biológicos, representados pelos vestígios funerários, raramente são

correlacionados entre si e entre sepultamentos de um ou mais sítios arqueológicos. Em grande parte dos estudos, as práticas funerárias constituem uma das parcelas do sistema social, auxiliando na sua suposta compreensão. Os sepultamentos em si perfazem nichos de preservação da parcela mais pesquisada e comparada dos vestígios funerários em bioarqueologia: os restos humanos. Estes são, predominantemente, estudados fora de seus contextos deposicionais: devem gerar dados biológicos específicos, a partir de amostras estatisticamente significativas para estudos microevolutivos ou casos ímpares que envolvam paleopatologias raras. Ainda, o ambiente encontra-se representado nos elementos de cultura material funerária, como as espécies de animais marinhos e terrestres cujos ossos, valvas e dentes foram empregados para a confecção de artefatos, utilitários, de adorno ou cerimoniais. As formas de escolha, captura e processamento de determinadas espécies, o gasto energético nessas atividades, a mensuração das áreas de captação de recursos originais, entre outros aspectos, podem tornar-se refletidos nos vestígios funerários e mensuráveis estatisticamente.

Na literatura arqueológica brasileira, encontramos estudos voltados especificamente para as práticas funerárias, quer sejam sobre seus potenciais de interpretação ou crítica sob um viés historiográfico (Becker, 1994; Montardo, 1995; Gaspar, 1994-95; Silva, 2001; Ribeiro, 2002)¹⁷. Assim, para Gaspar(1994-95), os ritos funerários constituem parcela de análise para a determinação dos limites de um sistema sócio-cultural (como o sistema sócio-cultural único dos pescadores, coletores caçadores litorâneos). Auxiliaria na distinção de grupos étnicos pré-históricos, na construção de etnicidades extintas, como sinais diacríticos (determinados tipos de traços culturais que devem se opor a outros de mesmo

P. Uchôa.

¹⁷ BECKER, I I B. Formas de enterramento e ritos funerários entre populações pré-históricas. Revista de Arqueologia, São Paulo, v.8, n. 1, p.61-74, 1994; MONTARDO, D L O . Práticas funerárias das populações pré-coloniais e suas evidências arqueológicas (reflexões iniciais). Tese (Mestrado), Departamento de História, PUC-RS, 1995; GASPAR, M D. Espaço, ritos funerários e identidade pré-histórica. Revista de Arqueologia,

tipo para garantir a distinção entre os grupos étnicos). No conjunto exclusivo das práticas rituais, as parcelas técnicas das práticas mortuárias auxiliam no reconhecimento de um sistema sócio-cultural amplo. Nesse sentido, o domínio funerário deve apresentar resistência à mudança, sofrendo pouca ou nenhuma alteração, mesmo diante de restrições ambientais ou tecnológicas. Seria possível? Parece utópico homogeneizar as formas de produção de conhecimento arqueológico no Brasil e no restante do mundo visando a resposta de problemáticas específicas. Mas em alguns aspectos concordamos:

(...) " *a importância da perda de um homem, mulher ou criança pode apenas ser apreendida pelo hábito de enterrá-los no mesmo espaço de moradia, em alguns casos extatamente sob a cabana, provavelmente, resultado da intenção de, apesar de morto, mantê-lo integrado à vida social(...) Alguns ossos de corpos já totalmente desarticulados eram reinterrados, talvez para acompanhar os recém-chegados no mundo subterrâneo*". (GASPAR, 1994-95:229)

Os estudos sobre as práticas funerárias em populações pré-históricas que consideram dados mortuários de origem cultural e biológica, correlacionados ou não, estão representados por uma gama maior de publicações. (Kneip e Machado, 1992, 1993; Machado, 1993; Machado, Silva e Sene, 1991, 1993; Uchôa, 1970, 1973; Machado, 1990; Machado, Araújo, Confalonieri e Ferreira, 1981-82; Sene, 1998; Schmitz e Verardi, 1994)¹⁸

São Paulo, v.8, n.2, p. 221-237, 1994-1995; RIBEIRO, M S. Uma abordagem historiográfica da arqueologia das práticas mortuárias. Dissertação (Mestrado), Departamento de História, FFLCH-USP, São Paulo, 2002

¹⁸ KNEIP, L M, MACHADO, L M C. A cremação e outras práticas funerárias em sítios de pescadores-coletores pré-históricos do litoral de Saquarema, RJ. Anais da VI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, Rio de Janeiro, CNPq, FINEP, UNESA, v.2, p. 459-467, 1992; KNEIP, L M, MACHADO, L M C. Os ritos funerários das populações pré-históricas de Saquarema, RJ: Sambaquis da Beirada, Moa e Pontinha. Documento de Trabalho, Rio de Janeiro, n.1, p. 1-76, 1993; MACHADO, L M C. Tendências à continuidade e mudança em ritos funerários de populações pré-históricas do estado do Rio de Janeiro. In: BELTRÃO, M C. Arqueologia do Estado do Rio de Janeiro. Niterói, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, p.111-118, 1995; MACHADO, L M C, SENE, G A M, SILVA, L P R. Estudo preliminar de ritos funerários do sítio do Caju, RJ. Anais da VII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, UFPB, João Pessoa, Paraíba, p. 75-90, 1993; MACHADO, L M C, SILVA, L P R, SENE, G A M. Padrões mortuários e adaptação ecológica. Tradição Una, RJ, Anais da VI Reunião da Sociedade de Arqueologia

Outro nível dos estudos arqueológicos empreendidos sobre os vestígios das práticas funerárias está refletido na análises osteológicas para a diagnose de sexo, cálculo da idade da morte, paleopatologias/paleoepidemiologias, paleodieta e paleodemografia, relacionadas ou não entre si e que representam a maior parte da produção bibliográfica nacional e internacional.

O estudo das práticas mortuárias em populações litorâneas pré-históricas, sob o aspecto comparativo, como os empreendidos em Bourque(1995), devem considerar as deposições funerárias, seus conteúdos culturais e biológicos, bem como um instrumental teórico de apoio a formulação de hipóteses e esquadramento dos problemas inerentes aos vestígios funerários extraído da etnografia, de ensaios antropológicos e sociológicos sobre o fenômeno da morte e suas manifestações de carácter universal. Outro aparato de apoio à pesquisa está nas terminologias e classificações referentes aos conteúdos dos sepultamentos e que serão definidos nos capítulos que seguem.

No capítulo 1 foram apresentadas as principais questões e hipóteses gerais e específicas que nortearam nossa pesquisa. Os pressupostos da antropologia e da sociologia da morte foram revisitados, conceitos sobre morte, cultura material, rituais funerários e etnografia das práticas funerárias. Questões advindas de contextos sistêmicos ou de vida propiciados pelas pesquisas etnográficas indicam a variabilidade e aspecto proteiforme das instâncias operacionais dos funerais entre as populações indígenas tradicionais no Brasil. Muito embora apresentada de forma extensa, a tabela de instâncias práticas dos rituais funéreos dos povos indígenas, indica alguns níveis que muito bem podem servir de reflexão

Brasileira, UNESA, Rio de Janeiro, v.2., p. 476-483, 1991; UCHÔA, D P. Arqueologia de Piaçaguera e Tenório, análise de dois tipos de sítios pré-cerâmicos do litoral paulista. Tese (Doutorado), Rio Claro, FFLCH, 1973; MACHADO, L C M. Sobre as práticas funerárias de cremação e suas variações em grutas do norte e noroeste de Minas Gerais, Revista do CEPA, Rio Grande do Sul, v.20, n. 17, p. 235-247, 1990; MACHADO, L M C; ARAÚJO, A J G, CONFALONIERI, U; FERREIRA, L F. Estudo prévio de práticas funerárias e o encontro de parasitos humanos na Gruta do Gentio II, Unaí, MG, Arquivos do Museu de História Natural, v. 6 e 7, p. 207-219, 1981-82; SCHMITZ, P I, VERARDI, I, Antropologia da morte. Praia das Laranjeiras: um estudo de caso. Revista de Arqueologia, São Paulo, v.8, n.1, p. 91-100, 1994.

para nosso trabalho, futuras interpretações arqueológicas, novos direcionamentos na coleta de amostras e datações, assim como para novas estratégias de escavação.

Esta abordagem implica em considerar aspectos encontrados em campo com possíveis significados sócio-culturais, ambientais, de explicitação das relações dos homens com seus mortos e o seu reflexo oriundo daí sobre seus modos de vida e relações com o meio ambiente, com a paisagem em toda a sua dinâmica¹⁹.

O capítulo 2 apresenta uma curta revisão sobre os aspectos gerais dos sítios estudados, sua estruturação interna, composição e aspectos das escavações.

No capítulo 3 são abordados aspectos sobre as tipologias e os métodos arqueológicos, as formas de classificação dos acompanhamentos funerários e elaboradas as variáveis culturais e biológicas que foram trabalhadas estatisticamente para comparar determinadas parcelas técnicas das práticas mortuárias entre as amostras.

Características sobre o corpo no contexto arqueológico como formas de deposição, posições dos esqueletos, disposição dos membros, orientação e características estruturais das covas foram tratadas no capítulo 4.

O capítulo 5 apresenta os conceitos referentes aos acompanhamentos funerários e associações congêneres. A partir da descrição quantitativa os artefatos são agrupados em líticos, ósseos, em dentes de animais, conchas e outras associações como ocre, carvão, fauna e esqueletos de animais. Trata-se do capítulo que mostra os tipos, quantidades, disposição e distinção sexual e etária dos acompanhamentos dos mortos nas quatro amostras.

No capítulo 6 são acrescentados e revistos aspectos relacionados ao gênero, classes de idade e breves caracteres dentários e osteopatológicos. Buscamos caracterizar de forma sintética e por casuísticas a população funerária das amostras. Assim, foram considerados

¹⁹ A perspectiva da percepção humana sobre a paisagem costeira, em especial as ilhas na região do litoral norte de São Paulo foi estudada em AMENOMORI, S N. *Paisagem das ilhas, as ilhas da paisagem: a ocupação dos*

aspectos estritamente relacionados a cada amostra, como as quebras dentárias e desgastes extramastigatórios de Piaçaguera e as osteopatologias evidenciadas em Tenório, Mar Virado e Buracão.

O capítulo 7 contém nossas interpretações, discussão e conclusões sobre as variáveis analisadas. Incluem-se as explicações sobre as similaridades encontradas entre os sepultamentos, seus distanciamentos e os possíveis significados no âmbito das instâncias operacionais das práticas funerárias de populações extintas que habitaram o litoral de São Paulo, reflexos das interações dos homens com o fenômeno da morte, com universos simbólicos peculiares e das relações entre si e com as dimensões da natureza.

CAPÍTULO 1 - ARQUEOLOGIA DAS PRÁTICAS MORTUÁRIAS: QUESTÕES E HIPÓTESES DE PESQUISA

1.1 - Os vivos e os seus mortos: a vez da antropologia e da sociologia da morte:

Tanto a preocupação pela morte quanto pelos mortos encontra expressão na sepultura ou nas práticas religiosas que incluem o tratamento do morto²⁰. As sepulturas contêm os mortos com seus utensílios; os vivos, mantêm alimentos, armas, desejos, caçadas, raivas, uma vida corpórea. O utensílio e a morte surgem na vida pré-histórica de forma simultânea e contraditória:

(...) a morte, tal como o utensílio, afirma o indivíduo, prolongando-o no tempo como o utensílio no espaço, se esforça igualmente por ou adaptar ao mundo, exprime a mesma inadaptação do homem ao mundo e as mesmas possibilidades de conquista do homem em relação ao mundo (Morin, 1970:24).

A morte entre as populações pré-históricas, na perspectiva sociológica de Morin(1979), constitui-se enquanto *sono, viagem, um renascimento, doença, acidente, malefício*, de uma *entrada ou passagem para a morada dos antepassados*, ou tudo ao mesmo tempo. Morte é uma transição, uma etapa dentro de um longo caminho de

de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

²⁰ Ver lista compilada por Herskovits referente ao esquema de itens culturais "universais" (HERSKOVITS, M. J. Antropologia Cultural, Man and his works, Ed Mestre Jou, São Paulo, v2, p.8, 1964.)

transições. O momento da morte não está relacionado somente a idéia de pós-vida, mas também a processos do viver, crescer e gerar descendentes. Assim, a morte refere-se à vida, àquela recentemente perdida pelo ente falecido²¹. Torna-se repleta de metáforas de vida pois, em si, modifica a ordem natural e esperada da vida. O indivíduo morto é transportado e tratado com rituais específicos, é inumado, queimado, mumificado. A morte pré-histórica não tem "ser", "essência", acontece e é negada enquanto signo de aniquilamento da espécie. Entre a morte e a crença na imortalidade existe propriamente uma área sombria e terrível: a do funeral.

A vida continua de geração em geração e, em muitas sociedades, é essa continuidade que é lembrada nos rituais funerários. A continuidade da vida é uma realidade mais palpável do que a realidade da morte. Consequentemente valores da vida, da sexualidade e fertilidade podem dominar o simbolismo dos funerais²². As conformações *universais* da cultura indicam a presença de reações emocionais e associações simbólicas vinculadas à morte. Nesse aspecto, o estudo da morte oferece a possibilidade de reconstrução de traços caracterizadores da cultura.

Analogias etnográficas podem ser próximas ou distantes. As analogias próximas referem-se a comparações feitas com um grupo étnico conhecido linguisticamente, etnologicamente e historicamente. As formas características – assinaturas arqueológicas ou antropológicas – de uma área cultural ou tradição podem ser percebidas por meio dos contrastes e similaridades entre os grupos comparados, tornando-se claras em estudos reconstrutivos²³. No universo da arqueologia contamos com um objeto vestigial, fragmentário, sobre o qual nos debruçamos com aparatos etnológicos, antropológicos, das ciências exatas e biológicas, da estatística e da especulação, mais, da observação amparada

²¹ METCALF, P, HUNTINGTON, R. Celebrations of Death. The Anthropology of Mortuary Ritual. Cambridge University Press, p. 108, 1979.

²² METCALF e HUNTINGTON, ob. Cit. 1979, p.108.

em frágeis estruturas de hipóteses. Mas como estudar ritos mortuários de populações extintas sem o amparo antropológico/etnográfico, mesmo que inferencial na construção de novas hipóteses de pesquisa ? Hertz(1960) parece propor um modelo inicial.

Em três níveis explanatórios, Hertz(1960)²⁴ expõem diferentes aspectos dos ritos funerários perceptíveis durante o registro etnográfico dos acontecimentos:

Esquema 1 - Explicações genéricas dos diferentes aspectos dos ritos funerários de Hertz(1960) para grupos etnográficos.

A primeira explicação refere-se a presença de uma escala de ritos específicos que expressam parcelas da ordem social do grupo. Esta escala vincula-se diretamente as relações existentes entre os vivos e o funeral e entre o cadáver e o sepultamento por meio de associações simbólicas e psicológicas. A segunda explicação de Hertz refere-se ao envolvimento entre os vivos e o morto, que implicam na extinção gradual da *persona social*

²³ METCALF e HUNTINGTON, ob. Cit. 1979.

²⁴ HERTZ, R. A Contribution to the Study of the Collective Representation of Death. In: NEEDHAM, R, NEEDHAM, C (trad). Death and the Right Hand. New York, Free Press, 1960.

do falecido: a presença da idéia de espírito - *alma*, *ghost*, *duplo* - vinculada ao morto e existência do funeral comandam as relações entre os vivos ao morto e seu espírito. A última explicação sugerida por Hertz²⁵ para a interpretação das relações entre os vivos e os mortos nas sociedades humanas refere-se a presença de relações escatológicas, metafóricas existentes entre o corpo e seu espírito, expressas nas formas dos ritos funerários. Todas essas explicações buscam estabelecer conexões entre características recorrentes nas sociedades humanas que se encontram diante do fenômeno (natural) da morte. Os vivos participam com os funerais, o sepultamento e a idéia de espírito, enquanto que o morto, objeto das ações dos vivos, constitui um dos extratos físicos (ou não) dessas etapas.

Antes mesmo de continuarmos a explicação sobre as dimensões do conceito morte, incluído na consciência realista da mesma fornecida pelo dado pré-histórico e etnográfico, temos que considerar as contribuições teóricas de Bendann (1969), Morin(1970) e Thomas (1993).

Bendann (1969)²⁶ estabeleceu determinadas questões pertinentes ao estudo analítico dos ritos funerários. Referindo-se aos mesmos como fenômeno de distribuição mundial, conectado com certos elementos humanos comuns através da própria morte, as várias atitudes em relação a ela, o terror pelo fantasma do falecido, a significância do sepultamento, a atitude específica diante do corpo e o problema da vida após a morte. Desde que a pessoa falecida partiu para o domínio do imperscrutável e incompreensível, seu corpo foi associado com a dimensão do misterioso e do estranho e vai ser representado na mesma categoria dos trovões, relâmpagos, terremotos, espíritos e outros fenômenos naturais e mágicos.

²⁵ METCALF e HUNTINGTON, 1979, ob cit. P. 83.

²⁶ Professor da Universidade de Chicago e de Colúmbia desde 1914. Sua obra de referência em estudos sobre os costumes mortuários inclui a referência BENDANN, E. *Death Customs. An analytical study of burial rites.* Dawsons of Pall Mall, London, 1969.

A partir da idéia de fazer uma extensa pesquisa nas áreas da Melanésia, noroeste da Sibéria, Austrália e Índia, Bendann procurou estudar o fenômeno mundial da morte enquanto um contenedor de um carácter que se apresenta com similaridades e diferenças perceptíveis entre os grupos humanos dessas regiões do planeta. Certas características dos comportamentos humanos diante da morte, quando comparadas entre essas áreas, mostraram-se comuns, como as causas da morte, os significados do sepultamento, o terror pelo espírito do morto, as atitudes específicas diante do corpo, os taboos, o poder do nome do falecido, as festas para o morto. Alguns desses elementos são permeados por variações psicológicas entre os indivíduos e os grupos.

Através do esquadramento de Bendann(1969) sobre similaridades e diferenças no interior das práticas mortuárias na amostra por ele delimitada, podemos estabelecer as seguintes categorias de análise que refletem parcialmente aspectos dos eventos arqueológicos de origem funerária:

- 1 – Origens da morte (mitos de origem);
- 2 - Causas da morte;
- 3 – Formas de deposição do morto;
- 4 – Temor pelo espírito ou fantasma do morto;
- 5 – Formas de tratamento dado ao cadáver;
- 6 – Funeral;
- 7 – Habitação funerária (cabana, tenda, simulacro de habitação construído sobre a cova);
- 8 – Destruição da propriedade (plantação, bens, animais) do falecido;
- 9 – Formas de purificação (pelo fogo, água, referentes aos vivos e aos mortos);
- 10 – O poder dado ao nome do morto;
- 11 – Festas ou banquetes funerários;
- 12 – Crenças na vida após a morte;
- 13 – Taboos (estatutos de pureza e perigo referentes as práticas funerárias);
- 14 – A participação feminina no ritual fúnebre;
- 15 – Concepções mortuárias de origem totêmica (animais, plantas, entidades naturais);
- 16 – Culto aos mortos (visitações, cerimônias de recordação, oferendas pós-funeral).

As questões relacionadas aos mitos de origem da morte em populações tradicionais e pré-históricas (Métraux, 1947; Bendann, 1969; Thomas, 1993)²⁷ vinculam-se a morte física

²⁷ Métraux, ob cit 1947, p. 25-30; Bendann, ob cit, 1969: p.21-30 e Thomas, ob cit, 1993: p. 26-30.

e morte biológica, à escatologia e significado do mundo, ao renascimento e regeneração, ao antinatural:

(...)En todas as tribus sudamericanas que conocemos, el fenómeno de la muerte está interpretado como el abandono del cuerpo por el alma o almas que lo animaban. Esta separação no se produce más que en circunstancias particulares, no consideradas como inevitables cualquiera que sea la causa directa de la muerte, está se atribuye casi siempre a un maleficio (Métraux, 1947:25-26).

Nesse caso, o mundo é concebido como fonte de vida (Thomas, 1993:33) e a morte como antinatural, causada por malefícios. Mas o que é específico da morte? A separação da alma do corpo, a rigidez cadavérica, parada cardíaca, falência da função respiratória, a decomposição cadavérica? Encontramos sempre uma pluralidade na delimitação do que é específico da morte: a morte ao nascer; a morte que é consequência da ação do meio, especialmente as enfermidades infecciosas, que atingem crianças e adolescentes; e a morte devido ao envelhecimento natural, à morbidez senil esperada, contrária as outras mortes. Em populações tradicionais, "arcaicas" (Thomas, 1993:34), a morte é identificada a presença de determinados signos como a falência total do coração e pulmões e logo o aparecimento da rigidez cadavérica: a *alma* ou *princípio vital* partem do corpo.

O ato de morrer, com tudo o que ele implica, se converte sempre em uma realidade sociocultural. Assim, o morto faz surgir, tanto no plano da consciência individual, quanto grupal, conjuntos complexos de representações – fantasias coletivas, jogos de imaginação: sistemas de crenças ou valores – e provoca comportamentos coletivos e individuais – atitudes, condutas, ritos – codificados mais ou menos rigorosamente, segundo os casos, lugares e momentos oportunos.

A morte social (Thomas, 1993:53), com ou sem morte biológica efetiva ocorre quando uma pessoa deixa de pertencer a um determinado grupo, seja por limite de idade, perda de funções, por sofrer atos de degradação, proscricção, desterro, desaparecimento e esquecimento social. Esse tipo de morte se dá por perda da recordação, de memória coletiva da pessoa pelo seu grupo social, por exclusão, por idade, socialmente reconhecida. Uma multiplicidade de ritos procuram sempre sanar o problema da decomposição, sendo construídos para favorecer a passagem do morto – seu *duplo*, *ghost*, *espírito*, *alma*, *sombra* – para o *mundo dos espíritos*.

O morrer, entre os povos pré-históricos (entenda-se povos etnograficamente registrados), como um fato antinatural, é uma doença, um acidente ancestral hereditário, uma maldição de um feiticeiro ou deus, uma falha ou um mal (Morin, 1970:26). E, "de fato, a morte é simultaneamente natural e anticultural"²⁸: sempre que um índio morre, não apenas seus próprios parentes, mas a sociedade como um todo, são lesados. Mas uma dívida da natureza surge em relação aos homens que em resposta (*mori*) elaboram o *funeral* e consequentemente, o sepultamento. Construído entre o momento da morte e o da aquisição da imortalidade, constitui-se de um conjunto de práticas que consagram e determinam a mudança de estado do morto – existe um carácter iniciático no funeral. É instrumento de institucionalização de um complexo de emoções, refletindo as perturbações profundas que uma morte provoca entre os vivos (Morin, 1970:27). Essas "perturbações profundas", de carácter funerário, denominadas "luto", são determinadas pelo terror despertado pelo processo de decomposição cadavérica do corpo entre os vivos. Assim, essa decomposição é apressada através de processos redutivos do cadáver como a cremação, descarnamento e limpeza intencional dos ossos e mesmo por endocanibalismo. Pode ser, também, evitada a

²⁸ LÉVI-STRAUSS, C. Tristes Trópicos. Edições 70, Lisboa, p.218, (1955)1973.

putrefação por meio da mumificação ou, ainda, servir para afastar ou distanciar, com a criação dos cemitérios. O corpo, para Morin(1970), é um problema:

A impureza do corpo em decomposição determina (...) o tratamento fúnebre do cadáver (Morin, 1970:28).

As noções de pureza e perigo perpassam o problema do cadáver em sua iminente putrefação:

Grande parte das práticas funerárias e pós-funerárias visa proteger contra o contágio da morte, mesmo quando essas práticas apenas pretendem proteger contra o morto, cujo espectro maléfico, ligado ao cadáver que apodrece, persegue os vivos: o estado mórbido em que se encontra o 'espectro' no momento da decomposição não é mais do que a transferência fantástica do estado mórbido dos vivos (Morin, 1970:28).

Temos que, a impureza do morto é a sua putrefação, sanada através do luto. Surge um elemento determinante:

Período de luto	Duração da decomposição cadavérica
-----------------	------------------------------------

O complexo traumatismo da morte/ consciência do acontecimento da morte/ crença na imortalidade constitui as perturbações funerárias (dos vivos). Uma resposta a presença da putrefação e busca da imortalidade se dá pela afirmação da individualidade do morto (pelos vivos) para além da morte. Simultaneamente constituem a consciência humana da morte (Morin, 1970:34). Entretanto, a afirmação do indivíduo (realidade humana primeira) normalmente colide com a afirmação do seu grupo social. Nesse aspecto, as

individualidades reconhecidas são os bens pessoais, adornos, a habitação, objetos do indivíduo em sociedade.

Assim, a etnologia indica que os mortos tem sido circundados por práticas referentes a sua própria sobrevivência sob a forma de fantasma, sombra ou ao seu renascimento e imortalização. As práticas realizadas sobre os cadáveres vinculam-se a crença numa vida *postmortem*. O dado primeiro e fundamental da morte entre os seres humanos é a sepultura:

Os mortos musterianos são enterrados; amontoam-se pedras sobre os seus despojos, cobrindo particularmente o rosto e a cabeça. Mais tarde, parece que o morto é acompanhado pelas suas armas, ossadas, alimentos. O esqueleto é besuntado com uma substância cor de sangue. As pedras funerárias estão lá para proteger o morto dos animais ou para impedir de reaparecer entre os vivos? O cadáver humano já suscita emoções que se socializam em práticas fúnebres e a conservação do cadáver implica um prolongamento da vida. O não abandono dos mortos implica a sua sobrevivência (Morin, 1970:24-25)

Quanto aos cultos e práticas mortuárias, estes se apegam ao mundo biológico e o ultrapassam. Etnologicamente, na visão psicanalítica e da psicologia infantil aclamadas por Morin (1970:103), o conceito da morte entre os povos pré-históricos é o cosmomórfico, o da morte-renascimento, mediante o qual o morto renasce em um vivo, animal ou criança:

E isto já desde o paleolítico antigo, em que o esqueleto está encurvado na posição fetal (renascimento), mas coberto de ocre e depois acompanhado dos seus objetos pessoais, o que implica incontestavelmente o duplo (Morin, 1970:103).

Tanto a morte-renascimento por transmigração quanto a morte-sobrevivência do duplo constituem crenças, sistemas da morte, etnologicamente universais e estudadas por psicanalistas e psicólogos infantis. As crenças nos duplos (espíritos) vinculam-se à idéia de renascimento do antepassado sob a forma de recém-nascido. Os duplos que sobrevivem por um período de tempo vão para o lugar dos antepassados, retornando recém-nascidos: provoca-se a morte com um nascimento, nasce-se no mundo a partir da morte de um espírito em seu mundo. Mortos e vivos encontram-se, nas sociedades etnograficamente registradas, em simbiose, mística e concreta: o indivíduo só é ele mesmo devido aos antepassados que revivem na sua presença (Morin, 1970:104), reencarnam (Bendann, 1969:162). Os banquetes funerários realizados pelos vivos durante as cerimônias fúnebres é um mecanismo ritual que explora a morte fecundante²⁹.

A morte enquanto passagem do morto ao mundo do além, dos antepassados, torna-se uma iniciação:

No decurso das cerimônias fúnebres há toda uma gama de práticas que visa a iniciar o morto à vida póstuma e a garantir-lhe a passagem seja para novo nascimento, seja para a sua vida de duplo(...) Essas práticas ocorrem ao lado dos repastos fúnebres e das outras práticas que fazem das cerimônias fúnebres o fenômeno total no qual florescem todas as crenças, todos os traumatismos da morte(Morin, 1970:112).

Quando os vivos depositam armas e alimentos junto dos mortos, atribuem-lhes uma natureza corpórea, buscando manter suas integridades diante da decomposição cadavérica.

²⁹ Durante uma refeição de carácter totêmico, de aspecto sacrificial, um substituto animal do antepassado é degustado pelo grupo. Tais ceias visam regenerar a carne dos vivos através das virtudes fecundantes do morto, assegurando seu renascimento. As oferendas ou dádivas oferecidas ao morto para que este se alimente, quando constituídas de animais, implica em sacrifícios.(Morin, ob cit 1970, p 109 e 110).

O morto é um duplo, ou seja, o âmago de toda a representação arcaica³⁰ que diz respeito aos mortos, é um acompanhante do vivo durante toda a sua existência. Quanto aos indivíduos mais velhos, por vezes, são sepultados vivos, com um pouco de energia vital, para que o duplo não se torne muito senil (Morin, 1970: 129).

Acompanhamentos funerários, tendo em vista que o duplo do vivo possuiria atividades próprias após a morte, de acordo com seu cotidiano durante a vida, representam alimentos, armas, bens pessoais, e mesmo suas viúvas, escravos e animais. A casa do morto é reflexo da habitação do vivo.

As formas de tratamento dos cadáveres na perspectiva antropológica perfazem temática recorrente em Thomas(1993), Bendann(1969) e Morin(1970). Inicialmente, as formas de deposição diferem-se em inumação e incineração: esses tipos não chegam a se opor quando as cinzas são preservadas e inumadas. Simplesmente a cremação representa um papel similar ao da decomposição cadavérica: constitui etapa de "reforço" que elimina rapidamente a fase *impura* do apodrecimento, *libertando* rapidamente o *duplo*, fantasma, o *ghost* do morto³¹.

A atitude universal com o corpo do falecido é mítica e sobrenatural, e o contato com ele é alarmante. Os métodos de sepultamento, de deposição do morto dependem de fatores diversos como o sexo, a idade, as afiliações, as doenças, o status (Bendann, 1969:84):

- 1 – orientação do corpo afetada pela diferenciação hierárquica.
- 2 – diferença sexual.
- 3 – diferença etária.
- 4 – cerimônias fúnebres conectadas com o espírito do clã.
- 5 – tipos de deposição funerária determinados pelo espírito do clã.
- 6 – orientação do corpo identificada com a afiliação clânica.
- 7 – relações fratrídicas, clânicas.
- 8 – relações de parentesco, familiares.
- 9 – sepultamento de acordo com a classe e subclasse do morto.
- 10-cerimônias fúnebres conectadas com o grupo local.
- 11 – relações com as lendas locais: conexão entre o mundo do morto e a orientação do corpo; conexão entre os mitos de origem e a
- 12- conexão entre os mitos relativos aos ancestrais totêmicos e sepulturas em árvores.Dependência da classe do morto.
- 13 – influências das condições morais.
- 14 – conexão entre o método de sepultamento e o culto ou adoração ao sol.
- 15- deposição dos ossos relacionada a crenças em animais.
- 16 – conexão com infrações sociais.
- 17 – conexões com a reputação do morto.
- 18 – conexão com a divinização do morto.

³⁰ Morin, ob cit 1970, p. 126.

³¹ Morin, ob cit 1970, p. 131; Bendann, ob cit 1969, p. 57.

- 19 – associações com considerações éticas.
- 20 – cerimônias conectadas com o status social do morto.
- 21 – influência na deposição funerária das condições ambientais.
- 22 – deposição influenciada pelas condições físicas do morto.
- 23 – orientação do morto correlacionada com a sua habitação em vida.
- 24 – conexão com o local de nascimento ou de origem do morto.
- 25 – deposição influenciada pelas exigências da ocasião.
- 26 – a maneira de escavar a cova conectada com a concepção do lugar de descanso ou túmulo do morto.
- 27 – deposição afetada pela localização das propriedades do morto.

Os itens 2, 3, 8, 14, 21 e 22 podem ser, de certa forma, considerados como fatores observáveis durante a escavação arqueológica e por análises laboratoriais. O estabelecimento de correlações entre as formas de deposição e esses fatores, em conjunto, pode indicar características próprias das práticas mortuárias da sociedade em estudo. Fatores outros como a causa da morte (por ação de espíritos maléficos, por idade avançada, por violência, homicídio), tabu vinculado ao sexo, a classe social, status, sinais de cultos post-funerários e de demarcações da área da cova podem ser, em termos, inferidos na interpretação arqueológica de práticas mortuárias específicas. A desigualdade existente nas várias instâncias sócio-culturais da sociedade dos vivos continua a subsistir na morte.

O processo de decomposição cadavérica delimita o período de luto e dos tratamentos fúnebres. Após o mesmo, o osso, os fragmentos ósseos são um produto místico que representa a sobrevivência do *duplo*, uma efígie que irá suportar o culto funerário. As preocupações vinculadas à putrefação do corpo são amenizadas com a inumação (elemento maternal terra), associando-se à idéia de ressurreição dos corpos. Já a tendência crematista, com a destruição imediata do corpo, busca a purificação, espiritualização mais rápida, transmigração ininterrupta das almas (Morin, 1970:133).

As práticas mortuárias vinculam-se à idéia do *duplo* e do *cadáver*, à ambos simultaneamente. Existe a supressão da decomposição e a permissão da decomposição natural:

Quadro 1 - Interferências na decomposição do corpo, tratamento e produtos dessas intervenções e propósitos dessas práticas para os vivos (modificado de Morin, 1970:134)

Prática mortuária relacionada à decomposição cadavérica - relação duplo/cadáver (Morin, 1970)		
Interferências na decomposição do corpo	Tratamento do corpo e produtos	Significados da interferência para os vivos
A – supressão da decomposição	A 1 – embalsamamento – múmia, mumificação A 2 –endocanibalismo – ossadas A 3 –cremação – cinzas	Conservação de um resíduo indestrutível para o culto
B –decomposição natural	B 1 –isolamento do cadáver, exposição –ossada B 2- sepultamento -ossadas ³²	Impureza, lutos, funerais duplos

Esse esquema inclui a prática mortuária em relação ao cadáver (com seu duplo). Quanto mais reduzido for o espaço ocupado pelos vivos, mais perto estarão os mortos nas sociedades pré-históricas (Morin, 1970:135). O temor dos mortos resultou no distanciamento das sepulturas em relação as habitações dos vivos. Os mortos podem ter alojamentos idênticos aos dos vivos (África) ou um local apropriado (tumba, mausoléu) ou mesmo uma cidade própria (cemitério, necrópole). Esse local para onde o morto (ghost, duplo) parte é o da aldeia dos mortos, a cabana dos seus parentes vivos, as ilhas da Felicidade (Tuma), ou ilhas da morte, caras aos povos marítimos (Omagnas do Alto Amazonas, ilhas Salomão, ilhas Trobriand, entre os Daiques de Bornéu)³³.

A cremação, como um método de deposição do morto, deve-se a motivos específicos. Serve como uma forma bastante efetiva de prevenir um possível retorno do morto; esse método dissipa a poluição causada pelo morto; protege o corpo da ação do animais; o fogo desvia o morto das maquinações e influências dos espíritos perversos; é um meio de favorecer o aconchego e conforto no mundo futuro (terra do além); enfim, a queima elimina o processo de transformação, um processo prejudicial, danoso para os vivos e o

³² Esses casos incluem as inumações de corpos descarnados e hiperfletidos, amarrados, em recipientes, cestos, redes, carapaças - os feixes de ossos - cuja verificação se faz em duas instâncias: em campo e em laboratório: a disposição dos ossos (desarticulação, hiperflexão) e marcas de corte que alcançaram os ossos nas áreas de inserção muscular.

³³ Morin, ob cit. 1970, p.138. O autor distingue entre sociedades "primitivas", "pré-históricas", "povos arcaicos" e "civilizações evoluídas", similarmente ao termo "complexidade" social.

morto³⁴. O uso do fogo nesses casos constitui um dos rituais de purificação³⁵, parte significativa dos costumes mortuários em diversos grupos humanos. São várias as cerimônias mortuárias diretamente correlacionadas com formas definidas de organização social. Nesses casos a identificação de certas formas culturais como as atividades religiosas e ritualísticas incitam a emergência de valores sociais específicos³⁶.

Dimensões do fenômeno morte entre populações pré-históricas são perceptíveis no contexto arqueológico sempre de forma fragmentária e inferencial através de parcelas específicas, técnicas, das práticas mortuárias. A partir dessas parcelas, fragmentos de outros níveis e resultados de práticas culturais podem ser percebidos, como a existência de adornos, instrumentos vinculados as práticas de subsistência (caça , pesca, coleta), de processamento de alimentos e artefatos (batedores, polidores, raspadores, os próprios dentes, uso do fogo) as relações com o meio ambiente (áreas de captação de recursos, tipos de fauna e flora explorados). Pois, como geradora de uma das provas de humanização, a sepultura, a

(...) morte situa-se exactamente na charneira bioantropológica. É a característica mais humana, mais cultural do anthropos. É impossível conhecer o homem sem lhe estudar a morte, porque, talvez mais do que na vida, é na morte que o homem se revela. É nas suas atitudes e crenças perante a morte que o homem exprime o que a vida tem de mais fundamental (...) o caminho da morte deve levar-nos mais fundo na vida (...) (Morin, 1970:11, 16).

E são essas as contribuições da antropologia e sociologia ao nosso estudo, que segue.

³⁴ BENDANN, ob.cit. 1969, p. 50.

³⁵ BENDANN, ob. Cit, 1969, p.121.

³⁶ BENDANN, ob cit. 1969, p. 281.

1.2 – Arqueologia das Práticas Mortuárias: tendências e perspectivas

Quando o primitivo cumula o morto de signos, fá-lo para levá-lo a transitar o mais rápido possível para o seu estatuto de morto – para além da ambiguidade entre o morto e o vivo testemunhada precisamente pela carne que se desfaz. Não se trata de devolver o morto ao vivo: o primitivo entrega o morto à sua diferença, pois é a esse preço que eles poderão reconverter-se em parceiros e permutar seus signos.
Baudrillard, 1996:239

O encontro de *restos humanos* no contexto da escavação gera o interesse entre arqueólogos, antropólogos e biólogos e resulta na produção de conhecimento arqueológico sobre a morte. A interdisciplinaridade³⁷, nas fases de obtenção e elaboração analítica dos dados, concomitante as novas descobertas tecnológicas e científicas, caracteriza os estudos dessa categoria de vestígio. Ossos humanos estão associados a presença de sepultamentos humanos, estruturas complexas que envolvem vestígios de cultura material relacionados as práticas funerárias que por sua vez vinculam-se ao fenômeno morte e suas implicações socio-culturais, étnicas, ambientais, naturais, individuais e simbólicas³⁸.

Estudos voltados à morte na arqueologia incluem os comportamentos mortuários (formas de deposição e tratamento do cadáver), os acompanhamentos funerários (artefatos depositados com o morto durante o funeral), a distribuição espacial do cemitério (localização, inserção ambiental, período de uso), mortalidade (causas da morte), patologias e anomalias (características de morbidez que afligiam as populações) e a dieta e indicadores

³⁷ Ver a aclamação das novas tecnologias científicas na arqueologia nos manuais de Ciências Arqueológicas editados por Brothwell (BROTHWELL, D R, HIGGS, E (eds) Science in Archaeology. Thames and Hudson, London, 1963; BROTHWELL, D R, POLLARD, A M (eds) Handbook of Archaeological Sciences. John Wiley & Sons, New York, 2001)

³⁸ Incluem-se aqui os *comportamentos simbólicos*, comportamentos que comprovam as aptidões do indivíduo para diferenciar no seio do que é percebido uma ordem de realidade irredutível às coisas e que permite o manejo generalizado destas. Toda cultura pode ser considerada como um conjunto de sistemas simbólicos, na primeira fila dos quais se situam a linguagem, as regras matrimoniais, e, entre outras, a religião (PONTALIS, L e. Vocabulário de Psicanálise, Martins Fontes, São Paulo, p.481, 1995.).

de saúde. Assim, as sepulturas contém um potencial de estudo voltado ao conhecimento sobre o corpo, as práticas funerárias, as relações entre os gêneros, formas de subsistência, trabalho, demografia, práticas de canibalismo, cremação, suicídio, sacrifícios humanos, sistemas de trocas e casamentos e sobre as formas de interação humana com o meio ambiente (Bement, 1994). Através dos sepultamentos é possível inferir informações sobre a densidade das populações pré-históricas. Contribuem duas classes de pesquisadores; os biogeógrafos e paleobiólogos por um lado e os antropólogos e arqueólogos por outro. Esses pesquisadores empregam métodos por meio dos quais torna-se possível estabelecer características demográficas dessas populações: técnicas arqueológicas voltadas a identificação, quantificação e dimensionamento das áreas de habitação; estudo da tecnologia e da alimentação; análises estratigráficas; o estudo das alterações causadas pelos grupos humanos pré-históricos nos complexos vegetal e animal e as inferências geográficas resultantes do estudo das técnicas e dos recursos disponíveis bem como sua comparação com populações atuais semelhantes (Cardoso e Brignoli, 1990)³⁹.

O estudo do corpo, exumado de sua cova e destituído de seus adornos e demais acompanhamentos, encontra-se no ápice na pirâmide da produção de conhecimento (bio)arqueológico, aspecto claramente refletido na bibliografia apresentada por Larsen (2002) ou na forma encontrada por Bement (1994) para designar o capítulo de seu *Hunter-Gatherer Mortuary Practices during the Central Texas Archaic* que trata dos restos humanos: *Bioarchaeology*.

Entretanto, a análise dos restos humanos pode estar voltada ao seu aspecto deposicional e comparação estrutural⁴⁰ no contexto do sítio, associado as características

³⁹ CARDOSO, C F, BRIGNOLI, H P. Os Métodos da História (Introdução aos problemas, métodos e técnicas da história demográfica, econômica e social). 5ª Ed. Graal. Rio de Janeiro, Biblioteca de História, v.5, p. 146-147, 1990.

⁴⁰ BINFORD, S. A structural comparison of disposal of the dead in Mousterian and Upper Paleolithic. In. *Southwestern Journal of Anthropology*, n.24, p. 139-151, 1968; HARROLD, F. A comparative analysis of

vestigiais – cultura material - das práticas funerárias realizadas pelos vivos sobre os mortos. A realização dessas práticas implica, em contexto arqueológico, na presença de sinais indicativos de outras características sócio-culturais e ambientais, vinculadas as formas subsistência, as trocas simbólicas em relação a morte, tecnologia, relação de gêneros e aspectos demográficos. Trata-se do estudo arqueológico dos vestígios funerários inseridos em seus contextos de deposição que não deixa de incluir contribuições teóricas da antropologia, etnografia e tecnocientíficas da biologia e tafonomia⁴¹.

Com o advento das sociedades modernas, os mortos deixaram cada vez mais de existir, de ocupar o espaço simbólico do grupo dos vivos: saem da intimidade doméstica para os cemitérios⁴². A morte entre os antigos é simultaneamente familiar, próxima e atenuada: é uma morte domesticada⁴³.

É este tipo de morte que encontramos entre os pescadores-coletores pré-históricos que ocuparam a planície litorânea brasileira. Entretanto, a existência de densas áreas com sepultamentos em ilhas e a presença da cremação⁴⁴ são indicativos de uma busca pelo distanciamento dos vivos em relação aos mortos. No sítio Mar Virado, a presença de cremações suscita a possibilidade de rituais funerários que incluíam banquetes coletivos e a separação das áreas de ocupação dos vivos em relação aos espaços dos mortos.

Eurasian Paleolithic burials. *World Archaeology*, n.12, p.195-211, 1980; BINANT, P. Les pratiques funéraires au Paléolithique supérieur et au Mésolithique. *Archeologia Les Dossiers*, n.66, p.15-18, sept. 1982.

⁴¹ Ver BAUD, C A, La Taphonomie: la transformation des os après la mort. *Archeologia Les Dossiers*, n.66, p.33-35, sept. 1988

⁴² BAUDRILLARD, J. A Troca Simbólica e a Morte. Edições Loyola, São Paulo, p. 173, 1996.

⁴³ Um aspecto da antiga familiaridade com a morte é o da coexistência dos vivos e dos mortos. Os nossos conhecimentos das antigas civilizações pré-cristãs foram produzidos, em grande parte, pela arqueologia funerária, através da cultura material encontrada nos túmulos (ARIËS, P. Sobre a História da Morte no Ocidente desde a Idade Média. Ed Teorema, Lisboa, p.25, 1989)

⁴⁴ Para Boudillard, a incineração do morto constitui resultado de um decoro que proíbe toda referência à morte, à redução do cadáver a um mínimo de vestígios, idéia vinculada a higienização da morte, do impuro, da doença, do estrangeiro nas sociedades modernas (BAUDRILLARD, J. A Troca Simbólica e a Morte. Edições Loyola, São Paulo, p. 241, 1996)

A Arqueologia das Práticas Mortuárias parece não passar de uma instância da Arqueologia que contribui tecnicamente para a produção de uma *Histoire de la mort* na visão dos historiadores⁴⁵. Assim:

As atitudes diante da morte e a relação entre os vivos e mortos não estão separadas de processos históricos mais amplos, daí porque cada país- talvez cada " região cultural" – teve uma cronologia própria das mudanças. (REIS, 1991: 78)⁴⁶

O tratamento dispensado ao corpo, ou os remanescentes arqueológicos desse tratamento constitui uma das parcelas de competência da Arqueologia das Práticas Mortuárias. Quando a morte resulta de causas definidas, detectáveis nos restos humanos, como doenças epidêmicas, lesões mortais e morte fetal , o contexto arqueológico pode revelar *traços* de diferenciação no tratamento dado ao morto.

O destino dado ao corpo, a idade, o sexo e o status do morto podem diferir quanto ao tratamento do cadáver nas sociedades humanas. As causas da morte - por violência, homicídio, por suicídio, por velhice, parto ou durante a gravidez, por moléstias epidêmicas, acidente ou guerra - resultam em tratamentos diferenciados do corpo, com rituais ou ausência deles⁴⁷. O tratamento varia: aquele dispensado aos mortos durante epidemias, aos cadáveres de esposas grávidas, aos natimortos ou às crianças que morrem logo após o nascimento, ao inimigo morto, ao estrangeiro e ao escravo.

Quanto à remoção do cadáver alguns termos técnicos são imprescindíveis. A inumação ou sepultamento consiste na prática de ocultar o cadáver sob ou abaixo do nível do solo ou sob monte de terra, madeira, ossos ou pedras, acima do nível do solo. Aí inclui-se o método do enterro ou enterramento. A cremação é a prática de reduzir o cadáver pela ação

⁴⁵ Ver OEXLE, O G. A Presença dos Mortos. In: Braet, H, VERBEKE, W (ed.) A Morte na Idade Média. Ensaios de Cultura, Edusp, São Paulo, p.28-78, 1996.

⁴⁶ REIS, J J . A Morte é uma Festa. Companhia das Letras, São Paulo, 1991.

⁴⁷ Ver o GUIA PRÁTICO DE ANTROPOLOGIA, Comissão do Real Instituto de Antropologia da Grã-Bretanha e da Irlanda, Ed Cultrix, São Paulo, p.162-171, 1971.

do fogo, em pira cinerária ou não. A exposição do corpo é a prática de abandoná-lo, exposto às intempéries, a fim de ser destruído pelos animais. Similarmente pode ocorrer a imersão na água. A preservação é a prática de preservar o corpo. Dá-se pela dessecação, fumigação ou uso de materiais preservativos, através do embalsamamento e processos análogos. A Decomposição artificial é uma prática que implica no uso de métodos artificiais para acelerar a decomposição e consequente redução do cadáver. Isso se dá pelo uso do calor, dissecação das partes moles - descarnamento -, uso de animais, como formigas e peixes. Tanto a preservação quanto a decomposição artificial (incluindo a cremação) podem resultar em restos humanos que poderão ser depositados em recipientes, amarrados, expostos e/ou enterrados.

Entre a morte e a destinação do cadáver podem ser empregados métodos consecutivos como a inumação seguida de cremação ou inumação e posterior desenterramento e acondicionamento - em urna, cesto, rede, carapaça, peles, nichos - ou exposição dos ossos.

O enterro ocorre em local especial de sepultamento reservado ao grupo local, ao clã ou à família, nas proximidades, sob ou ao lado da habitação. Caracteriza-se pelo tipo de túmulo, cova ou tumba, sua forma e materiais construtivos. O corpo pode ser envolvido em peles ou esteiras, em determinadas posição e orientação.

A exumação e disposição secundária do cadáver implica na prática da inumação e subsequente exumação, colocando-se os ossos em outro local ou inumando-os novamente. Isso pode ocorrer durante a espera da estação funerária correta, devido a doenças, guerras. Nesse caso, pode ocorrer a recolha de um ou outro osso (crânio) pelos parentes ou membros do grupo. Após a cremação ou exposição, os restos podem ser levados de um lugar para outro.

Os objetos depositados no túmulo ou sobre ele podem diferir ou não de acordo com o sexo, o status social, entre outros. Pertenceram ao falecido em vida, foram oferecidos por ocasião da morte ou confeccionados especialmente para o enterro, por motivos rituais ou em substituição a bens valiosos do morto que servem em vida aos demais membros do grupo social. Esses bens podem ser tratados de formas diferentes, como por exemplo pela quebra. Oferendas alimentares podem ser depositadas logo após a morte ou durante um período determinado pela decomposição cadavérica ou outro evento simbólico. Os sacrifícios incluem objetos destruídos durante cerimônias fúnebres ou colocados no túmulo, animais e comida consumidos nos festins ou banquetes funerários e sacrifícios humanos - escravos, viúvas ou outros, enterrados com o morto.

1.3 - O Corpo: atributos biológicos.

As características de uma população humana baseadas em sua análise óssea estão sempre voltadas à biologia do esqueleto humano. Essa vertente de pesquisa não contribui somente com o conhecimento de osteopatologias, mas gera subsídios para trabalhos de interesse antropológico e, além do que Barbian e Magennis (1995)⁴⁸ afirmam, especialmente para a produção do conhecimento arqueológico sobre o comportamento funerário de populações extintas (e não extintas). Análises de esqueletos podem, também, não estar unicamente voltadas a uma perspectiva essencialmente tipológica, voltada a história do desenvolvimento, tratamento e erradicação das doenças, sempre contrapostas aos conceitos biomédicos de *saúde e normalidade*. Dados mortuários derivados dos esqueletos

⁴⁸ BARBIAN, L T, MAGENNIS, A L. The Human Burials from the Turner Farm Site. In: BOURQUE, B J. Diversity and Complexity in Prehistoric Maritime Societies. A Gulf of Maine Perspective. Plenum Press, New York, p. 317-335, 1995.

humanos como idade, sexo e patologias podem ser empregados para direcionar questões sobre *complexidade, organização e formas adaptativas* de grupos pescadores-coletores.

A natureza dos estudos sobre as formas de adaptação *biocultural* de populações pré-históricas representadas por reduzido número amostral caracteriza-se pela tendência às análises integradas de pequenas amostras em estudos de amplo alcance regional (Schindler et al, 1981⁴⁹; Shaw, 1988; Barbian e Magennis, 1995; Bement, 1994⁵⁰).

Os interessantes estudos de Barbian e Magennis(1995) sobre os sepultamentos humanos do sítio *Turner Farm* (5.000BP), Ilha de *North Haven* na costa central de *Maine*, procuraram caracterizar o tamanho e composição demográfica da amostra e apresentar descrições detalhadas das inumações e cremações, tendo como foco a idade, sexo e patologias associados em cada cova. Os esqueletos cremados de *Turner Farm* apresentaram, em decorrência do processo de queima, a destruição de indicadores de sexo, idade e patologias, primordiais para estudos de adaptação biocultural. Entretanto, a análise de ossos queimados pode inferir importantes informações sobre as condições em que o corpo foi queimado (McKinley e Bond, 2001). Corpos podem ser queimados logo após a morte, defumados, desmembrados ou descarnados antes da inumação. Essas etapas podem ser identificadas tanto nos ossos quanto no contexto arqueológico dos mesmos.

Esses autores discutiram as atividades mortuárias representadas pelas formas de queima ou redução dos corpos dos mortos associadas com a presença de cremações (Barbian e Magennis, 1994)⁵¹. A análise das cremações constitui uma forma de construção de um banco de dados de caráter regional que poderá ser empregado em outras pesquisas que explorem a variedade de questões pertinentes a adaptação biocultural pré-histórica .

⁴⁹ SCHINDLER, D L, ARMELAGOS, G J, BUMSTED, M P. Biocultural Adaptations: new directions in northeastern anthropology. In: SNOW, D R (ed). Foundations of Northeast Archaeology. Academic Press, New York, p. 229-259, 1981.

⁵⁰ BEMENT, L C. Hunter -Gatherer Mortuary Practices during the Central Texas Archaic. Texas Archaeology and Ethnohistory Series, University of Texas Press, Austin., 1994.

Assim, um sistema metodológico como o aplicado por Barbian e Magennis (1995) que se proponha desvendar os problemas das análises voltadas a adaptação biocultural pré-histórica⁵² deve considerar, entre outros, a identificação do NMI (*Minimum Number of Individuals*), a determinação do sexo, idade, análise das formas de fratura resultantes da queima dos ossos, as caracterizações de inumações primárias e secundárias não queimadas e das cremações. Esse sistema pode resultar em uma contribuição para um banco de dados regional que possa servir para testar hipóteses voltadas as atividades mortuárias pré-históricas como também as dinâmicas adaptativas humanas em determinada região.

Estudos voltados para a interpretação de eventos como as paleopatologias, estresses fisiológicos, injúrias e morte violenta, atividades físicas, uso dos dentes e dieta, biodistâncias e aspectos demográficos de uma população durante a vida de seus membros referem-se a bioarqueologia, a antropologia física ou biológica⁵³. Em bioarqueologia, a questão do comportamento humano se faz marcante, sempre associado as remodelações esqueléticas resultantes das relações corpo/meio ambiente:

A central theme is the interaction between biology and behavior, underscoring the dynamic nature of skeletal and dental tissues, and the influences of environment and culture on human biological variation. (Larsen, 2002, s/p)

Essa interação constitui uma face atual dos grandes temas antropológicos: a) o homem como indivíduo; b) as relações com os outros homens e c) a relação humana dos indivíduos e dos grupos com a natureza, a qual é "o universo como totalidade cósmica,

⁵¹ BARBIAN, L T, MAGENNIS, A L. Variability in Late Archaic Human Burials at Turner Farm, Maine, *Northeast Anthropology*, n. 47, p. 1-19, 1994.

⁵² Ou *prehistoric biocultural adaptation*, proposta em BARBIAN e MAGENNIS, ob. Cit. 1995: 318.

⁵³ LARSEN, C S. *Bioarchaeology. Interpreting behavior from the human skeleton*. CSBEA, Cambridge University Press, 2002. O autor reúne vasta e importante bibliografia.

visível e invisível, dentro do qual o homem está imerso, é o ambiente ecológico, a terra, a vegetação, os animais; a vida humana desenvolve-se em simbiose com esta realidade" ⁵⁴.

Sinteticamente, para Bernardi (1978), a "antropologia física" estuda as formas e estruturas do corpo humano enquanto que a "antropologia cultural" indaga sobre o significado e as estruturas da vida do homem como expressão da sua atividade mental. Tanto uma vertente quanto outra perfazem apoios disciplinares a arqueologia, em especial a arqueologia das práticas funerárias.

O corpo constitui um estatuto no interior das práticas mortuárias capaz mesmo de subordiná-las: o corpo físico, suas restrições e aplicações sociais, culturais, comportamentais, simbólicas, seus produtos deixados em dado sistema sócio-cultural; suas implicações ecológicas, comunicacionais, de energia dispendida, de patologias e anomalias, de práticas medicinais e de status. Os indicadores esqueléticos de estresse que resultaram de doenças e interrupção no crescimento, decorrentes de limitações ambientais (recursos essenciais reduzidos), de estressores culturalmente induzidos, fatores individuais de resistência e interrupções fisiológicas podem refletir uma parcela do impacto do estresse em uma dada população. Essa parcela resulta na diminuição da saúde, da capacidade de trabalho, na diminuição da capacidade reprodutiva e em falência socio-cultural (Larsen, 2002).

Um esqueleto em si mesmo pode conter marcas indiciais de alterações na estatura do indivíduo em vida, durante a infância, decorrentes de alterações alimentares: o corpo é visto em relação a idéia de *saúde*. Essas marcas são de interesse antropométrico. A adequação nutricional reflete-se, ainda nas distâncias auriculare-basion ou porion-basion; em deformações morfológicas da pelve, decorrentes do consumo inadequado de proteínas;

⁵⁴ BERNARDI, B. Introdução aos estudos etno-antropológicos. Edições 70, Lisboa, p. 20, 1978.

alterações na forma das diáfises de ossos longos, que ocorre normalmente entre os seis meses e os três anos de idade, também em decorrência de carência alimentar; alterações nas dimensões dos canais vertebrais; alterações nos dois componentes do desenvolvimento dentário: na formação das coroas e raízes e na erupção dos dentes; diminuição das dimensões dentárias, assimetria odontométrica; ocorrência de cribra orbitália (hiperosteose porosa) caracteriza uma das manifestações iniciais de anemia , estendendo-se aos demais ossos cranianos e prevalecendo sob a forma ativa na infância e cicatrizada na idade adulta; interrupções das linhas de crescimento no esqueleto; ocorrência de interrupção no crescimento de tecidos dentários, como o esmalte (hipoplasia). Essas remodelações decorrentes de deficiências nutricionais durante a infância, que podem ser observadas tanto macro quanto microscopicamente, contribuem para uma história do estresse nas populações humanas. Em adultos, as modificações esqueléticas por estresse causadas por alterações da dieta e do status nutricional, bem como alterações orgânicas normais decorrentes do envelhecimento, menopausa, andropausa ou da menstruação resultam na perda de massa óssea (osteoporose).

Assim como essas remodelações, a exposição do corpo a inúmeros agentes infecciosos como as bactérias e os vírus, resulta em diversas doenças e estados de morbidez. Entre as ocorrências normalmente registradas em amostras arqueológicas estão as lesões cariogênicas, que podem refletir-se diferentemente entre os sexos e por status social; a doença periodontal (periodontite), caracterizada comumente pela perda de osso alveolar e decorrente de fatores relacionados a higiene dental deficitária, cariogênese, maloclusão dentária, status nutricional, gravidez, puberdade e estresse psicológico. A periodontite e a perda dentária podem refletir-se de acordo com os sexos e o status de cada indivíduo social.

Ainda sob o viés bioarqueológico, as doenças podem surgir como infecções inespecíficas, como a periostite e a osteomielite; como infecções específicas: a

trepanomatose , a tuberculose e a lepra Esses processos infecciosos refletem-se também nos sexos e de acordo com o status social(Larsen, 2002).

Processos causados por injúrias e morte violenta também podem ser identificados nos restos humanos e podem expressar-se em formas diferenciadas de inumação, tratamento do corpo (pré e *postmortem*), bem como na escolha dos espaços dentro de um cemitério ou na sua própria localização. Incluem-se formas elementares de injúrias: as lesões traumáticas como as fraturas, fissuras, esmagamentos, entre outras, com ou sem remodelações (calos, atrofias). Estas resultam de interações agressivas entre os seres humanos - injúrias intencionais e violência interpessoal - , de acidentes possíveis dentro de determinadas estratégias de subsistência, nas relações entre os gêneros, entre membros com status diferenciado, entre componentes de um mesmo grupo ou uma mesma família, em grupos extensos e sedentários, em determinadas práticas, como o canibalismo. As lesões traumáticas variam, então, de acordo com as idades, os sexos, as estratégias de subsistência-caçadores-coletores pré-agricultores e agricultores, podendo ser intencionais ou acidentais (Larsen, 2002).

Outro grupo de modificações observáveis no esqueleto constituem as modificações articulares e musculares resultantes de diferentes formas de atividades físicas. Em coleções arqueológicas podem ser observadas patologias articulares de ordem multifatorial (sequência de fatores sinérgicos que incluem a predisposição): a osteoartrite, que varia de acordo com a idade , o clima, obesidade, os sexos, estratégias de subsistência e trabalho e complexidade sociopolítica; modificações não patológicas das articulações, como o surgimento de alterações nas epífises distais dos metatarsianos causadas pela hiperdorsiflexão dos dedos dos pés e as facetas anômalas no tálus, tíbia e calcâneo, normalmente associadas a fatores genéticos e de hábitos de acorramento; lesões entesopáticas (entesófitos), projeções ósseas ou osteófitos nas inserções dos tendões e

ligamentos, especialmente nos pés (região pantar e tendão de aquiles) e inserções da patela resultantes de prolongada e excessiva atividade muscular; fraturas por estresse, como a espondilose e outras injúrias vertebrais, resultando em uma patologia degenerativa que envolve a separação do arco neural na área entre os processos articulares superior e inferior.

O estudo das estruturas histológicas dos ossos podem elucidar aspectos da adaptação ambiental e de atividades de grupos humanos extintos, como por exemplo as alterações decorrentes de adaptações biomecânicas histomorfométricas (Larsen, 2002:219-20).

Aspectos da influência genética, do meio ambiente, estresse e/ou do comportamento na morfologia craniana podem ser expressos nas funções mastigatórias e não-mastigatórias, como a presença de incisivos em forma de pá; torus palatinos, maxilares e mandibulares; modificações patológicas da ATM; anormalidades de oclusão como o apinhamento dentário envolvendo espaço insuficiente para todos os dentes (casos de dentes impactados) e a sobreposição ou ocultação dos dentes maxilares em relação aos mandibulares e vice versa; alteração do tamanho dos dentes (nanismo de origem genética); desgaste dentário oclusal: abrasão causada pelo contato com os dentes e o alimento ou outro material sólido externo, especialmente quando o alimento é forçado sobre as superfícies oclusais e a atrição, causada pelo contato entre os dentes, na ausência de alimentos ou outros vários abrasivos; desgaste dentário interproximal; desgaste extramastigatório: o dente é usado como ferramenta em funções não mastigatórias.

O macrodesgaste dentário, compreendido em Larsen(2002:247) como resultado da abrasão, atrição e erosão (ação de agentes químicos), varia entre as populações humanas de acordo com características comportamentais específicas, localizadas, diferenças nas práticas culturais, idade, sexo, dieta e a morfologia orofacial. Populações que possuem altos níveis de demanda mecânica e predomínio de dietas abrasivas possuem desgaste relativamente intenso. O microdesgaste das superfícies dentárias informam sobre as especificidades da

adaptação dietária de um indivíduo ou de um grupo de caçadores-coletores ou de agricultores, assim como sobre as características microscópicas deixadas pelo uso do dente como ferramenta. Ainda, as quebras - macro e microquebras - dentárias durante a mastigação ou em uso extramastigatório são indicadores de excessiva demanda mastigatória em um grupo humano (Larsen, 2002:267-68).

Dados de biodistância(Larsen, 2002; Buikstra e Ubelaker, 1994, Neves, 1988), de relações geneticamente determinadas, podem ser obtidos por meio da análise de traços métricos e não-métricos. Entre os traços não-métricos cranianos destacam-se quatro tipos primários: os ossículos entre as suturas (sagittais, lambdoideos, bregmáticos, coronais, apicais, asterionicos); traços hiperosteóticos, pontes de osso; traços hipostóticos, que envolvem ossificações deficientes (sutura metopica); e variações dos forâmenes (forame supraorbital simples ou duplo).

Esses tipos de dados, essencialmente contidos nos ossos humanos, perfazem um conjunto de informações que podem ser agrupadas em variáveis biológicas . Outras categorias de dados relacionam-se indiretamente aos esqueletos, contendo informações sobre práticas culturais. Embora o uso dos dentes como instrumentos, a hiperdorsiflexão dos dedos dos pés e o hábito do acocoramento, todas em grande parte voltados para atividades de subsistência, tem sido considerados como variáveis biológicas pela sua estreita ligação com os ossos (em alguns casos genética, como no acocoramento). Nesses casos, traços culturais e hábitos comportamentais deixaram sinais exclusivamente osteológicos. Por outro lado, a posição do esqueleto, sua articulação, direção, os sinais ósseos de tratamento como a queima, desarticulação e a pigmentação com ocre, embora também relacionados aos ossos, não implicam em comportamento individual direto, mas em práticas mortuárias coletivas de um grupo em relação ao corpo. Traços culturais que expressam tendências das práticas mortuárias expressam-se também em materiais associados ao corpo, como por exemplo aos

acompanhamentos funerários - de uso pessoal, vinculado a inclusão simbólica no ritual - , as oferendas alimentares e estruturas que participam na construção da cova e proteção do corpo, essencialmente simbólicas.

Vimos que os dados osteológicos, quer sejam sinais de doenças nutricionais, lesões traumáticas intencionais ou acidentais, alterações por hábitos e práticas culturais (trabalho, ritos de passagem) e de carácter genético, dimorfismo sexual e variação etária constituem variáveis biológicas. As formas de tratamento do corpo para a inumação, envolvendo direta ou indiretamente a manipulação dos ossos por outros indivíduos, bem como a sua implementação com elementos de cultura material constituem variáveis culturais. Entretanto essa distinção é abstracional na medida em que tanto as variáveis biológicas quanto as culturais encontram-se em relação, muitas vezes sinérgica, de difícil discriminação. Sexo e idade, dados essencialmente biológicos, podem incorrer em tratamentos e associações funerárias distintas. Formas de morte por doenças e traumas violentos podem determinar uma forma de deposição do corpo em dadas culturas. O status sociocultural do morto pode reger práticas mortuárias também distintas e pode estar refletido na própria morfologia esquelética.

O sexo, assim como a idade, é um dado imprescindível para o estudo arqueológico do corpo e seu contexto mortuário. Nessa perspectiva, o termo *gênero* tem sido empregado para descrever atributos culturalmente constituídos voltados à percepção social de feminilidade e de masculinidade, não vinculado necessariamente ao sexo biológico dado pelas diferenças hormonais e cromossômicas (XX, XY) entre mulheres e homens (Cox, 2001). Através da análise esquelética de regiões nas quais os traços dimórficos sejam recorrentes, como a pelve e o crânio, o sexo biológico pode ser inferido. Entretanto, certos traços de dimorfismo podem sofrer remodelações genéticas, por doença ou fatores ambientais. Indivíduos afetados por desordens na diferenciação sexual podem apresentar

alterações na forma do esqueleto. Os critérios empregados para a determinação de sexo refletem as adaptações funcionais das unidades ósseas, suas resultantes métricas e diferenças morfológicas. As características morfológicas dependem da observação visual e das dimensões mensuráveis de certos ossos (Brothwell, 1981).

1.4 - Sepultamentos humanos: agrupando corpo, cova e acompanhamentos funerários

Sepultamentos inseridos em sítios cemitérios⁵⁵ ou em sítios de vida e de morte perfazem estruturas compostas por três elementos básicos: o corpo, suas oferendas e a cova. Esses componentes, esperados no contexto arqueológico, foram insistentemente lembrados quanto a sua presença, normalmente simultânea, aos arqueólogos, antropólogos e historiadores em Chapman, Kinnes e Randsborg (1981), Morris (1992), e nos apontamentos de Pearson (2002). Outro aspecto importante refere-se a relação intrínseca existente entre as alterações (tafonômicas) ocasionadas por fatores formativos do sítio arqueológico e os vestígios funerários. Fatores tafonômicos existem e calibram os potenciais analítico e interpretativo dos dados mortuários⁵⁶.

A compreensão das respostas das sociedades dos vivos diante do fenômeno da *morte* demanda, por parte do estudioso da arqueologia, determinados sistemas de registro e estratégias teóricas e metodológicas importadas de outras disciplinas científicas, da

⁵⁵ A palavra "cemitério" parece designar, mais particularmente, a parte exterior da igreja, o atrium ou adro. "Adro" é também uma das palavras utilizadas na linguagem corrente para designar o cemitério. Assim como as designações aître (adro), churchyard, charnier, cemitério designa o espaço ocupado por conjuntos de edifícios funerários (tumulus, sepulcrum, loculus) em sociedades antigas do Ocidente. Nesse sentido, tratam normalmente desses vestígios, sempre vinculada como técnica para se escrever sobre a história, a arqueologia funerária (ARIÈS, P. Sobre a História da Morte no Ocidente Medieval, Teorema, Lisboa, p. 25, 1989) e a arqueologia dos cemitérios (VOVELLE, M. A História dos Homens no Espelho da Morte. In: BRAET, H, VERBEKE, W. A Morte na Idade Média. Ensaios e Cultura 8. Edusp. Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 18, 1996).

⁵⁶ Sobre essa questão, exclusivamente voltada ao estudo das práticas mortuárias sob a ótica da Tafonomia, ver o artigo de Mirjana Roksandic (ROKSANDIC, M. Position of Skeletal Remains as a Key to Understanding Mortuary Behavior. In HAGLUND, W D, SORG, M H. Advances in Forensic Taphonomy. Method, Theory, and Archaeological Perspectives. CRC Press, LLC, p. 99-117, 2002)

antropologia, história, geografia, geologia, biologia e medicina. Mais do que informar sobre os aspectos morfométricos, morfoscópicos, paleopatológicos ou paeloepidemiológicos de um ser humano, os dados mortuários extraídos e processados pelos arqueólogos, oferecem a possibilidade da construção de inferências sobre as sociedades dos vivos, as suas práticas sobre o ente falecido, a respeito da morte e mesmo sobre suas formas de subsistência e hábitos da vida cotidiana que deixaram sinais no esqueleto, nos dentes ou que se tornaram acompanhamentos funerários.

Sepultamentos humanos, forma de designar quaisquer tipos de deposições de origem funerária (Sprague, 1968), são um dos resultados das etapas de um funeral (Bartel, 1982) que inclui a realização de práticas, quer de caráter essencialmente simbólico quer operacional ou técnico. Assim, tecnicamente, os costumes funerários voltam-se potencialmente a deposição do morto e ritualmente, estão vinculados a execução de um número de atos simbólicos que variam quanto a forma dos símbolos empregados e quanto ao número e tipos empregados dos referentes de reconhecimento simbólico para o grupo (Binford, 1971).

O estudo das práticas que acompanham o evento morte nas sociedades humanas extintas constitui um campo de interesse da arqueologia. Trata-se de uma vertente da produção de conhecimento arqueológico voltada ao estudo da cultura material funerária, dos objetos encontrados em contextos mortuários. Enquanto disciplina analítica do passado, também dotada de métodos e técnicas de recuperação de objetos, a arqueologia encontra seu expoente nos estudos das práticas mortuárias nas Arqueologias Pós-Processuais (pós-estruturalistas, pós-modernas, contextuais, críticas, radicais)⁵⁷. Entretanto, podemos afirmar que o objeto de estudo da pesquisa arqueológica é a cultura extinta na sua totalidade. Nesse sentido, o método arqueológico, assim como o antropológico, é necessariamente

⁵⁷ Essas outras definições empregadas para a arqueologia pós-processual foram assim citadas em SCHIAVETTO, S N de O. A Arqueologia Guarani, construção e desconstrução da identidade indígena. Fapesp, Annablume ed. P. 37, 2003.

interdisciplinar: empregam-se técnicas de pesquisa próprias de outras disciplinas, nas fases de coleta de dados e posterior análise. A produção de um "conhecimento global da cultura de uma sociedade qualquer resultará somente do trabalho coordenado de múltiplos estudiosos"⁵⁸

Já que o sepultamento do morto é resultado direto e intencional de um comportamento⁵⁹ funerário - evidentemente muito mais que seus vestígios, muitas vezes alterados por múltiplos fatores tafonômicos - , contém elementos simbólicos com inferências interpretativas provavelmente possíveis através do amparo disciplinar da antropologia e etnografia comparada.

Interessa ao arqueólogo, *a priori* , o que é observável no contexto arqueológico sobre os comportamentos humanos passados. No caso específico dos estudos arqueológicos voltados as respostas humanas diante do fenômeno da morte em populações extintas, convém ressaltar que essas respostas geram vestígios cujos dados mortuários podem ser de origem cultural e/ou biológica. Nesse aspecto, Ribeiro (2002) buscou termos precisos para denominar nosso objeto de estudo: Arqueologia das Práticas Mortuárias⁶⁰.

Segundo Barret(1999)⁶¹, muitas revisões recentes dos estudos das práticas mortuárias situaram as posições de Saxe(1970) e Binford(1971) no centro da produção

⁵⁸ Ob cit Bernardi, 1978, p. 120.

⁵⁹ Ver referência oportuna a O'Shea (1981:39) em RIBEIRO, M S. Uma abordagem historiográfica da arqueologia das práticas mortuárias. Dissertação de Mestrado. FFLCH-USP, São Paulo, p.5, 2002

⁶⁰ A busca terminológica feita por Ribeiro resultou em termos já conhecidos por nós, como *Archaeology of Death*, *archéologie funéraire*, *archéologie de la mort*, *Burial Archaeology* (RIBEIRO, op.cit. 2002, p.6-8). Poderia ser acrescido o termo que dá título ao livro de Pearson: *Archaeology of death and burial* (PEARSON, M P. The Archaeology of Death and Burial, 3ª ed , Texas A&M University Press, College Station, 2002), que engloba *death* e *burial* simultaneamente. Ainda, para horror dos historiadores, poderíamos considerar como substituto do termo *Arqueologia das Práticas Mortuárias* o termo *Bioarchaeology* ou *Bioarqueologia* (LARSEN, C E. Bioarchaeology. Interpreting behavior from the human skeleton. Cambridge Studies in Biological Anthropology. Cambridge University Press, 2002) bastante representativo de uma parcela da produção arqueológica voltada aos implementos da biologia, em especial no que se refere aos conceitos de *biocultura* e *comportamento* e da verticalização de métodos e técnicas voltadas exclusivamente as análises dos *restos humanos*. Por que não uma *Bioarchaeology of Death and Burial*?!

⁶¹ BARRET, J C. The Living, the Dead and the Ancestors: Neolithic and Early Bronze Age Mortuary Practices. In PREUCHEL, R W, HODDER, I. Contemporary Archaeology in Theory. A Reader. Blackwell Publishers, p.394-412, 1999.

conceitual de referência (Chapman e Randsborg, 1981; Tainter, 1978; O'Shea, 1984; Pearson, 2002; Bement, 1994). Com a New Archaeology, ocorre uma mudança na história dos estudos mortuários os quais passam a incluir a variabilidade mortuária como meio de reflexão sobre os princípios de organização de um sistema cultural. Assim, os estudos mais recentes sobre as práticas mortuárias preocupam-se tanto com a descrição da cultura material quanto com o conhecimento das sociedades que a produziram (Sene, 1998:17). Entretanto, essa Nova Arqueologia propunha uma arqueologia antropológica, neutra e essencialmente objetiva, voltada quase que exclusivamente ao aperfeiçoamento de métodos vinculados a uma crescente implementação tecnológica – encontrada em países desenvolvidos - direcionados a análise de sistemas socio-culturais, regidos por leis universais do comportamento humano, absolutamente *dedutíveis e mensuráveis*.

Nesse sentido, todo estudo das práticas mortuárias, vinculado ou não a análise etnográfica e as perspectivas antropológicas de interpretação, deve considerar o imperativo dos processos formativos do sítio arqueológico e as alterações nos contextos de deposição dos vestígios funerários. A identificação arqueológica de práticas sociais recorrentes participa na instância teórica dos estudos sobre os sistemas sociais extintos. Essas práticas são perceptíveis no contexto da escavação de forma residual, através de indicadores vestigiais no contexto arqueológico: os sepultamentos humanos e as demais estruturas envolvidas, como estelas, tumbas, sarcófagos e construções funerárias. Elementos simbólicos, intrínsecos as práticas e aos seus vestígios, também constituem uma parcela significativa dos estudos mortuários, embora pouco explorada.

1.5 - Os Rituais Funerários na Arqueologia:

Os rituais mortuários, assim designados por Barrett (1999:396), constituem tipos de práticas sociais que envolvem a ação humana dos vivos sobre os mortos, das atitudes da sociedade dos vivos ao redor do corpo do morto e da cova. Perfazem práticas singulares nas quais, evidentemente, o morto não participa. O morto não participa de seu próprio funeral a maneira dos vivos, que lhe devem obrigações e que se relacionavam por afinidades com o falecido, com os ancestrais e com os deuses. O corpo e a maneira como é tratado, expressa um poder simbólico mediador na representação da transição entre a vida e a morte, um processo durante o qual os vivos reafirmam a legitimação de suas heranças e posições sociais:

Mortuary rituals are particular types of social practices and we must examine the way they were enacted by the living around the corpse and the grave (...) The corpse, and the way it was treated, presents a powerful symbolic medium by which the transition from life to death can be represented, a process during which the living reconsider their own legitimate claims of social position and inheritance (Barrett, 1999:396)

Essas práticas particulares, individuais e coletivas, são culturalmente formadas. Através de diferentes conhecimentos e experiências práticas combinadas, os agentes humanos acabam por estabelecer regularidades culturais em seu mundo. Durante os rituais essas regularidades culturais são expostas para os participantes e observadores com ocorrências de transições através das categorias sociais.

Os rituais funerários são feitos de ações vinculadas a pensamentos voltados ao sobrenatural, ao mundo além túmulo que, uma vez em contexto arqueológico, resultam em uma cultura material funerária com carga simbólica e potencialidades para a interpretação de suas instâncias dependentes dos fatores formativos dos substratos arqueológicos. Graus

distintos de preservação de oferendas, deslocamentos, migração e interdigitação de artefatos e sedimentos, bem como o desaparecimento físico de determinados tipos de materiais empregados durante os funerais e mesmo a dificuldade de se reconstruir as várias etapas do funeral como um todo e a inacessibilidade as relações existentes entre as categorias de vestígios mortuários e essas etapas do funeral contribuem para a redução do potencial informativo dos remanescentes dos rituais funerários.

Uma forma de alcançar um provável enriquecimento desse potencial informativo seria dada através de inferências etnográficas. Essas inferências funcionam como guias interpretativos, fomentadores de hipóteses e sugestões sobre sequências prováveis de eventos relacionados ao funeral e as possíveis e esperadas experiências individuais e coletivas implicadas.

Os rituais são feitos de ações e não de coisas. O lugar dos rituais pode ser simulado assim como os artefatos funerários podem ter sido reapropriados da rotina do dia-a-dia do grupo. A seleção do tempo de duração, o lugar e os artefatos do ritual são meios pelos quais as pessoas produzem diversas experiências voltadas a ordem social dominante . A organização dos sítios e depósitos arqueológicos podem estar estruturados de acordo com valores culturais particulares derivados de práticas rituais.

Os rituais mortuários são aqueles que constróem passagens entre a vida e a morte. Essas passagens podem incluir os sepultamentos humanos ou a intervenção dos ancestrais no mundo dos vivos para a emanção de idéias sobre a morte e renascimento. Convém distinguir, segundo Barrett(1996), entre rituais aos ancestrais e rituais funerários pois os remanescentes humanos podem ser empregados em ambos os casos. No primeiro caso, os remanescentes humanos não caracterizam necessariamente sepultamentos mas o emprego de restos humanos. Eles estabelecem a presença dos ancestrais em ritos realizados entre os

vivos, podendo ser empregados desde elementos arquitetônicos funerários, os ossos, e ainda, constituir uma parte dos rituais de sepultamento.

Os rituais funerários estão especificamente relacionados com os sepultamentos humanos. Nesse contexto, podem ser discriminadas a inumação, sepultamento secundário e cremação, dependendo da forma particular de rito de passagem envolvido: separação, liminaridade e incorporação. Os ritos de separação e incorporação relacionam-se a períodos de estabilidade cultural, enquanto que o de liminaridade relaciona-se a instabilidade cultural. Cada estágio no processo ritual pode ser marcado por diferentes formas de simbolismo ⁶²

Arqueologicamente, a sequência dos rituais mortuários é inobservável. Podem sobreviver traços de algumas de suas etapas, sem no entanto, relacionadas as etapas anteriores ou posteriores em decorrência de sua simples degradação. No caso das inumações o período liminar pode terminar com o corpo depositado na cova. O simbolismo associado com a transformação liminar do corpo e a segregação dos parentes enlutados pode ser transportado para a cova e ser preservado. Esse simbolismo pode incluir os adornos do corpo (que não devem ser confundidos com os enfeites dos vivos (Pader, 1982)⁶³. Para Barrett(1996) é importante distinguir entre objetos dispostos dentro e fora dos invólucros funerários, dos diferentes materiais que derivaram dos diferentes momentos do processo ritualístico.

No caso dos sepultamentos secundários⁶⁴ estes envolvem um lento período liminar durante o qual o corpo é sepultado ou armazenado após ser desenterrado e reinterrado para a finalização do processo de sepultamento. No contexto arqueológico, as inumações secundárias são caracterizadas, a priori, pela desarticulação do esqueleto. Entretanto, a desarticulação caracteriza um processo pré ou pós-deposição: o tratamento reutivo do

⁶² Segundo Barrett, ob cit 1996, p. 397, ver TURNER, V. *The Ritual Process: structure and anti-structure*. New York, 1969 e VAN GENNEP, A. *The Rites of Passage*, London, 1960.

⁶³ PADER, E-J. *Symbolism, Social Relations and the Interpretation of Mortuary Remains*. Oxford, 1982.

cadáver inclui o descarnamento ou maceração com ou sem uma inumação temporária, exposição do corpo aos animais necrófagos aquáticos terrestres; a queima do corpo ou dos ossos limpos em piras funerárias. A inumação na qual os restos ósseos apresentam-se desarticulados, rearticulados ou reacomodados em feixes ou, ainda, queimados e quebrados contém o dado da presença de processo(s) redutivo(s), da manipulação do corpo e do esqueleto, de tratamento pré-sepultamento do morto.

Essas etapas de tratamento do corpo visando adiantar o processo de eskeletonização e redução do cadáver constituem parcelas operacionais das práticas mortuárias. A secundidade intencional de uma inumação independe dessas etapas. Ocorre quando os restos do morto são enterrados pela segunda vez, em outra localidade ou junto a uma segunda cova aberta para um parente. Agrupamentos de ossos junto de esqueletos articulados poderiam indicar prováveis inumações secundárias: antigos ocupantes são substituídos por novos. Assim, feixes de ossos arranjados e aglomerados de ossos queimados podem indicar inumações primárias, secundárias ou terciárias. Sua observação precisa ocorre em contextos etnográficos. No substrato arqueológico a distinção entre a primeiridade ou a secundidade de um sepultamento depende, inicialmente, da presença ou ausência de articulação do esqueleto (muito embora não seja determinante nos casos de corpos mumificados que são inumados mais de uma vez). Exceptuando-se a presença de alterações tafonômicas dadas pela dispersão vertical ou horizontal dos ossos, esqueletos desarticulados podem indicar tanto inumações primárias quanto secundárias. Esses ritos finais podem ser separados espacilmente dos lugares associados com a liminaridade. Um rito de separação similar pode ser apresentado durante a cremação. Esse rito de incorporação pode ser iniciado com a construção e combustão de uma pira crematória e ser finalizado pela coleta e dispersão ou sepultamento das cinzas ou ossos fragmentados e calcinados.

⁶⁴ Ver HUNTINGTON, R, METCALF, P. *Celebrations of Death*. Cambridge, 1979.

A separação dos ritos de incorporação dos primeiros ritos de liminaridade nos sepultamentos secundários e cremações pode ser grande o suficiente para assegurar que o simbolismo associado com a liminaridade seja desfeito pelo tempo em que ficou depositado, resultando em vestígio arqueológico. Ritos diferentes apenas estruturam as relações topográficas da morte em diferentes caminhos. Assim,

Whilst inhumation appears to fix both the place and the moment at which the transition of death is arrested for both the mourners and the corpse at the grave with its infilling, secondary burial and cremation establish a topographical separation between rites of liminality and the final rites of incorporation. The place of transition is separated from the place at which the ritual sequence as a whole is brought to a close. These differences are important for any consideration of funerary ritual which is concerned with the way the mourners use the process to construct their relation with the dead and ancestors. (Barrett, 1996:398)

Os vestígios funerários, quer estejam relacionados a ritos ancestrais ou funerários, devem ser analisados tafonômica e estratigraficamente, sempre considerados no processo de deposição.

Observações etnográficas oferecem dados de caráter dedutivo sobre comportamentos pré-históricos a partir de modelos de contextos sistêmicos de grupos históricos. Consideradas como indícios da organização social, as práticas funerárias são objeto de estudo dos antropólogos que obtêm informações do arqueólogo sobre as circunstâncias funerárias, como a presença dos acompanhamentos e dados osteológicos fornecidos pelos antropólogos biológicos (Chiara, 1978) Assim:

As práticas funerárias, em geral, são discriminatórias, dando indícios da organização social. Seria, portanto, muito útil termos o maior número possível delas numa mesma área, quando então transparecem certas insistências e persistências de detalhes

significativos. Também faz parte do quadro cultural que se pretende inferir, a relação entre os enterramentos e as habitações ou aldeamentos (Chiara, 1978:256-7)

Vestígios funerários prestam-se a realização de um esboço cultural do sítio, a identificação do provável espaço reservado as habitações (Chiara, 1978:258). A identificação das motivações e vinculações dos costumes mortuários quanto ao tratamento discriminatório dado por sexo e idade dos mortos parecem justificar o uso de dados etnográficos sobre as crenças⁶⁵ do grupo humano empregado como referencia ao grupo pré-histórico.

O estudo da cultura material⁶⁶ funerária entendida como a manifestação física das práticas funerárias, e portanto, de uma parcela da cultura de uma sociedade⁶⁷ constitui outra vertente dos estudos voltados a essas práticas, especialmente aos acompanhamentos funerários. Entretanto, essa cultura material, quer gerada no contexto funerário, quer em contextos sistêmicos gerais deve estar inserida nos demais substratos da cultura:

A cultura consta da massa de bens e instrumentos, assim como dos costumes e dos hábitos corporais ou mentais que funcionam direta ou indiretamente para satisfazer as necessidades humanas(...) a significação da cultura consiste na relação entre seus elementos, e não se admite a existência de complexos culturais fortuitos ou acidentais. (Kahn, 1975:91)

⁶⁵ BECKER, H. Relações intercontinentais pré-colombianas entre América e Ásia Setentrional, tendo em vista o enterro combinado com disposição do corpo nas árvores e cremação posterior. *Origens do Homem Americano – II Encontro de Intelectuais*. São Paulo, Instituto de Pré-História da USP, p. 296-301, 1964.; CHIARA, W. ob cit. 1978, p. 257-258.

⁶⁶ Ver HODDER, I (ed) *The meaning of things: material culture and symbolic expression*, Unwin Hyman, London, 1989 e HODDER, I (ed) *The spatial organisation of culture*, Gerald Duckworth and Co. London, 1978.

⁶⁷ Os artefatos que possibilitam o estudo de uma sociedade através das manifestações físicas de sua cultura perfazem cultura material (SCHLERETH, T J. *Material Culture Studies in America*, The American Association for State and local history, Nashville, p. 2-3, 1982).

Enquanto que o termo sociedade manifesta-se pelo fator humano, no agregado de indivíduos e nas relações existentes entre eles, o termo cultura relaciona-se com o componente dos recursos acumulados, tanto materiais quanto imateriais que as pessoas herdam, utilizam, transformam, multiplicam e transmitem. A cultura inclui os artefatos, bens, procedimentos técnicos e idéias, hábitos e valores herdados⁶⁸. Segundo Boas⁶⁹,

Cultura inclui todas as manifestações dos hábitos sociais de uma comunidade, as relações do indivíduo na medida em que são afetados por costumes do grupo em que vive, e os produtos das atividades humanas na medida em que são determinadas pelos ditos costumes (Boas, 1930:74)

Dentro das alterações contínuas resultantes da necessidade de vida dos homens no meio ambiente, pontos de contato com esse meio exterior representam ambientes secundários ou artificiais. Nesses meio ambientes secundários, a organização dos grupos sociais constitui uma combinação sinérgica de bens materiais e hábitos corporais vinculados profundamente em seus substratos material e psicológico. Assim, a "organização social é a maneira estandardizada de comportamento dos grupos"⁷⁰.

A cultura assenta-se necessariamente sobre a natureza⁷¹. Este fundamento natural permite aos homens o desenvolvimento das atividades mentais e a criação da cultura⁷². O

⁶⁸ KHAN, J S. El concepto de cultura: textos fundamentales. Editorial Anagrama, Barcelona, , 1975.

⁶⁹ BOAS, F. Anthropology. Encyclopedia of the Social Sciences. V.2, New York, Macmillan, 1930. Essa definição de Boas vai ser acrescida posteriormente, segundo Khan, ob cit. 1975:14, do aspecto comportamental da cultura e as reações psicossomáticas dos indivíduos. Essa definição ampla inclui, por exemplo, a cultura material, abarcando os interesses da arqueologia, história, antropologia cultural e física. Interessa o entendimento do comportamento humano individual com relação a todos os seus fatores determinantes. Nesse caso, a etnologia incluiria o estudo da vida mental dos homens, das atividades psíquicas fundamentais dos grupos humanos, enfim, dos mundos subjetivos do homem.

⁷⁰ Kahn, ob cit. 1975, p. 85.

⁷¹ Não estamos enfatizando o caráter de determinismo geográfico ou ambiental da cultura, mas da real existência do fator meio ambiente que pode estar subordinado, equilibrado ou dominando a vida e estruturação social em momentos diversos, dentro de uma mesma sociedade.

⁷² BERNARDI, ob cit. 1978, p. 23.

significado cultural das manifestações materiais e ergológicas da atividade humana resulta da simbolização: nesse sentido, cultura material inclui todos os aspectos materiais dessa atividade humana que adquirem e exprimem um valor diverso que os transforma em partes integrantes de um determinado sistema cultural (Bernardi, 1978). Quanto aos comportamentos dos agentes sociais, produtores ou não de cultura material, estes são gerados em sistemas culturais que simultaneamente os produzem e condicionam⁷³:

A cultura consiste em padrões explícitos e implícitos de comportamento e pelo comportamento, adquiridos e transmitidos por símbolos que constituem as aquisições (...) distintas dos grupos humanos, incluindo as suas materializações em artefatos (...); os sistemas culturais podem considerar-se, por um lado, como produtos da ação e , por outro, como elementos condicionantes de ação sucessiva(Kluckhohn e Kroeber, 1972: 367)

Para Bernardi(1978), essa cultura distingue-se no tempo e no espaço pela sua mutação fisionômica. Considerando essa constante mutação: não há apenas uma cultura, mas, muitas caracterizadas pelos modos típicos e específicos através dos quais as populações singularmente definem seus próprios valores e interpretações culturais. Uniformidade e diversidade exprimem a multiplicidade das culturas. A própria sociedade é uma manifestação tipicamente cultural.

A noção de *padrões culturais* , organizações coerentes de comportamento, usos, costumes e estilo de vida pode ser exemplificada pela seguinte citação de Bernardi:

Um certo modo de vida, por exemplo a dos pigmeus, caçadores, coletores de produtos silvestres, leva logicamente a interpretações simbólicas particulares, como a

⁷³ idem ibidem p.29

valorização da floresta ao nível de símbolo da divindade, e determina formas precisas de vida social e econômica, como a organização em pequenos bandos aptos para a movimentação na floresta e a dependência total dos frutos espontâneos da selva para a sua nutrição (Bernardi, 1978:38)

Nesse sentido, os homens encontram-se permanentemente face-a-face com a problemática das suas relações com a "natureza-universo", com a "realidade cósmica misteriosa", com os ambientes social e físico (Bernardi, 1978). As soluções encontradas pelo homem diante dessa problemática exprimem sua liberdade de escolha, de soluções diferentes para problemas similares e de comportamentos distintos em ambientes idênticos. Assim, tanto o meio ambiente quanto o tempo não são os únicos fatores fundamentais da cultura.

Em resumo, a cultura⁷⁴ é: a) aprendida; b) derivada dos componentes biológicos, ambientais, psicológicos e históricos da existência dos homens; c) estruturada; d) dividida em aspectos; e) dinâmica; f) variável; g) contenedora de regularidades que podem permitir sua análise por meio de métodos científicos; h) instrumento por meio do qual o indivíduo se ajusta a seu cenário total e adquire meios de expressão criadora.

As práticas funerárias relacionam-se aos aspectos humanos da ecologia e refletem a natureza, especialmente a fauna e caracteres geológicos. A fauna pelos restos de animais processados pela tecnologia para o preparo voltado a alimentação e ao fábriço de artefatos – adornos, armas, processadores de alimentos e de outros artefatos e/ou para fins rituais; a geologia pelo emprego de matéria-prima, representada pelas rochas, locais ou trazidas de outras áreas, para a produção de artefatos voltados a elaboração de outros objetos de cultura

⁷⁴ Segundo o resumo das proposições sobre os conceitos sobre cultura - natureza, forma e funcionamento extraídas de HERSKOVITS, M J. Antropologia Cultural. Man and his works. Ed Mestre Jou. São Paulo, v.2, p.456, 1964.

material e/ou atividades de subsistência e rituais. Desse modo o homem, no decorrer da sua vida, encontra-se inserido numa ampla gama de relações, entre as quais, podemos perceber o predomínio, sobremaneira, da tecnologia⁷⁵.

As práticas funerárias, atividades humanas geradas diante do fenômeno da morte, parcelas de cultura, entremeiam-se através da realidade pessoal e individual do homem pela associação estruturada de indivíduos (comunidade), pelo ambiente natural e cósmico, espaço de atuação humana, e pelo tempo, aparentemente caracterizado pela sucessão contínua ao longo do qual se desenvolvem as atividades dos homens. Como fatos sociais, essas práticas dos vivos voltadas aos mortos estão vinculadas a incidência da distinção do *feminino* e do *masculino* como princípio diádico de estruturação das relações e ligações sociais, com valor elementar e constante e vinculadas a idade enquanto um princípio individualizador da personalidade e também, de estruturação social⁷⁶. Além do meio ambiente, do sexo e da idade dos indivíduos e suas relações na sociedade, existe a questão do tempo⁷⁷ de existência das relações entre os elementos culturais de um dado sistema social:

A noção dum sistema social ou duma estrutura social implica necessariamente uma extensão através dum período de tempo. Um sistema social, por definição, tem uma certa vida. É um sistema social, determinado sistema social, somente enquanto os seus elementos componentes se mantêm ou são adequadamente substituídos; o processo de substituição é o ponto crucial, porque o organismo humano tem uma amplitude de tempo limitada. A manutenção e a substituição são fenômenos temporais (Forte, 1945 Seg. Bernardi, 1978:73)

⁷⁵ idem ibidem, Bernardi, 1978, p. 67

⁷⁶ Idem ibidem, p. 53-54

Uma cerimônia funerária, vinculada ao indivíduo, seu meio social e natural e ao tempo, constitui uma atividade da vida social que induz a manutenção e a continuidade estrutural da sociedade⁷⁸. Assim, a importância do ambiente natural, do território, da forma como é utilizado e pensado visando a alimentação através da pesca, caça, coleta; a matéria-prima dos artefatos; as formas de habitação também deve ser analisada em relação as práticas funerárias. O uso do território, das áreas de captação de recursos gera traços que podem refletir-se nos elementos operacionais e técnicos dessas práticas, funcionando como indicadores de diferenciação cultural, de formas particulares de cultura (Bernardi, 1978).

Diferenciações entre sistemas sócio-culturais podem ser estabelecidas pelas características das práticas funerárias, bem como pelas formas de comunicação e símbolos comuns, caracteres tecnológicos e modos de produção, analisados paralelamente⁷⁹.

Podemos, segundo Bernardi (1978) falar em cultura de pesca ou de coleta para indicar o modo de viver pelo qual o homem obtém a alimentação dos recursos do meio (peixes, moluscos, crustáceos, frutas, raízes, aves e mamíferos). Essa organização social está voltada para tornar possível esta atividade, com grupos comunitários limitados, ligados entre si por vínculos de parentesco, e expeditos nos movimentos de migração através das regiões litorâneas continentais e insulares. Nessa cultura, as práticas funerárias expressam traços dos métodos e instrumentos de trabalho empregados nos processos da pesca, coleta e caça.

⁷⁷ A questão da limitação temporal dos sistemas sociais foi extraída de FORTES, M. *The Dynamics of Clanship among the Tallensi*. Oxford. XI, 1945, citado em Bernardi, ob cit, 1978, p. 73.

⁷⁸ RADCLIFFE-BRAWN, *Strutture e funzione nelle società primitive*, Milano, p. 180, 1968.

⁷⁹ Desse modo, podem ser estabelecidas diferenças aparentes considerando-se quatro níveis (comunicação e símbolos comuns, práticas de sepultamento, tecnologia, sociedade e modo de produção) entre os sistemas sócio-culturais do Paleolítico Médio e Paleolítico Superior na Europa (LOCK, A, PETERS, C R. *Handbook of Human Symbolic Evolution*. Blackwell Publishers, Oxford, table 28.1, 1999.)

Bernardi (1978) propôs um modelo de memorial de pesquisa de campo de carácter geral para o registro de dados sobre a cultura de sociedades vivas. Nesse modelo, o item A Morte deve ser registrada segundo os quesitos abaixo⁸⁰:

37. *A Morte:*

- a) Origem da morte no início dos tempos?*
- b) Causa de cada morte (doenças, magia ou o quê?)*
- c) Que acontece na morte: do corpo, da alma, da responsabilidade?*
- d) Homicídio? Como é considerado?*
- e) Suicídio? Por que motivo? Como é considerado?*

Também , nesse memorial de campo, encontramos quesitos referentes a sepultura; a ressurreição; as cerimônias fúnebres; o lugar dos mortos e suas relações com os vivos; tipos de mortos que se comunicam com os vivos; lugares, formas, realizadores e objetivos dos cultos e orações⁸¹:

38. *A sepultura:*

- a) Modos: inumação, abandono, cremação?*
- b) A não sepultura, porquê?*
- c) São necessárias as cerimônias e ritos de sepultamento? Porquê?*

39. *A ressurreição: soube-se de alguém que tenha ressuscitado?*

40. *Há outras cerimônias depois do funeral de sepultura? Com que prazo? Que efeito tem sobre os mortos?*

Quando é que os "mortos" passam para a categoria de antepassados?

41. *Habitação dos mortos? Organização social dos mortos?*

42. *Relações com os vivos: de descontentamento (por ofensas ou coisas semelhantes)? De proteção? De união?*

43. *Quais são (se é que os há) os mortos que se fazem sentir? Que parentes mais chegados (pai, mãe, etc)? Ou quem, exatamente?*

44. *Há lugares especiais de culto? Bosques? Ou árvores? Fontes? Ou lagos? A habitação?*

⁸⁰ Bernardi, ob. Cit. 1978, p. 153.

⁸¹ Idem biidem, p. 153-56

45. *Quais são as formas de oração? Pública/privada? De manhã, de tarde, em outros tempos fixos? Estacionais? Ocasionais? (recolher formulários)*
46. *A quem dirige a oração: a Deus, aos espíritos? Aos mortos?*
47. *Quem toma parte na oração pública: os anciãos, os jovens, as mulheres?*
48. *A oração é sempre litânica, isto é, sob a direção dum corifeu?*
59. *Existem sacerdotes? Isto é, homens próprios para invocar Deus, os espíritos, os mortos, em nome de outros homens?*
63. *Há xamãs? Isto é, homens que podem pôr-se em comunicação directa com o mundo do além (Deus, os espíritos, os mortos), em benefício dos homens, os quais precisamente por isso, os consultam?*

O todo dos itens acima e os citados no capítulo anterior (Morin, 1970; Bendann, 1969) pode suscitar idéias, métodos e hipóteses sobre a coleta e processamento de dados em campo, sobre as práticas funerárias em sociedades extintas. Outros elementos constitutivos de um sistema sócio-cultural incluem itens como a divisão territorial (a residência, o poço, as pastagens, a caça, outros; a família nuclear, extensa, os níveis de linhagem, de clã, de tribo); a tribo: se ocorrem agrupamentos distintos no âmbito da mesma população, sob que princípio de distinguem (parentesco ou residência) e quais as relações entre os grupos; a divisão do trabalho: por sexo (que trabalho compete a cada gênero), por condições sociais (aos chefes, subordinados, aos pais, filhos, aos jovens, aos iniciados, aos anciãos), por prestígio (caça, criação, cultivo, segundo o clã ou a linhagem) e por casta (qual a posição dos artífices, dos oleiros e outros)⁸². Teríamos distinções entre grupos de caçadores-coletores, pescadores-coletores, pescadores-coletores-caçadores e eventuais horticultores, horticultores, pastores, enfim, os *ictiófagos* (comedores de peixes), *estrutiófagos* (comedores de raízes), *quelonófagos* (comedores de tartarugas)⁸³, entre outros.

⁸² Idem *ibidem*, p. 156, 161, 167

⁸³ Termos empregados como nomes étnicos por escritores clássicos no primeiro momento do desenvolvimento do pensamento antropológico (segundo Bernardi, *ob. Cit.* 1978, p. 167)

Binford (1972), preocupado mais em estabelecer ligações diretas entre as práticas de sepultamento e os meios de subsistência, do que entre as práticas de sepultamento e a organização social como um todo (Hodder, 1982:201)⁸⁴, ao considerar um conjunto de 40 sociedades entre caçadores-coletores, agricultores e pastores, sugeriu que a forma e a estrutura que caracterizam as práticas mortuárias de algumas sociedades estão condicionadas pela forma e complexidade das características organizacionais dessas mesmas sociedades. As diferenças nas distintas dimensões das práticas mortuárias – sexo, idade, posição social, afiliação social, localização do morto – entre agricultores sedentários e caçadores-coletores⁸⁵ são muito significativas. Haveria uma correlação direta entre a complexidade estrutural do ritual mortuário e os sistemas de status entre os sistemas culturais.

Uma evidência mortuária pode ser empregada para interpretar traços da organização social de um grupo, tanto quanto outros dados arqueológicos. Considerando que uma população mortuária contém indivíduos que estiveram relacionados a vários componentes estruturais de um sistema, a mesma população poderá refletir a estrutura da própria sociedade extinta. Na distinção entre culturas, pela avaliação das dimensões de um sistema social, a distribuição espacial dos remanescentes mortuários e a energia dispendida para a elaboração dos sepultamentos e demais etapas de um funeral constituem significativos indícios de diferenciação entre corporações e classes sociais (Tainter, 1977, 1978)⁸⁶. Entretanto, voltando ao problema do carácter vestigial dos achados arqueológicos, nem toda

⁸⁴ HODDER, I. Symbols in Action: Ethnoarchaeological Studies of Material Culture, Cambridge, Cambridge University Press, 1982.

⁸⁵ Para esse autor, os agricultores sedentários apresentam uma *forma mais complexa* de organização social, enquanto que os caçadores-coletores não: apresentariam uma *complexidade social mínima*. O termo *complexidade social* é bastante controverso, resultando em idéias de supremacia de uma cultura sobre outra, devendo ser retomado no decorrer do trabalho.

⁸⁶ TAINTER, J A . Social inference and mortuary practices: an experiment in numerical classification . World Archaeology, v7, n 1, 1977; TAINTER, J A . Mortuary practices and the study of prehistoric social systems. In. SCHIFFER, M B (ed) Advances in Archaeological Method and Theory, New York, Academic Press, v. 1, p. 105-141, 1978.

a energia dispendida em um ritual mortuário é visível arqueologicamente, especialmente se foram realizadas cerimônias funerárias. Muitos comportamentos funerários que potencialmente expediram energia, como as cerimônias funerárias envolvendo o grupo como um todo, podem não deixar remanescentes materiais que possam indicar diferenciação social. Podemos, *a priori*, concordar com Hodder (1982) e Bard (1994) que:

(...) there are specific cultural beliefs surrounding death and its observance that affect variables of mortuary patterning. Ideology and attitudes toward death com between social organization and what appears in burials. Burial may represent a social ideal, not what actually happens in social and economic life(Hodder, 1982:198-199).

Os dados mortuários podem ser analisados em termos de reconstituir as dimensões sociais de uma sociedade extinta. As análises das práticas funerárias podem não estar unicamente voltadas as próprias práticas mas a processos interrelacionados: devem ser considerados aspectos demográficos, sociais , rituais, simbólicos e de comunicação, bem como os aspectos geológico, das escavações e a aplicação das análises estatísticas. As distinções nos tratamentos simbólicos dos sepultamentos podem estar baseadas no sexo, idade, personalidade, habilidades pessoais, circunstâncias da morte e discriminação social. Sociedades com reduzida distinção hierárquica podem apresentar distinções simbólicas baseadas naqueles atributos, bem como com o mínimo de ostentação. A presença de sepultamentos com gradação diferenciada no tratamento pode indicar aspectos hierárquicos e ststus equivalentes. Indivíduos jovens e crianças relativamente podem apresentar sinais de um tratamento mortuário com atenção mais elaborada, mesmo considerando o declínio da oportunidade de reposição da geração seguinte. A autoridade aumenta a quantidade de riquezas, portanto, do esforço expedido no sepultamento. O poder de um indivíduo sobre os demais também pode estar expresso na própria escolha do local da deposição funerária, de

modo que esse poder possa ser evidenciado aos componentes do grupo, mesmo *postmortem*⁸⁷. Acompanhamentos funerários, artefatos, podem ser indicadores do tipo de trabalho ao qual se dedicava o falecido ou símbolos de autoridade (Bard, 1994:35).

1.6 - Etnografia das práticas funerárias: inferências (im)prescindíveis para a arqueologia.

In general the narratives of the historians of the sixteenth century are altogether deficient concerning the weapons, customs and utensils used in the daily life of the aborigenes (von Hering, 1905:28)

Como os remanescentes das práticas funerárias possuem origens fundadas em comportamentos humanos, em atitudes e pensamentos diante do fenômeno da morte e do cadáver, as observações etnográficas oferecem aos arqueólogos possibilidades de se criarem modelos gerais de procedimentos e concepções de grupos etnográficos para a interpretação de traços de procedimentos técnicos sobre a morte e o morto em grupos arqueológicos. Entretanto, informações etnográficas podem se apresentar estufadas de divergências ou de visões de mundo distintas do microcosmo de representações da vida quotidiana das populações indígenas. Nesses casos, aparecem como insuficientes:

In general the narratives of the historians of the sixteenth century are altogether deficient concerning the weapons, customs and utensils used in the daily life of the aborigenes (von Hering, 1905:28)

⁸⁷ Essas considerações referentes as expectativas apresentadas pelos rituais mortuários foram tratadas em BROWN, J A The search for rank in prehistoric burials. In CHAPMAN, R, KINNER, I, RANDSBORG, K (eds). The Archaeology of Death. Cambridge , Cambridge University Press, p. 29, 1981.

Nesse sentido, prestando-se sempre parciais aos estudos dos antropólogos, distanciam-se imensamente enquanto dados válidos e comparáveis dentro da bagatela vestigial - objetos de cultura material e esqueletos humanos - que cabe aos arqueólogos.

Os estudos etnográficos das práticas mortuárias tem possibilitado a análise dos comportamentos e do simbolismo associados com os sepultamentos, pelo menos na visão de Bard(1994)⁸⁸, preocupada com o problema das análises mortuárias em seu estudo sobre a evolução social em cemitérios pré-dinásticos do Alto Egito. Pesquisas com populações vivas indicaram que os acompanhamentos funerários, por exemplo, não necessariamente representam signos de crença. Podem indicar, simplesmente, uma expressão visível da personalidade de uma pessoa ou constituírem objetos representativos de status social e de distinção ou não entre os gêneros (Arnold e Wicker, 2001)⁸⁹. Nesse sentido, as evidências etnográficas indicam que vários fatores funcionais determinam as formas de sepultamento, gerando diferentes pontos de vista. Assim, o cerimonialismo e as práticas associadas com um sepultamento podem não estar visíveis no contexto arqueológico, limitando as análises mortuárias.

Para White (1992)⁹⁰, a acurácia de qualquer reconstrução de atividades pré-históricas depende inteiramente de interpretações não ambíguas e que estejam baseadas em remanescentes materiais dispostos em seus contextos arqueológicos. Nesse sentido, incluindo a participação da etnologia e da etnohistória, o estudo das práticas mortuárias ocorre na interface da arqueologia, da bioarqueologia e da antropologia cultural:

⁸⁸ BARD, K A . From Framers to Pharaohs. Mortuary Evidence for the Rise of Complex Society in Egypt. In: KNAPP, A B (ed). *Monographs in Mediterranean Archaeology*, 2, Sheffield Academic Press, Oxford, p.29, 1994.

⁸⁹ ARNOLD, B. WICKER, N L. Introduction. In: ARNOLD, B., WICKER, N L (eds). *Gender and the Archaeology of Death*. Altamira Press. New York. P.vii-xxi, 2001.

Esquema 2 - Aspectos da multidisciplinaridade no estudo das práticas mortuárias adaptado de White (1992).

A arqueologia e o estudo de fontes documentais – cartas e publicações de cronistas, indigenistas, livros de registros de escravos, livros de óbito, de nascimento e de casamento e categorias diversas de documentos – são intercomplementares. Fontes documentais contém informações históricas que se encontram normalmente exageradas ou subtraídas nas observações escritas, dependendo dos preconceitos dos cronistas e do que alteraram para apresentar um acontecimento. As informações etnohistóricas podem ser "conferidas" através da escavação arqueológica:

(...) Such ethnohistorical information serves as a basis for the hypotheses that are corroborated or invalidated by excavation and archaeological evidence. Archaeology either validates the written information or demonstrates its unreliability (Moctezuma, 1987:185)⁹¹

Iniciando seu artigo, Becker(1986:31)⁹² considera ser de grande importância a regularidade das formas como os remanescentes humanos são diferentemente processados nas várias sociedades humanas: corpos íntegros ou completos seriam encontrados em contextos funerários *tradicionais* enquanto que corpos incompletos ou partes destes seriam encontradas em contextos *não-tradicionais*. Situações resultantes de práticas mortuárias *incomuns* estariam representadas pelo processamento de partes como o crânio e outros

⁹⁰ WHITE, T D. Prehistoric Cannibalism at Mancos SMTUMR – 2346, Princeton University Press, Oxford, p.7-8, 1992)

⁹¹ Autor citado em WHITE, ob cit. 1992, p. 18

⁹² BECKER, M J. Ana ethnographical and archaeological survey of unusual mortuary procedures as a reflection of cultural diversity (some suggestions for the interpretation of the human skeletal deposits from excavations at Entella, Sicily, Italy), p. 31-56, 1986

ossos separadamente do restante do corpo. Cada sociedade possui uma ou mais formas de processamento dos corpos dos seus mortos dependendo da idade, gênero ou do status social. Nesses casos, Becker recomenda o trabalho sobre *etnoarqueologia* de Kramer (1979)⁹³. Para compreender os sepultamentos simples de crânios do sítio Entella, na Sicília, Itália, Becker (1986) reuniu descrições de costumes mortuários que envolviam o tratamento diferenciado de vários ossos separados do esqueleto. Convém recordarmo-nos de sua classificação baseada em informações etnográficas produzidas sobre várias sociedades humanas:

Quadro 2 - Categorias e subcategorias de práticas mortuárias envolvendo a deposição diferenciada de partes do esqueleto em sociedades humanas diversas(Becker, 1986:36-42):

Resumo de práticas mortuárias envolvendo tratamento separado de partes do esqueleto (Becker, 1986:36-42)		
Categoria	Subcategoria	Bibliografia
I – Separação fortuita de ossos	I.A - Enterro de andaime (sepultura aérea): corpo suspenso do solo por vigamentos em postes, envolto em peles ou cestos, em barcas, esteiras ou redes, protegido dos animais. Com a decomposição, perdem-se pequenos ossos e posteriormente o restante do esqueleto é inumado: índios norte-americanos, os nootka da Costa Norte do Pacífico, os iroquianos e nanticokes norte-americanos.	Harrah e Harrah (1976:16) Barber (1877) Swan (1869)
	I.B – Morte por decapitação e crânios-troféus: o crânio é separado do restante do esqueleto e passa a ter funções específicas junto à sociedade. Esqueletos acéfalos ou cemitérios de crânios podem indicar o uso especial do crânio em práticas culturais diferenciadas – índios norte-americanos	Lodge, (1941):33
	I.C – Enterramento múltiplo de partes separadas do corpo: a distribuição de ossos em sepulturas distintas em um ou outros sítios – os papua da Nova Guiné, referências na mitologia grega.	Silas (1926:117)
II –Tumbas em câmaras, casas sepulcrais (carneiros) e igrejas decoradas.	Tumbas duplas reservam-se para o corpo e , posteriormente, para os ossos devido a falta de espaço . Ossos podem ser empregados na decoração interna de igrejas e santuários – Idade do Bronze em Creta, em Portugal, na Itália.	Becker (1975) Druce, (1930:55)
III –Tratamento separado do crânio/cabeça	III.A – Preservação da cabeça para a decoração de sua pele: os tradicionais pakipaki mahunga e mokamokai dos Maori	Best (1924)
	III.B – Uso de partes do crânio e outros ossos: objetos decorativos, funcionais e/ou rituais, como os crânios de Jericó; as calotas cranianas trabalhadas no Tibet e Austrália; ossos trabalhados entre os índios norte-americanos, entre os romanos.	Malinowski (1929:37) Davis (1867:259-60) Redmond(1982:24-29) Lindstrom (1925:241-245) Hoffman (1964:201-409) Young (1979) Wilford (1985)
	III.C – Enterro separado ou uso ritual do crânio: separação intencional dos crânios entre os maori, os yanomami no Brasil, entre os kyaka, huli, ngaing e hewa da Nova Guiné, os aré-aré das Ilhas Salomão.	Becker (1960:72; 1963) Best (1924) Seligman (1910:715) Steadman e Merbs (1982:619-620) Toth(1899) Coppet (1981:195)

Essas três categorias gerais podem ser usadas para indicar os modos por meio dos quais os grupos humanos dispõem diferentemente os seus mortos, além de enterrar ou queimar os cadáveres intactos. Essas categorias não são significativas para indicar

⁹³ KRAMER, C. (ed.) Ethnoarchaeology : Implications of ethnography for archaeology. Columbia University Press, New York, 1979.

categorias cognitivas diferentes e nem prover ordens regionais ou históricas aos resultados de uma pesquisa. Permitem, segundo Becker (1986), tabular as informações com facilidade. Ainda, no item III, o autor parece desconhecer o significativo estudo de Vignati(1930)⁹⁴ sobre os crânios troféus das sepulturas indígenas da Quebrada de Humahuaca, na América do Sul. Tecnicamente, existem dois tipos de cabeças-troféus confeccionados por grupos da América do Sul:

Quadro 3 - Tipos de preparação do cadáver (cabeça) entre grupos indígenas da América do Sul (Vignati (1930):

Tipos de cabeças-troféus confeccionados na América do Sul (Vignati, 1930)			
Tipo de cabeça troféu		Grupo de ref. etnográfica	
I - Sem preparo		<i>Guarani, Araukano, Guaikuru, Chiriguano, Matakó Jívaro</i>	
II – Com preparo	A – Cabeça inteira	A 1 – Desossada, descarnada, com a cabeleira, processo de redução	
		A 2 – Descarnada, com a pele, crânio e cabeleira de tamanho natural	<i>Munduruku</i> (crânio não-perfurado)
		A 3 – Descarnado, crânio limpo	<i>Naska</i> (crânio perfurado)
			<i>Parintintin</i> (sem perfuração)
	B – Parte da cabeça	A 4 - Sem desossar, sem descarnar, com perfurações	<i>Tikuna</i> (com perfuração)
		B 1 – Taças	<i>Humahuaca</i>
		B 2 – Escalpo	<i>Índios do Chaco, Araukano, Inka</i>
			<i>Índios do Chaco</i>

Ref: Baldus, H, 1954:747-748 e Vignati, M A, 1930

O uso de paralelos etnográficos torna-se possível em casos muito excepcionais nos quais existe uma estreita correlação entre determinados atos de um grupo indígena estudados pelo antropólogo e os remanescentes de atos de uma cultura extinta. Nesses casos podem ser sugeridos procedimentos possíveis, a partir da cultura de um grupo etnográfico, que possam resultar em traços caracterizadores da cultura extinta.

Fazendo uso de dados etnológicos obtidos de populações etnográficas para estimular nossa imaginação a sugerir um conjunto de instituições religiosas e a vida espiritual que populações extintas tiveram ou poderiam ter tido, deparamo-nos com a impossibilidade de uma real conexão entre o *moderno* e o *pré-histórico*. Trata-se de uma questão que interessa

⁹⁴ VIGNATI, M A . Los cráneos trofeo de las sepulturas indígenas de la Quebrada de Humahuaca. Facultad de Filosofía y Letras: Archivos del Museo Etnográfico , Buenos Aires, n.1, 1930, 165pp.

a uma análise de discurso e do próprio objetivo do fazer arqueológico em relação a sociedade, ao seu próprio contexto social.

O conhecido (histórico, etnograficamente registrado) e o desconhecido (pré-histórico, o extinto) podem encontrar convergência em determinadas práticas culturais dentro de uma área em particular. Métodos comparativos diretos em antropologia normalmente costumam englobar uma variedade de respostas culturais encontradas em diferentes áreas e com cronologias distintas, considerando problemas e situações que são comuns à existência humana. Entretanto, no primeiro caso, tornar-se-ia necessário lidar com o conceito de continuidade cultural restrita e definida geograficamente. Enquanto que no segundo caso, as sociedades são estáticas e as situações sociais podem resultar em soluções ou respostas culturais similares ou diferentes, independentemente da localização geográfica e dos grupos humanos em questão. Há um denominador comum entre eles: a experiência humana, que poderia ser considerada igualmente em irrestritos grupos humanos.(Ucko, 1969)⁹⁵.

Um dado arqueológico de contexto, normalmente, apresenta um leque de possibilidades ditadas pelos registros etnográficos, quer sob o ponto de vista dos *difusionistas* quer dos *invencionistas* de Ucko(1969:263). Uma multiplicidade de explicações possíveis de um grupo particular de dados arqueológicos é gerada. O emprego de dados etnográficos por parte do antropólogo ou do historiador reflete uma maneira de se estudar culturas que poderia refletir um modo de se produzir arqueologia. Os primeiros lidam com aspectos da cultura que não estão diretamente manifestados nos remanescentes arqueológicos representados pelo material ósseo, as estruturas funerárias e o contexto e resultado da deposição dos mortos. A distinção portanto, entre indivíduos *pobres* e *ricos* dentro de uma sociedade extinta, antes de ser mensurada pela presença ou quantidade de

acompanhamentos funerários, poderia ser cotejada com distinções entre as mesmas categorias sociais em grupos etnograficamente descritos. Determinados tipos de adornos ou formas de redução do corpo – queima, desarticulação, canibalismo – podem funcionar como indicadores de atividades, elementos indiciais de atos, gênero, doença, prestígio ou exclusão social, formas de subsistência, contato, guerra e mudança no interior das sociedades. Interessa *a priori*, a regularidade de determinadas práticas.

Tem sido de grande importância aos arqueólogos as formas regulares pelas quais os remanescentes humanos são diferentemente processados nas várias sociedades humanas. Tomemos o breve exemplo descrito no século XVIII pelo padre José Sanchez Labrador a respeito de práticas mortuárias entre os índios guaikuru, antepassados dos kaduveu⁹⁶ :

*Al cabo de algún tiempo, cuanto juzgan suficiente para que, podrida e consumida la carne queden los huesos, salen los parientes á recogerlos. Llévanlos al común carnero ó enterramiento, y después unidos en los toldos, hacen el duelo (Labrador, 1910:47)*⁹⁷

Nesse caso, a integridade do corpo humano durante o programa mortuário é uma questão básica. A descoberta de remanescentes humanos em contextos não tradicionais pode representar problemas aos arqueólogos. O dado etnográfico sobre a forma de deposição secundária fornecida através da descrição de Labrador(1910) distancia-se temporal-espacialmente e sócio-culturalmente quando cotejado com informações arqueológicas de grupos pré-históricos.

Esses grupos pré-históricos constituiriam em grupos de pessoas vinculados a fenômenos psicológicos e sociais associados a uma identidade culturalmente construída. Nesses grupos, diferenciados entre si por suas percepções e diferenciações comuns quanto a cultura e/ou a descendência, existe a oposição mútua, identificação e interação com a

⁹⁵ Ver controvérsias erigidas durante a Conferência The Interpretation of Funerary Evidence, da The Prehistoric Society , proferida entre 21 e 23 de março de 1969, em Londres (UCKO, P. Ethnography and archaeological interpretation of funerary remains, World Archaeology, v.1, p.262-280, 1969)

⁹⁶ A esse respeito ver BALDUS, H. Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira, São Paulo, p. 136, 1954.

existência de uma autoconceitualização de cada pessoa que os compõem. Cada pessoa constitui-se em unidade importante no grupo, participando da formação de identidades étnicas, do próprio grupo étnico e da sua etnicidade. Os delineamentos significativos entre sistemas sociais podem não coincidir com os delineamentos culturais, resultando em grupos com diferentes culturas, mas participantes de um mesmo sistema social (Schiavetto, 2003:70). Nesse sentido, práticas funerárias caracterizadoras de um grupo étnico podem ser diferentes daquelas encontradas em outro grupo, em uma mesma região geográfica, sem contudo, indicarem que esses dois grupos pertençam a sistemas sociais distintos.

Encontrando-nos novamente em contextos não tradicionais de deposição funerária, os dados da etnografia contribuem para a inferência de possibilidades sobre as práticas envolvidas nos sepultamentos temporários e nos secundários. Os temporários ou os *temporary burials* (Ucko, 1969:269) podem ser interpretados como indicadores ou satélites de esposas, escravos e sacrificados que foram realizados fora do assentamento do grupo. Quando há um lapso de tempo considerável, de muitos anos, entre o funeral e um segundo sepultamento, prática etnográfica comum, temos o *second burial*. No interior do lapso de tempo entre a morte e o funeral ou ainda, como parte do funeral, o tratamento do corpo do falecido ocorre em pelo menos duas etapas que resultam em um primeiro sepultamento temporário e em um segundo, o definitivo, denominado secundário e que finda a parcela das práticas mortuárias relacionada com a inumação. O sepultamento secundário implica na presença de uma etapa de preparação do corpo que resulta em sua redução (por descarnamento, desmembramento, queima) ou rearticulação em uma cova permanente. Esse tipo de sepultamento, descrito por Baldus e Willems (1939), Cruz (1944), Hensel (1869) e Boggiani (1930), é recorrente na literatura etnográfica: em relação a um membro do grupo, este é enterrado até o apodrecimento das carnes em um primeiro sepultamento e,

⁹⁷ LABRADOR, José Sanchez. El Paraguay Católico, II, Buenos Aires, p. 47, 1910.

posteriormente seus ossos são exumados e enterrados em outro sepultamento permanente, secundário⁹⁸. Entretanto o sepultamento secundário, caracterizado pela secundidade da deposição e , por isso, pela desarticulação do esqueleto – no contexto da escavação arqueológica – parece nem sempre ser secundário. Quando uma das etapas de preparação do corpo envolve a redução do corpo pela retirada das partes moles⁹⁹ que inclui uma inumação primária, o sepultamento final, em urna ou em outros recipientes como cestos, peles, sob carapaças de animais denomina-se secundário. O termo *sepultura secundaria*, empregado por Baldus e Willems (1939) refere-se a uma segunda deposição do corpo, derradeira, e que carrega em si traços de uma inumação anterior, ou melhor, de um processo de redução que foi resultante de inumação, como a desarticulação do esqueleto: arranjo dos ossos em fardo, agrupamento de fragmentos calcinados ou aglomerado de ossos quebrados, ossos rearticulados. Temos:

Secondary burial, that is to say the transfer of the bones of a dead person after an interval of time to a second place of interment or to the hut, was very widespread in South America(...) There was (...) a wide variety of forms of secondary burial (Métraux, 1947:14).

No contexto arqueológico, o número, sexo e idade dos indivíduos encontrados em uma estrutura funerária constituem dados que irão influenciar na interpretação do que foi selecionado para ser enterrado em uma área particular, se somente uma parcela selecionada da população recebia tratamento para o funeral e posterior sepultamento. Os corpos de alguns estariam fadados a uma melhor preservação do que a maioria de uma população, resultando em deficiência de cálculos demográficos (Ucko 1969:269). O abandono do corpo é simplesmente uma das muitas formas de deposição do morto (Ucko, 1969:270).

⁹⁸ HENSEL, Reinhold . Die Coroados der Brasilianischen Provinz Rio Grande do Sul. Zeitschrift fur Ethnologie, I, Berlin, p. 124-135, 1869; CRUZ, Manuel. O Cemitério dos Boróros. Revista do Arquivo Municipal XCVIII, São Paulo, p. 127-130, 1944; BOGGIANI, Guido, Viajes de un artista por la América meridional. Los Caduveos. Expedición al río Nabileque, en la región de las grandes cacerías de venados, Mato Grosso (Brasil). Revista del Instituto de Etnología de la Universidad Nacional de Tucumán, t.I, 3ª ed, Tucumán p.495-556, 1930; BALDUS, Herbert, WILLEMS, Emilio. Dicionário de Etnologia e Sociologia. Biblioteca pedagógica brasileira, série 4, Iniciação científica, v.17, São Paulo, 1939, 245pp.

Etnograficamente, uma cultura ou sociedade não é caracterizada somente por um tipo de sepultamento, mas sim por várias diferentes formas de deposição e estas podem estar correlacionadas com o *status* (social, econômico, político, religioso, etário, cultural, genético e/ou sexual) do morto:

"(...) burial customs in society after society reflect different categories of people, categories which are sometimes defined on purely social grounds and sometimes on physical characteristics which may, of course, also have an associated social definition. Furthermore, these differences are reflected not only in the use of different places for burial but also in such funerary features as the degree of elaboration of rites, the types of grave construction used, the different forms of orientation of the bodies, different degree of contraction or 'flexure' (Sprague 1968:481) of the body, the use of cenotaph as opposed to tomb, or the absence of any form of burial"(Ucko, 1969:270)

As diferenças - idades, sexos, status religioso, econômico, político, tipo de morte - entre os indivíduos em uma sociedade não caracterizam-se somente pela forma diferenciada de sepultamento mas, também pelos acompanhamentos funerários, elaboração dos ritos que se seguem no funeral, características da cova, formas de orientação e disposição dos corpos ou mesmo pela ausência de qualquer forma de sepultamento. Os costumes mortuários em muitas sociedades podem distinguir ou discriminar crianças de adultos. Nesse aspecto, as informações etnográficas e históricas podem inferir sobre a existência dessa questão – a discriminação entre os grupos etários em dado costume mortuário - influenciando no sistema interpretativo adotado pelo arqueólogo. Abaixo uma tabela com exemplos sugeridos por Peter Ucko referentes ao sepultamento de crianças em cinco populações humanas distintas:

⁹⁹ Maceração do corpo por ação das águas e biológica; maceração por ação biológica por inumação temporária; queima e quebra dos ossos ; maceração por imersão ou inumação seguida de descarnamento, entre outros.

Quadro 4 – Exemplos etnográficos e históricos sobre o tratamento mortuário diferenciado das crianças em distintas sociedades (Ucko, 1969:270-271):

Local, grupo humano, etnia	Tratamentos mortuários de crianças (Ucko, 1969)			Bibliografia
	Grupo etário	Prática mortuária		
Roma	Recém-nascidos (sem dentes eclodidos)	Sepultamento inexistente		Nock, 1932:322
Shona	Recém-nascidos e crianças mais velhas	Sepulturas próximas de área inundável, distante do resto da população		Ballock, 1950:175
Murngin	Recém-nascidos, crianças mais novas, crianças mais velhas	Os recém nascidos não são sepultados, as crianças novas são sepultadas no campo e as mais velhas na periferia dos campos		Warner, 1964:424-5
Ghanaian	Crianças	"were placed at crossroads, a place of dispersal to help scatter the potentially annoying habits of individuals who were, by their age, still only incipient human beings"		Goody, 1962:148
Ashanti	Qualquer criança que tenha morrido com cerca de oito dias de idade	É sepultada em um pote, dentro de uma latrina, "for he was in fact just a ghost child and had no real intention of staying in this world"		Rattray, 1959:59-60

Entre vários grupos humanos, a deposição de recém-nascidos e crianças jovens está caracterizada pela ausência, pela negligência ou superficialidade de ritual funerário. Este fato parece estar associado as altas taxas de natalidade infantil encontradas entre povos indígenas e mesmo entre populações pré-históricas¹⁰⁰. Muitas sociedades somente aceitam ou aceitavam a criança como um humano socialmente formado, aceito, somente depois de uma certa idade, com ou sem os respectivos rituais de passagem (Ucko, 1969:271). Os corpos das crianças são depositados no interior das habitações para facilitar seus renascimentos (Bendann, 1969:54).

O uso da etnografia, especialmente a africana, pode servir para lembrar ao arqueólogo que nas sociedades podem existir várias outras categorias, além das crianças, que são submetidas a diferentes formas de sepultamento em relação ao restante da população. Essas categorias, segundo Ucko (1967:271), estariam representadas pelos leprosos, pelos que morreram em consequência de relâmpagos, durante o parto, por morte violenta no campo de batalha, por afogamento, morte por varíola, hidropsia, os feiticeiros,

¹⁰⁰ No sambaqui Piaçaguera, Baixada Santista, Estado de São Paulo, objeto de nosso estudo, não verificamos sinais de descuido ou rápidas e despreocupadas inumações. As crianças e jovens encontravam-se em covas, dispostos como os adultos, acompanhados de grande

os gêmeos, os sacerdotes, os chefes –caciques, o homicida, suicida e o ancião. Entre os *nandi*, nilo-hamitas da África oriental (Ucko, 1969:271), caracterizados por práticas funerárias particulares que resultam na exposição dos corpos dos mortos às hienas, inumam os indivíduos muito idosos e os recém-nascidos devido as associações sobrenaturais/espirituais existentes entre essas categorias e a hiena. Diferentes métodos de deposição do corpo podem aparecer ao mesmo tempo, sendo instigados por variados motivos e causas representando, também, indicadores de diferenças culturais decorrentes de migrações sucessivas.

Diferentes categorias de pessoas e tipos de morte em dada sociedade podem resultar em formas distintas de sepultamento: as inumações isoladas e os sepultamentos irrealizados (abandono). O tratamento dado ao corpo pode variar entre as sociedades humanas para cada tipo de morte: em cada categoria - sexo, idade, status - associada com o tipo de morte - natural ou violenta - o corpo pode ser tratado de maneira diferente da que prescrevem os costumes. Esses tipos de morte podem ser em decorrência da guerra (morte violenta ou a boa morte); natural; por epidemias; ocasionada durante o parto nas mulheres; pela ação de um raio ou animal; por suicídio; das crianças durante o parto ou logo após o nascimento; a morte de um inimigo; morte por castigos vários; por homicídio (Becker, 1994)¹⁰¹ Torna-se necessário um refinamento por parte dos arqueólogos das suas definições e terminologias para descrever tais fatores como a flexão do corpo, provável indicador de diferenças socialmente significativas na prática mortuária. Pode ser mais significativa a direção do eixo crânio-bacia do que a direção da face, normalmente alterada durante o processo de decomposição cadavérica. A localização dos corpos em relação a um assentamento principal, a um astro ou formação específica do relevo implicam não no direcionamento da

número de adornos e corante vermelho. Em determinados casos, mesmo como fetos ou crianças maiores, acompanhavam adultos em sepultamentos duplos ou triplos, ora com outras crianças.

¹⁰¹ BECKER, I I B. Formas de enterramento e ritos funerários entre as populações pré-históricas. Revista de Arqueologia, São Paulo, 8(1):61-74, 1994.

face ou do corpo, mas na existência de uma área escolhida para as deposições. A cabeça pode estar orientada ao sul e os pés ao norte. O morto está de fato orientado para ver o norte, para a terra dos mortos; disposto paralelamente a um rio/travessia; voltado para o grupo dos vivos; voltado a um santuário. Pode ocorrer, como na Nigéria e Gana, variabilidade de orientação da face de acordo com o sexo (Ucko, 1969:272).

Devido a variabilidade que existe entre duas culturas e mesmo no interior de uma mesma cultura, torna-se importante considerar as seguintes questões: os arqueólogos aceitam a dificuldade no emprego dos costumes funerários para identificar diferentes grupos de pessoas, mas, entretanto, estariam corretos em assumir que as práticas mortuárias são uma classe de traços que podem ser tratados como diagnósticos de diferentes culturas e mesmo sobre aspectos de contato e mudança culturais?. Os procedimentos e estruturas funerárias não serviriam para distinguir totalmente diferentes culturas pois uma mesma população usa diferentes modos e técnicas para sepultar seus mortos? Os sepultamentos envolvem os mais conservadores dos ritos entre as sociedades? Etnograficamente,

(...) and there would seen little necessity to assume a different situation in prehistory, one of the features characterizing burial rites is their speed of change and their relative instability (Ucko, 1969:273)

Nesse sentido, a distribuição dos costumes de inumação e cremação entre os grupos indígenas californianos não mostra significância se comparada aos demais traços culturais, ajustando-se ou conformando-se aos mesmos na própria área e sendo irregular em si mesma (Kroeber, 1927). Não há acordo entre essas duas formas de costumes, conectados à morte, que possam ajudar a definir áreas culturais. Na África e Austrália existe uma infinita variedade de costumes funerários e áreas em que vários métodos coexistem em um mesmo grupo étnico, e um mesmo método tem diferentes aplicações em diferentes grupos. Essas variações entre populações adjacentes e as numerosas instâncias de coexistência de várias

práticas no interior de um grupo constitui um argumento a favor da instabilidade das práticas mortuárias (Kroeber, 1927: 313). Etnograficamente, no interior de uma mesma população, pode ocorrer a prática da cremação para uma parcela de indivíduos e da inumação para outra (Macleod, 1965:129). Tanto a cremação quanto a inumação seriam, incluindo impropriamente os conceitos "materialismo" e "espiritualismo", reflexos de formas distintas de rituais:

Quadro 5 - Práticas mortuárias da inumação e cremação e suas implicações rituais (Broholm, 1944; Ucko, 1964)

Prática mortuária	Implicações rituais
Inumação	Forma ritual "materialista"
Cremação	Reflexo de uma forma ritual voltada ao "espiritualismo"

(Modificado de Broholm, 1944:291 e Ucko, 1969:274)

Uma das duas formas acima, inumação ou cremação, independentemente do seu caráter "materialista" ou "espiritualista", pode oferecer um diagnóstico como traço cultural mais significativo do que os caracteres específicos como flexão dos membros inferiores ou superiores em um esqueleto inumado. O mesmo ocorre com as proporções variáveis de diferentes práticas de sepultamento dentro de um grupo ou área particular (Ucko, 1969:275). A diferenciação de sepultamentos em contexto arqueológico sempre ocorre de forma fracionada ou, às vezes, inconsistente:

(...) the range of possibilities of different forms of burial is in any case not very large, and it is especially small when considered from the point of view of what is visible in the archaeological record (...) The interpretations of the significance of the physical remains will also have to be refined (Ucko, 1969:275)

Nos sepultamentos, itens aparentemente estáticos descobertos durante uma escavação arqueológica, estão intrincados os resultados de vários processos sociais. Nesse sentido torna-se necessário o estudo da estratigrafia horizontal, cronologia das covas e características dos acompanhamentos funerários. Assim, novamente, etnograficamente,

(...) the funerary record also warns us against being too negative, for clearly at any given moment burial practices may in some way characterize particular societies. Ethnography suggests that the archaeologist may perhaps still have further to define and refine his methods of analysing funerary material (Ucko, 1969:275)

Exemplos arqueológicos e etnográficos podem informar sobre as categorias de evidências funerárias, sugerindo contatos culturais e demonstrando a diversidade do comportamento humano. O emprego de dados etnográficos em análises arqueológicas das práticas mortuárias representa uma forma de instrumentalização metodológica voltada ao entendimento dos contextos funerários tradicionais e não tradicionais.

O uso primário de paralelos etnográficos (Ucko, 1969) na interpretação de remanescentes funerários pode ser feito em casos excepcionais onde registra-se correlação entre determinados resultados de práticas de um grupo etnográfico e os remanescentes de um grupo pré-histórico. Procedimentos sugeridos pelo estudo da cultura observada etnograficamente/historicamente resultam em inferências de traços possivelmente caracterizadores da cultura observada arqueologicamente. A conexão entre o moderno e o pré-histórico pode ser construída com o uso de informações conhecidas (historicamente, etnograficamente) e de desconhecidas (o pré-histórico) e sua relação de convergência de práticas mortuárias dentro de um determinado período de tempo e em uma área geográfica particular, onde se observam sobreposições sucessivas de estratos, dos mais antigos aos mais recentes. Por outro lado pode ser empregado o método comparativo direto: diferentes áreas e diferentes cronologias dos assentamentos humanos, situações sociais que possam resultarem soluções culturais similares ou diferentes, independente da situação geográfica desses grupos. No contexto das práticas mortuárias os ritos de sepultamento são conhecidos pela mudança frequente em muitas situações, com várias possibilidades funcionais da disposição diferenciada do morto, especialmente no contexto arqueológico ocorre em

pequeno número e pode representar mudanças abruptas e particularmente significativas. Quando são consideradas as informações etnográficas sobre práticas culturais, o resultado é uma multiplicidade de explicações possíveis de um dado arqueológico específico. Etnograficamente as explicações dos contextos arqueológicos não são simples. O grau de dificuldade interpretativa aumenta no sentido da aplicação de dados etnográficos gerais (referentes ao comportamento humano em sociedades correlatas) para os supostamente relacionados a um grupo pré-histórico.

Cada informação etnográfica serve como base a hipóteses que podem ser confirmadas ou invalidadas pela escavação e a evidência arqueológica. Assim, a arqueologia se faz (pode) validar pela informação escrita de carácter etnohistórico. Questões relacionadas a prática do canibalismo e posterior contexto arqueológico de seus vestígios foram formuladas por White (1992) a partir de uma amostra de bibliografia histórica, etnográfica e arqueológica que abrange a Nova Guiné e o Pacífico, a Austrália, África, Europa, Caribe, Mesoamérica, América do Norte, México e a América do Sul. Ossos com sinais de queima, de corte e raspagem, de mordidas, com diáfises intencionalmente quebradas, variado número de indivíduos num mesmo conglomerado de vestígios e com determinadas formas de deposição resultantes de um número limitado de eventos ou episódios caracterizariam possíveis práticas de canibalismo entre a população de Mancos 5MTUMR-2346, no sudoeste do Colorado. Na América do Sul os estudos das práticas de canibalismo não são levados a sério(White, 1992:24).

Através de uma amostragem bibliográfica de fins do séc. XIX a primeira metade do XX, foram extraídas informações narrativas sobre parcelas técnicas das práticas mortuárias realizadas pelas populações indígenas brasileiras. Nessa amostragem não foram consideradas as informações sobre a idade, sexo, status e tipo de morte, senão eventualmente. Tal busca tornar-se-ia muito mais extensiva e na maioria das fontes muito

incompleta ou mesmo inexistente. Essa forma de abordagem dos dados etnográficos, usados para contextualizar eventos similares entre grupos humanos e como inferências às interpretações de ocorrências arqueológicas de caráter funerário pode ser encontrada em Ucko (1969), Becker (1986), White (1992)¹⁰², Métraux (1947) e Steward (1963)¹⁰³:

Quadro 6 - Relação de características técnicas das práticas mortuárias entre populações indígenas brasileiras de acordo com bibliografia etnográfica:

Grupo e localização (nomenclatura dos autores)	Práticas mortuárias (parcelas técnicas)	Bibliografia
Apiacá	(...) <i>exhumed the bones a year after death. The basket with the bones was wrapped in a hammock which hung from the rafters opposite the compartment occupied by the deceased during his lifetime. When the hammock had rotted away, the bones were reinterred in the former grave and henceforth were forgotten.</i>	Idem, p.14
Apinayé	(...) the bones were disinterred by those who stood in kramgedy relationship to the deceased person. The bones were carried to the dead man's maternal home in front of which they were washed. <u>The dried bones were painted with urucu, placed in a burying bag and reburied.</u> (...) <u>brought food to the grave only if the dead person had not eaten for several days before his death.</u>	Nimuendajú, 1939:152-153 Métraux, 1947:15, 26
Arapium(?), (rio Tapajoz)	(...) <i>roasted the corpses of their dead in a special hut and ate them. The pulverized bones were thrown into beer and drunk by the relatives and others.</i>	Heriarte, 1874: 36-37 Métraux, 1947:24
Araweté (Amazônia oriental, Brasil)	Ocorre o (...) <i>enterramento diferencial por idade; crianças pequenas são enterradas dentro de casa ou próximo a ela; aquelas já um pouco maiores o são na capoeira próxima, junto ao fundo da casa paterna. Os adultos são enterrados longe, a pelo menos 500m da aldeia, ao longo de trilhas de caça que serão abandonadas.</i> (...) <i>São feitas covas circulares, forradas de esteiras de babaçu velhas; o cadáver, dentro da rede, é acomodado deitado, de lado, com pernas fletidas, um dos braços sob a cabeça, o outro cruzado sobre o peito.</i> (...) <i>Seu rosto deve ficar virado para o poente, pois o caminho de subida da alma até o céu se estende a sul.</i> (...) <i>a direção do corpo é indiferente. Sobre o corpo se põe outra esteira ou pano velho, e então se cobre de terra; as covas são abertas após alguns meses para inspeções minuciosas para garantir que as carnes se foram. As covas permanecem abertas e tratadas com indiferença.</i> (...)	Gaspar, 1994-95:227 Viveiros de Castro, 1986:485-486, 490 ¹⁰⁴
Aturé	Humboldt teria encontrado cerca de 600 cestos feitos com cabos de folhas de palmeira, que continham, como que arrumados em um saco quadrangular, esqueletos pintados de urucú. "(...) também os Aturé depositavam os seus cadáveres primeiramente na terra, durante algum tempo, deixando decompor-se a carne, limpando bem os esqueletos com pedras afiadas depositando-os nos cestos. Uma porção de mortos também era já inumada em urnas de asas".	Steinen, K von den, 1940: 640.
Aweikoma-Caingang, (long. 50° W, entre lat. 20° a 30°S)	(...) <i>forman un género de cementerio, que conservan muy limpio; y en él abren sus sepulturas, y en enterrando á alguno, ponen sobre cada una un montón de tierra en figura piramidal, en cuyo remate sientan un medio calabazo, y al pié conservan de continuo un fuego lento que van a cebar todos los dias com leña muy tenue, sus mas cercanos parientes. El calabazo, dicen, es para que no falte al difunto com que beber, si le afligiere la sed; y el fuego para que ahuyente las moscas.</i>	Lozano, 1873-1874, 423 ¹⁰⁵

¹⁰² WHITE, T D . Prehistoric Cannibalism at Mancos 5MTUMR-2346. Princeton University Press. 1992

¹⁰³ MÉTRAUX, A . Mourning Rites and Burial Forms of the South American Indians . América Indígena, México, VII, n.1, p.7-44, 1947; STEWARD, J H (ed.). Handbook of South American Indians. The Marginal Tribes, Cooper Square Publishers Inc, New York, v.1, 1963.

¹⁰⁴ VIVEIROS DE CASTRO, E. Araweté os deuses canibais. Jorge Zahar Editora/ANPOCS, Rio de Janeiro, 1986.

¹⁰⁵ LOZANO, P. Historia de la conquista del Paraguay, Río de la Plata y Tucuman. Biblioteca del Río de la Plata, Andres Lamas , Buenos Aires, v.1, 1873-74.

Aweikoma-Caingang, (long. 50° W, entre lat. 20° a 30°S)	(...) <i>cremated the dead and later collected and buried the bones, along with part of the deceased's property. After a cremation, they extinguished their fires and drilled fire anew. (...) One cemetery had two central tumuli, 10 to 20 feet by 18 to 25 feet (3 to 6 m. by 5,5 to 7,5m.) surrounded by vertically walled ditches. (...) the grave is periodically visited to renew the mound and to hold a memorial service with lamentations, dancing, chanting, and drinking. For several years, at dawn and dusk the relatives of a dead person utter funeral laments. In days of old if a person died far away from his village, his companions interred his body on the spot but kept his head in a pot. On returning home they celebrated a funeral ceremony and buried the head in the communal cemetery.</i>	Métraux, 1963:465 ¹⁰⁶
Aweikóma-Caingang, (Santa Catarina)	(...) <i>to have burned their dead (...) burned their dead on a pyre and buried the bones, which were collected in a basket, in a grave over which a small hut was built.</i>	Métraux, 1947:19-20 Henry, 1940:185-188
Bororo	Presença de sufocamento do moribundo: a morte tem dia previsto e é determinada pelo Barí. (...) <i>o morto é envolvido numa esteira com os objetos que lhe pertenciam, inclusive o arco e as flechas quebrados.(...) A sepultura, de 30 a 40 centímetros de profundidade, é cavada próximo ao baimannagegeu. Nela é depositado temporariamente o morto, coberto de terra e água, (...) Diariamente os parentes vêm lançar água à sepultura, para apressar a putrefação do corpo e poderem retirar os ossos(...) Duas semanas depois (...) o morto é desenterrado, ainda putrefeito, e os ossos são extraídos e lavados no rio próximo. É organizada uma refeição social(...) Os ossos são então pintados de urucú e ornados com as côres do clan do morto: O crânio é também adornado cuidadosamente com penas. Tudo é colocado num cesto, também ornado com as côres do clan, e na manhã seguinte, os ossos dentro do cesto, são entregues à sua sepultura definitiva, no rio próximo ou num lago, mas sempre num lugar determinado, o aroe gari, ou morada das almas.</i>	Ramos, 1951: 181-182 ¹⁰⁷
Bororo, (de Jaurú)	As solenidade de luto e enterro realizam-se no centro da aldeia. <u>O corpo fica inumado durante seis meses, sendo os ossos exumados e limpos (todos os ossos).</u> "O cadáver fica durante três dias no seu leito, sem que ninguém toque nele, até que a decomposição, já muito adiantada, produza um fétido nauseante; no Terceiro dia, o defunto é envolto em peles, esteiras e folhas verdes, depois do que é posto na cova, sendo esta recoberta com Terra, folhas de palmeira e esteiras". <u>Cada osso é coberto por penas coloridas. O crânio é decorado com penas de arara e outros pássaros.</u> As cerimônias fúnebres duram várias semanas, ao fim das quais <u>os ossos são inumados novamente dentro de uma urna</u> (no caso de um ancião).	Steinen, K v den, 1940: 639
Bororo, (Rio São Lourenço)	Presença de (...) <i>dupla inumação (...) que consiste em colocar, primeiro, o cadáver num fosso coberto com ramos, no centro da aldeia, até que as carnes tenham apodrecido, e, depois, em lavar as ossadas no rio, pendurá-las e ornamentá-las com mosaicos de plumas coladas, antes de as imergir, dentro de um cesto, no fundo de um lago ou num curso d'água.</i>	Lévi-Strauss, 1955 (1993):218 ¹⁰⁸
Bororo, (de São Lourenço)	"A primeira inumação efetua-se no segundo ou terceiro dia, quando, pela decomposição, não há mais dúvida da morte. O cadáver é enterrado no mato, perto de água, e descarnado mais ou menos depois de quinze dias, celebrando-se então a cerimônia principal, cujo fim é enfeitar e arrumar o esqueleto. Nesse interim, mantém-se relações com o morto, tanto durante o dia, como também, e sobretudo, durante a noite, no baíto, por meio de cantos de lamentação(...)" "Os moços (...) pintavam primeiro o <u>maxilar inferior com urucú</u> , envolvendo-o depois com penugens brancas. Ao lado, tinham eles urucú num casco de tatú, um potezinho com óleo de peixe, uma concha com resina, uma esteira com peninhas brancas sôltas e uma grande tijela de barro cheia de peninhas de cor púrpura. O cesto novo foi pintado por dentro e por fora com urucú, e, enquanto uns grudavam penas no cesto, os outros cuidavam do crânio, <u>encaixando-lhe primeiro o maxilar e</u>	Steinen, K von den, 1940:640, 643

¹⁰⁶ MÉTRAUX, A. The Caingang. In: STEWARD, J H. (ed). Handbook of South American Indians. The Marginal Tribes. Cooper Square Publishers, New York, v.i, p.445-475, 1963.

¹⁰⁷ RAMOS, A. Introdução à Antropologia Brasileira. As culturas não-europeias. Coleção Estudos Brasileiros. CEB, Rio de Janeiro, v.1, 1951.

¹⁰⁸ LÉVI-STRAUSS, C. Tristes Trópicos. Edições 70, Lisboa, 1993(1955).

	<p>enfeitando-o depois meticulosamente com as aludidas peninhas de côr púrpura, a começar do occipital. Cada peninha era umedecida de resina por meio de uma vareta e colocada cada uma de per si".</p> <p><u>Os cestos com ossos são inumados em ilhotas de rios.</u></p>	
Bororo, (Mato Grosso)	<p>Emprego de <i>disinterment</i> e posterior <i>reburial of bones</i>. Esses índios (...) <i>buried their dead when decay set in. After 14 days they unearthed the remains in an imposing ceremony in which one man impersonated the deceased while two others, representing ghosts, destroyed all his property. After being carried in a procession the bones were painted with urucu and the skull was covered with feathers glued with wax. So trimmed the bones were placed in a basket and carried to the chief mourner who, a few days later, went to the forest to bury them, followed by other mourners who whirled their bull roarers.</i></p> <p>(...) <i>erased the foot prints of those who took the bones to the bush.</i></p>	Métraux, 1947:15,37
Bororo, (Mato Grosso)	<p>Presença de homicídios piedosos ou eutanásia pelos <i>mercy killings</i>.</p>	Steinen, K von den, 1894:460 Métraux, 1947:9
Bororo, (rio das Garças)	<p><i>The corpse is covered and must no longer be seen by the women and children(...) The dead person is wrapped and tied in a mat with all his possessions, including his broken bow and arrows(...) For a fortnight chanting continues in the mourner's hut, then the flesh is removed from the corpse(...) Thus the funeral rites involve a boy's initiation(...) The bones are painted with urucú, then the man's clan colors are put on in feathers(...) The skull is decorated with feathers and shown to the mourners, then all the bones are put into the basket(...) The next morning the hunter, impersonating the dead man, and the mourners bury the basket in a stream at a depth of several meters, with a stick projecting above the water. On the São Lourenço River the corpse is interred in the woods 2 or 3 days after death, and the ultimate fleshing and disposal of the bones occurs a fortnight later.</i></p>	Lowie, R H., 1963, p.430-431 ¹⁰⁹
Bororos, (aldeia de Toripáru ou Toriparu)	<p><i>Hoje, ainda(...) sepultam, na forma do costume, as ossadas dos seus mortos em pântano vizinho, depois de tê-los descarnado.</i></p>	Baldus, H, 1979:173 ¹¹⁰
Bororos, (aldeia de Toripáru ou Toriparu)	<p>Os autores referem-se a uma <u>área de brejo</u> na qual os habitantes da aldeia de Toripáru depositavam os ossos dos mortos, descrevendo aspectos das <u>sepulturas secundárias</u>.</p>	Cruz, M., 1944 ¹¹¹ Baldus, H, 1954: 193-194
Botocudo	<p>(...) <i>nomadic groups, abandonment of the very old and the hopelessly sick often is an unavoidable necessity.</i></p> <p>(...) <i>are said to have trimmed the structures raised on the graves with feathers and skins.</i></p> <p>(...) <i>a fire was kept on or near the grave for several days or weeks(...) are reported to have built fires to prevent the goss from returning to the graves.</i></p>	Métraux, 1947:8, 25, 26
Botocudo(Aimboré, Amburé, Aimoré, Guerens, Borum) , (Ilhéus, Porto Seguro, migrando para o interior do Estado - lat. 18° S, long. 42° W)	<p>(...) <i>tied the hands of the deceased and buried him in na extended position. After the grave had been filled, it was covered with sticks and a fire was built on both sides to keep the bad spirits at bay. For a prominent person, a small cabin was erected above the sepulcher. On the other hand, (...) reports interment in a flexed position in a shallow hole, over which a square and flimsy shed was built. The surroundings were cleared and feathers and animal hair attached to the shed. Again, (...) abandoned the corpse in the dwelling or left it in the forest a few belongings. (...) From the bones of the corpse rise ghosts (nandýong or nanitong) , which reside in an underworld where the sun shines during the terrestrial night. Although the marét chase returning spooks away on sight, a nandýong occasionally appears to human beings, whose safety lies in bodily thrashing the apparition. Women are thus the principal sufferers from ghosts' attacks..</i></p>	Métraux, 1963:537-539 ¹¹² Saint-Hilaire, 1830-51:161 ¹¹³ Manizer, 1919:264 ¹¹⁴

¹⁰⁹ LOWIE, R H . The Bororo. In: STEWARD, J H. Handbook of South American Indians. V.1 The Marginal Tribes. Cooper Square Publishers, New York, p. 419-434, 1963.

¹¹⁰ BALDUS, H. Ensaios de Etnologia Brasileira, Companhia Editora Nacional, v. 101, 1979.

¹¹¹ CRUZ, M. O cemitério dos Boróros. Revista do Arquivo Municipal, XCVIII, São Paulo, p 127-130, 1944.

¹¹² MÉTRAUX, A . The Botocudo. In STEWARD, J H. Handbook of South American Indians. The Marginal Tribes. Cooper Square Publishers, New York, v.1, p. 531-550, 1963

¹¹³ SAINT-HILAIRE, A de. Voyages dans l'intérieur du Brésil. (Voyage dans le district des diamants et sur le littoral du Brésil – 1830-1833), 2ª parte, Paris, 1830-1851.

Botocudos, (Serra do Mar e Espigão em Santa Catarina e Paraná)	Presença de <u>cremação</u> dos corpos dos mortos.	Vasconcellos, D R de, 1912:19 ¹¹⁵
Caingang	<i>The rites by which the Caingang broke their ties with the dead and drove the ghost to its final adobe constitute the main religious ceremony of these indians (...) the rites consisted principally of processions to the <u>cemetery</u>, dances and chants , and much rejoicing and excitement when the ghost at last was considered to have been expelled (...) The event assumed added significance because at this time children were assigned to the moiety subgroups.</i>	Métraux, 1947:40
Caingangs (tapuias, guaianás), (oeste do Estado de São Paulo, Itapeva e Faxina, Vale do rio Paranapanema e afluentes Feio, Baurú)	<i>(...) They bury their dead <u>in the ground, and make a tomb of about 2 m in height of a conical shape.</u></i>	Ihering, H von (1906:11)
Camacan (Camacã, Mongoyó, Monshoko, Ezeshio), (ao norte do rio Pardo - lat.15° S, long. 41° W)	<i>A dead man, duly painted and with all his feather ornaments on, was put, in a flexed position, in a grave 4 to 5 feet (1,2 to 1,5m) deep. His weapons and a jar full of beer were placed with him. When the grave was filled with earth, a fire was built on top of it, and the site then was covered with palm leaves and branches. A pot, the size of which indicated the age and Sex of the deceased, was also placed on the grave.(...) The sepulcher was later opened, and the bones were taken home and spread on a platform, painted, and placed in a funeral urn, which was buried in a shallow pit. The transfer of bones was celebrated by a great festival. The bodies of sorcerers were burned.</i>	Métraux e Nimuendajú, 1963:550 ¹¹⁶
Candoshi (Maina)*	<i>(...) after exposing the corpse for a year in a coffin set on a platform, buried the skull and bones in an urn under the bed of the deceased's nearest relative.</i>	Tessman, 1930:293 Métraux, 1947:16
Canella (rios Corda e Itapecurú, ao norte com lat. 5° 50'S), Apinayé (rio Tocantins e Araguaia, lat. 6° 30'S)	<i>The former scraped the bones clean, both reddened them with urucú, put them into a bag, and buried them in a shallow pit.</i>	Lowie, 1963:500
Canella, (entre os rios Corda e Itapecurú, lat.5° 50'S., vila do Ponto, a 78km da Barra do Corda.)	<i>The grave is about 6 feet (2m) deep and was formerly round, the corpse being in <u>sitting posture and facing east</u>; but today the shape is rectangular and the body is extended supine. When secondary burial was still in vogue, the interment was behind the maternal home, except that a hamrém was buried in front of it. The mats on which the corpse lies are folded over it, tied firmly, and the bundle carried to its grave, now 1 to 1 1/4 miles (1,5 to 2km) from the village.</i>	Lowie, 1963:500 ¹¹⁷
Canelo	<i>When a relative had been burial for two years, the Canelo removed his skull and bones to their houses and stored them in a box.</i>	Tessman, 1930:252 Métraux, 1947:14
Carajá	<i>(...) scraped the bones when they disinterred them and placed them in urns which were left under trees in special cemeteries.</i>	Krause, 1911:330 Métraux, 1947:15
Carajá	<i>(...) wrapped their dead in mats and hung them from posts in a grave which they closed with mats.</i>	Métraux, 1947:18
Carajá	<i>(...) had two kinds of cemeteries; small ones where corpses were buried until the flesh had rotted away and large ones where the funeral urns containing the bones were deposited but not buried.</i>	Krause, 1911:330 Métraux, 1947:19
Carajá	<i>(...) the corpse was borne to the grave hanging from a pole.</i>	Métraux, 1947:12
Carajá, Bororo	<i>(...) wrapped their dead in mats.</i>	Idem, p. 10
Cashinawa	<i>(...) planted some banana and papaya trees and sweet potatoes on their graves. (...) bury all the things with a dead man so that his soul will not come to get them. If they do not bury the dead man with his possessions, his soul will come to get them and frighten the living. If they bury the property of a dead person, his soul goes away.</i>	Métraux, 1947:25, 34 Abreu, 1914:143
Cayapó, (afluentes dos rios Paranaíba e Araguaia, afluentes dos rios Paraná e Nhanduhy-Pardo, dos rios Taquary e Piquirý-Correntes, entre os rios Paranaíba e Grande - lat.	<i>Mourners gashed their chests with arrows or struck their heads. At the death of a prominent man they wailed and eulogized the deceased; the chief would club a kneeling Indian on the forehead, and the resulting blood was smeared on the corpse. Interment was in sitting position, and food as well as</i>	Lowie, 1963:520

¹¹⁴ MANIZER, H H . Les Botocudos d'après les observations recueillies pendant un séjour chez eux en 1915. Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro, v.22, p. 234-273, 1919.

¹¹⁵ VASCONCELLOS, D R de. Botocudos. Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, XVII (1904), Rio de Janeiro, p.19-22, 1912.

¹¹⁶ MÉTRAUX, A, NIMUENDAJÚ, C. The Camacan linguistic family. In STEWARD, H J. Handbook of South American Indians. The Marginal Tribes. Cooper Square Publishers, New York, v. 1, p. 547-552, 1963.

¹¹⁷ LOWIE, R H. The Northwestern and Central Gê. In: STEWARD, J H. Handbook of South American Indians. The Marginal Tribes. Cooper Square Publishers, New York, v. 1, p. 477-517, 1963.

18° S, long. 50° W; Salto Vermelho - lat. 19° 50' S, long. 50° 30' W)	<i>the dead man's weapons were deposited with the corpse.</i>	
<i>Cayuás</i> (guaranis), (Vale do rio Paranapanema, São Paulo)	(...) <i>They bury their dead in a squatting position in their huts to which they then set fire. Formerly they used large funeral urns for their dead.</i>	Ihering, H.von (1906:7) ¹¹⁸
<i>Chana</i> , (delta do rio Paraná)	(...) <i>buried children in a large urns filled with ochre and earth and covered with wide plates.</i>	Idem, p.17
<i>Charrua</i> (Rio Grande do Sul)	Presença de um cemitério comum (...) <i>que encimava um cerrito. (...) Os mortos em combate eram enterrados no próprio campo de batalha. Não temos informações sobre o enterro de mulheres. (...) costumavam carregar os ossos dos falecidos para onde mudassem os seus toldos.</i>	Becker, 1994:70
<i>Coroadó</i> , (Serra do Mar -lat. 21° S, long. 42° W)	(...) <i>placed their dead in large jars, if these were available, after they had broken the limbs of the corpse, lest the ghost return to haunt the living. A person was buried in his hut, his possessions were deposited over the grave, and the house was burned or abandoned.</i>	Métraux, 1963:528 ¹¹⁹
<i>Cutashó</i> (<i>Cutaxó</i>), (sul do rio Ilhéus e norte do rio Pardo)	(...) <i>buried the dead, together with their property, in their dwellings. The relatives celebrated a funeral meal and set fire to the house. The souls were supposed to go into the earth.</i>	Métraux e Nimuendajú, 1963: 551.
<i>Guaicurú</i> , (região do Chaco)	(...) <i>had cemeteries where they grouped the remains of their dead according to family relationships.</i>	Métraux, 1947:19
<i>Guaikuru</i> , (Paraguai, fronteira com Brasil)	(...) <i>Al cabo de algún tiempo, cuanto juzgan suficiente para que, podrida y consumida la carne queden los huesos, salen los parientes á recoger-los. Llévanlos al común carnero ó enterramiento, y después unidos los toldos, hacen el duelo.</i>	Labrador, 1910: 47 Baldus, H, 1954:136
<i>Guajiro</i> *	(...) <i>exhumed their dead after a year or two and gave the bones a second burial in a large urn, the narrow neck of which was left above ground to permit free entry and egress to the ghost and also so that the remains of other members of the family could be added from time to time.</i>	Métraux, 1947:16
<i>Guarani</i> (Rio Grande do Sul)	(...) <i>prática do canibalismo em decorrência de guerras, após o sacrifício dos presos e dos castigados. Todos os mortos do grupo eram enterrados em cemitério próximo à aldeia. Independentemente do status social, o morto era enterrado e seu corpo coberto por terra. Sobre a sepultura dos caciques (...) faziam uma casinha e uma pracinha grande muito bem varrida ao redor. (...) A forma de enterro mais comum consistia em colocar o cadáver, ou os ossos descarnados, numa grande vasilha de barro, fora de uso doméstico e coberta por outramenor. Acompanhavam os mortos pequenas tigelas com alimentos e bebidas. Fontes antigas registram o enterro na própria casa para não se privarem de sua companhia. Enterravam-no com a rede sem as extremidades. (...) Registra o culto dos ossos de algum xamã importante (...) O culto se realizava em ranchos feitos de palha para esse fim, onde os ossos enfeitados eram guardados em redes, também enfeitados, às vezes, com penas coloridas. Para a autora, as formas de enterro dos Guaranis do RS podem ser melhor explicitadas pela arqueologia com os vários cemitérios já escavados no litoral catarinense ou na Redução de Jesus Maria, escavada por Mentz Ribeiro, CEPAC, Santa Cruz do Sul.</i>	Becker, 1994:71-73
<i>Guarani</i> (São Paulo)	Prática da deposição direta do cadáver em urna funerária, protegendo-o completamente do contato com o solo da cova. (...) <i>In general (...) buried their deads in funeral urns, placing the bodies in a sitting posture. If, however a warrior dead for from his village, they buried him only provisionally, transporting the bones or only the cranium afterwards to his hut in which he was definitively buried. It was probably for this purpose that the above mentioned funeral bowes were used while others, being much smaller, may have served for offering food.</i>	Métraux, 1947:17 Ihering, H von (1906:31)
<i>Guarayú</i>	(...) <i>glued feathers on the corpse.</i>	Métraux, 1947:10
<i>Guayakí</i> , (rios Paraguai e Paraná - lat. 26° S, long. 55° W)	(...) <i>bury their dead in a sitting position. The arms are tied against the chest, the feet are fastened together with a rope, and the back rests against stakes. A fire is kept burning on the grave for several days after a son or a younger brother has trampled</i>	Métraux, A, Baldus, H, 1963: 442-443 ¹²⁰

¹¹⁸ IHERING, H von. The Anthropology of the State of S. Paulo, Brazil. Second Enlarged Edition, São Paulo, Typography of the Diário Oficial, 1906.

¹¹⁹ MÉTRAUX, A. The Purí-Coroadó linguistic family. In : STEWARD, J H. Handbook of South American Indians. The marginal Tribes. Cooper Square Publishers, New York, v.1, p. 523-530, 1963.

	<i>it. A miniature hut is also built over the grave. Those who have died a violent death are cremated.</i>	
<i>Jivaro</i>	<i>(...) also used funeral urns only for children. (...) buried the clothes and articles that had been in close contact with the deceased; his arms and ornaments, however, passed on to his sons.</i>	Métraux, 1947:17, 34 Karsten, 1935:458
<i>Kaduveu</i> , (rio Nabileque, Mato Grosso)	<i>(...) os Kaduveu exumam os ossos dez dias depois do entêrro, limpam-nos, envolvem-nos em esteiras e levam-nos ao cemitério da tribo situado a algumas léguas de distância do Nabileque em lugar solitário e sombrio.</i>	Boggiani, G, 1930:532 Baldus, H, 1954: 136 ¹²¹
<i>Kaingang</i> (Rio Grande do Sul, Vacaria)	<i>(...) cada aldeia possuía um cemitério(...) os mortos (de morte natural) eram enterrados numa vala aberta ex-professo. A esse enterramento sob o solo davam forma piramidal, resultante do amontoado de terra ou de terra e pedras. Resultava num montículo, no qual colocavam, à cabeceira, uma vasilha com água para que o morto saciasse a sede e, na extremidade oposta, um fogo lento alimentado pelos parentes do morto. Assim estaria livre do incômodo das moscas(...) Os Kaingang antigos eram sepultados envoltos numa esteira, a 12 palmos de profundidade(...) Ao que morria distante da aldeia, os companheiros sepultavam no local, mas guardavam a cabeça num vaso. Ao retornar à casa celebravam uma cerimônia fúnebre e enterravam a cabeça no cemitério da comunidade(...) Jamais deixavam insepultos os mortos. Os cadáveres dos mortos em combates eram depositados (...)em lugar não muito distante do toldo. No centro de uma pequena fossa, escorada por paus, depositavam o corpo, cobrindo-o com terra a uma altura visível; assim apareciam tantos montículos quantos fossem as sepulturas. A terra acumulada não era a mesma da escavação da cova(...) Aos Kaingang "atuais", não especificando o tipo de morte, (...)eram enterrados com os joelhos dobrados em túmulos de regular tamanho circundados por valetas com paredes verticais(...) O cadáver, com os pertences fúnebres, era colocado na cova profunda, coberto com folhas de palmeira e acrescentando terra. Em situações de guerra registraram-se enterramentos coletivos (...) inimigos(...) são sepultados juntos em 'buracos' feitos longe de suas moradias (e desarmados). Registra-se a exumação e o enterramento secundário (forma de preservação do indivíduo), os ossos dos chefes são desenterrados e inumados em outro local. (...) em razão da desordem dos ossos, essa transladação seria uma forma de sepultamento secundário, talvez sob a forma de 'pacote funerário'.</i>	Becker, 1994: 63-68 ¹²²
<i>Kaingang</i> , (aldeia de Palmas)	<i>Ocorrem túmulos cônicos de 2 e 3 metros de altura. (...) o cemitério é circundado por uma grade de estacas de madeira e tem mais ou menos 5 m de comprimento por 5 de largura (...) se enterravam aqui os mortos um em cima do outro (...) a sepultura tem só 4 a 6 palmos de profundidade(...)</i>	Baldus, H, 1979:20
<i>Kaingang</i> , (Rio Grande do Sul, entre os Campos do Meio e os Campos da Vacaria)	<i>(...) os Kaingang praticam, no tocante aos chefes, a sepultura secundária, exumando os ossos depois de apodrecida a carne e enterrando-os, novamente, em outro lugar.</i>	Hensel, R, 1869:127 ¹²³ Baldus, H, 1954:303
<i>Kamayurá</i>	<i>(...) surrounded the burial spot with a low fence.</i>	Métraux, 1947:25
<i>Kamayura</i> , <i>Apiacá</i> , <i>Bororo</i> , <i>Parintintin</i>	<i>(...) the personal effects of the dead commonly are broken or buried.</i>	Métraux, 1947:34
<i>Krahó</i> (Maranhão, Brasil, "atualmente" à margem direita do Tocantins, no cerrado do norte de Goiás)	<i>Os Krahó praticavam o enterro secundário: depois da primeira inumação desenterrava-se os despojos fúnebres. Os ossos, limpos e lavados, eram pintados de urucu, embrulhados em uma esteira nova e inumados em um buraco fundo. (...) Costume mantido até pelo menos 1926, parece que nem todos tinham acesso às segundas exéquias. As crianças eram excluídas e a realização do enterro secundário depende de certo status mínimo, relacionado à hierarquia pública Krahó (...) Eram beneficiados com esta prática provavelmente os</i>	Gaspar, 1994-95: 227-228 Carneiro da Cunha, 1978:36, 95-96 ¹²⁴

¹²⁰ MÉTRAUX, A, BALDUS, H. The Guayakí. In: STEWARD, J H(ed). Handbook of South American Indians. – The Marginal Tribes. Cooper Square Publishers, New York, v.1, p. 435-444, 1963.

¹²¹ BOGGIANI, G. Viajes de un artista por la América meridional. Los Caduveos. Expedición al río Nabileque, en la región de las grandes cacerías de venados, Mato Grosso (Brasil). Revista del Instituto de Etnología de la Universidad Nacional de Tucumán, Tomo I, 3ed, Tucumán, p. 495-556, 1930; BALDUS, H. Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, São Paulo, 1954..

¹²² BECKER, I I B. Formas de enterramento e ritos funerários entre as populações pré-históricas. Revista de Arqueologia, São Paulo, n.8, v.1, p.61-74,1994.

¹²³ HENSEL, R. Die Coroados der Brasilianischen Provinz Rio Grande do Sul. Zeitschrift fur Ethnologie, I, Berlin, p. 124-135, 1969.

	<i>homens iniciados e as mulheres associadas aos ritos de iniciação ou a grupos masculinos. Parece que o enterro se dava dentro ou atrás da casa materna e, o lugar da Segunda inumação, era o pátio da aldeia.</i>	
<i>Macuní</i> (Moaquanhi, <i>Macuaní</i> , <i>Makuní</i>), (Minas Gerais, Porto Seguro, Bahia)	<i>(...) buried children in the huts, adults in the bush. They made a fire on the grave, on which they also deposited food. Sometimes they erected a post on the grave or built a miniature hut.</i>	Métraux e Nimuendajú, 1963:544 ¹²⁵
<i>Mashacalí</i> (<i>Mashakali</i> , <i>Mashacarí</i> , <i>Maxacalí</i> , <i>Machaculí</i>), (Minas Gerais - lat. 16° S, long. 40° W)	<i>(...) interred corpses in a squatting position. There is no evidence of secondary burial. Dead people sometimes were believed to turn into jaguars.</i>	Métraux e Nimuendajú, 1963:544.
<i>Mauhé</i> , (região do rio Madeira)	<i>(...) dried the bodies of their chiefs by surrounding them with fires in some cases fed with resin and tobacco leaves.</i>	Métraux, 1947:21
<i>Mbayá</i>	<i>(...) buried their dead in mortuary huts where each family owned a piece of ground marked off by posts. (...) the ornaments and weapons placed on the grave were renewed at specific times.</i>	Métraux, 1947:19, 25
<i>Mehinaku</i> , (região do Xingú)	<i>(...) covered the sepulchres with pebbles and stones.</i>	Métraux, 1947:25
<i>Minuano</i> (Rio Grande do Sul)	<i>(...) um cemitério protegido por redes(...) Sobre as 30 covas achavam-se os seus pertences, peles do vestuário, tacapes, azagaia de pau tostado, redes de pesca e caça(...) para o século XIX, consta o enterro dos mortos nas imediações de um cemitério, perto da aldeia. Ali faziam uma cova de pouca profundidade, onde colocavam o cadáver, cobrindo-o de preferência com pedras. Caso não dispusessem destas, usavam ramos de árvores e terra. Sobre o montículo colocavam as boleadeiras, num lado a lança e no outro, amarrado a uma estaca, deixavam o seu cavalo para uma possível viagem que tivesse que realizar.(...) Os mortos em combate eram enterrados no próprio campo de batalha. Não temos informações sobre o enterro de mulheres(...) Num mesmo cerrito (...) encontramos, na parte liberada da cerâmica, um sepultamento adulto, completo, parecendo do sexo masculino, em posição fetal(...) Nas paredes do mesmo, em várias posições direcionadas no sentido da cabeça, estavam quatro pacotes funerários nos quais se distinguem partes de crânios entre outros ossos. Encontramos também apenas partes de esqueleto; ossos dos membros inferiores junto a instrumento típico, bola e boleadeira e parte de um pequeno machado. Os objetos pessoais do morto (...) desde os primeiros séculos, o acompanhariam na sua sepultura..</i>	Becker, 1994:69-71
<i>Moré</i> , (rio Guaporé)	<i>(...) burned and ground up the bones of their dead relatives and consumed them with chicha or cakes made of grated Brazil nuts.</i>	Rydén, 1942:117 Métraux, 1947:24
<i>Mujaraguana</i> (<i>Tapuya</i>), (Maranhão)	<i>(...) also ate the roasted corpses of their dead. The widow smeared herself with the fluid oozing from the body. Only when the ointment had fallen off by itself were the bones ground and diluted in chicha. The drinking of the ashes ended the mourning rites.</i>	Métraux, 1947:25 Heriaste, 1874:16-17
<i>Mundurucu</i>	Presença dos <i>mercy killings</i> <i>(...) skeleton of men of high social status were exhumed and burned after the flesh had decayed. The ashes were buried in jars.</i>	Métraux, 1947:9, 26
<i>Mura</i> , (Alto Amazonas)	Esse grupo dispõe oferendas de víveres nos túmulos.	Tastevin, C, 1923 ¹²⁶
<i>Nambikuara</i>	<i>(...) left the corpse to decompose in an elongated ditch and later washed the bones in the river, put then into a basket and buried them somewhere in the village which henceforth was abandoned.</i>	Métraux, 1947: 15-16
<i>Pakaa Nova</i> (oeste de Roraima, Brasil)	<i>(...) manipulavam o cadáver cru e o consomem assado(...) o ritual envolve a destruição de uma série de objetos e, alguns relatos, mencionam o abandono total da aldeia.</i>	Gaspar, 1994-95:227 ¹²⁷ Vilaça, 1990:4-22 ¹²⁸
<i>Pawishana</i> , <i>Atoraí</i>	<i>(...) deposited the urucu painted bones in an urn which they covered with a skull.</i>	Martius, 1864:636 Métraux, 1947:16
<i>Roamaina</i> (<i>Omurana</i>)*	<i>(...) collected the ashes of their dead in urns decorated with anthropomorphic representations.</i>	Métraux, 1947:16
<i>Sherente</i>	Presença da prática de sepultamento secundário	Nimuendajú, 1942:100 Métraux, 1947:15

¹²⁴ CARNEIRO DA CUNHA. Os mortos e os outros. Editora Hucitec, São Paulo, 1978.

¹²⁵ MÉTRAUX, A, NIMUENDAJÚ, C. The Mashacalí, Patashó, and Malalí linguistic families. In. STEWARD, J H(ed) Handbook of South American Indians. The Marginal Tribes. Cooper Square Publishers. New York, v.1, p.541-545, 1963.

¹²⁶ TASTEVIN, C. Les Indiens Mura de la région de l'Autaz (Haut-Amazone). L'Anthropologie, XXXIII, Paris, p. 509-533, 1923.

¹²⁷ GASPARD, M D. Espaço, ritos funerários e identidade pré-histórica. Revista de Arqueologia. São Paulo, v.8, n.2, p. 221-237, 1994-95

¹²⁸ VILAÇA, A. O canibalismo funerário Pakaa Nova: uma etnografia. Comunicação. PPGAS/UFRJ, Rio de Janeiro, n.19,1990, 36pp.

Tarairiu(Tapuya),(Rio Grande do Norte -lat. 6° S, long. 36° W)	<i>A corpse was dissected by the priests and roasted by the old women, who bewailed their loss, and then consumed the flesh, gnawing the bones. The body of an eminent man was devoured by those of his own status. The bones were preserved for a subsequent festival, at which time <u>they were pulverized, the powder mixed with water, and then swallowed. The hair was consumed in a similar manner.</u></i>	Lowie, 1963:566 ¹²⁹
Tarairu (Tapuia), (região Nordeste)	<i>(...) <u>the corpse was dissected by the priests and roasted by old women who bewailed their loss and then consumed the flesh, gnawing the bones. The body of an eminent man was eaten by his wives and other people of his own status; the bones were preserved for a subsequent festival when they were pulverized, mixed with water and swallowed. The hair was consumed in a similar manner.</u></i>	Métraux, 1947:25
Tariana, Tucano, (rio Uaupés)	<i>(...) <u>disinterred the corpse about a month after the funeral and put it in a great pan or oven over the fire until it was carbonized. The charred remains then were pounded and thrown into manioc beer.</u></i>	Métraux, 1947:23
Timbira (lat. 3° a 9° S, long. 42° a 49° W) , Sherente (lat. 11° S, long. 48° W)	Presença de <u>sepultamentos secundários.</u>	Lowie, 1963:500 ¹³⁰
Timbu, (delta do rio Paraná)	<i>(...) <u>adorned their graves with Rhea plumes and planted na ombu tree(...) on the spot to which relatives returned to wail for the dead person.</u></i>	Métraux, 1947:25
Tucuna	<i>(...) <u>the deceased and all his ornaments were forced into a large chicha jar which was interred in a cemetery.</u></i> <i>(...) <u>also renewed the food and beverages left on the sepultures.</u></i>	Métraux, 1947:17, 26
Tukano	<i>(...) <u>six months after the burial the Tukano celebrated a final funerary rite which was known as oyne – weeping – and was initiated all the kinsmen to make the bark cloth masks and other paraphernalia used in the ceremony.</u></i>	Métraux, 1947:38-39
Tupinambá	<i>(...) <u>usually practiced direct urn burial, sometimes suspended the corpse in a hammock in a pit carefully lived with posts and covered with branches.</u></i> <i>The feast which ended the mourning period (...) occurred during the sixth month after the burial. <u>A big drinking bout was celebrated at which the mourners appeared daubed with genipa.</u></i>	Métraux, 1947:18, 39 Métraux, 1928:120
Tupinamba, Carajá	<i>As a rule <u>the corpse is painted as if to take part in a feast and is dressed in the person's best clothes and all the ornaments worn during life(...)</u> Sometimes clothes and ornaments which have fallen into disuse among the living still are used to deck out the dead.</i>	Métraux, 1947:10
Tupinamba, Guaraní, Caingang, Cayapo, Mundurucu	<i>(...) <u>the dead are buried in a squatting or foetal position (i.e. with the arms flexed against the chest and the legs raised against the abdomen; ties hold the corps in the correct position(...))</u></i>	Métraux, 1947:10
Tupinambá	<i>Em geral, os tupinambás manifestavam uma pressa extrema de enterrar o defunto. Logo que supunham o indivíduo morto, corriam a preparar os funerais. Acontecia-lhes até de amortilhar pessoas que ainda não tinham soltado o último suspiro (Soares de Souza, p. 341). Quando morre o marido, ou a esposa, ou outro qualquer parente - pais, mães, tios ou irmãos -, os selvagens curvam-no, dentro da própria rede onde falece, dando-lhe a forma de um bloco ou saco, à semelhança da criança no ventre materno; depois, assim envolvido, ligado e cingido com cordas de algodão, metem-no em um grande vaso de barro, cobrindo-o com gamela onde o defunto costumava lavar-se, receando, segundo dizem, que o morto ressuscite, se não está bem amarrado, temor aliás, muito grande, pois crêem que isso já aconteceu a seus avós, motivo pelo qual convieram em tomar tal precaução. Feito isso, deitam o cadáver em determinada cova, redonda como um poço, pouco mais ou menos da altura de um homem, pondo-lhe fogo e farinha(...) se a alma tiver fome, não lhe deve faltar comida. Em seguida, cobrem tudo com a terra tirada do fosso. Em se</i>	Métraux, A., 1979: 107-112 ¹³¹

¹²⁹ LOWIE, R H. The Tarairiu. In STEWARD, H J. Handbook of South American Indians. The Marginal Tribes. Cooper Square Publishers. New York, v.1, p. 563-566, 1963.

¹³⁰ LOWIE, R H. The Southern Cayapó. In STEWARD, J H. Handbook of South American Indians. The Marginal Tribes. Cooper Square Publishers, New York, v.1, p.519-520, 1963.

¹³¹ MÉTRAUX, Alfred. *A religião dos Tupinambás e suas relações com as demais tribos tupi-guaranis*. Companhia Editora Nacional, EDUSP, 2ed. São Paulo, p. 105-113, 1979.

	tratando de um chefe de família, enterram-no em casa, no próprio local onde costumava dormir; se é uma criança, o morto é sepultado fora e atrás da oca. Alguns o são nas plantações e outros nos sítios de sua preferência. (Thevet, fol 925 v.) Sobre o morto, (...) o <u>untam com mel todo, e por cima do mel o empenam com penas de pássaros de cores, e põem-lhe uma carapuça de penas na cabeça, e todos os demais enfeites que eles costumam trazer nas suas festas; e têm-lhe feito na mesma casa e lançam onde ele vivia, uma cova muito funda e grande, com sua estacada por de redor, para que tenha a terra que não caia sobre o defunto, e armam-lhe sua rede debaixo de maneira que não toque o morto no chão; em a qual rede o metem assim enfeitado, e põem-lhe junto da rede seu arco e flechas, e a sua espada, e o maracá com que costumava tanger, e fazem-lhe fogo ao longo da rede para se esquentar, e põem-lhe de comer em algum alguidar, e água em um cabaço, como galinha; (...)</u> lhe põem também sua cangoeira de fumo na mão, lançam-lhe muita soma de madeira igual no andar da rede de maneira que não toque no corpo, e sobre essa madeira muita soma de terra, com rama debaixo primeiro, para que não caia terra sobre o defunto; sobre a qual sepultura vive a mulher como dantes. (Soares de Souza:340)	
<i>Tupiniquin</i> , (Piratininga, São Paulo)	(...) <u>funeral urns</u> (...)	Ihering, H von (1906:18)
<i>Tupi</i> , (São Paulo)	Prática da deposição direta do cadáver em urna funerária, protegendo-o completamente do contato com o solo da cova. (...) <u>In general (...) buried their deads in funeral urns, placing the bodies in a sitting posture. If, however a warrior dead for from his village, they buried him only provisionally, transporting the bones or only the cranium afterwards to his hut in which he was definitively buried. It was probably for this purpose that the above mentioned funeral bowes were used while others, being much smaller, may have served for offering food.</u>	Métraux, 1947:17 Ihering, H von (1906:31)
<i>Umutina</i> (alto rio Paraguai, afluentes Sepotuba e rio dos Bugres, Mato Grosso)	A pessoa gravemente enferma é algumas vezes tratada como defunto. O corpo e o rosto do morto eram tingidos com urucu. Sobre o caso de uma criança de dois anos que falecera com coqueluche: <u>Deitaram-no de costas sobre nova esteira de buriti e lhe colocaram um diadema novo de penas de arara vermelha na testa, e pependentes novos de penas multicolores nos lóbulos auriculares. Dobraram as mãos sobre o peito, colocando nelas um arco e três flechas minúsculas.</u> (...) O avô marcou um retângulo com a clava e começou a escavar uma sepultura no centro da cabana. Com as próprias mãos retirava a terra até atingir uma profundidade de aproximadamente sessenta centímetros. Ao clarear o dia colocaram o defunto <u>estendido sobre a esteira de palha dentro da sepultura, cobrindo-o com outras esteiras.</u> (...) Quando o sol iluminou pela segunda vez a cabana mortuária, atingindo a pequena sepultura ainda aberta, abriram mais uma vez as esteiras e colocaram uma <u>arara recém-morta, que pertencia ao falecido.</u> Fecharam as esteiras e encheram de terra a cavidade, cobrindo depois o local com as esteiras sobre as quais os pais da criança iriam dormir daí em diante. (...) Imediatamente após o falecimento destroem tudo o que pertencia ao morto, adornos, arcos e flechas, fruteiras e outras árvorese plantas, com exceção das roças. (...) Os Umutina querem ter seus <u>mortos perto de si.</u> Não realizam exorcismos para afastar a alma dos defuntos, como muitas outras tribos. Enterram o morto em sua casa e dormem sobre a sepultura.(...) Se são obrigados por qualquer motivo a abandonar casas com sepulturas, não as incendeiam, mas as transformam em cemitério. Reduzem seu tamanho, cobrem-nas com palha nova e as circundam com fossa e valeta, para evitar que as águas das chuvas e enchurradas possam penetrar, molestando os mortos.(...) os mortos têm vida e devem ser protegidos contra as intempéries. Durante alguns anos <u>cuidam dos cemitérios</u> , enquanto suas moradas não se afastem muito, acompanhando sempre os novos roçados preparados anualmente em lugares novos na mata.	Schultz, H, s.d.:42-44 ¹³²
<i>Yanomami</i> (sudeste da Amazonia)	Presença de endocanibalismo e ausência de inumações.(...) o corpo é levado a decompor na floresta e posteriormente os	Gaspar, 1994-95:228 ALBERT, 1985 ¹³³

¹³² SCHULTZ, Harald. Conceitos de doença, cura e morte entre os índios Umutina. In: *Anuário Bom Companheiro*. Ed. Melhoramentos. São Paulo. p.34-44,s.d. (1940?).

	<i>corpo é levado a decompor na floresta e posteriormente os ossos são queimados, moídos, guardados em uma cabaça, eliminando todos os traços de fogueira, e após certo tempo, o ritual se completa com a ingestão das cinzas funerárias com uma espécie de mingau de banana(...) nenhum vestígio resta após concluído o funeral.</i>	
--	---	--

Ao final desse quadro, deparamo-nos com lacunas não preenchíveis - sexos, idades, status, tipos de morte, detalhes da deposição, disposição do corpo, localização dos assentamentos à época das pesquisas etnográficas - , mas voltamos a enfatizar sua importância enquanto amostra de um contexto bastante amplo de fenômenos ligados a morte, observados e registrados em contextos etnológicos, que serve como guia primário para a elaboração de listas de possibilidades interpretativas de procedimentos técnicos funerários encontrados em contextos arqueológicos.

Ente os Kaingang de Palmas, descritos por Baldus (1979), as crianças quando morriam continuavam ao porvir, continuando a crescer na sepultura como se estivessem vivas. O morto é considerado um poder por ter constituído, em vida uma parte do poder da comunidade e que, diante de não ser mais controlável e simultaneamente estar ligado de forma sobrenatural à ela, pode tornar-se perigoso. Assim, para esse grupo,

(...)A vida é tal que a desventura que cai sobre um membro da comunidade faz-se sentir, mais ou menos, sobre os outros, porque, se uma parte sofre, a totalidade também sofre.

(Baldus, 1979:22)

Revendo o levantamento de Kroeber(1927)¹³⁴ , apoiado nas contribuições de Schmidt (1913) sobre a teoria do *Kulturkreis*¹³⁵ , verificamos que na América do Sul, especificamente na região ocupada pelo Brasil, foram identificados: na orla litorânea, incluindo áreas de planalto, das regiões sul , sudeste e nordeste os sepultamentos em urnas funerárias, sepultamentos secundários e primários; para o interior, nas regiões centro-oeste e

¹³³ ALBERT, B. Temps du sang, temps des cendres représentation de la maladie, système rituel et espace politique chez les Yanomami du sus-est (Amazonie brésilienne) Tese de doutorado, Paris X, 833pp, 1985.

¹³⁴ KROEBER, A L . Disposal of the Dead. American Anthropologist, v.29, p.310-311, 1927

norte, os sepultamentos do tipo inumações primárias e secundárias, sepultamentos secundários em urna (*urn reburial*), sepultamentos primários ou secundários em casas (*house burial or reburial*), mumificação, cremação secundária e ingestão de cinzas humanas. Notamos, entretanto, a não exclusividade terminológica empregada por Kroeber, que alterna tipos de deposições funerárias (*simple burial, secondary burial, urn burial, urn reburial*) com formas de tratamento dos corpos (*mummification, cremation*¹³⁶) e práticas rituais diferenciadas, como a *eating of ashes* (endocanibalismo ritual descrito em White, 1992:12).

Estudo similar ao de Kroeber (1927), embora mais voltado a um conjunto de fenômenos culturais relacionados à morte, ao tratamento dispensado ao doente terminal, os afazeres do velório, tipos de sepultamentos, cemitérios, do uso de decoração, fogo ou deposição de alimentos nas covas, a prática do luto, da cremação e mumificação, foi empreendido em Métraux (1947). Esse trabalho inclui os grupos indígenas sul-americanos. As observações pertinentes a grupos brasileiros constam na tabela 3.

A atitude dos povos indígenas em relação aos seus mortos parece não ser de reverência (Jensen, 1951)¹³⁷, mas sim de medo (Steinen, 1940)¹³⁸. O motivo de todas as cerimônias funerárias entre os *Bororo* está no medo, no terror despertado pela possível volta dos mortos para carregarem os vivos para o outro mundo¹³⁹. Entre os *Kaingang* de Palmas, cuja cultura se orienta pela preocupação com o morto, a dança serve para que o morto vá embora, pois este corre ao redor das cabanas dos vivos e é venenoso (Baldus, 1979)¹⁴⁰. Os

¹³⁵ Haveriam na América do Sul, alguns centros evidentes de frequência ou caracterização de várias práticas mortuárias, mas certamente, algumas práticas teriam distribuição bem limitada, bem como a história de suas interrelações seriam complexas e muitos dos costumes teriam mudado. SCHMIDT, W. Kulturkreise und Kulturschichten in Sudamerika. Zeitschrift für Ethnologie, v. 45, p. 1014-1124, 1913.

¹³⁶ A cremação pode ser entendida tanto como uma técnica ou forma de tratamento do corpo voltada a sua redução quanto como um tipo de deposição funerária, podendo ser primária (corpo queimado e mantido íntegro após a inumação) ou secundária (aglomerado de ossos queimados e quebrados, juntamente com as cinzas, também inumados).

¹³⁷ Ver Baldus, H., 1954, p. 327: JENSEN, A. E. Mythos und Kult bei Naturvölkern. Religionswissenschaftliche Betrachtungen. Studien zur Kulturkunde, X. Weisbaden, p.388, 1951

¹³⁸ STEINEN, K. Von Den. Entre os Aborígenes do Brasil Central. Revista do Arquivo. Departamento de Cultura, São Paulo, n.34 a 58, 1940 (separata).

¹³⁹ Entre os Bororo de S. Lourenço, os cestos com os ossos dos mortos eram transportados para uma ilha de rio e inumados com o auxílio de uma enxada. No caso descrito por Steinen, quatro moços acompanham dois condutores de cestos mortuários: um deles agita um sonador, dois gritavam e o quarto arrastava uma folha de palmeira para apagar o rasto e dificultar aos mortos o regresso à aldeia (Steinen, 1940:646).

¹⁴⁰ BALDUS, H. Ensaios de Etnologia Brasileira. Companhia Editora Nacional, Brasileira, v.101, p. 51-52, 1979.

mortos eram, entre os índios das regiões tropicais, normalmente depositados na cova envoltos em suas próprias redes de dormir (Métraux, 1947:10).

Existem algumas questões e temas recorrentes na bibliografia etnográfica sobre práticas mortuárias pesquisada acima. Vejamos as mais significativas:

- a) A idéia de temor ao *espírito* do morto está relacionada as formas do tratamento dispensado aos moribundos: o abandono, o tratamento voltado a cura da doença e o homicídio piedoso. Essa idéia deve refletir-se na própria maneira de se seguir dos demais fenômenos subsequentes a morte, paralelamente aos *status* do morto: já durante os funerais, tratamento do corpo, sepultamento e demais atividades de luto e visitas aos cemitérios, influenciando em suas datas, localizações, nas escolhas e métodos empregados para sua concretização. Nessa temática incluem-se as concepções sobre a origem da morte, quando se está morto¹⁴¹ e os mitos relacionados, bem como a morte vista pelo antropólogo onde este formula uma antropologia da morte sob o viés de Morin (1970) e Thomas (1993);
- b) A escolha do lugar da deposição do morto perpassa entre a habitação usada durante a vida (individual ou familiar) e uma outra habitação, em local escolhido pelo grupo: um cemitério.
- c) A presença da terminologia *enterro secundário* é recorrente entre os autores. Assim, refere-se a uma característica de secundidade da deposição funerária, durante a qual o esqueleto normalmente encontra-se preparado (descarnado, reinumado, queimado, quebrado, pintado), desarticulado ou rearticulado em recipientes diversos (urna, cesto, pote), mantidos na habitação dos vivos, inumado em cemitério coletivo ou distribuído entre os parentes vivos (distribuição de ossos). Nesse caso, a urna pode ser recipiente para servir a deposições também primárias dos mortos, incluindo adultos e crianças. O sepultamento

¹⁴¹ Entre os Umutina (SCHULZ, s.d) e os Tupinambá (Métraux, 1979) o conceito de morte pode incluir indivíduos terminais, ainda vivos.

secundário aparece bastante difundido. O sepultamento com a deposição direta do corpo em urnas se pratica entre os grupos guaranis e do Amazonas, incluindo a região andina;

d) Os cemitérios, especialmente para Métraux(1947:7) ocorrem na América do Sul em um número reduzido de grupos (incluindo os Mbayá e Carajá no Brasil). Essa hipótese corrobora as afirmações de Morin(1970) sobre a morte domesticada, os sepultamentos incluídos no seio da aldeia, dentro das casas dos parentes.

e) Torna-se nítida a preocupação com a distribuição das práticas de cremação, ora confundidas com o próprio tipo de deposição funerária. Na América do Sul limita-se a região de Santa Catarina, entre os *Aweikoma-Caingang*. A cremação, quer primária quanto secundária, constitui técnica de tratamento do corpo. Distingue-se da mumificação (artificial por defumação ou uso de resinas ou natural) pelo seu caráter redutivo, de redução ou fracionamento do corpo.

f) Outra preocupação, embora reduzida, refere-se a presença de canibalismo, o que resulta na inexistência de deposições funerárias tradicionais. Destaca-se o endocanibalismo entre os *Pano*, no alto Amazonas e os antigos *Tapuya* da costa brasileira (exocanibalismo) e os *Yanomami*, da Amazonia(endocanibalismo).

g) Ainda no interior das práticas funerárias tratadas etnograficamente, destacamos as oferendas de alimentos, a presença de fogueira mantida sobre a cova e a construção e decoração da mesma.

h) Os bens pertencentes ao morto possuem um destino, associando-se ao mesmo, junto de seu corpo e em sua cova ou distribuídos e mesmo destruídos. Esses bens poderiam incluir desde um adorno, a uma plantação, animais domésticos, esposas, e escravos (sacrifícios).

i) Um outro viés das práticas funerárias refere-se as cerimônias que tem lugar durante e depois dos funerais e tem por objetivo favorecer ou apressar a marcha da *alma* para o *outro mundo* e impedir seu retorno. Essas cerimônias incluem todas as atividades intimamente

ligadas aos vivos e ao evento que ocorreu: pinturas corporais, purificação pela água ou fogo, festividades de reintegração dos familiares do morto a vida normal, flagelações. Essa categoria de prática é inobservável em contexto arqueológico, sendo de especial competência dos estudos da antropologia cultural e etnologia.

j) O tipo de morte é um elemento que pode resultar em sepultamentos diversificados dentro de um mesmo grupo, com uma única identidade étnica. Essa diferenciação pode ser confundida com a presença de mais de um grupo humano habitando e enterrando seus mortos numa mesma área. Tal dúvida poderia ser amenizada com a verificação por datações seriais de enterramentos e pela escavação arqueológica. Assim como o tipo de morte, o sexo, os grupos etários e o tipo de inserção sócio-cultural dos mortos podem influenciar no resultado das práticas mortuárias no contexto arqueológico. Todos os elementos devem ser analisados e relacionados com as devidas ressalvas.

Os itens b) a h) podem ser verificados quanto a presença e alguns caracteres no contexto arqueológico. O item a) pode ser observado parcialmente em contexto arqueológico enquanto que o item i) é de exclusiva competência de antropólogos culturais e etnólogos. Sua observação e verificação arqueológica ocorre em circunstâncias especiais, grupos específicos com os remanescentes dos antepassados plenamente conhecidos e localizáveis: arqueologia guarani. Quanto ao item j), é perturbador quando a preocupação recai sobre a determinação de sistemas sócio-culturais únicos e em estudos de etnicidade¹⁴² e identidade pré-histórica.

Para a descrição de caracteres gerais dos rituais fúnebres e formas de sepultamento na América do Sul, Métraux(1947) empregou determinados eixos temáticos, seguindo o caminho da etnografia:

¹⁴² CARNEIRO DA CUNHA, . Etnicidade: da cultura residual mas irreduzível. In Antropologia do Brasil. Brasiliense /EDUSP, São Paulo, 1986; CARNEIRO DA CUNHA,. Parecer sobre os critérios de identidade étnica. In. Antropologia do Brasil. Brasiliense/EDUSP, São

1 – Abandono do moribundo; 2 – Homicídios piedosos; 3 – Práticas mágico-religiosas observadas durante a agonia da morte; 4 – Preparação do corpo; 5 – Preparação da cova; 6 – Deposição do morto - sepultamento primário; 7 – Emprego de cabana funerária em miniatura; 8 – Sepultamento secundário; 8.1 – Transferência dos ossos para a habitação dos vivos; 8.2 – Sepultamento secundário dos ossos em cemitério especial; 8.3 – Desenterramento e novo enterramento dos ossos(exumação seguida de nova inumação) ; 8.4 – Desenterramento e destruição ou distribuição de ossos; 8.5 – Sepultamento secundário em urna; 8.6 – Sepultamento direto ou primário em urnas; 9 – Sepultamento em caixões; 10 – Marcos ou montes de pedra funerários; 11 – Sepultamento em câmara funerária; 12- Sepultamento em cemitérios; 13 – Cremação do morto; 14 – Mumificação do morto; 14.1 – Mumificação sobre fogo lento (defumação); 14.2 – Mumificação pelo uso de resinas e outras substâncias; 15 – Endocanibalismo; 16 – Decoração da cova; 16.1 – Fogo nas covas; 16.2 – Status social e sepultamento; 17- Ritos e práticas fúnebres; 17.1 – Corte dos cabelos; 17.2 – Pinturas corporais; 17.3 – Vestimentas fúnebres; 17.4 – Taboos observados pelos parentes; 17.5 – Taboos em nome do morto; 17.6 – Suposição de um novo nome pelos parentes; 17.7 – Reclusão da viúva ou parentes; 17.8 – Mutilações auto-inflingidas; 17.9 – Discurso funerário; 17.10 – Lamentações funerárias; 17.11 – Cerimônias post-funeral; 17.12 – Purificação dos parentes, funeral doméstico e pertences do morto; 18 – Disposição das propriedades do morto; 18.1 – Bens pessoais; 18.2 – Colheitas, plantações; 18.3 – Animais domésticos pertencentes ao morto; 19 – Sacrifícios humanos; 20 – Os fantasmas, espíritos dos mortos; 21 – Vingança mágica contra os assassinos; 22 – Ritos enunciativos do término do funeral; 23 – As lamentações obrigatórias.

Essa relação com 23 itens empregada por Métraux (1947) para descrever os ritos fúnebres e formas de sepultamentos na América do Sul funciona, verdadeiramente, como um guia complementar ao prontuário de campo de Bernardi(1978). Embora esses atributos, em parte, refiram-se ao universo das práticas dos vivos, podem extrapolar o contexto etnográfico, podendo ser empregados como guias temáticos no processo de análise arqueológica de parcelas técnicas de práticas mortuárias de grupos extintos.

1. 7 - Estudos comparativos sobre práticas mortuárias: perspectivas

Os membros que compõem um sistema social podem expressá-lo na morte, por meio de variações no ritual funerário. Assim, um membro ou o próprio sistema social, com suas formas de assentamento e subsistência podem estar representados em parte, nos remanescentes dos rituais funerários, enquanto dados mortuários. *A priori*, aspectos formais contidos em conjuntos de sepultamentos podem revelar pelo menos etnograficamente, aspectos concernentes aos componentes estruturais de um ou mais sistemas sociais (Tainter, 1975)¹⁴³. Os níveis de interferência dos processos pós-deposicionais, tafonômicos e a carência de informações precisas sobre os contextos sistêmicos a partir de contextos arqueológicos, evidentemente sempre limitam e reordenam essa perspectiva de análise que busca a compreensão da dinâmica de determinados componentes estruturais de dado sistema social.

A distribuição, estrutura e implicações comportamentais quando voltadas ao estudo de conjuntos de sítios mortuários referem-se aos raros estudos desses sítios em contextos regionais (Charles e Buikstra, 1983)¹⁴⁴. A ocorrência de áreas de sepultamentos formais – cemitérios – estão associadas com associações linearmente herdadas de recursos de subsistência cruciais e restritos. Cemitérios implicam em formas de utilização dos recursos disponíveis de uma área de captação de recursos, herdada entre os membros de uma sociedade. Etnograficamente, a utilização de áreas formais de sepultamento correlaciona-se a as estratégias de subsistência empregadas pelo grupo ou grupos que usam o cemitério. O grau de estruturação presente em um domínio mortuário pode estar correlacionado ao grau de competição por recursos cruciais entre grupos. Com o crescimento das sociedades,

¹⁴³ TAINTER, J A Social inference and mortuary practices: an experiment in numerical classification. *World Archaeology*, v.7, n.1, p. 1-15, 1975.

grupos associados podem ser distinguidos pela inclusão de seus mortos em cemitérios separados ou em áreas espacialmente distintas, com um único cemitério. A inclusão de indivíduos no cemitério implica na inclusão desses indivíduos no grupo associado. O conjunto de hipóteses de Goldstein(1980)¹⁴⁵ citadas por Charles e Buikstra(1983:119) sustenta a relação entre os grupos sociais, seus cemitérios e suas estratégias de domínio de recursos:

1 . To the degree that rights of corporate groups to use and/or control crucial but restricted resource(s) are attained and /or legitimized by lineal descent from the dead (i.e. , lineal ties to ancestors), such groups will, by popular religion and its ritualization, regularly reaffirm the lineal corporate groups and its rights. One means of ritualization that is often but not always employed is the maintenance of a permanent, specialized, bounded area for the exclusive disposal of their dead.

2 . If a permanent, specialized, bounded area for the exclusive disposal of the group's dead exists, then it is likely that the corporate group has rights over the use and/or control of crucial but restricted resource(s). This corporate control is most likely attained and/or legitimized by lineal descent from the dead, either through an actual lineage or through a strong, established tradition that the critical resource passes from parent to offspring.

3. The more structured and formal the disposal area, the fewer the alternative explanations of social organization, and conversely(Goldestein, 1980:8)

A organização espacial em sociedades pré-históricas, sob o viés regional, também encontra reflexo nas práticas mortuárias, isto é, a estruturação interna dos cemitérios, de

¹⁴⁴ CHARLES; D K, BUIKSTRA, J E . Archaic Mortuary Sites in the Central Mississippi Drainage: Distribution, Structure, and Bahavioral Implications. In: PHILLIPS, J L, BROWN, J A . (eds) Archaic Hunters and Gatherers in the American Midwest. Academic Press, New York, p. 117-145, 1983.

¹⁴⁵ GOLDSTEIN, L G. Mississippian mortuary practices: A case study of two cemeteries in the lower Illinois Valley. Northwestern University Archaeological Program . Scientific Papers. 4, p.8, 1980.

cada sepultamento, pode fornecer dados sobre as formas de organização, uso e percepção do espaço¹⁴⁶. Nesse sentido, a priori, grupos de caçadore-coletores (descritos etnograficamente seg.Charles e Buikstra, 1983) vivem em ambientes marginais, mantendo uma existência móvel. Assim,

(...)Societies residing in environments in which the natural or culturally modified resource distribution supports a sedentary mode of subsistence may ritualize corporate lineal descent through the use of formal disposal areas for the dead, whereas societies that must follow a more mobile mode of subsistence will not. (Charles e Buikstra, 1983:120).

Conceitos como comportamento territorial, comportamento de ocupar e defender regularmente uma área específica empregado por Charles e Buikstra(1983), vinculado a práticas de sedentarismo ou semi-sedentarismo e a idéia de comportamento corporativo, referente a um grupo de indivíduos que agem em relação a interação grupal com seus recursos ambientais, ajudam a estabelecer as relações entre o sedentarismo e a existência de cemitérios formais. Sociedades que habitam marginalmente ambientes produtivos serão mais móveis, enquanto que sociedades inseridas em ambientes diversos e mais produtivos serão mais sedentárias. Nas sociedades marginais, os territórios são "flutuantes", ou não fixos. Porções particulares dos recursos a serem coletados nas áreas de caça, pesca e coleta serão estabelecidas por parcelas do grupo. É óbvio que a área de cemitério constitui uma parcela do território de um grupo, constituindo elemento de territorialidade/ancestralidade desse mesmo grupo.

O uso de áreas específicas para a deposição dos mortos constitui uma afirmação ritual de associações de grupos e suas prerrogativas. Entre a prerrogativa de propriedade ou

¹⁴⁶ GOLDSTEIN, L. G. One dimensional archaeology and multi-dimensional people: spatial organization and mortuary practices. In CHAPMAN, R, KINNES, I, RANDSBORG, K.(eds). The Archaeology of Death. Cambridge University Press, England, p. 53-69, 1981.

acesso aos recursos essenciais, o que importa são as atividades associadas com a demonstração desse direito.

Entretanto, explicações sobre a relação entre a estrutura espacial dos cemitérios e a intensidade da competição por recursos ambientais adquirem diferentes matizes considerando que nem toda a energia dispendida nas práticas funerárias deixa vestígios arqueológicos e que é difícil mensurar as várias formas de comportamento mortuário em termos de energia dispendida. Ainda, somem-se a esses problemas as descrições superficiais de antigas escavações conduzidas, muitas vezes, por amadores; a ausência de mapas do sítio ou descrições do material ósseo; a preservação variável dos vestígios funerários que depende das condições do solo, entre outras; e a característica dos dados publicados que, nem sempre, são válidos para análises estatísticas apuradas. Ainda contribui para acentuar o problema o carácter simbólico dos elementos mortuários que, arqueologicamente, transfiguram as correlações entre os elementos do ritual funerário e a organização social do grupo. Ou ainda mais, a inserção das práticas mortuárias, como resultados de comportamentos indicadores de "complexidade social"¹⁴⁷

Charles e Buikstra(1983) procuraram resolver problemas referentes as práticas mortuárias em grupos de caçadores coletores mississipianos utilizando a correlação entre os componentes espaciais das atividades mortuárias e a intensidade da competição pelos recursos essenciais. Nesse sentido, quanto mais "complexa" a sociedade, mais estruturado ou organizado será seu cemitério:

(...) the existence of a cemetery relates to the ritual affirmation of corporate structure and this affirmation is significant only within a context of resource competition (Charles e Buikstra, 1983:124).

Ainda, para Bement(1994:22), os sepultamentos podem ter legitimado o controle dos recursos de subsistência em um território definido pela relação de descendência direta com ancestrais ali inumados:

Quando são utilizadas áreas de cemitério formais, elas estarão correlacionadas com estratégias de subsistência sedentária empregadas pelo grupo (grupos) que usa (usam) o cemitério. O tipo e o grau de estruturação espacial presente no domínio mortuário correlaciona-se com o grau de competição entre os grupos por recursos essenciais. Dentro de uma grande sociedade, grupos corporativos são distinguidos pela inclusão em cemitérios separados ou em áreas espacialmente distintas dentro de um mesmo cemitério. Nesse caso, a inclusão de indivíduos no cemitério implica na inclusão dos mesmos nos grupos corporativos que exercem domínio dos espaços de morte e de recursos básicos (Charles e Buikstra, 1983:119-20).

Essas estratégias sedentárias referem-se a uma ocupação caracterizada por acampamentos estáveis, que podem ser habitados anualmente por alguns membros do grupo e que incluem incursões sazonais continuadas dentro de um território estável (Charles e Buikstra, 1983:126). O grau de mobilidade inclui em sua definição o uso dos cemitérios em áreas secundárias que demarcam a distribuição das estratégias de subsistência, não necessariamente, concentradas ao longo dos vales dos grandes rios. O surgimento de domínios especificamente mortuários, distintos das áreas de habitação, pode ser um indicador de sedentarização.

¹⁴⁷ PRICE, T D, BROWN, J A . Aspects of Hunter-Gatherer Complexity. In PRICE, T D, BROWN, J A (eds). Prehistoric Hunter-Gatherers. The Emergence of Cultural Complexity. Academic Press, p. 3-20, 1985.

Entre os pescadores-caçadores-coletores, as áreas com deposições funerárias estão intercaladas, inseridas em áreas de intensa atividade antrópica. Essas áreas de atividades incluem o processamento de alimentos e artefatos, representando zonas de ocupação permanente para alguns membros do grupo. A dominância de sepultamentos primários implica em que a morte ocorria usualmente em uma localidade próxima ao cemitério, indicando pequena utilização de sítios de exploração de recursos a muita distância do cemitério. Quando ocorre frequência intensa de sepultamentos em feixes de ossos (*bundle burial*) e esqueletos desarticulados nos sítios, as mortes poderiam ocorrer a uma distância grande da área de sepultamento, requerendo o processamento e estocagem dos corpos antes de ocuparem suas sepulturas finais. O grupo realiza rondas sazonais ao cemitério e este pode ser utilizado em períodos distintos. As formas de mobilidade dos caçadores-coletores são modeladas pela densidade dos recursos de subsistência (Gunn, 1977) e afetam a organização e localização do domínio mortuário.

Ao lado dos indicadores culturais de mudanças nas populações, os biológicos incluem as patologias relacionadas a estresses e nutrição, observáveis nos restos humanos. A hipoplasia dentária pode ser indicador de estresse crônico, assim como alterações nas linhas de Harris indicam estresses por sazonalidade e os níveis globais de nutrição são indicados pelas taxas de cárie, abscessos e patologias ósseas (Bement, 1994:25).

Sistemas culturais envolvidos com subsistências orientadas pela caça contém sempre pequenos incrementos de alimentos vegetais. A dieta em carnes é essencialmente proteica, enquanto que outras dietas, especialmente vegetais, mostram-se ricas em carboidratos. Esse predomínio de dietas ricas em carboidratos acarretariam algumas mudanças como o aumento populacional, a redução da mobilidade, o aumento de conflitos intergrupais (guerras) ou de relações interpessoais conflituosas, a redução do estresse nutricional por sazonalidade e o aumento do estresse crônico. O aumento desses indicadores de

complexidade social ocorre em resposta ao aumento do tamanho do bando e está refletido no dado mortuário pelo aumento do número de oferendas voltadas à distinção de status. Durante os funerais e posterior inumação, o tratamento do corpo depende de uma seleção e uso de um número de identidades sociais que o morto foi acumulando durante a vida. Essa seleção é feita por aqueles que possuem responsabilidades sociais sobre o falecido. Um sistema social compreende um sistema de papéis e condições sociais, de obrigações particulares em relação à organização formal do cemitério, caracterizado pelas dimensões simbólicas e grau de energia dispendido: supostamente tais comportamentos expressam - e são parte - parcelas da organização formal do sistema social total. Afinal, *complexidade social* está próxima da *complexidade mortuária*: são uma parte da outra (Barrett, 1999)¹⁴⁸.

O contexto da formação de cemitérios entre caçadores coletores, especialmente de estruturas mortuárias monumentais – sambaquis – envolve a reafirmação de domínio sobre as áreas de captação de recursos e consequentemente daquelas relacionadas as atividades mortuárias (afirmação da ancestralidade do domínio dos recursos ambientais). Novas estratégias de subsistência desenvolvidas por um grupo podem reestruturar as relações de competição com outros grupos em uma mesma região. Os cemitérios podem indicar a existência de grupos corporativos, resultante da necessidade desses grupos em estabelecer controle dos recursos essenciais para a subsistência, bem como legitimar sua existência.

A presença de inumações primárias implica na ocorrência de mortes em locais próximos ao cemitério: os assentamentos apresentam distancias estreitas com suas áreas de inumação. Em contrapartida, a frequência de sepultamentos em feixes de ossos e remanescentes desarticulados indica a existência de processamento e acondicionamento dos corpos, facilitando movimentos sazonais do grupo em áreas marginais até o cemitério após

¹⁴⁸ BARRETT, J C. The living, the dead and the ancestors. Neolithic and the Early Bronze Age Mortuary Practices. In. PREUCEL, R, HODDER, I. Contemporary Archaeology in Theory. Blackwell Publishers, p. 395-412, 1999.

a morte de seus membros. Os cemitérios podem, no segundo caso, estar distantes dos assentamentos, ainda em território do grupo, demarcando e estabelecendo laços de ancestralidade com as sociedades vivas. A distribuição dos recursos naturais obedece marcadores exclusivos por meio das áreas de sepultamento: verificando a distribuição das práticas mortuárias o arqueólogo poderá obter informações mais precisas sobre a natureza da distribuição dos recursos. Artefatos (utensílios, adornos e de carácter cerimonial) podem tanto indicar status individual quanto familiar ou de uma parcela do grupo. Esqueletos que apresentem incidência de patologias severas que possam afetar as habilidades individuais para atividades normais e necessárias ao grupo vinculam-se a indivíduos em condições de incapacidade de participação na competição pelos recursos essenciais e são excluídos dentro ou fora das zonas de sepultamento (Charles e Buikstra, 1983). A possibilidade de segregação de um ou mais indivíduos caracteriza a existência de diferenciação interna ao cemitério. Tanto a afirmação de um status familiar em sepulturas infantis, acentuando a importância dos jovens em regimes de assentamento e subsistência específicos, sedentários ou semi-permanentes, quanto a segregação dos doentes falecidos em um grupo indicam variabilidades no sistema de competição pelos recursos essenciais no interior desse mesmo grupo.

Relação existe entre o domínio dos recursos ambientais e a escolha da área de sepultamento. As crianças constituem extensões dos adultos:

Corporate membership for adults relied on their participation in subsistence tasks. Infants and children were accorded membership as an extension of their adult kindred status (Bement, 1994:23)

O cemitério, contendo essas características de variabilidade nas práticas mortuárias, representa ainda uma forma de afirmação inter e intra-grupo da ancestralidade-territorialidade,(ou mesmo da sua etnicidade), um elemento de demarcação da área de captação de recursos de um grupo, de suas interações e contatos com outros grupos , da sua própria mobilidade e percepção espacial.

O estudo de populações sepultadas gera informações sobre variabilidades socio-culturais e biológicas entre grupos de caçadores coletores. Nesse sentido, Jefferies e Lynch(1983) estabeleceram variáveis culturais e biológicas na análise das práticas mortuárias de grupos caçadores coletores que habitaram o Illinois entre 6.000 e 3.00 BC. Foram escolhidos atributos de sexo, idade (infantil, de 0 a 3 anos; criança, de 3 a 12 anos; adolescente, de 12 a 18 anos; adulto jovem, de 18 a 35 anos; adulto maduro ou médio, de 35 a 50 anos e adulto velho, de 50 a x anos), orientação e posição do corpo, tipo de decúbito (lado de deposição do corpo) e tipos de acompanhamentos funerários em cada indivíduo.

O problema da relação entre comportamento grupal (associações de grupos) e o estabelecimento de controles sobre os recursos e a idéia de ancestralidade entre grupos caçadores coletores foram tratados em Charles e Buikstra(1983) e retomados em parte por Barrett(1984). Estudos voltados a comparação de práticas mortuárias sob uma perspectiva regional para caçadores coletores na América do Norte foram empreendidos por Jefferies e Lynch(1983), Charles e Buikstra(1983) e Bement(1994).

Os aspectos comparativos entre as práticas mortuárias em grupos distintos e sepultamentos isolados do Paleolítico e Neolítico na Europa, Ásia e África abordados por Barrett(1984), Harrold(1980), Binford (1968), Smirnov (1989) e Binant(1991). Nesses estudos, variáveis culturais e biológicas foram consideradas em conjunto e analisadas sob temas diversificados como o da diferenciação de gênero pela presença ou ausência de acompanhamentos funerários (Harrold, 1980). Harrold acentuou os problemas e métodos de

análise de 36 sepultamentos do Paleolítico Médio e 96 do Paleolítico Superior na Eurásia. Nesse caso, nem todos os comportamentos mortuários deixaram resíduos materiais pelo tempo e as condições tafonômicas envolvidas (ação de animais, ação de novos assentamentos humanos posteriores. Generalizações indutivas sustentadas por métodos estatísticos e amostras quase sempre insuficientes (incluindo sua forma de registro insatisfatória) constituem meios pouco esclarecedores, mas possíveis, sobre as características de sepultamentos paleolíticos e suas implicações culturais. Harrold considerou em suas comparações de sepultamentos de períodos distintos o sexo, o grupo etário (adultos e juvenis), posição do corpo (fletido ou estendido), acompanhamentos funerários e associações específicas como estruturas em pedra .

Informações referentes as mudanças acarretadas com o surgimento do homem moderno entre os períodos *Musteriano* e *Paleolítico Superior* estudados por Binford (1968) foram obtidas a partir da comparação de práticas mortuárias. Essas variáveis quantificadas de acordo com sua distribuição por número de sítios e região. Constituem-se pelo tipo de sepultamento quanto ao número de indivíduos nele contidos (simples ou múltiplo), grupo etário (infantil, criança, adolescente, adulto, ancião), sexo (feminino, masculino ou indeterminado), partes do corpo presentes (crânios, fragmentos cranianos, fragmentos maxilares, mandíbulas, ossos dos membros superiores, ossos dos membros inferiores), presença ou ausência de oferendas mortuárias, tipos de acompanhamentos funerários (partes de animais, como escápulas de mamutes recobrimdo o morto, ossos, blocos líticos), a localização dos restos humanos (em área de habitação, fora da área de habitação ou sem informação precisa), posição do corpo no sepultamento (membros inferiores muito fletidos, semi fletidas, estendidas ou sem informação; membros superiores muito fletidos, semi fletidos ou sem informação; crânio voltado para o lado direito e esquerdo, com a base do crânio acentada, com face para cima, ou sem informação). Essas variáveis foram

comparadas entre si quanto a presença, ausência e frequência numérica, resultando em interpretações sobre as diferenças entre os graus de envolvimento do grupo nos rituais mortuários. Os adornos no caso dos sepultamentos do Paleolítico Superior, somente parecem refletir os meios de simbolização do status dos indivíduos.

Binant (1991) foi um dos autores que procurou verticalizar suas análises abrangendo o que denominou de primeiras sepulturas da Europa e suas diferenciações regionais quanto a diversidade das práticas funerárias. As variáveis biológicas e culturais voltam-se as características estruturais dos sepultamentos ao corpo (posições da cabeça, tronco, braço, mãos, pernas e posição geral do corpo, diversidade e originalidade), sexo, grupo etário, orientação, e aos resultados dos procedimentos funerários dos vivos como a presença de adornos (espécie do animal empregado, tipo de material – dente ou concha, coifas, braceletes, colares, pendentes e outros), mobiliários (líticos lascados ou brutos, artefatos em osso, dente, chifre, madeira, marfim e outros), os pigmentos (frequência), os restos de fogueiras (e sua distribuição), os restos de animais associados (espécies, disposição, tipo de vestígios) os objetos "de arte" (gravuras, relevos, estatuetas), a temática dos animais e sua relação com os homens, disposição dos acompanhamentos funerários junto do corpo. O contexto da deposição dos corpos, a forma da cova e distribuição dos acompanhamentos em seu interior e junto do esqueleto são constantemente ilustrados pelo autor.

A pertinência da adoção de variáveis de caracteres cultural e biológico mostraram-se, independentemente dos métodos estatísticos empregados, recorrente nos autores citados acima. Nos casos específicos dos estudos sobre as sepulturas paleolíticas e neolíticas, as amostras por grupos são reduzidas, predominando a quantidade por região continental estudada.

A cultura marinha que se estende do litoral norte à Baixada Santista, no Estado de São Paulo, tem sido definida pela distribuição de categorias de artefatos e tipos de sítios.

Escavações recentes em sítios litorâneos do litoral sul tem considerado características de conjuntos de sítios na região, buscando uma definição mais precisa de uma cultura para a região. As áreas culturais não são fixadas, mas mudam através do tempo:

The culture areas were not fixed on the landscape, but rather changed through time. Thus, as the chronology of the area improved, so has our understanding of the areal extent of influence by the dominant cultures through time (Bement, 1994:9)

Áreas funerárias possuem dimensões e estão junto, próximas ou distantes das áreas de habitação (contextos sistêmicos ou funcionais). Áreas funerárias também constituem áreas de atividade dos vivos, portanto fizeram parte de contextos de vida ou sistêmicos. A identificação dessas áreas se dá pela observação de sepultamentos concentrados em um espaço delimitado. Para além de uma "arqueografia" das práticas mortuárias, verificar e inferir dados sobre a existência de *grupos de afinidade* (conceito formulado por Gaspar) em cemitérios implica em estabelecer ou identificar *unidades sociológicas* ou conjuntos de indivíduos que foram inumados próximos uns dos outros em uma área circunscrita e cujos enterros foram realizados durante um período de tempo relativamente curto. Nesse caso, para Gaspar¹⁴⁹, relações de parentesco, clânicas, de gênero, políticas, religiosas, entre outras, uma vez diagnosticadas, levariam o arqueólogo a criar essas unidades sociológicas. Certo está que, assim o arqueólogo deixa de "arqueografar" e passa a "produzir conhecimento arqueológico e interpretações a partir de problemas pré-estabelecidos", ou algo assim, "cientificamente verificável" e que leve em conta as variabilidades das "complexidades sociais".

¹⁴⁹ Ver um dos problemas de investigação científica propostos por M D Gaspar em BLASSIS, PD e outros. Projeto Arqueológico do Camacho. Processos Formativos ns Sambaquis do Camacho, SC: padrões funerários

A população que ocupou a costa brasileira deveria apresentar, segundo Gaspar (1994-95:223-224) uma *individualidade coletiva*, apesar das variações regionais e temporais. Essas variações podem indicar influências ambientais diversas. São traços fundamentais caracterizadores dos sambaquis :

- 1 - contém restos de alimentação (quer relacionada a assentamentos permanentes, semi-permanentes ou temporários, vinculados as festividades diversas, incluindo os funerais);
- 2 - esses restos estão predominantemente representados por valvas de moluscos, de uma ou outra espécie, com ou sem camadas de sedimentos e de ossos de fauna ou restos de flora intercalados (incluindo provavelmente camadas escuras, ricas em vestígios orgânicos e e restos de peixes, associadas a uma tecnologia de manejo ou cultivo incipiente de recursos vegetais, a garden agriculture¹⁵⁰);
- 3 - que estes restos apresentem característica de acúmulo, formação de estrutura que apresente destaque na paisagem costeira, quer com 2m ou 30m de altura, com áreas alongadas ou circulares;
- 4 - que esses acúmulos (estruturas "construtivas") estejam implantados próximos ao mar, rio e/ou lagoa, próximos a sítios semelhantes, nunca em locais deprimidos;
- 5 - que os artefatos depositados em contexto arqueológico indiquem atividades relacionadas ao "espaço doméstico" (habitação, processamento e consumo de alimentos), o cemitério e o local de descarte de restos alimentares e artefatos;
- 6 - que estejam presentes enterramentos humanos, referentes a indivíduos de ambos os sexos com idades variadas, sendo primários, secundários ou terciários, simples ou múltiplos, com ou sem acompanhamentos funerários e que estes acompanhamentos, quando presentes ,

e atividades cotidianas. As Campanhas de 2003/2004 e atividades associadas. Relatório Final. Processo Fapesp. 03/02059-0. MAE-USP. P. 21-22, 2004.

¹⁵⁰ Ver TENÓRIO, M C. A importância da coleta de vegetais no advento da agricultura. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1991; BLASIS, P D, e outros. Padrões de assentamento e formação de sambaquis em Santa Catarina. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo. N.8, p. 319-321, 1998.

sejam compostos de materiais encontrados no próprio sítio e apenas relacionados ao contexto funerário (característica de difícil determinação);

7 - que esse conjunto de características seja exclusivo do sistema sócio-cultural único em estudo, em ampla região costeira.

Vai ser nessa perspectiva, a de um sistema sócio-cultural único que estaremos, em parte, direcionando nossa pesquisa. Muito embora esse sistema tenha , possivelmente, apresentado características exclusivas a pelo menos 8.000 AP, em períodos mais recentes, de 3.000 a 1.000AP, pode ter sofrido mudanças e ocasionado ou uma extinção e/ou a geração de novos sistemas sócio-culturais, com sutis alterações, cujas práticas mortuárias são um dos principais indicadores. As quatro amostras estudadas - Piaçaguera, Tenório, Buracão e Mar Virado - podem indicar sim, a presença de um sistema sócio-cultural único, mas com sutis diferenciações, possivelmente marcadores de mudança dentro do subsistema amplo e comum.

CAPÍTULO 2 – OS SAMBAQUIS PIAÇAGUERA, BURACÃO E OS SÍTIOS TENÓRIO E MAR VIRADO

2.1 - Considerações iniciais

Os sambaquis estão presentes na história da exploração econômica e das pesquisas arqueológicas realizadas no litoral brasileiro, sobretudo do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul, desde o período colonial. Esses sítios tem recebido denominações diferentes¹⁵¹, que variam de região para região, como casqueiros, ostreiras (formados de cascas de ostras), berbigueiras (formados predominantemente de *Anomalocardia brasiliensis*), sernambi (região Norte, os acúmulos de *Mesodesma sp*, usados para a fabricação de cal no Pará). O termo *sambaqui*, de origem tupi, significa restos de moluscos (*tambá-quí*) ou acúmulo de ostras, verdadeiras colinas de cascas de moluscos (*tamba-quí*). Ainda encontramos para *sambaqui*, os termos moluscos espargidos (*hambá-kyp*) e monte de moluscos (*h'ambá-kyb*)¹⁵².

Em 1956, com a missão Emperaire¹⁵³, foi proposta uma classificação dos sambaquis de acordo com sua localização/cronologia relativa. Os sambaquis mais antigos, em parte submersos ou semi-submersos datariam de uma época anterior ao optimum climático. Os sambaquis formados junto a Serra do Mar durante a máxima elevação do nível marinho, seriam intermediários cronologicamente aos formados posteriormente, quando da regressão

¹⁵¹ GUIDON, N, LAMING-EMPERAIRE, A, PALLESTRINI, L, PROUS, A. Documents pour la préhistoire du Brésil méridional. I- L'État de São Paulo. Cahiers d'Archéologie d'Amérique du Sud. Paris, v.2, p.11-12, 1973.

¹⁵² Essas terminologias foram descritas em SERRANO, A. Los sambaquis y otros ensayos de arqueología brasileña. Anais do III Congresso Sul-riograndense de História e Geografia. Porto Alebre, Brasil, p. 5-6, 1940.

marinha caracterizadora da linha atual da costa. A classificação de Emperaire nos dá como sambaquis: costeiros ou próximos da linha atual da costa; lagunares, próximos das lagunas interiores; os fluviais, situados nos cursos superiores dos rios, em bases de montanhas; e os sambaquis continentais, situados no interior. Os mais antigos estariam cronologicamente situados na faixa entre 4.000 a 8.000 anos AP e os mais recentes entre 1.000 a 3.000 anos AP. De acordo com a composição do sítio, registram-se 2 tipos básicos de sambaquis¹⁵⁴:

(...) 1) sambaquis meubles ou "propres" constitués essentiellement de coquilles, généralement de berbigões, les autres coquilles étant représentées par un pourcentage infime; les couches de ces amas, Qui ne sont maintenues en place par aucune terre, sont meubles et s'écroulent facilement; 2) sambaquis compacts ou "sales" dans lesquels il y a alternance entre les couches composées de coquilles intactes et celles formées de coquilles cassés et piétinées, de sables, de cendres, de charbons, de vestiges alimentaires, etc. Ces couches compactes sont généralement composées de moules (Modiolus et Mytelus) (Guidon e Pallestrini, 1973:30)

A estrutura estratigráfica, as unidades estratigráficas¹⁵⁵ de um sambaqui são parcelas de sedimentos que contém indícios de formas de ocupação e abandono, traços de atividades sobrepostos e superpostos, alterações tafonômicas. Sua dinâmica expressa, em parte, a dinâmica do grupo ou grupos que ali permaneceram. A área de ação dos grupos sambaquieiros evidentemente, não se limitava ao local de seu assentamento, buscando também outras áreas de captação de recursos. O número e a cronologia das ocupações

¹⁵³ EMPERAIRE, J, LAMING-EMPERAIRE, A . Les sambaquis de la côte méridionale du Brésil (campagne de fouilles 1954-1956). Journal de la Société des Américanistes (Paris), v.45, p. 5-163, 1956; EMPERAIRE, J, LAMING-EMPERAIRE, A . Bilan de trois campagnes de fouilles archéologiques au Brésil méridional. Journal de la Société des Américanistes (Paris), v.47, p.199-212, 1958.

¹⁵⁴ GUIDON, N, PALLESTRINI, L. L'état de São Paulo. In: GUIDON, N, LAMING-EMPERAIRE, A, PALLESTRINI, L, PROUS, A . Documents por la Prehistoire du Brésil Meridional. Cahiers d'Archeologie d 'Amerique Latine, Paris, v. 2, p.11-61, 1973.

¹⁵⁵ Ver a análise de estratigrafias complexas em sambaquis , a correlação estatística de elementos contidos nas unidades lito e etnoestratigráficas: STEIN, J K (ed). Deciphering a Shell Midden. Acaemic Press, New York, 1992.

realizadas em um mesmo sambaqui são significativos para a compreensão da própria dinâmica da formação do sítio e do aproveitamento de seu meio ambiente. A análise das unidades estratigráficas, sua composição e correlação entre os seus elementos e as demais unidades podem auxiliar na interpretação de distintos contextos deposicionais. A escavação por níveis naturais, presumivelmente é possível pela observação macroscópica dos cortes e superfícies estratigráficas. A distinção dessas unidades arqueológicas de análise pode se dar em correlação com o sítio, comparando-se artefatos e por meio de correlações regionais, entre sítios. Modificações pós-deposicionais são sempre inerentes e devem ser mensuradas. As unidades de análise nos sambaquis consideram aspectos geológicos (origem dos micro e macrofragmentos líticos e solo encontrados em uma amostra significativa); dos artefatos (classificações morfológica e tecnológica) e biológica (as características dos restos de animais e vegetais, como a taxonomia, habitat esperado, características anatômicas, modificações antrópicas como queima e corte). A concentração desses elementos e sua distribuição espacial indicam presença de determinadas práticas culturais, incluindo formas de atividades voltadas à subsistência.

Os aspectos cronológicos dos sambaquis foram tratados por Uchôa(1973:203-205) que recorreu as observações de Serrano(1963)¹⁵⁶. Para esse autor, os sambaquis poderiam ser agrupados por critérios espaciais e temporais em três grandes categorias:

Quadro 7 - Categorias cronológicas de sambaquis proposta por Serrano(1963):

Cronologia dos sambaquis	
10.000 - 6.000 anos	Sambaquis em sedimentos situados atualmente abaixo do nível do mar - época anterior ao ótimo climático
6.000 - 3.000 anos	Sambaquis sobre sedimentos que ficaram fora do alcance do mar no ótimo climático, imediatamente antes ou depois desse ápice
3.000 - 1.500 anos	Sambaquis sobre sedimentos areno-argilosos; inferiores a 1m de altura

Adaptado de Uchôa, 1973:203

¹⁵⁶ SERRANO, A. The sambaquis of the Brazilian coast. In. STEWARD, J H (ed). Handbook of South American Indians. New York, Cooper Square, p. 401-407, 1963.

Os sepultamentos que estudamos provém de quatro sítios escavados no litoral de São Paulo e apresentam as seguintes datações, de acordo com Uchôa (1973:204), Mello e Alvim e Uchôa (1979/80), Garcia e Uchôa (1980), Gaspar (1998:599), Amenomori (2005:37) e Nishida (2002:28):

Quadro 8 - Distribuição dos sítios estudados por datação radiocarbônica, nº das amostras, nº de sepultamentos e localização:

Sítio	Datações radiocarbônicas dos sítios estudados				Localização
	Datação (BP)	Laboratório/amostra	Nº sepultamentos	Nº esqueletos	
Piaçaguera	4890 $\pm$ 110	Isotopes - 4480	77	87***	Cubatão-SP - 23°52'S e
	4930 $\pm$ 110	Isotopes - 4481			46°22'W
Buracão	1240 $\pm$ 95	Gif-sur-Yvette - 1053	43	49	Santos - SP - 23°53'22"S e
	2050 $\pm$ 100	Gif-sur-Yvette - 1056			46°10'40"W
	1950 $\pm$ 100	Gif-sur-Yvette - (-)			
	1600 $\pm$ 95	Gif-sur-Yvette - (-)			
Tenório	1875 $\pm$ 90	Isotopes - 5306	28	73	Ubatuba - SP -
					22°27'8"/45°34'W
Mar Virado**	2570 $\pm$ 70	Beta - 154721	33	54	UTM:23K0493206/7406637*
	(Cal. 2360 a 2060)				Ubatuba - SP - 23°34'S e
	2640 $\pm$ 70	Beta - (-)			45°09'W
	(Cal. 2480 a 2140)				UTM:23K0484708/7393740*

Vida média do C14 (valor de Libby) = 5570 $\pm$ 30 anos (1973). * (AMENOMORI, 2005:37). ** (NISHIDA, 2002:28). *** (GARCIA e UCHÔA, 1980:25); (Teledyne Isotopes Lab)

Diversificações quanto a forma de deposição (distribuição, quantidade, espécies) dos moluscos, peixes, equinodermas, mamíferos, aves, répteis, crustáceos e vegetais são indicadores de possíveis diferenciações sócio-culturais vinculadas ao aproveitamento dos recursos alimentares. Por um lado, determinados sambaquis apresentam-se constituídos por camadas interdigitadas de valvas de moluscos e ossos de peixes e outros animais enquanto que outros mostram-se com escassas camadas de conchas, inseridas em uma categoria de solo de origem possivelmente antrópica, de cor escura, onde, por vezes, predominam bolsões com restos de moluscos, peixes, mamíferos ou mesmo com predomínio de restos queimados de equinodermas. As bases de inserção dos sambaquis podem variar de áreas de encostas, coluvionais ou aluvionais contendo matacões graníticos ou em gnaisses alterados,

bem como bases predominantemente planas e arenosas, formadas sobre rocha matriz. Insulares ou continentais, podem situar-se em encostas de enseadas protegidas. A variabilidade da tecnologia e das matérias-primas empregadas na confecção de artefatos acompanha predominantemente a variabilidade das ofertas ambientais, assim como a diversidade comportamental no manejo com a natureza, inerente a produção de cultura entre as populações inseridas em ambientes marinhos/costeiros. Por outro lado, respostas funerárias ao fenômeno da morte também podem expressar esses atributos. Os graus de diferenciação no comportamento mortuário de grupos costeiros pode favorecer a revisão e implemento dos estudos arqueológicos voltados a caracterização de culturas, ou melhor, de uma única e exclusiva cultura marinha pleistocênica. Entretanto, diferenças acentuadas em determinadas práticas mensuráveis por meio da análise de variáveis culturais e biológicas formuladas a partir dos dados mortuários pode gerar subsídios específicos, de distinção *arqueoétnica* e *arqueosociocultural* entre determinadas populações costeiras: distinguir-se-iam os sambaquis entre si e entre outros tipos de "sítios com conchas", com recursos similares, mas com respostas culturais ou estratégias de subsistência e de expressividade simbólica distintas?

2.2 - Aspectos gerais dos sítios

O sambaqui Piaçaguera foi escavado durante um período de trinta dias em 1964 (Pallestrini, 1964)¹⁵⁷, por arqueólogos do Museu Paulista e entre julho de 1965 e início de 1969 (Garcia, 1970, 1972; Uchôa, 1970, 1973; Garcia e Uchôa, 1980), por equipe do Instituto de Pré História da Universidade de São Paulo. Sua descoberta ocorreu durante as obras de implantação da COSIPA, quando da ação destrutiva de um trator. Localizava-se a

¹⁵⁷ PALLESTRINI, L. Jazida litorânea em Piaçaguera, Cubatão, Estado de São Paulo. Revista do Museu Paulista, ns, São Paulo, 15, p. 357-379, 1964.

ENE do morro da Tapera, em área de baixa encosta, no município de Cubatão, SP, a 23° 52'S e 46° 22'W, com uma área de aproximadamente 850 metros quadrados (Garcia e Uchôa, 1980:16).

Este sambaqui estava inserido em área de contato com os morros do embasamento cristalino, sobre camada aluvional e coluvional, com matacões rochosos esparsos e alterados, atualmente circundado por mangue, rio Mogi e largo do Caneú. Apresentava forma colinar de 2 metros de altura - cota média da base variou de 10 a 12,30m acima do nível do mar-, com base oval, constituindo-se predominantemente de conchas e restos de fauna, dispostas em camadas interdigitadas, com presença de lâminas de carvão, cinza e evidências de ocupação humana. O sítio compunha-se de três camadas (Esquema 3) e estava assentado sobre embasamento argiloso claro (camada estéril). As camadas essenciais na constituição estratigráfica do sambaqui compunham-se de um estrato superficial, húmico, escuro, com poucos restos de peixes e moluscos; uma camada (II) de sedimento marrom escuro, com restos de crustáceos, peixes, ostras, valvas trituradas de *Mytella guianensis* (Uchôa, 1973:60) e lâminas interdigitadas de carvão, com presença de sepulturas. A camada III, com sedimento claro, continha concentração de valvas grandes de *Crassostrea* sp e restos de crustáceos, com pouca expressividade. Duas amostras datadas pelo método radiométrico do C14¹⁵⁸ apresentaram os resultados 4.890±110BP e 4.930±110BP.

Buracão (S3)¹⁵⁹, situado na Ilha de Santo Amaro, no km 17 da estrada Guarujá-Bertioga, a 9 m do canal de Bertioga, foi escavado entre a década de 1940 por Biocca, Hoje e Schreiber(1947)¹⁶⁰ e no período compreendido entre agosto de 1962 e março de 1963 por equipe coordenada por Paulo Duarte, do Instituto de Pré-História da Universidade de São

¹⁵⁸ Amostras A(I-4480) e C(I-4481) Seg. Garcia e Uchôa, ob. Cit, 1980, p. 25)

¹⁵⁹ sigla dada por Biocca em 1940 para designar o sambaqui nº3.

¹⁶⁰ BIOCCA, A C, HOGE, A, SCHREIBER, G. Contribuição ao estudo de alguns sambaquis da ilha de Santo Amaro. In. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, v.1, 153-171, 1947.

Paulo. A base rochosa sobre a qual estava o sítio (Pallestrini, 1964) apresentava superfície irregular, não plana, constituído por blocos de gnaiss alterados e mais ou menos isolados.

Esquema 3 - Estratigrafia de Piaçaguera: A=camada de húmus, B=Mitella sp, C=Astrea sp, D=carvão, E=embasamento (adaptado de Uchôa, 1973).

A área limítrofe do sambaqui Buracão estendia-se a mais de 20 metros quadrados (área escavada) e menos de 140 metros quadrados, representando um terço das dimensões originais¹⁶¹ e com a espessura média de cerca de 1,20m. Quanto a sua composição estratigráfica, compunha-se de uma camada com predomínio de *Astreas* grandes, camadas de *Astreas* menores interdigitadas com terra preta, camadas de terra preta, lâminas de carvão e faixas arenosas resultantes da decomposição da base rochosa, mais abaixo. A camada de terra preta, mais superficial continuava sobre e para além dos limites das camadas de conchas, com materiais arqueológicos: lâminas de machados polidos e lascados, dentes e ossos de animais com sinais de trabalho e líticos com sinais de utilização. Essa camada representaria uma área de ocupação humana além dos limites do sambaqui (Pallestrini,

¹⁶¹ Buracão foi explorado pelo serviço Santos -Bertioga para fins industriais, fabricação de cal ou adubo, seg. Mello e Alvim e Uchôa, 1979/80:343.

1964:295). Essa camada preta, com predomínio de restos de peixes, chegava em alguns pontos até a base rochosa, se interdigitando em alguns momentos com as outras camadas (Esquema 4). A zona de habitação, segundo a autora, estaria situada na parte sul e leste do sítio e era constituída por terra preta, restos ósseos e poucas conchas. O sítio apresentou, no término da escavação, bolsões de cinza e carvão com restos de peixe, *Phacoides* e solos constituídos por terra preta, restos alimentares e carvão. A constituição estratigráfica descrita por Pallestrini(1964:295-298) em relação a Buracão indica possível similaridade com a estratigrafia do sítio Mar Virado.

A escavação que resultou na exumação dos sepultamentos do sambaqui Buracão, que são objeto deste trabalho, ocorreu entre 1962 e 1963, realizada por equipe de arqueólogos daquela mesma instituição. O sítio, representado por um terço de suas dimensões originais, formava uma elevação composta de camadas de valvas de moluscos, peixes, aves e mamíferos, camada de terra preta com poucas conchas, restos de fogueira e faixas arenosas sobre base rochosa decomposta. Apresenta documentação de campo esparsa já reunida e uma publicação sobre os resultados das escavações. O fato mais interessante, segundo Guidon e outros (1973), foi a descoberta de um número elevado de sepultamentos em relação à superfície escavada, nos quais os corpos apresentaram posições variadas e apresentavam um abundante acompanhamento funerário

Esquema 4 - Estratigrafia de Buracão: A= solo escuro (terra preta), B=carvão, C=valvas de moluscos, D=areia, E=matações rochosos decompostos e nichos (adaptado de Pallestrini, 1964).

A 100 m da linha de preamar, entre a praia do Tenório e o rio Itaguá, em Ubatuba, situava-se o sítio Tenório ($22^{\circ} 27' 8''$ e $45^{\circ} 34' W$), em superfície arenosa terraplanada, protegido ao Sul por uma duna e ao Norte conflua com as lentes de argila das margens do rio Itaguá. Abrangia 384 metros quadrados, com espessura deposicional variando de 0,40 a 1m, com superfície apresentando ligeira elevação no centro e declive nas extremidades. Dessa área, foram escavados por equipe de arqueólogos do Instituto de Pré-História da Universidade de São Paulo, 272 metros quadrados. Formado por vestígios de ocupação de grupo(s) de pescadores-coletores-caçadores, não caracteriza-se pelo amontoamento de valvas de moluscos, como Piaçaguera, apresentando material esparsos com individualização de bolsões ou fossas de entulhamento (Esquema 5), constituídas por concentrações de restos de alimentos e carvão (Uchôa, 1973).

Tenório foi datado em 1875 ± 90 BP por meio de duas amostras (*Anadara notabilis*, niv.1,80m,Q.42, Camada I; ossos humanos e carvão em mancha de fogueira sobre embasamento arenoso, nível 1,75m, Q. 66 e 69, Camada II) no Teledyne Isotopes (USA)

pelo C14. Sua constituição interna caracteriza-se pela presença de três camadas a saber: I, superficial, com predomínio de terra preta, com espessura média de 0,40m, contendo lentes com restos alimentares e concentração de moluscos; II, intermediária, arenosa, com espessura média de 0,30m; III, embasamento arenoso claro, com eventuais restos arqueológicos (ver descrição dos perfis longitudinais A e B em Uchôa, 1973:62-66).

Mar Virado está inserido em área de enseada, na Ilha de mesmo nome, no município de Ubatuba, litoral Norte do Estado de São Paulo, localizado nas coordenadas UTM:23K0484708/7393740 (Amenomori, 2005:37).

As primeiras triagens no sítio identificaram vestígios de ocupações humanas diversas, desde a pré-história, estendendo-se do período de exploração colonial aos dias atuais. Entre 1990 e 1995 a área arqueológica estendeu-se para além dos 2 metros quadrados

Esquema 5 - Perfil estratigráfico representativo do sítio Tenório: A=camada de húmus; B=terra preta com fauna (bolsões), C= areia, D= sepultamento (adaptado de Uchôa, 1973).

inicias, sendo delimitado o espaço de escavação¹⁶². Na superfície do sítio há uma camada argilosa avermelhada resultante de deposição coluvional das encostas. Situado numa área de encosta, apresenta-se composto de solo escuro, formando bolsões e contendo. Esses vestígios encontram-se depositados sobre uma base formada de matacões graníticos decompostos entre os quais eram feitas as deposições funerárias. O substrato arqueológico caracteriza-se pela presença de terra preta, fauna - restos de peixes, crustáceos, répteis e mamíferos marinhos, poucas conchas - incluindo bolsões quase exclusivos de restos de espículas calcinadas e carapaças de ouriços e peixes - e concentrações de sepultamentos humanos, depositados sobre base de matacões rochosos decompostos (Esquema 6). Formado por vestígios de ocupação de grupo(s) de pescadores-coletores-caçadores, não se caracteriza pelo amontoamento concentrado de valvas de moluscos, como Piaçaguera, apresentando material esperso com individualização de bolsões ou fossas de entulhamento com possíveis implicações funerárias.

Mar Virado foi datado inicialmente entre 2640 ± 70 BP e 2570 ± 70 BP por meio de duas amostras de espículas de ouriço calcinadas obtidas de amostras zooarqueológicas (Amenomori, 2005).

¹⁶² As escavações em Mar Virado foram coordenadas pela Profa. Dra Dorath P Uchôa entre 1990 e 2005.

Esquema 6 - Perfil estratigráfico representativo do sítio Mar Virado: A=camada de húmus; B=terra preta com fauna (bolsões/ restos de banquetes funerários), C=matacões graníticos alterados, D= sepultamento.

Entre os quatro sítios de onde provém as amostras dos sepultamentos, Tenório foi o único a apresentar inserção diferenciada no relevo costeiro. Piaçaguera, Buracão e Mar Virado encontravam-se em áreas de encosta, formados sobre matacões rochosos alterados. Os grupos formadores de Tenório e Mar Virado escolheram áreas de enseadas, relativamente protegidas, tanto no continente quanto em ilha. A própria concentração de sepultamentos nesses depósitos pode ser indicadora de áreas especilaizadas, de cemitérios, nos quais a permanência e seus vestígios estejam vinculados ao carácter simbólico e ritual dos eventos ali desenvolvidos, como banquetes funerários sucessivos e práticas a eles inerentes, como a coleta, caça, processamento da oferenda de consumo coletivo e atividades correlatas, possivelmente semi-temporários. Por outro lado, a permanência nos sítios não vinculada somente ao fenómeno da morte constitui outra hipótese válida (Garcia, 1972; Uchôa, 1973). A intensidade da deposição dos vestígios de alimentação somada a presença efusiva de sepulturas, especialmente em Mar Virado, poderiam indicar a presença de cemitérios no interior dos próprios assentamentos: os sítios de vida e morte , nos quais estariam validadas as duas hipóteses: banquetes funerários e sepultamentos realizariam-se conjuntamente as atividades de subsistência, de pesca, coleta, caça, de atividades sócio-culturais diversas, nascimentos, abandono, reocupações sucessivas por outros grupos.

Quadro 9 - Características estruturais dos sítios estudados:

Características dos sítios estudados: dimensões e espessura				
Sítio	Área total - área escavada (m quadrados)	Espessura (m)	Camadas/Composição	Ambiente
Tenório	384 - 272	1,00 a 0,40	I - superficial - terra preta e areia, 0,4 a 0,9m espessura, restos de peixes, equinodermas, aves, mamíferos em lentes e concentrações de moluscos. Sepultamentos no contato entre I e II. Presença de estrutura de 0,7x3x0,3m, Q64-70, com restos de Pinctada, Strombus, ouriço, peixes, aves e mamíferos; estrutura de concentração de restos faunísticos de 1x0,35m (Q75); presença de fina camada de moluscos e restos de fogueiras (Q76-75); II - intermediária - sedimento arenoso, castanho escuro/amarelado, 0,3m espessura média; III - embasamento arenoso - amarelo, com alguns sepultamentos.	Região plana, enseada, praia do Tenório, costões e diques rochosos, duna, rio Itaguá, recursos do mar, do rio e da floresta; possíveis áreas de captação de recursos não identificadas.
Piaçaguera	850 -	2,00 a 0,70	I - superficial - 0,25m espessura; húmus, resíduos de ostras e ossos alterados de fauna; II - intermediária - 0,95m de espessura; sedimento compacto, com restos alterados de Mitella sp, expressiva quantidade de restos de peixes, crustáceos e lentes de cinza em finos estratos dispostos paralelamente; presença de sepultamentos; III - sob a camada anterior, 0,40m de espessura, composta de grandes valvas de Crassostrea sp, expressiva quantidade de restos de peixes (Tachysurus spixii) e crustáceos (Ucides cordatus); grandes concentrações de precipitados carbonáticos; IV - embasamento argiloso, claro, formado pela decomposição de granito e gnaiss; ocorrência de blocos muito alterados.	Região elevada, entre a escarpa da Serra do Mar e o Oceano Atlântico; Morro da Tapera, baixa encosta, de formação cristalina; planície de inundação com influência de maré; matas da encosta, de transição e área de mangue; rios de acentuado gradiente vertical com nascentes na Serra do Mar e que desaguam na planície de maré; trama de canais interligados de água doce; área de captação de recursos possível se estende pelas regiões circunvizinhas, incluindo a região das praias e com afloramentos rochosos.
Buracão	140 - 20	1,20	Rolado - camada com dispersão do seu conteúdo, podendo pertencer as demais camadas ou estruturas, resultado de antigas intervenções; presença de restos humanos; ITP - de 4,284 a 4,184m acima do mar, camada superficial de terra preta, conchas, restos faunísticos - peixes, Astrea, Anomalocardia, Thais, poucos restos de aves e mamíferos, artefatos, sepultamentos, extremamente perturbada; Bolsões - estruturas com carvão, cinzas e restos de peixes e Lucina em maior proporção; Fogueiras - estruturas Ia a Ig, camadas com cinza e carvão predominantes; contém sepultamentos nas Ia, Ic e Ie; Terra preta - camada que se intercala com as demais, pode conter restos alimentares e sepultamentos; Camada de ostras com terra preta - com ostras de pequeno porte misturadas com terra preta; Basal de conchas - camada em contato com a base, em declives, entre blocos; Astreas, sepultamentos; Faixas arenosas - logo acima da base Base rochosa - superfície irregular, de gnaiss decomposto com areia e matacões isolados; sepultamentos;	Região elevada na Ilha de Santo Amaro, canal de Bertioga, córrego de água doce, encosta de serra, floresta e região das praias no lado oposto da ilha.

Mar Virado	-	$\pm 1,80$	Camada aluvional argilosa distribuída de forma irregular na superfície do sítio; Camada de terra preta distribuída entre os bolsões de restos alimentares; Camada de terra preta com restos faunísticos; Bolsões de carapaças e espículas queimadas de ouriço com restos de peixes, aves, crustáceos, répteis e poucas valvas de moluscos <i>Cyprea</i> , <i>Thais</i> sp e <i>Spondylus americanus</i> ; Blocos e matações de granito decomposto formando nichos com sepultamentos.	Ilha do Mar Virado, distante cerca de 2km do continente.
------------	---	------------	--	--

Poderíamos afirmar, a priori, que Piaçaguera constitui um conjunto de vestígios de atividades de grupos de pescadores-coletores-caçadores, com camadas estruturadas predominantemente por valvas de moluscos, sem interrupções por abandono do assentamento; Buracão, embora também inserido em substrato composto por blocos rochosos alterados, compõem-se de camadas de conchas interdigitadas com restos de carvão e inseridas em espessas camadas de terra preta; Tenório apresenta-se sobre superfície relativamente plana, diferentemente de Piaçaguera, Buracão ou mesmo Mar Virado, com camadas de ossos de peixes e restos de moluscos, equinodermas e outros animais inseridas em terra preta, compondo fossas imediatamente abertas sobre a base arenosa e sem, possivelmente, constituição em forma de elevação. Mar Virado, embora em substrato granítico alterado como Piaçaguera e Buracão, também em área de encosta voltada para o mar ou fonte de água doce, apresenta camadas de valvas de moluscos em pequena quantidade, com predomínio dos restos de peixes e equinodermas em suas unidades estratigráficas. Nesse sítio aparecem estruturas de fossas ou bolsões contendo carvão e restos abundantes de equinodermas e peixes com sinais de queima (possíveis banquetes relacionados as práticas motuárias). Em todos os sítios os sepultamentos humanos constituíram importantes estruturas de diferenciação cultural inter e intra grupos.

Quanto à inserção ambiental, Piaçaguera está localizado na baixa encosta do Morro da Tapera, de formação cristalina, a ENE, sobre superfície coluvional argilosa composta gnaisse e granito em blocos alterados ou totalmente decompostos, junto à margem de um

canal, circundado pela zona da mata latifoliada de encosta, dos morros e esporões da Serra do Mar e pela zona de mangue da planície de inundação com confluência de maré. Junto ao sítio havia um córrego proveniente do Morro da Tapera e os rios mais próximos eram o Quilombo e o Moji, no município de Cubatão, SP (Garcia e Uchôa, 1980:16).

Buracão apresentava-se como uma elevação localizada a aproximadamente 9m do canal de Bertiooga, acompanhando a topografia do terreno, com proximidade a SE de um córrego de água doce que desaguava no referido canal. Estava inserido em porção insular, na ilha de Santo Amaro.

Tenório estava localizado a 100m da linha de preamar, na praia do Tenório, em terreno arenoso, protegido por uma paleoduna e pela enseada.

2.3 - Variabilidade estrutural/variabilidade sócio-cultural: questões para o futuro.

Esses "acampamentos" (paralelamente a definição de Beltrão e Kneip, 1967) seriam formas de convergências adaptativas de diferentes culturas ao meio marinho? Acampamentos conchíferos seriam marcadores da diversidade cultural paralela as convergências adaptativas representadas pela presença dos sambaquis?. A presença de sítios diferenciados morfologicamente dos sambaquis seriam indicadores da existência de ocupações pré-cerâmicas culturalmente diferentes? Essas questões, inicialmente citadas por Neves (1988:52), podem suscitar a existência de uma provável variabilidade e diversidade sócio-cultural das populações que se adaptaram ao meio marinho. Não somente a formação de sambaquis predominaria no contexto litorâneo entre 1500 a 5000 AP, mas também de sítios "planos, relacionados à pesca", com presença de "bolsões" ou "fossas de entulhamento" de detritos alimentares e carvão., bem como com presença da "terra preta"

como sedimento predominante nos estratos arqueológicos. O volume de conchas nesses sítios seria reduzido em relação aos sambaquis. A concha não mais demarca e estrutura tais assentamentos.

Serão essas características estratigráficas que produziram dúvidas quanto aos sítios catarinenses de Itacoara (Tiburtius, Bigarella e Bigarella, 1951), sítio da Praia das Laranjeiras(2540+-210AC), Armação do Sul (1785+-100AC), Balneário das Cabeçadas, Praia da Tapera (810+-180 e 1525+-70AD) e da Base Aérea (1150+-70AD), acampamentos conchíferos cerâmicos com estratos inferiores pré-cerâmicos, apresentando terra preta e bolsões alimentares (Neves, 1988).

Blasis(1988)¹⁶³ e Barreto(1988)¹⁶⁴ definiram sítios concheiros como possuidores de alta densidade de conchas de moluscos em solo escuro, apresentando material ósseo e lítico lascado e polido, bem como sepultamentos humanos. Essa classe de sítio estaria situada nos fundos de vales e encostas baixas de Itaoca, no Vale do Ribeira, apresentando, frequentemente, cerâmica na superfície e abundância de conchas, bem como sepultamentos. Estaria definindo os acampamentos conchíferos citados em Neves(1988)? Ou ainda corroborando com a definição de Beltrão e Kneip (1967)? A possibilidade da presença de casos diferenciados é iminente: acampamentos tupiguaranis, acampamentos conchíferos pré-cerâmicos e/ou cerâmicos, sítios concheiros - sambaquis fluviais, sambaquis rasos(Barreto, 1988:73). Esses acampamentos estariam relacionados à instabilidade dos seus ocupantes em relação a dinâmica de exploração dos recursos essenciais à subsistência e a permanência do assentamento. Os ocupantes dos sambaquis teriam encontrado estabilidade na exploração dos recursos marinhos e terrestres (Barreto, 1988:78).

¹⁶³ BLASIS, P A D de. A ocupação pré-colonial do vale do Ribeira de Iguape, SP: os sítios líticos do médio curso. FFLCH-USP, Dissertação de Mestrado, São Paulo, 1988.

¹⁶⁴ BARRETO, C N G de B .A ocupação pré-colonial do Vale do Ribeira de Iguape, SP: os sítios concheiros do médio curso. V.I. FFLCH-USP, Dissertação de Mestrado, São Paulo, 1988.

Os sítios concheiros (Barreto, 1988) não constituem montes artificiais de conchas como os sambaquis, com camadas espessas de deposição de valvas de moluscos e forma côncava, com base oval ou circular. A profundidade da camada arqueológica varia entre 1m e 0,50m (Itacoara), sem estratificação nítida. As conchas estão distribuídas em bolsões, em sedimento escuro, orgânico. Quanto a camada de concha, esta surge como uma única camada espessa, compactada, sem diferenciações estratigráficas internas, com muito pouco sedimento escuro. Os gastrópodes predominantes nos sítios concheiros pertencem aos gêneros *Megalobulimus* e *Strophocheilus*, pelo menos no Vale do Ribeira.

Efetivamente, essas populações que ocuparam a costa por volta de 1500AC (ou mais) não possuíam o traço cultural dos amontoadores de conchas (Uchôa, 1973:14 e 205), muito embora também não utilizassem a cerâmica cozida, com padrão de subsistência baseado na pesca, caça, coleta de moluscos e vegetais. Seriam grupos portadores de peculiaridades adaptativas e de assentamento similares, mas não as mesmas que as dos grupos dos sambaquis. Talvez uma parcela de seus sistemas sócio-culturais, expressa pelas práticas mortuárias, possa produzir indicadores de diversidade - ou extrema similaridade - entre esses grupos que habitaram o ambiente costeiro em áreas e períodos aproximados. A grande e predominante cultura sambaquieira seria não mais hegemônica, mas uma das culturas marinhas possíveis entre 1500 e 5000 BP. Por outro lado, essa cultura extensiva pode apresentar variações biológicas e culturais que incluem as expressivas estruturas de valvas de moluscos e restos faunísticos, intencionalmente erigidas e contendo inúmeros indícios de práticas mortuárias ou que apresentem variações significativas na quantidade e forma de acúmulo de moluscos tanto em épocas mais tardias quanto mais recentes. Assim, sambaquis podem ou não possuir grandes concentrações de moluscos (sítios similares, conchíferos), mas sempre apresentariam deposições funerárias e traços de atividades de subsistência. A presença marcante e quantitativa dos moluscos não pode ser observada nos

sítios Tenório e Mar Virado tanto quanto em Piaçaguera e Buracão. Estaríamos diante de peculiaridades expressas nas estruturas desses depósitos indicadoras de mais de um sistema sócio-cultural homogêneo? Não contamos, ainda, com análises microestruturais comparativas entre essas categorias de sítios com conchas e os sambaquis clássicos.

Em resumo: Tenório não é um sambaqui (Uchôa, 1973:205). O que é, então? Mar Virado não é um sambaqui ou um acampamento conchífero. O que é, então? Deve ser uma variação dentro da homogeneidade sambaqueira ou um contraste simultâneo que se encontra refletido nos depósitos arqueológicos de Mar Virado, entre outros¹⁶⁵ dos litorais Norte de São Paulo e Sul do Rio de Janeiro? Devemos desconsiderar o não-problema da microvariabilidade morfológica entre Tenório, Mar Virado, Buracão e Piaçaguera, entre outros, e incluir todos os sítios anômalos sob o rótulo de "novos sambaquis" ou simplesmente "sambaquis"?

¹⁶⁵ Ver teses de doutorado de Amenomori, 2005 e de mestrado de Silva, 2002.

CAPÍTULO 3 - MATERIAIS, MÉTODOS E TÉCNICAS

3.1 - Tipologia e métodos arqueológicos

The archaeological record consists of 'dead' finds, remnants of human culture. The archaeologist relies on them to understand how past societies were organized and how they functioned. (...) The method involves a series of steps: an analysis of the archaeological record; a synthesis of the finds to generate formal archaeological structure; and the use of models derived from descriptions of observed human activity to explain these structures. Without models, archaeologists would have no way of interpreting their finds. (NEUSTUPNÝ, E. 1993)¹⁶⁶

Na definição da ciência arqueológica, dois conceitos são metodologicamente importantes, os objetos e os meios da disciplina. O objeto é a parcela do mundo real para a qual a disciplina está diretamente voltada. Os meios são séries de coisas ou entes que convêm ao sujeito da pesquisa. Os objetos são acessados, via de regra, pelo seu caráter de observabilidade, através da observação visual ou óptica. Esse caráter permite identificar mudanças através do tempo. Ainda, se a disciplina arqueológica é experimental (Neustupný, 1993:3), esses objetos observáveis e que se metamorfoseiam com o passar do tempo, devem ter as condições de acessibilidade e de disponibilidade de meios materiais e energia suficientes para causar mudanças nas suas condições de existência.

O objeto da arqueologia são os fins, ou os processos passados, o que pode ser observado quanto as propriedades espaciais, formais e , a inacessível coordenada do tempo. Interessam os processos históricos das sociedades humanas. Inclui regularidades abstratas como as leis do comportamento humano no passado e as manifestações concretas dessas leis

¹⁶⁶ NEUSTUPNÝ, E. Archaeological method. Great Britain: Cambridge University Press. 1993.

que afetaram grupos humanos reais e seus membros que viveram em um local, período e cultura específicos. Esses processos históricos foram dinâmicos, ocorreram e se desenvolveram no tempo e foram concretos, ricos em detalhes. A arqueologia é, assim, a ciência do homem que estuda os processos históricos com base ou por meio dos registros arqueológicos.

Níveis teóricos e metodológicos na arqueologia podem ocorrer em interdependência. Aspectos teóricos sobre a vida de grupos atuais, através de métodos abstracionais geram modelos sobre métodos de análise e teorias sobre as estruturas arqueológicas. Teorias sobre a vida de grupos humanos extintos advêm de modelos construídos por métodos de abstração. A interpretação da vida no passado se dá pelo método de síntese das estruturas arqueológicas, métodos de análise, a partir de modelos teóricos, para a descrição de sistemas e pelo resultado das transformações sofridas pelos registros arqueológicos. O objeto da teoria arqueológica são os próprios fenômenos préhistóricos enquanto que o objeto da metodologia arqueológica consiste do balanço, relatório relativo a esses fenômenos (Neustupný, 1993:8). Métodos das ciências naturais requerem métodos arqueológicos para gerar discursos teóricos de relevância arqueológica.

Os registros ou testemunhos arqueológicos são classificados de acordo com as funções que lhes foram conferidas por seus usuários dentro de um grupo, como ornamentos pessoais, ossos de animais, recipientes, armas, ferramentas ou instrumentos. O registro arqueológico é um conjunto de traços de atividades humanas. Um objeto material, móvel ou imóvel que contenha informações não escritas sobre o passado humano é parte do registro arqueológico.

As questões a serem definidas, os métodos a serem usados e a sugestão de soluções válidas são sempre determinados pelos conjuntos de diretrizes teóricas de um determinado grupo de pesquisadores, durante suas pesquisas - os paradigmas. Os paradigmas tipológicos

direcionam-se ao registro artefactual, aos artefatos individuais e aos complexos. Ecofatos, formadores de outra classe de registro arqueológico, direcionam o arqueólogo a incursionar pelas ciências naturais. Para Neustupný (1993:30), são formados por coisas que não tem forma cultural intencional, como ossos de animais e humanos sem sinais de trabalho ou manipulação transformadora; também incluem-se as coisas com propriedades da não-intencionalidade, por artefatos virtuais, decorrentes da elaboração dos artefatos, intencionais. Os fatos naturais incluem os fenômenos naturais que influenciaram populações extintas, como os eventos hidrológicos, climáticos, geomorfológicos de regiões inabitadas e a flora e fauna. São, por exemplo, os restos de plantas e animais depositados em torno, sobre ou sob substratos arqueológicos, contemporâneos ou não aos mesmos.

Objetos fabricados intencionalmente pelos homens provém de sociedades humanas, complexos sistemas operados por meio da cultura, a qual atua nas relações homem/natureza (relações econômicas); nas relações existentes entre os homens (relações sociais) e na relação entre o homem e a sua consciência, percepção (relações ideológicas). Em populações vivas, a cultura é usualmente entendida como material ou espiritual (Neustupný, 1993:45). Entretanto essa oposição entre cultura material e cultura espiritual ocorre do ponto de vista das sociedades modernas.

O aspecto dos remanescentes arqueológicos está determinado por uma série de processos, culturais e não culturais. Esses processos transformam espacialmente, quantitativamente, formalmente e relacionalmente os restos de cultura. Variáveis ambientais atuam na desagregação, na mudança da cultura humana que se extingue. Artefatos e ecofatos ao se transformarem em vestígios arqueológicos representam seleções de partes da cultura antes da extinção. Refletem ou representam parcelas do contexto sistêmico da sociedade humana em estudo. Passaram pelas etapas de produção, manufatura, de uso, alterações e descarte. Em um primeiro estágio de transformações, os artefatos e ecofatos encontram-se na

esfera da dinâmica de um sistema cultural, são selecionados, fabricados, recebem um tempo de existência cultural, de significados- simbolizações e funções. É o caso das deposições intencionais motivadas por razões rituais, como as oferendas mortuárias. Ossos de animais encontrados em contextos arqueológicos poderiam representar uma ou mais parcelas da cultura extinta: resultam de descartes alimentares humanos ou seu reaproveitamento na alimentação de animais domésticos. Ou, ainda, de banquetes funerários ou de outra natureza. Ossos sobrevivem, mas e os demais restos de alimentos? Quais as características dietárias de um determinado grupo humano? Nos ossos humanos, podem ser inferidas pela análise dos isótopos estáveis de elementos predominantemente encontrados em fontes de alimentação marinha ou terrestre.

O espaço e a forma são duas dimensões sugestivamente importantes para a observação dos vestígios de culturas extintas (Spaulding, 1960, Neustupný, 1993)¹⁶⁷. As transformações espaciais resultam na locomoção de artefatos e ecofatos, incluindo suas partes, para além do espaço concedido a eles durante as atividades de um grupo humano e onde foram efetivamente depositados. A escavação arqueológica remove os vestígios de seus ambientes naturais e culturais e os transporta e transforma em coleções de museu. Os artefatos depositados junto com os mortos, alterados ou não pelo uso, dentro de covas, representam categorias pouco ou não transformadas espacialmente. Nesses casos uma escavação revela a posição original das estruturas. Vestígios ocorrem na superfície - por terem sido descartados sobre o solo em contexto sistêmico ou de vida de uma cultura. Ocorrem também em covas, compondo deposições intencionais e nas quais a mobilidade espacial se restringe as alterações pela decomposição, reacomodação do substrato e intervenções de animais e plantas. Depósitos espacialmente transformados representam

¹⁶⁷ SPAULDING, A C. The dimensions of archaeology. In. DOLE, J E, CARNEIRO, R L. (eds.) *Essays in the Science of Culture: In Honor of Leslie A . White*, p. 437-56, 1960; NEUSTUPNÝ, E. *Archaeological method*. Cambridge University Press, p. 51, 1993.

desafios muitas vezes intransponíveis ao arqueólogo, quando o interesse é identificar eventos intencionalmente fabricados pelo homem, eventos naturais e eventos capazes de indicar níveis de contemporaneidade, similaridade e divergência entre parcelas de subsistemas culturais. Determinados tipos de artefatos, nesses casos, constituem marcadores específicos, traços exclusivos de práticas discriminatórias para a distinção entre culturas.

Muitos dos itens culturais sofrem mudanças em suas formas devido a transformações destrutivas. Essas transformações resultam da própria decomposição ou degradação estrutural à destruição mecânica. As substâncias orgânicas dificilmente sobrevivem em muitos contextos arqueológicos - salvaguardando as regiões desérticas ou polares. Tanto a transformação espacial quanto a formal dos vestígios arqueológicos resultam em dados passíveis de quantificação e posterior análise. O número de covas em um sítio cemitério totalmente escavado representa uma quantidade absoluta. A idade da morte de esqueletos humanos e sua estatura, ambos derivam de propriedades diagnósticas dos ossos e de modelos obtidos de populações atuais: são números absolutos ou intervalos em uma escala absoluta. Essas quantidades absolutas são mensuradas em unidades físicas como anos, metros, centímetros entre outros. A obtenção dessas quantidades pode ser reduzida de acordo com a intensidade da fragmentação, acúmulo, redução e perda do vestígio.

A fragmentação ou desintegração de artefatos resulta em problemas que dispendem a reconstituição e a aproximação de características formais e estruturais antes pouco visíveis. A partir de centenas de fragmentos de ossos humanos é possível estabelecer um número mínimo de indivíduos através da análise da quantidade de áreas ósseas, sua lateralidade exclusiva. Artefatos e culturas tem suas expectativas de vida. A redução de determinadas classes de vestígios - ou seu desaparecimento - no contexto arqueológico gera novos problemas metodológicos - a madeira, tecidos, alimentos perecíveis. Entretanto sua presença pode ser inferida pela sobrevivência de outras classes, como os machados, agulhas com

fundo, artefatos cerâmicos, recipientes em carapaças de quelônios, valvas de moluscos com sinais de quebras e queima, espículas de ouriço calcinadas. Os principais fatores pelo total desaparecimento dos vestígios arqueológicos são os pedológicos - químicos - ,os climáticos e os bacterianos e causados pela ação de vegetais.

As propriedades mais importantes dos registros arqueológicos são a sua materialidade e seu caracter vestigial (Neustupný, 1993): é matéria e é incompleta, eminentemente parcial. Entretanto os artefatos e seus atributos são frequentemente signos, símbolos ou idéias expressas por imagens. Assim, podem ser incompletos ou parciais mas nunca totalmente matéricos. São estáticos. A variação espacial e formal dos artefatos pode ser inferida por meio da identificação de tipos através do tempo. Torna-se evidente a obsessão pela reconstrução das coordenadas cronológicas de conjuntos de tipos . A função dos artefatos e ecofatos não pode ser observada mas sim presumida pela observação de um conjunto de atributos formais. Os fatos arqueológicos não tem sentido: o sentido de um artefato existe em relação ao meio social que o criou e utilizou. A divisão natural do trabalho por gênero e idade está conectada com o uso de determinados instrumentos ou ferramentas e não somente por símbolos: a divisão do trabalho é o sentido das ferramentas.

Ainda, os fatos arqueológicos são silenciosos ou não significantes. A significância de um artefato está intimamente relacionada ao domínio da consciência humana ou sua função dentro de uma ideologia, em certa época e lugar. Está inserido em um sistema semiológico. Relações quantitativas entre conjuntos de fragmentos podem refletir, simplesmente, várias mensurações de fragmentações, acumulações, reduções. O registro arqueológico é somente uma evidência direta do passado humano em muitas instâncias, podendo consistir de coisas formais, não funcionais,sem sentido, silenciosas e quantitativamente não significativas (Neustupný, 1993:71). Como reverter os efeitos das transformações sofridas pelos artefatos

(e ecofatos) e recuperar a informação sobre a vida no passado contidas em achados ainda não totalmente desaparecidos?

A análise arqueológica inclui a transição de coisas em conceitos e estes são obtidos pela generalização das bases obtidas da descrição. O processo de decomposição do sítio arqueológico durante as escavações de campo se segue a decomposição mental de como os achados teriam sido depositados intencionalmente em seus contextos originais. A descrição do registro arqueológico está amparada no mapeamento dos vestígios dentro de um grupo de propriedades que foram selecionadas independentemente de teorias arqueológicas prévias. Esse contexto arqueológico é um conjunto de registros que foram selecionados para servir como objeto de análise e é identificado em relação a um conhecimento prévio de outros contextos similares.

As categorias teóricas principais em estudos que envolvam paradigmas tipológicos (taxonomia) consideram os conceitos de tipo, cultura ou grupo cultural e período, estágio ou fase. Uma lista de classificação de artefatos pode ser elaborada com vistas a objetivos específicos, como os de descrever, comparar, analisar e interpretar (Adams e Adams, 1995)¹⁶⁸. Uma solução prática para descrever grandes quantidades de material escavado é o de esquadrinhá-los em grupos e classes. Modalidades formais compostas por dados formais agrupam vários artefatos a serem descritos. As tipologias descritivas são essencialmente morfológicas e estão baseadas em atributos visíveis. Além de descrever, a classificação tem como objetivo permitir a comparação formal entre materiais de diferentes sítios, áreas e períodos. A comparação quantitativa, estatística é sempre reveladora. Tanto a descrição quanto a comparação visam comunicar informações arqueológicas. Importa o grau de acurácia descritiva e de comparabilidade inter-sítios. As tipologias comparativas e descritivas são eminentemente morfológicas: as comparativas são feitas visando comparar

várias coleções enquanto que as descritivas provém, normalmente, de uma única coleção de artefatos.

Em acréscimo ao estudo da variabilidade morfológica entre artefatos, interessa também quando, quem, como e para quê os artefatos foram confeccionados: são os propósitos intrínsecos da classificação tipológica. Atributos estilísticos podem oferecer as bases de uma classificação cronológica; atributos constituintes oferecem indícios de onde os artefatos vem; atributos tecnológicos, como o método de elaboração, possibilitam uma classificação tecnológica; a forma dos artefatos proporciona a criação de classificações funcionais. A classificação auxilia a presumir importantes informações culturais sobre caracteres tecnológicos, econômicos e da organização social. O estudo do desenvolvimento e mudança dos artefatos no tempo e no espaço representam os propósitos históricos em um sistema de classificação cronológica. Os tipos apresentam formas e tecnologias antecessoras e predecessoras, sendo parcialmente sequenciais, expressando variabilidade cultural em um dado espaço (classificação espacial). Nesses dois casos os artefatos são guias para datação, expressando trajetórias de desenvolvimento histórico do grupo em estudo.

A consideração de determinadas características dos objetos e não outras implica na identificação e construção de variáveis e atributos, essenciais como determinantes dos tipos em uma classificação de artefatos. Para Adams e Adams (1995:169), a distinção entre variáveis e atributos não aparece de forma consistente na literatura sobre as classificações tipológicas, acarretando ambiguidades conceituais. Um atributo é um aspecto definível de uma variável particular, um dos estados que esta pode assumir.

Artefatos são peças separadas e indivisíveis do registro arqueológico, objetos intencionalmente fabricados para constituir meios através dos quais se realizam as atividades humanas ou um conjunto de atividades interconectadas. Podem ser representados

¹⁶⁸ ADAMS, W Y, ADAMS, E W. Archaeological typology and practical reality (A dialectical approach to

por fragmentos e estes caracterizados pela intencionalidade que move as atividades de produção, consumo, para os rituais, indicar prestígio social, produtos semi-acabados, casas, bebidas, brinquedos, ornamentos pessoais, stelas com inscrições, entre outros. Agrupamentos complexos indicam novas categorias de registros arqueológicos. Ai incluem-se as covas:

A grave cannot be equated with the sum of grave goods it contains, not even with the grave goods plus the skeleton and/or the grave pit. It consists, in addition to its artifactual components, of their relationships which can be both formal and spatial. The grave is a whole, a system which cannot be reduced to a list of its elements(Neustupný, 1993:26)

Uma cova está contida em uma abertura, constituindo um complexo no qual os remanescentes encontram-se agregados e refletem eventos ou uma série de eventos, cronologicamente. Esses complexos refletem eventos, os componentes refletem atividades realizadas em um sítio durante um determinado período de tempo. Cada componente pode estar conectado com uma atividade, econômica, social ou ideológica e cada um desses tipos de atividades pode ser refletido em diversos tipos de atividades mais específicas, de acordo com as diversas formas de componentes (habitacionais e seus objetos). O sepultamento enquanto componente é mais frequentemente situado em algum lugar, não distante um do outro, compondo conjuntos em uma área de caráter funerário, um cemitério.

Os cemitérios, quer afastados dos contextos deposicionais da vida cotidiana, quer interdigitados nas unidades estratigráficas com vestígios de atividades funerárias e/ou não funerárias, quando estudados com ênfase nos artefatos, fauna e remanescentes dos corpos humanos inumados, auxiliam na produção de dados para a análise das práticas mortuárias. Ainda, os dados mortuários auxiliam, embora de maneira parcial, na compreensão das

primeiras culturas do litoral paulista. Suponhamos que a análise das parcelas operacionais e constitutivas das práticas mortuárias e seus vestígios tornem-se relevantes para os seguintes intentos:

- Verificar a validade de teorias explicativas, caso existam, sobre a evolução das formas de adaptação costeira e a economia de exploração de recursos terrestres e marinhos;
- Testar modelos prévios das primeiras adaptações costeiras, caso já tenham sido identificadas, em São Paulo através da reconstrução das economias de subsistência na região baseada nos dados faunísticos;
- Reconstruir os aspectos paleogeográficos do litoral norte de São Paulo durante o início do Holoceno e dimensionar os efeitos de significativas mudanças ambientais/climáticas sobre as primeiras populações, possivelmente já mapeadas, que habitaram a área;
- Mensurar a variação temporal (e serial) e espacial existente nas primeiras formas adaptativas humanas pela comparação dos dados fornecidos pelos primeiros sítios (e existem?) do litoral norte de São Paulo e outros distribuídos pelas outras porções costeiras do estado.
- Identificar e caracterizar a forma de variabilidade das práticas mortuárias entre os pescadores, coletores caçadores litorâneos em amostras já escavadas.

Através das respostas a esses desafios, como aqueles formulados por Erlandson (1994)¹⁶⁹, centradas na análise dos remanescentes faunísticos encontrados nos contextos arqueológicos, poderíamos reconstruir um panorama genérico sobre as formas de subsistência dos grupos sambaquieiros, assim como identificar características paleogeográficas das áreas por eles ocupadas.

¹⁶⁹ ERLANDSON, J M. Early Hunter-Gatherers of the California Coast. Plenum Press, New York, 1994.

Seria possível responder os quesitos acima voltando-nos exclusivamente as combinações entre os dados mortuários? Não, mas creio que parcialmente essas questões podem ser respondidas.

Os dados mortuários indicam que houve investimento de energia para elaborar um ritual, preparar uma cova e um corpo, escolher o melhor lugar para a deposição funerária, capturar e preparar recursos alimentares, bem como produzir tecnologicamente e manter bens materiais para essas finalidades. O corpo em si contém infinitesimais dados indicadores das relações homem/meio ambiente, homem/sociedade/cultura e homem/homem. As formas adaptativas dos sambaquieiros deixam marcas indeléveis nos vestígios funerários: fragmentos de contextos sociais, demográficos, biológicos, geomorfológicos e tecnológicos são, a priori, Tateados. A presença de remanescentes da fauna marinha entre os acompanhamentos funerários (além do substrato do assentamento), bem como da fauna terrestre indica os territórios de exploração dos recursos, expressando a estrutura dos habitats costeiros. Ainda, os remanescentes da fauna e da flora indicam os possíveis recursos nutricionais: variadas classes de animais e, seguramente, vegetais, constituem parcela dos recursos proteicos oferecendo dados para a compreensão das características dietárias dos grupos humanos que habitaram os sambaquis e sítios similares. Os próprios cemitérios ou áreas destinadas as inumações e possíveis conjuntos de rituais funéreos delimitam espaços funcionando como marcadores de áreas de domínio e captação de recursos essenciais a subsistência. Delimitam áreas destinadas aos antepassados, à ancestralidade, à deposição de parcelas de memória dos vivos em relação aos mortos. Essas parcelas de memória contém traços das formas de subsistência, das doenças, de práticas cotidianas, de mudanças alimentares, de relações interpessoais violentas, de suicídio, procedimentos simbólicos, alguns resultados tecnológicos alcançados e de caracteres paleogenéticos e sua diversidade.

3.2 - Classificação dos acompanhamentos funerários: tipos, atributos

A autonomia física da cultura material e da tecnologia se dá quando estas constituem *idéias acerca dos objetos externos da mente diretamente resultantes do comportamento humano, assim como idéias sobre o comportamento humano necessário para manufaturar aqueles objetos*¹⁷⁰. O fábriço de artefatos, compreendendo sua cadeia operatória, gera objetos que podem ser analisados quanto à forma genérica, as funções e suas especializações. Assim, por exemplo, temos, no caso de um "raspador":

- a) forma genérica: raspador
- b) funções: alisar, desbastar, aplainar
- c) especializações: raspadeira comum, polidor, cinzel, buril, cepilho, canivete, raspador

Nos casos das manos, corresponderiam a artefatos líticos empregados para polir, esmagar grãos ou sementes, pulverizar corantes como os blocos de hematita ou limonita empregados nos rituais funerários. Trata-se de uma denominação dada em consequência do uso atribuído ao artefato que prescinde de uma base ampla, fixa ou móvel, para a realização da função. Um percutor pode ser um lítico empregado para lascamento, um martelo para lascamento, um lítico utilizado para produzir retoques, lascas, para o processamento de artefatos dentro de uma cadeia operatória. Um batedor pode ser um instrumento utilizado em contextos sistêmicos não definidos, não voltado à produção de novos instrumentos. O suporte é a própria base da qual é elaborado o artefato ou é, também, a superfície sobre a qual é realizada uma função, como a de afiar uma lâmina de machado, polir, pilar. Entretanto a multifuncionalidade desses artefatos pode existir, assim como a sua reutilização. O termo lítico utilizado emprega-se para indicar aqueles blocos e seixos que

não apresentam sinais de trabalho ou de uso para determinada função: trata-se de material manipulado no sentido de passar a fazer parte de um contexto dado, como o funerário - seixos e matações que delimitam ou recobrem os corpos e as covas.

Esses atributos classificatórios relacionam-se à forma, função e variações da forma. Outros meios de classificação incluem os artefatos em tipos: recipientes, armas, instrumentos de pesca, vestimentas, adornos pessoais, processadores de alimentos, processadores de instrumentos (martelos para lascar), habitações ou abrigos, objetos funerários, objetos religiosos e cerimoniais, entre outros, relacionados aos rituais iniciáticos. Ainda, esses artefatos podem ser exclusivos das práticas de subsistência, indicando especializações como a coleta, caça, pesca, prática de cultivo incipiente, pecuária.

Segundo informações pessoais do Prof. Paulo de Blassis, os artefatos podem ser classificados de acordo com a tecnologia (o tratamento, técnicas de elaboração do artefato), a morfologia (dimensões, ângulo do gume, peso), o uso (função, variedade e localização dos sinais de uso para a inferência de funções a partir de contextos arqueológicos que expressem funcionalidade de dado instrumento ou artefato) e a matéria prima.

Uma variada e extensa gama de formas classificatórias de artefatos poderia ser aqui esquadrinhada (Amenomori, 2005). Entretanto, optamos por assumir, reagrupar ou corrigir terminologias previamente adotadas pelos arqueólogos que escavaram e estudaram os artefatos de Piaçaguera, Tenório (Garcia, 1972, Uchôa, 1973), Buracão (Palestrini, 1964) e Mar Virado (Uchôa, 2003). Serão considerados como atributos classificatórios para os acompanhamentos funerários líticos, em osso, em concha e em dente os seguintes: matéria-prima, tecnologia de elaboração, tipo de função (inferida por variação e localização dos sinais de uso) e morfologia.

¹⁷⁰ HERSKOVITS, M J Man and His Works - Antropologia Cultural. Ed Mestre Jou, São Paulo, v.II, p. 27, 1969.

Em decorrência do crescente número de empreendimentos imobiliários, descompromissados com o patrimônio arqueológico, bem como de políticas insuficientes que abarquem ou desenvolvam núcleos de pesquisa arqueológica no litoral brasileiro, os sítios sambaquis e similares tem sido sistematicamente destruídos, carregando consigo uma parcela significativa de informações sobre o processo de ocupação e interação das populações pré-históricas nas áreas litorâneas, especialmente sobre a distribuição espacial e características sócio-culturais e biológicas das comunidades aí sepultadas. Mesmo escavações sistemáticas tem demonstrado a dificuldade em obter dados relacionáveis de contexto arqueológico, indicando sempre a parcialidade dos eventos e acentuando o seu carácter vestigial. Os mapas de distribuição de sepultamentos em sítios comumente destruídos e pouco preservados mostram o aspecto fragmentário decorrente de sucessivas ocupações e intervenções inesperadas. Assim, um cemitério intergrupo ou extragrupos ou uma área de habitação e sepultamento simultâneos são simplesmente identificados como áreas com concentração de sepulturas e, possivelmente, intercaladas a eventos vestigiais de banquetes, luto, estadia temporária voltada a cerimoniais fúnebres e oferendas e visitas postmortem.

Os registros etnográficos e a teoria mortuária relativa a evidência arqueológica de origem funerária sugerem que ocorre diferenciação nos sepultamentos e as variáveis que indicam essa distinção podem ser universais ou de uma cultura específica: a estrutura das práticas mortuárias difere em todas as culturas (Bard, 1994:34). Nessa perspectiva, o critério de diferenciação da forma e quantidade dos acompanhamentos funerários (Binford, 1972) e a especificidade da localização e concentração de certos sepultamentos pode ser aplicado para analisar as práticas funerárias das populações pré-históricas litorâneas brasileiras. Assim, artefatos podem ser indicadores de atividades como caça, pesca, coleta, enfim, de atividades especializadas, bem como símbolos de autoridade (Binford, 1972; Brown, 1981).

Alguns sepultamentos, especialmente os de crianças no sambaqui Piaçaguera e Buracão e os de adultos dos sítios Tenório e Mar Virado apresentam sinais de grande dispêndio de energia, representados pela presença simultânea de blocos líticos, carvão, adornos, ocre e carapaças e ossos de animais, assim como o uso da queima para redução do cadáver.

Nosso estudo propõe comparar dados mortuários de caráter cultural e biológico produzidos em campo e no laboratório entre as amostras de sepultamentos exumados de dois tipos de sítios pré-cerâmicos do litoral paulista: os sambaquis de Piaçaguera e Buracão e os acampamentos conchíferos de Tenório e Mar Virado. Os sítios litorâneos conhecidos como *sambaquis*, *concheiros*, *ostreiras*, *casqueiros*, distribuídos por toda a costa brasileira, incluindo os sambaquis tratados neste estudo (Pallestrini, 1968; Guidon, Laming-Emperaire, Pallestrini e Prous, 1973; Uchôa, 1970, 1973; Gaspar, 1998), encontram-se descritos em vasta bibliografia especializada (Barbosa e Gaspar, 1998).

Os conjuntos de sepultamentos dos dois tipos de sítios serão mensuradas quanto a variabilidade encontrada entre atributos mortuários específicos - descritos no Cap. 5 - visando a reconstrução de parcelas físicas do comportamento funerário entre esses grupos de pescadores-coletores. Trata-se de comparar características dos sepultamentos entre dois tipos de sítios arqueológicos, com formas de subsistência similares.

O potencial de análise e interpretação dos dados mortuários no contexto arqueológico depende de fatores tafonômicos (Merbs, 1997; Roksandic, 2002). Esse mesmo potencial depende das estratégias e formas de registro dos vestígios funerários em campo produzidos pelos arqueólogos e suas equipes nos sítios escavados. Assim, o levantamento e controle da documentação primária sobre os sepultamentos nos quatro sítios constitui uma etapa importante do trabalho. Estabelecer quais atributos mortuários deverão ser determinados e empregados e como deverão ser correlacionados depende, primeiramente, da sua regularidade nas amostras. Nessa etapa serão revistas as informações sobre sexo,

grupo etário, características dentárias, existência de traços de patologias, remodelações ósseas que indiquem hábitos posturais e serão datados sepultamentos que apresentem queima dos restos humanos, total ou parcial. A documentação primária de campo já pesquisada e em parte compilada - incluindo fotografias, plantas e croquis - deve compor um banco de dados sobre os atributos mortuários das 4 amostras de sepultamentos e ser disponibilizada em forma de catálogo para a Biblioteca do MAE-USP. Serão elaboradas as plantas com a distribuição horizontal dos sepultamentos de Piaçaguera e Buracão contendo informações sobre o contexto arqueológico, dados dos sepultamentos como sexo, idade, orientação e tipos de acompanhamentos. Esses tipos não expressam o todo dos acompanhamentos - fibras vegetais, couros, cabos de madeira, penas, frutas, carnes - e suas posições sempre estão alteradas por múltiplos fatores formativos do depósito arqueológico.

A segunda etapa visa analisar e descrever estatisticamente, por meio de sistemas de comparação simples de similaridades e discrepâncias inter e intragrupal, entre os dados mortuários de carácter cultural e biológico (idade e sexo) nos dois conjuntos de amostras. Com o término dessa etapa serão identificados marcadores de discrepância entre o todo das variáveis mortuárias analisadas. Esses marcadores estão representados por duas formas de queima dos ossos - redução do corpo por queima intencional ou cremação e queima ocasional parcial do esqueleto e determinados acompanhamentos funerários como os ossos de animais marinhos - bôto, tartaruga e baleia -, pendentes de valvas de moluscos, colares de dentes de peixes (gênero *Carcharodon*), coberturas de cabeça, associações junto das cervicais ou pelve de *Olivella verreaux*, a presença ou não de blocos líticos depositados sobre e ao redor do corpo e as lâminas de machado. Esses marcadores de características funerárias próprias deverão ser descritos paralelamente a análise estatística.

3.3 - Caracterização dos materiais.

O material a ser analisado para atingir os objetivos descritos anteriormente foi prospectado a partir da bibliografia sobre os sítios já escavados no litoral paulista que apresentaram sepultamentos com registros de escavação suficientemente bem elaborados para os litorais Centro e Norte do Estado de São Paulo. Em especial o litoral Norte encontra-se muito pouco pesquisado quanto as práticas funerárias de grupos pescadores-coletores extintos.

Foram incluídos os sítios nos quais os resultados da prática arqueológica em campo propiciou resultados satisfatórios quanto as formas de registro dos sepultamentos no contexto arqueológico, com informações sobre a situação, quantidade, identificação de atributos dos acompanhamentos funerários e sobre os dados da deposição, posição e orientação do corpo, disposição dos membros e constituição ou dimensões das covas, bem como a situação espacial dos sepultamentos nas áreas escavadas. Localizadas as coleções de vestígios funerários - material ósseo humano e seus acompanhamentos funerários - foi solicitada autorização ao MAE-USP e a Profa. Dra. Dorath Pinto Uchôa, atual usuária das coleções, para sua consulta e utilização.

O conjunto dos vestígios funerários escolhidas são provenientes dos sambaquis de Piaçaguera (4930 ± 100 AP, 4890 ± 100 AP, 4481 ± 100 AP), Buracão (2050 ± 100 AP, 1950 ± 100 AP) e dos sítios diferenciados Tenório (1875 ± 90 AP) e Mar Virado (2570 ± 70 AP - cal. BP 2360 a 2060 - Beta 154721 espículas de ouriço e 2640 ± 70 AP -cal. BP 2480 a 2140 - Beta 154722, espículas de ouriço). Esses sítios foram caracterizados no Capítulo 2.

Os sítios foram escavados por equipes do Instituto de Pré-História e do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, o qual preserva uma rica

documentação de campo sobre os sepultamentos humanos, incluindo as coleções de esqueletos e acompanhamentos funerários.

Inicialmente foram registrados, 43 sepultamentos em Buracão, 33 em Mar Virado, 60 em Piaçaguera e 28 em Tenório, excluindo-se os restos esparsos e covas com conteúdos perturbados, distribuídos como segue:

Quadro 10 - Distribuição geral dos sepultamentos por sexo e grupos de idades (nº sep.=164; NMI= 253) nos sítios:

amostra	Sepultamentos				Total Seps.
	Buracão	Mar Virado	Piaçaguera	Tenório	
Total	43(NMI=44)	33(NMI=54)	60(NMI=77)	28(NMI=78)	164
Sexo					
Feminino	4	10	20	14	48
Indeterminado	27	24	29	57	137
Masculino	13	20	28	7	68
Total Global	44	54	77	78	253
Grupo etário					
Adulto	24	40	39	61	164
Indeterminado	-	-	-	1	1
Subadulto	20	14	38	16	88
Total Global	44	54	77	78	253

Adulto: >20anos; subadulto: <20anos

Os materiais foram distribuídos em 4 conjuntos que contém dados mortuários para as análises:

a) Buracão: esqueletos e acompanhamentos funerários provenientes de 43 registros de sepulturas do sítio, sendo 42 deposições simples e 1 dupla, contendo 44 indivíduos: 24 adultos(>20anos) e 20 subadultos(<20anos). Destes, 28 contém acompanhamentos funerários que representam: 190 líticos, 435 valvas de moluscos, 335 dentes (peixes e mamíferos), 326 ossos (mamíferos, aves, répteis e peixes), 15 registros da presença de material corante (ocre em bloco ou pulverizado). Esses vestígios foram resumidamente descritos em publicação (Pallestrini, 1964), descritos em um relatório de pesquisas e acondicionado na reserva técnica do MAE-USP.

b) Mar Virado: esqueletos e acompanhamentos funerários de 33 registros de sepultamentos do sítio Mar Virado (Uchôa, relatórios de 1990-2005; Silva, 2001), sendo 1 duplo, 32 simples e 21 inumações não simultâneas e muito perturbadas, totalizando 54 indivíduos, 40 adultos (>20anos) e 14 subadultos(<20anos). Os acompanhamentos funerários representam: 281 líticos, 7 valvas de moluscos, 169 dentes (mamíferos, peixes), 181 em ossos (peixes, aves, mamíferos), 21 registros da presença de material corante (ocre). Esses vestígios encontram-se inventariados e acondicionados na reserva técnica do MAE-USP.

c) Piaçaguera: esqueletos e acompanhamentos funerários escavados em 60 sepultamentos no sambaqui Piaçaguera (Uchôa, 1970, 1973) temos: 11 duplos, 46 simples e 3 triplos, contendo 77 esqueletos, sendo 39 de adultos (>20anos) e 38 de sub-adultos(<20anos). Em 60 deposições funerárias, 38 apresentaram acompanhamentos: 13 líticos , 1167 valvas de moluscos, 902 dentes (peixes, répteis e mamíferos), 35 em ossos (mamíferos, répteis, aves e peixes) e 31 registros de presença de material corante (ocre em bloco ou pulverizado). Esse material encontra-se numerado, resumidamente descrito e mapeado nos cadernos de registro de campo e nas fichas de campo e de sepultamento e acondicionado na reserva técnica do MAE-USP.

d) Tenório: esqueletos e acompanhamentos funerários provenientes de 28 registros de sepultamentos do sítio Tenório (Uchôa, 1973; Silva 2001), sendo 27 simples e 1 duplo representando 21 de adultos (>20anos), 6 subadultos (<20anos) e 1 com idade indeterminada. Em 28 deposições funerárias, 26 contém acompanhamentos funerários: 150 líticos, 869 valvas de moluscos, 190 dentes (mamíferos, répteis e peixes), 1494 em ossos (peixes, aves, mamíferos), 13 registros da presença de material corante(ocre). Esses vestígios foram inventariados e encontram-se na reserva técnica do MAE-USP.

3.4 – Variáveis culturais e biológicas: formas de representação analítica das práticas mortuárias

Crítérios de sexo e idade podem indicar preferências entre os resultados técnicos das práticas funerárias. Variáveis como o grau de flexão do esqueleto (coluna vertebral/fêmures), a flexão intencional dos membros inferiores e o tipo de decúbito escolhido para o corpo e sua frequência relacionada aos sexos e idades podem indicar especificidades e diferenciações que auxiliam no processo de comparação entre as áreas com concentração de sepulturas nos sítios litorâneos em questão. Em decorrência do carácter amostral da própria área escavada, sua parcialidade quanto a distribuição horizontal e vertical das covas, quaisquer resultados das análises comparativas vão auxiliar a induzir possíveis conformações de distribuição entre os sepultamentos nos quatro sítios. O emprego de variáveis para caracterizar estatisticamente as amostras deve favorecer a intensificação de possíveis similaridades e divergências em relação aos grupos etários, sexos e, a priori, tipos de sítios. Esses caracteres são passíveis de obtenção e verificação a partir de standards de diagnose sexual e cálculo etário comumente empregados em análises biofísicas e dos resultados das escavações arqueológicas.

A formação de um conjunto de dados para as análises a partir dos sepultamentos de quatro sítios pré-históricos litorâneos deve-se as publicações e documentação de campo detalhada que foram produzidas. A escolha de variáveis sintéticas que representassem características culturais e biológicas – ainda que ambas estejam profundamente interrelacionadas – resultou da hipótese que considera os elementos básicos e inerentes aos sepultamentos humanos o corpo, os acompanhamentos funerários e a cova. Evidentemente, esses elementos básicos componensiais constituem, antes, objetos inseridos nas próprias

práticas mortuárias, oriundas da sociedade dos vivos e direcionadas aos mortos, a morte, aos ancestrais e a manutenção de elos sociais entre os vivos e os mortos.

O emprego de atributos binários estruturais (histogramas de distribuição de frequências; análise fatorial e de conglomerados) de classificação a partir dos dados mortuários (Tainter, 1975; Binford, 1962; Renfrew e Bahn, 1993) associado a análise quer espacial, regional, ou ecológica das práticas funerárias (Charles e Buikstra, 1983) e ao estudo comparativo cronológico e socio-cultural (Binford, 1968; Barrett, 1999; Smirnov, 1989), resultam em formas de direcionamento das perspectivas analíticas voltadas a estrutura dos sepultamentos e seus contextos de deposição, bem como a sua classificação e comparação inter e intra-sítios. Essas possibilidades de análise, calcadas em futuras interpretações sobre os contextos sócio-culturais inseridos em ambientes costeiros, são significativas para a identificação de marcadores culturais, biológicos e ambientais capazes de aproximar ou distanciar práticas, técnicas, escolhas e posturas diante do fenômeno da morte entre populações extintas que habitaram a planície costeira num período de aproximadamente 3.659 anos.

Cada característica formal de um procedimento funerário pode ser identificada arqueologicamente através da classificação numérica dos atributos mortuários. Nesse aspecto, a classificação com a informação estatística torna-se apropriada para analisar as dimensões sociais das práticas mortuárias (Tainter, 1975). As inferências etnográficas contribuem para a reconstrução de dados mortuários em análises por agrupamentos (politética-aglomerativa), por associações média ou completa, por análise fatorial e procedimentos monotéticos divisivos. No caso de uma análise por *average-linkage*, a similaridade média entre todos os casos previamente existentes em um agrupamento e o novo membro potencial é mensurada. Por uma análise do tipo *complete-linkage*, a junção

entre dois agrupamentos é efetuada somente quando um caso associado é suficientemente similar a todos os membros do grupo existente.

Um sem número de variáveis binárias podem ser empregadas nessas análises para a caracterização de um dado sistema social extinto a partir de elementos das práticas funerárias. Nesse sentido, Tainter(1975:5), amparado em definições de Binford(1962), testou dezoito variáveis binárias em um conjunto expressivo de 439 sepultamentos selecionados a partir de uma amostra de 512 deposições funerárias de Middle Woodland, mounds de Klunk e Gibson, no vale do rio Illinois.

As variáveis propostas por Tainter, 1975; Renfrew e Bahn, 1993 e Jefferies e Lynch (1983) prestam-se a formulação de novos atributos, especificamente relacionados as populações pescadoras-coletoras. Formulamos, a partir da proposta de Tainter (1975) uma tabela contendo 57 variáveis (54 culturais e 3 biológicas) a serem quantificadas e analisadas para os sepultamentos de dois sambaquis e dois sítios conchíferos do litoral de São Paulo, dentro das categorias gerais líticos, ossos de animais, dentes de animais, conchas, ocre, carvão, fauna. (Vide Planilha 1)

Essas variáveis resultam de classificações e terminologias definidas por Heizer e Grahan (1967), Sprague(1968), Brothwell(1981) e Ubelaker(1989) e das citadas e empregadas em casos estudados por Binford (1971), Kroeber(1927), Stanislawski(1963), Saxe(1971), Ubelaker (1981), Brown(1971), Haglund (1976), Blacwood e Simpson(1973), Bement(1998), Femenías et al (1990) e no Brasil por Uchôa (1970, 1973), Machado (1984), Prous(1992-1993), Montardo (1994), Hurt e Blasi (1960), Andreatta e Meneses (1971), Kneip e Machado (1993), Sene (1998) e, especialmente, Jefferies e Lynch(1983). Cada um dos conjuntos citados acima são recuperados na documentação de campo e publicações posteriores e registrados em fichas individuais por sepultamento e esqueleto.

As variáveis biológicas representam as características individuais de sexo, idade e presença de osteopatologias diversas (hiperosteose, cribra, osteófitos vertebrais, exostose do meato acústico, abscessos alveolares e/ou áreas hipervascularizadas por reação decorrente de lesão). Os métodos macroscópicos empregados para a obtenção de informações sobre essas variáveis nos 4 conjuntos de esqueletos foram descritos ou exemplificados por Hillson (1998), Brothwell(1981), Kelley e Larsen(1991), Larsen(1997), Bement(1994), Ubelaker, Phenice e Bass(1969), Powell(1985) sobre os caracteres dentários e , sobre as demais variáveis, especialmente, por Rogers e Waldron(1995) e Ortner e Putschar(1985) - doenças articulares, Buikstra e Ubelaker (1994), White(2000), Ubelaker (1989), Steele e Bramblett(1989), Neves (1988) e Bass(1987). As variáveis biológicas escolhidas refletem o potencial de análise e interpretação do material ósseo humano quanto as características macroscopicamente observáveis e não métricas.

As variáveis referentes aos acompanhamentos funerários devem indicar os marcadores específicos em cada uma das 4 amostras de sepultamentos. Estes marcadores serão descritos particularmente quanto ao tipo, tecnologia de preparação, quantidade, matéria-prima, dimensões, situação e em relação ao sexo, idade e as demais variáveis culturais e biológicas. Estão representados, a priori, pelas valvas de moluscos perfuradas (pendentes), carapaças de quelônios, ossos de mamíferos marinhos, dentes de seláquios com e sem perfuração e desgaste(em especial os do gênero *Carcharodon*), pelas lâminas de machado, pelos artefatos em osso do tipo *goiva* ou *furadores*, pontas de projéteis em aparas de raios de nadadeira de peixes e de aves, pelo ocre e pelos blocos líticos sem sinais de trabalho.

Após o mapeamento dos enterramentos de um sítio (cemitério), uma etapa importante constitui traçar a distribuição dos mesmos de acordo com o sexo (masculino, feminino, indeterminado) e a idade ou grupo etário (criança, adolescente, adulto jovem,

adulto maduro, adulto velho)¹⁷¹. Os tipos de artefatos encontrados em cada enterramento – utilitários, adornos e cerimoniais¹⁷² – podem ser analisados, quanto ao número, pela distribuição de suas frequências. Nesse caso, objetos "valiosos" deveriam ser privilegiados em relação aos objetos "comuns" (Renfrew e Bahn, 1993). Entretanto, os objetos "comuns", assim como os "valiosos" são fruto de imaginação arqueológica. A quantificação e distribuição geral de frequências dos objetos funerários como um todo poderiam ajudar a identificar objetos "indiciais" de práticas de subsistência e elaboração de artefatos específicas, de exclusividade (para sexo), de *status* adquirido *pré* e *postmortem* (os adornos e demais artefatos associados com crianças em relação aos associados com adultos). Objetos ou acompanhamentos funerários preferenciais podem ser identificados de acordo com o gênero e os grupos etários. Objetos de uso cotidiano e individual presentes na cova podem destacar-se dos demais ou apresentarem frequências próximas, tornando-se indissociáveis do caráter ritual funerário: presença da obrigatoriedade do fardo mortuário, escolhido pelos vivos para o morto e que pertenciam ou não ao universo individual do mesmo.

A distribuição da frequência de tipos de artefatos encontrados em associação com o morto pode indicar possíveis atributos dos mesmos em relação à intencionalidade por gênero, adornos pessoais, artefatos de caça, pesca e coleta de uso ritual e/ou cotidiano. O aparecimento de tipos de artefatos únicos, pode indicar trocas eventuais, aquisições esporádicas de outros grupos ou criações individuais que não renderam-se à reprodutibilidade pelos demais membros do grupo social. Assim, a distribuição de frequências de determinadas características dentro dos tipos de artefatos, como a presença eventual de sinais de uso, ausência de trabalho (polimento, lascamento, perfuração, entre

¹⁷¹ Terminologia empregada em exemplo de Renfrew e Bahn, 1993, p. 184.

outros) ou presença de sinais de uso e reutilização e da disposição junto do corpo e na cova, pode indicar possíveis graus de intencionalidade ritual que resultou na presença deste ou daquele artefato (exetutando-se a participação de fatores destrutivos de ordem tafonômica).

Para Renfrew e Bahn (1993), a análise fatorial e a análise de conglomerados constituem métodos estatísticos multivariantes empregados para estabelecer uma forma de ordenação dos dados arqueológicos. Ambos são aplicados a conjuntos de artefatos ou caracteres osteológicos, ordenados em função de seus tipos (variáveis). Enquanto que a análise fatorial propicia a mensuração das variações entre variáveis de um mesmo conjunto de artefatos, a análise de conglomerados auxilia na identificação de semelhanças e diferenças em conjuntos completos (acompanhamentos funerários das várias sepulturas de um mesmo sítio).

No primeiro caso a informação estatística necessária é dada por uma matriz de coeficientes de correlação. Esses coeficientes expressam o grau de correlação existente entre duas variáveis (escala de -1 a $+1$). Esses graus devem ser obtidos para cada par de variáveis. O conceito chave é o de variante/variança: comum, que se correlaciona com outras variáveis; única, que não a causa e de erro, resultante de erros de amostragem e cálculo. Uma série de variáveis correlacionadas entre si possuem fatores comuns. A pontuação de cada variável individual pode ser representada de modo mais eficaz em função dos fatores de referência. A análise fatorial objetiva identificar esses fatores (Renfrew e Bahn, 1993).

No segundo caso, unidades ou conjuntos são classificados em função das similaridades existentes entre eles. O agrupamento resulta da identificação de unidades ou conjuntos similares. A presença ou ausência nos conjuntos de artefatos concretos estabelece

¹⁷² JEFFERIES, R W, LYNCH, B M. Middle Archaic Cultural Adaptation at Black Earth. In: PHILLIPS, J L, BROWN, J A (eds) Archaic Hunters and Gatherers in the American Midwest. Academic Press, New York, p. 316-317, 1983.

o grau de similitude entre as unidades ou conjuntos. Quando os conjuntos possuem tipos iguais (similares) e estes aparecem em quantidades aproximadas, existe similaridade e esses se aglomeram mais estreitamente. As variáveis construídas a partir dos acompanhamentos funerários de cada sepultamento constituem conjuntos para agrupamento. Aí, determinados artefatos ou caracteres osteológicos serão preponderantes para a existência de agrupamentos. As idades e os sexos podem correlacionar-se estreitamente com o grupo de acompanhamentos funerários. Pode-se identificar se determinados artefatos associados refletem tipos de tumbas e estes expressam a ordenação espacial geral das deposições funerárias de um ou mais assentamentos em um mesmo sítio (Renfrew e Bahn, 1993).

O estabelecimento das variáveis, quer culturais, quanto biológicas, fundamenta-se na listagem de variáveis empregada por Tainter (1975), exemplificada em Renfrew e Bahn (1993). Será adotada, a priori, a sequência dos métodos de Barbian e Megennis (1995)¹⁷³ quanto a determinação do número mínimo de indivíduos sepultados em cada tipo de deposição (inumação primária e secundária sem queima e cremação), determinação do sexo, da idade da morte (em adultos e subadultos), a incineração dos ossos, e descrição resumida dos sepultamentos.

A comparação estatística favorecerá o esquadramento dos caracteres específicos nas variáveis correspondentes a presença de similaridades e discrepâncias. Esses caracteres, uma vez diagnosticados, deverão passar por uma análise refinada, não possível pela abordagem matemática. Assim, tanto atributos culturais quanto biológicos específicos – os marcadores de diversidade, de distinção possível de status, de segregação possível por gênero, de possível parentesco e das ausências – serão analisados quanto as suas características estruturais, morfológicas, de uso, função, causas, consequências e possíveis

¹⁷³ BARBIAN, L T, MAGENNIS, A L. The Human Burials from the Turner Farm Site. In: BOURQUE, B J.(ed) Diversity and Complexity in Prehistoric Maritime Societies- A Gulf of Maine Perspective, Plenum

significados quanto a diferenciação ou diversidade sócio-cultural entre esses grupos litorâneos na faixa cronológica e espaço geográfico em questão.

Mais informações sobre a análise não estatística dos acompanhamentos funerários (adornos, utensílios e para fins cerimoniais e miscelâneas) registrados nos sepultamentos de Piaçaguera, Buracão, Tenório e Mar Virado serão tratadas no Cap. 5.

3.5 - Descrição e análise dos artefatos

Os artefatos encontrados em contexto funerário nos quatro sítios podem ser classificados em sete itens: líticos, ossos de animais, dentes de animais, conchas, ocre, carvão, fauna e estruturas da cova. Estes podem ser *utilitários* e/ou *adornos* pessoais (Bement, 1994). Os adornos pessoais estão representados pelos pendentes em valvas de molusco; contas de *Olivella sp* (constituindo longos colares ou coifas de cabeça); contas em dentes perfurados de mamíferos marinho ou terrestre; contas em dentes perfurados de peixes (seláquios), formando ou não colares. Os itens utilitários: são os líticos - unifaces, bifaces (machados), pontas, lascas, batedores, brunidores e estruturas fusiformes; as pontas em osso de ave, mamífero e peixe; as goivas e furadores em osso de mamífero ou ave; os "tortuais" em osso de mamífero marinho; "agulhas com fundo" em osso de ave; dentes de peixes ou mamíferos com polimento e perfuração (adorno-utilitário); dentes com polimento na placa basilar -seláquios - ou na coroa -mamíferos (escarificadores, raspadores, furadores); raspadores em valvas de molusco; valvas de molusco sem alteração estrutural, apresentando somente perfuração (zunidores, pendentes). Tanto os utensílios quanto os adornos constituem itens rituais (Bement, 1994): cada artefato foi consagrado através do ritual

funerário. Sua presença no sepultamento inclui, a priori, uma transmutação simbólica que advém da ritualização funerária.

Os itens não incluídos acima constituem inclusões incidentais, como rejeitos de indústria óssea (epífises serradas), restos faunísticos, sementes e líticos queimados. Grande número de artefatos são o produto da contribuição e investimento do grupo no sepultamento do morto.

Cada artefato encontrado em contexto funerário será analisado de acordo com atributos tecnológicos e idiossincráticos. Esses atributos devem indicar estágios tecnológicos nos quais qualquer variação em atributos não-técnicos será atribuída a idiossincrasias de diferentes proporções. Assim, análise por agrupamento (cluster) inclui as variáveis idiossincráticas e a análise por função discriminante as variáveis tecnológicas, visando identificar se ocorre diferenças tecnológicas significativas nos quatro grupos estudados. A presença de machados em contextos funerários pode indicar a sua importância para a sociedade que os produziu, assim como a presença de machados "rituais" (esboços ou machados diferenciados, muito reduzidos ou com perfuração).

Essa caracterização - tecnológica e idiossincrática - dos artefatos precede a análise conjunta de dados mortuários. Assim, cada artefato de contexto funerário é analisado individualmente, em conjunto com artefatos similares e em conjunto com outras variáveis culturais, como posição do corpo, presença de cremação e ocre. Nosso objetivo é:

- a) caracterizar os acompanhamentos funerários isoladamente;
- b) comparar as características dos acompanhamentos funerários em conjunto: como por exemplo os machados de Tenório, os pendentes de Tenório;
- c) comparar as características dos artefatos por itens - utilitários e adornos - e entre os sítios.

- d) comparar e associar a ocorrência dos artefatos de contexto funerário com outras variáveis culturais, enumeradas anteriormente e com variáveis biológicas.
- e) identificar traços característicos em cada sítio e entre os sítios referentes as parcelas técnicas das práticas mortuárias.

3.6 - Sexo e idade

Os remanescentes humanos dos quatro sítios somam 253 indivíduos, em diversos estados de degradação tafonômica. Incluem-se duas cremações e um sepultamento duplo em feixe de ossos associado com fragmentos queimados de um segundo indivíduo, evidenciados em Mar Virado. Em acréscimo às informações descritivas básicas como sexo e idade, a análise osteológica encontra-se voltada a identificação de indicadores de estresses nos esqueletos, vinculados principalmente a tecnologia de subsistência, hábitos posturais e a deficiências dietárias. Um conjunto de características indicadoras de estresses está representado pela presença de : a) formas de desgaste dentário oclusal; b) quebras dentárias; c) polimento de superfícies dentárias; d) sulcos oclusais ou interdentais por desgaste extramastigatório; e) hipoplasia; f) lesões cariogênicas; g) facetas por hiperdorsiflexão nas regiões distais dos metatarsianos; h) facetas anômalas no tálus e na tíbia; i) hiperosteose porosa; j) alterações no meato acústico externo; k) perda dentária *premortem*.

Os aspectos tafonômicos incluem as alterações dos remanescentes humanos ocasionadas por forças destrutivas. Os agentes mais atuantes foram:

a) em Piaçaguera a ação de raízes, esmagamento com fraturas decorrente do peso das camadas e não preenchimento das camadas e não preenchimento das cavidades ósseas por sedimento fino, seguido de impregnação carbonática com formações concrecionais. Essas

características do substrato formativo do sítio resultou em esqueletos semiarticulados, com rolamento e desnivelamento das regiões articulares;

b)em Buracão a ação de raízes e o esmagamento e sucessivas fraturas, com dispersão relativa dos ossos. Predominam esqueletos semiarticulados e desarticulados;

c)em Tenório ocorreram esmagamentos com fraturas em regiões dos esqueletos que ficaram sob os blocos líticos depositados intencionalmente e um caso de impregnação carbonática com fissuras - neste sítio o preenchimento das cavidades ósseas (seios, células, região intercraniana, forâmenes) logo após o processo da decomposição cadavérica com sedimento arenoso fino e pouco ácido possibilitou a preservação e equilíbrio de tensões entre o substrato arqueológico e os ossos, favorecendo esqueletos articulados e semiarticulados;

d)em Mar Virado, a ação intensiva de raízes, tocas de animais e a mobilidade do substrato arqueológico ocasionaram diversificadas alterações nos ossos, desarticulações generalizadas, abrangendo ora as superfícies, ora o interior dos ossos e dentes. Predominam esqueletos desarticulados e semiarticulados. Foi o único sítio que apresentou feixe de ossos (sepultamento secundário - sep.23).

Em todos os casos ocorreram materiais anômalos, dispersos e isolados, em decorrência de intervenções antrópicas e ausências ou perdas ósseas totais em áreas dos esqueletos por fatores diversos que incluem a ação antrópica intencional ou não, a ação de animais, plantas, a ação das águas e diferenças nos níveis do pH do solo e elementos associados aos esqueletos, como grandes ossos de mamíferos marinhos (Mar Virado).

Quadro 12 - Aspecto da conexão anatômica entre os esqueletos das amostras de Buracão, Mar Virado, Piaçaguera e Tenório(n=253):

Conexão anatômica	Esqueletos (N=203)				Total
	Buracão	Mar Virado	Piaçaguera	Tenório	
Articulado	-	-	4	14	18
Desarticulado	14	35	-	51	101
Fardo de ossos	-	1	-	-	1
Incompleto	1	-	2	1	3
Indeterminado	1	2	34	1	38
Semiarticulado	28	16	36	11	91
Semiarticulado + fardo	-	-	1	-	1
Total	44	54	77	28	253

Articulado: ($\geq 50\%$ dos ossos, excluindo-se ossos de mãos e pés=106); semiarticulado : ($< 50\%$ dos ossos articulados); desarticulado: ($< 10\%$ dos ossos articulados); incompleto: ausência de região do esqueleto (crânio, pelo menos 1 dos MMSS ou MMII, vértebras ou costelas) ou ossos esparsos; fardo: ossos rearticulados em feixe.

A *semiarticulação*, representa uma das formas de conexão anatômica entre as unidades esqueléticas e foi observada como uma variação de articulação. Entretanto, esqueletos articulados e semiarticulados apresentam-se com alguma conexão anatômica sobre a qual é possível distinguir posição do corpo e disposição de membros. Os dados paelodemográficos incluem o número mínimo de indivíduos, a distribuição da idade e sexo, distribuições verticais e horizontais dos esqueletos (mapas de distribuição dos sepultamentos).

O número mínimo de indivíduos foi inferido pela contagem das extremidades distais dos úmeros direitos (Bement, 1994:86) nos casos dos esqueletos extremamente fragmentados e desarticulados, associados a outros esqueletos- sepultamentos secundários múltiplos. Nas populações funerárias estudadas, o número de deposições funerárias foi considerado pelo seu estado relativo de preservação e de visualização dos principais componentes do sepultamento: em especial o corpo e os acompanhamentos funerários e outras inclusões intencionais. Em raros casos a conformação da cova foi observada por variações cromáticas e de composição do substrato. Na maioria dos casos, quer seja pela sua

profunda remodelação por fatores naturais e similaridade estrutural entre os substratos do interior e do exterior da cova, quer seja por intervenção antrópica posterior a inumação.

Planilha 1 - Lista de variáveis biológicas e culturais de análise para comparar os dados mortuários entre os sítios , Piaçaguera, Tenório , Buracão e Mar Virado:

VB1 - Sexo	Masculino Feminino Sexo indeterminado
VB2 - Idade	Subadulto (<20a) Adulto (>20a)
VB3 - Osteopatologia	Presente - hiperosteose, cribra, osteófitos, exostose, abscessos e/ou áreas hipervascularizadas por lesões diversas Não observada
VC1 - Deposição	Deposição simples - inumação primária Deposição composta - inumação secundária Indeterminada
VC2 - Cova	Forma da cova inferida pelas dimensões do corpo Forma da cova delimitada por diferença cromática entre sedimentos Indeterminada
VC3 - Líticos não modificados sobre o corpo ou região do crânio	Ao redor do crânio e tórax Sobre a região crânio-tórax-membros superiores Sobre a região abdômen-pelve-membros inferiores Ausentes nessas regiões Não observados
VC4 - Líticos não modificados circundantes ou na região das mãos	Líticos não modificados ao redor do corpo Líticos não modificados na região das mãos Ausentes
VC5 - Número mínimo de indivíduos inumados simultaneamente	Simple Duplo Tripl Múltiplo
VC6 - Inumação simultânea	Inumação simultânea com adulto masculino Inumação simultânea com adulto feminino Inumação simultânea com subadulto (<20anos) Inumação simultânea com adulto (>20anos) Inumação simultânea com criança (0 a 12 anos) Não observada
VC7 - Inumação não simultânea	Inumação não-simultânea, interdigitada com restos de subadulto (<20 anos) Inumação não-simultânea, interdigitada com restos de adulto (>20 anos) Ausente
VC8 - Queima parcial	Presente Ausente
VC9 - Cremação	Presente Ausente
VC10 - Conexão anatômica	Esqueleto articulado Esqueleto semiarticulado Esqueleto desarticulado Feixe ou fardo de ossos por reagrupamento intencional Ausência de região do esqueleto - incompleto Osso esperso Não observada
VC11 - Posição do corpo	Decúbito dorsal Decúbito ventral Decúbito lateral direito Decúbito lateral esquerdo Posição vertical, possivelmente sentado ou acorçado Não observada
VC12 - Flexão do corpo	Hiperfletido (média angular eixos longitudinais dos fêmures/eixo da coluna vertebral $\geq 0^\circ$) Fletido (média angular eixos longitudinais dos fêmures/eixo da coluna vertebral $< 90^\circ$) Semi-fletido (média angular eixos dos fêmures/eixo da coluna vertebral $\geq 90^\circ$ e $< 180^\circ$) Estendido (média angular eixos dos fêmures/eixo da coluna vertebral $\geq 180^\circ$) Não observável
VC13 - Flexão do membro superior direito	Hiperfletido (úmero-âulna $\geq 0^\circ$) Fletido (úmero-âulna $< 90^\circ$) Semi-fletido (úmero-âulna $\geq 90^\circ$ e $< 180^\circ$) Estendido (úmero-âulna $\geq 180^\circ$) Não observada
VC14 - Flexão do membro superior esquerdo	Hiperfletido (úmero-âulna $\geq 0^\circ$) Fletido (úmero-âulna $< 90^\circ$) Semi-fletido (úmero-âulna $\geq 90^\circ$ e $< 180^\circ$) Estendido (úmero-âulna $\geq 180^\circ$) Não observada
VC15 - MMSS cruzados	Presente

VC16 - Posição da mão D	Não observada Na região do crânio Na região torácica Na região das vértebras lombares Na região pélvica Na região dos MMII Em outra região
VC17 - Posição da mão E	Não observada Na região do crânio Na região torácica Na região das vértebras lombares Na região pélvica Na região dos MMII Em outra região
VC18 - Flexão do membro inferior direito	Não observada Hiperfletido (fêmur-Âtibia $\approx 0^\circ$) Fletido (fêmur-Âtibia $< 90^\circ$) Semi-fletido (fêmur-Âtibia $\geq 90^\circ$ e $< 180^\circ$) Estendido (fêmur-Âtibia $\approx 180^\circ$)
VC19 - Flexão do membro inferior esquerdo	Não observada MIE hiperfletido (fêmur-Âtibia $\approx 0^\circ$) MIE fletido (fêmur-Âtibia $< 90^\circ$) MIE semi-fletido (fêmur-Âtibia $\geq 90^\circ$ e $< 180^\circ$) MIE estendido (fêmur-Âtibia $\approx 180^\circ$)
VC20 - Posição dos pés	Não observada Juntos Separados
VC21 - Posição da face	Não observada Voltada à direita do corpo Voltada à esquerda do corpo Para a frente Em posição anômala
VC22 - Ocre (pulverizado, massa ou bloco)	Não observada Presente Ausente
VC23 - Carapaça de quelônio modificada junto ou sobre região do corpo	Não observado Presente Ausente
VC24 - Osso de mamífero marinho utilizado sobre ou junto do corpo	Não observada Presente Ausente
VC25 - Dente de mamífero modificado/utilizado	Não observado Perfurado de mamífero - possível pendente ou conta de colar Com sinais de trabalho ou uso Não modificado Ausente
VC26 - Dente de seláquio modificado/utilizado	Com perfuração Com sinais de trabalho ou uso Não modificado Ausente
VC27 - Dente de réptil modificado/utilizado	Presente Ausente
VC28 - Disposição de agrupamentos de dentes de animais	Na região cervical-torácica - colar Na região distal de membro superior Região cervical-torácica e distal de membro superior Ausente
VC29 - Vértebra perfurada de peixe	Presente Ausente
VC30 - Ponta óssea biterminada	Não observável Em osso de peixe Em osso de ave Em osso de mamífero Em ossos de mamífero e ave Em ossos de mamífero e peixe Em ossos de mamífero, ave e peixe Em ossos de ave e peixe Ausente
VC31 - Ponta óssea simples ou fragmento	Em osso de mamífero Em osso de ave Em osso de peixe Em ossos de ave e peixe Em ossos de mamífero e ave Em ossos de mamífero, ave e peixe Em osso de mamífero e peixe Ausente
VC32 - Ponta lanceolada em osso de mamífero	Presente Ausente
VC33 - Agrupamento de pontas ósseas	Presente Não observado Ausente
VC34 - Diáfise modificada de mamífero	Diáfise de osso de animal com trabalho - goiva, espátula, raspador Com trabalho na extremidade distal Seccionada longitudinalmente e afiada na extremidade distal Ausente
VC35 - Crânio de mamífero	Mandíbula utilizada ou modificada

	Neurocrânio trabalhado e perfurado - pendente/adorno/recipiente
	Mandíbula utilizada ou modificada e neurocrânio trabalhado e perfurado
	Ausente
	Presente
	Ausente
VC36 - Artefato esférico ou circular em osso de baleia	Presente
VC37 - Lasca de osso de mamífero com ou sem modificação	Ausente
VC38 - Valva de bivalve modificada / utilizada	Trabalhada e perfurada - pendente
	Perfurada com ou sem uso
	Não modificadas e com trabalho e uso para raspar
	Não modificadas e perfuradas com ou sem sinais de uso
	Trabalhada e perfurada - pendente e não modificadas
	Trabalhada ou utilizada para raspar
	Não modificadas, perfuradas com ou sem uso e trabalhadas ou utilizadas para raspar
	Não modificada
	Ausente
VC39 - Valva de gastrópode modificada/utilizada	Trabalhada e perfurada - pendente
	Perfurada com ou sem uso
	Com trabalho e sem perfuração - esboço de pendente, ponta
	Não modificada
	Não modificada e com trabalho e perfuração - pendente
	Não modificadas e perfuradas com ou sem uso
	Ausente
VC40 - Agrupamento de valvas de Olivella modificadas/utilizadas	Perfuradas, na região cervical-torácica
	Perfuradas, na região do crânio
	Sem perfuração e em região indeterminada
	Sem perfuração, na região da pelve
	Ausente
VC41 - Machado	Presente, sem região do corpo determinada
	Na região crânio-tórax-MMSS
	Na região abdômen-MMII
	Ausente
VC42 - Lasca lítica	Presente
	Ausente
VC43 - Seixo/bloco modificado	Percutor-batedor
	Percutor -batedor-suporte
	Suporte
	Suporte e afiador
	Percutor-batedor, lítico inesepecífico
	Percutor-batedor-suporte e lítico multifuncional
	Suporte e líticos inesepecíficos
	Percutor-batedor-suporte, multifuncional e líticos inesepecíficos
	Multifuncionais e inesepecíficos
	Inesepecífico
	Multifuncional
	Ausente
VC44 - Carvão	Estrutura de fogueira/braseiro/fossa culinária
	Estrutura de fogueira no interior da cova
	Não observado
	Ausente
VC45 - Restos faunísticos com ou sem sinais de queima	Presente
	Não observados
	Ausentes
VC46 - Esqueleto de animal associado - oferenda, doméstico	Mamífero
	Ave
	Anfíbio
	Não observado
	Ausente
VC47 - Restos de vegetais queimados - sementes	Presentes
	Não observados
	Ausentes
VC48 - Terra preta em associação	Presente
	Não observada
	Ausente
VC49 - Disposição de blocos líticos não modificados - estruturas funerárias - junto do corpo	Na pelve e MMII
	Na pelve e MMII, bloco alongado presente, bloco junto à face
	Bloco alongado, sob região das cervicais e torácicas
	Na região do crânio, pelve e MMII, sob ou junto as cervicais-torácicas
	Na região dos MMII, junto à face
	Na região da pelve e MMII
	Na região da pelve e MMII, bloco alongado presente
	Bloco alongado presente
	Nicho/matacões - inumação em depressão rochosa ou entre matacões
	Na região dos MMII e sob ou junto as cervicais-torácicas
	Na região dos MMII, nicho/matacões presente
	Na região do crânio
	Sob ou junto as cervicais-torácicas
	Na região dos MMII
	Ausente
VC50 - Manipulação do corpo	Amarração/acondicionamento possível
	Esqueletonização/rearticulação
	Não observável
	Ausente

VC51 - Dentes perfurados de mamifero na região pélvica	Presentes
	Ausentes
VC52 - Dentes perfurados de peixe ósseo	Presentes
	Ausentes
	Presente
VC53 - Osso/ dente humano em associação - inunção não simultânea ou acompanhamento	Ausente
VC54 - Agrupamento de ossos de peixe	Raios de nadadeira sem trabalho
	Raios de nadadeira sem trabalho, maxilar e agrupamento de aparas
	Aparas
	Maxilar
	Raios e aparas
	Ausente

CAPÍTULO 4 - O CORPO NO CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

4.1 - Uma multiplicidade de enterramentos

Fatores gravitacionais e espaciais (Roksandic, 2002)¹⁷⁴ servem como guias de interpretação sobre os espaços das deposições funerárias individuais, o posicionamento do corpo e disposição dos membros, bem como sobre as características construtivas das covas. Nesses casos, a interpretação das práticas mortuárias está diretamente vinculada com os fatores tafonômicos que alteram a configuração final dos sepultamentos humanos em qualquer sítio arqueológico no decorrer do tempo. As consequências gerais da decomposição dos tecidos e da posterior desarticulação dos ossos podem ser observadas em campo ou através dos documentos fotográficos produzidos durante as escavações. O processo de desarticulação ou desintegração dos tecidos moles – tendões, fâscias, ligamentos tendinosos, entre outros - formadores das articulações resulta da decomposição que afetou primeiro os corpos e se estendeu aos esqueletos. A diversidade nas amplitudes dos processos formativos do substrato arqueológico e sua ação direta sobre as unidades esqueléticas, a influência da gravidade no espaço em que ocorreu a decomposição, resultam em contextos que podem explicitar, ocultar ou mascarar traços materiais das práticas/rituais mortuários de uma população.

O conhecimento arqueológico sobre a morte ou sobre o comportamento funerário entre as culturas deve reconstruir o contexto do ritual, o modo como os sepultamentos foram realizados. Para inferir comportamentos intencionais determinados por ideologias extintas de populações antigas, é necessário incorporar informações que pertencem as atividades

¹⁷⁴ ROKSANDIC, M. Position of Skeletal Remains as a Key to Understanding Mortuary Behavior. In: HAGLUND, W D, SORG, M H. (eds.) *Advances in Forensic Taphonomy – Method, Theory , and Archaeological Perspectives*. CRC Press, Washington DC, p.99-117, 2002

mortuárias anteriores ao sepultamento (periburial mortuary activity) realizado pela sociedade dos vivos (Kinnes, 1975)¹⁷⁵. Por tempos isso tem sido deduzido pela posição relativa dos elementos esqueléticos na cova. Entretanto, a simples correlação da posição dos elementos esqueléticos pode não ser prova suficiente, tornando-se insatisfatória e confusa. A disposição dos elementos esqueléticos é um recurso relevante de informação sobre o comportamento funerário. Para se obter essas informações torna-se necessário que esqueletos sejam escavados por *experts* treinados em osteologia humana e que seja feita uma investigação sistemática dos fenômenos tafonômicos que afetaram a disposição dos vestígios.

Os remanescentes humanos são observados nos contextos arqueológicos primariamente como consequências de atividades culturais e, mais especificamente, de atividades rituais: os sepultamentos sofrem a ação de agentes tafonômicos de origem natural e/ou cultural. O comportamento humano envolvido nas práticas mortuárias pode ser reconhecido ou inferido pela observação centrada nos resultados dessa ação.

A remodelação do corpo resultante dos processos de decomposição pode ser um relevante recurso de informação sobre as atividades perifunerárias. Determinadas parcelas operacionais dos rituais funerários podem ser evidenciadas por meio da análise da disposição dos elementos esqueléticos.

As alterações tafonômicas de um corpo são influenciadas por um grande número de fatores: internos ao corpo, incluindo a causa da morte, estado do corpo do morto, idade, sexo, massa corporal e patologias. Fatores externos referem-se ao espaço de tempo decorrido entre a morte e o sepultamento, o tratamento do corpo antes do sepultamento e o meio em que o corpo foi enterrado: todos são primeiramente culturais. Fatores tafonômicos

¹⁷⁵ KINNES, I. Munumental function in British neolithic burial practices. In. *World Archaeology*, n.7, p. 16-29, 1975.

não culturais são importantes na determinação de distúrbios que podem ser relevantes para a diferenciação de atividades culturalmente determinadas, como a desarticulação e reacomodação de um esqueleto evidenciado durante a realização de um novo sepultamento (identificação de atividades antrópicas intencionais).

A intenção original das atividades culturais humanas em contextos arqueológicos pode ter sido mascarada pelas dinâmicas da decomposição e possíveis distúrbios posteriores. Dois fenômenos de significado primário para a arqueologia funerária são a preservação diferencial de ossos individuais e a disposição e deposição diferente dos remanescentes esqueléticos humanos. A preservação é mitigada pelos modos culturais de depositar e pelos agentes pós-deposição. Fatores culturais que afetam a preservação dos restos são numerosos: as normas culturais dos humanos decidem como sepultar, quem, quando e onde será feito o sepultamento. O modo de disposição não influenciará somente na posição do esqueleto dentro da cova, mas na sua preservação. Nos casos das cremações e dos descarnamentos está clara a presença de práticas redutivas do corpo. Esses processos de redução do corpo foram evidenciados em nosso trabalho.

Para compreender os movimentos pós deposicionais dos ossos é necessário compreender: a) as consequências da decomposição dos tecidos moles; b) as sequências da desarticulação ou desintegração dos tecidos articulares inseridos entre os ossos; c) o potencial e graus de dispersão dos elementos esqueléticos de acordo com a natureza das articulações e as formas dos ossos.

Decomposição é um termo normalmente usado para definir dois grandes processos, o da *putrefação* decorrente de fatores putrefativos pela ação de bactérias e a *autólise*, envolvendo a ação de enzimas autolíticas. A desarticulação é definida pela completa redução dos tecidos moles que envolvem os ossos e as juntas - cartilagens articulares, cápsulas sinoviais, discos e ligamentos, fâscias musculares - por organismos vivos. O

esqueleto é considerado desarticulado quando inexistem tecidos moles para manter as unidades esqueléticas na correta posição anatômica entre si. Entretanto, os espaços existentes entre as superfícies ósseas de articulação e as relações anatômicas normais entre as unidades esqueléticas são indicadores de um *estado de articulação* do esqueleto. Esses espaços sempre são modificados no decorrer da decomposição cadavérica. Esse *estado de articulação* possibilita a identificação de um esqueleto, de suas condições e características da sua forma de deposição funerária, do seu sepultamento. A cova, sua constituição e estruturação determinam os limites de dispersão entre as unidades ósseas, seu estado de preservação. Covas amplas, em cujo interior os corpos passaram pela esqueletonização antes do colapso das mesmas, terminando com o completo soterramento, apresentam peculiaridades que foram encontradas nos sítios Buracão e Mar Virado (Fig. 1,A-E). Corpos depositados em covas profundas e estreitas e em posição fetal, vertical, podem apresentar, caso o soterramento da cova seja gradativo e posterior à esqueletonização ou seu conteúdo não tenha retido a dispersão dos ossos do esqueleto, formas diferenciadas, não similares as deposições de aspecto *estrelado* - covas amplas. Esse tipo ocorreu em Tenório e Buracão (Fig. 2 A-D).

Reafirmando: a observação arqueológica minuciosa de elementos esqueléticos *in situ* é de suma importância quando nossos problemas se voltam à interpretação de sepultamentos humanos. A queda gradativa e subsequente acomodação dos ossos de um esqueleto resultam em contextos de campo surpreendentes. Novamente, covas grandes, com amplos espaços para corpos amarrados em posição vertical, com elementos estruturais de esperada deterioração, como madeira ou trançados vegetais, podem resultar em conjuntos de ossos semidesarticulados de difícil interpretação. Blocos líticos de grandes proporções depositados sobre o corpo comumente desempenham mais um papel no processo de desarticulação e degradação dos ossos: ocorrem migrações, rotações e severa desarticulação

entre os elementos esqueléticos. Entretanto, corpos posicionados em decúbito lateral, ventral ou dorsal tem apresentado nas amostras estudadas uma persistente conexão entre os ossos.

Evidentemente, a identificação de sepultamentos primários ou secundários e seus níveis de dispersão dependem da qualidade de cada escavação e do alcance e potencialidade da documentação fotográfica produzida, perceptíveis em boa parte das amostras.

As dimensões dos espaços de ar existentes entre o corpo e o sedimento circundante/substrato na cova determinam os limites de movimentação entre os elementos anatômicos durante o processo de decomposição cadavérica. Os limites da cova, impostos por paredes, blocos ou outras estruturas construtivas determinam os limites da desarticulação dos ossos.

Ossos alinhados não necessariamente estão em conexão anatômica (Fig. 3 A-C). O deslocamento de elementos esqueléticos podem ser resultado do colapso da caixa torácica, rotação dos segmentos vertebrais ou da separação da articulação entre o fêmur e o osso do quadril ou entre o úmero e a escápula. A separação das juntas sacro-ilíacas pode sugerir que aquela área do corpo não estava suficientemente preenchida com sedimento quando da desarticulação: os espaços vazios entre corpo/osso e sedimento circundante/substrato encontravam-se ampliados. Espaços vazios delimitados normalmente referem-se a criação de um recipiente para acondicionamento do corpo, de modo que este não entre em contato direto com o solo da cova. O volume ocupado pelo esqueleto, o grau e generalização de juntas hiperfletidas pode ser indicativo da presença de antigas estruturas - nicho rochoso, esteira/amarração - de acondicionamento do corpo (Fig. 4 C e D, Fig. 5 A-C, Fig. 6 C).

Ainda, a decomposição do corpo em um espaço coberto - inumação - resulta no preenchimento progressivo das regiões cavitárias e, dependendo da integridade, tipo, compactação e mistura dos sedimentos circundantes, diferentes efeitos podem ser produzidos. Pouca movimentação dos ossos é esperada dentro da área anteriormente

ocupada pelo volume das partes moles do cadáver. Posteriores compressões durante a formação do depósito arqueológico resultam em fissuras, fraturas e consequente esmagamento de ossos cranianos, costelas, escápulas, pelve e ossos longos. Mas, entretanto, no caso específico de Tenório, ocorrer a presença de sedimento fino de grande mobilidade, este preenche as regiões corporais cavitárias simultaneamente à decomposição, resultando em graus de articulação quase inalterados entre as juntas (Fig.7A-B, Fig. 8A). Entretanto, com a continuada reacomodação dos solos arenosos, podem surgir áreas de desconexão anatômica entre os ossos.

Na região torácica e abdominal o preenchimento por sedimentos é diferencial (Roksandic, 2002:109). Em todas as amostras de esqueletos estudadas foi constatado o colapso da caixa torácica com a disjunção das articulações costotransversas, deslocamento do esterno, rotação dos segmentos da coluna vertebral e disjunção dos ossos da pelve, sacro e desconexão das cabeças dos fêmures - em especial nos casos de decúbito dorsal. Mesmo em Tenório esse processo foi recorrente.

O crânio, em especial, e os ossos de mãos e pés, especificamente as falanges e ossos do tarso e carpo sofreram deslocamentos, rotação e dispersão na grande maioria dos casos estudados (Fig. 9A-B). Ocorreram casos em que as faces e os crânios não apresentaram mobilidade excessiva (Fig. 10 B, C; Fig. 11 A-D)

A deposição refere-se, como bem descreveu Roksandic (2002:109), a exemplo de Sprague (1969), ao modo como foi depositado o morto. Uma deposição primária refere-se à localização inicial na qual o corpo foi colocado. Quando essa localização inicial for a mesma ao final da deposição, trata-se de um sepultamento primário. Um sepultamento secundário ocorre quando os restos humanos são removidos da primeira deposição, quer após a decomposição dos tecidos moles, quer após sua destruição pela queima, e são depositados em um segundo local de deposição. Corpos podem ser descarnados e mantidos

articulados; podem ser mumificados e depositados em vários lugares antes da deposição final. Entretanto, quando persiste a maioria das juntas articuladas, virtualmente para todos os ossos, a deposição é primária. Quando a posição inicial do corpo é estável em relação aos efeitos gravitacionais, a reconstrução da posição original do indivíduo é relativamente viável. Mas, em casos em que a instabilidade entre os ossos é evidente, como nos casos de corpos posicionados sentados, essa reconstrução torna-se complexa.

Quadro 13 - Incidência numérica dos níveis de conexão anatômica dos esqueletos inumados em Buracão, Mar Virado, Piaçaguera e Tenório:

Variação	Conexão anatômica - incidência				Total
	Buracão	Mar Virado	Piaçaguera	Tenório	
Articulado	-	-	4	9	18
Desarticulado	14	35	-	2	51
Fardo de ossos	-	1	-	-	1
Incompleto	1	-	5	12	3
Não observados	1	2	31	1	38
Semiarticulado	28	16	36	4	91
Semiarticulado + fardo	-	-	1	-	1
Total	44	54	77	28	203

Articulado=(>50%conexão); semiarticulado=(<50%conexão); desarticulado=(conexão~0); fardo de ossos=(ossos rearticulados ou agrupados - arranjo de ossos); incompleto=(osso esparsos ou ausência de região do esqueleto)

Os esqueletos que apresentaram conexão anatômica em maior ou menor grau representaram 63,6% em Buracão, 29,6% em Mar Virado, 59,7% em Piaçaguera e 75% em Tenório. Esses resultados indicam que, em Tenório ocorreu maior preservação das relações de conexão anatômica entre os ossos dos esqueletos em decorrência do substrato arenoso. Nesse sítio, entre os 12 esqueletos incompletos, 8(66,7%) apresentavam-se em conexão anatômica; outros 56 registros de inumações - ossos esparsos de sepultamentos severamente perturbados - não foram incluídas nesta análise. Outros . A conexão anatômica nos esqueletos de Buracão, Piaçaguera e Mar Virado ficou comprometida considerando as variações dos substratos arqueológicos e dos fatores destrutivos pós-deposicionais que atuaram nessas amostras. A amostra esquelética de Mar Virado apresentou-se extremamente

fragmentada, desarticulada e em visível dispersão (66,7%) resultante de fatores antrópicos, de fitoturbação (Fig.12 A, B e D) e geoturbação. Na amostra de Piaçaguera, 40,2% dos esqueletos não foram observados quanto a presença de articulação, não existindo quaisquer registros de campo sobre essa característica. Nesse sítio os esqueletos observados na documentação de campo encontrava-se com alguma conexão anatômica (articulados ou semiarticulados, completos ou incompletos, com ou sem arranjo parcial dos ossos), muito embora tenham sofrido a ação contínua de esmagamentos - predominantemente dos crânios e pelves -, impregnação carbonática (Fig. 16 C), seguida de deformação por fissuras e torções do tecido ósseo. Na amostra de Buracão predominou a presença de alguma conexão anatômica entre os ossos dos esqueletos e a desarticulação, resultado de intervenções antrópicas e da mobilidade do substrato, em especial das camadas de terra preta, alcançou 31,8% dos esqueletos (Fig. 2 A, Fig. 13 A-D). Buracão, assim como Mar Virado, apresentaram similaridades entre os fatores que desestabilizaram as relações de conexão entre os ossos dos esqueletos, muito embora as relações entre os desarticulados e os semiarticulados tenham sido inversamente proporcionais. Em Mar Virado ocorreu severa desarticulação seguida de dispersão dos esqueletos.

Foi observada a presença de fardo de ossos (*bundle burial*) em Mar Virado (Fig. 14). Em Piaçaguera um dos esqueletos (sep. XLI) sofreu um novo reagrupamento de parte dos ossos dos membros, mostrando-se similar a um fardo de ossos (Fig. 3 C). Entretanto, nesse caso, com a intervenção antrópica contemporânea à inumação, parte do corpo foi mantida *in situ* e parte reagrupada durante a abertura de uma cova posterior (sep. XXI), não caracterizando um sepultamento propriamente secundário. As amostras que apresentaram incidência de esqueletos desarticulados estão representadas por Mar Virado e Buracão, atingindo 64,8 e 31,8%, seguidas de Tenório, com 7,1%.

A descrição dos primeiros enterramentos pré-históricos europeus feita por Binant(1991), considerou a existência de uma multiplicidade quanto ao número de indivíduos inumados juntos. Este variava de um (simples), dois (duplo), três (triplo) ou mais de três (múltiplo). O número mínimo de indivíduos inumados numa mesma cova é característica das práticas mortuárias. No interior de uma sepultura, os mortos foram enterrados no mesmo momento ou sucessivamente, em períodos de tempo diferentes? Deposições sucessivas ocasionam sensíveis modificações no interior da organização estrutural de uma inumação. A disposição de corpos reagrupados em decorrência de relações particulares como parentesco, status, sexo, tipo de morte, em momentos diferentes e em mais de um funeral, entra em desalinho com os enterramentos simultâneos. Nesses casos, de enterramentos sucessivos e simultâneos (Binant, 1991:38)¹⁷⁶, temos:

Quadro 14 - Aspectos diferenciais entre enterramentos sucessivos e simultâneos (modificado de Binant, 1991).

Diferenças entre enterramentos sucessivos e simultâneos(Binant, 1991:38)
<p>Enterramentos sucessivos</p> <p>Presença de sobreposição, justaposição de covas e seus conteúdos ou intrusão com dismantelamento ou conservação da estrutura funerária anterior. Exemplos: casos com presença de dois ou mais esqueletos em covas justapostas, sobrepostas ou em covas feitas dentro da área de outra cova. Nesse caso, o esqueleto encontrado é exumado e enterrado novamente na nova cova, junto com o corpo recém depositado ali.. O esqueleto encontrado na cova anterior pode permanecer <i>in situ</i> , articulado, dando lugar a justaposição ou sobreposição de um novo corpo. Podem ocorrer enterramentos sucessivos mas não justapostos ou sobrepostos, mas com certa distância entre si e relacionados por parentesco. Não apresentam, necessariamente, afiliações de parentesco, mesmo tipo de morte, ou o mesmo <i>status</i> social. Essas características são perceptíveis somente no contexto arqueológico, observando-se a distribuição das camadas e datações seriais.</p>
<p>Enterramentos simultâneos</p> <p>Presença de sobreposição ou justaposição de corpos, dentro de uma mesma cova. Exemplos: casos com mais de um esqueleto depositado no interior da mesma cova. Nesse caso não ocorre perturbação de um ou outro esqueleto decorrente da deposição funerária. O espaço de tempo da preparação dos corpos e sua inumação é o mesmo. Sua relação pode resultar de linhagens de parentesco, condições ou tipo de morte, mesmas doenças, <i>status</i> social.</p>
<p>Enterramentos sucessivos e simultâneos</p> <p>Incluem os enterramentos cujos mortos foram inumados em covas distintas, mas cujos funerais foram realizados simultaneamente. Suas datações serão as mesmas, entretanto o não agrupamento entre os corpos numa mesma cova pode indicar distâncias de linhagens de parentesco, tipos de mortes distintas assim como diferenciado <i>status</i> social .</p>

Essa distinção pode indicar o grau de intensidade e a estruturação espacial e temporal dos enterramentos em determinado sítio arqueológico. Os enterramentos

¹⁷⁶ BINANT, P. La Prehistoire de la Mort. Les premières sépultures en Europe. Collection des Hesperides. Editions Errance. Paris. P. 38, 1991.

simultâneos são considerados quanto ao número de indivíduos inumados na mesma cova. O mesmo pode ser estabelecido para enterramentos intercalados, nos quais, embora os corpos tenham sido depositados em covas inicialmente separadas, ambos foram reagrupados em uma única cova e assim são registrados em contexto arqueológico (Fig. 1 D; Fig. 9 A e B; Fig. 10 D). Por outro lado, fatores deposicionais podem "agrupar" ou "simular" enterramentos secundários sucessivos, simultâneos ou sucessivos e simultâneos.

No sambaqui Piaçaguera foram registrados 14 casos (23,3%) de deposições simultâneas, em um total de 60 enterramentos. Os enterramentos V e VI são exemplo de deposições sucessivas assim como o caso que inclui os enterramentos XXIII, XXIV e XXV (Fig. 9 A) indica uma sobreposição entre os corpos de dois adultos que foram depositados sucessivamente, mas não simultaneamente, como o demostram os demais enterramentos simultâneos. O contato entre os corpos não é visível, mas separado por camada de solo. Entretanto essa dúvida somente seria solucionada pela análise contextual dos vestígios.

No sítio Tenório, com estrutura morfológica diferenciada dos clássicos sambaquis como o Piaçaguera, Maratuá ou Brocuanha, do Macedo, do Gomes, entre outros, o número de enterramentos sucessivos, isto é, intercalados, reduziu-se a um caso (3,44%). Uma pequena cova contendo restos de uma criança estava justaposta e sob a cova maior do enterramento XIX (Fig. 15 A-11). Entretanto, nesse sítio não foram registrados enterramentos simultâneos duplos, triplos ou múltiplos. A simultaneidade temporal entre os vestígios funerários somente poderá ser analisada através de datações seriais. Em Tenório os enterramentos são simples ($n = 21$). Alguns casos mostraram-se controversos: o enterramento XIII apresentou, junto com os ossos de um adulto, duas mandíbulas de crianças; o XIX apresentou-se sobreposto ao XXI. Nesse caso, a epífise distal do fêmur esquerdo encontrava-se sobre um bloco lítico que demarcava a abertura da cova que

continha a criança. Esse enterramento XXI faria parte de uma sequência de três inumações sucessivas e simultâneas(XX, XIX e XXI), depositadas em mesmas profundidades?

Em Mar Virado, a ação de agentes e processos formativos resultou em uma alteração dos vestígios de forma a dispersá-los e mesmo justapô-los, dificultando nossa interpretação sobre as categorias de Binant(1991). Os enterramentos 12, 13, 30 e 31 foram claramente executados sucessivamente, sobrepostos entre os nichos rochosos, covas sobre covas, sem que, no entanto, os enterramentos mais inferiores fossem alterados. O enterramento 23 apresentou mais de um corpo inumado na mesma cova: associa de forma não antes registrada nos demais sítios restos humanos queimados a restos humanos desarticulados (fardo ou pacote de ossos), depositados simultaneamente sob grande artefato em carapaça de quelônio. Nesse sítio é recorrente o emprego de carapaças de quelônio ou ossos de mamíferos marinhos como coberturas das covas - enterramentos 7 e 33 (Fig. 14 A-B).

No sítio Buracão, os enterramentos foram registrados como simples e primários em todos os casos. Agentes formativos atuaram de forma a desarticular e mesmo dispersar os restos humanos na maioria dos enterramentos (85%).

As amostras de enterramentos provenientes dos 4 sítios estudados apresentaram, quanto a quantidade de indivíduos depositados em uma mesma cova sutis diferenças. Uma multiplicidade de formas de enterramento podem indicar sensivelmente um mosaico cultural integrado, expresso pelas modalidades de organização da vida cotidiana desses grupos.

Quadro 15 - Distribuição dos tipos de deposições funerárias (N=163) por número, grupo etário e sexo de indivíduos inumados simultaneamente e sucessivamente para as amostras de Piaçaguera, Buracão, Tenório e Mar Virado.

Categorias	Tipos de deposições funerárias(inumações)				Total
	Buracão	Mar Virado	Piaçaguera	Tenorio	
Composta	-	4	-	-	4
Indeterminada	10	10	4	3	27
Simple	33	19	56	24	132
Total de inumações	43	33	60	27	163
Deposições simultâneas (Nº)					
Dupla	-	1	11	1	13
Simple	43	32	46	26	147
Tripla	-	-	3	-	3
Total de inumações	43	33	60	27	163
Deposições simultâneas (indivíduos)					
Com adulto masculino	-	1	5	-	6
Com adulto	-	1	3	-	4
Com adulto feminino	-	-	8	-	8
Com criança	-	-	9	1	10
Ausente	43	31	29	26	129
Com subadulto	-	-	6	-	6
Total de inumações	43	33	60	26	163
Deposições sucessivas (indivíduos)					
Ausente	41	18	57	26	143
Com adulto	2	7	2	-	11
Com subadulto	-	8	1	1	9
Total de inumações	43	33	60	27	163

Entre as inumações com mais de um indivíduo, a amostra de Piaçaguera apresentou sepultamentos duplos e triplos. As demais amostras apresentaram sepultamentos duplos em reduzida escala. Deposições sucessivas representam 45,4% das inumações em Mar Virado. Tal fato decorre da presença de ossos esparsos de inumações mais superficiais que sofreram intensa fragmentação e dispersão do seu conteúdo. Em Mar Virado ocorre uma concentração de covas interdigitadas, perturbadas ou não.

Os dados mortuários relativos aos tipos de sepultamentos indicaram a presença de deposições compostas ou inumações secundárias na amostra de Mar Virado. Nesse sítio foram evidenciadas 3 cremações e um sepultamento secundário duplo contendo cremação e feixe de ossos simultaneamente (sep.23). Nas outras amostras não foi registrada a presença de inumações secundárias. Esse evento pode indicar uma adaptação e consequente modificação de instâncias dos rituais funerários vinculados à redução intencional do corpo

pelo processo da queima em piras funerárias e o transporte de ossos descarnados e fragmentos (cremação) em recipientes, por meios de transporte marinho. Tanto a cremação quanto a presença de feixes de ossos rompem com a continuidade das inumações primárias nas outras amostras, constituindo indícios de mudanças dentro das práticas funerárias ou indicando categoricamente mais uma faceta da sua diversidade entre os pescadores-caçadores-coletores dos litorais centro e norte de São Paulo entre 1500 a 5000AP.

A posição do corpo mostrou variabilidades perceptíveis. Nas amostras de sepultamentos de Buracão, Tenório e Mar Virado ocorreram corpos em posição vertical ou sentados. A amostra de Piaçaguera não apresentou essa característica.

Quadro 16 - Posição do corpo nas amostras de Buracão, Mar Virado, Piaçaguera e Tenório(n=203):

decúbito	Posição do corpo				Total I
	Buracão	Mar Virado	Piaçaguera	Tenorio	
Dorsal	2	-	9	5	16
Lateral D	8	4	14	5	31
Lateral E	1	7	15	9	32
Não observado	21	40	38	4	103
Ventral	1	2	1	2	6
Vertical - sentado	11	1	-	3	15
Total	44	54	77	28	203

Em Tenório, ocorreram esqueletos semi-fletidos cuja a posição do corpo foi controlada pela disposição de blocos líticos ao redor, sob e sobre o corpo. (Fig. 7 B; Fig. 8 B; Fig. 18 B; Fig. 20 A-C). Em Piaçaguera as crianças apresentavam-se em decúbito lateral direito. (Fig.13 B; Fig. 16 B; Fig. 21 A e C) decúbito ventral (Fig. 9 B; Fig. 21 B). Posições anômalas entre crianças ocorreram em Buracão (Fig. 1 B) como a posição sentada vertical e em Piaçaguera com posição fletida em decúbito dorsal (Fig. 21D). Neste sítio posições em decúbito lateral esquerdo apresentaram coincidentes entre um adulto masculino e um feminino (Fig. 10 B e C) e em Tenório (Fig. 20 A).

A amostra de Mar Virado não apresentou corpos em decúbito dorsal; a de Piaçaguera não registrou, entre os sepultamentos observáveis, corpos em posição sentada. Considerando as amostras individualmente, notamos uma prevalência (88,9%) de corpos em decúbito lateral direito sobre o decúbito lateral esquerdo (11,1%) em Buracão. Nessa amostra tornou-se representativa a postura vertical dos corpos - acorados ou sentados - que alcançou 50% em relação as outras quatro posições. A posição em decúbito lateral predominou sobre as demais em Mar Virado (78,5%), Piaçaguera (74,3%) e em Tenório (58,33%).

Quadro 17 - Flexão do corpo - média angular entre os eixos longitudinais dos fêmures e o eixo da coluna vertebral nas quatro amostras:

graus	Flexão do corpo				Total
	Buracão	Mar Virado	Piaçaguera	Tenório	
Estendido ($\approx 180^\circ$)	-	-	2	4	6
Fletido ($\leq 90^\circ$)	11	4	16	6	37
Hiperfletido ($\approx 0^\circ$)	6	5	2	3	16
Não observável	24	43	45	10	122
Semi-fletido ($>90^\circ$ e $<180^\circ$)	3	2	12	5	22
Total	44	54	77	28	203

Nas amostras de Piaçaguera (Fig. 10 D) e Tenório (Fig. 15A-B) foi registrada a ocorrência de corpos inumados estendidos. Entre os corpos com posições observadas notou-se certa preferência por posições fletidas (Fig. 2A; Fig. 6 C, Fig. 13 A e D; Fig. 16 A) dos corpos em Buracão (55%). Tanto em Piaçaguera quanto Mar Virado e Tenório a posição fletida aparece nas proporções de 50%, 36,3% e 33,3%, respectivamente. Corpos hiperfletidos (Fig. 2 A; Fig. 4 A,C, D; Fig. 5A-C; Fig. 6 C; Fig. 9 A; Fig. 16 F) foram registrados em todas as amostras, com incidência decrescente de 13,63% em Buracão, 10,71% em Tenório, 9,25% em Mar Virado e 2,59% em Piaçaguera.

A disposição dos membros indicou variabilidade entre as amostras, assim como a disposição das mãos, pés e crânio:

Quadro 18 - Flexão dos membros superiores individualmente para as quatro amostras:

MMSS	Flexão dos MMSS (individualmente)				Total
	Buracão	Mar Virado	Piaçaguera	Tenorio	
MSD estendido	1	-	8	4	13
MSD fletido	4	3	6	4	17
MSD hiperfletido	3	1	2	1	7
MSD não observável	30	47	53	12	142
MSD semi-fletido	6	3	8	7	24
Total	44	54	77	28	203
MSE estendido	1	3	11	9	24
MSE fletido	4	3	4	3	14
MSE hiperfletido	2	1	2	4	9
MSE não observável	30	45	52	12	139
MSE semi-fletido	7	2	8	-	17
Total	44	54	77	28	203

Quadro 19 - Membros superiores cruzados presentes ou ausentes nas amostras:

ocorrência	MMSS cruzados				Total
	Buracão	Mar Virado	Piaçaguera	Tenorio	
Ausente	12	41	28	16	97
Não observável	32	12	47	9	100
Presente	-	1	2	3	6
Total	44	54	77	28	203

Membros superiores cruzados na altura do rádio e ulna ocorreram em 2,3% na amostra de Mar Virado, 6,7% (Fig. 17 B; Fig. 4 A-D; Fig. 5 B) na de Piaçaguera e 15,7% na de Tenório. No total das amostras predomina (94,1%) a ausência dessa disposição. Em Buracão, nos sepultamentos observados, não ocorreu essa característica para os membros superiores.

Quadro 20 - Disposição das mãos direita e esquerda nas quatro amostras:

disposição	Disposição das mãos				Total
	Buracão	Mar Virado	Piaçaguera	Tenorio	
Mão D não observável	33	14	51	9	107
Mão D nas vértebras lombares	-	-	-	3	3
Mão D em outra região	-	35	13	5	53
Mão D na região do crânio	-	2	1	3	6
Mão D na região dos MMII	4	1	4	6	15
Mão D na região pélvica	2	-	5	1	8
Mão D na região torácica	5	2	3	1	11
Total	44	54	77	28	203
Mão E não observável	33	13	51	10	107
Mão E em outra região	-	36	11	3	50
Mão E na região do crânio	-	-	-	2	2
Mão E na região dos MMII	6	2	6	7	21
Mão E na região pélvica	2	1	6	1	10
Mão E na região torácica	3	2	1	4	10

Mão E nas vert lombares	-	-	2	1	3
Total	44	54	77	28	203

Quadro 21 - Flexão dos membros inferiores nas amostras:

Flexão dos membros inferiores					
ocorrência	Buracão	Mar Virado	Piaçaguera	Tenorio	Total
Articulação ausente MID	-	33	1	-	34
MID estendido	-	-	1	2	3
MID fletido	8	9	14	11	42
MID hiperfletido	10	4	13	4	31
MID não observável	25	7	47	11	90
MID semi-fletido	1	1	1	-	3
Total	44	54	77	28	203
articulação ausente MIE	-	34	1	-	35
MIE estendido	-	-	1	2	3
MIE fletido	11	8	16	9	44
MIE hiperfletido	8	5	12	8	33
MIE não observável	24	6	46	9	85
MIE semi-fletido	1	1	1	-	3
Total Global	44	54	77	28	203
Proximidade entre os pés direito e esquerdo					
disposição	Buracão	Mar Virado	Piaçaguera	Tenorio	Total
Pés D e E juntos	8	10	17	10	45
Pés D e E separados	4	-	9	6	19
Disposição inobservável	32	44	51	12	139
Total	44	54	77	28	203

Quadro 22 - Direcionamento ou posição da face (*facing*) nas amostras:

Posição da face					
posição	Buracão	Mar Virado	Piaçaguera	Tenorio	Total
Anômala	10	3	8	4	25
Não observável	25	42	46	12	125
Para frente	4	7	19	9	39
Voltada à D do corpo	3	1	3	1	8
Voltada à E do corpo	2	1	1	2	6
Total	44	54	77	28	203

As posições registradas no quadro 22 para a face não podem ser computadas como válidas devido à grande flexibilidade existente entre as vértebras cervicais e o seu inevitável dismantelamento durante a decomposição cadavérica. Outro aspecto que prejudica a observação do *facing* é a rotação do crânio, quase sempre inevitável durante a

decomposição das articulações das cervicais. Essa rotação é sempre contida pelo substrato e pelo espaço de dispersão que este permite.

Nas figuras que seguem foram exemplificados os tipos de relações entre as posições dos corpos nas quatro amostras, incluindo a posição severamente forçada das posições sentadas e hiperfletidas encontradas em Buracão, Mar Virado e Tenório. Foram selecionados esqueletos com prioridade na posição dos corpos, disposição dos membros, bem como exemplos com as estruturas circundantes - blocos líticos, carapaças e ossos de mamíferos marinhos¹⁷⁷.

Para Piaçaguera, onde não foram encontrados esqueletos sentados ou com associação de blocos não modificados, nichos rochosos ou ossos de mamíferos marinhos de médio e grande porte, foram selecionadas as formas recorrentes de decúbitos entre adultos masculinos, femininos e crianças.

Assim, determinadas ocorrências caracterizam o que poderíamos denominar "padrões de sepultamento" ou "padrões funerários". Esses padrões subordinam e caracterizam¹⁷⁸ o todo das formas de deposição funerárias encontradas nos sítios. Mas, por vezes, encontram-se "anomalias" nesses padrões. Poucas deposições nas amostras apresentaram características exclusivas e de baixa ou nenhuma recorrência intra-sítios, como os sepultamentos 3, 18 e 33 de Mar Virado, constituídos por cremações que não foram encontradas nas demais amostras. O emprego dos grandes ossos de mamíferos e quelônios marinhos não encontra maior recorrência que em Mar Virado (sepulturas 23, 33, 15, 7). Tenório apresentou pelo menos um sepultamento com osso de mamífero recobrindo parte

¹⁷⁷ A cobertura de covas e corpos com ossos de mamíferos marinhos pode ser encontrada entre os antepassados da cultura Punuk que viveram entre 740±80BP a 1000±70BP na região insular do Estreito de Bering (BANDI, H-G. Rapport sur le "Projet de recherches archéologiques de l'Ile St-Laurent 1967" de Université de Berne (Suisse) et de l'Université d'Alaska. In: *Bulletin*. Société suisse des Américanistes. Schweizerische Amerikanisten-Gesellschaft. Musée et Institut d'Ethnographie, Genève, Suisse, n.32, p.3-14, 1968.

¹⁷⁸ Padrão, aqui, inclui o que é recorrente quanto à forma de deposição do corpo, à forma geral de intencionalidade relacionada à posição do corpo e disposição dos membros ou à maneira de se cobrir e

do corpo (Fig.7 A-3). Nas amostras de Buracão e Piaçaguera essas práticas não foram registradas efetivamente. A ação do fogo sobre ossos em Piaçaguera foi constatada com a observação direta dos restos humanos; em Tenório pelos registros de campo (Fig.18 A-B; Fig. 19 A e B). Entretanto, são inespecíficas, parciais, indicando o contato de partes do corpo com carvão incandescente de possíveis fogueiras rituais, acesas sobre as covas ou dentro das mesmas antes ou logo após a inumação.

A manipulação dos corpos pelas sociedades que os sepultaram foi constatada em todos os casos. A escolha por uma ou outra posição advém de escolhas dos grupos e expressam as formas de relacionamento do homem com o fenômeno da morte. As variações inter e intra-grupos indicam *preferências funerárias*. A maior gama de tipos de deposições funerárias, com blocos líticos à maneira de Tenório, corpos fletidos em decúbito lateral sem blocos ou outras coberturas permanentes (recorrentes em toda a orla litorânea), corpos acorados em posição vertical, hiperfletidos sob blocos líticos, dentro de nichos rochosos e inumações secundárias resultantes de cremações em piras funerárias foram simultaneamente registrados em Mar Virado. Trata-se de um depósito de diversas formas de inumar, oriundas do continente. Aí ocorrem os tipos de *preferências funerárias* encontrados em Buracão, Tenório e Piaçaguera.

As relações de posição do corpo que caracterizam os sepultamentos analisados, hipoteticamente, são:

Quadro 23 - Resumo das informações que caracterizam os sepultamentos em Piaçaguera, Tenório, Buracão e Mar Virado:

Características gerais das formas de inumação entre os sítios estudados	
Grupos de sepultamentos	Características
Piaçaguera	<i>corpos fletidos(predominantes), estendidos, em decúbitos diversos e sem posições sentadas ou blocos e ossos de mamíferos marinhos sobre o corpo e a cova; covas muito próximas ou interdigitadas; efusiva sobreposição de sepulturas</i>
Tenório	<i>corpos circundados ou recobertos de blocos líticos e em menor escala por ossos de mamíferos marinhos, hiperfletidos, fletido ou estendidos, em variáveis decúbitos; covas dispersas ou distanciadas longitudinalmente, sem sobreposição de sepulturas (1 caso)</i>
Buracão	<i>bloco sobre o corpo/corpo sentado, corpos em decúbito lateral, nunca estendidos; covas sobrepostas</i>

proteger os corpos ou de se escolher as covas e o que será depositado dentro delas com o corpo ou, ainda, a forma de processamento ou tratamento do corpo, com ou sem redução do esqueleto pela cremação.

Mar Virado

*com alguma concentração ou proximidade;
corpos com todas as variações anteriores, excluindo-se a posição estendida; covas sobrepostas,
interdigitadas e em duas áreas de concentração.*

O ocre incide em todos os sítios, ocorrendo em 31 indivíduos (44,28%) de Piaçaguera, 13 (46,42%) de Tenório, 15 (38,88%) em Buracão e em 21 (38,88%). As observações sobre essa ocorrência foram feitas no capítulo 5.

Figura 1. Esqueletos em posição sentada ou vertical: Buracão, A, sep. 34, com bloco lítico sobre a cova; B, sep. 24; C, sep. 7; D, seps. 38 (acima) e 39 (abaixo), ambos com blocos sobre o corpo e colapso da coluna vertebral; E, sep. 33.

Figura 2. Esqueleto em posição dorsal , corpo hiperfletido em A, sep. 19, Buracão; esqueletos em posição vertical: B, sep. V, Tenório; C, sep. I, Tenório; D, sep. 11, Mar Virado.

Figura 3. Esqueleto modificado por ocasião de outra inumação, sep. XLI, Piaçaguera: A, vista geral; B, detalhe dos ossos reagrupados; C, FE = fêmur direito, RD = rádio direito, TD = tíbia direita, FD = fêmur direito, UD = úmero direito, F = frontal, PE = parietal esquerdo.

Figura 4. Esqueletos em decúbito lateral esquerdo, dorsal, corpos fletidos, hiperfletidos e semi-fletidos: A, sep. XXV, Tenório; B, sep. XXII, Piaçaguera; C, sep. 29, Mar Virado; D, sep. 24, Mar Virado.

Figura 5. Esqueleto hiperfletido: A, sep. 24, Mar Virado; B, membros superiores cruzados, sep. 24, Mar Virado; C, reconstituição da posição do corpo hiperfletido em decúbito lateral esquerdo; corpo em decúbito lateral esquerdo, fletido, com torção da pelve à esquerda e da cintura escapular para a frente, sep. XXXVI, Piaçaguera. Neste sepultamento, uma criança em decúbito lateral direito, sep. XXXV..

Figura 6. Esqueleto em decúbito lateral esquerdo: A, sep. 32, Mar Virado; corpos em decúbito dorsal, pelve e membros inferiores voltados à esquerda: B, sep I, Piaçaguera; D, sep. XIX, Piaçaguera; C, corpo hiperfletido em nicho rochoso, decúbito lateral direito, com colapso na região das vértebras torácicas (possível posição vertical, com membros inferiores fletidos, sep. 10, Buracão).

Figura 7. Características das deposições funerárias em Tenório: A, sep. XXV, em 1 e 2, blocos líticos com alguma modificação e em 3, osso decomposto de mamífero marinho (baleia); em B, sep. X, com blocos sobre os membros inferiores, superior direito e crânio. Foram depositados intencionalmente acompanhamentos funerários líticos trabalhados e carapaça de quelônio (*Chelone sp*) modificada sobre os joelhos.

Figura 8. Uso de blocos líticos sobre e ao redor dos corpos em Tenório: A, sep. XX.; B, sep. XXVI..

Figura 9. Sepultamentos sucessivos em Piaçaguera: A, seps. XXII (criança), XXIII (sob o XXIV) e XXIV; B, seps. VIII (adulto) e XVI(criança)

Figura 10. Esqueletos em decúbito lateral esquerdo, Piaçaguera: A, sep. LVI; B, sep. XLVI; C, sep. XXXII; D, seps sucessivos IV (criança em decúbito dorsal estendido), V e VI (adultos) .

Figura 11. Articulação das vértebras cervicais e pouca mobilidade do crânio em substrato de conchas; acentuado esmagamento dos ossos : Piaçaguera, A, sep. XXXVI, B, sep. XI, C, sep XIV, D, sep. XV.

Figura 12. Piaçaguera: A sep. XV; B sep. XXVI; Tenório: C sep. 10; Mar Virado: D sep. 27

Figura 13 Buracão: A, sep. 21; D, sep. 16; Piaçaguera B sep. XXXIII; Mar Virado: C sep. 30

Figura 14 Mar Virado: A sep. 23, B sep. 33

Figura 15 Corpos estendidos, Tenório: A sep. XIX; B, sep. XVII

Figura 16. Corpos em decúbito lateral direito: Buracão: A, sep. 32; Piaçaguera: B, sep. XLII, C, sep. XXXI, D, sep. LIII, E sep. VI; Tenório: F, sep. XVIII

Figura 17. Corpo em nicho, hiperfletido: Mar Virado A e B, sep. 29

Figura 18. Sepultamentos com fogueira/braseiro, Tenório: A, sep. III, B sep. VI.

Figura 19. Sepultamentos com fogueira/braseiro, Tenório: A, sep. XXIV, B, sep. XXVIII.

Figura 20. Esqueletos em decúbito lateral direito, com líticos sob a pelve e com blocos ao redor do corpo, Tenório: A, sep VII, B, sep. XIV e C, sep. XII.

Figura 21. Sepultamentos de crianças, Piaçaguera: A, sep. XLVII, B, sep. VII, C sep. XL, D, sep. XX.

CAPÍTULO 5 – ACOMPANHAMENTOS FUNERÁRIOS E OUTRAS ASSOCIAÇÕES

Les éléments de parure préhistoriques témoignent de l'existence, en ces temps reculés, d'un sens de l'ornement qui ne nous a pas quittés depuis. Dans ses principes la parure est commune à tous les hommes: embellir d'une part, mais aussi, et parfois surtout, distinguer chaque personne individuellement, qu'elle s'exprime sous forme de peintures corporelles, de coiffes en plumes, de colliers de coquillages ou de bagues et de pendants d'oreilles en or et en diamants. Empreinte personnelle, elle se complique donc souvent d'un code de reconnaissance sociale, plus ou moins élaboré et effectif, qui permet à l'observateur averti d'obtenir en un coup d'oeil des renseignements concernant la situation sociale, familiale, économique ou religieuse de son interlocuteur (BINANT, 1991:87)

As diferenças aparentes entre sistemas socioculturais podem ser inferidas a partir da análise e produção de hipóteses sobre as formas de comunicação e dos símbolos comuns (adornos pessoais, artes visuais, música); das características das práticas mortuárias (posição do corpo, disposição dos membros, oferendas alimentares, ocre, acompanhamentos e sua variação por sexo, idade e possível distinção de *status*); das hipóteses sobre a tecnologia (processamento de matérias primas para a elaboração de artefatos com funções e formas específicas) e sobre o modo de produção, caracterizado pela organização logística dos caçadores e coletores, pela inclusão de aves, peixes, insetos e vegetais na alimentação, nomadismo, exclusividade de fontes de subsistência e formas de migração (Lock e Peters, 1999)¹⁷⁹ Nesse contexto, a descoberta arqueológica de remanescentes humanos, incluindo esqueletos, ossos esparsos ou cinzas, associados com artefatos depositados na sepultura, gera informações biológicas sobre os indivíduos e sua inserção social, bem como sobre as características da diversidade da experiência humana (Renfrew e Bahn, 1993)¹⁸⁰. Diferentemente dos enterramentos múltiplos, os simples apresentam normalmente, maior clareza do estado da deposição e disposição dos acompanhamentos funerários junto dos

¹⁷⁹ LOCK, A, PETERS, C R (ed) Handbook of Human Symbolic Evolution. Blackwell Publishers, Oxford, table 28.1, 1999.

mortos. Já os remanescentes ósseos podem revelar ao bioantropólogo e ao arqueólogo, dados como sexo, idade da morte e , possivelmente, traços de deficiência dietária e de patologias, traumas, anomalias e similaridades genéticas.

Os acompanhamentos funerários representam uma parcela dos vestígios funerários que é encontrada próxima dos mortos, no interior da cova, pertencendo a um complexo funerário, à própria estrutura funerária. Sua deposição junto do morto infere uma função mortuária, mesmo que esses objetos tenham origem no contexto de vida ou sistêmico: podem constituir objetos do cotidiano, usados pelo falecido ou terem sido exclusivamente fabricados objetivando satisfazer interesses restritos dos vivos sobre o morto e os rituais funerários, todos vinculados ao fenômeno da morte. Assim:

(...) Hay que tener en cuenta que aquello que está sepultado con el muerto no es simplemente el equivalente exacto al status o a los bienes materiales que poseía o utilizaba en vida. Los enterramientos son hechos por individuos vivos que los utilizan para expresar e influir en las relaciones con otros hombres también vivos, así como para simbolizar o servir a los muertos. Sin embargo, existe muchas veces un vínculo entre el papel y el rango en vida del difunto y el modo en que se depositan los restos y se acompañan de artefactos. (Renfrew e Bahn, 1993:184)

Nesse sentido, os *acompanhamentos funerários*, bens intencionalmente depositados com os mortos, são elementos indicativos das diferenças que se estabelecem entre os sexos e as idades em relação ao prestígio social ou *status adquirido durante a vida* ou *atribuído por nascimento* (hereditário) ou *morte* (edenização, santificação) em sociedades relativamente igualitárias (Renfrew e Bahn, 1993). Sua conservação e características deposicionais

¹⁸⁰ RENFREW, C, BAHN, P. Arqueología, Teorías, Métodos y Práctica. Ed. Akal, Madrid, p. 183-184, 1993.

vinculadas as práticas funerárias dependem de fatores tafonômicos que são inevitáveis, de caráter polimorfo e imprevisíveis, cuja existência depende de processos antrópicos, da zooturbação, fitoturbação¹⁸¹, geoturbação, entre outros, associados ou não. Nos sítios arqueológicos são evidenciadas, normalmente, parcelas do todo dos materiais depositados junto dos esqueletos. A intensidade e amplitude dessa perda é sempre desconhecida do arqueólogo. Determinadas condições de acidez do solo, de umidade e temperatura podem afetar o resultado da preservação desses vestígios funerários, assim como do esqueleto. Materiais como palha, fragmentos de esteiras, casca de palmeira, cordéis e artefatos de madeira, bem como cabelos humanos podem ser encontrados em bom estado de preservação¹⁸². Esses materiais, somados aos restos orgânicos de fontes alimentares, excrementos ou restos de decomposição humanos, remanescentes vegetais de habitações (coberturas), recipientes em fibras vegetais ou peles de animais diversos, bem como os restos de fogueiras configuram um novo tipo de sedimento que compõe os substratos arqueológicos: a terra preta (comunicação pessoal de Amenomori).

Binant (1991)¹⁸³, ao descrever os sepultamentos do Paleolítico europeu, destacou diferentes materiais que acompanhavam os esqueletos no interior das covas: a pedra, osso, dentes, marfim e conchas. Ao lado dos adornos, pertencentes a um vasto conjunto de deposições funerárias se encontra uma variedade de outros objetos, em volta dos mortos ou mesmo sobre eles, denominados mobiliários. Isso porque:

“(...) parce que souvent de petite taille, aisément préhensibles et transportables: mobiles”

(Binant, 1991:101)

¹⁸¹ No sítio Mar Virado, Ubatuba, litoral norte de São Paulo, o sepultamento 27 apresentou sinais evidentes de fitorurbação dos acompanhamentos funerários (lâmina de machado e contas de colar de dentes de cação).

¹⁸² Ver os sepultamentos primários envoltos em esteiras de fibras vegetais – fardos funerários - escavados na Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, Pernambuco, Brasil. Remanescentes de sepulturas em fardo, isto é, restos de estruturas em que o cadáver fôra atado em posição fletida e envolto com esteiras de fibra vegetal podem ser evidenciadas em abrigos com 2000 a 1000BP (Ver. MARTIN, G. Pré-história do Nordeste do Brasil. Editora Universitária UFPE, 3ª ed. P. 315-316, 1999)

A resistência aos processos pós-deposicionais e os problemas e dificuldades específicos de confecção de cada um desses materiais podem explicar, em parte, suas diferentes proporções dentro da composição dos adornos. Critérios simbólicos determinam sua escolha. Fatores como a limitação das espécies empregadas, localização regional e distribuição também afetam a escolha da matéria-prima. A distinção do *coquetterie funéraire* em *parures funéraires* (*pierre, os, corne, ivoire, dents e coquillages*) e *parements* ou da *trousse de voyage, composantes funéraires, mobilier, composantes de l'ensemble funéraire* representam para Binant (1991) uma característica da inumação marcada pela escolha e vontade da sociedade dos vivos e que, por consequência, representam vestígios da vida cotidiana dessa mesma sociedade. Os termos *parure* e *mobilier* designam adornos e objetos pequenos e móveis que fazem parte da *bagage funéraire* e que encontram-se em associação no contexto funerário. Esqueletos ou fragmentos de ossos de animais encontrados em contexto funerário podem suscitar a presença de banquetes funerários e/ou oferendas rituais: os restos de *repas mortuaires* e ou de *ofrandes rituelles* (Binant, 1991:109).

Assim, notamos que, por exemplo, para Binant (1991), os acompanhamentos funerários definem-se como uma gama variada de tipos, interpretados no contexto funerário como adornos, paramentos, mobiliários, banquetes e oferendas rituais. O termo *materiais associados*¹⁸⁴, mais abrangente, incluindo partes mesmo constitutivas da estrutura da cova, como blocos líticos, grandes ossos de animais depositados ao redor, sobre e/ou sob os corpos, como apoios para pequenos artefatos, materiais corantes e manchas de carvão, inclui em si o que Sene(1998:133) denominou de acompanhamentos funerários ou oferendas

¹⁸³ BINANT, P. La Prehistoire de la Mort (Les premières sépultures en Europe). Collection des Hesperides, Editions Errance, Paris, 1991

¹⁸⁴ O termo *materiais associados* foi empregado por Uchôa (1970, 1973) e seu uso foi estendido aos sepultamentos que estão sendo escavados no sítio Mar Virado, Ubatuba, litoral norte de São Paulo, sob a coordenação de minha orientadora.

mortuárias e as *estruturas associadas* (blocos líticos, fogueiras). O termo *estrutura funerária* ou *estrutura de sepultamento*¹⁸⁵, descrito por Pallestrini e Perasso(1984), não possui, a priori, relação terminológica direta com o termo empregado por Sene(1998), que restringiu a abrangência da proposição anterior a um dos componentes estruturais do sepultamento.

Os *materiais associados* aos sepultamentos humanos representam uma categoria de dado mortuário exclusivamente relacionado ao contexto arqueológico. Sua observação *in situ* denota sua própria característica - sempre presumível e inferencial - de objetos *intencionalmente depositados* junto do morto, no interior da cova ou como parte constituinte da mesma. Os materiais corantes como o ocre (pulverizado ou em blocos) e as manchas de braseiros ou fogueiras arranjados junto das covas, sobre, ao redor ou sob os corpos, com efeitos diretos ou não sob os conteúdos da cova e os ossos de grandes mamíferos marinhos e carapaças de quelônios, igualmente depositados na cova, constituem materiais associados. Essa parcela dos vestígios funerários representados no todo do sepultamento constituem o que Sprague (1968) e Hodson (1971) denominaram *grave goods* ou *inclusions*; os *clothes and ornaments, ornaments, insignia and amulets*, e os *offerings for the dead, food and drink e companions* assim denominados por Alexander (1969); os *ajuar y elementos asociados* descritos por Femenías et al. (1990). Para Ubelaker (1996), as *associações* dividem-se em artefatos e fauna, correspondendo aos materiais perecíveis e a itens não culturais. Os objetos associados de Heizer(1950) representam os artefatos e os ornamentos.

¹⁸⁵ “ Los cementerios y las tumbas colectivas conforman estructuras de sepultura y así, sucesivamente, podemos hablar de una serie de testimonios que a su vez conforman una serie de estructuras arqueológicas. Un cementerio - por ejemplo - se compone de testimonios manufacturados (lápidas), testimonios de inhumación (esqueletos) y testimonios de construcción (muros que delimitan el espacio destinado al cementerio) o testimonios negativos (pequeñas depresiones que correspondían a cruces o el espacio vacío entre un resto humano y outro, siguiendo pautas bien determinadas de organización del espacio). Todos estos testimonios articulados entre sí corresponden a la estructura de sepultura” (Ver PALLESTRINI, L, PERASSO, J A . Arqueologia: Método y Técnicas en Superficies Amplias. Biblioteca Paraguaya de Antropología, Centro de Estudios Antropológicos da Universidad Católica de Asunción, v.4, p.16 e 18, ‘984)

A função dos materiais associados pode estar relacionada a sua disposição junto do corpo e na cova (Ubelaker, 1996).

Uchôa(1973) utilizou o termo *materiais associados* para denominar objetos dispostos junto dos esqueletos: são deposições intencionais e relacionadas ao conjunto das práticas relacionadas aos rituais funerários. A categoria de materiais relacionados diretamente ao padrão de sepultamento estaria representada pelos restos de fogueira, carvão, materiais corantes, blocos líticos, grandes ossos e carapaças de animais marinhos e restos vegetais. Um segundo grupo de materiais estaria representado por restos de fauna sem sinais de trabalho ou uso (restos de oferendas ou intrusões externas). O terceiro conjunto de materiais associados estaria representado pelos artefatos e adornos osteodontomalacológicos e líticos, com distribuição intencional e específica junto do corpo.

Os materiais corantes, especificamente aqueles representados por óxidos de ferro obtidos de fragmentos de hematita pulverizada ou solos vermelhos perfazem uma das categorias de materiais associados frequentemente registradas por Uchôa(1973). Esses corantes vermelhos foram sinteticamente descritos por Binant(1991):

“Rouge: couleur de sang, elle symbolisait la vie et as continuation dans l’au-delà chez les anciens (Faure 1989)” (BINANT, 1991:127)

Nesse sentido, Binant(1991:131) expõe uma interpretação tradicional simbólica sobre a presença de ocre dentro das inumações no Paleolítico europeu. A presença de corante ocre associa-se a um conhecimento espiritual, ao sobrenatural e ao imaterial. O trabalho de preparação e a intencionalidade na deposição de corantes junto do corpo ou recobrindo os ossos individualmente indicam a presença de um imperativo ritual e um conteúdo simbólico ao ocre. Por outro lado, interpretações que relacionam o ocre a propriedades “higienizantes”, possivelmente assim como as fogueiras acesas junto ou sobre as covas ainda são possíveis (Binant, 1991: 130-131). Entretanto a irregularidade e

descontinuidade dessa prática nas inumações paleolíticas européias - o ocre como antisséptico que evitaria a propagação aos vivos da doença, orgânica ou psicológica, da qual o falecido sofria – poderia indicar somente uma versão etnográfica sem correspondência verificável no registro arqueológico.

Estudando a presença de materiais corantes em sepultamentos de sambaquis litorâneos do Paraná e Santa Catarina, Tiburtius e Leprevost (1952) concluíram que os esqueletos, assim como seus materiais associados, encontravam-se impregnados de ocre e em conexão anatômica. Esse aspecto de articulação dos ossos indicava a prática da deposição dos defuntos em superfícies já coloridas com pigmento o qual era novamente espargido sobre o corpo após a deposição. Assim, os ossos não haviam sido limpos e pigmentados mas o pigmento impregnava as superfícies dos ossos após o processo de decomposição cadavérica e a completa esqueletonização do morto¹⁸⁶.

A presença de ocre – uma das três cores simbólicas relacionadas a morte, assim como o preto e o branco em muitas sociedades – relaciona-se aos bons e maus aspectos do poder e da vida. A distribuição da tríade simbólica de Turner indica a associação das cores com os fluídos corpóreos, especialmente o branco com o leite e o sêmem, o vermelho com o sangue e o preto com excrementos corpóreos e com a perda de consciência (Turner, 1967:89)¹⁸⁷. A cor vermelha em um funeral representa vida e vitalidade, em oposição a morte entre populações de Madagascar (Metcalf e Huntington, 1979)¹⁸⁸. Uma inovação dos neandertalenses foi a de relacionar morte com o ocre vermelho, provavelmente com a idéia de conectar sangue com vida e vida/sangue com vermelho ocre.

¹⁸⁶ Ver TIBURTIUS, G, LEPREVOST, A . Sobre a ocorrência de pedras corantes e esqueletos pintados nos sambaquis dos Estados do Paraná e Santa Catarina. Arquivos de Biologia e Tecnologia, v.7, n.17, p. 149-155, 1952.

¹⁸⁷ TURNER, V. The Forest of Symbols. Ithaca: Cornell University Press, 1967.

¹⁸⁸ METCALF, P, HUNTINGTON, R. Celebrations of Death. The Anthropology of Mortuary Ritual. Cambridge University Press, 1979.

A percepção do vermelho pelo homem, a habilidade para separar e estabelecer preferências entre as cores conduziram para ações que resultaram em novos experimentos e aprendizados, dentro da evolução do processo cognitivo humano. Esse processo cognitivo inclui dotar os objetos de significado, como o ocre. Nesses casos, o vermelho está associado a contextos de carácter emocional. A elaboração de artefatos e o uso do ocre constituem indicadores de habilidade humana, capacidade mental e desenvolvimento social e cultural (Wreschner, 1980)¹⁸⁹. A presença de ocre em sepultamentos humanos pré-históricos implicam em processos formadores da escolha da cor e simbolismos vinculados a ela. O fenômeno do aparecimento do ocre apresenta carácter transcultural e transhistórico de modo que semelhanças estruturais na utilização funerária do ocre são evidentes em várias culturas.

Binat(1991) observou que os adornos funerários do Paleolítico superior na Europa mostraram-se muito diversos quanto as formas e a natureza das matérias –primas empregadas, assim como nos detalhes de composição, atribuição ou escolha, notadamente em escala regional. Indivíduos adultos e adolescentes masculinos apresentavam elevada incidência de adornos em conchas, ossos, dentes e vértebras de peixes enquanto que as crianças apresentavam-se predominantemente com adornos em dentes e/ou conchas. A distinção desses materiais associados aparece vinculada ao sexo e aos grupos etários dos inumados. Os adornos, em sua diversidade, foram entendidos como expressões de decisões da vida cotidiana de cada inumado e não objetos feitos por ocasião da morte, em resposta a imperativos rituais do sepultamento. Os objetos associados podem estar ou não associados ao morto, a uma ou mais pessoas. Os adornos depositados junto dos mortos podem constituir vestígios do contexto de vida: insignias sociais, cerimoniais ou mesmo pessoais (Binant, 1991:100).

¹⁸⁹ WRESCHNER, E E. Red Ochre and Human Evolution : A Case for Discussion. In: *Current Anthropology*, (shorter contributions), v.21, n.5, p.631-635, feb.1980.

O objeto de adorno possui uma relação muito estreita com o corpo e, na maioria dos casos, não possui outra função que não seja a de portar uma mensagem de caráter social. Representa os vínculos do corpo com o sagrado, um nível hierárquico, uma relação de exclusividade a uma determinada classe etária, a um clã, bem como assinala a disponibilidade das mulheres em relação aos homens e delimita pedidos amorosos. Para o arqueólogo, o objeto de adorno é, em parte, reconhecido pelo seu sistema de fixação ao corpo (perfurações, ranhuras) e a sua inutilidade funcional prática¹⁹⁰. Nesse caso, o adorno ainda pode apresentar dupla função: adornar e raspar ou furar, por exemplo. Pode ter funcionado como raspador para o usuário e, após sua morte, transformado em pendente para uso exclusivamente funerário. Em contexto arqueológico, os adornos em conchas, vértebras, diáfises, dentes ou líticos estão representados, muitas vezes, fragmentários, sem cordames de ligação, resinas para aderência ou outros elementos complementares que fazem com que esses materiais se mantenham junto das partes corporais.

Nesse sentido, considerando a grande variedade de objetos de adorno encontrados em inumações do Paleolítico e Neolítico europeus (Taborin, 1982, Binant, 1991), delimitam-se categorias restritas: conchas perfuradas, dentes perfurados de animais, vértebras de peixes, contas e pendentes em marfim ou osso. Uma parcela efêmera de adornos está representada por vegetais, como fibras, tecidas ou não, flores, penas, peles. As conchas são meios de expressão da linguagem simbólica, relacionando o homem ao mar, aos fenômenos marinhos e apresentam grande resistência quando suspensas no corpo. Coletadas quer de jazigos fossilíferos, quer de bancos arenosos ou entre rochas de mares e rios, as conchas aparecem com frequência em sepulturas paleolíticas e mesolíticas européias.

¹⁹⁰ Os adornos dos mortos do Paleolítico superior e Mesolítico europeus foram assim descritos por Yvette Taborin (TABORIN, Y. La parure des morts. Les Dossiers d'Archeologia, n. 66, p. 42, sept. 1982).

O corpo humano apresenta pontos privilegiados para receber os adornos e as zonas corporais escolhidas estão ligadas a significação própria de cada adorno. Assim, a cabeça é significado de uma mensagem importante através da fixação (coifas, por exemplo) de marcas religiosas, hierárquicas, de distinção de classe, gênero, grupo etário. Sua distribuição por sexo e por idade e suas relações no contexto do ritual funerário resultam em conjuntos de muitas significações prováveis. Outras regiões estão representadas pelos braços/pulsos, pernas/joelhos/tornozelos, pescoço/peito e ventre/quadril. A presença e situação dos adornos e demais associações (mobiliário funerário) junto das regiões corporais constitui elemento de caracterização cultural, relacionada ao conjunto das práticas funerárias, suas escolhas e recorrências, bem como de distinção individual no grupo, diferenciação sócio cultural, de formas de subsistência, técnicas e área de captação de recursos. Entretanto, é quase impossível de apreciar o valor dos adornos devido ao esvaziamento de seu significado cultural. Por outro lado, o arqueólogo pode comparar os níveis quantitativos (variedade e quantidade de elementos de adorno e nomes das áreas corporais onde estão depositados) e qualitativos (origem das matérias-primas, suas formas, técnica de elaboração e decoração) do conjunto de adornos de cada indivíduo (Taborin, 1982). Essa classificação deve favorecer o confronto com outros elementos do ritual funerário, principalmente dos objetos quanto a suas características de uso (praticidade X funcionalidade). A deposição de adornos no ritual funerário se dá paralelamente a deposição das ferramentas (artefatos não decorativos).

Ferramentas, os artefatos de uso cotidiano ou especializados (caça, pesca, coleta, práticas funerárias) como as pontas em osso ou líticas, as lâminas de machado, agulhas, seixos para quebrar frutos ou polir outros artefatos, carapaças, os corantes para prováveis fins rituais e os objetos relacionados a proteção dos corpos (lajes, carapaças e ossos de grandes mamíferos marinhos, blocos líticos) distinguem-se dos adornos, muito embora

possam corresponder quanto a matéria-prima escolhida, a técnica de confecção empregada e a localização junto das áreas corporais (lâmina de machado na região do pescoço/peito ou entre as mãos¹⁹¹).

O termo adorno refere-se a objetos normalmente usados em vida, pessoais, diferentemente do ocre, artefatos do tipo ferramentas (utilitários), objetos ou estruturas de proteção do corpo (Toborin, 1982). Os adornos parecem estar relacionados a expressão de um simbolismo destinado mais particularmente aos vivos.

Bens pessoais do morto entre as populações indígenas da América do Sul são, normalmente, sepultados com ele, quebrados ou queimados:

Although ornaments and weapons generally are buried with the dead or are broken, in some tribes, when destruction would entail a serious loss for the survivors, they inherited by a member of the family (Métreaux, 1947:34)

Nos sepultamentos escavados no sambaqui Maratuá (Guidon e Pallestrini, 1973), foram evidenciados artefatos em osso e concha associados:

Les ornements étaient représentés par des vetèbres de poissons perforées et polies, par des coquilles de gastéropodes perforées, polies et travaillées, par des dents de singes à la racine perforée. (...) un des squelettes était entièrement couvert d'ocre rouge; sur la cage thoracique il y avait un collier de coquilles, près du poignet gauche les restes d'un bracelet de canines de singe et le long des bras, systématiquement disposées, deux petites haches perforées et deux grandes haches. Un autre squelette dans la même couche, également recouvert d'ocre rouge, présentait plusieurs haches réparties sur tout le corps(Guidon, Pallestrini, 1973:31).

¹⁹¹ Esses dois tipos de situação de artefatos associados em contextos funerários foram observados nos sepultamentos 13 (machado na região do pescoço/peito) e 27 (machado entre as mãos, dispostas entre os joelhos) do sítio Mar Virado, ilha do Mar Virado, Ubatuba, São Paulo, objeto de nosso estudo.

No sambaqui Buracão, escavado entre outubro de 1962 e março de 1963, as 43 sepulturas encontradas apresentaram esqueletos em posições diversas, com associação de abundante acompanhamento funerário. Como tratar esse tipo de vestígio funerário? Ou melhor, como analisar esse material de modo que possa indicar caracteres de similaridade e diferenciação entre Buracão e Piaçaguera e entre esses e as deposições funerárias de Tenório e Mar Virado? O método de descrição empregado por Binant(1991) e de classificação geral sugerido por Jefferies e Lynch(1983) parecem eficazes para a organização dessa categoria de dado mortuário.

Os acompanhamentos funerários podem ser divididos em três categorias: utilitários, ornamentos e itens cerimoniais e variados (Jeffereis e Lynch, 1983:317). Os utilitários referem-se aos artefatos relacionados a obtenção de alimento, processamento de recursos ou envolvidos em performances de várias atividades domésticas. Os itens ornamentais incluem aqueles artefatos que serviram como adornos corporais. A categoria dos itens cerimoniais e diversos (miscelânea) inclui aqueles itens que não foram empregados como adornos pessoais, e se incluem entre os objetos com função desconhecida. Incluem itens processados dentro de uma cadeia operatória voltada a suprir necessidades funerárias. Possivelmente, tais itens possam representar machados - sem sinais de uso e "toscamente" ou "rapidamente" elaborados em relação aos machados encontrados em contextos não-funerários e os machados para crianças de colo; adornos em concha do tipo coifa, grande quantidade de adornos de pescoço em crianças, em valvas de gastrópodes, dentes de seláquios, mamíferos e pendentos de concha cortada, polida e perfurada. Entretanto, nem sempre essas classificações correspondem diretamente aquelas adotadas pelos arqueólogos que escavaram os sítios Piaçaguera, Tenório, Buracão e Mar Virado.

A priori, podemos estabelecer uma classificação itens associados (Bement, 1994): utilitários, adornos pessoais e inclusões incidentais. Esses itens distinguem-se quanto a

matéria prima empregada para a confecção ou apropriação em: líticos, em osso, em dente, em valva de molusco, pigmento, carvão e restos diversos (fauna, flora). A distinção dos acompanhamentos funerários por classes de matéria prima ou materiais (indústrias) foram adotados por Binant(1991:88-100) e Uchôa (1973:28-29): líticos, em osso, em dentes, em conchas. Cada uma dessas classes (de matérias primas) de acompanhamentos funerários possuem atributos de classificação: matéria-prima; tecnologia de elaboração (presença ou ausência de tipos de sinais de trabalho e sua localização); uso possível (função), observando-se a presença ou ausência de possíveis sinais de uso, sua variação e localização; morfologia. Atributos contextuais, relacionados a inserção dos acompanhamentos junto dos corpos: distribuição junto do esqueleto e na cova, quantificação por indivíduo - sexo e grupo etário, por sítio e entre sítios:

Caracteres descritivos dos acompanhamentos funerários - itens utilitários, adornos pessoais e inclusões incidentais - por sep. para Piaçaguera, Tenório, Mar Virado e Buracão	
Acompanhamento funerário¹⁹²	Características: matéria-prima, tecnologia, função (sinais de uso), morfologia
Lítico - não modificado mas utilizado, lascas, batedores-percutores, suportes-batedores, suportes, machados, afiadores, polidores/brunidores, inespecíficos - lâminas, manos, afiadores, polidores móveis, batedores, líticos reutilizados, líticos multifuncionais, líticos inespecíficos: esboços de zoólito, fusiformes, esferas, pesos; seixos e blocos associados sobre, sob, junto ou ao redor dos corpos na cova - elementos funerários.	Técnica de elaboração (sinais de trabalho), dimensões, sinais de uso, matéria-prima, distribuição junto do corpo, denominação por uso-função (polidor, batedor, machado, lasca, seixo sem sinais de trabalho, descarte), nível estratigráfico.. Compreendem os artefatos e rejeitos.
Em osso - unipontas ou pontas simples, em bisel ou lanceoladas, bipontas ou pontas biterminadas, farpas, bulas timpânicas ou ossos chatos de mamíferos marinhos trabalhados e perfurados, espinhos de nadadeiras de peixes, espátulas, cilindros, ossos com marcas de trabalho, vértebras perfuradas, vértebras polidas, carapaças utilizadas ou modificadas de quelônio, ossos de mamíferos marinhos utilizados - pontas de arpão ou de flecha, tortuais, retentores, escavadores, goivas, furadores, raspadores, recipientes, coberturas, agulhas, inespecíficos ou multifuncionais; ossos associados junto, sobre ou sob os corpos - elementos funerários	Técnica de elaboração, dimensões, sinais de uso, matéria-prima (parte do esqueleto, como vértebra, diáfise, epífise, costela, espinho, carapaça, se mamífero terrestre, mamífero marinho, ave, réptil, peixe) distribuição junto do corpo, denominação por uso-função (ponta de projétil, furador, tortual, raspador, goiva, agulha, recipiente ou cobertura funerária, fragmento ósseo apropriado para fins mortuários, sem sinais de trabalho, descarte). Compreendem os artefatos – pontas simples, pontas biterminadas, pontas lanceoladas, pontas em bisel, goivas, esferas e tortuais e os rejeitos., representados pelas epífises, diáfises cortadas e não reutilizadas, diáfises com sinais de descarnamento e diáfises diversas de mamíferos, peixes e aves, lascas e aparas ósseas.
Em dente - dentes perfurados, dentes com sinais de trabalho, dentes com sinais de uso, dentes trabalhados e perfurados, dentes perfurados e com uso, dentes trabalhados e com uso, dentes não modificados mas utilizados - contos de colar,	Técnica de elaboração, dimensões, sinais de uso, matéria-prima (mamífero terrestre, mamífero marinho, peixe), distribuição junto do corpo, denominação por provável uso-função (conta de colar, pendente, raspador, furador, escoriador, desfiador, cortador). Compreendem os artefatos elaborados em dentes de animais terrestres e marinhos.

¹⁹² Constituem itens mortuários que deixaram de fazer parte do contexto sistêmico, voltado as atividades de subsistência, das festas e rituais entre os vivos, dos adornos pessoais e instrumentos diversos, de posse e propriedade e passaram a fazer parte do contexto funéreo, relativo ao simbolismo funerário. Existe a inclusão ou exclusão dos itens de um contexto de vida, triados, escolhidos pelos vivos para representar ou expressar o morto. Elementos do cotidiano - adornos, utensílios - e simbólicos - ocre - ou próprios das práticas de inumação - grandes ossos de mamíferos, carapaças, nichos entre matações, grandes seixos ou blocos líticos - e mesmo rituais - restos de oferendas alimentares e banquetes - fazem parte dos itens mortuários.

pendentes, cortadores, serras, furadores, escarificadores	
Em concha - de gastrópodes ou bivalves com trabalho e perfuração, com sinais de trabalho - bordo dentilhado, com perfuração, com marcas de uso, com sinais de quebra, com perfuração e marcas de uso - conta de colar, pendente, pendente/raspador, ponta, apito, adorno diverso, raspador/cortador, recipiente, oferenda alimentar	Técnica de elaboração, dimensões, sinais de uso, matéria-prima, distribuição junto do corpo, denominação por uso-função (raspador-cortador, pendente, brunidor, conta de colar, conta de coifa craniana, recipiente). Podem ocorrer valvas de moluscos com sinais de quebra, caracterizando possível abertura de bivalves..Compreendem os artefatos de gastrópodes e bivalves.
Pigmentos (ocre) - pulverizado e espargido, em massa (pó concentrado em recipiente decomposto ou mistura), em bloco (com ou sem sinais de uso) - elemento simbólico	Presença ou ausência no sepultamento, dimensões (quando possível). Estamos nos referindo ao ocre (hematita ou óxidos férricos pulverizados ou empregados em blocos).
Carvão - estrutura de fogueira ou braseiro, cinzas esparsas com restos faunísticos ou humanos.	Presença e distribuição na cova (externa ou internamente), ausência. O carvão representa indício de fogueira ou braseiro, com possível carácter ritual. Sua presença pode estar associada a queima parcial dos esqueletos inumados. No caso de cremações, sua presença não foi ainda considerada.
Diversos - oferendas alimentares ao morto, substrato de resíduos de bens de subsistência, remanescentes de banquetes funerários aos vivos, substratos de fossas culinárias.	Nesta categoria incluem-se os restos de exoesqueletos de equinodermas, crustáceos, répteis, restos de ossos de aves, peixes e mamíferos de pequeno porte e sementes calcinadas que não tenham sido registrados como acompanhamento funerário, sem sinais de tratamento ou uso. Constituem possíveis restos de banquetes ou oferendas alimentares (funerários ou não) e que teriam entrado na constituição sedimentológica das covas..

Essas classes de itens funerários distintos pelas respectivas matérias primas que acompanham o morto ou fazem parte do substrato das covas.

As categorias de Jefferies e Lynch(1983:317) incluem essas classes de matérias primas em tipos, similares aos adotados por Bement(1994): *acompanhamentos utilitários, ornamentais e cerimoniais-miscelânea* (inclusões incidentais). Os utilitários constituem as lâminas de machado, os *batedores* (quebra-cocos), os *polidores* (categoria em estudo), as lascas diversas, os *fusiformes*, os *multifuncionais*, os dentes com sinais de uso, os *furadores* em osso, os *tortuais*, *agulhas*, as *pontas*, as valvas de molusco com sinais de uso (raspadores, cortadores). Os ornamentos perfazem os *pendentes* em valvas de moluscos, dentes perfurados (isolados ou em conjunto) que constituem contas de *colares* e adornos de pescoço, braços, punhos, pernas e tornozelos, cabeça e cintura. Os cerimoniais estariam representados essencialmente pelo ocre, carvão, ossos e líticos sem sinais de trabalho ou com possível reutilização para fins funerários, como os artefatos em carapaças de quelônios e partes de grandes ossos de mamíferos marinhos, e pelos restos faunísticos e vegetais queimados. Os artefatos em carapaças podem derivar de itens utilitários, tendo sido reaproveitados como itens construtivos da cova e cobertura/proteção do corpo. Os

acompanhamentos funerários, quer classificados como itens subdivididos em classes de matérias primas, quer somente classificados por matéria prima ou somente por item (utilitário, adorno ou outros) estão inseridos no contexto funerário, tendo sido intencionalmente mantidos no corpo ou depositados, ainda dentro do processo que envolve o *funeral* e suas etapas precedentes ou subsequentes. Esses itens podem ser exclusivos ou inclusivos entre si. A característica intrínseca dos itens com dupla ou tripla finalidade (adornos/utensílios, adornos/rituais, rituais/utensílios ou adornos/utensílios/rituais, por exemplo) é de improvável detecção.

A disposição junto as vértebras cervicais de valvas perfuradas de molusco ou dentes perfurados de peixe ou mamífero, de dentes de cação com sinais de uso alinhados e não perfurados, um agrupamento de pontas ou de vértebras de peixe perfuradas constituem acompanhamentos funerários que representam bens (Binant, 1991) - *adornos, armas, instrumentos* - usados durante a vida cotidiana. Esses bens, uma vez situados em contexto funerário, foram realocados pelos vivos, reaproveitados e não distribuídos aos parentes do morto ou totalmente destruídos. Passaram, assim, ao contexto funerário.

Determinados materiais como fibras vegetais, madeira, cêras, resinas, peles, penas, cascas, empregados para dar apoio, adornar e fixar os líticos, dentes, conchas e pontas ósseas não deixaram vestígios nos substratos arqueológicos nos casos das amostras em estudo. Processos de decomposição direcionados aos materiais orgânicos resultam no desaparecimento de uma gama variada de outros artefatos e partes dos que foram registrados no contexto arqueológico.

Assim, os *acompanhamentos funerários* estão representados por uma parcela de elementos caracterizados por adornos, armas, utensílios, reaproveitados do falecido ou especificamente fabricados ou repostos para o funeral. Fogueiras e braseiros acesos ao lado, dentro, sob ou sobre a cova e o corpo; ocre em blocos ou pulverizado; blocos líticos e seixos

depositados sobre e ao redor dos corpos; carapaças e ossos de animais marinhos como a tartaruga, boto e baleia depositados sobre a cova ou sobre algumas regiões do corpo também constituem acompanhamentos ou estruturas funerárias (Sene, 1999).

Armas quebradas (ver rituais funerários entre os Bororo), com suas partes em madeira ou fibras rompidas pelos participantes dos rituais em práticas simbólicas podem não ser facilmente identificadas nos vestígios arqueológicos. As carapaças de quelônios, encontradas nos sepultamentos de Buracão, Tenório e em especial de Mar Virado, constituem artefatos - recipientes ou coberturas - que foram empregados para cobrir partes dos corpos (cabeça e tórax), ou mesmo cobrir totalmente feixes de ossos em sepultamentos secundários. Seu uso primeiro em possíveis atividades de coleta ou em festividades e banquetes funerários empreendidos pelos vivos não podem ser inferidos com precisão.

Os artefatos em carapaças de quelônios marinhos ou lacustres foram confeccionados a partir da retirada de outras partes do corpo do animal, como os membros, cabeça, placa ventral (plastro) e vértebras, mesmo partes das vértebras fusionadas que compõe a carapaça dorsal. Seu uso como acompanhamento funerário pode estar associado ao aproveitamento de bens pessoais do morto, a proteção simbólica dos vivos em relação ao morto, proteção do corpo da ação de animais necrófagos, como anteparos para posicionar artefatos (sep. 27 de Mar Virado) ou reter o corpo em determinada posição.

O carácter simbólico parece, a priori, limitar-se as fogueiras e/ou braseiros, ao ocre e as carapaças, grandes ossos e blocos líticos e seixos dispostos sobre, ao redor e em algumas áreas do corpo (nas mãos em Tenório). Essas ocorrências funerárias, não especificamente "acompanhamentos", constituem uma variedade de materiais associados aos sepultamentos distinta dos adornos, armas e utensílios. Algumas carapaças poderiam ser designadas utensílios, como as encontradas em Tenório e Buracão. Entretanto, uma grande carapaça de tartaruga marinha que recobria e delimitava um sepultamento secundário duplo (sep. 27 de

Mar Virado) parece caracterizar uma estrutura diferenciada, assim como os grandes ossos de mamíferos marinhos depositados e agrupados sobre outras sepulturas em Mar Virado e encontrada entre populações esquimós.

Os acompanhamentos funerários representam parcelas reaproveitadas ou repostas de bens pessoais ou bens simbólicos de uso exclusivamente funerário que expressam práticas de subsistência e dieta, tecnologias de elaboração de artefatos e características de distinção ou proximidade entre os gêneros. Indicam sutilmente mudanças culturais, trocas, uso eventual de regiões costeiras de forma sazonal, formas de exploração dos recursos marinhos e terrestres.

Mais especificamente, os materiais líticos encontrados nos sítios Piaçaguera e Tenório (Uchôa, 1973) foram classificados, quando destituídos de sinais de trabalho, foram agrupados em três grupos: das rochas básicas (melanocráticas, resultantes de intrusões em formas de diques ou de corpos intrusivos maiores), das rochas graníticas (gnaisses, quartzitos, xistos, anfibólitos) e do material lítico de cor avermelhada (canga limonítica).

Quanto ao emprego de itens funerários segundo Bement(1994), Jefferies e Lynch(1983:317) e Binant(1991), uma classificação prévia será adotada para a descrição e análise dos itens funerários: artefatos líticos, artefatos em osso (incluindo carapaças de quelônios), dente e concha . Esses itens serão analisados quanto a morfologia, técnica de elaboração, distribuição por sepultamento (sexo, idade, tipo de enterro), disposição junto dos corpos, implicações cronológicas, estratigráficas e sua inserção em relação às práticas mortuárias. Esses itens funerários podem ser classificados em utilitários, adornos pessoais e itens rituais. Os itens formados por adornos pessoais são os pendentos em valvas de moluscos marinhos, as contas de Olivella , contas de dentes de mamíferos, peixes ou répteis. Os itens utilitários incluem os líticos unifaciais, bifaciais, pontas de projéteis líticas ou em ossos, pontas em ossos e dentes para fins diversos (furar, escarificar, pescar - anzol),

valvas de moluscos usadas para raspar, carapaças de quelônios, fusiformes (possivelmente para pesca ou outros), zunidores. Alguns dentes de peixes podem ter sido empregados como adorno e instrumento utilitário, simultaneamente. Alguns líticos podem ter sido reaproveitados (machados danificados empregados como batedores ou machados íntegros utilizados como afiadores ou batedores simultaneamente).

Em resumo, temos as seguintes categorias de análise dos acompanhamentos funerários dos quatro sítios:

A) Matéria prima:

- 1- **lítico:** a - rochas básicas, b - sedimentares
- 2- **osso:** 1-diáfise de osso longo, 2-vértebra, 3-raio de nadadeira, 4-bula timpânica, 5-outros, a-mamífero marinho, b-mamífero terrestre, c- ave, d-peixe;
- 3- **dente:** a-mamífero marinho, b-mamífero terrestre, c-peixe;
- 4- **concha:** a-gastrópode, b-bivalve;

B) Tratamento:

- 1- abrasão plana, 2-escavação, 3- com estrias de abrasão, 4-com perfuração (1, 2, 3 ou mais) na raiz , placa basilar ou outra região, 5-sem sinal de tratamento ou trabalho, 6-técnicas associadas

C) Sinais de uso: a-polimento, b-desgaste, d-lascamentos, e- usos associados

D) Tipo: 1-furador , 2-pendente, 3-conta de colar, 4-ponta de projétil, 5-recipiente, 6-outros

E) Dimensões: 1-comprimento, 2-largura, 3-espessura, 4 - diâmetro de perfuração

F) Situação: 1 - na região do crânio, cervicais e cintura escapular, 2- na região da cintura escapular, costelas e torácicas, 3- na região das lombares e ossos do quadril, 4- na região dos membros superiores, 5- na região dos membros inferiores.

O tratamento e os sinais de uso, quer conjuntamente, quer isoladamente constituem o que denominamos de "modificação". Os acompanhamentos modificados são aqueles que apresentam sinais de trabalho e/ou de uso. A técnica de trabalho que envolve a perfuração foi considerada separadamente devido à sua recorrência e possível relação com a feitura de pendentes, contas de colar e outros artefatos adornos.

Com o objetivo de identificar e, quando possível, quantificar os acompanhamentos funerários por categoria de matéria prima nos sítios Piaçaguera, Buracão, Tenório e Mar Virado, foram elaboradas 4 tabelas (Anexo 1). Estas contém dados sobre o sítio (nome), os sepultamentos como número, sexo, grupo etário e sobre os acompanhamentos funerários:

lítico com sinais de trabalho (podendo apresentar sinais de uso); lítico sem sinais de trabalho (podendo apresentar sinais de uso); em osso com sinais de trabalho (podendo apresentar sinais de uso); em osso sem sinais de trabalho (podendo apresentar sinais de uso); em dente, com sinais de trabalho (podendo, simultâneamente, apresentar sinais de uso); em dente, sem sinais de trabalho (podendo apresentar sinais de uso); em valva de molusco com sinais de trabalho (pode apresentar sinais de uso); valva de molusco sem sinais de trabalho (pode apresentar sinais de uso ou quebra); ocre (presença ou ausência); carvão (presença ou ausência, indício de fogueira ou braseiro); diversos (presença ou ausência de restos vegetais, restos de fauna). Os códigos P ou - foram empregados para indicar a presença ou ausência de ocre (em massa, blocos, plaquetas ou pulverizado), carvão e diversos, como também para acompanhamentos que não foram, a priori, quantificados, como no caso das amostras de Buracão.

Os acompanhamentos não modificados incluem aqueles que não apresentam sinais de uso, trabalho e/ou perfuração, embora tenham sido utilizados. Os materiais não modificados incluem dentes, ossos, conchas e líticos que não apresentam traços ou sinais observáveis de alteração: esqueletos de animais domesticados, oferendas alimentares, blocos líticos depositados sobre ou sob os corpos, dentes sem perfuração, desbastamento e/ou uso. Carapaças de quelônios e ossos de grandes mamíferos marinhos constituem acompanhamentos com algum tipo de modificação: a separação ou desarticulação de ossos de carcaças ou processamento da caça de médio e pequeno porte. Esses materiais não necessariamente apresentam claros sinais de corte ou trabalho. Predomina a utilização sobre os traços de modificação: a utilização é observável no contexto arqueológico e relaciona-se com deposições e escolhas intencionais do grupo. Um bloco de hematita pulverizado e espargido sobre o cadáver ou depositado sob a forma de massa ou aglomerado de hematita moída (possivelmente acondicionada) foi modificado e utilizado. No caso da distinção entre

hematita ou canga limonítica de sedimentos ou solos com óxido de ferro, estes últimos foram coletados, processados ou não e utilizados. Sua modificação não é imediatamente observável.

Materiais com sinais de trabalho e/ou de uso - modificados - ocorreram em osso, dente, conchas e em pedra. Outros tipos de matéria prima, como as fibras vegetais, madeiras, resinas, penas e peles, não deixaram vestígios ou não puderam ser identificados em contexto arqueológico. Assim, os artefatos encontrados certamente representam uma parcela que se conservou e pôde ser registrada. Pontas de projéteis, pendentes, valvas perfuradas de gastrópodes, vértebras perfuradas, dentes perfurados, fileiras de dentes com desgaste por uso ou mesmo lâminas de machado possivelmente seriam amarrados, presos em suportes ou linhas que não se preservaram. A disposição dos "remanescentes" dos adornos corporais, das armas e demais utensílios da vida cotidiana ou rituais, em especial junto dos corpos em contexto funerário, é importante como indicativo de organização dos seus elementos constitutivos: contas dispostas lado a lado e orientadas no mesmo sentido podem, mesmo que em uma região mínima, indicar que estiveram unidas por fios; valvas cortadas, polidas e perfuradas, sobrepostas e posicionadas junto das vértebras cervicais poderiam estar unidas por um cordão, mas não necessariamente fixadas no mesmo, sem mobilidade.

Os processos de decomposição e de reacomodação dos restos desses materiais podem favorecer ou não a percepção da sua organização pré-decomposição. A situação de cada artefato depositado ou deixado intencionalmente junto do cadáver pode indicar, também, sua função básica possível, especialmente nos casos dos adornos. Entretanto, seu uso ritual e sua importância simbólica possíveis podem ser inferidos quando se encontra em contexto funerário. O estar em contexto funerário significa uma aceitação ou realocação do mesmo por vias simbólicas: um machado, batedor, pontas, recipientes em carapaças de

tartarugas ou adorno de pescoço ou de cabeça deixam de ser itens da vida cotidiana, de atividades cotidianas, festas e caçadas e passam a fazer parte do simbolismo funerário. Quando não, foram exclusivamente elaborados pelos vivos para os rituais, para acompanhar o morto na cova e a sua nova "jornada". Assim, os acompanhamentos funerários podem ser, independentemente da matéria prima empregada para sua confecção, de origens e com propósitos diversos: os machados sem sinais de uso e com forma esboçada - diferentemente dos machados encontrados fora das sepulturas-, os aglomerados de raios de nadadeira de peixes, sem modificação - encontradiços nos sítios transformados em pontas de flecha, aparas, extremidades de propulsores. Quando provém do contexto da vida cotidiana do falecido pode ou não ser tratado: tingido com ocre ou inutilizado.

Os bens pessoais dos mortos, quando não totalmente destruídos ou distribuídos entre os vivos, irão compor uma parcela dos acompanhamentos funerários. A intencionalidade da deposição dos acompanhamentos se dá na seleção, escolha e está refletida no enterramento.

Junto ou compondo a própria cova, ou mesmo ajudando a posicionar o corpo do defunto - estruturas da cova - , com possíveis implicações voltadas a simbologia da morte, estão outras categorias de "acompanhamentos" ou "estruturas" (Sene, 1999) funerárias, distintos das armas, utensílios e adornos. Aí incluem-se o ocre em blocos ou pulverizado (em massa, espargido ou pigmento para pintar ossos descarnados), os blocos e seixos líticos sem quaisquer sinais de trabalho, as fogueiras ou braseiros e, possivelmente, carapaças e ossos de animais marinhos, como as tartarugas, botos e baleias. Algumas carapaças de quelônios, com sinais de trabalho (retirada das vertebrae e demais ossos dos membros e da cabeça), poderiam representar em parte artefatos de uso ritual para acondicionar os banquetes funerários oferecidos aos vivos, artefatos de uso cotidiano do falecido em suas atividades de subsistência (coleta) e/ou apoios e coberturas dos corpos ou partes destes, com fins simbólicos ou de proteção contra a ação de animais necrófagos. Estas carapaças

aparecem com certa frequência nos sítios Tenório, Buracão e, mais intensivamente, em Mar Virado.

5.1 - Acompanhamentos funerários entre as amostras

Conforme as variações da matéria-prima empregada na elaboração ou utilização direta dos acompanhamentos - líticos, osso, dente e concha - , as amostras apresentaram as seguintes quantidades: 2117 em Piaçaguera, 2703 em Tenório, 639 em Mar Virado e 1286 em Buracão. Essa quantificação não incluiu a incidência individual do ocre, de carvão (estruturas de fogueira ou cinza esparsa) ou de restos faunísticos, queimados ou não, sob a forma de bolsões.

Gráfico 1 - Distribuição quantitativa dos acompanhamentos funerários líticos, em osso, dente e concha para os sepultamentos de Piaçaguera (n=2117), Tenório (n=2703), Mar Virado (n=639) e Buracão (n=1286):

Nas amostras os líticos não modificados, empregados como estruturas da cova e com fins possivelmente cerimoniais, como os seixos depositados nas mãos de alguns indivíduos inumados em Tenório, representaram as seguintes quantidades para os sítios:

Gráfico 2 - Distribuição numérica dos líticos não modificados nas amostras de Piaçaguera, Tenório, Mar Virado e Buracão:

Entre as amostras a distribuição dos acompanhamentos por grupos de idade e sexo apresentou os seguintes perfis:

Gráfico 3 - Distribuição dos acompanhamentos líticos modificados por grupos de idade e sexo nas amostras:

Os acompanhamentos em osso apresentaram os seguintes perfis nas amostras:

Gráfico 4 - Distribuição quantitativa dos acompanhamentos funerários em osso por grupos de idade e sexo nas amostras:

Acompanhamentos em dentes apresentaram a seguinte distribuição:

Gráfico 5 - Distribuição dos acompanhamentos em dentes de animais por grupos de idade e sexo nas amostras:

Os acompanhamentos em conchas de gastrópodes e bivalves, modificadas, não modificadas, modificadas e perfuradas ou perfuradas apresentaram a seguinte distribuição:

Gráfico 6 - Distribuição por grupos de idade e sexo dos acompanhamentos funerários em concha nas amostras:

Na amostra de Mar Virado não foram consideradas as valvas não modificadas de bivalves (*Spondyllus*).

Nos sepultamentos de Tenório e Mar Virado foi significativo o emprego ou utilização de blocos líticos, representados por seixos e fragmentos de matações graníticos alterados, na constituição das covas e em associação direta com os corpos. Em Buracão os líticos não modificados compunham em pequeno número as covas, depositados sobre os corpos. Nessa categoria de ocorrência funerária podem ser incluídos, embora formados de outra matéria-prima, os fragmentos de ossos de mamíferos marinhos como a baleia e o bôto e as carapaças modificadas de quelônios marinhos. Tais elementos compunham sepultamentos em Tenório, Mar Virado e Buracão, não encontrando similares em Piaçaguera. A seguir serão analisados os acompanhamentos por matéria-prima e por amostra.

As tabelas que seguem apresentam as quantidades de acompanhamentos por matéria-prima, tipo, modificação distribuídas por grupos de idade e sexo nas quatro amostras.

Tabela 1 - Distribuição quantitativa dos acompanhamentos funerários líticos, em osso, dente, concha por grupos de idade e sexo em Piaçaguera:

Acompanhamentos funerários por idade e Sexo - Piaçaguera (n= 56 sepultamentos)																																					
Categorias	a - Lítico					b - Osso					c - Dente										d - Concha					ocre NMI	carvão NMI	fauna**	Total a+b+c+d								
											Peixe - seláquio					Mamífero					Réptil									bivalves					gastrópodes		
	Machado	Lasca	Batedor	Lítico modificado	Lítico não modificado	Ponta simples	Ponta biterminada	Ponta lanceolada /bisel	Vértebra peixe perfurada	Modificado - goiva *	Modificado - esfera	Não modificado	Modificado	Modificado e perfurado	Perfurado	Não modificado	Modificado	Modificado e perfurado	Perfurado	Perfurado	Não modificada	Modificada	Modificada e perfurada	Perfurada	Não modificada	Modificada	Modificada e perfurada			Perfurada - colar/coifa	Bloco ou massa	Pulverizado - espargido	Cinzas - fogueira(NMI)	Fauna queimada	Geral não queimada	Carap. de quelônio NMI	Os. de mamif. Marinho
Adulto F	3	-	-	-	-	-	1	-	-	-	195	1	6	13	4	-	3	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	4	7	-	-	-	-	227(10,71%)		
Adulto M	1	-	2	-	2	3	2	-	2	1	150	5	15	16	1	3	2	9	-	-	-	-	-	-	11	-	300	2	13	15	-	-	-	-	525(24,79%)		
Adolescente	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1(0,04%)		
Criança	2	-	-	-	2	3	-	-	23	-	229	6	12	14	-	2	2	207	6	-	-	-	-	-	-	856	-	9	10	-	-	-	-	-	1364(64,42%)		
Indeterminado	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1(0,04%)		
Total	6	-	2	1	4	6	-	3	23	2	574	12	33	43	5	5	7	217	6	-	-	-	-	11	-	1156	3	27	32	-	-	-	-	-	2117(100,00%)		
Total geral	13					35					902										1167										30	32	-	2117			

F= feminino, M= masculino, Indeterminado= adulto com sexo não determinado, * = em osso de mamífero marinho (baleia), **= não computados, NMI= incidência por indivíduo

Tabela 2 - Incidência de ocre, carvão, fauna, carapaça de quelônio, osso de mamífero marinho e blocos líticos não modificados sobre ou junto do corpo nos sepultamentos de Piaçaguera:

Outras associações funerárias por indivíduo - Piaçaguera (n sep=56)				
Grupos	Ocre		Carvão	Sementes queimadas
	Bloco ou massa	pulverizado	Cinzas/fogueira	
Adulto masculino	2	13	15	5
Adulto feminino	1	3	7	2
Adolescente	-	-	-	-
Criança	-	11	10	2
Indeterminado	-	1	-	-
Total	3	28	32	9

Tabela 3 - Distribuição quantitativa dos acompanhamentos funerários líticos, em osso, dente, concha por grupos de idade e sexo em Tenório:

Acompanhamentos funerários por idade e sexo - Tenório (n= 28 sepultamentos)																																				
Categorias	a - Lítico					b - Osso					c - Dente							d - Concha							ocre NMI	carvão	fauna	Total a+b+c+d								
	Machado***	Lasca	Suporte/batedor	Lítico modificado*	Lítico não modificado	Ponta simples	Ponta biterminada	Ponta lanceolada	Vértebra peixe perfurada	Não modificado	Modificado	Modificado e perfurado	Perfurado	Não modificado	Modificado	Modificado e perfurado	Perfurado	Perfurado	bivalves				gastrópodes													
																			Não modificada	Modificada	Modificada e perfurada	Perfurada	Não modificada	Modificada	Modificada e perfurada	Perfurada										
Adulto F	5	9	4	6	20	3	2	-	-	222	4	15	2	1	3	27	-	10	12	5	8	-	1	2	3	1	11	800	-	5	6	-	-	2	1	1176 (43,51%)
Adulto M	4	5	9	2	62	8	8	2	-	1199	13	91	1	10	1	1	1	-	4	-	5	-	-	3	1	-	11	5	-	7	5	-	-	2	3	1446 (53,50%)
Adolescente	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Criança	-	-	1	-	7	-	-	-	-	26	-	-	-	-	-	-	2	-	4	-	-	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	42 (1,55%)
Indeterminado	-	-	2	1	13	-	2	1	-	1	3	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	1	-	12	1	-	1	1	-	-	-	-	1	39 (1,44%)
Total	9	14	16	9	102	11	12	3	-	1448	20	106	3	11	4	28	3	10	20	5	14	-	2	6	5	2	34	806	-	13	12	-	-	4	5	2703 (100,00%)
Total geral					150	1494					190							869							13	24	9	2703								

F= feminino, M= masculino, Indeterminado= adulto com sexo não determinado, *= inespecífico, inclui os fusiformes, **= inclui fragmentos de esqueletos de mamíferos, aves, répteis, peixes e exoesqueletos de crustáceos, anfíbios, moluscos e equinodermas, ***= inclui esboços ou pré-formas, NMI= incidência por indivíduo

Tabela 4 - Incidência de ocre, carvão, fauna, carapaça de quelônio, osso de mamífero marinho e blocos líticos não modificados sobre ou junto do corpo nos sepultamentos de Tenório:

Outras associações funerárias por indivíduo - Tenório (n sep=28)										
Grupos	Ocre		Carvão		Fauna		Carapaça de quelônio modificada	Osso de mamífero marinho	Blocos líticos não modificados	Esqueleto de animal (doméstico?)*
	Bloco ou massa	pulverizado	Cinzas/fogueira	Terra preta	Sem queima	Com queima				
Adulto masculino	-	7	5	-	4	-	2	3	10	-
Adulto feminino	-	5	6	-	7	4	3	1	7	-
Adolescente	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Criança	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-
Indeterminado	-	1	1	-	4	-	-	1	2	-
Total	-	13	12	-	-	-	5	5	21	-

*= mamífero, ave ou anfíbio

Tabela 5 - Distribuição quantitativa dos acompanhamentos funerários líticos, em osso, dente, concha por grupos de idade e sexo em Mar Virado:

Acompanhamentos funerários por idade e sexo - Mar Virado (n=33sepultamentos)																														
Categorias	a - Lítico					b - Osso					c - Dente							d - Concha					ocre NMI	carvão	fauna		Total a+b+c+d			
	Machado*** Lasca	Suporte/batedor Lítico modificado*	Lítico não modificado	Ponta simples	Ponta biterminada	Ponta lanceolada	Vértebra peixe perfurada	Não modificado	Modificado	Peixe - seláquio			mamífero			réptil	bivalves			gastrópodes		Bloco ou massa Pulverizado - espargido			Cinzas - fogueira(NMI) Fauna queimada**	Geral- NMI		Carapaça de quelônio NMI	Osso de mamíf. marinho	
										Não modificado	Modificado e perfurado	Perfurado	Não modificado	Modificado e perfurado	Perfurado	Não modificado	Não modificada	Modificada e perfurada	Perfurada	Não modificada	Modificada e perfurada		Perfurada - colar/coifa							
Adulto F	2	55	2	2	18	18	1	-	9	7	18	51	6	-	3	-	-	-	-	-	-	-	1	3	2	-	2	2	-	193(30,21%)
Adulto M	3	71	8	24	62	32	7	-	61	6	11	64	7	9	14	2	-	-	-	3	-	-	3	10	2	-	9	8	4	388 (60,71%)
Adolescente	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Criança	-	8	-	-	8	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	2	1	-	1	1	2	18 (2,82%)
Indeterminado	-	3	1	1	13	3	1	-	5	1	-	3	7	-	1	-	-	-	1	-	-	-	2	1	-	-	1	3	1	40 (6,26%)
Total	5	137	11	27	101	54	9	-	75	14	29	118	20	9	18	2	-	-	2	-	4	-	4	17	6	-	13	14	7	639 (100,00%)
Total geral	281					181					169							7					21	6	34		639			

F= feminino, M= masculino, Indeterminado= adulto com sexo não determinado, *= inespecífico, **= inclui fragmentos de esqueletos de mamíferos, aves, répteis, peixes e exoesqueletos de crustáceos, anfíbios, moluscos e equinodermas, ***= inclui esboços ou pré-formas, NMI= incidência por sepultamento

Tabela 6 - Incidência de ocre, carvão, fauna, carapaça de quelônio, osso de mamífero marinho e blocos líticos não modificados sobre ou junto do corpo nos sepultamentos de Mar Virado:

Outras associações funerárias por indivíduo - Mar Virado (n sep=33)										
Grupos	Ocre		Carvão		Fauna (espículas de ouriço, restos de peixes, mamíferos, crustáceos e aves)		Carapaça de quelônio modificada		Osso de mamífero marinho	Proximidade com matacão (nicho ou parte da cova)
	Bloco ou massa		pulverizado	Cinzas/fogueira	Terra preta					
Adulto masculino	3		10	2	14	9		8	4	7
Adulto feminino	1		3	2	7	2		2	-	3
Adolescente	-		-	-	-	-		-	-	-
Criança	-		2	1	1	1		1	2	-
Indeterminado	-		2	1	1	1		3	1	1
Total	4		17	6	23	13		14	7	11

*= mamífero, ave ou anfíbio

Tabela 7 - Distribuição quantitativa dos acompanhamentos funerários líticos, em osso, dente, concha por grupos de idade e sexo em Buracão:

Acompanhamentos funerários por idade e sexo - Buracão (n= 43 sepultamentos)																																				
Categorias	a - Lítico				b - Osso				c - Dente							d - Concha						ocre NMI	carvão	fauna	Total a+b+c+d											
									Peixe - seláquio			mamífero			réptil	bivalves			gastropodes																	
	Machado	Lasca	Batedor	Lítico modificado*	lítico não modificado	Ponta simples	Ponta biterminada	Ponta lanceolada	Vértebra peixe perfurada	Não modificado	Modificado	Modificado e perfurado	Perfurado	Não modificado	Modificado	Modificado e perfurado	Perfurado	Não modificado	Não modificada	Modificada	Modificada e perfurada	Perfurada	Não modificada	Modificada	Modificada e perfurada	Perfurada - colar/coifa	Bloco ou massa Pulverizado - espargido	Cinzas - fogueira(NMI) Fauna queimada**	Geral**	Carapaça de quelônio NMI	Osso de mamif. marinho	Nº e %				
	Adulto F	-	8	4	-	-	34	2	-	-	151	53	72	2	-	-	-	-	-	7	-	-	23	-	-	-	-	1	-	-	1	-	356 (27,69%)			
Adulto M	1	64	4	1	6	23	13	1	-	5	11	176	-	1	2	6	-	-	1	-	1	26	1	1	-	-	342	3	2	1	9	194	1	-	686 (53,35%)	
Adolescente	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	7	-	-	1 (0,07%)		
Criança	-	23	5	2	7	7	4	3	1	1	5	51	1	-	14	-	-	-	-	-	9	3	3	-	-	6	3	2	6	1	3	133	1	-	148 (11,50%)	
Indeterminado	-	63	1	-	1	2	1	-	-	7	2	4	-	-	-	-	-	4	-	1	-	9	-	-	-	-	-	1	-	-	7	106	2	-	95 (7,39%)	
Total	1	158	14	3	14	66	20	4	1	164	71	303	3	1	16	6	-	4	1	1	1	51	4	4	23	-	7	345	7	8	2	20	515	5	-	1286 (100,00%)
Total geral	190				326				335							435						15	22	520	1286											

F= feminino, M= masculino, Indeterminado= adulto com sexo não determinado, *= inespecífico, **= inclui fragmentos de esqueletos de mamíferos, aves, répteis, peixes e exoesqueletos de crustáceos, anfíbios, moluscos e equinodermas, NMI= incidência por indivíduo

Tabela 7 - Incidência de ocre, carvão, fauna, carapaça de quelônio, osso de mamífero marinho e blocos líticos não modificados sobre ou junto do corpo nos sepultamentos de Buracão:

Outras associações funerárias por indivíduo - Buracão (n sep=43)											
Grupos	Ocre		Carvão		Fauna		Carapaça de quelônio modificada		Osso de mamífero marinho		Esqueleto de animal (doméstico?)*
	Bloco ou massa		pulverizado		Terra preta		Sem queima		Com queima		
Adulto masculino	2		3	4	7	8	3	1	-		2
Adulto feminino	-		1	1	-	2	1	1	-		1
Adolescente	-		-	-	1	1	-	-	-		-
Criança	-		7	4	5	10	3	1	-		1
Indeterminado	1		1	-	2	5	2	2	-		1
Total	3		12	9	15	25	9	5	-		5

*= mamífero, ave ou anfíbio

5.1.1 - Líticos

Os acompanhamentos líticos diferiram quanto a presença ou ausência de modificação (lascamento, abrasão, polimento, perfuração, uso para quebrar, brunir, desgastar, bater, para debitagem, entre outros) nas 4 amostras estudadas.

Foram registrados 13 líticos (6 machados, 2 batedores, 1 lítico modificado inespecífico e 4 líticos não modificados) em Piaçaguera, 155 líticos em Tenório (8 machados, 19 lascas, 21 suportes/batedores, 5 líticos modificados inespecíficos e 102 líticos não modificados, incluindo blocos das estruturas das covas), 281 líticos em Mar Virado (5 machados, 137 lascas, 11 suportes/batedores, 27 inespecíficos modificados e 101 não modificados, incluindo blocos estruturais das covas) e 190 líticos em Buracão (1 machado, 158 lascas, 14 batedores, 3 líticos inespecíficos e 14 não modificados, incluindo estruturas das covas).

Os líticos inespecíficos, relacionados diretamente com a forma de estruturação da cova foram analisados no capítulo 4.

5.1.1.1 - Os líticos no contexto funerário de Piaçaguera:

Este sítio, estudado por Uchôa (1970, 1973) e Garcia (1970, 1972), apresentou grande número de sepultamentos humanos nos quais os acompanhamentos funerários estão representados por artefatos e rejeitos de materiais ósseos, dentários, líticos e malacológicos. Os materiais com ou sem evidências de trabalho e uso recolhidos em Piaçaguera, inseridos ou não em contextos funerários, foram estudados por Garcia e Uchôa (1980), Uchôa e Garcia (1971), Garcia e Cornides (1971). Em 1980 foi publicado um resumo das observações gerais sobre os artefatos constantes das teses de Uchôa (1973) e Garcia (1970). Em 1971, os estudos voltam-se aos materiais em dente e líticos. Em Piaçaguera, entre os

materiais líticos que apresentaram sinais de trabalho, estão os machados, os suportes, batedores, as lascas e os materiais corantes em canga limonítica e filito rosado (Uchôa e Garcia, 1980). Em associação funerária foram registrados 6 machados (sendo encontrados 5), 2 batedores/percutores e 4 blocos sem sinais de trabalho, incidindo em 8 indivíduos de 7 sepultamentos (11,7% do total). Os líticos representam 0,56% do total de materiais associados em osso, dente e concha (n=2116).

Os machados (Prancha 1, i-k, Fig.29 A, Fig. 30 A-B;), retangulares ou alongados, em geral não apresentaram polimento total, a exceção da parte ativa - lâmina - na maioria dos casos. A presença de lascamentos na porção posterior à lâmina pode indicar o uso simultâneo dos machados como batedores ou preparação dos mesmos para fins funerários. Cinco dos oito machados encontrados em Piaçaguera estavam associados a sepultamentos que apresentavam também adornos em valvas perfuradas de *Olivella* sp.

Tabela 8 - Características métricas - comprimento, largura e espessura e matéria prima dos machados associados a sepultamentos em Piaçaguera:

Machados associados aos enterramentos - Piaçaguera (Garcia e Cornides, 1971)							
No. sep.	No. peça	Compr.	Larg.	Espess.	Peso	Ângulo do gume	Mat. Prima
I	Pi-Sep I	128	89	37	690	70°	Anfibólito
	Pi-Sep I	175	112	38	1215	70°	Gnaisse
	S/n°	-	-	-	-	-	Filito
XXIX	-	-	-	-	-	-	Diabásio
XXXIII	Pi- 318	240	120	46	1930	60°	Diabásio
XL	Pi- 558	120	65	35	470	70°	Filito
LII	Pi-715	144	86	35	735	70°	Diabásio

Medidas lineares máximas em mm, peso em gramas e ângulos em graus

Tabela 9 - Características métricas- comprimento, largura e espessura e matéria prima dos machados de contextos não funerários, Piaçaguera (Garcia e Cornides, 1971):

Bifaces de contexto não-funerário - Piaçaguera (Garcia e Cornides, 1971)							
Loc.	No. peça	Compr.	Larg.	Espess.	Peso	Ângulo do gume	Mat. Prima
Q75 niv.10,51m	Pi-315	200	134	50	1985	50°	diabásio
Q.54 niv. 11,11m	Pi- 425	79	53	42	230	70°	diabásio
Q.53 niv.11,26m	Pi- 233	136	64	32	405	50°	Diabásio

Medidas lineares máximas em mm, peso em gramas e ângulos em graus.

Outras três categorias de artefatos líticos encontrados em Piaçaguera são os suportes, os batedores e as lascas (não registradas em sepultamentos). Os suportes ou "quebra cocos" (Isotta, 1968)¹⁹³ estão representados por seixos com dimensões longitudinais variando de 10 a 20cm, com a presença de pequenas depressões na porção média, em um ou em ambos os lados (Garcia e Cornides, 1971)¹⁹⁴. Essas depressões picoteadas são indicadoras de uso do artefato. Os batedores, assim como os suportes, são raros na área escavada, podendo ser de quartzo ou diabásio.

Gráfico 7- Líticos - machado, batedor e seixo não modificado - associados aos sepultamentos de Piaçaguera distribuídos por idade e sexo :

Entre os batedores foram registrados um junto ao sepultamento XLVI, em seixo de gnaiss n°567, alterado ou decomposto e um batedor/percutor n° 716, em granito, depositado abaixo do crânio, no sepultamento VI, um seixo de gnaiss n° 433, abaixo dos ossos dos pés, no sepultamento XXXV, um seixo de diabásio n° 438, sem sinais de trabalho ou processamento, depositado abaixo da pelve, lado esquerdo do esqueleto do sepultamento XXXVI e um seixo de filito n°559, localizado sob o machado Pi-558, associado ao sepultamento XL, junto do machado Pi-715, no sepultamento LII.

¹⁹³ ISOTTA, C A L. O material lítico de sambaquis do litoral paulista. In Pré-História Brasileira. São Paulo, IPH-USP, p. 143-166, 1968.

¹⁹⁴ GARCIA, C D R, CORNIDES, A T de. Material lítico do sambaqui de Piaçaguera (Estudo preliminar). In: O Homem Antigo na América, IPH-USP, p.45, 1971.

Quanto à incidência por sexo e grupo etário, os machados acompanhavam um indivíduo feminino, jovem, de 20 a 25 anos (20%), um masculino, adulto, de 25 a 35 anos (20%) e três com sexo indeterminado, com idades entre 6 a 24 meses (60%). Um único indivíduo recebeu como acompanhamento três machados simultaneamente. Assim, nota-se uma preferência dos machados para o sexo feminino e para as crianças que perfazem juntos 80% dos indivíduos que apresentaram machados associados. As crianças de 6 a 24 meses não poderiam manusear machados para elaborar canoas ou obter recursos na floresta. A mulher jovem, acompanhada de três machados, com abundante e variado acompanhamento, junto com um feto de +-2meses(filho em gestação ou recém-nascido), possivelmente apresenta atributos funerários de status diferenciado ou clã com alguma especialização (feitura de canoas, machados, domínio social). Uma das crianças (XXIX) encontrava-se em sepultamento primário enquanto que a criança (XXXIII) e criança (XL) compunham sepultamentos triplo e duplo, respectivamente, com adolescente e crianças. O acompanhamento com machado em Piaçaguera não é exclusivo de um ou outro gênero, existindo preferência aos mais jovens e do sexo feminino.

As 1010 lascas em quartzo ou quartzito apresentam formas diversificadas e foram obtidas por percussão direta. Foram identificados sinais de uso das arestas em parte das lascas (Garcia e Cornides, 1971:45). Apresentam comprimento médio de 50mm e espessura máxima média de 10mm. A secção transversal em forma triangular, comum, indica um modo predominante de percussão. As lascas foram, possivelmente, utilizadas para a confecção de artefatos ósseos, para desgastar, serrar e cortar. Sinais de corte identificados em vértebras de peixes são indicadores do uso das lascas.

Outro tipo de material corresponde aos corantes de canga limonítica e filito rosado. Encontrados esparsos, esses corantes apresentaram fragmentos com eixo maior medindo de

10 a 80mm, com distribuição homogênea nos vários níveis do sítio. A presença de facetas de polimento indica o processamento desse material para a obtenção de pigmento em pó.

A presença de ocre foi registrada sob a forma de massa (aglomerado pastoso de hematita ou limonita pulverizada) e em pó, espargido sobre o corpo antes do fechamento da sepultura.

Líticos inespecíficos como blocos de rocha básica alterada e desgastada em uma das bordas foram encontrados em um sepultamento (Prancha 5).

A matéria-prima encontrada em Piaçaguera caracteriza-se por rochas ígneas e melanocráticas compostas de rochas básicas e ultra-básicas denominadas genericamente de "diabásio", por granito, gnaiss, quartzo, quartzito, xisto, filito, anfibólito e canga limonítica (Garcia e Uchôa, 1980:38)¹⁹⁵.

O total dos líticos - artefatos e "rejeitos" - registrados em Piaçaguera, incluindo os associados está assim distribuído:

Gráfico 8 - Distribuição dos líticos associados e não associados de Piaçaguera por tipos:

¹⁹⁵ GARCIA, C D Rio, UCHÔA, D P. Piaçaguera: um sambaqui do litoral do Estado de São Paulo, Brasil. Revista de Pré-História, Instituto de Pré-História da Universidade de São Paulo, v.2, p.11-81, 1980.

Foi observada uma grande quantidade de lascas, fragmentos de rejeitos e líticos não modificados. Entre os 9 machados, 6 encontravam-se em associação em sepulturas. As lascas não foram registradas como acompanhamentos funerários. Entre os batedores, 2 foram encontrados em contextos funerários. Entre os moedores, 1 foi evidenciado em sepultamento. Entre os 3253 líticos encontrados no contexto arqueológico como um todo, 13 (0,39%) estavam em contexto funerário ou foram percebidos como intencionalmente depositados com os mortos. A predominância de fragmentos de rejeitos e lascas são indicadores de áreas de atividades preparatórias de artefatos, juntamente com os bolsões com restos de fauna - possíveis áreas de habitação e sepultamento simultâneas.

5.1.1.2 - Os líticos no contexto funerário de Tenório:

Em Tenório os líticos em associação com sepultamentos representam 5,54% do total de acompanhamentos (n=2703)¹⁹⁶. Dos 150 líticos associados, 48 (32%) apresentaram modificações que incluem debitage, polimento, uso para bater e usos inespecíficos (fusiformes). Outra parcela, correspondente a 68%, está representada por líticos não modificados onde encontramos os seixos e blocos líticos intencionalmente depositados junto, sobre, ao redor ou sob os corpos. Caracterizam a forma de deposição recorrente em Tenório que prescinde de blocos líticos no arranjo das covas e dos mortos. Em 28 sepultamentos estudados, 21 (75%) apresentam líticos não modificados como parte da estrutura de sepultamento. A tabela 3 apresenta as quantidades de machados, lascas, suportes/batedores, líticos modificados inespecíficos e líticos não modificados por grupos de idade e sexo.

¹⁹⁶ Não estão incluídos ocre, carvão e fauna, quantificáveis por incidência em sepultamento ou indivíduo.

Entre as categorias de líticos associados a sepultamentos estão os machados (Prancha 1, a-d, Fig. 32 D-C). Abaixo segue a caracterização geral dos machados de Tenório exclusivamente associados:

Tabela 10 - Caracteres dos machados associados a sepultamentos em Tenório:

Características morfológicas dos machados associados a sepultamentos em Tenório											
Tipo		Matéria-prima	Nível(m)	comprimento	largura	espessura	disposição	sep	sexo	Idade	
Machado polido (com ocre) nº 1486		rocha básica	2,14	165	110	45	Próximo crânio	ao IV Te	M	A	
Machado fragmentado nº 3091		diabásio	-	78	92	26	-	VI Te	F	A	
Machado polido nº 1520		seixo de diabásio alterado	1,63	227	128	37	-	X Te	F	A	
Machado polido nº 1519		seixo de diabásio alterado	1,61	167	82	25	-	X Te	F	A	
Machado polido nº 1528		diabásio	1,99	139	84	32	-	XIII Te	F	A	
Machado (pré-forma) nº 1530		diabásio	1,98	100	61	27	-	XIII Te	F	A	
Machado com ocre nº 3188		diabásio alterado	2,00	150	100	28	-	XVIII Te	M	A	
Machado (pré-forma) s/nº		-	-	-	-	-	-	XXIV Te	M	A	
Machado (esboço) nº 1481		diabásio	2,14	127	74	19	-	III Te	M	A	
Machado (esboço) nº 1592		diabásio	1,57	142	75	44	-	XX Te	M	A	

A= adulto; J= jovem; C= criança; M= masculino, F= feminino Prancha

Os machados associados nos sepultamentos X (Prancha 1, a-b) e IV (Prancha 1, c) correspondem a formas lascadas e predominantemente polidas. Os demais 5, como o "machado" depositado no sepultamento XIII (Prancha 1, d), constituem "pré-formas" ou "esboços"¹⁹⁷ (Prancha 4, b,e,i). Entre os adultos, de ambos os sexos, aparece a associação do machado.

As lascas (Prancha 1- j) representam 9,45% de todos os líticos em associação funerária e aparecem entre os indivíduos adultos femininos (64,28%) e masculinos (35,72%). Os suportes/batedores, com uma e/ou outra função simultânea (Prancha 3, g-k; Prancha 4, j - batedor/afiador em seixo de diabásio), aparecem exclusivamente entre os adultos, de um ou outro sexo, prevalecendo entre os masculinos (56,25%). Líticos modificados sem função específica - multifuncionais - representados por "pré-formas" ou "esboços de machado e outros artefatos" ou mesmo "rejeitos com modificação" representam 55,56% dos 9 líticos modificados e apareceram entre 2 adultos femininos e 1

¹⁹⁷ Possíveis simulacros em substituição aos bens do sepultado.

masculino(Prancha 4 , a, b, e-j). O sepultamento VII, de indivíduo feminino, apresentou três fusiformes.

Vai ser entre os líticos não modificados, quantificados em 102 unidades, que encontraremos elementos caracterizadores da prática funerária em Tenório. Entre os 28 sepultamentos, 75% apresentam alguma associação de blocos ou seixos líticos utilizados mas não modificados. A incidência dos esqueletos cobertos ou circundados por blocos se deu em 10 inumações masculinas (35,71%), 7 femininas (25%) e em 2 de crianças (7,14%). Outros 7,14% correspondem aos esqueletos de adultos com sexo indeterminado, também com blocos líticos (ver figuras do Cap.4).

Os líticos associados nos sepultamentos de Tenório, excetuando os machados, estão assim distribuídos por tipos, matéria-prima, dimensões e sepultamentos:

Tabela 11 - Características morfológicas dos acompanhamentos funerários líticos, excetuando-se machados e blocos ou seixos não modificados, de Tenório:

.Líticos associados nos sepultamentos de Tenório						
Tipo	Matéria-prima e modificação	Nível	Comprimento	Largura	Espessura	Sepultamento
"fusiforme"	diabásio alterado polido	2,12	66	26	14	VII
"fusiforme" (esboço)	diabásio polido	1,98	76	24	18	X
"fusiforme"	diabásio polido	1,84	17	11	6	XXIV
fragmentado						
"fusiforme"	diabásio polido	2,15	28	14	11	VII
fragmentado						
"fusiforme"	diabásio polido	2,07	31	23	9	VII
fragmentado						
Batedor	diabásio alterado c/ picotamento	1,84	100	79	42	XVI
Batedor	diabásio alterado c/ lascamento	1,79	235	136	71	X
lasca	diabásio c/ polimento e retoque	1,93	39	32	5	XIII
lasca	diabásio, c/ sinais de retoque	1,93	52	47	8	XIII
Lasca	quartzito c/ sinais de uso	1,79	42	22	11	X
Lasca	diabásio c/ polimento	2,07	53	32	17	VII
Lasca	diabásio c/ sinais de retoque	1,70	49	24	9	VI
Lasca	diabásio c/ sinais de retoque	1,70	130	50	27	VI
Lasca	diabásio alterado c/ sinais de polimento	1,73	56	41	20	VI
Lasca	diabásio c/ sinais de retoque	1,70	144	65	39	VI
Lasca	diabásio c/ sinais de retoque	1,79	127	112	42	X
Lasca	diabásio c/ retoque	1,95	87	123	14	XXIV
Lasca	diabásio c/ retoque	1,95	57	84	11	XXIV
Lasca	diabásio c/ retoque	1,95	42	29	12	XXIV
Lasca	diabásio c/ retoque	1,95	44	59	6	XXIV
Lasca	diabásio c/ retoque	1,95	55	44	4	XXIV
Lasca	gnaisse decomposto c/ sinais de retoque	1,53	76	52	34	XXV
Lasca	diabásio c/ sinais de retoque e polimento	1,79	165	133	56	XIV
Lítico modificado	diabásio c/ sinais de retoque	1,68	163	92	62	XIX
Lítico modificado	diabásio c/ lascamento e retoque	1,79	205	147	58	X
Lítico modificado	diabásio alterado c/ polimento	2,14	161	133	52	XXIII
Lítico modificado	diabásio lascado, polido e c/ sinais de uso	1,95	37	47	21	XXIV
Suporte	gnaisse c/ sinais de uso	2,11	104	84	34	IV
Suporte	diabásio c/ sinais de uso	2,10	62	68	28	VIII
Suporte	diabásio c/ sinais de uso	1,85	102	72	35	XIII
Suporte	diabásio alterado c/ sinais de uso	1,79	60	47	46	XIV
Suporte	diabásio c/ picotamento e ocre	1,57	133	114	60	XX
Suporte	diabásio alterado c/ sinais picotamento	1,79	161	96	78	X
Suporte	diabásio c/ sinais de uso	1,57	123	115	90	XX
Suporte	diabásio alterado c/ picot., lascamento e	1,57	186	147	80	XX

	retoque					
Suporte	diabásio lascado p/ uso	1,57	103	88	50	XX
Suporte	diabásio alterado c/ picotamento	1,77	81	74	34	I
Suporte	diabásio alterado c/ picotamento	1,68	193	121	71	XIX
Suporte (fragmento)	diabásio alterado c/ sinais de picotamento	2,14	63	76	67	XXII
Suporte-batedor	gnaisse c/ sinais de picotamento	2,33	78	47	24	V
Suporte-batedor	diabásio c/ sinais de picotamento	2,03	94	72	22	XIII
Suporte-batedor	diabásio alterado c/ picotamento	1,57	166	131	70	XX
Suporte-batedor	diabásio c/ sinais de picotamento	1,95	84	66	36	XXIV
Suporte-batedor	diabásio c/ sinais de picotamento	2,18	70	51	46	XXV

Nível em metros, medidas em milímetros

Os líticos da tabela 11 apresentaram sinais de alteração pelo homem, por técnicas diversas, incluindo o uso e caracterizaram-se pela presença das seguintes modificações:

- a) Suportes-batedores: lascado nas extremidades e com uma face apresentando sinais de picotamento; com duas faces e uma parte dos bordos com sinais de picotamento, uma das extremidades usada como batedor, presença de lascamento e sinais de retoque; com sinais de lascamento; com sinais de picotamento e uso nas quatro faces;
- b) Lascas (Prancha 2, j): com sinais de retoque; com sinais de polimento; com sinais de retoque e lascamento na extremidade; com sinais de uso e retoque; com sinais de polimento, retoque e depressão para uso; com sinais de retoque e lascamento em um dos bordos e depressão para uso; com retoque e polimento em uma das faces e nas bordas;
- c) Suportes: com duas faces; com sinais de picotamento nas quatro faces; com depressão em uma das faces (Prancha 3, g, h, j); com sinais de picotamento e retoque nas duas faces; com ocre e sinais de queima;
- d) Líticos modificados - seixos: com sinais de lascamento e retoque;
- e) Batedores: lascado em uma extremidade e com sinais de estrias indicando uso como afiador; com sinais de picotamento (Prancha 3, i); com sinais de lascamento e uso;

A Tabela 3 apresenta as quantidades de líticos por tipo distribuídas por grupos gerais de idade e sexo em Tenório. A distribuição é a que segue:

Gráfico 10 - Distribuição quantitativa dos acompanhamentos funerários líticos por grupos de idade e sexo em Tenório (n sep=28):

Os líticos não modificados, utilizados para compor os sepultamentos caracterizam a amostra de Tenório (Cap.4).

Foram registrados líticos modificados com aspecto "fusiforme" (exemplos não associados a sepultamentos na Prancha 5-a) e de uso inespecífico associados nos sepultamentos VII, X e XXIV, excetuando-se o possível acompanhamento junto a restos esparsos de um adulto não numerado, exumados na quadra 57, cota 2,01m. Esse "fusiforme" possivelmente associado era confeccionado em diabásio polido, medindo 67x27x17mm, na cota 2,00m, disposto junto a ossos de membros inferiores. Os "fusiformes" irão aparecer novamente nos sepultamentos de Mar Virado, com morfologia e tecnologia de confecção similares.

Entre os restos humanos não numerados e que não foram incluídos nos 28 sepultamentos de Tenório foram encontrados os seguintes líticos:

Tabela 12 - Líticos possivelmente associados em sepultamentos severamente perturbados e não numerados de Tenório:

Líticos associados aos restos esparsos de Tenório							
Tipo	Matéria-prima	Nível	Comprimento	Largura	Espessura	Sepultamento*	Quadra
Machado	-	1,85	-	-	-	S/nº	54
Suporte-batedor	Seixo diabásio	-	103	71	59	S/nº	-
Machado	Diabásio	1,72	82	45	19	S/nº(adulto)	45
Machado (esboço)	Diabásio	1,70	230	110	48	S/nº(adulto)	37
Fusifforme (esboço)	Diabásio	2,00	67	27	17	S/nº(adulto)	57
Machado	-	2,14	-	-	-	S/nº(adulto)	62

*= restos esparsos, nível ou cota em metros, medidas em mm.

Considerando os acompanhamentos dos restos esparsos, sem traços de intencionalidade observáveis no contexto de escavação, o lítico modificado do tipo "fusiforme" aparece em contexto funerário no sítio Tenório. Líticos trabalhados, como os machados e pré-formas fizeram parte da composição das covas, juntamente com blocos líticos não modificados (Fig. 32).

5.1.1.3 - Os líticos no contexto funerário de Mar Virado:

Os acompanhamentos funerários líticos dos sepultamentos de Mar Virado (n=281) caracterizam-se pela significativa quantidade de lascas e líticos não modificados de rochas básicas como o traquito. Machados foram registrados em 2 indivíduos adultos femininos e 3 masculinos (Prancha 1, e-h; Fig. 33, D, E; Fig. 34, C, D), perfazendo 2,85% dos líticos associados (Tabela 5) com alguma modificação - as lascas, suportes/batedores e os líticos modificados, como os fusiformes. Os machados estão caracterizados na tabela abaixo:

Tabela 13 - Características morfológicas dos machados associados em sepultamentos de Mar Virado:

Características morfológicas dos machados associados aos sepultamentos de Mar Virado									
Tipo	Matéria-prima	Nível (m)	comprimento	largura	espessura	disposição	Sep	sexo	Idade
Machado lascado e polido nº 4006	Rocha básica (traquito)	5,84	190	106	32	Entre as mãos e os membros inferiores	27 MV	M	A
Machado lascado e polido nº 884	Rocha básica (traquito)	5,85	149	146	37	Sobre as cervicais, abaixo da mandíbula - tórax	13 MV	F	A
Machado lascado e polido nº 4904	Rocha básica (traquito)	5,83	134	93	25	Região proximal da fíbula D	29 MV	M	A
Machado lascado e polido nº 4863	Rocha básica (traquito)	5,68	120	81	26	Entre os membros inferiores	32 MV	F	A

Os líticos associados estão distribuídos por grupos gerais de idade e sexo como segue:

Gráfico 11 - Distribuição quantitativa dos líticos associados aos sepultamentos de Mar Virado (n sep=33):

Na amostra o total de líticos representa 44,96% do total de acompanhamentos (n=625). Os líticos não modificados e as lascas mostraram-se expressiva ocorrência numérica entre os sepultamentos. As lascas compõem 48,75% dos líticos associados e os não modificados representam 35,94%.

Os líticos "fusiformes" foram registrados em número de quatro associados no sepultamento 29, de adulto masculino, juntamente com machado polido (Prancha 1-e; Prancha 2 - b; Fig. 33, D). As lascas (Prancha 2, h) encontradas em grande escala estão relacionadas a atividades na própria área de sepultamento. Os líticos modificados (Prancha 4, c, d) constituem pré-formas de artefatos "instrumentos" de uso cotidiano ou "simulacros" dos mesmos voltados aos fins funéreos.

A presença dos machados indica atividades de confecção de canoas, hipótese pertinente quando o local de sepultamento - e de provável estadia temporária - é exclusivamente insular. Os extensos bolsões de espículas de ouriços calcinadas, com restos

de crustáceos, peixes, répteis, mamíferos e poucos moluscos que compõem o substrato arqueológico em Mar Virado, sobre os nichos de matacões graníticos alterados, indica a presença de atividade voltada a alimentação provavelmente relacionada aos rituais funerários. Os líticos não modificados, constituídos por seixos de rocha básica (genericamente denominada "traquito" ou "basaltos") demarcam partes das covas (Fig. 33 D; Fig. 34 C, D).

Líticos não modificados foram encontrados com as seguintes incidências por grupos gerais de idade e sexo:

Gráfico 12 - Incidência de blocos líticos não modificados e da participação de matacões graníticos na composição das covas em Mar Virado (n sep=33):

Em Mar Virado a associação de blocos na cova e participação do substrato granítico na configuração das covas apresentaram maior incidência entre os adultos. Os corpos de crianças que apresentaram líticos na cova estavam recobertos por ossos de grandes mamíferos marinhos (baleia), como nos sepultamentos 7 e 33.

5.1.1.4 - Os líticos no contexto funerário de Buracão:

Em Buracão encontramos um total de 1286 acompanhamentos funerários entre líticos, em osso, dentes e conchas. Nesse total, 190 (14,77%) correspondem aos líticos. Estes apresentaram a seguinte distribuição por grupos de idade e sexo:

Gráfico 13 - Distribuição quantitativa dos acompanhamentos funerários líticos entre os grupos de idade e sexo em Buracão (n sep= 43):

Os machados encontraram pouca expressividade como associações funerárias, embora tivessem sido registrados em contexto arqueológico. Foi encontrado uma pré-forma de machado no sepultamento 15, de adulto masculino. Os suportes/batedores eram pequenos e com marcas de uso em mais de uma face caracterizadas por "picotamentos" e alisamentos resultantes da ação de "amassar" ou "pulverizar" blocos de limonita e outros produtos (Prancha 3, a-f). As lascas (Prancha 2, a-f) representaram 83,15% dos líticos e apresentaram-se em maior quantidade entre os adultos masculinos e entre os adultos com sexo indeterminado. Na tabela abaixo foram apresentados itens métricos e de matéria-prima das lascas e demais líticos associados nos sepultamentos.

Tabela 14 - Características morfológicas dos líticos - lascas, batedores e pré-formas - associados nos sepultamentos de Buracão:

Características morfológicas dos líticos associados nos sepultamentos de Buracão									
Tipo	Matéria-prima	Nível sep (m)	comprimento	largura	espessura	Disposição	sep	sexo	idade
lasca	quartzito	2,17	59	31	18	-	7	-	A
lasca	quartzito	2,17	42	27	14	-	7	-	A
lasca	Quartzo hialino	2,17	30	30	3	-	7	-	A
lasca	Quartzo hialino	2,17	32	18	5	-	7	-	A
lasca	Quartzo hialino	2,17	32	15	4	-	7	-	A
Lasca c/ retoque	Quartzo hialino	2,17	19	17	6	-	7	-	A
lasca	Quartzo hialino	2,17	27	16	7	-	7	-	A
lasca	Quartzo hialino	2,17	18	16	3	-	7	-	A
lasca	Quartzo hialino	2,17	24	16	6	-	7	-	A
lasca	Quartzo hialino	2,17	20	16	11	-	7	-	A
lasca	Quartzo hialino	2,17	32	22	8	-	7	-	A
lasca	Quartzo hialino	2,17	28	28	12	-	7	-	A
lasca	Quartzo hialino	2,17	27	21	13	-	7	-	A
lasca	Quartzo hialino	2,17	53	23	16	-	7	-	A
lasca	Quartzo hialino	2,17	22	14	4	-	7	-	A
lasca	Quartzo hialino	2,17	20	17	4	-	7	-	A
lasca	Quartzo hialino	2,17	18	14	5	-	7	-	A
Lasca	quartzito	2,17	18	16	8	-	7	-	A
lasca	Quartzo hialino	2,17	38	28	2	-	7	-	A
lasca	Quartzo hialino	2,17	31	10	6	-	7	-	A
lasca	quartzito	3,40	29	19	8	-	8	M	A
lasca	quartzito	3,40	24	18	7	-	8	M	A
lasca	quartzito	3,40	25	18	12	-	8	M	A
lasca	quartzito	2,80	33	18	9	-	10	-	A
lasca	Quartzo hialino	2,80	33	18	8	-	10	-	A
lasca	quartzito	2,80	25	13	8	-	10	-	A
lasca	Rocha básica	4,03	51	46	13	MMII	16	M	A
batedor	quartzito	4,03	56	38	31	MMII	16	M	A
batedor	quartzito	3,16	71	45	33	Lado E crânio	19	M	A
Lasca c/ retoque	quartzito	3,16	54	45	12	-	19	M	A
batedor	quartzito	3,42	113	56	31	-	20	-	C
Batedor/moedor	Seixo de gnaiss	4,07	68	40	21	-	21	F	A
Batedor/polidor**	Seixo de gnaiss	4,07	80	66	25	-	21	F	A
lasca	quartzito	4,07	38	12	5	-	21	F	A
lasca	quartzito	4,07	19	16	8	-	21	F	A
lasca	quartzito	4,07	18	12	7	-	21	F	A
lasca	quartzito	4,07	15	11	4	-	21	F	A
lasca	Quartzo hialino	4,07	24	20	7	-	21	F	A
Batedor/polidor	Seixo de gnaiss	4,07	63	48	37	-	21	F	A
lasca	quartzito	4,07	41	31	15	-	21	F	A
lasca	quartzito	4,07	16	13	8	-	21	F	A
lasca	quartzito	4,07	17	9	5	-	21	F	A
lasca	quartzito	3,37	19	15	5	-	27	-	-
lasca	Quartzo hialino	3,57	18	17	4	-	28	-	C
lasca	Quartzo hialino	3,57	18	14	3	-	28	-	C
lasca	Quartzo hialino	3,55	26	20	5	-	29	-	C
lasca	Quartzo hialino	3,55	13	12	3	-	29	-	C
lasca	Quartzo hialino	3,55	27	17	6	-	29	-	C
lasca	Quartzo hialino	3,55	13	10	7	-	29	-	C
lasca	Quartzo hialino	3,55	20	11	2	-	29	-	C
lasca	Quartzo hialino	3,55	13	6	5	-	29	-	C
lasca	quartzito	3,73	56	21	12	-	31	-	C
lasca	quartzito	3,73	63	50	13	-	31	-	C
lasca	Quartzo hialino	3,06	31	26	11	Sob o crânio	32	M	A
lasca	Quartzo	3,06	27	22	8	Sob o crânio	32	M	A
lasca	Quartzo	3,06	27	25	21	Sob o crânio	32	M	A
lasca	Quartzo	3,06	27	13	12	Sob o crânio	32	M	A
lasca	Quartzo hialino	3,06	31	26	11	Sob o crânio	32	M	A
lasca	Quartzo hialino	3,06	32	23	15	Sob o crânio	32	M	A
lasca	Quartzo hialino	3,06	19	9	5	Sob o crânio	32	M	A
lasca	Quartzo	3,06	29	23	5	Sob o crânio	32	M	A
lasca	Quartzo	3,06	19	13	8	Sob o crânio	32	M	A
lasca	quartzito	3,43	34	33	-	-	33	M	A
lasca	quartzito	3,43	13	15	-	-	33	M	A
Lasca	Quartzo hialino	3,43	26	22	7	-	33	M	A
Lasca	Quartzo hialino	3,43	23	19	6	-	33	M	A
Lasca	Quartzo hialino	3,43	31	26	8	-	33	M	A
Lasca	quartzito	3,43	31	13	5	-	33	M	A
Lasca	quartzito	3,43	39	32	20	-	33	M	A
Lasca	quartzito	3,43	35	26	8	-	33	M	A
Lasca	quartzito	3,43	32	22	19	-	33	M	A
Lasca	quartzito	3,43	25	21	16	-	33	M	A
Lasca	quartzito	3,43	23	15	7	-	33	M	A
Lasca	quartzito	3,43	19	11	2	-	33	M	A
Lasca	quartzito	3,43	13	11	2	-	33	M	A

Lasca	quartzo	3,43	13	8	4	-	33	M	A
lasca	quartzo hialino	3,39	25	19	9	-	34	M	A
lasca	Quartzo hialino	3,39	13	10	5	-	34	M	A
lasca	Quartzo hialino	3,39	18	8	7	-	34	M	A
lasca	Quartzo hialino	3,42	29	14	8	-	35	-	C
lasca	Quartzo hialino	3,42	22	21	9	-	35	-	C
lasca	Quartzo hialino	3,33	18	14	4	-	36	-	C
lasca	Quartzo hialino	3,33	17	13	4	-	36	-	C
lasca	Quartzo hialino	3,33	22	20	15	-	36	-	C
Batedor/polidor	Seixo rocha básica	3,22	62	50	31	-	37	-	C
lasca	quartzo	3,22	20	9	2	-	37	-	C
Lítico modificado (pré-forma)	Rocha básica polida	3,22	92	27	26	-	37	-	C
Lítico modificado (pré-forma)	Rocha básica	3,22	82	31	28	-	37	-	C
lasca	Quartzo hialino	3,22	31	22	9	-	37	-	C
lasca	Quartzo hialino	3,22	32	31	25	-	37	-	C
lasca	quartzo	2,95	22	14	6	-	39	M	A
lasca	quartzo	2,95	25	14	5	-	39	M	A
lasca	quartzo	2,95	24	14	8	-	39	M	A
lasca	quartzo	2,95	16	13	4	-	39	M	A
lasca	quartzo	2,95	22	20	5	-	39	M	A
lasca	quartzo	2,95	28	20	7	-	39	M	A
lasca	quartzo	2,95	22	18	4	-	39	M	A
lasca	quartzo	2,95	29	24	4	-	39	M	A
lasca	quartzo	2,95	34	17	7	-	39	M	A
lasca	quartzo	2,95	33	29	11	-	39	M	A
lasca	quartzo	2,95	24	24	8	-	39	M	A
lasca	quartzo	2,95	34	31	15	-	39	M	A
lasca	quartzo	2,95	28	14	6	-	39	M	A
batedor	Rocha básica c/ uso	2,95	97	64	47	-	39	M	A
lasca	quartzo	2,95	34	31	15	-	39	M	A
lasca	quartzo	2,95	28	14	6	-	39	M	A
lasca	Quartzo hialino	2,95	53	39	10	-	39	M	A
lasca	Quartzo hialino	2,95	33	22	23	-	39	M	A
lasca	Quartzo hialino	2,95	33	22	7	-	39	M	A
lasca	Quartzo hialino	2,95	23	24	6	-	39	M	A
lasca	Quartzo hialino	2,95	31	20	11	-	39	M	A
lasca	Quartzo hialino	2,95	19	13	6	-	39	M	A
lasca	Quartzo hialino	2,95	25	15	8	-	39	M	A
lasca	Quartzo hialino	2,95	29	22	10	-	39	M	A
lasca	quartzito	2,95	36	19	4	-	39	M	A

O nível (metros acima do nível do mar) corresponde à cota média do sepultamento. Medidas máximas em milímetros. *=líticos não localizados; F= feminino, M= masculino, C= criança, **= com sinais de uso em 3 das 4 bordas laterais.

As lascas representaram 83,15% dos líticos em associação e foram confeccionadas em quartzo, quartzo hialino (cristal) e quartzito, alcançando o comprimento máximo de 63mm e largura máxima de 50mm. Os batedores, com comprimentos máximos menores que 113mm (média 76,25mm) e larguras máximas inferiores a 66mm, apresentaram sinais de polimento indicando usos para polir e moer ou amassar corante, confeccionados em seixos de gnaiss ou quartzito.

Os líticos não modificados - grandes blocos líticos - foram encontrados junto com 4 adultos masculinos, recobrindo os corpos nas covas (Fig. 1, A, D).

5.1.2 - Ossos de animais:

Os acompanhamentos funerários em osso de animal para as amostras estão quantificados nas tabelas 1,3, 4, 5, 6, 7 e 8. Dentro dos totais de acompanhamentos funerários, Piaçaguera apresentou 35 acompanhamentos em osso (1,65% do total de 2117 acompanhamentos), Tenório 1494 acompanhamentos em osso (55,27% do total de 2703 acompanhamentos), Mar Virado 181 acompanhamentos em osso (28,36% do total de acompanhamentos) e Buracão apresentou 326 acompanhamentos em osso (25,34% do total de 1286 acompanhamentos). Notamos que o grande número de acompanhamentos ósseos em Tenório e Buracão se deve ao número de raios de nadadeira de peixes ósseos agrupados e em associação nos sepultamentos.

Quantitativamente tivemos nas amostras o seguinte perfil entre os acompanhamentos em osso e os demais (líticos, dente e conchas):

Gráfico 14 - Distribuição quantitativa dos acompanhamentos funerários em osso nas amostras de Piaçaguera, Tenório, Mar Virado e Buracão:

As quantidades não estão relacionadas diretamente com as incidências por sepultamentos e não podem ser comparadas diretamente pois os sítios possuem números distintos de inumações.

5.1.2.1 - Ossos de animais no contexto funerário de Piaçaguera

Em Piaçaguera foram registrados 35 acompanhamentos funerários em ossos de animais de um total de 376, constituindo 236 artefatos e 140 "rejeitos" e não modificados (Garcia e Uchôa, 1980), distribuídos entre 13 sepultamentos expressando 1,65% do total de acompanhamentos (n=2116) de 56 esqueletos inumados em 44 sepultamentos. O total de artefatos provém de ossos de mamíferos¹⁹⁸, aves e peixes modificados em pontas, espátulas/goivas, esferas, tortuais e vértebras perfuradas de Chondrichthyes. Os "rejeitos" caracterizaram-se por epífises de ossos longos serradas, lascas e ossos cortados e provinham de peixes(77), mamíferos (60) e aves (3).

Os acompanhamentos funerários em osso de animais representaram 9,30% do total recuperado em Piaçaguera. As crianças concentraram a totalidade de vértebras perfuradas de peixes. Entre os acompanhamentos em osso foram registradas pontas simples em ossos de peixe ou mamífero, pontas em bisel, confeccionadas em osso de mamífero, vértebras perfuradas de pequeno seláquio (colar), goivas ou espátulas em osso de mamífero marinho (Fig. 22, B) e um osso de mamífero de forma esférica. A tabela abaixo apresenta as características ds mesmos por sexo e idade:

Tabela 15 - Distribuição dos acompanhamentos funerários em ossos de animais por sexo e idade em Piaçaguera:

Acompanhamentos funerários em ossos de animais - Piaçaguera							
Tipo	Matéria-prima	Nível sep (m)	Disposição	Sepultamento	Tipo de sepultamento	sexo	idade
Ponta em bisel	Ossos de mamífero	11,44	-	I	Duplo (c/LVII)	F	A
Ponta em bisel	Ossos de mamífero	11,78	-	VI	Simples	M	A
Esfera	Ossos timpânico de mamífero marinho	11,39	-	VIII	Duplo (c/XVI)	M	A
Ponta	Ossos de peixe	11,64	-	XI	Simples	M	A
Ponta	Ossos de peixe	11,47	-	XIV	Simples	M	A
Ponta em bisel	Ossos de mamífero	11,13	-	XIX	Simples	M	A
Ponta	Ossos de peixe	10,90	Entre L3 e L4	XXIV	Tripla (c/XXIII e XXV)	M	A
Ponta (fragmento)	Esporão de raia	10,47	-	XXX	Duplo (c/XXVIII)	-	C
Goiva (fragmento)	Ossos de mamífero marinho	10,21	Ossos dos pés	XXXI	Simples	M	A
Ponta	Ossos de peixe	10,54	-	XLVII	Duplo (c/XL)	-	C
23 vértebras perfuradas	Vértebras seláquio	10,44	Junto aos dentes	XLII	Tripla (c/XLIII e LXXII)	-	C
Goiva	Ossos de mamífero marinho	10,40	Sob o crânio	XLIV	Simples	M	A
Ponta	Ossos de peixe	10,54	-	XLVII	Simples	-	C

¹⁹⁸ Os mamíferos estão representados por 44,4% dos demais restos de animais em Piaçaguera (Garcia, 1972:48).

Gráfico 15 - Distribuição dos acompanhamentos funerários em osso por grupos de idades e sexo em Piaçaguera:

As pontas lanceoladas (Prancha 6, s,t) são recorrentes nos contextos funerários de Tenório e Buracão, muito embora com diferenças morfológicas.

Os acompanhamentos em osso foram registrados em 7 sepultamentos simples, 4 duplos e 2 triplos, distribuídos entre 9 adultos masculinos, 4 crianças e 1 adulto feminino. O predomínio de ossos de animais está entre os indivíduos masculinos.

Em geral, os artefatos ósseos de Piaçaguera caracterizaram-se pela presença de pontas polidas (simples, biterminadas) e lascadas e polidas (em bisel e lanceoladas), constituindo pontas de projéteis, como arpão, zagaia e outros; por espátulas ou goivas, esferas, tortuais e vértebras (adornos e utilitários). Foram confeccionadas em ossos de mamíferos (120), peixes (114) e aves (2).

As pontas de projétil associadas em sepultamentos representam 4,32% (de 208 pontas) do total de pontas recuperadas no sítio. Entre os outros tipos de acompanhamentos as espátulas ou goivas perfazem 12,5% (de 16 goivas) e as esferas 20% (de 5). As vértebras perfuradas de seláquios, em número de 23, estavam associadas a um sepultamento triplo, com uma criança (XLII/XLIII/LXXII).

As pontas lanceoladas (Prancha.6, s,t) diferem quanto às dimensões e forma das encontradas em Tenório e Buracão (Prancha 6, n, o-q).

5.1.2.2 - Ossos de animais no contexto funerário de Tenório

Entre o total de ossos de animais recuperados no contexto arqueológico de Tenório foram registrados 3050¹⁹⁹ artefatos - pontas simples, biterminadas, aparas, lanceoladas, vértebras perfuradas - e 33 fragmentos de pontas. Nesse total, 651 são pontas, sendo 372 simples e 279 biterminadas. As aparas, possíveis pontas biterminadas remodeladas ou novos tipos de artefatos, representam 245 unidades. O espinho de nadadeira de peixes ósseos foi a matéria prima que predominou entre as pontas simples (80,91%). As pontas biterminadas foram confeccionadas em sua maioria (60,21%) em lascas de ossos longos de mamíferos (Amenomori, 2005:89).

Nesse total, os acompanhamentos funerários em osso estão representados por 1494 itens (48,98%) distribuídos entre 20 sepultamentos (71,42%).

Gráfico 16 - Distribuição dos acompanhamentos funerários em osso (n=1494) por grupos de idades e sexo em Tenório:

¹⁹⁹ AMENOMORI, S N. Paisagem das Ilhas, as Ilhas da Paisagem: a ocupação dos grupos pescadores-coletores pré-históricos no litoral Norte do Estado de São Paulo. Tese (Doutorado). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, p.89, 2005.

Os acompanhamentos em osso foram registrados em 10 (50%) indivíduos masculinos, 7 (35%) femininos e 3(15%) adultos com sexo indeterminado. As carapaças dorsais de *Hydromedusa* sp e de quelônio marinho (*Chelone*) de médio porte (Prancha. 6, a) ocorreram associadas nos esqueletos de indivíduos femininos dos sepultamentos X, XIII e I (fragmento), dispostas sobre a região dos joelhos (Fig. 32, A) e nos sepultamentos de masculinos XVIII e XXIV, neste último sobre os joelhos do esqueleto (Tabela 4). Esse tipo de artefato não constitui cobertura das covas mas possíveis recipientes para coleta, de utilidade cotidiana. Abaixo as características dos acompanhamentos em osso dos sepultamentos de Tenório:

Tabela 16 - Características dos acompanhamentos funerários em ossos de animais em Tenório:

Acompanhamentos funerários em ossos de animais - Tenório									
Tipo	Matéria-prima	Nível (m)	comprimento	largura	Espessura	Disposição	Sep	sexo	idade
Fragmento modificado	não Carapaça de quelônio	1,78	79	64	60	Ao lado do crânio	I	F	A
Ponta biterminada	Osso de mamífero	1,89	44	5	-	-	II	M	A
Fragmento modificado	Osso de mamífero	2,22	170	88	20	-	V	M	A
ponta	Osso de mamífero	1,88	-	-	-	-	VII	F	A
Ponta lanceolada	Osso de mamífero	-	84	31	4	Lado E da pelve	VIII	-	-
Carapaça modificada	Carapaça (dorsal) de quelônio	-	280	300	8	Sobre joelhos	X	F	A
apara	Espinho de nadadeira de peixe	-	-	-	-	-	X	F	A
espinho	Espinho de nadadeira de peixe	1,79	-	-	-	-	XI	M	A
Osso modificado / perfurado	Crânio de bugio (calota)	-	87	62	2	Lado E das costelas	XIII	F	A
Osso modificado / perfurado	Crânio de bugio (calota)	-	90	60	2	Lado E das costelas	XIII	F	A
Fragmento modificado	Mandíbula de porco do mato	-	-	-	-	-	XIII	F	A
Ponta lanceolada	Osso de mamífero	-	55	26	4	-	XIII	F	A
Carapaça modificada	Carapaça (dorsal) de cágado	-	104	122	5	-	XIII	F	A
Ponta (fragmento)	Osso de ave	1,79	72	9	2	Sob a ulna D	XIV	M	A
Ponta biterminada	Osso de peixe	1,90	32	6	-	-	XV	M	A
Ponta biterminada	Osso de mamífero	1,90	34	5	-	-	XV	M	A
Ponta biterminada (fragmento)	Osso de peixe	1,90	35	5	-	-	XV	M	A
Ponta biterminada (fragmentada)	Osso de peixe	1,90	27	5	-	-	XV	M	A
Ponta biterminada (fragmentada)	Osso de peixe	1,90	34	4	-	-	XV	M	A
Ponta biterminada (fragmentada)	Osso de mamífero	1,90	34	6	-	-	XV	M	A
ponta	Espinho de nadadeira	1,90	35	3	-	-	XV	M	A
Ponta (fragmentada)	Espinho de nadadeira	1,90	17	3	-	-	XV	M	A
Ponta (fragmentada)	Espinho de nadadeira	1,90	21	3	-	-	XV	M	A
Osso não modificado (fragmentado)	Espinho de nadadeira	1,90	35	6	-	-	XV	M	A
Osso não modificado (fragmentado)	Espinho de nadadeira	1,90	18	4	-	-	XV	M	A
apara	Osso de ave	1,90	15	6	-	-	XV	M	A
1056 ossos não modificados	Espinhos de nadadeira de peixes ósseos	1,90	-	-	-	-	XV	M	A
Osso não modificado lasca	Mandíbula de paca	1,90	-	-	-	-	XV	M	A
	Osso de ave	1,90	47	6	-	-	XV	M	A

ponta		Osso de ave	-	-	-	-	Entre as costelas, com extremidade em vértebra dorsal	XVI	F	A
221 ossos não modificados		Espinhos de nadadeira de peixes ósseos	-	-	-	-	-	XVI	F	J
Ponta biterminada		Osso de peixe	1,78	-	-	-	-	XVI	F	J
Osso c/ocre	modificado	Espinho de nadadeira	2,15	58	11	-	-	I XVI	M	A
Osso c/ocre	modificado	Espinho de nadadeira	2,15	54	11	-	-	II XVI	M	A
Osso c/ocre	modificado	Espinho de nadadeira	2,15	51	9	-	-	II XVI	M	A
Osso modificado, cortado c/ocre		Osso de ave	2,15	66	10	-	-	II XVI	M	A
Osso modificado, cortado c/ocre		Osso de ave	2,15	58	10	-	-	II XVI	M	A
Osso modificado		Osso de ave	2,15	24	4	-	-	II XVI	M	A
Osso modificado, cortado c/ocre		Osso de ave	2,15	16	5	-	-	II XVI	M	A
Apara c/ocre		Osso de ave	2,15	27	6	-	-	II XVI	M	A
Apara c/ocre		Osso de ave	2,15	26	5	-	-	II XVI	M	A
Osso não modificado c/ocre		Osso de peixe	2,15	48	8	-	-	II XVI	M	A
Ponta c/ocre		Osso de peixe	2,15	54	10	-	-	II XVI	M	A
Osso c/ocre	modificado	Espinho de nadadeira peixe ósseo	2,15	51	10	-	-	II XVI	M	A
Osso c/ocre	modificado	Espinho de nadadeira peixe ósseo	2,15	47	10	-	-	II XVI	M	A
Osso c/ocre	modificado	Espinho de nadadeira peixe ósseo	2,15	52	9	-	-	II XVI	M	A
Osso c/ocre	modificado	Espinho de nadadeira peixe ósseo	2,15	35	6	-	-	II XVI	M	A
Osso c/ocre	modificado	Osso de ave	2,15	63	10	-	-	II XVI	M	A
Ponta biterminada (fragmento) c/ocre		Osso de mamífero	2,15	19	4	2	-	II XVI	M	A
2 ossos modificados c/ocre		Espinhos de nadadeira de peixe ósseo	2,15	47*	7*	3*	-	II XVI	M	A
Osso modificado c/ocre		Espinho de nadadeira de peixe ósseo	2,15	40	7	3	-	II XVI	M	A
22 ossos não modificados (fragmentos) c/ocre		Espinhos de nadadeiras de peixes ósseos	2,15	-	-	-	-	II XVI	M	A
Lasca c/ocre		Osso de ave	2,15	39	10	2	-	II XVI	M	A
106 ossos não modificados c/ocre		Espinhos de nadadeiras de peixes ósseos	2,15	-	-	-	-	II XVI	M	A
Osso não modificado c/ocre (fragmento)		Costela de mamífero marinho (bôto)	2,15	84	23	-	-	II XVI	M	A
Osso não modificado (2 fragmentos) c/ocre		Maxila de peixe ósseo	2,15	-	-	-	-	II XVI	M	A
Ponta lanceolada c/ocre		Osso de mamífero	2,15	84	32	4	-	II XVI	M	A
Osso não modificado (fragmentos)		Carapaça de quelônio	-	-	-	-	-	II XVI	M	A
Ponta biterminada		Espinho de nadadeira de peixe	1,48	27	5	2	-	II XIX	M(?)	A
Ponta biterminada (fragmento)		Osso de ave	1,48	18	5	2	-	II XIX	M(?)	A
Osso modificado, serrado		Osso de peixe	1,48	18	13	4	-	II XIX	M(?)	A
Vértebra perfurada		Vértebra de seláquio	-	118(d)	-	-	-	II XIX	M(?)	A
lasca		Osso de mamífero	-	-	-	-	-	II XIX	M(?)	A
Osso não modificado (fragmento)		Osso de mamífero marinho (baleia)	-	-	-	-	-	II XX	M	A
23 ossos não modificados		Espinhos de nadadeiras de peixes ósseos	-	57*	7*	2*	-	II XXI	-	C
Osso não modificado		Espinho de nadadeira de peixe	-	60	16	-	-	I XXI	-	C
Osso não modificado		Espinho de nadadeira de peixe	-	22	8	-	-	I XXI	-	C
Osso não modificado (fragmento)		Mandíbula de mamífero (paca), com molares	-	-	-	-	-	I XXI	-	C
Osso não modificado		Vértebra de mamífero marinho (bôto)	-	-	-	-	-	II XXI	F	-
Apara (fragmento)		Esporão de raia	-	26	6	3	-	II XXI	F	-
Osso modificado		Carapaça de quelônio (cágado)	-	270	200	-	Abaixo e a direita da pelve, junto aos joelhos	II XXI	M	A

Osso (fragmento)	Osso de mamífero marinho (baleia)	-	350	300	-	Região dos membros inferiores	XX V	M	A
Ponta biterminada	Osso de peixe	1,49	36	5	2	-	XX V	M	A

A= adulto, J= jovem, C= criança, M= masculino, F= feminino; comprimento, largura e espessuras máximos em milímetros; *= médias; d= diâmetro

Os artefatos ósseos de Tenório caracterizaram-se pela presença de pontas polidas simples e biterminadas (Prancha.6, c,d) e em bisel e lanceoladas (Prancha 6, n; Prancha 15. E), lascadas e polidas, constituindo pontas de projéteis, como arpão; por vértebras (adornos e utilitários). Entre as 26 pontas 8 foram confeccionadas em ossos de mamíferos, 6 em ave e 12 em espinhos de nadadeira de peixes ósseos.

Fragmentos e ossos de mamíferos marinhos (Prancha 6, r) foram registrados nos sepultamentos XVIII, XX e XXV, de indivíduos masculinos, adultos e no sepultamento XXIII, de adulto feminino. Constituem partes de costela e vértebra de bôto e fragmentos de vértebra e osso longo de baleia de pequeno porte. No sepultamento XXV, um fragmento de osso de baleia muito alterado (vértebra) recobria parte dos membros inferiores, possuindo função de estruturar a sepultura e proteger/posicionar o corpo (Fig. 7, A).

Uma significativa quantidade de ossos não modificados de peixes (Prancha. 15, d, f) foram encontrados formando concentrações de 1056 espinhos no sepultamento XV, de indivíduo masculino, adulto; 221 espinhos no XVI, feminino, jovem (Fig. 31, C); 128 espinhos no XVIII, masculino, adulto (Fig. 33, A, B) e 23 espinhos no sepultamento XXII, de criança. Esses agrupamentos de matéria-prima selecionada constituem bens funerários que, hipoteticamente, contém possível simbolismo voltado ao trabalho da confecção de pontas e aparas pelo morto, expressando sua atividade ou especialidade em vida (ou da família/clã) ou, ainda, oferenda inespecífica, representando carências que deveriam ter sido sanadas em vida ou a serem enfrentadas após a morte. O mesmo ocorre com as carapaças dorsais de quelônios, recipientes provavelmente empregados na coleta ou acondicionamento

de peixes e outros alimentos, retirados do contexto da vida cotidiana e inseridos no contexto funerário e em seu universo simbólico.

Marcas de uso nos itens em ossos de animais podem indicar a transposição contexto da vida cotidiana/contexto funerário simbólico.

5.1.2.3 - Ossos de animais no contexto funerário de Mar Virado

Em Mar Virado foram registrados 870 itens em osso no contexto arqueológico, incluindo pontas simples (317), biterminadas (53), em bisel (3), aparas (199), vértebras perfuradas (258), pontas em osso de ave e ferrão de raia (7) e 33 fragmentos de pontas (Amenomori, 2005). Nesse total, 181 (20,80%) correspondem aos acompanhamentos funerários em ossos, distribuídos em 24 (72,72%) dos 33 sepultamentos (Tabela 5).

Gráfico 17 - Distribuição dos acompanhamentos funerários em osso por grupos de idades e sexo em Mar Virado:

Os acompanhamentos funerários em ossos de animais caracterizam-se pelas vértebras perfuradas de seláquio (41,43%) e pelas pontas simples em espinho de peixe (29,83%). As pontas biterminadas e ossos com ou sem modificações representam juntos 28,74% dos itens funerários em osso. Pontas em bisel foram registradas em Mar Virado e em especial no sepultamento 23 (Prancha. 6, m).

A presença de ossos de mamíferos marinhos (baleia e boto), bem como de carapaças dorsais de quelônios marinhos com modificação ocorreram em 7 (21,21%) e 14 (42,42%) dos 33 sepultamentos, respectivamente (Tabela 6). Constituem deposições intencionais de vértebras, escápulas e porções de ossos chatos com caráter de cobertura/proteção dos corpos, como ocorreu nos sepultamentos 7, 23 e 33, especificamente. As carapaças associadas nessa amostra são de quelônios marinhos, do gênero *Chelone*. Carapaças muito espessas foram registradas nos sepultamentos XV e XX, representando espécies como a *Chelone mydas*, com carapaças dorsais alcançando cerca de 1m de comprimento ou de *Chelone imbricata*, de menor porte, com carapaças até cerca de 75cm de comprimento. Esses quelônios foram processados e as carapaças dorsais e plastos utilizados inteiros em partes desarticuladas. Não foram registradas carapaças processadas de quelônios dos gêneros *Hidromedusa*, *Hydraspis* ou de *Platemys*. A associação simultânea de carapaças de quelônio com osso de mamífero marinho foi observada no sepultamento 23.

5.1.2.4 - Ossos de animais no contexto funerário de Buracão

Buracão apresentou 326 itens funerários em ossos de animais, representando 25,34% de um total de 1286 acompanhamentos. A distribuição por sexo e grupos de idade segue no gráfico abaixo:

Gráfico 18 - Distribuição quantitativa dos acompanhamentos funerários em osso por grupos de idade e sexo em Buracão:

Os adultos femininos apresentaram maior concentração de itens funerários em osso (73,61%). Entre os 43 sepultamentos, 20 (46,51%) receberam acompanhamentos em osso de animal, modificado ou não modificado. Entre os 20 sepultamentos, 8 (40%) pertencem a indivíduos adultos, masculinos, 1 (5%) adulto feminino, 8(40%) a crianças e 3 (15%) aos adultos com sexo indeterminado. O sepultamento 21, de adulto feminino, concentrou 73,61% do número de acompanhamentos em osso de Buracão.

Abaixo características morfológicas de uma parcela dos acompanhamentos em osso de Buracão:

Tabela 17 - Características dos acompanhamentos funerários -excetuando-se os restos de ossos de fauna, não mensurados - em osso de Buracão:

Acompanhamentos funerários em ossos de animais - Buracão									
Tipo	Matéria-prima	Nível (m)	* comprimento	largura	Espessura	Disposição	Sep	sexo	idade
Osso modificado c/ corte	Osso longo de ave	4,254	22	7	6	Sob o corpo	4	M	A
Osso modificado c/ polimento e queima	Osso de peixe	4,254	14	4	-	-	4	M	A
Osso não modificado (fragmento)	Vértebra de peixe ósseo	4,254	6 (diâmetro)	-	-	-	4	M	A
Ponta (fragmento)	Osso de mamífero	4,254	16	6	2	-	4	M	A
Ponta (fragmento)	Osso de peixe	4,254	17	6	3	-	4	M	A
Ponta (fragmento)	Osso de mamífero	4,254	17	5	2	-	4	M	A
Ponta (fragmento)	Osso de peixe	4,254	18	6	2	-	4	M	A
Osso modificado (fragmento)	Espinho de nadadeira de peixe ósseo	4,254	19	5	4	Região do crânio	4	M	A
Ponta (fragmento)	Osso de peixe	4,254	35	5	3	-	4	M	A
Ponta biterminada	-	4,234	45	5	2	-	5	-	C
Ponta (fragmento)	Osso de mamífero	4,234	43	10	5	-	5	-	C
Osso modificado (cortado)	Osso de ave	4,234	23	10	4	-	5	-	C
Vértebra não modificada (fragmento)	peixe	4,041	22(diâmetro)	-	-	-	6	-	C
Osso modificado	Diáfise de osso longo de mamífero	2,174	52	14	7	-	7	-	A
Carapaça modificada	Quelônio de rio	2,174	-	-	-	-	7	-	-
Ponta (fragmento)	Osso de mamífero	2,804	26	4	2	-	10	-	A
Carapaça modificada	quelônio	3,514	-	-	-	-	13	-	A
Osso modificado	réptil	4,034	25	5	-	-	16	M	A
Ponta (fragmento)	Osso de peixe	4,034	22	7	3	-	16	M	A
Osso modificado, c/corte	Osso longo de ave	3,164	35	9	2	Região das costelas	19	M	A
Osso modificado c/corte	Espinho de nadadeira de peixe ósseo	3,164	14	15	-	Sobre as costelas	19	M	A
Ponta (fragmento)	osso	3,164	28	7	3	Sobre as costelas	19	M	A
Ponta (fragmento)	Osso de mamífero	3,164	36	6	3	Sobre as costelas	19	M	A
Ponta (fragmento)	osso	3,164	22	6	-	Sobre as costelas	19	M	A
Ponta	espinho de peixe	3,164	49	6	4	Sobre as costelas	19	M	A
Osso não modificado	Espinho de peixe	3,164	51	8	7	-	19	M	A
Osso modificado (afiador/polidor?)	Fragmento de osso de capivara	3,164	78	24	12	-	19	M	A
Ponta (fragmento)	Osso de mamífero	3,164	28	7	3	Sobre as costelas	19	M	A
Ponta (fragmento)	Osso de mamífero	3,164	36	6	3	Sobre as costelas	19	M	A
Ponta (fragmento)	Osso de mamífero	3,164	22	6	3	Sobre as costelas	19	M	A
Ponta simples (fragmento)	espinho de peixe	3,164	49	5	4	Sobre as costelas	19	M	A

Osso modificado (fragmento) ponta	não	Espinho de nadadeira de peixe ósseo	3,164	17	9	5	-	19	M	A
Ponta biterminada		Espinho de nadadeira de peixe ósseo	3,164	38	5	3	Sobre as costelas	19	M	A
Ponta biterminada		Osso de ave	3,164	34	7	3	Sobre as costelas	19	M	A
Ponta biterminada		Osso de mamífero	3,164	41	5	2	Sobre as costelas	19	M	A
Ponta biterminada		Osso de mamífero	3,164	49	8	4	Sobre as costelas	19	M	A
Ponta biterminada		Osso de mamífero	3,164	33	4	2	Sobre as costelas	19	M	A
Ponta lanceolada (fragmento)		Osso de mamífero	3,164	49	16	4	Sobre as costelas	19	M	A
Ponta (fragmento)		Osso de mamífero	3,164	43	5	2	Sobre as costelas	19	M	A
Osso modificado c/corte (fragmento)		Diáfise de osso longo de mamífero	3,164	83	18	10	-	19	M	A
Ponta (fragmento)		Osso de peixe	3,164	47	6	3	Sobre as costelas	19	M	A
Ponta (fragmento)		Osso de peixe	3,164	62	6	4	Sobre as costelas	19	M	A
Ponta (fragmento)		Osso de mamífero	3,164	39	6	4	Sobre as costelas	19	M	A
Vértebra perfurada		seláquio	3,424	10(diâmetro)	-	-	-	20	-	C
apara (fragmento)		Osso de peixe	4,064	76	8	7	-	21	F	A
Ponta biterminada (fragmento)		Osso de ave	4,064	37	5	1	-	21	F	A
Ponta (fragmento)		Osso de ave	4,064	46	5	3	-	21	F	A
Ponta biterminada (fragmento)		Osso	4,064	48	5	3	-	21	F	A
Ponta (fragmento)		Osso de ave	4,064	26	4	2	-	21	F	A
Ponta (fragmento)		Osso de ave	4,064	37	5	2	-	21	F	A
Ponta (fragmento)		Osso de peixe	4,064	41	5	3	-	21	F	A
Osso modificado c polimento (fragmento)		Osso de peixe	4,064	48	4	3	-	21	F	A
Ponta		Osso	4,064	48	4	3	-	21	F	A
Lasca modificada - esboço de ponta (fragmento)		Osso de mamífero	4,064	60	8	4	-	21	F	A
Ponta (fragmento)		Osso de ave	4,064	21	5	2	-	21	F	A
Osso modificado (fragmento)	não	Osso de peixe	4,064	35	7	6	-	21	F	A
Ponta (fragmento)		Osso de peixe	4,064	41	5	3	-	21	F	A
Ponta (fragmento)		Lasca de osso	4,064	26	3	2	-	21	F	A
Ponta (fragmento)		Osso	4,064	28	4	2	-	21	F	A
Ponta		Osso de ave	4,064	37	4	2	-	21	F	A
Ponta (fragmento)		Osso de peixe	4,064	27	4	2	-	21	F	A
Ponta (fragmento)		Osso de peixe	4,064	33	7	3	-	21	F	A
Ponta (fragmento)		Osso de ave	4,064	36	5	2	-	21	F	A
Ponta (fragmento)		Osso de ave	4,064	20	4	2	-	21	F	A
Ponta simples		Osso de peixe	4,064	38	5	3	-	21	F	A
Ponta (fragmento)		Osso de peixe	4,064	23	3	3	-	21	F	A
Ponta (fragmento)		Osso de peixe	4,064	38	5	3	-	21	F	A
Ponta (fragmento)		Osso de ave	4,064	25	4	2	-	21	F	A
Ponta (fragmento)		Osso	4,064	23	4	2	-	21	F	A
Ponta (fragmento)		Osso de ave	4,064	23	3	2	-	21	F	A
Osso modificado, serrado (fragmento)		Osso	4,064	13	4	2	-	21	F	A
lasca		Osso longo de ave	4,064	15	4	1	-	21	F	A
Ponta (fragmento)		Osso	4,064	8	3	3	-	21	F	A
Ponta		Osso de peixe	4,064	25	3	2	-	21	F	A
Ponta (fragmento)		Osso de peixe (raia)	4,064	30	5	4	-	21	F	A
Osso modificado		Espinho de peixe	4,064	20	5	3	-	21	F	A
Ponta (fragmento)		Osso de peixe	4,064	11	4	2	-	21	F	A
Ponta (fragmento)		Osso de mamífero	4,064	13	5	2	-	21	F	A
Ponta (fragmento)		Osso de peixe	4,064	11	4	2	-	21	F	A
Ponta (fragmento)		Osso de mamífero	4,064	13	5	2	-	21	F	A
Ponta (fragmento)		Osso de peixe	4,064	11	4	2	-	21	F	A
Ponta (fragmento)		Osso de mamífero	4,064	16	4	3	-	21	F	A
Lasca c/corte		Diáfise de osso longo de ave	4,064	16	6	2	-	21	F	A
Ponta (fragmento)		Osso	4,064	16	2	2	-	21	F	A
Ponta (fragmento)		Osso	4,064	13	3	2	-	21	F	A
Ponta (fragmento)		Osso de peixe	4,064	10	3	1	-	21	F	A
lasca		Osso	4,064	15	4	2	-	21	F	A
Ponta (fragmento)		Osso	4,064	7	4	1	-	21	F	A
Ponta (fragmento)		Osso de mamífero	4,064	10	4	1	-	21	F	A
Osso modificado, serrado (fragmento)		Osso	4,064	8	4	1	-	21	F	A
Ponta (fragmento)		Osso de mamífero	4,064	17	5	2	-	21	F	A
Ponta (fragmento)		Osso de ave	4,064	26	6	2	-	21	F	A
Ponta (fragmento)		Osso	4,064	18	4	2	-	21	F	A
Ponta (fragmento)		Osso de peixe	4,064	10	4	1	-	21	F	A
Lasca c/corte		Diáfise de osso longo de ave	4,064	19	4	2	-	21	F	A
Osso modificado c/corte		Diáfise de osso de ave	4,064	30	7	6	-	21	F	A
lasca		Osso de mamífero	4,064	17	7	2	-	21	F	A
Ponta (fragmento)		Osso de peixe	4,064	21	5	2	-	21	F	A

Ponta (fragmento)	Osso de ave	4,064	57	8	4	-	21	F	A
lasca	Osso de ave	4,064	30	5	2	-	21	F	A
Osso modificado	Carapaça dorsal de cágado	4,064	-	-	-	-	21	F	A
Goiva/ponta	Osso longo de ave	3,904	47	9	6	-	25	M	A
Ponta biterminada	Osso de mamífero	3,574	38	5	3	-	28	-	C
Ponta biterminada	Osso de mamífero	3,574	38	5	3	-	28	-	C
Osso modificado c/corte/serra (fragmento)	Mandíbula de mamífero (anta)	3,554	112	50	21	-	29	-	C
Ponta lanceolada (fragmento)	Mandíbula de mamífero (anta)	3,554	69	25	6	-	29	-	C
Ponta lanceolada (fragmento)	Mandíbula de mamífero (anta)	3,554	86	45	4	-	29	-	C
Ponta (fragmento)	Osso de mamífero	3,434	24	5	4	Região do crânio	30	-	C
Vértebra perfurada	seláquio	3,591	19(diâmetro)	-	-	-	31	-	C
Ponta (fragmento)	Osso de ave	3,591	72	10	5	-	31	-	C
Ponta (fragmento)	Osso	3,181	20	5	3	Entre costelas e vértebras	32	M	A
Ponta (fragmento)	Osso	3,181	18	5	2	Entre costelas e vértebras	32	M	A
Ponta (fragmento)	Osso	3,181	18	5	2	Entre costelas e vértebras	32	M	A
Ponta (fragmento)	Osso de mamífero	3,181	20	5	3	Entre costelas e vértebras	32	M	A
Ponta (fragmento)	Osso	3,181				Entre costelas e vértebras	32	M	A
Osso (fragmento)	Osso de mamífero (capivara?)	3,434	69	28	7	-	33	M	A
Ponta (fragmento)	Osso de peixe	3,434	32	4	4	-	33	M	A
Carapaça (fragmento)	Carapaça dorsal de quelônio marinho	3,424	89	44	27	-	35	-	C
Ponta (fragmento)	Osso de mamífero	3,224	38	9	4	-	37	-	C
Ponta (fragmento)	Osso de mamífero	3,224	34	10	4	-	37	-	C
Ponta biterminada	Osso de mamífero	3,224	40	5	2	-	37	-	C
Ponta (fragmento)	Osso de mamífero	3,074	33	8	4	-	38	-	C
Ponta biterminada	Osso de ave	2,954	35	5	2	-	39	M	A
Carapaça (fragmentos com queima)	quelonio	2,954					39	M	A

* = nível médio do sepultamento ou do crânio do esqueleto, A= adulto, C= criança, F= feminino, M= masculino, -= não observado, não mensurado

Tabela 18 - Classificação por espécies da matéria-prima dos acompanhamentos funerários, incluindo restos faunísticos sem sinais de modificação ou com queima:

Espécies de animais identificados nos Acompanhamentos funerários em ossos de animais - Buracão		
Espécie	Habitat sugerido	Tipos de modificações
Mactra alata	Ambiente marinho, praias	Uso como artefato de raspar, utensílio, adorno/utensílio, oferenda
Olivella sp	Ambiente arenoso, praia	Raspagem para perfuração do ápice, concentrações em contas de colar
Murex senegalensis	Ambiente marinho, praia	Uso inespecífico, anômalo, intrusão
Lucina pectinatus		Lascamento das bordas, uso como raspador, cortador; perfurada por raspagem na charneira, com sinais de queima e fragmentação
Sanguinolaria cruenta		Uso inespecífico (oferenda alimentar?)
Thais haemastoma	Rochas	Uso inespecífico, com sinais de queima e sem sinais de trabalho (oferenda/banquete?)
Astrea sp	Rochas, mar e rio	Uso inespecífico, com sinais de queima, ocre e fragmentação (oferenda/banquete?)
Strombus sp	Ambiente marinho	Uso como matéria-prima para confecção de adornos (pendentes)
Olivancillaria urdeus	Ambiente marinho	Uso inespecífico, com ocre, oferenda
Chlamys sp	Ambiente marinho, encostas rochosas	Uso como artefato de raspar ou cortar, com ocre, oferenda
Cymatium parthenopeum		Uso inespecífico - fragmentos
Strophocylus sp	Ambiente terrestre	Uso inespecífico, encontrados em fragmentos e com sinais de queima (oferenda/banquete?)
Iffigenia sp		Uso inespecífico, registrada em sepultamento
Callinectes sp	Entre rochas e ambiente arenoso ou com lodo, mar ou foz dos rios	Uso inespecífico, pinças com sinais de queima, resto de alimentação ou oferenda/banquete
Tivella sp		Uso inespecífico, sem modificação
Modiolos carvalhoi	Ambiente arenoso, mar	Uso inespecífico, com sinais de queima
Portunus sp(?)		Uso inespecífico, com sinais de queima
Cancer cancer	Entre rochas, ambiente marinho	Uso inespecífico, com sinais de queima (restos de alimentação)
Littorina angulifera		Uso inespecífico, sem modificação
Nassarius uibex		Uso inespecífico, sem modificação
Bagridae	Rio e mar	Uso alimentar/ para confecção de artefatos com os espinhos de nadadeira
Archosargus probatocephalus		Uso alimentar/ para confecção de artefatos

Cerdociontus(?)	Ambiente terrestre	Uso inespecífico, mandíbula associada a sepultamento
Dasiprocta aguti	Ambiente terrestre	Uso inespecífico, mandíbula associada a sepultamento
Progyon		Mandíbula em associação
Dicotyles-Porco do mato	Ambiente terrestre	Uso na alimentação, artefatos e oferenda
Nasua narica	Ambiente terrestre	Esqueleto completo jovem em associação- animal doméstico/ofereida funerária sob os pés
Cuniculus paca jacaré	Ambiente terrestre	Uso na alimentação, artefatos, uso das mandíbulas
Macaco		Uso inespecífico, utilização dos dentes
Sotalia sp(?)	Ambiente marinho	Uso inespecífico, utilização dos dentes como adornos
Tapirus americanus aves	Ambiente terrestre	Ocorrência isolada de dente em associação
		Uso alimentar(?), mandíbulas para confecção de pontas lanceoladas, oferenda enquanto utensílio
		Uso como alimentação e utensílios - pontas de osso, aparas, goivas, furadores, animal doméstico e/ou de oferenda.
Belone/Tylosurus	Ambiente marinho	Uso inespecífico, presença de maxila
Trichiurus lepturus	Ambiente marinho	Uso inespecífico, presença de maxila
Micropogon sp	Ambiente marinho	Uso inespecífico, resto de alimentação intrusivo nas covas/ oferenda?
tatú	Ambiente terrestre	Uso inespecífico, fragmento de casco em associação
Chelone sp	Ambiente marinho	Uso inespecífico, como utensílio? e alimentação, com sinais de queima
Hydromedusa sp	Ambiente de rio	Uso como artefato da carapaça dorsal, associado junto dos joelhos, recipiente utilitário

A quantidade geral de artefatos e rejeitos - material descartado que foi utilizado para a confecção de artefatos, sem utilidade - em osso de mamífero, peixe, ave e répteis, incluindo acompanhamentos funerários, segue abaixo:

Tabela 19 - Informações gerais sobre os tipos , técnicas de confecção, utilização e matéria-prima dos artefatos e "rejeitos" encontrados em Buracão, incluindo os acompanhamentos funerários:

Artefatos e rejeitos em osso - Buracão, SP											Totais por categoria	
Categoria	Técnica	Utilização	Matéria prima mamíferos		peixes		aves		répteis			
			No.	%	No.	%	No.	%	No.	%	No.	%
Ponta biterminada	Polimento	Projétil	150	80,21	69	65,72	27	57,45	-	-	246	
Ponta em bisel	Polimento	Projétil(?)	4	2,14	1	0,95	13	27,66	-	-	18	
Ponta lanceolada	Polimento	Projétil(?)	15	8,02	-	-	-	-	-	-	15	
Ponta (diversas)	Polimento	Projétil	8	4,28	7	6,67	-	-	-	-	15	
Vértebras	Perfuração	Adorno	-	-	23	21,90	-	-	-	-	23	
Fragmentos ósseos com sinais de trabalho	Polimento	-	10	5,35	5	4,76	7	14,89	-	-	22	
Total			187	100,00	105	100,00	47	100,00	-	-	339	78,47
Epífises	Serradas	-	14	18,42	-	-	-	-	1	50,00	15	
Diáfises	Serradas	-	19	25,00	1	20,00	7	70,00	1	50,00	28	
Lascas	Serradas	-	43	56,58	4	80,00	3	30,00	-	-	50	
Total			76	100,00	5	100,00	10	100,00	2	100,00	93	21,53
Totais %			55,16		30,97		13,86		0,01		432	100,00

Tabela: autor e Silvia Matta, 03/1978 e 12-7-2003.

Os acompanhamentos em ossos caracterizam-se pela presença de pontas (Prancha 6, e-k, o-q) simples, biterminadas e lanceoladas (27,60%) e por fragmentos ósseos (Prancha 6, u, p, y3) com ou sem modificação (72,08%). Nesse caso, os restos de ossos incluem remanescentes de fauna com sinais de queima, indícios de atividades de processamento de alimentos. As carapaças de quelônio modificadas ou fragmentos foram registradas em

11,62% dos sepultamentos de Buracão (Prancha 6, I; Fig35, B) . Esqueletos de animais foram encontrados em associação funerária com 2 indivíduos masculinos, 1 feminino, 1 criança e 1 com sexo indeterminado (Tabela 8). Esses esqueletos de animais como o quati (*Nasua narica*), aves e um anfíbio de médio porte podem indicar elementos na prática funerária de sacrifício de animais pertencentes ao falecido (Bement, 1994:52-53) ou mesmo oferendas alimentares e com outros significados. Oferendas constituindo agrupamentos, com ocre, foram evidenciadas (Fig. 35, A, C)

5.1.3 - Dentes de animais

Itens funerários em dentes de animais para as amostras estão quantificados nas tabelas 1, 3, 5 e 7. Dentro dos totais de acompanhamentos funerários, Piaçaguera apresentou 902 acompanhamentos em dente de animal (42,60% do total de 2117 acompanhamentos), Tenório 190 (7,02% do total de 2703 acompanhamentos), Mar Virado 169 (26,44% do total de 639 acompanhamentos) e Buracão apresentou 335 acompanhamentos em dentes de animais (26,04% do total de 1286 acompanhamentos). Quantitativamente tivemos nas amostras o seguinte perfil entre os acompanhamentos em dentes de animais e os demais (líticos, ósseos e conchas):

Gráfico 19 - Distribuição quantitativa dos acompanhamentos funerários em dentes de animais em relação aos demais por grupos de idade e sexo nas amostras de Piaçaguera, Tenório, Mar Virado e Buracão:

As quantidades não estão relacionadas diretamente com as incidências por sepultamentos e não podem ser comparadas diretamente pois os sítios possuem números distintos de inumações. Entretanto, considerando que Tenório possui 28 inumações e Mar Virado 33, o número de dentes de animais associados em contexto funerário entre estes sítios é similar ou aproximado.

5.1.3.1 - Os dentes de animais no contexto funerário de Piaçaguera

Piaçaguera apresentou 902 itens funerários em dentes de animais, representando 42,60% de um total de 2117 acompanhamentos. A distribuição por sexo e grupos de idade segue no gráfico abaixo:

Gráfico 20 - Distribuição quantitativa dos acompanhamentos funerários em dentes por grupos de idade e sexo em Piaçaguera:

As crianças apresentaram maior concentração de dentes de animais (52,32%). Entre os 44 sepultamentos estudados²⁰⁰, 27 (61,36%) receberam acompanhamentos em dentes de

²⁰⁰ O número total de inumações em Piaçaguera alcançou 77 indivíduos, numerados individualmente. Entretanto, sepulturas com mais de um indivíduo reduziram esse número para 62 sepultamentos. Os sepultamentos com registros precisos dos acompanhamentos funerários são 44.

animais, modificados ou não. Entre esses 27 sepultamentos, incluindo os duplos e triplos, apresentaram acompanhamentos em dentes 15 indivíduos adultos masculinos, 6 adultos femininos e 13 crianças (Fig.24, D; 28, A, B, Fig. 29, A, C) . Abaixo características morfológicas de uma parcela dos acompanhamentos em dentes de animais de Piaçaguera:

Gráfico 21 - Distribuição numérica dos dentes de animais por tipo de modificação, Piaçaguera:

Os dentes de seláquio sem modificação, isto é, sem sinais de trabalho ou uso prevaleceram na amostra, representando 63,63% do total. Os dentes não modificados de seláquios apareceram em maior quantidade entre as crianças (229), adultos femininos (195) e adultos masculinos(150). Os dentes de seláquios modificados apresentaram maiores quantidades entre as crianças (6), seguidas dos adultos masculinos(6) e femininos(1). A distribuição por sexo e idade dos dentes de seláquio segue no gráfico abaixo:

Tabela 20 - Distribuições quantitativas dos dentes de seláquios, mamíferos e répteis por tipo de tratamento e grupos de idade e sexo em Piaçaguera:

Acompanhamentos funerários em dentes de animais - Piaçaguera				
categorias	Adultos		Crianças	Totais
	feminino	masculino		
Dentes não modificados de seláquios	195	150	229	574
Dentes trabalhados/modificados de seláquios	1	5	6	12
Dentes trabalhados/modificados e perfurados de seláquios	6	15	12	33
Dentes perfurados de seláquios	13	16	14	43
Dentes não modificados de mamíferos	4	1	-	5
Dentes trabalhados/modificados de mamíferos	-	3	2	5
Dentes trabalhados/modificados e perfurados de mamíferos	3	2	2	7
Dentes perfurados de mamíferos	1	9	207	217
Dentes perfurados de réptil	-	-	6	6
Totais	223	201	478	902

Modificação e trabalho = corte, abrasão da base de fixação ou da raiz, sinal de uso no ápice da coroa; perfuração= tipo de modificação que aqui foi considerada separadamente de modificação/trabalho.

Os dentes com alguma forma de modificação, incluindo perfurações representam 35,80% do total de dentes. Abaixo as espécies de animais com dentes em associação nos sepultamentos de Piaçaguera:

Tabela 21 - Acompanhamentos em dentes de animais(n=902): matéria-prima e tipo de modificação por sepultamento em Piaçaguera:

Acompanhamentos funerários em dentes de animais por matéria-prima e tratamento, Piaçaguera	espécies	Nº	Sepultamento	Disposição	sexo	idade
Não modificado; perfurado; trabalhado e perfurado; com sinais de uso,	Prionace sp, Odontaspis taurus, Sphyrna diplana, Alouatta sp, Sotalia sp, Hydrochoerus hydrochoerus,	92	I, (LVII)	Vértebras cervicais	F	A
Perfurados; trabalhados e perfurados	Alouatta sp, Hydrochoerus hydrochoerus	9	III	Junto ao crânio	M	A
Trabalhado e perfurado; trabalhado, perfurado e com sinais de uso	Prionace sp,	2	V	Vértebras cervicais	M	A
Perfurados	Prionace sp	3	VI	-	M	A
Perfurado; trabalhado e perfurado	Carcharodon sp, Prionace sp	4	VIII, (XVI)	Região das cervicais	M	A
Perfurado	Alouatta sp(?)	1	IX	-	F	A
Não modificado (com uso?)	Cuniculus paca	1	XI	Região escapular/crânio	M	A
Perfurado; trabalhado e perfurado	Prionace sp, Carcharodon sp	4	XIX	-	M	A
Perfurado; trabalhado e com sinal de uso	Prionace sp	2	XX	Abaixo do crânio	-	C
Perfurado e com possível sinal de uso; com sinais de uso	Alouatta sp, Tayassu sp	2	XXII	-	M	A
Trabalhado e perfurado, perfurados	Prionace glauca, Alouatta sp, Galeocerdo cuvier	6	XXIII, XXIV, (XXV)	Sob mandíbula, entre vértebras lombares	F, M	A, A
Não modificados; trabalhado e perfurado	Prionace sp, Carcharodon sp	26	XXVI, (LXV)	Sob mandíbula	F	A
Perfurados; com sinais de uso e perfurado	Alouatta sp, Galeocerdo cuvier	136	XXVII	-	F	A
Perfurado e com sinais de uso; trabalhados; perfurados; trabalhados e perfurados	Alouatta sp, Prionace sp, Galeocerdo cuvier, Caiman sp, Hydrochoerus hydrochoerus, Prionace sp, Carcharodon sp	53	XXVIII, XXX	Região escapular/cervical/crânio	M, -	A, C
Trabalhado e perfurado	Carcharodon sp	1	XXIX	-	-	C
Trabalhado e perfurado; não modificados	Carcharodon carcharias, Prionace sp	4	XXXIII, (XXXII, XXXIV)	Região cervical	-	C
Trabalhado e perfurado; perfurado; com desgaste no ápice da coroa; não modificados	Galeocerdo cuvier, Carcharodon carcharias, Prionace glauca; Hydrochoerus hydrochoerus	58	XXXV, XXXVI	Sobre as costelas, região cervical, sob a mandíbula, mãos D e E (braços)	-, M	C, A
Trabalhado e perfurado	Alouatta sp(?)	1	XXXVII	-	-	C
Trabalhado e perfurado	Carcharodon carcharias	1	XXXVIII	Região cervical	M	A
Não modificados; trabalhado e perfurado; com desgaste no ápice da coroa	Galeocerdo cuvier, Sphyrna diplana, Carcharodon carcharias, Prionace sp	82	XL, XLVII	Região cervical, lados D e E do corpo (MMII)	-, -	C, C
Não modificados; perfurado	Galeocerdo cuvier, Carcharodon carcharias, Sphyrna diplana, Alouatta sp, Nasua narica, Tayassu sp	103	XLII, XLIII	Região cervical	-, -	C, C
Não modificados; com sinal de desgaste na ponta; perfurado; perfurado e com sinal de uso; trabalhado ou com sinais de uso	Galeocerdo cuvier, Prionace sp, Hydrochoerus hydrochoerus	118	XLIV	Sobre as costelas, junto extremidade da clavícula	M	A
Perfurados; trabalhados e perfurados; perfurado e com sinal de uso no ápice;	Galeocerdo cuvier, Prionace sp; Sphyrna diplana	11	XLV, XLVI	Região cervical, sob mandíbula	-, M	C, A
Não modificados; com sinais de uso na ponta	Galeocerdo cuvier, Prionace sp	40	XLVII	Lado D do corpo, lado E do corpo, sobre as costelas	-	C
Trabalhado e perfurado; com sinais de trabalho ou uso	Galeocerdo cuvier, Hydrochoerus hydrochoerus	2	XLVIII	Região cervical	M	A
Perfurado e seccionado longitudinalmente (fragmentado)	Carcharodon carcharias	1	L	-	M	A
Com desgaste na ponta/uso; não modificados,	Prionace sp, Sphyrna diplana	42	LI, (LII)	-	-	C
Não modificados; trabalhado e perfurado	Galeocerdo cuvier, Prionace sp, Carcharodon carcharias	97	LIII	Junto aos ossos dos braços e mãos, região cervical	F	A

F= feminino, M= masculino, A= adulto, C= criança, -= dado indeterminado

Os dentes de *Hydrochoerus hydrochoerus* (capivara), possivelmente empregados como utensílios para raspar ou perfurar (Prancha 7, a-e; Fig. 22, A; Fig. 26, A; Fig. 30, C) incidiram em 6 sepultamentos (3 de indivíduos adultos masculinos, 1 de adulto feminino e 2 crianças). Os dentes de *Allouata* sp (bugio) incidiram em 9 sepultamentos (.Prancha 7, o-q), os de *Tayassu* sp (cateto, Prancha 7, f) em 2, os de *Caiman* em 1 (Prancha 7, m), de *Nasua narica* (coati) em 1 e de *Cuniculus paca* em 1. Os dentes de bugio e outros mamíferos são empregados na confecção de adornos de pescoço (Prancha 8, a). A incidência maior ocorre em relação aos dentes de seláquios (Fig. 22, C; Fig. 23, A-C; Fig. 24, A,B, D; Fig. 25, A, B; Fig. 26, A, sep. XXVI; Fig. 28, A; Fig. 29, A, C), registrada em 23 sepultamentos (85,18%).

5.1.3.2 - Os dentes de animais no contexto funerário de Tenório

Em Ténório foram registrados 190 acompanhamentos funerários em dentes de animais, representando 7,02% de um total de 2703 acompanhamentos (Tabela 3). A distribuição por sexo e grupos de idade segue no gráfico abaixo:

Gráfico 22 - Distribuição quantitativa dos acompanhamentos funerários em dentes por grupos de idade e sexo em Tenório:

Os adultos masculinos concentram a maior quantidade de dentes de animais (57,36%). Entre os 28 sepultamentos estudados²⁰¹, 11 (39,28%) receberam acompanhamentos em dentes de animais, modificados ou não. Entre esses 11 sepultamentos, apresentaram acompanhamentos em dentes 5 indivíduos adultos masculinos, 5 adultos femininos e 1 criança.

Abaixo características morfológicas de uma parcela dos acompanhamentos em dentes de animais de Tenório:

Gráfico 23 - Distribuição numérica dos dentes de animais por tipo de modificação, Tenório:

Os dentes de seláquio sem modificação, isto é, sem sinais de trabalho ou uso prevaleceram na amostra, representando 55,78% do total. Os dentes não modificados de seláquios apareceram em maior quantidade entre os adultos masculinos (91) e adultos femininos (15), não sendo registrados com crianças. Os dentes de seláquios modificados, trabalhados e perfurados e somente perfurados, apresentaram pouca expressão na amostra, contando com 18 dentes. Dentes de peixe (*Lutjanus* sp) foram encontrados em associação

com indivíduo adulto feminino. A distribuição por sexo e idade dos dentes de animais segue abaixo:

Tabela 22 - Distribuições quantitativas dos dentes de seláquios, mamíferos e répteis por tipo de tratamento e grupos de idade e sexo em Tenório:

Acompanhamentos funerários em dentes de animais - Tenório				
categorias	Adultos		Crianças	Totais
	feminino	masculino		
Dentes não modificados de seláquios	15	91	-	106
Dentes trabalhados/modificados de seláquios	2	1	-	3
Dentes trabalhados/modificados e perfurados de seláquios	1	10	-	11
Dentes perfurados de seláquios	3	1	-	4
Dentes não modificados de mamíferos	27	1	-	28
Dentes trabalhados/modificados de mamíferos	-	1	2	3
Dentes trabalhados/modificados e perfurados de mamíferos	10	-	-	10
Dentes perfurados de mamíferos	12	4	4	20
Dentes perfurados de peixe	5	-	-	5
Totais	75	109	6	190

Modificação e trabalho = corte, abrasão da base de fixação ou da raiz, sinal de uso no ápice da coroa; perfuração= tipo de modificação que aqui foi considerada separadamente de modificação/trabalho.

Os dentes com alguma forma de modificação, incluindo perfurações representam 25,96% do total de dentes. Abaixo as espécies de animais com dentes em associação nos sepultamentos de Tenório:

Tabela 23 - Acompanhamentos em dentes de animais(n=190): matéria-prima e tipo de modificação por sepultamento em Tenório:

Acompanhamentos funerários em dentes de animais por matéria-prima e tratamento, Tenório						
modificações	espécies	Nº	Sepultamento	Disposição	Sexo	idade
Não modificado	Cuniculus paca	1	IV	-	M	A
Perfurados	(Carnívoro)	4	V	Próximos ao úmero D	M	A
Perfurados; com sinais de desgaste na ponta; não modificado	Alouatta sp, Lutjanus sp(?), Pontoporia sp, Cavia sp; (seláquio);	50	VI	6 de bugio sobre a pelve, 4 de caranha sobre as costelas à D	F	A
Com sinais de trabalho; perfurado	(seláquio), (carnívoro)	2	VII	-	F	A
Perfurados	(carnívoro)	4	IX	-	-	C
Perfurados e com desgaste na ponta, perfurado	Alouatta sp	11	X	-	F	A
Perfurado e seccionado longitudinalmente; perfurado	(seláquio)	4	XIII	-	F	A
Trabalhado ; seccionado longitudinalmente	Galeocerdo cuvier, Hydrochoerus hydrochoerus	2	XV	-	M	A
Trabalhados, com ocre; perfurados, com ocre; perfurados e trabalhados, com ocre; não modificados, com ocre	(seláquio), Galeocerdo cuvier	98	XVIII	-	M	A
Com possíveis sinais de uso na ponta	Cuniculus paca	2	XXII	-	-	C
Não modificados (utilizados)	Pontoporia sp	3	XXIII	-	F	A
Perfuração dupla e trabalhados; perfuração dupla, trabalhado e com sinais de uso na ponta; perfuração tripla; perfuração tripla e trabalho (adorno-instrumento)	(seláquio)	9	XXIV	Na região do crânio, próximos ao gnation	M	A

F= feminino, M= masculino, A= adulto, C= criança, -= dado indeterminado

²⁰¹ O sepultamento XXIX não foi considerado na amostra por não possuir registros sobre seu contexto de campo, especialmente sobre os acompanhamentos funerários. Trata-se de restos esparsos.

Os dentes de *Allouata* sp (.7 Prancha, h-l, r; Fig. 32, B) incidiram em 2 sepultamentos; de *Pontoporia* sp (Prancha 7, n) em 2; de *Cavia* sp em 1; de *Hydrochoerus* sp em 1, de *Cuniculus* paca em 2; de *Lupjanus* sp e *Cavia* sp em 1. A incidência maior ocorre em relação aos dentes de seláquios, registrada em 6 sepultamentos (50%).

5.1.3.3 - Os dentes de animais no contexto funerário de Mar Virado

Os sepultamentos de Mar Virado apresentaram 169 acompanhamentos funerários em dentes de animais, representando 26,44% do total de acompanhamentos (Tabela 5). A distribuição por sexo e grupos de idade segue no gráfico abaixo:

Gráfico 24 - Distribuição quantitativa dos acompanhamentos funerários em dentes por grupos de idade e sexo em Mar Virado:

Os adultos masculinos concentram a maior quantidade de dentes de animais (56,80%). Entre os 33 sepultamentos estudados, 23 (69,69%) receberam acompanhamentos em dentes de animais, modificados ou não. Entre esses sepultamentos estão 14 indivíduos adultos masculinos, 7 adultos femininos e 2 adultos com sexo indeterminado.

Abaixo características morfológicas de uma parcela dos acompanhamentos em dentes de animais de Mar Virado:

Gráfico 25 - Distribuição numérica dos dentes de animais por tipo de modificação, Mar Virado:

Os dentes de seláquio sem modificação, isto é, sem sinais de trabalho ou uso prevaleceram na amostra, representando 69,82% do total. Os dentes não modificados de seláquios apareceram em quantidades equivalentes entre adultos masculinos (64) e femininos(51), não sendo registrados entre as crianças. Os dentes de seláquios modificados e modificados e/ou perfurados contaram com uma representação de 27,81%. Não foram encontrados dentes de répteis ou peixes ósseos em associação funerária.

Tabela 24 - Distribuições quantitativas dos dentes de seláquios e mamíferos por tipo de tratamento e grupos de idade e sexo em Mar Virado:

Acompanhamentos funerários em dentes de animais - Mar Virado				
categorias	Adultos			Totais
	feminino	masculino	indeterminado	
Dentes não modificados de seláquios	51	64	3	118
Dentes trabalhados/modificados de seláquios	7	6	7	20
Dentes trabalhados/modificados e perfurados de seláquios	-	9	-	9
Dentes perfurados de seláquios	3	14	1	18
Dentes não modificados de mamíferos	-	2	-	2
Dentes trabalhados/modificados de mamíferos	-	-	-	-
Dentes trabalhados/modificados e perfurados de mamíferos	-	-	-	-
Dentes perfurados de mamíferos	-	1	1	2
Totais	61	96	12	169

Modificação e trabalho = corte, abrasão da base de fixação ou da raiz, sinal de uso no ápice da coroa; perfuração= tipo de modificação que aqui foi considerada separadamente de modificação/trabalho.

Os dentes com alguma forma de modificação, incluindo perfurações representam 28,99% do total de dentes. Dentes de mamíferos representam 2,36% dos dentes em

associação funerária, denotando a preferência por dentes de seláquios (97,64%). Abaixo as espécies de animais com dentes em associação nos sepultamentos de Mar Virado:

Tabela 25 - Acompanhamentos em dentes de animais(n=168): matéria-prima e tipo de modificação por sepultamento em Mar Virado:

Acompanhamentos funerários em dentes de animais por matéria-prima e tratamento, Mar Virado						
modificações	espécies	Nº	Sepultamento	Disposição	sexo	idade
1 perfurado	Charcarodon carcharias	1	2	Costelas lado E	M	A
1 com polimento nas laterais da coroa (queimado)	Prionace sp	1	3	-	F	A
1 perfurado; 1 não modificado; 1 com perfuração dupla; 2 trabalhados	(seláquio), Carcharodon carcharias, Odontaspis taurus	5	4	-	F	A
1 não modificado	Odontaspis taurus	1	5	-	M	A
1 não modificado	Sotalia sp	1	6	-	M	A
1 trabalhado	Prionace glauca	1	8	-	F	A
1 trabalhado; 50 não modificados	(seláquio)	51	11	-	F	A
1 não modificado	Odontaspis taurus	1	12	-	M	A
1 trabalhado; 1 perfurado	(seláquio)	2	13	-	F	A
1 trabalhado; 1 queimado e fragmentado	Odontaspis taurus, Galeocerdo cuvier	2	14	-	M	A
9 perfurados (colar); 23 não modificados	Prionace glauca, (seláquio)	32	15	Região das cervicais	M	A
8 trabalhados e com perfuração simples e tripla (adorno, utensílio?); 1 trabalhado; 1 perfurado (mamífero)	Alouatta sp, Prionace glauca, Odontaspis taurus	10	16	Região das cervicais	M	A
3 perfurados	Prionace glauca	3	17	-	M	A
1 com perfuração dupla (queimado)	Galeocerdo cuvier (?)	1	18	-	M	A
1 trabalhado	(seláquio)	1	19	-	-	A
24 não modificados	(seláquio)	24	20	Sobre crânio de criança, na pelve MMII	M	A
1 perfurado	Nasua narica	1	22	Em conjunto de artefatos	-	A
6 trabalhados; 3 não modificados; 1 perfurado	Odontaspis taurus, (seláquio)	10	23	Na altura do crânio	-	A
1 modificado (ou com sinais de uso)	Tayassu sp	1	24	Região cervical	M	A
1 trabalhado; 1 perfurado; 14 não modificados	(seláquio)	16	27	-	M	A
1 não modificado	(seláquio)	1	28	Próximo do parietal	M	A
1 não modificado	(seláquio)	1	29	Diáfise da fíbula E	M	A
1 trabalhado	(seláquio)	1	30	-	F	A

F= feminino, M= masculino, A= adulto, C= criança, -= dado indeterminado

Os dentes de mamíferos como os de Alouatta sp (bugio), Sotalia sp (boto), Tayassu sp (cateto) e Nasua narica (coati) representaram .

5.1.3.4 - Os dentes de animais no contexto funerário de Buracão

Buracão apresentou 335 acompanhamentos funerários em dentes de animais, representando 26,11% do total de acompanhamentos (Tabela 7). A distribuição por sexo e grupos de idade segue no gráfico abaixo:

Gráfico 26 - Distribuição quantitativa dos acompanhamentos funerários em dentes por grupos de idade e sexo em Buracão:

Os adultos masculinos concentram a maior quantidade de dentes de animais (55,52%). Entre os 43 sepultamentos estudados, 18 (41,86%) receberam acompanhamentos em dentes de animais, modificados ou não. Entre esses sepultamentos estão 6 indivíduos adultos masculinos, 1 feminino, 9 crianças e 2 adultos com sexo indeterminado.

Abaixo características morfológicas de uma parcela dos acompanhamentos em dentes de animais de Buracão:

Gráfico 27 - Distribuição numérica dos dentes de animais por tipo de modificação, Buracão:

Os dentes de seláquio sem modificação, isto é, sem sinais de trabalho ou uso prevaleceram na amostra, representando 90,44% do total. Os dentes não modificados de seláquios apareceram entre adultos masculinos (176), femininos (72) e crianças (51). Os dentes de seláquios modificados e modificados e/ou perfurados contaram com uma representação de 5,97%. Foram registrados dentes não modificados de réptil (Caiman sp).

Tabela 26 - Distribuições quantitativas dos dentes de seláquios e mamíferos por tipo de tratamento e grupos de idade e sexo em Buracão:

Acompanhamentos funerários em dentes de animais - Buracão					
categorias	Adultos				Totais
	feminino	masculino	criança	Indeterminado	
Dentes não modificados de seláquios	72	176	51	4	303
Dentes trabalhados/modificados de seláquios	2	-	1	-	3
Dentes trabalhados/modificados e perfurados de seláquios	-	1	-	-	1
Dentes perfurados de seláquios	-	2	14	-	16
Dentes não modificados de mamíferos	-	6	-	-	6
Dentes trabalhados/modificados de mamíferos	-	-	-	-	-
Dentes trabalhados/modificados e perfurados de mamíferos	-	-	4	-	4
Dentes perfurados de mamíferos	-	1	-	-	1
Dentes não modificados de réptil	-	-	-	1	1
Totais	74	186	70	5	335

Modificação e trabalho = corte, abrasão da base de fixação ou da raiz, sinal de uso no ápice da coroa; perfuração= tipo de modificação que aqui foi considerada separadamente de modificação/trabalho.

Os dentes com alguma forma de modificação, incluindo perfurações representam 7,46% do total de dentes. Dentes de mamíferos representam 3,28% dos dentes em associação funerária, denotando a preferência por dentes de seláquios (96,43%). Abaixo as espécies de animais com dentes em associação nos sepultamentos:

Tabela 27 - Acompanhamentos em dentes de animais(n=335): matéria-prima e tipo de modificação por sepultamento em Buracão:

Acompanhamentos funerários em dentes de animais por matéria-prima e tratamento, Buracão										
modificações	Matéria-prima/espécie	C	L	E	P	Nº	Sepultamento	Disposição	sexo	idade
Não modificado	(seláquio)	-	-	-	-	1	4	-	M	A
Não modificados	(seláquio)	-	-	-	-	4	5	Crânio	-	C
Perfurado	(macaco)	30	8	6	1,5	1		-		
Trabalhado e perfurado	(macaco)	26	7	5	1,5	1		-		
Trabalhado e perfurado	Alouatta sp(?)	32	8	6	-	1		-		
Perfurados	(seláquio)	-	-	-	-	2		-		
Trabalhado e perfurado	Alouatta sp(?)	32	8	6	-	1		-		
Não modificado	(seláquio)	-	-	-	-	1	7	-	-	A
Não modificado (intrusão?)	Caiman sp	-	-	-	-	1		-		
Com ponta desgastada	Odontaspis taurus	30	15	10	-	1	12	Crânio	M	A
Não modificados	(seláquio)	-	-	-	-	2		crânio		
Não modificado	(seláquio)	-	-	-	-	1	18	-	-	C
Não modificados	(seláquio)	-	-	-	-	5	19	Costelas E	M	A
Trabalhado e perfurado	Prionace glauca (?)	13	12	2	1,5	1		-		
Não modificados	(seláquio)	-	-	-	-	33	21	-	F	A
Não modificados	(seláquio)	-	-	-	-	15		Região cervical		

Não modificados	(seláquio)	-	-	-	-	24	-			
Trabalhado	Odontaspis taurus	-	-	-	-	1	-			
Trabalhado na base de fixação	Prionace glauca	17	12	3	-	1				
Não modificados (alinhados)*	(seláquio)	-	-	-	-	3	27	Junto as cervicais	-	-
Não modificado (fragmento)	(seláquio)	-	-	-	-	1	28		-	C
Não modificados (alinhados)*	(seláquio)	-	-	-	-	13	29		-	C
Não modificados	(seláquio)	-	-	-	-	9	30	Sob o crânio	-	C
Perfurado (fragmentado)	Prionace glauca	15	14	4	3	1				
Perfurado (fragmentado)	Prionace glauca	18	17	3	2	1				
Perfurado (fragmentado)	Prionace glauca	14	20	3	2	1				
Perfurado (fragmentado)	Prionace glauca	17	22	3	2	1				
Perfurado (fragmentado)	Prionace glauca	12	12	2	1,5	1				
Perfurado (pingente)	Prionace glauca	18	20	3	2,5	1				
Perfurado (pingente)	Prionace glauca	17	17	3	2	1				
Perfuração	dupla Prionace glauca	15	19	3	1,7±	1				
(fragmentado)										
Perfuração	dupla Prionace glauca	15	16	4	-	1				
(fragmentado)										
Perfuração	dupla Prionace glauca	14	12	3	2±	1				
(fragmentado)										
Perfurado (fragmentado)	Prionace glauca	18	20	4	3	1				
Não modificado	Prionace glauca	16	21	3	-	1				
Perfurados	Prionace glauca	-	-	-	-	3				
Não modificado	(seláquio)	-	-	-	-	1	31		-	C
Com sinal de uso na ponta	Odontaspis taurus	18	17	5	-	1				
Perfurado (fragmentado)	(mamífero)	24	8	6	3	1	32		M	A
Não modificado	(seláquio)	-	-	-	-	1	33		M	A
(fragmentado)										
Não modificados	(seláquio)	-	-	-	-	104	34		M	A
Não modificado	Cuniculus paca	-	-	-	-	1				
Não modificados	(mamífero, roedor)	-	-	-	-	3				
Não modificado	(macaco)	-	-	-	-	2				
Não modificados (alinhados)*	(seláquio)	-	-	-	-	8				
Não modificado (superior)	Carcharhinus leucas	21	21	4	-	1	36	Região do tórax		
Não modificado (superior)	Carcharhinus leucas	21	24	4	-	1		Região do tórax	-	C
Não modificado (superior)	Prionace glauca	14	20	3	-	1		Região do tórax		
Não modificado	Prionace glauca	18	22	3	-	1		Região do tórax		
Não modificado	Prionace glauca	12	17	2	-	1		Região do tórax		
Não modificado	Prionace glauca	21	13	4	-	1		Região do tórax		
Não modificado	Carcharhinus leucas	20	23	4	-	1	37		-	C
Não modificados (superiores)	Carcharhinus leucas	-	-	-	-	23	39	Mandíbula(?)	M	A
Não modificados (inferiores)	Prionace glauca	-	-	-	-	18				
Não modificados (superiores)	Sphyrna sp	-	-	-	-	5				
Não modificados	(seláquio)	-	-	-	-	1				
Não modificados	(seláquio)	-	-	-	-	3				
Não modificados	(seláquio)	-	-	-	-	18	41	mandíbula	-	C

F= feminino, M= masculino, A= adulto, C= criança, -= dado indeterminado, C= comprimento máximo, L =largura máxima, E= espessura máxima, P=diâmetro médio da(s) perfuração(ões), *=instrumentos para serrar, escarificadores?.

Os dentes de mamíferos como os de *Alouatta* sp (bugio), *Sotalia* sp (boto), *Tayassu* sp (cateto) e *Nasua narica* (coati) representaram .

Em todos os 4 sítios, as técnicas de tratamento verificáveis nos dentes de animais incluem a abrasão bilateral da raiz, corte circular no ápice da raiz, perfuração circular simples, dupla ou tripla, desgaste bilateral da base de fixação em dentes de seláquios, desgaste da ponta de caninos ou dentes de cação (por uso). Dentes perfurados podem ocorrer em grande número, concentrados na região cervical, sob a mandíbula ou em número de um a três (pingentes de pescoço). Ainda registrou-se a ocorrência de dentes de seláquio não modificados, compondo possíveis adornos para os membros inferiores em Piaçaguera.

5.1.4 - Conchas

As conchas nas amostras estão quantificadas nas tabelas 1, 3, 5 e 7. Dentro dos totais de acompanhamentos funerários, Piaçaguera apresentou 1167 acompanhamentos em conchas (55,12% do total de 2117 acompanhamentos), Tenório 869 (32,14% do total de 2703 acompanhamentos), Mar Virado 7 (1,09% do total de 639 acompanhamentos) e Buracão apresentou 435 acompanhamentos em conchas (33,82% do total de 1286 acompanhamentos). Quantitativamente tivemos nas amostras o seguinte perfil entre os acompanhamentos em dentes de animais e os demais (líticos, ósseos e conchas):

Gráfico 28 - Distribuição quantitativa dos acompanhamentos funerários em conchas em relação aos demais por grupos de idade e sexo nas amostras de Piaçaguera, Tenório, Mar Virado e Buracão:

As quantidades não estão relacionadas diretamente com as incidências por sepultamentos e não podem ser comparadas diretamente pois os sítios possuem números distintos de inumações.

5.1.4.1 - As conchas no contexto funerário de Piaçaguera

Os sepultamentos de Piaçaguera apresentaram 1167 acompanhamentos funerários em valvas de moluscos, representando 55,12% do total de acompanhamentos (Tabela 1). A simultaneidade de ocorrência desse tipo de acompanhamento com os demais ocorreu em 3 sepultamentos com lítico/dentes/conchas, em 1 com dentes/conchas e 3 com ossos /dentes/conchas. A distribuição por sexo e grupos de idade segue no gráfico abaixo:

Gráfico 29 - Distribuição quantitativa dos acompanhamentos funerários em valvas de moluscos (n=1167) por grupos de idade e sexo em Piaçaguera:

As crianças concentram a maior quantidade de conchas (73,35%). Entre os 44 sepultamentos estudados, 8(18,18%) receberam acompanhamentos em conchas, modificadas ou não. Entre esses sepultamentos estão 4 indivíduos adultos masculinos e 4 crianças. Os sepultamentos XLIV e XLVIII, adultos masculinos, concentraram 11 valvas não modificadas de gastrópodes (*Olivella* sp). Os demais apresentaram valvas perfuradas - por desgaste dos ápices - compondo contas de colar e coifa.

Abaixo características morfológicas de uma parcela dos acompanhamentos em conchas de Piaçaguera:

Gráfico 25 - Distribuição numérica das valvas de moluscos tipo de modificação, Piaçaguera:

As conchas de gastrópodes sem modificação, isto é, sem sinais de trabalho ou uso representaram 0,94% do total. As conchas perfuradas de gastrópodes predominaram com 99,06%. Não foram encontradas conchas de bivalves em contexto funerário. Devemos levar em consideração que, por se tratar de um sambaqui, o substrato é composto de conchas (volumetricamente), dificultando a distinção entre o que é acompanhamento funerário e o que faz parte da composição do sítio. O material foi descartado pela falta de identificação de situações de intencionalidade dos acompanhamentos funerários em valvas.

Tabela 29 - Distribuições quantitativas dos dentes de seláquios e mamíferos por tipo de tratamento e grupos de idade e sexo em Piaçaguera:

Acompanhamentos funerários em conchas - Piaçaguera				
categorias	Adultos			Totais
	feminino	masculino	criança	
Bivalves não modificados	-	-	-	-
Bivalves trabalhados/modificados	-	-	-	-
Bivalves trabalhados/modificados e perfurados	-	-	-	-
Bivalves perfurados	-	-	-	-
Gastrópodes não modificados	-	11	-	11
Gastrópodes trabalhados/modificados	-	-	-	-
Gastrópodes trabalhados/modificados e perfurados	-	-	-	-
Gastrópodes perfurados/serrados nos ápices - colar ou coifa	-	300	856	1156
Totais	-	311	856	1167

Modificação e trabalho = corte, abrasão da base de fixação ou da raiz, sinal de uso no ápice da coroa; perfuração= tipo de modificação que aqui foi considerada separadamente de modificação/trabalho.

Tabela 30 - Acompanhamentos em valvas de moluscos(n=1167): matéria-prima e tipo de modificação por sepultamento em Piaçaguera:

Acompanhamentos funerários em valvas de moluscos por matéria-prima e tratamento, Piaçaguera	espécies	Nº	Sepultamento	Disposição	sexo	idade
Perfuradas	Olivella sp	3	XXII	-	M	A
Perfuradas (colar?)	Olivella sp	23	XXXIII (XXXII, XXXIV)	Região cervical/costelas	-	C
Perfuradas (adorno para pelve)	Olivella sp	160	XL (XLVII)	Pelve	-	C
Perfuradas (colar)	Olivella sp	657	XLII (XLIII, LXXII)	Região cervical, sob mandíbula	-	C
Não modificada (intrusão?)	Olivella sp	2	XLIV	-	M	A
Não modificadas	Olivella sp	9	XLVIII	-	M	A
Perfuradas (coifa/colar?)	Olivella sp	207	LII (LI)	Crânio	M	A

F= feminino, M= masculino, A= adulto, C= criança, -- dado indeterminado

As valvas de *Olivella* sp agrupadas apareceram como colares (Prancha 13, i; Fig 30, B; Fig. 28, A, B) ou como adorno corporal na região pélvica (Fig. 29, B, sep. XL).

5.1.4.2 - As conchas no contexto funerário de Tenório

Em Tenório foram registrados 869 acompanhamentos funerários em valvas de moluscos, representando 32,14% do total de acompanhamentos (Tabela 3) . A ocorrência simultânea desse tipo de acompanhamento com os demais (líticos, ósseos, e em dentes de animais) ocorreu em 17 sepultamentos: 2 com lítico/concha, 2 osso/conchas, 6 com líticos/ossos/dentes/conchas, 5 com líticos/ossos/conchas, 1 com líticos/dentes/conchas e 1 com dentes/conchas. A distribuição por sexo e grupos de idade segue no gráfico abaixo:

Gráfico 26 - Distribuição quantitativa dos acompanhamentos funerários em valvas de moluscos (n=869) por grupos de idade e sexo em Tenório:

Os adultos femininos concentram a maior quantidade de conchas (95,05%). Entre os 28 sepultamentos estudados, 17(60,71%) receberam acompanhamentos em conchas, modificadas ou não. Entre esses sepultamentos estão 6 indivíduos adultos masculinos, 7 femininos, 1 criança e 3 adultos com sexo indeterminado. Os sepultamentos XXIII, de adulto feminino e XXIV, adulto masculino concentram 738 valvas de *Olivella* sp, possíveis contas de colar ou coifa de cabeça.

Abaixo características morfológicas de uma parcela dos acompanhamentos em conchas de Tenório:

Gráfico 27 - Distribuição numérica das valvas de moluscos tipo de modificação, Tenório:

As conchas de gastrópodes trabalhadas, representaram 0,23% do total. As conchas

perfuradas de gastrópodes predominaram com 92,75%. Entre as conchas trabalhadas e perfuradas, 94,44% são gastrópodes transformados em pendentes/adornos. Valvas de gastrópodes com uma perfuração e de uso inespecífico (apito?) foram registradas nos sepultamentos X e XVI (Prancha 13, h,g; Fig. 32, E). As características morfológicas como dimensões e matéria-prima desses adornos estão na tabela abaixo:

Tabela 31 - Características dos pendentes triangulares em valvas de moluscos trabalhadas e perfuradas dos sepultamentos de Tenório:

Pendentes em valva de molusco - Tenório e Buracão										
Tipo	Matéria-prima	Nível (m)	comprimento	largura	espessura	Diâm. Perfuração	disposição	sep	sexo	idade
8 pendentes em valvas trabalhadas e perfuradas	Strombus sp	-	35*	33*	-	3*	Em superposição com outros, próximo à região das vértebras cervicais	II	M	A
1 pendente em valva trabalhada e perfurada	Strombus?	-	46	50	-	6	-	VII	F	A
1 pendente em valva trabalhada e perfurada	-	2,02	32	33	3	4	-	IX	-	C
1 pendente em valva trabalhada e perfurada	-	1,65	50	45	4	4	-	X	F	A
1 pendente valva trabalhada e perfurada	Strombus sp	1,84	27	28	-	3	Entre as costelas	XVI	F	AJ
1 pendente valva trabalhada e perfurada	Strombus sp	1,84	33	26	-	3	Entre as costelas			
1 pendente valva trabalhada e perfurada	Strombus sp	-	31	28	-	4	Entre as costelas			
1 pendente valva trabalhada e perfurada	Strombus sp	-	32	26	-	4	Entre as costelas			
1 pendente valva trabalhada e perfurada	Strombus sp	-	31	26	-	4	Entre as costelas			
1 pendente valva trabalhada e perfurada	Strombus sp	-	29	30	-	4	Entre as costelas			
1 pendente valva trabalhada e perfurada	Strombus sp	-	33	28	-	3	Entre as costelas			
1 pendente valva trabalhada e perfurada	Strombus sp	-	33	24	-	3	Entre as costelas			
1 pendente valva trabalhada e perfurada	Strombus sp	-	70	62	7	8	Entre as costelas			
1 pendente (pré-forma)	Strombus sp	1,81	88	71	-	-	Na região do crânio	I	F	A
10 pendentes em valva trabalhada e perfurada	Strombus sp	-	35*	30*	-	4*	Na altura da região etmoidal, junto aos ossos do carpo E	XIX	(M)	A
1 pendente em valva trabalhada e perfurada	-	-	61	55	-	9	Na altura da região etmoidal, junto aos ossos do carpo E			
1 pendente em valva trabalhada e perfurada	-	-	40	54	-	6	Na altura da região etmoidal, junto aos ossos do carpo E			
1 pendente em valva trabalhada e perfurada (c/sinais de queima)	-	-	-	-	-	7	Junto à pelve, do lado direito	XXIV	M	A
1 fragmento de pendente em valva de molusco trabalhada e perfurada (c/sinais de queima)	-	-	25	26	-	5	Junto à pelve, do lado direito			
1 pendente em valva trabalhada e perfurada	-	1,41	80	37	3	4	Sob a mandíbula	XXV	M	A

* = média; A= adulto; AJ= adulto jovem; C=criança

Esses pendentes foram encontrados somente nos sítios Tenório e Buracão, dispostos entre o crânio e a região das costelas.

No sítio Tenório foram registrados 35 pendentes triangulares em valvas de Strombus sp e bivalve (Astrea sp?) e uma "pré-forma", distribuídos isoladamente em 5 sepultamentos (3 de adultos femininos, 1 de adulto masculino, 1 de criança) e em conjuntos de 2 a 10 pendentes em 1 adulto masculino (8), 1 adulto jovem feminino (9), 1 adulto (possivelmente masculino), do sepultamento XIX (12) e em 1 adulto (possivelmente masculino), junto da pelve, lado direito(2). Entre os pendentes simples ou não agrupados, 60% associam-se a adultos femininos.

O pendente como acompanhamento funerário é um possível indicador de distinção inter e intra-grupos (clânica, familiar, de grupos específicos), representando uma forma de ornamento voltado as relações entre o indivíduo e o grupo. Os pendentes transitam entre o cotidiano do indivíduo e a integração nos rituais funerários. Constituem traços culturais que, assim como os machados, tortuais, agulhas e zoólitos, convergem formas de processamento de matérias-primas em adornos de pescoço - e de afirmação e expressão do corpo -, como o que ocorre entre Tenório (Prancha 13, d,e; Fig. 31, A, sep. XXV e A, sep. XVI; Fig. 32, B;) e Buracão (Prancha 13, a-c). A forma de criação, tratamento e uso de pendentes triangulares é desconhecida em Piaçaguera. Em Mar Virado, entre os 33 sepultamentos escavados, não foi constatada a presença desses adornos funerários. Portanto, é um dos indicadores de variabilidade cultural entre os grupos estudados.

A incidência das valvas de *Macra* alata em contextos funerários, com perfuração na charneira ou não, ocorreu em Buracão, assim como as valvas de *Spondylus americanus* incidiram no contexto funerário de Mar Virado. Tais moluscos apresentam alguma correlação com as práticas funerárias de seleção e intencionalidade dentro dos ritos funéreos.

Tabela 32 - Distribuições quantitativas das conchas por tipo de tratamento e grupos de idade e sexo em Tenório:

Acompanhamentos funerários em conchas - Tenório					
categorias	Adultos feminino	Masculino	Adulto indeterminado	c/sexo criança	Totais
Bivalves não modificados	8	5	1	-	14
Bivalves trabalhados/modificados	-	-	-	-	-
Bivalves trabalhados/modificados e perfurados	1	-	-	1	2
Bivalves perfurados	2	3	1	-	6
Gastrópodes não modificados	3	1	1	-	5
Gastrópodes trabalhados/modificados	1	-	-	1	2
Gastrópodes trabalhados/modificados e perfurados	11	11	12	-	34
Gastrópodes perfurados/serrados nos ápices - colar ou coifa	800	5	1	-	806
Totais	826	25	16	2	869

Modificação e trabalho = corte, abrasão da base de fixação ou da raiz, sinal de uso no ápice da coroa; perfuração= tipo de modificação que aqui foi considerada separadamente de modificação/trabalho.

Tabela 30 - Acompanhamentos em valvas de moluscos(n=869): matéria-prima e tipo de modificação por sepultamento em Tenório:

Valvas de moluscos - Tenório											
Tipo	Matéria-prima	Nível (m)	comprimento	largura	espessura	Diâm. Perforação	disposição	sep	sexo	idade	
1 não modificada	Mactra alata	1,78	73	99	-	-	Altura do perietal D	I	F	A	
1 não modificada	Trichicardium sp	-	-	-	-	-	-	II	M	A	
1 perfurada	Agaronia sp	2,03	50	21	-	7	Região torácica	X	F	A	
3 não modificadas	Pinctada radiata	-	42*	38*	1	-	-	-	-	-	
1 perfurada	Macrocalista sp	-	52	66	-	2	-	XIII	F	A	
1 perfurada	Strophocheilus sp	-	99	5	-	3	-	-	-	-	
1 perfurada	Mactra alata	-	70	99	-	3	-	-	-	-	
1 não modificada	Mactra alata	-	73	99	-	-	-	-	-	-	
1 perfurada	Mactra alata	1,79	70	92	-	2,5	Região dorsal	XIV	M	AJ	
1 perfurada	Strophocheilus sp	-	77	32	-	0,5	Região dorsal	-	-	-	
1 não modificada	Mactra alata	-	64	91	-	-	-	XV	M	A	
1 perfurada	Bullia squalida	-	43	23	-	0,7	-	XVI	F	AJ	
1 não modificada	Strombus sp	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
1 não modificada (fragmento)	Strombus sp	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
1 perfurada	Amiantis sp	2,15	50	52	-	2	-	XVIII	M	A	
3 c/ocre trabalhadas	Macrocallista sp	2,15	44*	55*	-	-	-	-	-	-	
1 não modificada	Mactra alata	2,15	68	99	-	-	-	-	-	-	
1 perfurada	Mactra alata	1,48	70	98	-	3,1	Acima da pelve	XIX	-	A	
1 perfurada	Cypraea spurea	-	16	12	4	9	-	-	-	-	
1 trabalhada (ponta)	Strombus sp	-	36	16	-	-	-	XXII	-	C	
737 não modificadas	Olivella sp	2,17	-	-	-	-	Sobre o crânio (manto)	XXIII	F	A	
1 perfurada (frag.)	Mactra alata	-	94	-	-	-	-	-	-	-	
1 não modificada	Lucina pectinatus	-	52	45	-	-	Vértebras torácicas	XXIV	M	A	
1 não modificada	Trichicardium sp	-	52	48	-	-	Vértebras torácicas	-	-	-	
1 perfurada	Olivella sp	2,15	-	-	-	-	-	-	-	-	
1 perfurada (sobreposta)	Mactra alata	1,00	70	101	-	2,5	No tórax	XXV	M	A	
1 perfurada (sobreposta)	Mactra alata	1,00	71	99	-	4	No tórax	-	-	-	
1 não modificada	Iphigenia sp	-	44	67	-	-	-	-	-	-	
1 não modificada	Pinctada sp	-	-	-	-	-	Sob o crânio (fauna)	XXVII	-	A	
1 não modificada	Strombus sp	-	-	-	-	-	Sob o crânio (fauna)	-	-	-	
1 não modificada	Anadara sp	-	-	-	-	-	Na mão D	XXVIII	F	A	
1 não modificada	Strombus sp	-	-	-	-	-	Sob o crânio	-	-	-	
1 não modificada	Astrea sp	-	152	87	-	-	-	-	-	-	
1 não modificada	Astrea sp	-	172	107	-	-	-	-	-	-	
1 não modificada (agrupamento)	Astrea sp	-	82	74	-	-	-	-	-	-	

F= feminino, M= masculino, A= adulto, AJ = adulto jovem, C= criança, -= dado indeterminado, *= médias

Valvas de *Macra alata* (Fig. 31, A, sep. XXV; Fig. 33, A, B), bivalve marinho de fundos arenosos, incidiu em 9 (32,14%) dos sepultamentos de Tenório (3 adultos femininos, 5 masculinos e 1 indeterminado). Sua ocorrência não é restrita a um ou outro gênero. Constituem possivelmente instrumentos para cortar, raspar, aplainar cabos de outros utensílios, alisar e como recipientes. As perfurações representam indícios de instrumentos para aplainar madeiras²⁰².

As valvas de *Olivella sp* agrupadas apareceram como "mantos funerários"(sepultamento XXIII, de adulto feminino). As valvas perfuradas de *Bullia squalida* e *Agaronia sp* (.Prancha 13, g-h) estavam associadas a adultos femininos, na

região das torácicas e cervicais. O uso desses gastrópodes em contexto funerário, assim como os demais itens relacionam-se com a apreensão da dinâmica da sociedade dos vivos e do indivíduo - os instrumentos da vida cotidiana - no funeral e no universo da morte para esses grupos.

5.1.4.3 - As conchas no contexto funerário de Mar Virado

Em Mar Virado foram registrados 7 acompanhamentos funerários em valvas de moluscos, representando 1,09% do total de acompanhamentos (Tabela 5).

Gráfico 28 - Distribuição quantitativa dos acompanhamentos funerários em valvas de moluscos (n=7) por grupos de idade e sexo em Mar Virado:

Os adultos masculinos concentram 85,71% das conchas. Entre os 33 sepultamentos estudados, 5(15,15%) receberam acompanhamentos em conchas, modificadas ou não. Entre esses sepultamentos estão 2 indivíduos adultos masculinos, 1 feminino e 1 criança. Os sepultamentos 2, 8, 10 e 33 apresentaram em associação valvas de *Spondylus americanus* não modificadas. A decomposição das valvas de moluscos junto da terra preta e aos

²⁰² Ver referências etnográficas e possibilidades de associação em STEINEN, K V. Entre os aborígenes do Brasil Central. Departamento de Cultura, São Paulo, p. 253-254, 1940.

matacões graníticos severamente alterados, bem como sua reduzida quantidade são características de Mar Virado.

5.1.4.4 - As conchas no contexto funerário de Buracão

Em Buracão foram registrados 435 acompanhamentos funerários em valvas de moluscos, representando 33,82% do total de acompanhamentos (Tabela 7), distribuídos em 21 (48,83%) dos sepultamentos. A distribuição por sexo e grupos de idade segue no gráfico abaixo:

Gráfico 29 - Distribuição quantitativa dos acompanhamentos funerários em valvas de moluscos (n=435) por grupos de idade e sexo em Buracão:

Os adultos masculinos concentram a maior quantidade de conchas (85,28%). Os sepultamentos com conchas (21) incluem 4 indivíduos adultos masculinos, 1 feminino, 13 crianças²⁰³ e 3 adultos com sexo indeterminado. O sepultamento 4, de adulto masculino apresentou 342 *Olivella* sp como adorno do crânio.

²⁰³ Incluem adolescentes com menos de 17 anos.

Abaixo características morfológicas de uma parcela dos acompanhamentos em conchas de Buracão:

Gráfico 30 - Distribuição numérica das valvas de moluscos tipo de modificação, Buracão:

As conchas de gastrópodes perfuradas predominam com 79,31% do total. As conchas trabalhadas e perfuradas de gastrópodes (1,60%) caracterizam os pendentes triangulares (.Prancha 13, a-c; Fig. 34, A, B). Os bivalves modificados, com quebras nas bordas indicando uso para raspar, aplainar e cortar (Prancha. 14, g-i, k, l, m, p) contam 11,72%. (anexo desenhos das conchas analisadas em laboratório). Abaixo as características dos pendentes em associação funerária (localizados em laboratório):

Abaixo características morfológicas de uma parcela dos acompanhamentos em conchas de Buracão:

Tabela 31 - Características morfológicas dos pendentes em valvas de moluscos associados em sepultamentos, Buracão:

Pendentes em valvas trabalhadas e perfuradas - Buracão										
Tipo/tratamento	Espécie	Nível	comprimento	Largura	espessura	perfuração	disposição	sepultamento	sexo	idade
1 pendente em valva de trabalhada e perfurada	<i>Strombus</i> sp	-	45	25	-	-	Abaixo do temporal	1	-	J
1 pendente em valva trabalhada e perfurada	<i>Olivancillaria</i> (?)	-	-	-	-	-	Região superior do tórax	16	M	A
1 pendente em valva trabalhada e perfurada	<i>Strombus</i> sp	-	70	59	5	3,5*	Sobre o corpo	18	-	C
2 pendentes em valva trabalhada e perfurada	-	-	-	-	-	-	Sobre o corpo	18	-	C
1 pendente em valva trabalhada e perfurada	<i>Strombus</i> sp	-	72	55	4	1	Entre o crânio e a pelve	24	-	C
1 pendente em valva trabalhada e perfurada (alterada)	<i>Strombus</i> sp	-	86	76	8	4*	-	30	-	C

Os pendentes em valvas de moluscos foram registrados em 4 sepultamentos de crianças, 1 de adolescente e 1 de adulto masculino. Sua morfologia difere pouco dos pequenos e numerosos pendentes triangulares e do longo pendente do sepultamento XXV de Tenório. No sepultamento 16, de adulto masculino, um pendente estava isolado, sobre o terço proximal do úmero direito, na região torácica, pouco deslocado quando da reacomodação dos ossos do esqueleto na cova. A orientação da perfuração para cima denota seu uso como pingente de pescoço.

Tabela 32 - Descrição dos acompanhamentos funerários em conchas, Buracão:

Acompanhamentos funerários em valvas de moluscos-Buracão:			
Sep.	Sexo	idade	Tipo, matéria-prima, dimensões
1	-	Adolescente	(1 pendente/berloque triangular e convexo em valva de gastrópode trabalhada e perfurada, 25x45mm - abaixo do temporal; 1 vértebra de peixe ósseo)
4	M	Adulto	2/62-63/IV (terra preta): 342 valvas perfuradas, gastrópode, Olivella sp, 8x4mm(média), sobre a região temporal, parietal e parte do occipital N° 005(C27): raspador, valva c/sinais de uso, Lucina pectinatus, 31x36x1mm; N° 011(sep. IV-C14): raspador-cortador, valva c/sinais de trabalho-quebras consecutivas na borda, Lucina pectinatus, 45x51x1mm;; C12, C13, C17, C18 - 002/62-63(fauna sob o sep.): 1 valva de Lucina pectinatus, 56x62x3mm, 1 valva de Sanguinolaria cruenta, 36x69x2mm, 1 valva de Thais haemastoma, 34x20mm; 002/62-63/IV (fauna associada): C10, 11, 14, 15 e 19: fragmentos de Thais haemastoma, Astrea sp, Strophocheilus sp e Lucina pectinatus; SN1145-002/62-63/sep IV (fauna associada): sob o esqueleto: fragmentos de Lucina pectinatus, Thais haemastoma, Astrea sp, fragmentos queimados de Thais haemastoma e Astrea sp, 1 valva não modificada de Littorina angulifera (gastrópode), 4 pinças de Callinectes sp, 2 pinças de Cancer cancer(uma com sinais de queima), 1 valva de Modiolos carvalhoi (bivalve), 2 fragmentos de Astrea sp c/ocre, 1valva de Nassarius uibex (gastrópode); SN1137-002/62-63/IV (fauna associada): 1 pinça de Callinectes sp, 1 pinça de Cancer cancer, fragmentos (06) queimados de Thais haemastoma e Lucina pectinatus, 1 valva de Modiolos carvalhoi (gastrópode), 11x7x05mm; SN 1278: 1 fragmento de valva de Thais haemastoma e 1 fragmento de Astrea sp, mão esquerda; 002/62-63/IV (região craniana): C20, C22, C23: 1 fragmento de valva de Thais haemastoma, 1 valva c/ sinais de queima de Lucina pectinatus, 50x55x2mm; 002/62-63/IV: C1 à C9: 2 valvas fragmentadas e com sinais de queima de Lucina pectinatus, 5 fragmentos de valvas de Thais haemastoma, C3: 1 fragmento queimado de Lucina pectinatus, C8: 1 valva de Tivella, 46x58x2mm; das, 1 fragmento de Lucina pectinatu SN450(peneira): fragmentos de valvas de Thais haemastoma, Astrea sp spe 2 fragmentos de moluscos não ident
5	-	criança	N° 004(F2A): raspador, valva c/sinais de uso, Lucina pectinatus, 42x48x1mm SN91: 1 fragmento de Strophocheilus, 5 valvas de Lucina pectinatus c/sinais de quebras nas margens, sem articulação, 52x60x2, 48x53x2, 53x60x2, 44x47x1 e 55x62x3mm; SN1159-base: 2 fragmentos de Thais haemastoma e 1 de Astrea sp; F1a: valva fragmentada de Thais haemastoma; SN1143-002/62-63/V: 3 fragmentos de valva de Lucina pectinatus, 2 fragmentos de valva de Strophocheilus sp, 1 valva de Astrea sp, 47x29x4mm, 1 fragmento queimado de Thais haemastoma, 1 pinça de Callinectes sp, 5 fragmentos de valvas (sem identificação)
6	-	Criança	N° 009(Sep. VI C3): valva c/sinais de quebra nas bordas, Lucina pectinatus, 64x68x2mm; N° 007 (Sep. VI-C1): raspador, valva c/quebra na borda , Lucina pectinatus, 42x43x2mm; SN 883: pinça de Callinectes sp, fragmentos (03) de Lucina pectinatus e Thais haemastoma c/sinais de queima; C2, C3, C4, C5: ao redor do esqueleto: 1 valva de Lucina pectinatus, 65x69x3mm, 1 fragmento de valva de Thais haemastoma, 1 fragmento de valva de Modiolos carvalhoi;SN 1170-002/62-63/VI: 4 fragmentos de valvas de Lucina pectinatus, Thais haemastoma;SN1164-N1 17-11-62(retirada do redor do sep.): 1 valva de Thais haemastoma, 44x27mm, 1 pinça de Callinectes sp, 3 fragmentos de valvas de Thais haemastoma, 1 fragmento de valva de Lucina pectinatus; SN415-002-62-63-VI: 2 valvas de Thais haemastoma, 33x22mm e 21x13mm, 1 valva fragmentada de Thais haemastoma, 1 fragmento de valva de gastrópode, 1 valva de Modiolos carvalhoi, 17x12x1mm, 2 valvas de Littorina angulifera, 13x9mm e 8x6mm, 1 valva de gastrópode terrestre, Strophocheilus sp(?), 10x6mm; SN 1172-002/62-63/VI-17-11-62: 7 fragmentos de gastrópodes e 5 fragmentos de valvas de Thais haemastoma
7	-	Adulto	H1-RA-PB-TP-11-12/62.: valva c/trabalho, lascamentos sucessivos, (raspador-cortador?), Lucina pectinatus, 54x61x2mm;
10	-	Adulto	N° 002(Sep. X-C1): valva c/quebras no bordo periférico, Lucina pectinatus, 54x56x2mm; C02 à C06 e C09-L1-Camada A-01-12-62: 1 valva fragmentada e com sinais de queima nas margens de Lucina pectinatus, 1 fragmento de valva de Astrea sp sp, 4 fragmentos de valvas de Thais haemastoma
14	F	Adulto	C1 à C4-002/62-63-14-12-62: 1 pinça de Cancer cancer, 1 valva de Lucina pectinatus, 52x58x2mm, 1 valva fragmentada de Thais haemastoma, 1 fragmento queimado de valva de Astrea sp ;
16	M	Adulto	n° 15-002/62-63/XVI: valva perfurada, Lucina pectinatus, 61x66x2mm; C8-Bu-XVI: valva c/sinais de uso (raspador?) Lucina pectinatus, 48x53x2mm; Bu-XVI - 22: valva c/sinais de uso (raspador) Lucina pectinatus, 42x52x2mm; Bu-XVI-24: raspador, valva c/sinais de uso, Lucina pectinatus, 47x58x2mm; C9-Bu-XVI: raspador, valva c/sinais de uso, Lucina pectinatus, 41x52x2mm; C4-Bu-XVI: raspador, valva c/sinais de uso, Lucina pectinatus, 42x48x2mm; C21-Bu-XVI: raspador, valva c/sinais de uso, Lucina pectinatus, 47x56x2mm; C6-Bu-XVI: raspador ou cortador (serra), valva c/sinais de uso, Lucina pectinatus, 44x49x1mm; C10-XVI: raspador, valva c/sinais de uso, Lucina pectinatus, 40x54x2mm; C19-002/62-63/XVI.: valva sem trabalho, Lucina pectinatus, 51x53x2mm; C3-002/62-63/XVI.: valva c/sinais de quebra, Lucina pectinatus, 49x55x2mm; C12-002/62-63/XVI.: valva c/sinais de uso, quebras sucessivas, serra-cortador(?), Lucina

			pectinatus; 58x62x2mm; C7-002/62-63/XVI.: valva c/sinal de lascamento, <i>Lucina pectinatus</i> , 49x54x2mm; C3-002/62-63/XVI.: valva c/ quebras sucessivas, serra-cortador?, <i>Lucina pectinatus</i> , 58x65x2mm; C18-002/62-63/XVI.: valva c/sinais de quebra, <i>Lucina pectinatus</i> , 52x58x2mm; C2-002/62-63/XVI.: valva c/sinais de quebra, <i>Lucina pectinatus</i> , 55x62x2mm; C20-002/62-63/XVI.: valva com sinais de quebra, <i>Lucina pectinatus</i> , 56x58x2mm; C11-002/62-63/XVI.: valva c/sinais de quebra, <i>Lucina pectinatus</i> , 50x55x2mm;; 002/62-63/XVI(fauna associada- 5 valvas): C16: valva c/quebra na margem, <i>Lucina pectinatus</i> , 35x38x1mm, C13: valva c/quebra na margem, <i>Lucina pectinatus</i> , 44x47x1mm, C26: valva de <i>Lucina pectinatus</i> , 46x50x2mm, C14: valva c/quebras na margem, <i>Lucina pectinatus</i> , 54x61x2mm e C3: valva de <i>Lucina pectinatus</i> , 47x50x2mm; 002/62-63/XVI: 23, 27, 28, 29, 30: 1 fragmento de <i>Astrea</i> sp (23), 1 valva de <i>Thais haemastoma</i> , 3 fragmentos de valvas de <i>Thais haemastoma</i>)
17	-	Criança	SN1325 (rolado): 1 valva fragmentada de <i>Thais haemastoma</i> , 1 valva com quebra na margem, <i>Lucina pectinatus</i> , 49x54x2mm, 1 valva com sinais de uso (raspador), <i>Lucina pectinatus</i> , 43x45x2mm; fragmentos de <i>Lucina pectinatus</i> , e <i>Astrea</i> sp
18	-	Criança	nº 027-002/C2-Bu: pendente, valva trabalhada (cortada ou serrada, desgastada, polida) e perfurada, <i>Strombus</i> sp, 70x59x5mm, perfuração de 3x4mm;
20	-	Criança	C1 - 002/62-63/XX: raspador/cortador, valva com quebras sucessivas na extensão da margem, <i>Lucina pectinatus</i> , 62x60x2mm;
21	F	Adulto	Nº C10-002/62-63/XXI: valva de gastrópode, <i>Olivancillaria urceus</i> , 51x38mm, junto ao ocre; Nº C9-002/62-63/XXI: (raspador, cortador) valva modificada c/quebras consecutivas na borda, <i>Chlamys</i> sp, 68x68x7mm, junto ao ocre; SN1132-002/62-63/XXI: 1 valva de <i>Tivela</i> , 54x68x3mm, 1 valva não modificada, <i>Thais</i> , 50x29mm, 1 fragmento de valva de <i>Strophocelilus</i> sp, 1 valva c/sinais de quebra - uso ou quebra para abrir as valvas, <i>Lucina pectinatus</i> , 54x58x2mm; SN1134-002/62-63/XXI(fauna associada): 22 valvas não modificadas, utilizadas, <i>Olivella verreauxi</i> , (2 c/ 13x6mm e 20 c/ 8x4mm em média), 3 valvas s/trabalho, <i>Astrea</i> sp, 20x17x0,5mm, 1 valva s/trabalho, <i>Thais</i> , 32x7mm, 1 valva não modificada de <i>Modiolos carvalhoi</i> , 28x15x1mm, 1 fragmento de pinça de <i>Callinectes</i> sp, <i>Portunus</i> sp, 1 fragmento de pinça de <i>Cancer cancer</i> , 5 valvas de <i>Lucina pectinatus</i> , sendo: um raspador, 42x51x2mm, 1 valva c/quebras, 35x39x1mm, 1valva com quebra, 37x42x2mm e 2 valvas de um mesmo indivíduo, c/sinais de quebra, 62x67x3 e 52x58x3mm; SN1134-002/62-63/XXI(fauna associada): 17 fragmentos de valvas de <i>Lucina pectinatus</i> , 1 fragmento de valva queimada de <i>Lucina pectinatus</i> , 5 fragmentos de valvas de <i>Thais haemastoma</i> , 5 fragmentos de <i>Astrea</i> sp, 2 fragmentos de valva de gastrópode, <i>Cymatium parthenopeum</i> , 8 fragmentos de bivalves; C2 à C9-Fog. 1E: 11 fragmentos de valvas de moluscos, incluindo de <i>Lucina pectinatus</i>
22	-	Criança Feto	Nº 013(002/62-63): raspador, valva c/sinais de uso, <i>Lucina pectinatus</i> , 56x67x2mm; SN111-8-002/62-63/XXII(fauna associada): 2 valvas de <i>Lucina pectinatus</i> (uma c/quebra), fragmentos de <i>Lucina pectinatus</i> , <i>Macra alata</i> , <i>Astrea</i> sp, <i>Murex senegalensis</i> , <i>Thais haemastoma</i> e <i>Strophocelilus</i> sp, fragmentos queimados de <i>Astrea</i> sp;
23	-	Criança	C1-002/62-63/XXIII.: valva c/sinais de trabalho (raspador-cortador?), <i>Lucina pectinatus</i> , 45x50x1mm;
24		Criança	C1-002/XXIV: pendente, valva trabalhada e perfurada, <i>Strombus</i> sp, 72x55x4mm, perfuração de 1mm, entre o crânio e a pelve;
25	M	adulto	002/62-63/XXV-C1: valva de <i>Thais haemastoma</i> , 31x19mm; 002/62-63/XXV: C2: fragmento queimado de valva de <i>Thais haemastoma</i> , C3: fragmento de valva de <i>Strophocelilus</i> sp;; SN 1317-J1-R- fragmento de valva (serra)com sinais de trabalho, <i>Lucina pectinatus</i> ,
27	-	-	C1-002/62-63/XXVII-23-02-62: 1 valva fragmentada de <i>Macra alata</i> ;
29	-	criança	C1-002/XXIX: raspador, valva c/sinais de uso, <i>Macra alata</i> , 78x56x2mm; 002/62-63/XXIX: C2: fragmento de valva de <i>Macra alata</i> , C3: fragmento de valva de <i>Macra alata</i> , C04: fragmento de <i>Macra alata</i> , C4: fragmento queimado de <i>Macra alata</i>
30	-	criança	C1-XXX: pendente, valva trabalhada e perfurada, alterada, <i>Strombus</i> sp, 86x76x8mm, perfuração de 5x3mm;; SN1289-coleta 25/02/63: fragmento de valva de <i>Astrea</i> sp ; fragmentos de conchas (intrusão junto do crânio);
31	-	criança	nº C9-002/XXXI: valva perfurada, c/sinal de uso, <i>Macra alata</i> , 90x68x1mm; Nº 028-002-64: pendente, valva perfurada, sem sinais de uso, <i>Macra</i> sp, 66x88x1mm; Nº 029(002-63): pendente, valva perfurada na região da charneira, <i>Macra</i> sp, 100x73x2mm; Nº C2-002-sep.XXI: valva utilizada, não modificada, <i>Lyropecten nodosus</i> , 103x117x2mm; C6: valva c/sinais de uso ou modificação, <i>Macra alata</i> , 74x103x2mm; C7: valva de <i>Macra alata</i> , 73x98x2mm; C8: valva c/sinais de uso, quebra, <i>Macra alata</i> , 68x99x2mm; C14, C18, C20, C21, C22, C23, C25, C26: valvas fragmentadas de <i>Macra alata</i> ; 002/sep.XXXI (fauna associada): C5, C10 à C17, C19, C24: valvas de <i>Sanguinolaria cruenta</i> , 38x66x2mm (média); SN1321: 3 fragmentos de <i>Astrea</i> sp, 20x17mm; SN 1275: 2 fragmentos de <i>Astrea</i> sp, região do membro superior e mão esquerda; SN1322-sep. 31-26-02-63: 2 fragmentos de <i>Astrea</i> sp (região das vértebras);
33	M	Adulto	C1-002/62-63/XXXIII: raspador, valva c/sinais de uso, região das mãos, <i>Lucina pectinatus</i> , 55x54x3mm; C2-002/62-63/XXXIII: raspador, valva c/sinais de uso, <i>Lucina pectinatus</i> , 40x44x2mm; C4-002/62-63/XXXIII.: valva trabalhada, com lascamentos sucessivos (raspador-cortador?), <i>Lucina pectinatus</i> , 44x54x2mm; C5-002/62-63/XXXIII.: valva c/sinais de uso (raspador-cortador?), <i>Lucina pectinatus</i> , 52x57x2mm; C3-002/62-63/XVI.: valva, <i>Lucina pectinatus</i> , 53x59x2mm; C6 e C7-002/62-63/XXXIII (fauna associada): 2 fragmentos de <i>Thais haemastoma</i>
37	-	Criança	C1-002/62-63/XXXVII.: valva perfurada, gastrópode, <i>Natica limbata</i> , 31x23mm; C3-002/62-63/XXXVII.: valva perfurada, gastrópode, <i>Natica limbata</i> , 31x23mm; C2(002/XXXVII): valva perfurada, gastrópode, <i>Natica limbata</i> , 33mm (altura); SN1338: 1 valva de <i>Astrea</i> sp, 22x15x1mm;

M= Masculino, F= feminino, -= não determinado

5.1.5 - Outras associações: ocre, fauna, carvão e estruturas das covas

Em outras associações, incluímos o ocre, carvão, estruturas da cova, como os blocos líticos, matacões rochosos e nichos, carapaças de quelônios, partes de ossos de mamíferos marinhos e restos faunísticos presentes nos contextos funerários das amostras de Piaçaguera, Tenório, Mar Virado e Buracão. Essas associações foram consideradas quanto à incidência e simultaneidade nos sepultamentos por indivíduos, incluindo os sepultamentos não numerados, esparsos e intrusões. Temos:

Gráfico 31 - Incidência de ocre por grupos de sexo e idade nos sítios Piaçaguera, Tenório, Mar Virado e Buracão:

Gráfico 32: Incidência de ocre em massa ou bloco e pulverizado entre o total de sepultamentos dos sítios Piaçaguera, Tenório, Buracão e Mar Virado:

O ocre incide na proporção de 53,24% dos sepultamentos em Piaçaguera; 46,42% em Tenório, 63,63% em Mar Virado e 34,88% em Buracão. Os adultos masculinos de Piaçaguera apresentaram 48,38% do ocre nesse sítio; em Buracão, decrescem para 33,33%. Os adultos femininos permanecem entre 12,90% em Piaçaguera, 38,46% em Tenório, 26,66% em Mar Virado e 33,33% em Buracão. As carapaças e os ossos de mamíferos marinhos representam as seguintes ocorrências:

Gráfico 33: Incidência de carapaças modificadas de quelônios (*Chelone*/*Hydromedusa*) sobre ou junto dos corpos em Piaçaguera, Tenório, Mar Virado e Buracão:

Gráfico 34: Incidência de ossos de mamíferos marinhos (baleia ou boto) sobre ou junto dos corpos em Piaçaguera, Tenório, Mar Virado e Buracão:

Em Tenório, segundo Garcia (1972, p.65), dos quelônios encontrados no sítio, 84.3% pertencem aos marinhos (*Chelone* sp) e 25,8% aos de água doce (*Hydromedusa* sp).

Gráfico 35: Incidência - por número de sepultamentos - de ocre, carapaças de quelônios, ossos de animais marinhos e carvão (terra preta e/ou cinzas) sobre ou junto dos corpos em Piaçaguera, Tenório, Mar Virado e Buracão:

Tabela 33 - Incidência de ocre, carapaças de quelônio e ossos de mamíferos marinhos nos esqueletos estudados:

Incidência de ocre - hematita/limonita nos esqueletos - caráter simbólico					
ocre	Buracão	Mar Virado	Piaçaguera	Tenorio	Total Global
ausente	26	12	28	15	81
não observado	2	-	18	-	20
presente	15	21	31	13	80
Total Global	43	33	77	28	181

Incidência de artefatos em carapaças de quelônio junto dos esqueletos					
carapaça quelônio	Buracão	Mar Virado	Piaçaguera	Tenorio	Total Global
ausente	36	19	77	23	155
n observado	2	-	-	-	2
presente	5	14	-	5	24
Total Global	43	33	77	28	181

Incidência de ossos de mamíferos marinhos sobre esqueletos					
osso de mamífero	Buracão	Mar Virado	Piaçaguera	Tenorio	Total Global
ausente	43	26	77	23	126
n observado	-	-	-	-	-
presente	-	7	-	5	12
Total Global	43	33	77	28	181

Os vestígios de carvão registrados nos sepultamentos de Piaçaguera não caracterizam estruturas de grandes fogueiras ou da prática de cremação (Garcia e Uchôa, 1980:66). Em 56 inumações, 36 apresentaram acompanhamentos funerários - cultura material intencional - , representando 64,2%. Nesse grupo, 36,1% correspondem a 13 crianças e estas registraram 55,4% dos acompanhamentos, com maior incidência entre 6 a 24 meses de vida (46,1%)²⁰⁴ (Garcia e Uchôa, 1980:66). Um percentual de 44,5% dos acompanhamentos estavam com 23 adultos. Os indivíduos masculinos (n=15) receberam 22,1% dos acompanhamentos e os femininos (n=4), 20,1%. Entre os adultos, a maior incidência de acompanhamentos se dá entre 21 a 30 anos.

O ocre foi registrado espargido na região do crânio e /ou tórax, ocorrendo em todos os sítios (Fig. 36A-F). As variações do ocre foram encontradas quanto à forma de processamento da hematita/limonita: em blocos pequenos, desgastados (plaquetas de hematita), em massa, disposto sob os membros superiores (Fig.36 D-E) e pulverizado, espargido sobre parte do esqueleto, crânio e região torácica (Fig. 27 B, Fig. 33,A, C;).

Carvão foi encontrado como parte integrante de covas em Tenório (Fig. 18 A,B; Fig. 19 A,B), constituindo possivelmente uma parcela técnica/simbólica do funeral e da inumação. Em Piaçaguera foram registradas cinzas de estruturas de fogueiras (Tabela 2) em 32 (41,55%) dos sepultamentos, distribuídas entre os adultos masculinos (46,87%), crianças (31,25%) e adultos femininos (21,87%).

Tenório apresentou cinzas de fogueira - braseiro funerário - em 12 (42,85%) dos sepultamentos, distribuídas entre 7 adultos masculinos (58,33%), 6 femininos (50%) e em 1 adulto com sexo indeterminado (8,33%).

Em Mar Virado foram registrados 23 (69,69%) dos sepultamentos (Tabela 6) com cinzas de fogueira (20,68%) e terra preta (79,32%). Dos 14 sepultamentos de adultos

²⁰⁴ UCHÔA e GARCIA, 1980, ob. cit. p. 66

masculinos com terra preta em associação, 2 apresentaram cinzas observáveis; dos 7 femininos com terra preta, 2 apresentavam cinzas; entre as crianças e os adultos com sexo indeterminado, dois casos com terra preta e fogueira simultâneas. A presença de bolsões de restos faunísticos, em especial de exoesqueletos de ouriços com sinais de queima parece estar relacionada a alguma instância das práticas funerárias ou sua utilização como substrato das inumações (sepultamentos 2 e 23).

Em Buracão, ocorreram 15 (38,88%) sepultamentos inseridos em matriz de terra preta e 9(20,93%) com estrutura de fogueira em associação (Tabela 8).

Fauna em associação ocorreu em Piaçaguera, entretanto não foi possível integrar os resultados neste trabalho. Constatamos neste sítio a presença de sementes (coquinhos de palmeiras) queimadas em 9 sepultamentos, sendo 5 de adultos masculinos, 2 de femininos e 2 de crianças.

Em Tenório a fauna associada não foi computada pela presença de inúmeras intrusões na área da cova e a imprecisão na intencionalidade de deposição desses itens, o que ocorreu em todos os sítios. As atividades da pesca e caça de pequeno e médio porte encontram expressão nos acompanhamentos funerários, bem como a utilização possível de restos de carcaças de grandes animais (baleia).

Mar Virado apresentou um substrato arqueológico contendo restos de fauna - exoesqueletos de ouriço, restos de peixes, mamíferos, répteis, aves, crustáceos e moluscos. Nesse aspecto, 13 sepultamentos (39,39%) apresentaram-se em meio a substratos compostos de fauna.

Prancha 1. Acompanhamentos funerários - machados: Tenório: a, b (1519, 1520), sep. X; c, (1486), sep. IV; d, (1528), sep. XIII; Mar Virado: e, (4904), sep. 29; f, (4006), sep. 27; g, (884), sep. 13; h, (4863), sep. 32; Piaçaguera: i, (715), sep. LII; j, (558), sep. XL; k, (318), sep. XXXIII (fotografia: Wagner Souza e Silva, MAE-USP).

Prancha 2. Acompanhamentos funerários em lascas: Buracão: a, (02-07, 09-13, 16), quartz, sep. XXXIII; b, (06-20), quartz, sep. VII; c, (16-24), quartz, sep. XXXIX; d, (01-04), quartz, sep. XXXIX; e, (04-07), quartz, sep. XXIX; f, (01), quartz, sep. XIX; g, (1-2), quartz, sep. XXXII; Mar Virado: h, (1), sep. VI; i, traquito, sep. 16; Tenório: j, (3091, 3093, 3095, 3094, 3096), sep. VI (fotografia: Wagner Souza e Silva, MAE-USP)

Prancha 3. Acompanhamentos funerários em líticos modificados por uso - suportes/batedores/polidores, multifuncionais em rochas básicas: Buracão: a-c, amassadores/ polidores/ percutores (10,08,9), sep. XXI; d, percutor em duas extremidades, sep. XXI; e, (01) percutor, sep. XXXIX; f, (04), sep. XXXVII; g, 1502, quebra-cocos/percutor, sep. VIII; h, 1529, quebra-cocos/percutor, sep. XIII; i, 1598, percutor, sep. XVI; j, 1485, sep. IV; k, 1584, seixo com sinais de uso não associado a sepultamento (fotografia: Wagner Souza e Silva, MAE-USP)

Prancha 4. Acompanhamentos funerários em líticos inespecíficos com sinais de trabalho (pré-formas): Tenório: a, 1590, sep. XIX.; b, 1530, "machado", sep. XIII; c, 1592, "machado", sep. XIX; f, 1587, sep. XIV; g, 5098, sep. X; h, 3099, sep. X; i, 1481, "machado", sep. III; j, 3097, batedor/afiador/estrutura na cova, sobre os membros inferiores do sep. X. (fotografia: Wagner Souza e Silva, MAE-USP)

Prancha 5. Líticos inespecíficos com sinais de trabalho ou uso: Tenório: a, (584, 1021, 1654, 1655, 1572), "fusiformes" não associados; Mar Virado: b, (4873, 4905, 4906, 4907), "fusiformes", sep. 29; Buracão: c, (002/37-06), esboço ou pré-forma de "zoólito"?, sep. XXXVII; Piaçaguera: d, desbastador/polidor?, sep. LV. (fotografia: Wagner Souza e Silva, MAE-USP)

Prancha 6. Acompanhamentos funerários em ossos de animais: Tenório: a (s/nº) fragmento de carapaça de *Chelone sp.*, sep. I; c, 3282, ponta biterminada, sep. XXV; d, 3189, ponta biterminada, sep. II; n, 1500, ponta lanceolada, sep. VIII; r, fragmento de osso de mamífero marinho, sep. XX; y2, 3172, lasca serrada de osso de mamífero, sep. XVIII; Buracão: l, carapaça dorsal de *Hydromedusa sp.*, e, ponta/goiva, osso de ave, sep. XXV; f, ponta, sep. XXXI; g, ponta biterminada, sep. XXXIX; h, ponta biterminada, sep. V; i, ponta biterminada, sep. XIX; j, ponta biterminada, sep. XXXVII; k, ponta biterminada, sep. XIX; o, "ponta lanceolada", sep. XXIX; p, Os 8, "ponta lanceolada", sep. XXIX; q, "ponta lanceolada", sep. XXIX; u, inespecífico, sep. XIX; v, Os 317, mandíbula trabalhada de *Hydrochoerus sp.*; y1, (227), sep. XIX; y3, Os 2, sep. VII; Piaçaguera: s, 431, fragmento de ponta lanceolada, sep. XXXI; t, (7a), ponta lanceolada, sep. I; Mar Virado: x1, 233, sep. 4; x2, 497, sep. 5; x3, 234, sep. 23 (vértebras perfuradas de seláquio) (fotografia: Wagner Souza e Silva, MAE-USP)

Prancha 7. Acompanamentos funerários em dentes de animais: Piaçaguera: a, s/nº, sep I; b, 441, sep. XXV; c, 445, sep. XXXIII; d, 24, sep. III; e, 446, sep. XXX/VII (dentes de *Hydrochoerus* sp); f, 452, *Tayassu* sp, sep. XXII; g, 85, *Cuniculus paca* sep. XI; m, *Caiman* sp, sep XXX; o, mamífero, sep III; p, sep XIII; q, sep IX; Buracão: h, sep V; Tenório: i, sep V; j, Sep VI; k, sep VII; l sep IX; n, *Pontoporia* sp, sep VI; r, macaco, sep X (fotografia: Wagner Souza e Silva, MAE-USP)

Prancha 8. Adornos: Piaçaguera: a, colar reconstituído, sep s/na, s/nº, sep I; b, 441, sep. XXV; c, 445, sep. XXXIII; d, 24, sep. III; , 37 dentes perfurados de *Alouatta sp.*, n. 349; Tenório: sep.(?), colar em dentes de macaco e vértebras de peixe cartilaginoso (fotografia: Wagner Souza e Silva, MAE-USP)

Prancha 9.

Acompanhamentos funerários em dentes de seláquios: Piaçaguera - a, (556, 556-A, 556-B), *Carcharodon carcharias* sep. XL; b (308-309), *Carcharodon carcharias*, sep. XXVI; c, (449), *Carcharodon carcharias*, sep. XXXVIII; e, (226), *Carcharodon carcharias*, sep. XIX; f, (125), *Carcharodon carcharias*, sep. VIII/XVI; g, (317), *Carcharodon carcharias*, sep. XXIX; h, (444), *Carcharodon carcharias*, XXXIII; i, (569A, 569), *Galeocerdo cuvier*, sep. XXVIII; j, (s/nº e3), *Galeocerdo cuvier*, sep. I; k, (126), *Prionace glauca*, sep. VIII; l, (22,48), *Prionace sp.*, sep. V; m, (554), *Galeocerdo cuvier*, sep. XLVI; n, (586), *Galeocerdo cuvier*, sep. XLVIII; o, (91-91B), *Prionace sp.*, sep. VI; p, (92), *Prionace sp.*, sep. XX; q, (442), *Prionace sp.*, sep. XXX; Mar Virado: d, (645), *Carcharodon carcharias*, sep. 4 (fotografia: Wagner Souza e Silva, MAE-USP)

Prancha 10. Acompanhamentos funerários em dentes de seláquios: Piaçaguera : a, (342), *Prionace glauca*, sep XXXV; Tenório: b, (s/n°), seláquio, sem trabalho, sep. VI; Buracão: c, sep XII; d, sep XXI; e (D5), sep XXX ; f, (D7), sep XXXI; g,(s/n°), *Odontaspis taurus*, sep XXXVI(fotografia: Wagner Souza e Silva, MAE-USP)

Prancha 11. Acompanhamentos funerários em dentes de seláquios não modificados: Piaçaguera : a, (546), *Galeocerdo cuvier*, sep. XLII; b, (435), *Galeocerdo cuvier*, sep. XXXVI; c, (562), *Galeocerdo cuvier*, sep. XLVII; d, (561), *Prionace sp*, sep XLVII. (fotografia: Wagner Souza e Silva, MAE-USP)

Prancha 12. Acompanhamentos funerários em dentes de seláquios não modificados: Piaçaguera : a, (557), *Galeocerdo cuvier*, sep. XL; b, (555), *Galeocerdo cuvier*, sep. XL; c, (437), *Galeocerdo cuvier*, sep. XXXVI (fotografia: Wagner Souza e Silva, MAE-USP)

Prancha 13. Acompanhamentos funerários em valvas trabalhadas e/ou perfuradas de moluscos: Buracão: a, (C1), pendente, *Strombus* sp. sep. XXIV; b, (C1), pendente, *Strombus* sp. sep. XXX; c, (C2), pendente, *Strombus* sp. sep. XVIII; f, (C1-3), *Natica limbata* sep. XXXVII; Tenório: d, (2201-2208), pendentes, sep. XVI; e, (1480), pendentes, sep. II; g, (2209), *Bullia squalida*, sep. XVI; h, (2213), *Agaronia*, sep. X; Piaçaguera: i, (727), *Olivella* sp.; sep. LII (fotografia: Wagner Souza e Silva, MAE-USP)

Prancha 14. Acompanamentos funerários em valvas com e sem modificação: Buracão: a, *Mactra alata* com perfuração, sep. 31; b, *Mactra alata* perfurada; c, (C10), não modificada, sep. 21; d, *Thais* sp, não modificada, sep. 21; f, (C13), *Sanguinolaria cruenta*, sep. 31; g, *Clamys* sp modificada - raspador/cortador, sep. 21; h, (F2A), *Lucina pectinatus*, com sinais de uso - raspador, sep. 5; i, (C27), *Lucina pectinatus*, raspador, sep. 4; j, *Lyropecten nodosus*, com quebra, sep. 31; k, *Mactra alata*, raspador, sep. 29; l, (C1), *Lucina pectinatus*, lascamentos sucessivos nas bordas, raspador/cortador, sep. 21; m, (15), *Lucina pectinatus*, perfurada, sep. 16; o, *Tivela* sp, não modificada, sep. 21; p, conjunto de "raspadores" em valvas com sinais de uso de *Lucina pectinatus*; Tenório: e, (s/nº), gastrópode (*Strombus* sp) sem modificação, sep. XVI; n, (Q51), *Lyropecten nodosus*, não associada a sepultamento (fotografia: Wagner Souza e Silva, MAE-USP)

Prancha 15. Acompanhamentos funerários em ossos, dentes e conchas impregnados de hematita/limonita, pulverizada sobre o crânio, mandíbula, membro superior esquerdo e extremidades proximais dos membros inferiores, sepultamento XVIII, Tenório: a, 1 valva de *Macra alata* não modificada, 3 de *Macrocalista maculata* trabalhadas e 1 perfurada de *Amiantis purpurata*; b, 2 fragmentos de maxila de peixe modificada (?); c, dentes de seláquios não modificados; d, raios de nadadeira internos e externos ou espinhos de nadadeira de peixes ósseos sem modificação; e, (3183), ponta lanceolada em osso de mamífero; f, raios ou espinhos de nadadeiras não modificados, peixes; g, (3185), raio de nadadeira interno trabalhado, (3182), raio de nadadeira externo trabalhado, (3182A), raio de nadadeira externo trabalhado; h, (3172, 3174 e s/n°), 2 fragmentos de diáfises cortadas de aves e 1 fragmento de vértebra de *Sotalia sp* (fotografia: Wagner Souza e Silva, MAE-USP)

Fig. 22 - Acompanhamentos funerários em contexto arqueológico, Piaçaguera, sep. XLIV: A, (543) incisivo de *Hidrochoerus hidrochoeris* com sinais de uso - ; B, (544), artefato (goiva, espátula, inespecífico) em costela de baleia; C (451, 451-A) dentes de *Prionace sp* (adorno de pescoço); (542) dente perfurado de *Prionace sp* deslocado na extremidade da goiva 544.

Fig. 23- Acompanamentos funerários em contexto arqueológico: Piaçaguera, sep. LIII: A, (657), dentes não modificados de *Prionace* sp.; B, (657-A), dentes não modificados de *Galeocerdo* sp. adorno de pescoço; C, (658), dente perfurado de *Carcharodon* sp. adorno.

A

B

C

D

Fig. 24 - Acompanhamentos funerários: Piaçaguera, sep. XXXVI: A, (434), dente trabalhado na base de fixação e perfurado de *Carcharodon carcharias*; B, (435) 15 dentes não modificados de *Galeocercus sp.* membro superior esquerdo; C, esquema do sepultamento XXXVI/XXXV; sep. XXXV: C, (416), dente perfurado de *Carcharodon carcharias*.

Fig. 25 - Acompanamentos funerários, Piaçaguera: sep. XLVIII (esquema) - A, (586), dente trabalhado na base de fixação e perfurado de *Galeocercus cuvier*; abaixo: sep. V (esquema) - A, (22), dente trabalhado e perfurado (*Prionace sp?*)

Fig. 26 - Acompanamentos funerários, Piaçaguera: sep. XI (esquema) - A (85), dente de *Hydrochoerus* não modificado, com sinais de uso
 abaixo: sep. XXVI (esquema) - A (308), dente trabalhado na base de fixação e perfurado (pendente).

Fig. 27 - Acompanhamentos funerários, Piaçaguera: sep. VIII/XVI (esquema) - A (114 e 115), dente deslocado de *Carcharodon* junto do esqueleto de criança nº XVI, esfera de osso; B, ocre em massa entre o membro superior esquerdo e o tronco, sep. VIII, adulto.

Fig. 28 - Acompanhamentos funerários, Piaçaguera: sep. XLII (esquema) - A, B: 546 - 61 dentes sem trabalho de *Galeocercus cuvier*, niv. 10,44m; 535 - 1 dente perfurado de *Carcharodon*, niv. 10, 44m, vértebras cervicais; 546-A- 1 dente sem trabalho de *Sphyrna diplana*, niv. 10, 44m; 536- 28 dentes perfurados de bugio (colar), Q62, niv. 10,44m, junto dos dentes do esqueleto; 536-C - 1(37) dente perfurado de bugio (colar), niv. 10,44m; 536-B - 6 dentes perfurados de quati, niv. 10,44m; 536-A- 1 incisivo c/perfuração e fragmentado de porco do mato, niv. 10,44m; 537- 657 valvas perfuradas de *Olivella verreaux*, niv. 10,44m; 536-D- 23 vértebras perfuradas de seláquio, niv. 10,44m, junto dos dentes do esq.; 534 - 1 dente com duas perfurações de *Carcharodon*, niv. 10,44m, vértebras cervicais; ocre; carvão; concreção.

Fig. 29 - Acompanamentos funerários, Piaçaguera: sep. XL (esquema, criança maior) - A (558) machado em fílitto, (557), 11 dentes de *Galeocerdo sp* não modificados do lado direito do corpo, (555), 29 dentes não modificados de *Galeocerdo cuvier*, lado esquerdo do corpo, nos membros superiores, B (560) 160 valvas perfuradas de *Olivella sp.* abaixo da pelve; sep. XLVII (esquema, criança menor) - C (562) 16 dentes não modificados de *Galeocerdo cuvier*, membro superior direito, (561) 22 dentes não modificados e 2 com sinais de uso na ponta, *Prionace sp.* lado esquerdo do esqueleto, junto do membro superior esquerdo.

Fig. 30 - Acompanhamentos funerários, Piaçaguera: sep. XXXII/XXXIII (esquema): A e B - 318- machado de diabásio, Q73, BC-1,2, niv. 10,49m; 443 - 23(14?) valvas perfuradas de *Olivella verreaux*, Q73, niv. 10,49m, na região das cervicais; 444 - 1 dente perfurado e com trabalho na placa basilar de *Carcharodon*, Q73, niv. 10,49m, região do pescoço; 448 - 3 dentes sem trab. *Prionace sp.*, niv. $\pm 10,49$ m (peneira), concreção.; C, dente de *Hydrochoerus* não registrado.

Fig. 31 - Acompanamentos funerários, Tenório: sep. XXV (esquema acima): A (3378), pendente triangular em valva trabalhada e perfurada de molusco, (3379 e 3379-A), valvas perfuradas e sobrepostas de *Macra alata* (raspador/plaina); sep. XVI (esquema abaixo): A (2200 a 2208), pendentes de *Strombus*, B (1598), seixo bateador na mão direita, C (s/nº), espinhos e raios de nadadeira não modificados de peixes ósseos

A

D

C

E

B

Fig. 32 - Acompanhamentos funerários, Tenório: sep X (esquema), A, carapaça de *Chelone sp* ; B (876) esboço de fusiforme na face, (1522), 10 dentes trabalhados e perfurados de macaco, (1521), pendente em valva de molusco trabalhada e perfurada; C (1519) e D(1520), machados em seixos de diabásio lascados e polidos

A

C

B

D

E

Fig. 33 - Acompanhamentos funerários: Tenório, sep. XVIII (esquema) - A e B - agrupamento de espinhos de nadadeira não modificados, valvas de *Maetra alata*, ponta lanceolada, dentes de seláquios não modificados, C - ocre; Mar Virado, sep. 29, D(4904); machado e fusiformes; sep. 32, E(4863): machado.

Fig. 34 - Acompanhamentos funerários: Buracão, sep. 24, A e B: pendente em valva de *Strombus sp* trabalhada e perfurada, ocre; Mar Virado, sep. 27, A(vista geral), D(4006), machado.

Fig. 35 - Acompanhamentos funerários: Buracão, sep. 21(esquema), A, agrupamento faunístico com ocre, batedores, espinhos de peixe, lascas de quartzo, pontas ósseas; B, carapaça de *Hydromedusa* sp.; C, pontas e espinhos de nadadeiras de peixes ósseos.

A

B

D

C

E

F

Fig. 36 - Ocre: A, sep. XVIII, Tenório; B, sep. I, Piaçaguera; C, sep. 27, Mar Virado; D, sep. XIX, Piaçaguera; E, sep. VIII, Piaçaguera; F, sep. 24, Buracão.

Fig. 37 - Adornos e utensílios de referências etnográficas: A, dentes de *Hydrochoerus sp.*, raspador (Mato Grosso); B, I, J instrumentos para preparação de flechas em dente de animal (paca/cotia), Bororo; C, raspador/escavador em dente de *Hydrochoerus*; E, G, F, valvas de moluscos empregadas para cortar e como plaina e raspadores de raízes (Mato Grosso); H, adorno de peito em dentes de felídeo, Bororo; D, sarjador em dentes de peixe; N, machado de pedra com cabo (Mato Grosso); M, extremidades de um furador de conchas com lascas líticas (adaptado de STEINEN, K V D. Entre os aborígenes do Brasil Central. Revista do Arquivo, n. 34, São Paulo, Departamento de Cultura, p. 231-253, 1940; MANIZER, G G. A expedição do acadêmico G.I. Langsdorf ao Brasil. Brasiliana, v. 329, p. 119,138, 1967)

CAPÍTULO. 6 - INFORMAÇÕES BIOARQUEOLÓGICAS

6.1 - Sexo e Idade

Determinadas informações referentes a idade da morte ou idade biológica e ao sexo dos mortos inumados é de grande importância para ser esquadrihada uma população funerária. Quem é e quem não é enterrado e com quais acompanhamentos funerários, orientado para onde, deitado e dispostos os seus membros como? Esses elementos - idade e sexo - perfazem uma parcela da identidade física dos mortos. Mesmo a questão do gênero, quais suas expressões no contexto arqueológico? Mulheres, homens e crianças, quando mortos, recebem tratamentos funerários específicos? Os gêneros feminino e masculino, culturalmente construídos, podem ser perceptíveis através da análise dos vestígios funerários? Os pescadores-coletores-pescadores que habitaram o litoral faziam parte de sociedades que tratavam seus mortos com a inumação, independentemente da idade ou sexo?

A diagnose sexual é um pré-requisito para muitas outras formas de análise do esqueleto e suas características enquanto remanescente de indivíduos que fizeram parte de contextos sistêmicos de interesse arqueológico. Assim, estatura, idade, tipo de sepultamento, adornos funerários, entre outras variáveis, quando analisadas em relação ao sexo, favorecem a resolução de problemas e formulação de hipóteses sobre aspectos das relações de gênero, discriminações dietárias, posturas corporais recorrentes durante a vida, formas de uso dos dentes como artefatos, por exemplo, em sociedades extintas (Buikstra e Ubelaker, 1994; Ubelaker, 1992; Bass, 1987).

A determinação do sexo em esqueletos humanos, tema extensivamente tratado na bibliografia arqueológica, mais especificamente na bioantropológica, tem sido obtida

através da observação macroscópica dos seguintes caracteres ósseos, sempre considerados em conjunto e relacionados entre a amostra esquelética como um todo:

a) caracteres dimórficos cranianos: crânio e mandíbula

b) caracteres dimórficos infra-cranianos: ossos dos quadris, sacro, tálus, ossos longos.

Diferenciações na pelve , no crânio e mensurações dos diâmetros verticais das superfícies articulares. Os ossos do quadril fornecem importantes indicadores de sexo por causa de remodelações que ocorrem durante a gravidez, nas mulheres. Mudanças hormonais durante a puberdade ocasionam alterações morfológicas significativas entre os sexos. Na região do púbis, o arco ventral, a concavidade subpúbica e a presença de linha no ramo inferior do púbis, associados ao ângulo subpúbico (quando podemos articular os dois ossos do quadril, o aspecto da abertura da incisura isquiática maior, remodelações do relevo do púbis (relacionadas à gestação) caracterizadas pela presença das depressões para-sinfiseais e do tubérculo púbico, ambos bilaterais ou não (NEVES, 1983)²⁰⁵ e No crânio, a robusticidade de certos caracteres do relevo ósseo , em conjunto, pode indicar a distinção sexual: glabella, processos mastoideos, margem supra-orbitária, protuberância occipital externa (crista nugal), desenvolvimento da eminência mentoniana. Assim , elementos ou caracteres dimórficos para o sexo tem sido recorrentes na bibliografia antropológica: caracteres cranianos, pélvicos e dos ossos longos (Ubelaker, 1999; Mays, 1999; Brothwell, 1981; Buikstra e Ubelaker, 1994; Bass, 1995; White e Folkens, 2000; Cox, 2001)²⁰⁶ Para

²⁰⁵ NEVES, W A . Fertilidade das mulheres e dimorfismo sexual no sítio arqueológico da praia da Tapera, Santa Catarina, Brasil: análise das modificações do púbis. Revista de Pré-História, IPH-USP, p.23-36, 1983. Para esse autor, analisando uma amostra de 21 esqueletos, as depressões para-sinfiseais não apareceram para o sexo masculino. O tubérculopúbico pode aparecer em homens e mulheres, contudo apresentando maior expressividade e frequência no grupo feminino.

²⁰⁶ UBELAKER, D H. Human Skeletal Remains. Excavation, Analysis, Interpretation. 2 ed, Taxacum, Washington, 1989; MAYS, S. The Archaeology of Human Bones. Routledge, London, 1999; BUIKSTRA, J E, UBELAKER, D H. (eds.) Standards for Data Collection from Human Skeletal Remains. Arkansas

identificar os critérios utilizados por região do esqueleto podemos empregar C (crânio), P (pelve), L (ossos longos). O emprego de funções discriminantes a partir de análise métrica do crânio, dentes e ossos longos tem propiciado acurácias elevadas para a diagnose sexual (Cox, 2001).

Para Cox(2001)²⁰⁷, o sexo biológico pode ser confundido com o gênero. Gênero é um termo construído culturalmente com atributos relacionados a percepção de feminino e masculino. Assim:

(...)Gender is a value-laden term describing culturally constructed attributes related to perceptions of 'maleness' and 'femaleness' and should not be confused with biological Sex. Biological Sex is, however, the essential base point from which to infer gendered attributes. Although all fetuses begin as female, the difference between males and females is established at conception; the female having two X chromosomes and the male one X and one Y. At about six weeks the Y chromosome triggers the development of the testes and the process of masculinization begins. Sexual differentiation is determined by hormonal differences between males and females (COX, 2001:237)

Para a sexagem dos esqueletos das amostras estudadas, foram considerados os traços dimórficos descritos por Ferembach e outros (1980)²⁰⁸, para as amostras de Piaçaguera e Tenório. Para as amostras de Buracão e Mar Virado foram considerados os caracteres descritos por Cox(2001), White e Folkens(2000)²⁰⁹, Brothwell (1981)²¹⁰, Ubelaker (1989)²¹¹

Archaeological Survey Research Series, 44, 1994; BROTHWELL, D R. Digging up Bones: the excavation, treatment and study of human skeletal remains, 3 ed. Ithaca: Cornell University Press. 1981, BASS, W. Human Osteology: a laboratory and field manual. 4 ed. Columbia, Missouri Archaeological Society, 1995; WHITE, T D, FOLKENS, P A. Human Osteology. 2 ed. Academic Press, London, 2000; COX, M. Assessment of Age at Death and Sex in the Adult Human Skeleton. In: BROTHWELL, D R, POLLARD, A M (eds.) Handbook of Archaeological Sciences. John Wiley & Sons, p.237-247, 2001)

²⁰⁷ COX, M. Assessment of Age at Death and Sex in the Adult Human Skeleton. In: BROTHWELL, D R, POLLARD, A M (eds.) Handbook of Archaeological Sciences. John Wiley & Sons, p.237-247, 2001.

²⁰⁸ FEREMBACH, D, SCHWIDETZKY, I, STOUKAL, M. Recommendations for Age and Sex Diagnoses of Skeletons. Journal of Human Evolution. London, v.9. p.517-549, 1980

²⁰⁹ WHITE, T D, FOLKENS, P A . Human Osteology. Second ed. Academic Press. California, p.337-379, 2000.

²¹⁰ BROTHWELL, D R. Digging Up Bones. 3 ed. Ithaca, New York, Cornell University Press. 1981.

e Buikstra e Ubelaker (1994)²¹². A estimativa da idade biológica foi realizada de acordo com os seguintes caracteres: estágios de erupção dentária (para os subadultos), descritos em Buikstra e Ubelaker(1994), White e Folkens(2000), Roberts(2002)²¹³ Sheuer, Black e Christie(2000)²¹⁴, atrição dentária, no diagrama de Brothwell(1981), fusão dos núcleos de ossificação nos ossos longos, ossos do quadril e costelas (Sheuer, Black e Christie, 2000; White e Folkens, 2000) e cálculos aproximativos para os graus de sinostose das suturas cranianas propostos por Lovejoy(Buikstra e Ubelaker, 1994). As estimativas incluíram a média das características passíveis de observação e variaram de um a outro indivíduo. Não foram realizadas radiografias ou quaisquer métodos intrusivos, assim como análise da estrutura histológica do osso cortical, exames dos estágios de degeneração da superfície articular do ílio e da sínfise púbica, degeneração das extremidades costais das costelas e análise histológica dos dentes²¹⁵. As amostras infantis de Buracão e Mar Virado foram analisadas considerando-se os estágios médios de fusão das linhas epifisárias dos ossos longos, desenvolvimento dos ossos do quadril e desenvolvimento dentário, quando possível.

O perfil demográfico caracterizado pela distribuição sexual e etária das populações estudadas apresentou a seguinte composição para as amostras:

²¹¹ UBELAKER, D H. Human Skeletal Remains: Excavation, Analysis, Interpretation . 2 ed. Washington, DC. Taraxacum. 1989.

²¹² BUIKSTRA, J E, UBELAKER, D H. Standards for Data Collection from Human Skeletal Remains. Fayetteville, Arkansas. Arkansas Archaeological Survey Report. n.44. 1994.

²¹³ ROBERTS, C A . Forensic anthropology 1: the contribution of biological anthropology to forensic contexts. In: HUNTER, J. Studies in Crime: A introduction to Forensic Archaeology. New York, Routledge, p.101-121, 2002

²¹⁴ SCHEUER, L, BLACK, S, CHRISTIE, A . Developmental Juvenile Osteology. Academic Press, London, p.152-162, 273-467, 2000.

Tabela 3 - Distribuição sexual e etária nas amostras de Buracão, Mar Virado, Piaçaguera e Tenório:

Distribuição sexual e etária (N=203)					
Sexo					
Categorias	Buracão	Mar Virado	Piaçaguera	Tenório	Total
Feminino	4	10	20	14	48
Indeterminado	27	24	29	7	87
Masculino	13	20	28	7	68
Total	44	54	77	28	203
Grupo etário					
Adulto (>20anos)	24	40	39	21	124
Indeterminado	-	-	-	1	1
Subadulto (<20anos)	20	14	38	6	78
Total	44	54	77	28	203

Em Tenório foi registrada maior incidência de indivíduos femininos (66,7%) do que masculinos (33,3%). Nas outras amostras a incidência de indivíduos masculinos variou de 58,4% a 76,4% dos indivíduos com sexo determinado. Buracão, Piaçaguera e Mar Virado apresentaram uma média percentual de 64,2% de indivíduos masculinos.

Tenório apresentou outros 56 registros²¹⁶ de inumações severamente perturbadas, caracterizadas por ossos esparsos e possivelmente misturados que estenderam a amostra de esqueletos para 73 indivíduos. As idades e sexos determinados entre os sepultamentos I a XXVIII de Tenório, com N=23, estão quantificados na tabela abaixo:

Tabela 4 - Distribuição dos esqueletos de Tenório por classes de idade e sexo (NMI=23):

Distribuição dos esqueletos de Tenório por classes de idade e sexo (NMI=23)				
Classes de idade	Feminino	Masculino	Indeterminado	Total
0-5	-	-	2	2
5-10	-	-	1	1
10-15	-	-	-	-
15-20	3	1	-	4
20-30	3	3	-	6
30-40	5	2	-	7
40-50	2	1	-	3
50-x	-	-	-	-
Total	13	7	3	23

²¹⁵ O cálculo etário, embora restrito às análises macroscópicas e de superfície, prescindiu em alguns casos da verificação dos estágios de degeneração da sínfise púbica, quando possível, e da superfície articular do ílio.

Considerando o acréscimo dos 56 indivíduos esparsos, distribuídos por camadas (I, II e III), temos as seguintes distribuições de adultos e subadultos (NMI=73):

Tabela 5 - Percentual dos indivíduos inumados em Tenório por camadas e grupos de idade (NMI=73):

Percentual dos indivíduos inumados em Tenório por camada e grupo de idade (NMI = 73)			
Camada	Adulto(>20a)	Subadulto(<20a)	Total
I	12(52,17%)	11(47,83%)	23(31,50%)
II	34(80,95%)	8(19,04%)	42(57,54%)
III	7(87,50%)	1(12,50%)	8(10,96%)
Total	53(72,61%)	20(27,39%)	73(100,00%)

Gráfico 1 - Distribuição dos indivíduos inumados entre os sepultamentos I a XXVIII de Tenório por classes de idades e sexo(N=23):

Fem= feminino; masc=masculino; ind=sexo indeterminado

As inumações de Piaçaguera apresentam a seguinte distribuição etária e sexual:

Tabela 6 - Distribuição da amostra de Piaçaguera por classes de idades e sexo(n=77):

Distribuição dos esqueletos de Piaçaguera por classes de idade e sexo (NMI=77)				
Classes de idade	Feminino	Masculino	Indeterminado	Total
Feto			5	5
0-5			20	20
5-10			3	3
10-15	1	2		3
15-20	2	4	1	7
20-30	11	9	1	21
30-40	3	6		9
40-50	2	6		8
50-x		1		1
Total	19	28	30	77

²¹⁶ Destes, 57,1% eram de adultos, 32,1% de subadultos (<20anos) e 10,8% não observados ou sem estimativa

Gráfico 2 - Distribuição dos esqueletos de Piaçaguera por classes de idades e sexo(N=77):

Em Piaçaguera a amostra esquelética apresentou 24,67% de indivíduos femininos, 36,36% de masculinos e 38,96% de indeterminados quanto ao sexo. Os adultos (>20anos) representam 50,64% enquanto que os subadultos (<20anos) 49,36%. Destes, 13,15% são fetos a termo, 52,63% possuem idades entre 0 e 5anos, 7,89% de 5 a 10anos, 7,98% de 10 a 15anos e 18,42% de 15 a 20anos.

Buikstra e Ubelaker(1994) sugerem a divisão das classes etárias em feto, infantil, criança, adolescente, adulto jovem, adulto maduro e adulto velho. Para essas classes as amostras de Piaçaguera e Tenório apresentaram em conjunto a seguinte conformação numérica:

Gráfico 3 - Distribuição das amostras de Tenório (n=23) e Piaçaguera (n=77) por classes de idades e sexo:

F = feminino; M= masculino; ind= sexo indeterminado; Te= amostra de Tenório; Pi= amostra de Piaçaguera; <0a= feto; 0-3anos=infantil; 3-12anos= criança; 12-20anos= adolescente; 20-35anos= adulto jovem; 35-50anos= adulto maduro; >50anos= adulto velho.

A distribuição entre adultos e subadultos nas 4 amostras podem ser visualizada nos sectogramas abaixo:

Gráficos 4-7 - Distribuição numérica dos adultos(>20a) e subadultos(<20a) em A - Tenório(n=23), B - Piaçaguera(n=77), C - Buracão(n=44) e Mar Virado (n=54):

A - Tenório

B - Piaçaguera

C - Buracão

D - Mar Virado

A mortalidade entre os subadultos (<20anos) é elevada em Piaçaguera e Buracão, com percentuais de mortes de 48,05% e 45,45%, respectivamente. Em Mar Virado e Tenório a representatividade de subadultos equivale a 25,92% e 30,43%.

A distribuição geral por sexo nas amostras indicou as seguintes conformações nos sectogramas:

Gráfico 8-11 - Distribuição de sexo entre as amostras de A - Tenório(n=21), B - Piaçaguera(n=48), C - Buracão (n=17) e D - Mar Virado(n=30):

A - Tenório

B - Piaçaguera

C - Buracão

D - Mar Virado

As amostras indicam variados percentuais para as idades e sexo destacando-se a incidência significativa de subadultos (<20anos) nos sítios Piaçaguera(48,05%) e Buracão(45,45%). Nesse caso torna-se perceptível a taxa de mortalidade elevada entre

jovens e crianças. Em Tenório e Mar Virado os percentuais de subadultos caem para 30,43% e 25,92%, respectivamente. Na amostra de Tenório, entre os indivíduos com sexo determinado nos sepultamentos I a XXVIII, 66,7% correspondem aos femininos e 33,3% aos masculinos. O número de masculinos suplanta os femininos nas demais amostras, representando 76,47% em Buracão, 66,66% em Mar Virado e 58,33% em Piaçaguera.

Para Uchôa, Mello e Alvim e Oliveira Gomes(1987)²¹⁷, a amostra de Piaçaguera apresentou os seguintes percentuais de indivíduos por sexo e intervalos de idade:

Gráficos12-13-Distribuição percentual da amostra de Piaçaguera por sexo e classes de idades²¹⁸:

Gráfico 12 (n=41)

Gráfico 13 (n=46)

Os gráficos indicam indivíduos femininos entre 20 e 35 anos com maiores percentuais de morte, variando de 15,21 a 24,39%. Os indivíduos masculinos e os femininos

²¹⁷ UCHÔA, D P, MELLO E ALVIM, M C de, OLIVEIRA GOMES, J C de. Demografia esquelética dos "construtores" do sambaqui do Piaçaguera, São Paulo, Brasil. IV Reunião Científica da SAB (separata), Centro de Cultura de Santos, São Paulo, p.3-28, 1987.

apresentavam diferenças de longevidade. Os homens apresentam maior mortalidade entre 35 a 50 anos. As causas possíveis de mortalidade estariam associadas a condições de estresse pré e pós-parto; nos homens às relações interpessoais ou intergrupais conflituosas²¹⁹. A mortalidade infantil nos grupos, especialmente Piaçaguera e Buracão apresenta como causas possíveis deficiências metabólicas relacionadas as carências alimentares ou a anemias causadas pela ação de prováveis parasitas intestinais. Nos casos dos lactentes a perda da genitora poderia resultar em estresses crônicos que poderiam levar à morte por desnutrição e/ou infanticídio de origem cultural. As crianças (2-12anos), nas quais constatou-se a presença de cribra orbitalia e/ou hiperosteose porosa, resultados de fatores sinérgicos de origens diversas como as alterações hematológicas - anemia ferropênica, esferocitose hereditária, ciclemia, anemia falciforme e a talassemia - esta última letal em crianças de até cinco anos de idade, quando severa²²⁰. Foram registradas em adultos de Piaçaguera lesões de aspecto cicatrizado (seps. XXX e XLVI) e de aspecto ativo (sep. VIII), indicando sobrevida de indivíduos doentes e estágios ativos da patologia.

A distribuição percentual das classes de idades para as amostras de Piaçaguera uma incidência significativa de jovens de 51,94% e em Buracão de 46,94% (Gráficos 14 e 15):

²¹⁸ Subadulto - 18 a 21 anos, adulto-jovem - 21 a 35 anos, adulto-maduro - 35 a 50 anos e velho - 50 a x anos.

²¹⁹ Uchôa et all, 1987, p.12

²²⁰ MELLO E ALVIM, M C de, UCHÔA, D P, GOMES, J C O . Cribra orbitalia e lesões cranianas congêneres em populações pré-históricas do Brasil. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, S. Paulo, v.1, p. 21-53, 1991.

Gráfico 14 - Distribuição percentual da amostra de Piaçaguera (n=77) por classes de idade:

Gráfico 15 - Distribuição percentual da amostra de Buracão (n=49) por classes de idade e sexo, sendo 21 crianças, 2 jovens, 26 adultos (15 masculinos, 7 femininos, 2 com sexo indeterminado e 2 velhos)²²¹:

²²¹ Adaptado de MELLO E ALVIM, M C de, UCHÔA, D P. O sambaqui do Buracão - uma contribuição ao estudo da pré-história do litoral paulista. In: Arquivos de Anatomia e Antropologia, Instituto de Antropologia Professor Souza Marques. Escola de Medicina - Departamento de Biomorfologia, Rio de Janeiro, v.IV e V, p.338-393 (fig.2), 1979-80.

Entre as amostras, apresentaram significativas quantidades de indivíduos diagnosticados como femininos (20 a 35anos) os sítios Tenório e Piaçaguera (Tabelas 3, 4, 6, Gráficos 1, 2, 3, 8, 9). Os jovens (< 20 anos) apresentaram, entre os indivíduos com idades calculadas, elevada incidência nas amostras de Buracão (Tabela 3, Gráficos 4-7C, 15).

As tabelas indicam números significativos de indivíduos com sexo indeterminado, o que reduz o potencial de análise dos totais de esqueletos exumados. O esqueleto do sepultamento XIX de Tenório, por exemplo, apresentou caracteres dimórficos macroscópicos para ambos os sexos, tanto cranianos quanto infracranianos, não possibilitando uma sexagem precisa. Assim, as características das amostras funerárias quanto ao sexo e idade, excluindo-se as indeterminações, apresentou os perfis descritos acima: nas quatro amostras fica evidente a inumação de indivíduos de idades e sexos distintos, sem predileção por um ou outro. A segregação por sexo ou idade não foi constatada nessas populações. Mulheres, homens e crianças são inumados no mesmo núcleo funerário, indicando a existência de agrupamentos humanos complexos.

6.2. Características dos dentes

A análise de dentes humanos recuperados arqueologicamente podem fornecer informações significativas sobre características dietárias, culturais e dos níveis de saúde/higiene bucal em populações pré-históricas. Os componentes estruturais dos dentes podem sofrer alterações durante o seu desenvolvimento caracterizadas pelos defeitos hipoplásticos e, após o desenvolvimento completo, a ação da atrição, quebras e lesões cariogênicas. Assim, os dentes mantêm um registro permanente e quase sempre não remodelável das condições ambientais e congênicas.

Os aspectos das alterações dentárias, resultantes de doença periodontal, dos abscessos, hipoplasia, traumas, acúmulo de tártaro, presença ou ausência de cárie ou pelo desgaste fisiológico ou patológico²²² podem funcionar como indicadores do estado morfofuncional do aparelho mastigatório, assim como informações odontológicas para a elaboração de inferências sobre a dieta alimentar e determinados hábitos culturais: a) o advento do consumo de amido resultante do implemento de cultivos incipientes de vegetais, da coleta e consumo intensivo de tubérculos e/ou da predominância do peixe e moluscos na alimentação e b) o uso dos dentes como instrumentos de trabalho (elaboração de artefatos em peles ou fibras vegetais), discriminado ou não por sexo e/ou idade.

A dentição é analisada a partir do número de dentes dos maxilares e da mandíbula presentes ou ausentes congenitamente e número de dentes perdidos premortem ou in vivo e postmortem. A presença e frequência das doenças dentárias como a periodontite (inflamação dos tecidos que circundam os dentes resultando em reabsorção alveolar, entre

²²² O termo “atrição patológica” foi utilizado para designar uma atrição localizada, causada pelo uso ou posição anormal do dente, em contraposição à “atrição fisiológica”, resultante da mastigação normal em PINDBORG, J.J. *Pathology of the Dental Hard Tissues*. Philadelphia: W B Saunders Company, p. 294, 1970

outros), o cálculo ou tártaro dental, lesões cavitárias cariogênicas, abscessos, linhas hipoplásicas formadas na primeira infância durante a formação do esmalte), quebras e a atrofia dentária mostraram-se recorrentes durante as análises dentárias.

6.2.1 - Perda dentária:

A perda dentária postmortem pode ser decorrente de degradações ocorridas por processos tafonômicos diversos que atuaram no substrato de deposição do corpo, logo após ou anos após a morte. Durante a intervenção arqueológica de campo e posteriores e sucessivos manuseios em laboratório, as coleções esqueléticas sofreram não somente perdas dentárias, mas perdas ósseas. Perdas dentárias premortem\in vivo são decorrentes de fatores variados, simultâneos ou não, como a extração intencional de dentes , perda por uso intencional acentuado dos incisivos associado a possível periodontite crônica ou outra patologia e perda estrutural parcial por fraturas extensas. Tanto uma como a outra são indicadores de alterações dentárias significativas nas amostras. Fatores sinérgicos que possam atuar na perda dentária podem ser inferidos a partir das características encontradas no osso alveolar: presença de alvéolos indica perda após a morte ou pouco antes ou logo depois desta; presença de reabsorção alveolar indica perda dentária durante a vida. Tanto uma quanto a outra podem coexistir num mesmo indivíduo.

Fig. 38 - Aspectos das perdas dentárias premortem na amostra de Tenório. Acima, perdas pre e postmortem , por intenso desgaste, abertura das câmaras pulpares e extrusão associada a reabsorção alveolar na região dos primeiros molares, Tenório, sep. XXIV; abaixo, severa perda dentária associada com espaçamentos e desgastes incomuns, possivelmente extramastigatórios, Tenório, sep. XVIII (fotos: Wagner Souza e Silva, MAE-USP, 2005).

A perda dentária premortem²²³ pode ter início por um ou uma combinação de fatores, como o cálculo, periodontite, cárie e atrição severa. Em Mar Virado, a interação cálculo/periodontite/abcesso/atricção severa contribuíram para esse tipo de perda. Em Tenório, esse tipo de perda deveu-se ao uso intensivo (extramastigatório ou extrafisiológico) dos dentes incisivos e doenças degenerativas complexas do osso alveolar (Fig.38, 39)

Fig. 39 – Alterações alveolares que resultam em extrusão dentária premortem: acima, à esquerda - perda iminente por interação de processos infecciosos da doença periodontal (Te, sep XXV); abaixo, à esquerda e à direita - abscessos alveolares nos incisivos laterais superiores e lateral inferior direito (extrusivo), possivelmente decorrentes da abertura das câmaras pulpares por desgaste excessivo, e subsequente ação sinérgica de fatores, Piaçaguera, sep. XLVI (fotos Wagner Souza e Silva, MAE-USP, 2005)

²²³ Perda *antemortem* (Ver UBELAKER, D H. The Ayala Cemetery . A Late Integration Period Burial Site on the South Coast of Ecuador. Smithsonian Contributions to Anthropology, n.29, p.126-127, 1981)

6.2.2 - Desgaste dentário

O desgaste dentário tem sido um fenômeno recorrente nos indivíduos procedentes de sítios arqueológicos. O grau de desgaste vem sendo usado como mais um dos métodos empregados na estimativa da idade biológica do esqueleto. Quando desenvolvido para uma população específica, este método não deve ser aplicado a uma outra população em que as condições que contribuíram para o desgaste foram diferentes²²⁴. Trata-se de uma contribuição aos caracteres tradicionais para o cálculo da idade biológica para o esqueleto, como a odontogênese e a osteogênese, representados pelo aparecimento e interseção das dentições decídua e permanente e pelo desenvolvimento morfofisiológico dos núcleos primários e secundários de ossificação e fechamento das linhas epifisárias ou das suturas cranianas.

Há, segundo Kim, Kho e Lee(2000:303)²²⁵ e Holst e Coughlan (2000:78)²²⁶, três mecanismos que causam desgaste dentário: atrição, abrasão e erosão. A atrição, ou desgaste fisiológico ou fisiopatológico dos dentes, é uma perda gradual e regular de substância dentária causada pelo contato entre os dentes durante a mastigação ou devido a condições patológicas, como o bruxismo (Hillson, 1996). A abrasão é causada pela presença de elementos estranhos contidos nos alimentos que atuam desgastando as superfícies oclusais (predominantemente) ou por hábitos culturais relacionados a trabalho e estética (Merbs,

²²⁴ Esse alerta foi feito em BROTHWELL, D R. *Digging Up Bones*. London: Trustees of the British Museum of Natural History, p. 68, 1965. O estudo de Brothwell(1965) feito sobre os graus de desgaste nos molares e sua relação com grupos etários feito em espécies datados de 4000BC ao Período da Idade Média da Europa ocidental foi revisto em conjunto com o estudo similar de MAAT, G.J.R, MASTWIJK, R.W, SARFATIJ, H. A physical anthropological study of burials from the graveyard of the Franciscan Friary at Dordrecht (circa 1275-1572 AD). State Service for Archaeological Investigations in the Netherlands (ROB), Amersfoort. In: *Rapporten Archeologische Monumentenzorg*, v. 67, p. 46, 1998 em relação ao impacto da dieta diferencial na determinação da idade da morte baseada no desgaste dos molares M1, M2 e M3 em MAAT, G.J.R. The impact of diet on age at death determinations based on molar attrition In: WILLEMS, G.(ed) *Forensic Odontology*, Leuven University Press, p. 49-53, 2000.

²²⁵ Kim, Young-Ku, Kho, Hong-Seop, Lee, Kyoung-Ho. Age Estimation by Occlusal Tooth Wear. *Journal of Forensic Science*. 45(2): 303-309, 2000.

²²⁶ HOLST, M, COUGHLAN, J. Dental health and disease. In: FIORATO, V, BOYLSTON, A, KNUSEL, C.(eds) *Blood Red Roses. The Archaeology of a Mass Grave from the Battle of Towton AD 1461*. Oxbow Books, Oxford, 2000.

1983; Holst e Coughlan, 2000:79; Ubelaker, 1996): caracteriza-se por uma perda patológica de tecido dentário pela fricção com corpos estranhos, independentemente da oclusão dental. A erosão é causada por ataques químicos do esmalte e dentina, não envolvendo ação bacteriana. Esse tipo de desgaste não ocorre regularmente em populações pré-históricas, sendo somente encontrado em populações atuais, pós-industriais. Os desgastes dentários foram definidos por Pindborg (1970) como sendo fisiológicos ou não-fisiológicos (patológicos, resultantes de má-oclusão ou uso do dente como instrumento).

Tanto um quanto os demais fatores podem ocorrer de forma sinérgica, em um ou mais dentes de um mesmo indivíduo. Um evento de atrição pode ocorrer simultaneamente ou após um evento de abrasão, como em alguns casos encontrados em Piaçaguera e Tenório. A severidade do desgaste dentário resulta da interação total ou parcial de inúmeros fatores, como as características microestruturais do esmalte, dentina e cemento, a morfologia da coroa, ou mesmo da relação entre pelo menos dois dos três mecanismos que caracterizam o desgaste dentário. A coexistência de dois ou mais processos diferentes (atrição, erosão e abrasão), em períodos diferentes da vida, resultam na complexidade do fenômeno do desgaste dentário. Fatores diversos podem influenciar nesses processos, como hábitos funcionais e parafuncionais, formas de movimentação mandibular, saliva, dieta, medicamentos, doenças, hábitos ocupacionais e ambientais e força da mordida (Kim, Kho, Lee, 2000:303).

Assim, entre os vários fatores que contribuem para o desgaste dentário estão a oclusão (presente, ausente ou parcial) do dente opositor, a qualidade do dente, os abrasivos contidos nos alimentos e o uso de instrumentos abrasivos, a exemplo dos cabos de cachimbos ou o uso dos dentes como instrumentos para segurar ou preparar objetos²²⁷. Esse

²²⁷ A abrasão ou desgaste dentário relacionados ao uso dos dentes como apoio de artefatos ou para a sua elaboração ou como resultado dos tipos de abrasivos contidos na dieta foram descritos em ORTNER, D J ,

tipo de desgaste extramastigatório foi observado em incisivos superiores e inferiores de esqueletos do sambaqui Piaçaguera e do sítio Tenório (forma diferenciada de polimento de incisivo inferior em bisel). A atrição das superfícies oclusais pode destruir o esmalte, expondo uma superfície de dentina. Uma atrição contínua amplia a área exposta, chegando à cavidade pulpar.

A

B

C

D

Fig. 40 - Aspectos do desgaste extramastigatório em amostras de maxilares e mandíbulas de Piaçaguera: A - masculino, adulto, Sep.XLVI; B - masculino, adulto, Sep. XI; C - feminino, adulto, Sep.XXVI; D - masculino, adulto, Sep. LII. (fotos: Wagner S e Silva, MAE-USP)

Os desgastes extramastigatórios ocorrem nas amostras de Piaçaguera (n=21:57%), Tenório, Mar Virado e Buracão. O uso dos dentes como apoios, instrumentos para segurar, desfiar ou brunir é recorrente nos indivíduos femininos e masculinos nas amostras, apresentando-se com formas mais severas e abrangendo maior número de dentes em Piaçaguera. O aumento da demanda mastigatória é perceptível na amostra de Piaçaguera e sofre dispersão ou diluição nas outras amostras: indivíduos com desgastes diferenciados podem indicar variações dietárias, de status e de idade e sexo.

Em resposta a essa atrição acentuada os odontoblastos passam a formar dentina secundária nas áreas expostas das cavidades pulpares. Quando a atrição ocorre de modo a expor e retirar a dentina secundária formada, é criado na cavidade pulpar um potencial de infecção que pode atingir o osso alveolar. Um desgaste dentário interproximal ocorre em relação as superfícies de oposição do dente adjacente e relaciona-se à movimentação dos dentes durante a mastigação.

A

B

Fig. 41 - Quebras dentárias na amostra de Piaçaguera: A - quebras na face lingual e borda oclusal das coroas de molares inferiores; B - quebra extensa na região interdental de premolares superiores e cortes na face vestibular de 2º premolar inferior direito.

Outras alterações dentárias caracterizam-se pelas quebras, abrangendo as bordas da superfície oclusal das coroas, nas porções lingual e/ou interdental. Descritas por Ortner e Putschar(1981) e Larsen(2002)²²⁸, essas perdas de volume dentário por quebras, lascamentos ou fraturas, podem ocorrer por usos mastigatórios e/ou extramastigatórios decorrentes de excessiva demanda mastigatória. Na amostra de Piaçaguera foram identificados casos de quebras in vivo e postmortem e microcortes, todos nas faces linguais ou palatinas dos dentes. Essa característica, resultado de mastigação vigorosa de alimentos ou mesmo uso dos dentes para quebrar elementos duros como sementes, valvas de moluscos, entre outros, caracterizou a amostra de Piaçaguera (Fig.42).

Fig. 42 - Dentes com lascamentos (chipped teeth) indicando excessiva demanda mastigatória, amostra de Piaçaguera: A quebra interdental ; B - fissura *postmortem* por ação térmica e desgaste intencional interdental indicando possível intervenção curativa (cárie?); C - caso de *chipped teeth* ou *antemortem fracture of the dental crown*; D - quebras interdetais/linguais/oclusais/distais. (fotos: A, B, D: Rogerio Nogueira de Oliveira- FO-USP; C: Wagner Souza e Silva - MAE-USP).

²²⁸ ORTNER, D J, PUTSCHAR, W G J. Identification of Pathological Conditions in Human Skeletal Remains. Smithsonian Contributions to Anthropology. N.28, p.453, 1981; LARSEN, C S. Bioarchaeology. Interpreting

Aspectos das alterações alveolares e dentárias decorrentes de interações sinérgicas de fatores da doença periodontal foram encontrados em todas as amostras. Nesses casos a presença de abscessos e reabsorções alveolares severas são seguidos da extrusão dentária in vivo. Associada à mastigação intensa, quer voltada à alimentação quanto ao trabalho, a doença periodontal resulta na causa principal da perda dentária entre os adultos maduros e velhos nas amostras.

Sobre Piaçaguera, os estudos realizados por Uchôa e De Francisco (1980), Garcia e Uchôa (1980), Mello e Alvim e Uchôa (1976) e Uchôa (1973)²²⁹ trataram de características dos desgastes oclusal e proximal, perda dentária e ocorrências patológicas diversas. Estudos recentes procuram analisar as relações entre idade biológica e desgaste dentário sob o aspecto metodológico (Oliveira, Silva, Kawano e Antunes, 2005)²³⁰.

As características morfológicas e de situação do forame mental ou buraco mentoniano e alguns casos de patologias dentárias na população de Tenório foram estudados por Uchôa(1979²³¹, 1973). Em Buracão, os primeiros estudos sobre as características osteoscópicas e osteométricas, incluindo as dentárias foi feito por Mello e

behavior from the human skeleton. Cambridge University Press. p. 267, 2002.

²²⁹ UCHOA, D.P., DE FRANCISCO, M. Desgastes dentários em populações brasileiras extintas: o sambaqui de Piaçaguera, São Paulo, Brasil. Arquivo de Anatomia e Antropologia, Lisboa, v. 38, p. 147-158, 1980; GARCIA, C D R, UCHÔA, D P. Piaçaguera, um sambaqui do litoral do Estado de São Paulo, Brasil. Revista de Pré-História, IPH-USP, São Paulo, v.2, p.11-81, 1980; MELLO E ALVIM, MC de, UCHÔA, DP. Contribuição ao estudo das populações de sambaquis: os construtores do sambaqui de Piaçaguera. São Paulo, IPH-USP. Pesquisas, série (Sambaqui de Piaçaguera), nº 1, 1976; UCHOA, D P. Arqueologia de Piaçaguera e Tenório: análise de dois tipos de sítios pré-cerâmicos do litoral paulista. Tese de Doutorado, 1973.

²³⁰ OLIVEIRA, RN, SILVA, SFSMS, KAWANO, A, ANTUNES, JLF. Estimating age by tooth wear of prehistoric human remains in brazilian archaeological sites. International Journal of Osteoarchaeology. N, 15 (no prelo), 2005.

²³¹ UCHÔA, D P. Contribuição ao estudo do buraco mentoniano em populações pré-históricas do litoral paulista: o sítio arqueológico do Tenório, Ubatuba, São Paulo, Brasil. Revista de Pré-História, São Paulo, IPH-USP, v.1, n 1, p.31-52, 1979.

Alvim e Uchôa (1979/80)²³². Sobre Mar Virado, os estudos dentários ainda são raros e inespecíficos.

6.3 - Outras características: estatura e osteopatologias

Sobre o aspecto da estatura in vivo nas populações de Piaçaguera, Tenório e Buracão foram realizados estudos baseados quase que exclusivamente em Olivier (1960) e Genovés(1966)²³³, como os de Mello e Alvim e Uchôa (1979/80), Uchôa (1970, 1973). Sobre as estaturas dos indivíduos de Mar Virado ainda inexistem estudos . Temos:

Quadro 24 - Amostras de estaturas para as populações de Piaçaguera, Tenório e Buracão:

Amostras de estatura in vivo (mm) nas populações estudadas (Mello e Alvim e Uchôa, 1979/80;Uchôa, 1973)		
Sítio	Femininos	Masculinos
Piaçaguera	152 a 154	152 a 164
Tenório	158,5 (sep. VI); 144,5 (sep. XVI)	163 (sep. IV); 154,5 (sep. V); 160,5 (sep. XII); 155 (sep. XVIII); 155,87 (sep. XIX); 155,52 (sep. XX); 155 (sep. XXIV); 157 (sep. XXV); 154,50 (sep. XXVI)
Buracão	148; 152	150; 153; 156; 157; 158
Mar Virado	-	-

Em Buracão foram considerados os ossos longos - fêmur, úmero, rádio, ulna, tíbia, fíbula - de 5 adultos femininos e 12 masculinos.

As amostras esqueléticas apresentam caracteres individuais referentes as alterações ósseas representadas por possíveis lesões ósseas resultando em fraturas e infecção, com a presença de áreas hipervascularizadas. Outras ocorrências, ainda individuais, indicam a presença de formações osteofíticas nas vértebras e articulações de ossos longos em Mar

²³² MELLO E ALVIM, MC de , UCHÔA; DP. O sambaqui do Buracão - uma contribuição ao estudo da Pré-História do litoral paulista. Arquivos de Anatomia e Antropologia, Instituto de Antropologia Professor Souza Marques, Fundação Educacional Souza Marques, v. 4 e 5, p.338-373, 1979/80.

Virado, Tenório, Piaçaguera e Buracão. Abaixo nossa breve conclusão sobre os caracteres osteopatológicos. Estes não foram correlacionados com as formas de sepultamento, por sexo ou idade até o momento, expressando genericamente algumas marcas de alterações ósseas:

Quadro 25 - Amostras de osteopatologias registradas nas populações de Piaçaguera, Tenório, Buracão e Mar Virado:

Doenças e alterações ósseas nas amostras - resumo	
Sítio	Doenças ou alterações ósseas e dentárias inferidas
Piaçaguera	Presença de incisivos em forma de pá (shovel shaped); desgaste dentário de graus 1 a 4 (Broca); desgaste extramastigatório nos dentes anteriores; tártaro nas faces vestibular e lingual; registro de um caso de lesão cariogênica severa (sep. XLVIII); presença de perda dentária in vivo entre adultos masculinos; perda de osso alveolar por doença periodontal (sep. XLVIII); presença de cárie em dois indivíduos masculinos; hipoplasia de esmalte
Tenório	Desgaste dentário de 1 a 4 (Broca); presença de perda dentária in vivo; tártaro nas faces vestibular e lingual; registro de lesão cariogênica interdental severa (sep. VI); sinais de fraturas cicatrizadas; abscessos alveolares com iminente perda dentária (sep. XVII); lesões ósseas inespecíficas no crânio, úmero e costelas (sep. VI, XX, VII), hipoplasia
Buracão	Incisivos centrais em forma de pá (shovel shaped); abrasão severa (3º grau de Broca) em adultos com mais de 30 anos; desgaste dentário sem distinção entre os sexos; osteíte - granulomas e cistos - nos ossos maxilares e mandíbulas; perda dentária in vivo significativas, dos incisivos e premolares; traços de hiper cementose; tártaro abundante nas faces lingual e vestibular dos dentes; cárie não observada; osteoporose vertebral (sep. 21); artrose - formações osteofíticas nas vértebras (sep. 21); fratura com consolidação espontânea e neo-formação óssea no rádio (esqueleto 62); hiperosteose porosa e cribra crani em crianças e adultos; possíveis sinais de fraturas em costelas (crianças).
Mar Virado	Hiperosteose porosa (sep. 32); cribra crani; perda dentária in vivo (sep. 24); desgastes dentários diferenciados entre os sexos e as idades; lesões osteofíticas (sep. 30); lesões por doença periodontal, faceta de hiperdorsiflexão (sep. 6) no metatarsiano I, fratura óssea cicatrizada (resto esparso).

Utilizando uma variável relacionada a presença de modificações ósseas de diversas origens - Hiperosteose porótica, Cribra crani, osteofitose, osteoartrite, lesões inespecíficas no crânio e costelas, facetas anômalas de acorramento e hiperdorsiflexão, exostose do meato acústico, abscessos - resumimos as incidências de casos isolados nas amostras no quadro abaixo:

Modificação	Modificações patológicas e inespecíficas: incidência				
	Buracão	Mar Virado	Piaçaguera	Tenório	Total Global
n observada	38	43	69	19	169
presente	6	11	8	9	34
Total Global	44	54	77	28	203

Os casos com modificações patológicas ou inespecíficas que deixaram marcas nos elementos ósseos e dentários representaram 13,63% dos indivíduos em Buracão, 20,37% em Mar Virado, 10,38% em Piaçaguera e 32,14%.

²³³ OLIVIER, G. Pratique Anthropologique. Paris, Vigot, 1960; GENOVÉS, S. La proporcionalidad entre los huesos largos y su relación con la estatura en restos mesoamericanos. Mexico, Universidad Nacional

CONCLUSÕES

A utilização de áreas específicas para a implantação de cemitérios está correlacionada com estratégias de subsistência sedentárias desenvolvidas pelo grupo que se utiliza da área funerária. A forma de estruturação interna desses domínios mortuários - relativos a uma extensão territorial - expressaria o grau de competição por recursos essenciais de subsistência entre os grupos litorâneos de pescadores-coletores-caçadores. Em grandes sociedades, os grupos corporativos, dominantes, teriam seus mortos incluídos em cemitérios separados ou em áreas espacialmente distintas de um cemitério comum. Nesses casos, a inclusão de indivíduos nesses domínios implica na inclusão dos mesmos nos grupos corporativos (Charles e Buikstra, 1983; Bement, 1994)²³⁴. Os sepultamentos representam a legitimação do controle dos recursos de subsistência, em um território definido pela descendência direta dos componentes do grupo em relação aos ancestrais já inumados na área funerária. Ainda, a consistência na forma dos sítios mortuários de litoral - sambaquis e similares - dada pelo predomínio de inumações primárias indica pequena mobilidade sazonal contida no interior de territórios estáveis

Em Mar Virado, a ocorrência de inumações secundárias - fardos de ossos, cremações - e corpos hiperfletidos podem indicar que os mortos provém de assentamentos distantes, sendo necessários o processamento, redução e acondicionamento dos restos humanos para a efetivação das práticas mortuárias. O elevado número de inumações primárias e a aparente uniformidade dos elementos que compõem as instâncias operacionais das práticas

Autónoma de México. 1966

²³⁴ CHARLES, D K, BUIKSTRA, J E . Archaic Mortuary sites in the Central Mississippi Drainage: Distribution, Structure, and Behavioral Implications. In. PHILLIPS, J L, BROWN, J A (eds) *Archaic Hunters and Gatherers in the American Midwest* . New York: Academic Press, pp.117-145, 1983; BEMENT, L C. *Hunter-Gatherer Mortuary Practices during the Central Texas Archaic*. University of Texas Press, Austin, p.22, 1994.

mortuárias em Piaçaguera indicam pouca mobilidade do grupo, bem como incursões junto a orla marítima para a captação de recursos.

A estabilidade nas condições ambientais propícias à subsistência resulta em assentamentos transumantes, logísticos, pouco móveis, enquanto que ambientes inóspitos ou rapidamente esgotáveis em relação aos recursos essenciais de subsistência resultariam em formas nômades de ocupação. No primeiro modelo (Gunn, 1977)²³⁵, o bando habita um acampamento por um período de tempo, por várias estações do ano ou temporadas, onde uma parcela dos componentes do grupo realiza a busca e obtenção de itens de subsistência. Nesse caso, o acampamento base está localizado em uma área com numerosos itens sazonalmente previsíveis, obtidos de acordo com a necessidade de mobilidade do bando. No sistema nômade, o grupo se move formando acampamentos temporários, em busca das áreas com itens de subsistência.: o bando consiste de uma população menor que aquela dos sistemas transumantes pouco móveis. O determinismo ambiental fundamenta esse último sistema, carreando quaisquer variabilidades culturais em função de mudanças na temperatura do ambiente, entre outras influencias ambientais.

Mudanças nas formas de mobilidade podem estar relacionadas a fatores biológicos, como mudanças nas taxas de fertilidade, níveis nutricionais, de estresses e doenças (Bement, 1994: 25). Existe a ausência de modelos que associem esses atributos bioarqueológicos as mudanças nos sistemas de assentamento pré-históricos no litoral Brasileiro. O consumo de alimentos ricos em proteínas e pobres em carboidratos e vice-versa resultam em patologias específicas que podem indicar aumento ou redução da mobilidade do grupo, dos conflitos interpessoais, a passagem de reduzido estresse nutricional a estresses crônicos. A presença marcante de lesões crivosas na população de

²³⁵ GUNN, J. Envirocultural System for Central Texas. In. GUNN, J, MAHULA, R. *Hop Hill: Culture and Climatic Change in Central Texas*. Special Report 5, San Antonio- Center for Archaeological Research, University of Texas at San Antonio, p. 257-276, 1977.

subadultos de Piaçaguera e de Buracão pode indicar a presença de deficiências nutricionais decorrentes de parasitoses ou carência de caça. Mesmo nesses grupos, a frequência de subadultos, muito reduzida em Tenório e Mar Virado, pode indicar um sistema de assentamento similar ao modelo de Gunn(1977) que inclui pouca mobilidade, com traços de sedentarização, mas com mobilidade logística. Mesmo o modelo de nucleação cíclica (Charles e Buikstra, 1983), no qual perpetuam-se retornos sazonais à área funerária ou cemitério por razões sociais, não é aplicável ou observável nos casos estudados, pois depende de redirecionamentos das problemáticas e propósitos das escavações, apuradas análises cronológicas seriais de amostras dos sepultamentos, assim como da "localização do assentamento exclusivo de habitação e subsistência". Os "assentamentos de vida e morte" não estão incluídos plenamente no modelo de nucleação cíclica, o qual distingue num mesmo território as áreas de habitação das de sepultamento. A bibliografia etnográfica brasileira apresenta ambos os tipos de assentamentos: com cemitérios em áreas separadas das habitações e com cemitérios inseridos no contexto das habitações, mas é possível alguma correlação etnoarqueológica?

A análise os dados mortuários, combinados com as formas culturais de subsistência, de tecnologia e complexidade social, resultou, a partir da comparação de contextos mortuários, em uma síntese cultural das práticas mortuárias dos pescadores-coletores-caçadores do litoral centro-norte de São Paulo, dentro de uma faixa cronológica que se estende de 1500 a 5000AP²³⁶.. Os tipos de classes de artefatos associados nos sepultamentos simbolizam uma referência cultural e definem níveis de complexidade social. A densidade dos recursos de subsistência podem estruturar as formas de mobilidade dessas populações, expressando-se, possivelmente, nos produtos funerários.

²³⁶ Para o Texas, segundo Bement (1994), o período denominado "Arcaico" estende-se de 1000 a 8000AP.

Nos vários níveis das instâncias técnicas das práticas mortuárias - atributos corpóreos, acompanhamentos e outras associações e tipos de inumação, foram observadas características específicas em cada amostra. A análise estatística das variáveis culturais e biológicas possibilitou verificar e caracterizar determinadas instâncias das práticas funerárias e dos aspectos sócio-culturais e biológicos dos grupos estudados.

As características gerais das formas de inumação são: a) em Piaçaguera: intensa concentração de covas, muito próximas ou sobrepostas; corpos predominantemente fletidos, com ocorrências de semi-fletidos e estendidos em reduzida escala, em decúbitos lateral, dorsal e ventral; acompanhamentos funerários distribuídos sem exclusividade de sexo ou idade, representados predominantemente por dentes de seláquios e valvas de gastrópodes perfuradas como adornos funerários ou adornos e instrumentos trazidos da vida cotidiana; ocre presente em cerca de 40% das inumações; b) em Tenório: covas espaçadas entre si, em área protegida por paleoduna, entre a praia e a vegetação da enseada; corpos fletidos e hiperfletidos, com ocorrência de corpos estendidos e sentados (10%); presença de blocos líticos e osso de mamífero marinho circundando ou recobrando os corpos em pelo menos 75% das inumações; acompanhamentos em osso de animal e conchas predominam sobre dentes e líticos; ocre presente em 46% das inumações; c) Mar Virado: covas formando duas áreas de concentração, com sobreposições e efusiva intersecção e dispersão de antigas inumações; área funerária insular, em enseada não visível do continente; sepultamentos com corpos em decúbito lateral, fletidos, semi-fletidos, hiperfletidos²³⁷ e sentados, ocorrendo inumações secundárias (12%) do tipo cremação e fardo de ossos; acompanhamentos funerários predominantemente em líticos, seguidos dos ossos, dentes e conchas; ocorrência de blocos líticos e ossos de animais marinhos como a tartaruga e a baleia circundando ou sobre os corpos, escolha de nichos rochosos para a deposição; ocre presente em cerca de

63% das inumações; d) Buracão: inumações com alguma concentração; corpos em decúbito lateral, fletidos, hiperfletidos e em posição vertical - sentados e acorados; acompanhamentos funerários representados por conchas e dentes, seguidos dos ossos de animais e líticos; ocre presente em cerca de 34% das inumações.

Piaçaguera não apresentou corpos recobertos por blocos ou ossos de baleia²³⁸ e tartaruga. A proteção/compressão dos corpos não foi registrada, bem como corpos sentados.

A queima parcial de esqueletos foi registrada em todos os grupos, com expressividade em Tenório. Entretanto, cremações completas somente foram registradas em Mar Virado, como as ocorrências de Saquarema (Kneip e Machado, 1992). Outras ocorrências de cremações foram registradas em ilhas do litoral norte de São Paulo (Amenomori, 2005), indicando o possível transporte de corpos em canoas para sítios com exclusividade funerária. Em Mar Virado a ocorrência de elementos de práticas funerárias diversas somados à datação serial futura das inumações poderá indicar a escolha de "ilhas cemitérios" para grupos que podiam ou não compartilhar de territórios comuns em períodos distintos.

Os machados em associação indicam a presença de mobilidade litorânea por meio de canoas ou artefatos similares em todos os grupos. Os pendentes triangulares, traços específicos de cultura, apareceram em Tenório e Buracão, indicando formas tecnológicas similares entre si. O uso de carapaças dorsais de quelônios marinhos ou de rios como acompanhamentos funerários - possíveis itens para coleta e acondicionamento temporário de alimentos no contexto da vida cotidiana - é comum em Mar Virado, Tenório e Buracão, não sendo registrado no contexto funerário de Piaçaguera. Nesse casos, os pendentes e as carapaças de quelônios, acrescidos dos blocos líticos e dos ossos de mamíferos marinhos

²³⁷ Esses não foram analisados como deposições secundárias por ausência de traços de descarnamento ou de mumificação.

compondo as estruturas das covas indicam distanciamento cultural entre os habitantes de Piaçaguera e os demais grupos. As características bioantropológicas observadas indicam que as formas de uso dos dentes como artefatos ocorrem de forma diferente entre os grupos. O tártaro e os abscessos alveolares intensificaram-se em alguns indivíduos de Mar Virado quando comparados aos demais grupos. O uso dos dentes anteriores como instrumentos em Piaçaguera não encontra similares nos demais grupos. Desgastes severos e desgastes pouco ou nada visíveis ocorreram simultaneamente em indivíduos de Mar Virado e Tenório, indicando variabilidade de desgaste entre os grupos de idades aproximadas e possível variação dietária entre os indivíduos.

Nosso estudo indica uma multiplicidade de formas de inumações, com tratamentos não específicos entre os gêneros e apresentando peculiaridades entre os grupos; artefatos e fontes de matéria-prima similares. A observação arqueológica da intencionalidade na deposição dos acompanhamentos funerários mostrou tendências ao predomínio de um ou outro acompanhamento. Os grupos estudados fazem parte de sistema sócio-cultural inespecífico, com representantes de sambaquis e outras formas de assentamentos litorâneos holocênicos.

²³⁸ Similarmente ao emprego de ossos de morsas sobre as sepulturas na cultura Punuk, da ilha de St. Laurent,

BIBLIOGRAFIA

- AB`SÁBER, A N. Tipos de habitat do homem do sambaqui. *Revista de Pré-História*. São Paulo, 6:120-122, 1984
- ALEKSHIN, S A . Burial Customs as an Archaeological Source: Reply to Comments. *Current Anthropology*, Chicago, 24(6): 377-379, 1983.
- AMENOMORI, S N. *Paisagem das ilhas, as ilhas da paisagem: a ocupação dos grupos pescadores-coletores pré-históricos no litoral norte do Estado de São Paulo*. Tese (Doutorado). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- AMENOMORI, S N. *Potencial analítico de sedimentos e solos aplicado à arqueologia*. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo. 1999
- ANDREATTA, M D, MENEZES, M J. Nota prévia sobre o sambaqui " B" de Guaraguaçu. *Revista do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Paraná*, 1: 25
- ARAÚJO, A G M. Sítio arqueológico Mar Virado: considerações preliminares sobre a estratigrafia. VII Reunião Científica da SAB, *Resumos*, João Pessoa, p.177, 1993.
- ARNOLD, B, WICKER, N L. *Gender and the Archaeology of Death*. AltaMira Press, Walnut Creek, CA, USA, 2001.
- BANDI, H-G. Rapport préliminaire sur le "Projet de recherches archéologiques de l'Ile St-Laurent 1967" de l'Université de Berne (Suisse) e t de l'Université d'Alaska. *Bulletin*. Société suisse des Américanistes. Musée et Institut d'Ethnographie, Genève, Suisse, (32): 3-14, 1968.
- BARBIAN, L T, MAGENNIS, A L. The Human Burials from the Turner Fram Site (Appendix 7). In: BOURQUE, B J. *Diversity and Complexity in Prehistoric Maritime Societies. A Gulf of Maine Perspective*. Plenum Press, New York, USA, p.317-335, 1995.
- BARBOSA, M, GASPAR, M D. Bibliografia brasileira sobre pescadores, coletores e caçadores pré-históricos litorâneos e ribeirinhos. *Publicações avulsas do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, n. 72, 1998.

- BARBOSA, PN, *Estudo Zooarqueológico no Sítio Mar Virado, Ubatuba (SP)*. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001
- BARRETO, C N G B. *A ocupação pré-colonial do vale do Ribeira de Iguape, SP: os sítios concheiros do médio curso*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Antropologia da FFLCH-USP, São Paulo, v.1, 1988.
- BARTEL, B. A Historical Review of Ethnological and Archaeological Analysis of Mortuary Practice. *Journal of Anthropological Archaeology* 1(1):32-58, 1982.
- BASS, W. *Human Osteology: A Laboratory and Field Manual*, 4^a ed. Columbia: Missouri Archaeological Society, 1995.
- BAUDRILLARD, J A. *A Troca Simbólica e a Morte*. Edições Loyola, São Paulo, 1996.
- BAXTER, M J. Multivariate Analysis in Archaeology. In. BROTHWELL, D R, POLLARD, A M (eds.). *Handbook of Archaeological Sciences*. John Willey & Sons. New York. p. 685-694. 2001.
- BECK, L A (ed) *Regional Approaches to Mortuary Analysis*. Plenum, Oxbow Book News, 1951.
- BECKER, I I B. Formas de enterramento e ritos funerários entre populações pré-históricas. *Revista de Arqueologia* , São Paulo, v.8, n.1, p. 61-74, 1994.
- BEMENT, L C. *Hunter-Gatherer Mortuary Practices during the Central Texas Archaic*. University of Texas Press, Austin, 1994.
- BINANT, P. *La Prehistoire de la Mort*. Les premières sépultures en Europe. Editions Errance. Collection des Hesperides.Paris, 1991.
- BINFORD, L R. Mortuary Practices: Their Study and Their Potential. In : BROWN, J A (ed) Approaches to teh Social Dimensions of Mortuary Practices. *Memoir of the Society for American Archaeology* 25:6-29, 1971.
- BINFORD, S R. A Structural comparison of disposal of the dead in the Mousterian and the Upper Paleolithic . *Southwestern Journal of Antropology* , 1(2):139-154, 1968
- BRANCAGLION JR, A . *Arqueologia e Religião Funerária: a propósito do acervo egípcio do MAE*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, FFLCH-USP, 1993.
- BROTHWELL, D R, POLLARD, A M (eds.). *Handbook of Archaeological Sciences*. John Willey & Sons. New York. 2001.
- BROTHWELL, D R. *Digging Up Bones*. Ithaca: Cornell University Press. 1981.

- BROWN, J A . Approaches to the Social Dimensions of Mortuary Practices. *Memoirs of the Society for American Archaeology*, n.25, 1971.
- BUIKSTRA, J E, UBELAKER, D H. *Standards for Data Collection from Human Skeletal Remains*. Fayetteville, Arkansas: Arkansas Archaeological Survey Report Number 44, 1994.
- BUIKSTRA, J E. Biocultural dimensions of archaeological study: a regional perspective. In: BLAKELY, R L (ed). *Biocultural Adaptation in Prehistoric America*. Athens, University of Georgia Press, p. 67-84, 1977.
- BUIKSTRA, J E. Hopewell in the Lower Illinois Valley: A Regional Study of Human Biological Variability and Prehistoric Mortuary Behavior. Northwestern Archaeological Program, *Scientific Papers*, n. 2, 1976.
- BUIKSTRA, J E. Overview - Human Palaeobiology: Then and Now. In. BROTHWELL, D R, POLLARD, A M (eds.). *Handbook of Archaeological Sciences*. John Willey & Sons. New York. p. 205-211. 2001.
- CARR, C. Mortuary practices: their social, philosophical-religious, circumstantial, and physical determinants. *Journal of Archaeological Method and Theory* , (2): 105-200, 1995.
- CHAMBERLAIN, A T. Palaeodemography. In. BROTHWELL, D R, POLLARD, A M (eds.). *Handbook of Archaeological Sciences*. John Willey & Sons. New York. p. 259-268. 2001.
- CHAPMAN, R, RANDSBORG, K. Approaches to the archaeology of death. In. CHAPMAN, R. KINNES, RANDSBORB (eds) *The Archaeology of Death*. Cambridge: Cambridge University Press., p. 1-24, 1981.
- CHARLES , D K, BUIKSTRA, J E. Archaic Mortuary Sites in the Central Mississippi Drainage: Distribution, Structure, and Behavioral Implications. In. PHILLIPS, J L, BROWN, J (orgs). *Archaic Hunters and Gatherers in the American Midwest*. New World Archaeological Record. Academic Press, New York, p. 117-145, 1983.
- CHATFIELD, C, COLLINS, A J. *Introduction to Multivariate Analysis*. Chapman and Hall, London, 1980
- CHIARA, W. Contribuição da Antropologia para a interpretação dos resultados de pesquisas em arqueologia pré-histórica. Coletânea de Estudos em Homenagem a Annette Laming-Emperaire. *Coleção Museu Paulista, Série Ensaio*, São Paulo, 2:256-258, 1978.

- CLAASSEN, C, JOYCE, R A (eds) . *Women in Prehistory: North and Mesoamerica*, University of Pennsylvania Press, Philadelphia, 1997.
- CLAASSEN, C. Gender, Shellfishing, and the Shell Mound Archaic. In GERO, J.M, CONKEY, M.W. (eds) *Engendering archaeology: women and prehistory*, Blackwell Publishers, Oxford, p. 276-300, 1991.
- COLLET, G C, PROUS, A . Primeiro informe sobre os sambaquis da região de Itaóca (SP). 1 Apresentação e localização. *Arquivos do Museu de História Natural*, Belo Horizonte, (2):31-35, 1977.
- COX, M. Assesment of Age at Death and Sex in the Adult Human Skeleton. In. BROTHWELL, D R, POLLARD, A M (eds.). *Handbook of Archaeological Sciences*. John Willey & Sons. New York. p. 237-247. 2001.
- CRASS, Barbara A . Gender and Mortuary Analysis: What Can Grave Goods Really Tell us? In: ARNOLD, B, WICKER, N L. *Gender and the Archaeology of Death*. AltaMira Press, Walnut Creek, CA, USA, 2001.
- CRUZ,O., A compartimentação topo-morfológica no litoral norte do Estado de São Paulo e a localização de sítios pré-cerâmicos, baseada em fotografias aéreas. *Revista de Pré-História*, São Paulo, Instituto de Pré-História , Universidade de São Paulo, 6:148-150, 1984.
- DE BLASSIS, P A D. *A ocupação pré-colonial do Vale do Ribeira de Iguape, SP: os sítios líticos do médio curso*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.
- DENNEL, R W. Prehistoric diet and nutrition: some food thought. *World Archaeology*, (11):121-135, 1979.
- EDMONDS, M. Lithic Exploitation and Use. In. BROTHWELL, D R, POLLARD, A M (eds.). *Handbook of Archaeological Sciences*. John Willey & Sons. New York. p. 461-470. 2001.
- FIGUTI, L. Dados preliminares sobre a subsistência pré-histórica do Mar Virado. In: VII Reunião Científica da SAB, *Resumos*, João Pessoa, p. 171, 1993.
- FIGUTI, L. O homem pré-histórico, o molusco e o sambaqui: considerações sobre a subsistência dos povos sambaquieiros. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Universidade de São Paulo, (3):67-80,1993.

- FOSSARI, T D. *A indústria óssea na arqueologia brasileira: estudo piloto do material de Enseada-SC e Tenório-SP*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Ciências Sociais da FFLCH da USP, São Paulo, 1985.
- FUNARI, P P A . Brazilian Archaeology and World Archaeology: some remarks. *World Archaeological Bulletin*, (3): 60-8, 1989.
- _____. Arqueologia Brasileira: visão geral e reavaliação. In. *Revista de História da Arte e Arqueologia*. (1): 23-41, 1994.
- _____. Mixed Features of Archaeological Theory in Brazil. In. UCKO, P J (ed). *Theory in Archaeology: a World Perspective*. Londres: Routledge, p. 236-50, 1995.
- _____. A importância da teoria arqueológica internacional para a Arqueologia sul-americana: o caso brasileiro. In. FUNARI, P P A, NEVES, E G, PODGORNÝ, I (orgs). *Anais da I Reunião Internacional de Teoria Arqueológica na América do Sul*. São Paulo, MAE-USP/IFCH-Unicamp/Fapesp, p. 213-20, 2000.
- GARCIA, C D R . *Estudo Comparativo das Fontes de Alimentação de Duas Populações Pré-Históricas do Litoral Paulista*. Tese (Doutorado), Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1972
- GARCIA, C D R, CORNIDES, A T de. Material lítico do sambaqui de Piaçaguera. *O Homem Antigo na América*, Instituto de Pré-História da Universidade de São Paulo, p. 41-51, 1971.
- GARCIA, C D R. *Estudo comparativo das Fontes de Alimentação de duas populações pré-históricas do litoral paulista*. Tese de doutoramento, Instituto de Biociências , Departamento de Zoologia da USP, 1972.
- GASPAR, M D. Considerations of the sambaquis of the Barzilian coast. *Antiquity*, (72): 592-615, 1998.
- GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro. Ed. Guanabara, 1989.
- GIDDENS, A . *The constitution of society: outline of a theory of structuration*. Polity Press, Cambridge, 1984.
- GOLDSTEIN, L G. One-dimensional archaeology and multidimensional people: spatial organization and mortuary analysis. In: CHAPMAN, R, KINNES,I, RANDSBORG, K (eds). *The Archaeology of Death*. Cambridge: Cambridge University Press, 53-69, 1981.

- GUIDON, N, LAMING-EMPERAIRE, A, PALLESTRINI, L, PROUS, A . Documents pour la préhistoire du Brésil méridional - I . L'État de São Paulo. *Cahiers d'Archéologie d'Amérique du Sud*. Paris, 1973.
- HAGLUND, L. *An Archaeological Analysis of the Broadbeach Aboriginal Burial Ground*. University of Queensland Press, 1976.
- HAGLUND, W D, SORG, M H. (eds). *Forensic Taphonomy - The Postmortem Fate of Human Remains*. CRC Press, Washington, 1997.
- HAGLUND, W D, SORG, M H.(eds) *Advances in Forensic Taphonomy. Method, Theory, and Archaeological Perspectives*. CRC Press, Washington DC, USA, 2002.
- HALL, G D. Allens Creek: A Study in the Cultural Prehistory of the Lower Brazos River Valley, Texas. *Research Report 61*. Austin: Texas Archaeological Survey, University of Texas, 1981.
- HARROLD, F. A comparative analysis of Eurasian Palaeolithic burials. *World Archaeology*, (12): 195-210, 1980.
- HASTORF, C.A . Gender, space and food in prehistory. In: GERO, J.M, CONKEY, M,W. (eds) *Engendering archaeology: women and prehistory*, Blackwell Publishers, Oxford, 1998.
- HIERNAUX, J. La mesure de la difference morphologique entre populations pour un ensemble de variables. *L'Anthropologie*, 68: 559-568, 1964.
- HILLSON, S. *Dental Anthropology*. Cambridge University Press, 1998.
- HODDER, I (ed) *The meaning of things: material culture and symbolic expression*, Unwin Hyman, London, 1989.
- HODDER, I. (ed) *The spatial organisation of culture*. Gerald DuckWorth and Co., London, 1978.
- HOWELL, T L, KINTIGH, K W. Archaeological identification of kin groups using mortuary and biological data: An example from the American southwest. *American Antiquity* 61:537-554, 1996.
- JEFFERIES, R W, LYNCH, B M. Dimensions of Middle Archaic Cultural Adaptation at the Black Earth Site, Saline County, Illinois. In: PHILLIPS, JL, BROWN, J A . (orgs). *Archaic Hunters and Gatherers in the American Midwest*. New World Archaeological Record . Academic Press, New York, p. 299-322, 1983.

- JONES, A K G, O`CONNOR, T P. Vertebrate Resources. In. BROTHWELL, D R, POLLARD, A M (eds.). *Handbook of Archaeological Sciences*. John Willey & Sons. New York. p. 415-425. 2001.
- JONES, D G, HARRIS, R J. Archaeological human remains. *Current Anthropology* 39:253-264, 1998.
- KELLEY, M A , LARSEN, C.S. (eds) *Advances in Dental Anthropology*. Wiley-Liss, USA, 1991.
- KNEIP, L M (coord) *Documento de trabalho*, Série Arqueologia, Departamento de Antropologia - Museu Nacional , Universidade Federal do Rio de Janeiro, (3):1-102, 1995.
- KNEIP, L M, MACHADO, L C. Cremação e outras práticas funerárias em sítios de pescadores-coletores pré-históricos do litoral de Saquarema, RJ. *Anais da VI Reunião Científica da SAB*. Rio de Janeiro, 2: 457-465, 1992.
- KNEIP, L M, MACHADO, L C. Os Ritos Funerários das Populações Pré-Históricas de Saquarema, RJ: Sambaquis da Beirada, Moa e Pontinha. *Documentos de Trabalho - Série Arqueologia*. Departamento de Antropologia, Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. (1):1-76, 1993.
- KNEIP, L.M, MACHADO, L.C. Padrões dentários, dieta e subsistência das populações dos sambaquis de Saquarema, RJ. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, 8(1): 45-57, 1994.
- LARSEN, C S. *Bioarchaeology: Interpreting Behavior from the Human Skeleton*. Cambridge: Cambridge University Press. 1997.
- LAVELLE, Siobhan. *Archaeology, Necrogeography and Necrotexture in the Sydney Region: Envolving Cultural Pattherns in the Disposal of the Death*. MA Thesis, University of Sydney, 1986.
- MACHADO, L C. *Análise dos remanescentes ósseos humanos do sítio Corondó*, RJ. Série Monografias, Rio de Janeiro, IAB, n.1, 1984.
- MARTIN, G A . A vida espiritual: o culto aos mortos. In. *Pré-História do Nordeste do Brasil*. Ed. Universitária da UFPE, p. 281-294, 1996.
- MARTIN, L, SUGUIO, K, FLEXOR, J-M. Informações adicionais fornecidas pelos sambaquis na reconstrução de paleolinhas de praia quaternária: exemplos da costa do Brasil. *Revista de Pré-História*, São Paulo, Instituto de Pré-História , Universidade de São Paulo, 6:128-147, 1984

- MATSUZAKI, R, SILVA, S F S M, UCHÔA, D P, ANTUNES, J I F, OLIVEIRA, R N de. Estimativa de idade em remanescentes esqueléticos arqueológicos pela análise do desgaste oclusal em molares. *Pesquisa Odontológica Brasileira*, São Paulo, Suplemento, 16: 86, 2002.
- McKINLEY, J I, BOND, J M. Cremated Bone. In. BROTHWELL, D R, POLLARD, A M (eds.). *Handbook of Archaeological Sciences*. John Willey & Sons. New York. p. 281-292. 2001.
- MELLO ARAÚJO, A G. Sítio arqueológico Mar Virado: considerações preliminares sobre a estratigrafia. VII Reunião Científica da SAB, *Resumos*, João Pessoa, p. 177, 1993.
- MELLO E ALVIM, M C de, UCHÔA, D P. O Sambaqui de Buracão: uma contribuição ao estudo da pré-história do litoral paulista. *Arquivos de Anatomia e Antropologia*. Instituto Professor Souza Marques, Rio de Janeiro, 4-5: 337-393, 1980.
- MELLO E ALVIM, M C de, VIEIRA, I, CHEUICHE, L M. Os construtores dos sambaquis de Cabeçuda, SC e Piaçaguera, SP. Estudo morfométrico comparativo. *Arquivos de Anatomia e Antropologia*, (1):395-406, 1975.
- MELLO E ALVIM, M C, UCHÔA, D P. Aditamentos para o estudo das populações pré-históricas do litoral paulista. O Sambaqui do Buracão. In: XXVII Reunião Anual da SBPC, São Paulo, *Ciência e Cultura*. 27(7): 690, 1975.
- MELLO E ALVIM, M C, UCHÔA, D P. Contribuição ao estudo das populações de sambaquis: os construtores do sambaqui de Piaçaguera. *Pesquisas*. Universidade de São Paulo. Instituto de Pré-História , 1976.
- MELLO E ALVIM, M C, UCHÔA, D P. Subsídios para o estudo das populações e culturas do litoral paulista. O sítio arqueológico do Tenório. In: XXVI Reunião Anual da SBPC, São Paulo, *Ciência e Cultura*. 26(9), jul.1974.
- MENESES, U B de. A cultura material no estudo das sociedades antigas. *Revista de História*, FFLCH-USP, São Paulo, (15): 103-117, 1983.
- MERBS, C F. Eskimo skeleton taphonomy with identification of possible polar bear victims. In: HAGLUND, W D, SORG, M H (eds) *Forensic Taphonomy - The Postmortem Fate of Human Remains*. Washington DC, CRC Press, p. 249-262, 1997.
- MILLARD, A. The Deterioration of Bone. In. BROTHWELL, D R, POLLARD, A M (eds.). *Handbook of Archaeological Sciences*. John Willey & Sons. New York. p. 637-647. 2001.

- MONTARDO, D.L.O . *Práticas Funerárias das Populações Pré-coloniais e suas evidências arqueológicas (reflexões iniciais)*. Dissertação de Mestrado, PUC-RS, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre, 1995.
- MORIN, E. *O Homem e a Morte*. Editions du Seuil, 1970.
- MORRIS, I . *Death-Ritual and Classical Antiquity*, Cambridge University Press, 1992.
- NELSON, S.M. *Gender in Archaeology - Analyzing Power and Prestige*. AltaMira Press, A Division of Sage Publications, Inc., California, USA, 1997.
- NEVES, W A . Análise dos Moluscos do Sambaqui do Buracão. In: XXXII Reunião Anual da SBPC, Rio de Janeiro, *Resumos*, p. 108-109, 1980.
- NEVES, W A . Paleogenética dos Grupos Pré-históricos do Litoral Sul do Brasil (Paraná e Santa Catarina). *Pesquisas*, 43, 1984.
- NEVES, W A . Variação métrica nos construtores de sambaquis do sul do Brasil: primeira aproximação multivariada. In: *Revista de Pré-História*, Instituto de Pré-História da Universidade de São Paulo, 3(4):83-108, 1982.
- NICHOLSON, R A . Taphonomic Investigations. In. BROTHWELL, D R, POLLARD, A M (eds.). *Handbook of Archaeological Sciences*. John Willey & Sons. New York. p. 179-190. 2001.
- O'CONNOR, T P. Animal Bone Quantification. In. BROTHWELL, D R, POLLARD, A M (eds.). *Handbook of Archaeological Sciences*. John Willey & Sons. New York. p. 703-710. 2001.
- O'SHEA, J M. *Mortuary Variability*. New York. Academic Press, 1984.
- OLIVEIRA, M C T de. *O Lugar dos Aventureiros: identidade, dinâmica de ocupação e sistemas de trocas do litoral do Rio de Janeiro há 3500 anos antes do presente*. Tese (Doutorado), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003
- OLIVEIRA, R N, SILVA, S F S M da, KAWANO, A, ANTUNES, J L F. Estimating age by tooth wear of prehistoric human remains in brazilian archaeological sites - sambaquis. In. *1st Paleopathology Association Meeting in South America. Human Migrations and Diseases*. Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fiocruz/Ensp/Museu Nacional do Rio de Janeiro/USP/Faperj/Capes, (resumo), p.56, 2005.
- ORTNER, D J, PUTSCHAR, W G J. *Identification of Pathological Conditions in Human Skeletal Remains*. Washington. Smithsonian Institution Press. 1985

- ORTNER, D J. Disease Ecology. In. BROTHWELL, D R, POLLARD, A M (eds.). *Handbook of Archaeological Sciences*. John Willey & Sons. New York. p. 225-235. 2001.
- PALLESTRINI, L. A Jazida do Buracão - Km 17 da estrada Guarujá-Bertioga . *Separata del Homenaje a Fernando Marquez-Miranda*, Madrid, Sevilla, p. 293-322, 1964.
- PEARSON, M P. *The Archaeology of Death and Burial*. Texas A&M University Press, College Station, USA, 2002.
- POWELL, M L. The analysis of dental wear and caries for dietary reconstruction. JUNIOR, R G, MIELKE, J. (ed). *The Analysis of Prehistoric Diets*. Academic Press Inc., Orlando, Florida, p. 307-337, 1985.
- PRICE, T D, BROWN, J A . *Prehistoric Hunter-Gatherers. The Emergence of Cultural Complexity*. Academic Press, California, 1985.
- PROUS, A . *Arqueologia Brasileira*. Brasília: UnB, 1992.
- PROUS, A, PIAZZA, W. Documents pour la Préhistoire du Brésil Méridional - 2. L'État de Santa Catarina. *Cahiers d'Archéologie d'Amérique du Sud*, Paris, (4), 1977.
- ROGERS, J, WALDRON, T. *A Field Guide to Joint Disease in Archaeology*. John Wiley & Sons, New York, 1995.
- ROKSANDIC, M. Position of Skeletal Remains as a Key to Understanding Mortuary Behavior. In: HAGLUND, W D, SORG, M H.(ed) *Advances in Forensic Taphonomy. Method, Theory, and Archaeological Perspectives*. CRC Press, Washington DC, USA, p. 99-117, 2002.
- SAXE, A . Social dimensions of mortuary practices in a Mesolithic population from Wadi Halfa , Sudan. In: BROWN, J. Approaches to the social dimensions of mortuary practices. *Memoirs of the Society for American Archaeology*, 25:39-57, 1971.
- SAXE, A . *Social dimensions of mortuary practices*. PhD dissertation, Department of Anthropology, University of Michigan, 1970.
- SCHIAVETTO, S N de O . *A Arqueologia Guarani: construção e desconstrução da identidade indígena*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2003.
- SCHUTKOWSKI, H. Human Palaeobiology as Human Ecology. In. BROTHWELL, D R, POLLARD, A M (eds.). *Handbook of Archaeological Sciences*. John Willey & Sons. New York. p. 219-224. 2001.

- SHANKS, M, TILLEY, C. Ideology, symbolic power and ritual communication: a reinterpretation of Neolithic mortuary practices. In: HODDER, I. (ed) *Symbolic and Structural Archaeology*, Cambridge: Cambridge University Press, p. 129-154, 1982.
- SHOTT, M J. Quantification of Broken Objects. In. BROTHWELL, D R, POLLARD, A M (eds.). *Handbook of Archaeological Sciences*. John Willey & Sons. New York. p. 711-721. 2001.
- SILVA, M A P da . Dados antropométricos de ossadas de sambaquis do litoral paulista. *Estudos de Pré-História Geral e Brasileira*. Instituto de Pré-História da Universidade de São Paulo, p. 525-632, 1970.
- SILVA, SFSMS, *Um outro olhar sobre a morte: arqueologia e imagem de enterramentos humanos no catálogo de duas coleções - Tenório e Mar Virado, Ubatuba, São Paulo*. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001
- SILVA, S F S M da, OLIVEIRA, R N , ANTUNES, J L F. Tooth damage and unusual dental wear from masticatory and extramasticatory uses: cases from the Piaçaguera shellmound, Sao Paulo, Brazil. In. *1st Paleopathology Association Meeting in South America. Human Migrations and Diseases*. Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fiocruz/Ensp/Museu Nacional do Rio de Janeiro/USP/Faperj/Capes, (resumo), p.56, 2005.
- SIMÕES, C B. *Tratamento e inventário do material ósseo humano do sítio arqueológico Mar Virado, Ubatuba, São Paulo*. Relatório de Iniciação Científica apresentado ao CNPq, São Paulo, MAE-USP, 2000.
- SOUZA, S M de. *Aplicação de funções discriminantes à estimativa de sexo em ossos humanos pré-históricos*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, UFRJ, 1990, 295pp
- SPRAGUE, R. A suggested terminology and classification for burial description. In: *American Antiquity*, 33(4): 479-485, 1968.
- STEELE, D G, BRAMBLETT, C A . *The Anatomy and Biology of the Human Skeleton*. Texas A & M University Press, 1989.
- STEIN, J K.(ed). *Deciphering a Shell Midden*. Academic Press, 1992.
- SUGUIO, K, MARTIN, T. Quaternary marine formations of the Sao Paulo state and Southern Rio de Janeiro. *Intern. Simp. On Coastal Evolution in the Quaternary*. IGCP/IGUSP/SBG, Public. Especial,n.1, São Paulo, 1978

- TAINTER, J A . Mortuary Practices and the Study of Prehistoric Social Systems. In : SCHIFFER, M B. (ed) *Advances in Archaeological Method and Theory*. Academic Press, 1: 105-141, 1978.
- TAINTER, J R. Social inferences and mortuary practices: an experiment in numerical classification. *World Archaeology*, (7):1-15, 1975.
- THOMAS, K D, MANNINO, M A . The Exploitation of Invertebrates and Invertebrate Products. In. BROTHWELL, D R, POLLARD, A M (eds.). *Handbook of Archaeological Sciences*. John Willey & Sons. New York. p. 427-440. 2001.
- THOMAS, L V. *Anthropologie de la Mort*. Paris: Payot, 1975.
- UBELAKER, D H, PHENICE, W, BASS, W M. Artificial Interproximal Grooving of the Teeth in American Indians. *American Journal of Physical Anthropology* 30: 145-150, 1969.
- UBELAKER, D H. *Human Bones and Archeology*. Cultural Resource Management Studies. Interagency Archeological Service Heritage Conservation and Recreation Service, US Department of the Interior, Washington, DC, 1980.
- UBELAKER, D H. *Human Skeletal Remains: Excavation, Analysis, Interpretation*. 2ed. Washington: Taraxacum. 1989
- UBELAKER, D H. The Ayalan Cemetery: A Late Integration Period Burial Site on the South Coast of Ecuador. *Smithsonian Contribution to Anthropology*, (29), 1981.
- UCHÔA, D P, DE FRANCISCO, M. Desgastes dentários em populações brasileiras extintas: o sambaqui de Piaçaguera, SP, Brasil. In: II Congresso Luso Brasileiro de Anatomia, Lisboa, *Arquivos de Anatomia e Antropologia*, 38:147-157, 1980.
- UCHÔA, D P, GARCIA, C D R. Dentes de animais na cultura do sambaqui de Piaçaguera. *O Homem Antigo na América*, Instituto de Pré-História da Universidade de São Paulo, p. 29-39, 1971.
- UCHÔA, D P, GARCIA, C D R. Nota prévia sobre a morfologia craniana da população do sítio arqueológico do Tenório - Ubatuba, SP. In: XXIII Reunião Anual da SBPC, Resumos, *Ciência e Cultura*, supl. São Paulo, 23:144, jun.1971.
- UCHÔA, D P, MELLO E ALVIM; M C de, GOMES, J C O . Demografia esquelética dos construtores do sambaqui de Piaçaguera, SP, Brasil. *Dédalo* , MAE-USP, São Paulo, 1: 455-470, 1989.
- UCHÔA, D P. *Arqueologia de Piaçaguera e Tenório: análise de dois sítios pré-cerâmicos do litoral paulista*. Tese de Doutorado, FFLCH de Rio Claro, 1973.

- UCHÔA, D P. Contribuição ao estudo do buraco mentoniano em populações pré-históricas do litoral paulista: o sítio arqueológico do Tenório, Ubatuba, São Paulo, Brasil. *Revista de Pré-História*, Instituto de Pré-História da Universidade de São Paulo, 1(1):31-51, ag. 1979.
- UCHÔA, D P. Estrutura basal da mandíbula, visando o buraco mentoniano em populações pré-históricas do litoral paulista. Os construtores do sítio arqueológico do Tenório, SP, Brasil. *Ciência e Cultura*, 29(7):156, 1977.
- UCHÔA, D P. Nota Prévia sobre os sepultamentos de Piaçaguera. In: *Estudos de Pré-História Geral e Brasileira*. São Paulo. IPH-USP, p. 487-491, 1970b.
- UCHÔA, D P. *O Sítio Arqueológico de Piaçaguera (aspectos gerais)*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1970 a .
- UCHÔA, D.P. Sinopse do "Arcaico" do litoral de São Paulo. In: *Temas de Arqueologia Brasileira*, Goiânia, PUC-GO, v. 3, 1978.
- UCHÔA, DP. Cadastro arqueológico do Estado de São Paulo. In: IV Reunião Científica da SAB, *Resumos*, Santos, p.40, 1987.
- UCHÔA, DP. Morfologia craniana do sítio arqueológico do Tenório. In: XXIII Reunião Anual da SBPC, Curitiba, *Resumos. Ciência e Cultura*, 23:152, jun. 1971.
- UCHÔA; D P, GARCIA, C D R. O sítio arqueológico do Tenório: forma, estrutura, inventário geral do material arqueológico, métodos e técnicas. In *42 Congresso Internacional de Americanistas, Paris, Atas*, 9: 147-161, 1976.
- UCKO, P. Ethnography and archaeological interpretation of funerary remains. *World Archaeology*. (1):262-280, 1969
- VAN DE VELDE, , P. The social anthropology of a Neolithic cemetery in the Netherlands. *Current Anthropology*, (20): 37-58, 1979.
- WHITE, T D, FOLKENS, P A . *Human Osteology*. Academic Press. New York, 2000.
- WHITE, T D. *Prehistoric Cannibalism*. Princeton University Press. 1992.
- WRESCHNER, E.E. Red Ochre and Human Evolution: A case for discussion, *Current Anthropology*. 21(5):631-365, 1980.
- WYLIE, A . The reaction against analogy. *Advances in Archaeological Method and Theory*, (8): 63-111, 1985.
- YESNER, DR. Maritime hunter-gatherers: ecology and prehistory. *Current Anthropology*. 21(6): 727-735, 1980 (1987)

A N E X O S

Anexo 1 - Tabelas obtidas a partir da contagem das variáveis culturais e biológicas²³⁹:

Contar de sexo	sepultamentos				
	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
Total	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
sexo	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
fem	4	10	20	14	48
indet	27	24	29	7	87
masc	13	20	28	7	68
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
idade	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
adulto	24	40	39	21	124
indet				1	1
subadulto	20	14	38	6	78
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
patologia	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
n observada	38	43	69	19	169
presente	6	11	8	9	34
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
deposição	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
composta		5			5
indeterminado	11	30	21	2	64
simples	33	19	56	26	134
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
cova	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
cor		3		3	6
corpo cor	17	17	40	16	90
indet	27	34	37	9	107
Total Global	44	54	77	28	203

²³⁹ O apoio do Prof. Dr. José Leopoldo F Antunes, do Departamento de Odontologia Social da USP foi importante para a realização destas tabelas.

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
lític corpo	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
abpelmii				3	3
ausente	41	52	77	18	188
crtormmss	3	2		5	10
red cranio				2	2
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
lític corp2	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
ausente	44	49	77	14	184
na mão				5	5
red corp		5		9	14
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
NMI	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
dupl	2	2	22	3	29
simp	42	52	46	25	165
trip			9		9
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
inum sim	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
addultoM		1	5		6
adulto		1	3		4
adultoF			8		8
criança			9	1	10
n observ	44	52	46	27	169
subad			6		6
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
inum.nsim	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
ausente	42	20	77	25	164
c adulto	2	17		1	20
c.subad		17		2	19
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
queima parc	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
ausente	44	54	77	26	201
presente				2	2
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
cremação	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
ausente	44	51	77	28	200
presente		3			3

Total Global	44	54	77	28	203
--------------	----	----	----	----	-----

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
conex anat	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
articul			4	14	18
desarticul	14	35		2	51
fardo		1			1
incompleto	1		2		3
indeterm	1	2	34	1	38
semiarticul	28	16	36	11	91
semiarticul + fardo			1		1
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
decúbito	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
dorsal	2		9	5	16
lateral D	8	4	14	5	31
lateral E	1	7	15	9	32
n observado	21	40	38	4	103
ventral	1	2	1	2	6
vertical sentado	11	1		3	15
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
flex corpo	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
estendido			2	4	6
fletido	11	4	16	6	37
hiperfletido	6	5	2	3	16
n observável	24	43	45	10	122
semi-fletido	3	2	12	5	22
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
flex MSD	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
estendido	1		8	4	13
fletido	4	3	6	4	17
hiperfletido	3	1	2	1	7
n observável	30	47	53	12	142
semi-fletido	6	3	8	7	24
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
flex MSE	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
estendido	1	3	11	9	24
fletido	4	3	4	3	14
hiperfletido	2	1	2	4	9
n observável	30	45	52	12	139
semi-fletido	7	2	8		17
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
-----------------------	---------------	--	--	--	--

MMSS cruzados	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
ausente	12	41	28	16	97
n observável	32	12	47	9	100
presente		1	2	3	6
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
mão D	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
n observável	33	14	51	9	107
nas vért lomb				3	3
outra região		35	13	5	53
região do crânio		2	1	3	6
região dos MMII	4	1	4	6	15
região pélvica	2		5	1	8
região torácica	5	2	3	1	11
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
mão E	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
n observável	33	13	51	10	107
outra região		36	11	3	50
região do crânio				2	2
região dos MMII	6	2	6	7	21
região pélvica	2	1	6	1	10
região torácica	3	2	1	4	10
região vert lomb			2	1	3
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
flex MID	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
artic ausente		33	1		34
estendido			1	2	3
fletido	8	9	14	11	42
hiperfletido	10	4	13	4	31
n observável	25	7	47	11	90
semi-fletido	1	1	1		3
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
flex MIE	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
artic ausente		34	1		35
estendido			1	2	3
fletido	11	8	16	9	44
hiperfletido	8	5	12	8	33
n observável	24	6	46	9	85
semi-fletido	1	1	1		3
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
-----------------------	---------------	--	--	--	--

pés	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
D e E juntos	8	10	17	10	45
D e E separados	4		9	6	19
n observável	32	44	51	12	139
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
face	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
anômala	10	3	8	4	25
n observável	25	42	46	12	125
para frente	4	7	19	9	39
voltada à D do corpo	3	1	3	1	8
voltada à E do corpo	2	1	1	2	6
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
ocre	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
ausente	27	18	28	14	87
n observado	2		20		22
presente	15	36	29	14	94
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
art carapaça quelônio	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
ausente	36	22	77	23	158
n observado	3				3
presente	5	32		5	42
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
os mam marinho	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
ausente	40	28	77	22	167
n observado	4				4
presente		26		6	32
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
os mam marinho	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
ausente	40	28	77	22	167
n observado	4				4
presente		26		6	32
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
dente mamífero	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
ausente	34	50	63	20	167
c uso ou trab			1	2	3
n modificado	8	2	2	2	14
perfurado	2	2	11	4	19

Total Global	44	54	77	28	203
--------------	----	----	----	----	-----

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
dente seláquio	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
ausente	25	18	50	22	115
c uso ou trab	2	5		1	8
c uso ou trab, n modif	1	1	1	1	4
c uso ou trab, perf, n modif		2	2	1	5
c uso ou trab, pref, n modif			1		1
n modif	13	21	1	1	36
n observado	2				2
perf	1	6	16	2	25
perf, n modif		1	6		7
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
VC80	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
ausente	42	54	76	28	200
presente	2		1		3
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
agrup dentes animal	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
ausente	37	50	66	24	177
distal MS		1	2		3
esparcos	2	1		1	4
reg cervic-torácica	4	2	8	2	16
reg cervic-torácica e dist MS			1		1
reg cervic-torácica, esparcos	1			1	2
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
vért perf peixe	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
ausente	38	23	76	27	164
n observável	3				3
presente	3	31	1	1	36
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
ponta biterminada	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
ausente	38	51	77	22	188
os ave	2				2
os ave e peixe				1	1
os mamíf	2	1		2	5
os mamíf e ave	1				1
os mamíf e peixe				1	1
os mamíf, ave e peixe	1				1
os peixe		2		2	4
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
ponta simples ou frag	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
ausente	32	22	69	20	143
os ave				2	2
os ave e peixe				1	1
os mamíf	7	1	4	1	13
os mamíf e peixe	2				2
os mamíf, ave e peixe	1				1
os peixe	2	31	4	4	41
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
ponta lanceolada mamífero	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
ausente	42	54	77	26	199
presente	2			2	4
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
agrup pontas ósseas	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
ausente	39	53	77	26	195
n observado	3				3
presente	2	1		2	5
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
diáfise de animal	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
ausente	41	53	75	28	197
c trab extremid	2		2		4
seccionada afiada	1	1			2
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
diáfise de animal	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
ausente	41	53	75	28	197
c trab extremid	2		2		4
seccionada afiada	1	1			2
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
crânio mamífero	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
ausente	39	53	77	25	194

mandíbula c uso ou modif e neurocr perf				1	1
mandíbula c uso ou modificação	5	1		2	8
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
artefato circular bula ou os peixe	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
ausente	44	54	76	28	202
esfera osso			1		1
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
lasca os mam c ou sem trab	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
ausente	33	54	76	24	187
presente	11		1	4	16
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
valva bivalve	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
ausente	23	48	77	16	164
c perf c ou s uso	1			3	4
c trab e perf pendente				1	1
c trab e perf pendente, n modificada				1	1
c trab ou uso p raspar	8				8
n modificada	6	6		4	16
n modificada, c perf c sem uso				2	2
n modificada, c perf c sem uso, c trab uso p rasp	2				2
n modificada, c trab e uso p raspar	4				4
n modificada,c trab e uso p raspar				1	1
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
valva gastrópode	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
ausente	31	52	71	15	169
c trab e perf pendente	5			4	9
c trab e s perf pendente				1	1
c trab e s perf ponta				1	1
n modificada	6	2	2	2	12
n modificada, c trab e perf pendente				1	1
n modificada, perfurada	1				1
perfurada	1		4	4	9
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
agrup Olivella	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
ausente	43	54	71	25	193
perf nas cerv-torácicas			3	2	5
perf reg crânio				1	1
s perf			1		1
s perf na pelve			1		1
s perfuração	1		1		2
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
machado	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
ausente	43	49	72	20	184
presente	1	1	2	6	10
reg abdômen-MMII		1	1	1	3
reg crânio-tórax-MMSS		3	2	1	6
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
lasca	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
ausente	27	13	77	18	135
presente	17	41		10	68
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
seixo-bloco modif	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
ausente	21	13	73	11	118
inespecífico	14	16	2	4	36
multifuncional				2	2
multifuncional, inespecif		1			1
percutor-batedor	3	2	2	1	8
percutor-batedor, inespecif	6	22		1	29
percutor-batedor-suporte				2	2
percutor-batedor-suporte, multif				1	1
percutor-batedor-suporte, multif, inespecif				1	1
suporte				3	3
suporte, afiador				1	1
suporte, inespecif				1	1
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
carvão	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
ausente	26	25	46	12	109
fog interior cova				1	1
fog, bras, fossa	15	29	31	15	90
n observado	3				3
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
fauna	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
ausente	8	19	77	14	118
n observada	3			2	5
presente	33	35		12	80
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
esquel animal	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
anfíbio	1				1
ausente	35	54	77	28	194
ave	2				2

mamífero	3				3
n observado	3				3
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
vegetais queimados	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
ausente	40	54	67	25	186
n observado	3			3	6
presente	1		10		11
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
terra preta	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
ausente	11	6	77	12	106
n observado	3				3
presente	30	48		16	94
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
líticos n modif/ funer	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
ausente	39	41	75	12	167
bloco alongado	1	1		3	5
bloco alongado, sob cervic-torácica				1	1
nicho, matacões	3	6			9
pelve e MMII	1		1	4	6
pelve e MMII, bloco along				2	2
pelve e MMII, bloco along, junto face				1	1
pelve, reg MMII,				1	1
pelve, reg MMII, bloco along				1	1
reg crânio		1			1
reg crânio, pelve, MMII, sob ou junto cerv toráx				1	1
reg MMII			1	1	2
reg MMII, junto face		1		1	2
reg MMII, nicho, matacões		2			2
reg MMII, sob ou junto cerv toráx		1			1
sob ou junto cerv toráx		1			1
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
manip corpo	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
amarração	1	4		2	1
ausente	41	52	77	28	198
esqueleto		1			1
n observado	3				3
Total Global	45	58	77	30	209

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
dentes perf mam reg pelve	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
ausentes	41	54	77	27	199
n observados	3				3

presentes				1	1
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
dente perf peixe ósseo	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
ausente	41	54	77	27	199
n observado	3				3
presente				1	1
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
osso/dente humano ass	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
ausente	33	53	77	25	188
n observado	3				3
presente	8	1		3	12
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	sepultamentos				
conj os peixe	buracão	mar virado	piaçaguera	tenorio	Total Global
ausente	43	44	77	22	186
conj aparas		9		1	10
conj raios s trab				3	3
conj raios s trab, conj aparas		1			1
conj raios s trab, maxilar, conj aparas				1	1
maxilar	1			1	2
Total Global	44	54	77	28	203

Contagem de esqueleto	
sepultamentos	Total
buracão	44
mar virado	54
piaçaguera	77
tenorio	28
Total Global	203

Anexo 2 - Relação dos sepultamentos de Buracão por número, sexo, grupo etário, camada, quadra, posição do corpo, disposição dos membros e ocre:

Nº	sexo	grupo etário	camada	Nível	Posição do corpo	Disposição membros	Articulação	ocre
1	-	adolescente	TP	4,254	-	-	-	-
2	-	-	TP	centro Ex1 4,134	Decúbito lateral direito	-	-	P
3	-	criança	TP	ossos longos 4,234	-	-	-	-
4	M	adulto	ITP	crânio 4,254 crânio	Decúbito lateral direito, fletido	MSD estendido, mão sobre os MMII; MSE semi-fletido, mão sobre a pelve; MII fletidos, pés separados	semiarticulado (reacomodação)	P (bloco 10x10cm, sob occipital)
5	-	criança	FogIA	4,234 crânio	-	-	desarticulado (perturbado)	-
6	-	criança	BC	4,041 crânio	Posição vertical (inferido pela disposição das costelas e cervicais), fletido	MMSS e MMII fletidos e deslocados	semiarticulado (reacomodação)	P (sobre costelas e membros)
7	-	adulto(?)	TP	2,174 pelve	Corpo em posição vertical, sentado, fletido (queda do crânio e costelas sobre a pelve e os MMII)	MMSS fletidos, mãos no tórax, MMII hiperfletidos sob o tórax, pés juntos	semiarticulado (esmagado, reacomodação)	-
8	M	adulto	B	3,404	Decúbito ventral (ou em posição vertical?), fletido (perturbado e muito incompleto)	MMII fletidos	semiarticulado(muito incompleto)	-
9	F	adulto	MR	2,240	(perturbado e muito incompleto - crânio)	-	-	-
10	-	adulto	B	2,804 centro	Decúbito lateral direito, cintura escapular ventralmente posicionada, hiperfletido, face para , baixo e à direita;(o calcâneo, as costelas e a pelve indicam possível posição vertical, corpo)	MMSS e MMII hiperfletidos	semiarticulado (reacomodação)	P (massa de ocre junto a porção esquerda co crânio e membros)
11	-	adulto	MR	-	(perturbado e incompleto)	-	-	-
12	M	adulto	FogIE	3,884 crânio 3,784 tórax	Decúbito lateral esquerdo, hiperfletido (inferido)	(perturbado)	semiarticulado (incompleto, reacomodação)	-
13	-	adulto	MR	3,514	-	-	-	-
14	F	adulto	MR	3,484	(perturbado e incompleto)	-	semiarticulado (reacomodado, deslocado)	-
15	M	adulto	FogIE	3,720 crânio	Decúbito ventral, fletido (inferido)	-	semiarticulado (incompleto, reacomodação)	-
16	M	adulto	FogIE	4.034 crânio	Decúbito lateral direito, fletido, face para frente (perturbado)	MMSS semifletidos, mãos ao redor dos membros inferiores, MMII hiperfletidos	semiarticulado	-
17	-	criança	TP	-	(perturbado)	-	(perturbado)	-
18	-	criança	B	3,294 3,484	(perturbado e incompleto)	-	(perturbado e incompleto)	-
19	M	adulto	TP	3,164 crânio	Decúbito dorsal, hiperfletido	MSD fletido, mão no tórax, MSE (deslocado), MMII hiperfletidos sobre o tórax (incompletos)	semiarticulado (incompleto, reacomodação)	P (fragmento sobre a mão D)

20	-	criança	TP	3,424	Corpo em posição vertical, sentado, semi-fletido (queda do crânio sobre os MMII)	MMSS (indeterminados), MMII fletidos , cruzados e voltados lateralmente	semiarticulado (ossos esparsos, acomodação))	P (grande quantidade)
21	F	adulto	FogIC	4,079 crânio 4,049 pés	Decúbito lateral direito, fletido, cinturas escapular e pélvica para ventral, face para frente e para baixo	MSE fletido, mão no tórax; MSD fletido, sob o tórax; MII fletidos, pés juntos	semiarticulado (acomodação)	P (no material associado)
22	-	criança (recém-nascido)	FogIE	4,004	-	-	desarticulado (perturbado) articulado	-
23	-	Criança	FogIE	3,984	Decúbito lateral direito, fletido, cinturas escapular e pélvica para ventral	MMSS e MMII hiperfletidos		P (parte inferior do corpo e a cova)
24	-	Criança	FogIE	3,584 crânio	Corpo em posição vertical, sentado, fletido (queda do crânio e costelas sobre a pelve) (perturbado e incompleto)	MMSS estendidos, MMII fletidos e voltados lateralmente	semiarticulado (acomodação)	P (sobre os MMII, MSD e mão E)
25	M	Adulto	FogIE	3,904	(muito perturbado, esparsos)	-	desarticulado	-
26	-	-	MR	-	(perturbado, muito incompleto)	-	-	-
27	-	-	B	3,379	Perturbado e muito incompleto)	-	(muito incompleto)	-
28	-	criança	B	3,574	(perturbado e incompleto)	-	(muito incompleto)	-
29	-	criança	BC	3,554	Corpo em posição vertical, sentado (fetal), crânio sobre as costelas e pelve(deslocado)	MMII fletidos	semiarticulado (acomodação)	-
30	-	criança	B	3,434 crânio 3,404 pés	Corpo em posição vertical, sentado (fetal), crânio sobre as costelas e pelve(deslocado)	MMII fletidas e cruzadas, deslocadas lateralmente	semiarticulado (acomodação)	P
31	-	criança	B	3,734 3,449	Corpo em posição vertical, sentado, semifletido(deslocamento do tórax para decúbito dorsal, crânio sobre o tórax)	MMSS semifletidos na região dos membros inferiores, MMII semifletidos e deslocados lateralmente (abertos)	semiarticulado (acomodação)	P (entre os acompanhamentos)
32	M	adulto	TP	3,069 crânio 3,299 pés	Decúbito lateral direito, hiperfletido, face voltada para frente	MMSS estendidos, mãos na pelve; MID hiperfletido e MIE fletido, cruzados na altura das tíbias, pés separados	semiarticulado	P
33	M	adulto	B	3,434 crânio	Corpo em posição vertical, sentado (fetal),hiperfletido, crânio deslocado sobre a pelve e costelas, face voltada à direita (deslocada)	MSD semifletido(deslocado), MSE semifletido(deslocado), MMII hiperfletidos (fêmures junto do tórax (acomodado)	semiarticulado (acomodação)	P
34	M	adulto	TP	3,394 crânio	Corpo em posição vertical, sentado (fetal), hiperfletido (amarrado), face para a base(deslocada), bloco lítico (deslocado) sobre o corpo	MMSS, semifletidos, mãos juntas na região dos pés/pelve, MMII hiperfletidos, fêmures junto ao tórax, pés juntos	semiarticulado (acomodação)	-
35	-	criança	B	3,424	Decúbito lateral direito, fletido	MSE semifletido, mão na região de membros superior e MIE fletido	semiarticulado (acomodação)	P (abundante nos ossos circunvizinhos)
36	-	criança	BC	3,334	Decúbito dorsal, fletido	MMSS e MMII fletidos	semiarticulado (acomodação)	-
37	-	criança	BC	3,224	(perturbado e incompleto)	-	-	-
38	-	criança	TP	3,074	(perturbado, muito alterado)	-	(perturbado)	-

39	M	adulto	TP	2,954	Corpo em posição vertical (fetal), fletido, face para baixo e a esquerda, blocos líticos (2) sobre o tórax e parte das lombares	MSE fletido e na região do membro inferior E, mão no pé e MSD fletido sob o tórax, mão nas costelas, MMII hiperfletidos e abertos lateralmente, pés juntos	semiarticulado (reacomodação)	P
40	M	adulto	TP	2,934	Corpo em posição vertical (fetal), fletido, face deslocada, bloco lítico sobre a cova (muito alterado)	MMSS semi fletidos, mãos entre os membros inferiores, , MIE fletido e deslocado lateralmente, MID hiperfletido (fêmur vertical), pés separados	semiarticulado (reacomodação)	-
41	-	criança	TP	2,914	(muito alterado)	-	(incompleto e alterado)	-
42	F	adulto	MR	-	(muito alterado)	-	-	-
	M	adulto	MR	-	(muito alterado)	-	-	-
43	-	criança	B	-	(decomposto)	-	(decomposto)	-

* ITP: primeira camada de terra preta que finaliza a ocupação no sítio; TP: camada de terra preta; Fog: fogueiras IA, IC, IE; BC: camada basal de conchas; B: base rochosa decomposta; MR: material rolado; Nível: em metros acima do nível do mar; P: presente; -: ausente ou não observado.

Fonte: PALLESTRINI, L. A Jazida do Buracão - Km 17 da estrada Guarujá-Bertioga, Separata del Homenaje a Fernando Márquez-Miranda, Madrid, Sevilla, p.300-319, 1964; *Diário de Pesquisa do Sambaqui Buracão, Ilha de Santo Amaro (Km 17 da estrada Guarujá-Bertioga), Estado de São Paulo. Ano de 1962-63. Pesquisa 002/62-63.*

Anexo 3 - Relação dos acompanhamentos funerários por sepultamento, sexo e grupo etário no sítio Buracão:

Acompanhamentos funerários por sepultamento, sexo e grupo etário no sítio Buracão:			
No. Sepultura	Sexo	Grupo etário	Acompanhamentos funerários e outras associações
1	-	Adolescente	<p>1 pendente em valva de gastrópode trabalhada e perfurada, forma triangular de 45x25mm, abaixo do temporal (não encontrado);</p> <p>Outras associações: 560-Ex1-TP: fragmento de crânio de peixe ósseo; SN896-Ex1: 2 vértebras de peixes ósseos, 1 dente de raia; Restos humanos e fauna: SN39-I2-RA-sep.1B-14-12-62: terços distal e médio de úmero direito, criança ($\pm$ 4anos), 2 espinhos e maxilar de peixe ósseo.</p>
2	-	-	(ocre)
3	-	Criança	-
4	M	Adulto	<p>SN1330 - bloco de corante (ocre), sob a base do occipital002/62-63/IV (terra preta): 342 valvas com ápices cortados , gastrópode, <i>Olivella sp</i>, 8x4mm(média), sobre a região temporal, parietal e parte do occipital, adorno de cabeça(?); 1 osso de mamífero, alytua da clavícula esquerda(não encontrado);</p> <p>Outras associações: Nº 01 - sep.4 - quartzito não modificado (fragmento, anômalo); Sep IV- 002/62-63/IV: epífise de osso longo, ave, c/sinais de corte, fragmentada, 22x7x6mm (após retirada do esqueleto); Sep IV-002/62-63/IV: fragmento de osso de peixe c/trabalho (polimento), queimado, 14x4mm; 002/62-63/IV: vértebra fragmentada de peixe ósseo, 6mm (diâm.); 002/62-63/IV: fragmento de ponta, osso mamífero, 16x6x2mm; 002/62-63/IV: fragmento de ponta, osso de peixe, 17x6x3mm; 002/62-63/IV: dente de seláquio, s/trabalho; 002/62-63/IV: fragmento de ponta, osso de mamífero, 17x5x2mm; 002/62-63/IV: fragmento de ponta, osso de peixe, 18x6x2mm; 002/62-63/IV: fragmento proximal, raio de nadadeira, peixe ósseo, c/trabalho, região do crânio, 19x5x4mm; Nº 005(C27): raspador, valva c/sinais de uso, <i>Lucina pectinatus</i>, 31x36x1mm; Nº 011(sep. IV-C14): raspador-cortador, valva c/sinais de trabalho-quebras consecutivas na borda, <i>Lucina pectinatus</i>, 45x51x1mm; Nº 410(2029): fragmento de ponta, osso de peixe, 35x5x3mm; C12, C13, C17, C18 - 002/62-63/fauna sob o sep.: 1 valva de <i>Lucila pequenitas</i>, 56x62x3mm, 1 valva de <i>Sanguinolaria cruenta</i>, 36x69x2mm, 1 valva de <i>Thais haemastoma</i>, 34x20mm; 002/62-63/IV (fauna associada): C10, 11, 14, 15 e 19: fragmentos de <i>Thais haemastoma</i>, <i>Astrea sp</i>, <i>Strophocheilus sp</i> e <i>Lucina pectinatus</i>; SN1145-002/62-63/sep IV (fauna associada): sob o esqueleto: fragmentos de <i>Lucina pectinatus</i>, <i>Thais haemastoma</i>, <i>Astrea sp</i>, fragmentos queimados de <i>Thais haemastoma</i> e <i>Astrea sp</i>, 1 valva não modificada de <i>Littorina angulifera</i> (gastrópode), 4 pinças de <i>Callinectes sp</i>, 2 pinças de <i>Cancer cancer</i>(uma com sinais de queima), 1 valva de <i>Modiolos carvalhoi</i> (bivalve), 2 fragmentos de <i>Astrea sp</i> c/ocre, 1valva de <i>Nassarius uibex</i> (gastrópode); SN1137-002/62-63/IV (fauna associada): 1 pinça de <i>Callinectes sp</i>, 1 pinça de <i>Cancer cancer</i>, fragmentos (06) queimados de <i>Thais haemastoma</i> e <i>Lucina pectinatus</i>, 1 valva de <i>Modiolos carvalhoi</i> (gastrópode), 11x7x05mm; SN 1278: 1 fragmento de valva de <i>Thais haemastoma</i> e 1 fragmento de <i>Astrea sp</i>, mão esquerda; 002/62-63/IV (região craniana): C20, C22, C23: 1 fragmento de valva de <i>Thais haemastoma</i>, 1 valva c/ sinais de queima de <i>Lucina pectinatus</i>, 50x55x2mm; 002/62-63/IV: C1 à C9: 2 valvas fragmentadas e com sinais de queima de <i>Lucina pectinatus</i>, 5 fragmentos de valvas de <i>Thais haemastoma</i>, C3: 1 fragmento queimado de <i>Lucina pectinatus</i>, C8: 1 valva de <i>Tivella</i>, 46x58x2mm; SN1290: osso de peixe (mão direita); 1022-LN6-TP: rádio de ave (médio porte); SN1339: osso de peixe (região das costelas esquerdas); SN 1329: ossos e vértebras de peixes, 1 fragmento de <i>Lucina pectinatus</i> (pé esquerdo); SN450(peneira): fragmentos de valvas de <i>Thais haemastoma</i>, <i>Astrea sp</i> e 2 fragmentos de moluscos não ident.; SN1144-09-11-62: ossos de peixes, réptil e dente de mamífero; SN1162: ossos de peixe e vértebras (junto do crânio); SN449-7-11-62 (peneira): ossos de peixes, 15 vértebras de peixes ósseos, fragmentos de espinhos e crânios de peixes, carvão; F1a até F1c-002/62-63/IV: 2 vértebras de peixe ósseo, 1 vértebra queimada de seláquio (condrities); SN1274: 1 vértebra de peixe ósseo, fragmentos de valvas queimadas de <i>Lucina pectinatus</i> e <i>Thais haemastoma</i> (junto ao pé direito do esqueleto); SN1304: osso de peixe (junto ao membro superior direito), 2 fragmentos de espinhos de peixe; SN1136-002/62-63/IV: ossos de peixes, réptil, ave, mamífero, queimados, dente queimado de macaco; SN1286: vértebra e fragmento de espinho de peixe ósseo, fragmento de valva de <i>Thais haemastoma</i>;</p> <p>D1 a D4: 4 dentes s/trabalho, seláquio(região do temporal esquerdo, sob a clavícula, occipital, e mandíbula); 2 dentes perfurados de seláquio (na região do occipital e temporal esquerdo, não localizados).</p> <p>Outras associações: Nº 01-002/62-63/V - fragmento de quartzito, 24x12mm; Nº 02-002/62-63/V- fragmento de quartzito, 39x35mm;); Nº 139(OS1): ponta biterminada, osso, 45x5x2mm; Nº 004(F2A): raspador, valva c/sinais de uso, <i>Lucina pectinatus</i>, 42x48x1mm; Nº 330(OS1): fragmento de ponta, osso de mamífero, 43x10x5mm; Nº 090 (D9): dente perfurado no ápice da raiz, mamífero, 30x8x6mm, 1,5mm(perf.); Nº 089(D5): canino trabalhado e perfurado, mamífero, 26x7x5mm, 1,5mm(perf.); Nº 075 (D10): pingente, canino perfurado e c/trabalho(desgaste na raiz), macaco, 32x8x6mm; Nº 071 (D6): pingente, canino perfurado, macaco, 32x8x6mm; Nº 617(2004): rejeito, fragmento de diáfise serrada, 23x10x4mm; Nº 731(V-D8-Bu): dente c/trabalho e perfuração na raiz, canino de mamífero, 30x8x7mm (associado?); SN91: 1 fragmento de <i>Strophocheilus</i>, 5 valvas de <i>Lucina pectinatus</i> c/sinais de quebras nas margens, sem articulação, 52x60x2, 48x53x2, 53x60x2, 44x47x1 e 55x62x3mm; SN1159-base: 2 fragmentos de <i>Thais haemastoma</i> e 1 de <i>Astrea sp</i>; F1a: valva fragmentada de <i>Thais haemastoma</i>; SN1143-002/62-63/V: 3 fragmentos de valva de <i>Lucina pectinatus</i>, 2 fragmentos de valva de <i>Strophocheilus sp</i>, 1 valva de <i>Astrea sp</i>, 47x29x4mm, 1 fragmento queimado de <i>Thais haemastoma</i>, 1 pinça de <i>Callinectes sp</i>, 5 fragmentos de valvas (sem identificação); 1536: fragmento de crânio de peixe; SN1318: 6 fragmentos de ossos de peixes, 1 vértebra de ave, 1 vértebra de peixe ósseo; OS4: osso de peixe (osteicties); SN1142-002/62-63/V: 4 fragmentos de espinhos e 14 vértebras de peixes ósseos, fragmentos ósseos de mamífero de pequeno porte; SN1158-Ex1-ao lado do sep.: 5 fragmentos de ossos de mamífero, 12 vértebras e fragmentos de peixes ósseos;</p>
5	-	criança	
6	-	Criança	<p>SN1178 - J002/62/63/VI - A1 - Ocre (fragmento),</p> <p>Outras associações: Nº L1 - 002/62-63/VI-17/11/62 - fragmento lítico; OS2-002/62-63/VI-01-11-62: fragmento de vértebra de peixe, s/trabalho, 22mm diâm.; Nº 009(Sep. VI C3): valva c/sinais de quebra nas bordas, <i>Lucina pectinatus</i>, 64x68x2mm; Nº 007 (Sep. VI-C1): raspador, valva c/quebra na borda, <i>Lucina pectinatus</i>, 42x43x2mm; SN 883: pinça de <i>Callinectes sp</i>, fragmentos (03) de <i>Lucina pectinatus</i> e <i>Thais haemastoma</i> c/sinais de queima; C2, C3, C4, C5: ao redor do esqueleto: 1 valva de <i>Lucina pectinatus</i>, 65x69x3mm, 1 fragmento de valva de <i>Thais haemastoma</i>, 1 fragmento de valva de <i>Modiolos carvalhoi</i>; SN 1170-002/62-63/VI: 4 fragmentos de valvas de <i>Lucina pectinatus</i>, <i>Thais haemastoma</i>; SN1164-N1 17-11-62(retirada do redor do sep.): 1 valva de <i>Thais haemastoma</i>, 44x27mm, 1 pinça de <i>Callinectes sp</i>, 3 fragmentos de valvas de <i>Thais haemastoma</i>, 1 fragmento de valva de <i>Lucina pectinatus</i>; SN415-002-62-63-VI: 2 valvas de <i>Thais haemastoma</i>, 33x22mm e 21x13mm, 1 valva fragmentada de <i>Thais haemastoma</i>, 1 fragmento de valva de gastrópode, 1 valva de <i>Modiolos carvalhoi</i>, 17x12x1mm, 2 valvas de <i>Littorina angulifera</i>, 13x9mm e 8x6mm, 1 valva de gastrópode terrestre, <i>Strophocheilus</i></p>

			<p><i>sp(?)</i>, 10x6mm; SN 1172-002/62-63/VI-17-11-62: 7 fragmentos de gastrópodes e 5 fragmentos de valvas de <i>Thais haemastoma</i>; SN1173-002/62-63/VI: fragmentos de crânio de mamífero; 1698, 1700: lascas de ossos de peixes; 1696, 1697, 1699, 1769, 1770, 1803, 1804, 1805 (restos humanos): terço distal de fêmur, terço distal de úmero, fragmento de occipital, 3 fragmentos de diáfises de ossos longos, 1 fragmento de mandíbula, criança (3 a 4anos); SN-884-1-12-62: fragmentos de ossos de mamífero, 2 vértebras de seláquio (ou raia), 6 vértebras de peixes ósseos, 1 fragmento queimado de osso de mamífero; SN1174-25-11-62: 8 fragmentos ósseos e 5 vértebras de peixes ósseos; 1701, 1767, 1768, 1787-002/62-63/VI: fragmentos de ossos de crânio de mamífero; SN414-002-62-63: 3 fragmentos de espinhos 5 vértebras de peixes ósseos, 5 fragmentos de crânio de peixe; SN1163-N1(ao redor do esqueleto): vértebras e ossos de peixes e mamíferos; SN1171-17-11-62: ossos de peixes, vértebras, dentes de raia e carvão; 1694-1695-002/62-63/VI(restos humanos): incisivo central inferior direito e incisivo lateral superior esquerdo, criança (coroas inclusas); SN1169-002/62-63/VI-01-11-62: 12 vértebras e fragmentos de peixes ósseos (pequeno porte).</p>
7	-	Adulto(?)	<p>Nº 01- sep. 7- lasca de quartzito, 59x31x18mm; Nº 04- sep. 7 - lasca de quartzito, 42x27x14mm; Nº 05- sep. 7 - quartzito não modificado (fragmento, anômalo); nº 06: lasca, cristal de rocha ou quartzito hialino, 30x30x3mm; nº 10: lasca, cristal de rocha ou quartzito hialino, 32x15x4mm; nº 14: lasca c/retoque, quartzito hialino, 19x17x6mm; nº 13: lasca, quartzito hialino, 27x16x7mm; nº 15: lasca, quartzito hialino, 18x16x3mm; nº 11: 24x16x6mm; nº 17: lasca, quartzito hialino, 20x16x11mm; nº 12: lasca, quartzito hialino, 32x22x8mm; nº 20: lasca, quartzito hialino, 28x28x12mm; nº 7: lasca, quartzito hialino, 27x21x13mm; nº 8: lasca, quartzito hialino, 53x23x16mm; nº 18: lasca, quartzito hialino, 22x14x4mm; nº 16: lasca, quartzito hialino, 20x17x4mm; nº 19: lasca, quartzito hialino, 18x14x5mm; nº 21-002/62-63/VII-Sep VII-G1-F1-LN10-12-12-62: lasca, quartzito, 18x16x8mm; nº 02-002/62-63/VII: lasca, quartzito hialino, 38x28x2mm; nº 03-002/62-63/VII: lasca, quartzito hialino, 31x10x6mm; 1 percutor (não encontrado)</p> <p>Outras associações: H1-RA-PB-TP-11-12/62.: valva c/trabalho, lascamentos sucessivos, (raspador-cortador?), <i>Lucina pectinatus</i>, 54x61x2mm; Sep. 7: dente s/trabalho, seláquio; Nº 430(OS2): rejeito, terço médio de diáfise serrada, osso de mamífero, 52x14x7mm; SN-1099-sep.7-H1-RA-PB-TP-11-12-62(fauna): 2 vértebras de seláquio, 5 vértebras de peixes ósseos, fragmento de carapaça de quelônio de pequeno porte - <i>Hydromedusa sp</i>, fragmentos de ossos de porco do mato, 1 dente de réptil (jacaré), 2 fragmentos de placa dentária faringiana de <i>Archosargus probatocephalus</i>, 1 cleitro de <i>Bagridae</i>, 2 espinhas de peixes ósseos, 8 fragmentos de crânios de peixes, 14 espinhas de peixes ósseos, 1 fragmento de osso de peixe agulha, 1 fragmento de escápula e coxal de mamífero, 2 vértebras de seláquios, 5 vértebras de peixes ósseos, 2 fêmures de ave(jovem), 3 diáfises de ossos longos de ave; SN 1149-002/62-63/VII- LN10-12-12-62: vértebras de peixes ósseos, maxilares de peixes, 1 dente de roedor, de raia, maxilar de <i>Bagridae</i>, fragmentos de espinhos e crânios de peixes ósseos; OS1-002/62-63/G1-F1-LN10-12-12-62: osso de peixe; D3 e D4-002/62-63/VII-L2-TP: 2 incisivos de mamífero jovem (macaco?); SN1313: fragmentos de ossos cranianos e vértebras de peixes;</p> <p>Outras associações: L4-002/62-63/VIII - lasca de quartzito, 29x19x8mm; L5-002/62-63/VIII - lasca de quartzito, 24x18x7mm; 04 - sep. VIII - quartzito (anômalo), 37x24x15mm; 02-sep. VIII - lasca de quartzito, 25x18x12mm; nº 03: fragmento não modificado de quartzito; nº 01: fragmento não modificado(corante?); L2-002/62-63/VIII: fragmento não modificado, granito, 40x29mm; L3-002/62-63/VIII: fragmento não modificado, granito, 22x16mm; L6-002/62-63/VIII: fragmento não modificado, quartzito, 16x13mm; OS1, OS2 e OS3: 3 raios de nadadeira não modificados de peixes; (o sepultamento não apresentaria acompanhamentos funerários, Pallestrini, 1964:315)</p>
8	M	Adulto	<p>Outras associações: 002/X/03 - lasca de quartzito, 33x18x9mm; lasca s/nº: lasca, quartzito hialino, 33x18x9mm; 002/X/026: lasca, quartzito, 25x13x8mm; Nº 002(Sep. X-C1): valva c/quebras no bordo periférico, <i>Lucina pectinatus</i>, 54x56x2mm; Nº 436(s/nº): fragmento de ponta, osso de mamífero, 26x4x2mm; C02 à C06 e C09-L1-Camada A-01-12-62: 1 valva fragmentada e com sinais de queima nas margens de <i>Lucina pectinatus</i>, 1 fragmento de valva de <i>Astrea sp sp</i>, 4 fragmentos de valvas de <i>Thais haemastoma</i>, SN1161-L1-A-01-12-62(sob o sep): 1 fragmento de osso queimado de mamífero, 4 vértebras e fragmento de espinho de peixes ósseos.</p>
9	F	Adulto	-
10	-	Adulto	<p>Ocre (em massa) junto à região esquerda do crânio (não coletado); 002/X/01- sep X - 62-63 - fragmento de quartzito, 81x50mm (próximo a agrupamento de ossos de animal); fragmentos de ossos de animal agrupados ao lado do corpo(não localizados)</p>
11	-	Adulto	-
12	M	Adulto	<p>Nº 085(s/nº): dente sem trabalho, c/sinal de uso na ponta, <i>Odontaspis taurus</i>, 30x15x10mm; 2 dentes de seláquio, a 10cm do crânio (não encontrados); 1 lítico sob o tórax (não encontrado)</p>
13	-	Adulto	<p>Outras associações: SN1293-I2 RA-14-12-62: osso de carapaça de quelônio; SN895-I2-RA-14-12-62(restos humanos e fauna): terços proximal e médio de úmero, criança ($\pm$ 5 anos), 1 fragmento de diáfise de osso longo de ave;</p>
14	F	Adulto	<p>Outras associações: C1 à C4-002/62-63-14-12-62: 1 pinça de <i>Cancer cancer</i>, 1 valva de <i>Lucina pectinatus</i>, 52x58x2mm, 1 valva fragmentada de <i>Thais haemastoma</i>, 1 fragmento queimado de valva de <i>Astrea sp</i> ;</p>
15	M	Adulto	<p>1 machado lascado, esboço, seixo assimétrico, (não localizado)</p>
16	M	Adulto	<p>Outras associações: SN1177: 10 vértebras de peixes ósseos, 4 fragmentos de ossos de crânio de peixe, 1 espinho de peixe ósseo;</p> <p>1 pendente, valva trabalhada e perfurada, <i>Olivancillaria (?)</i>, região superior do tórax (em exposição); nº 01: lasca, rocha básica, 51x46x13mm; nº 03: fragmento não modificado, quartzito, 29x18mm; nº 02: fragmento não modificado, arenito, 71x52mm;</p>
			<p>Outras associações: 04-sep XVI-01/01/63 - fragmento de quartzito (associado?), 55x38mm; nº 04: fragmento de quartzito, utilizado (percutor?), 56x38x31mm; 05-sep.XVI-01-01-63: fragmento lítico não modificado; nº 15-002/62-63/XVI: valva perfurada, <i>Lucina pectinatus</i>, 61x66x2mm; C8-Bu-XVI: valva c/sinais de uso (raspador?) <i>Lucina pectinatus</i>, 48x53x2mm; Bu-XVI - 22: valva c/sinais de uso (raspador) <i>Lucina pectinatus</i>, 42x52x2mm; Bu-XVI-24: raspador, valva c/sinais de uso, <i>Lucina pectinatus</i>, 47x58x2mm; C9-Bu-XVI: raspador, valva c/sinais de uso, <i>Lucina pectinatus</i>, 41x52x2mm; C4-Bu-XVI: raspador, valva c/sinais de uso, <i>Lucina pectinatus</i>, 42x48x2mm; C21-Bu-XVI: raspador, valva c/sinais de uso, <i>Lucina pectinatus</i>, 47x56x2mm; C6-Bu-XVI: raspador ou cortador (serra), valva c/sinais de uso, <i>Lucina pectinatus</i>, 44x49x1mm; C10-XVI: raspador, valva c/sinais de uso, <i>Lucina pectinatus</i>, 40x54x2mm; C19-002/62-63/XVI: valva sem trabalho, <i>Lucina pectinatus</i>, 51x53x2mm; C3-002/62-63/XVI: valva c/sinais de quebra, <i>Lucina pectinatus</i>, 49x55x2mm; C12-002/62-63/XVI: valva c/sinais de uso, quebras sucessivas, serra-cortador(?), <i>Lucina pectinatus</i>; 58x62x2mm; C7-002/62-63/XVI: valva c/sinal de lascamento, <i>Lucina pectinatus</i>, 49x54x2mm; C3-002/62-63/XVI: valva c/ quebras sucessivas, serra-cortador?, <i>Lucina pectinatus</i>, 58x65x2mm; C18-002/62-63/XVI: valva c/sinais de quebra, <i>Lucina pectinatus</i>, 52x58x2mm; C2-002/62-63/XVI: valva c/sinais de quebra, <i>Lucina pectinatus</i>, 55x62x2mm; C20-002/62-63/XVI: valva com sinais de quebra, <i>Lucina pectinatus</i>, 56x58x2mm; C11-002/62-63/XVI: valva c/sinais de quebra, <i>Lucina</i></p>

			<p><i>pectinatus</i>, 50x55x2mm;; Sep XVI-002/62-63/XVI: osso de réptil c/trabalho, 25x5mm; 002-62-63/XVI-01-01-63: ponta fragmentada, raio de nadadeira, peixe ósseo, 22x7x3mm; 002/62-63/XVI(fauna associada- 5 valvas); C16: valva c/quebra na margem, <i>Lucina pectinatus</i>, 35x38x1mm, C13: valva c/quebra na margem, <i>Lucina pectinatus</i>, 44x47x1mm, C26: valva de <i>Lucina pectinatus</i>, 46x50x2mm, C14: valva c/quebras na margem, <i>Lucina pectinatus</i>, 54x61x2mm e C3: valva de <i>Lucina pectinatus</i>, 47x50x2mm; 002/62-63/XVI: 23, 27, 28, 29, 30: 1 fragmento de <i>Astrea sp</i> (23), 1 valva de <i>Thais haemastoma</i>, 3 fragmentos de valvas de <i>Thais haemastoma</i>; SN 1323-01-01-63: 1 canino de macaco, 1 fragmento de mandíbula com 1 premolar, 1 canino e 1 incisivo lateral, macaco; SN1133-002/62-63/XVI-01-01-63(fauna e restos humanos): 2 diáfises de ossos longos de ave, 1 fragmento de terços proximal e medial de fêmur de ave, 1 diáfise de úmero de ave, 2 clavículas de ave, 1 clavícula de ave (pequeno porte), terços distal e médio de tibia de ave, 1 metacarpiano (duplo) de ave, 7 fragmentos de diáfises de ossos longos de ave, 1 metatarsiano esquerdo de criança ($\pm$ 5 anos), 1 fragmento do terço médio de metacarpiano de adulto (humano), 15 vértebras de peixes ósseos de médio e pequeno porte, 1 vértebra de seláquio, 12 espinhos de peixes ósseos de pequeno e grande porte, 1 maxilar de <i>Trichiurus lepturus</i>.</p> <p>2 percutores (não localizados)</p>
17	-	Criança	<p>Outras associações: SN1325 (rolado): 1 valva fragmentada de <i>Thais haemastoma</i>, 1 valva com quebra na margem, <i>Lucina pectinatus</i>, 49x54x2mm, 1 valva com sinais de uso (raspador), <i>Lucina pectinatus</i>, 43x45x2mm; SN1266-B2-R-27-02-63: 1 otólito (corvina), fragmentos de <i>Lucina pectinatus</i>, e <i>Astrea sp</i>, 5 vértebras e fragmentos de peixes ósseos; SN1326: 1 vértebra de seláquio e 1 falange de mamífero; (2 percutores, não localizados)</p>
18	-	Criança	<p>nº 027-002/C2-Bu: pendente, valva trabalhada (cortada ou serrada, desgastada, polida) e perfurada, <i>Strombus sp</i>, 70x59x5mm, perfuração de 3x4mm; 2 pendentes em valva de gastrópode cortada, polida e perfurada (juntos com o C2, não localizados)</p>
19	M	Adulto	<p>Outras associações: SN1340: fragmento de quartzo, 10x7x6mm, região do crânio; Sep. 18: dente s/trabalho, seláquio; SN1319: 1 raio de nadadeira, 2 vértebras e um osso não ident. , peixes ósseos; SN1310: fragmento de casco de tatú (na região das costelas)</p> <p>02-002/62-63/XIX - batedor de quartzo, 71x45x33mm, lado esquerdo do crânio; 002/XIX nº 01 sep 19: lasca c/retoque, 54x45x12mm, quartzo branco; Sep 19 (13-03-63): diáfise de osso de ave trabalhada, seccionada longitudinalmente e fragmentada, 35x9x2mm (região das costelas); Sep 19-12-03-63: fragmento proximal de raio de nadadeira com sinais de corte (estrias), descarte, 14x15mm; Sep. XIX/0530: ponta fragmentada, osso, 28x7x3mm; Sep XIX/0626: ponta fragmentada, osso mamífero, 36x6x3mm; Sep. XIX/059: fragmento de ponta em osso, 22x6mm; Sep.19-12-03-63: ponta, osso de peixe, 49x6x4mm; Sep. 19: 5 dentes s/trabalho, seláquio(sobre as costelas esquerdas); OS24: raio de nadadeira s/trabalho, peixe ósseo, 51x8x7mm; OS13: polidor-afiador, fragmento de diáfise de osso de capivara, 78x24x12mm; Sep. XIX: ponta fragmentada , osso de mamífero, 28x7x3; Sep. XIX: ponta fragmentada, osso de mamífero, 22x6x3mm; Sep. 19-12-03-63: ponta simples, fragmentada, osso de peixe, 49x5x4mm; 08-03-63: fragmento de raio de nadadeira, terço proximal, peixe ósseo, 17x9x5mm; Sep. XIX: ponta, raio de nadadeira trabalhado no terço proximal, peixe ósseo, 38x5x3mm; Nº 134(s/nº): ponta biterminada , osso de ave, 34x7x3mm; Nº118(OS32): ponta biterminada, osso de mamífero, 41x5x2mm; Nº 138 (065): ponta biterminada, osso, 49x8x4mm; Nº 112(OS25): ponta biterminada, osso de mamífero, 33x4x2mm; Nº 201(OS28-OS27): fragmento de ponta lanceolada , 49x16x4mm; Nº 230(OS6): ponta fragmentada, osso de mamífero, 43x5x2mm; Nº 428(OS1): rejeito, diáfise de osso longo serrada, mamífero, 83x18x10mm; Nº 376 (058): ponta fragmentada em osso de peixe, 47x6x3mm; Nº 379(OS19): ponta fragmentada, osso de peixe, 47x5x4mm (associada?); Nº 285(OS23): fragmento de ponta, osso de mamífero, 46x10x3mm (associado?); Nº 042(s/nº): dente perfurado e trabalhado na base de sustentação, <i>Prionace glauca</i>, 13x12x2mm, 1,5mm(perf.); Nº 513(OS17): ponta fragmentada, osso de peixe, 62x6x4mm; Nº 564(OS14): ponta fragmentada, osso de mamífero, 60x8x3mm(associada?); Nº 690(OS29): fragmento de ponta(?) lanceolada, osso de mamífero, 28x12x3mm(associado?); Nº 522(s/nº): fragmento de ponta, osso de mamífero, 39x6x4mm; SN1306-08-03-63 (fauna): 8 diáfises fragmentadas de ossos longos de ave (jovem), 2 vértebras de ave; SN1314-13-3-63: raio de nadadeira fragmentado de peixe ósseo; SN1297-8-3-63: fragmento de crânio de peixe; SN1241: ossos de peixes, mamíferos e fragmentos de valvas de moluscos; 516: fragmento de costela de mamífero; 04,10,12: fragmentos de ossos de peixes; 18,20, 21: fragmentos de ossos de mamífero; OS5, OS7: 2 fragmentos de ossos de mamífero de grande porte; OS2, OS31: 2 espinhos de peixe ósseo; SN1147: 9 espinhos de raio de nadadeira, estando um com sinais de trabalho: corte; (as pontas e perfuradores estavam dispostos sobre o tórax; ocre sob os ossos da mão direita - não coletado)</p> <p>Ocre em grande quantidade (não coletado)</p>
20	-	Criança	<p>Outras associações: Nº 01 - J002762-63/XX: percutor, quartzo, 113x56x31mm; C1 - 002/62-63/XX: raspador/cortador, valva com quebras sucessivas na extensão da margem, <i>Lucina pectinatus</i>, 62x60x2mm; Nº 651(62S20): vértebra perfurada, seláquio, 10x6mm, 1mm (perf.)-associada?; (ocre, não localizado)</p>
21	F	Adulto	<p>Junto ao agrupamento faunístico: Nº 002-10 - batedor em seixo de gnaiss, 68x40x21mm(região distal com sinais de polimento para moer ocre); L5 - batedor (percutor-polidor) em seixo de gnaiss, 80x66x25mm (depressão leve em uma das faces e sinais de uso em 3 das 4 bordas); nº002-09: seixo percutor-polidor, gnaiss, 63x48x37mm; SN1242 - fragmento de material corante (ocre); 4 percutores, sob o agrupamento faunístico (não encontrados) ; Sob o agrupamento faunístico: Sep. XXI-002/62-63/XXI : 39 pontas e outros artefatos: BU-S21: raio de nadadeira c/trabalho, peixe ósseo, apara?, 76x8x7mm, BU-S21: ponta biterminada, osso ave, 37x5x1mm, BU-S21: ponta fragmentada, osso ave, 46x5x3mm, BU-S21: ponta biterminada, osso, 48x5x3mm, BU-S21: fragmento de ponta, osso ave, 26x4x2mm, BU-S21: ponta fragmentada, osso ave, 37x5x2mm, BU-S21: ponta fragmentada, osso de peixe, 41x5x3mm, BU-S21: raio de nadadeira c/estrias e polido, peixe ósseo, 48x4x3mm, BU-S21: ponta , osso cortado e polido, 48x4x3mm, BU-S21: lasca de osso de mamífero, cortada e com início de polimento - esboço de ponta , 60x8x4mm, BU-S21: fragmento de ponta, osso ave, 21x5x2mm, BU-S21: raio de nadadeira sem trabalho, fragmentado, 35x7x6mm, BU-S21: ponta fragmentada, osso peixe, 41x5x3mm, BU-S21: ponta em lasca de osso, 26x3x2mm, BU-S21: ponta fragmentada, osso, 28x4x2mm, BU-S21: ponta, osso de ave, frag., 37x4x2mm, BU-S21: fragmento de ponta, osso de peixe, 27x4x2mm, BU-S21: fragmento de ponta, osso de peixe, 33x7x3mm, BU-S21: ponta fragmentada, osso de ave, 36x5x2mm, BU-S21: fragmento de ponta, osso de ave, 20x4x2mm, BU-S21: ponta simples, osso de peixe, 38x5x3mm, BU-S21: fragmento de ponta, osso de peixe, 23x3x3mm; BU-S21: ponta fragmentada, osso de peixe, 38x5x3mm, BU-S21: ponta fragmentada, osso de ave, 25x4x2mm, BU-S21: ponta fragmentada, osso, 23x4x2mm, BU-S21: fragmento de ponta, osso de ave-diáfise de osso longo, 23x3x2mm, BU-S21: fragmento serrado de osso, 13x4x2mm, BU-S21: lasca de osso longo, serrado, osso ave, 15x4x1, BU-S21: fragmento de ponta, osso, 8x3x3mm, BU-S21: ponta, osso de peixe, 25x3x2mm, BU-S21: ponta fragmentada em osso de peixe (raia?), 30x5x4mm, BU-S21: espinho de nadadeira c/trabalho na epífise, 20x5x3mm, BU-S21: fragmento de ponta, osso de peixe, 11x4x2mm, BU-S21: fragmento de ponta, osso de mamífero, 13x5x2mm, BU-S21: fragmento de ponta, osso de peixe, 11x4x2mm, BU-S21: fragmento de ponta, osso de mamífero, 16x4x3mm, BU-S21: lasca de diáfise de osso longo, serrada, ave, 16x6x2mm, BU-</p>

			<p>S21: ponta fragmentada, osso, 16x2x2mm, BU-S21: ponta em fragmento distal de osso, 13x3x2mm, BU-S21: ponta fragmentada, osso de peixe, 10x3x1mm, BU-S21: lasca sem trabalho, osso, 15x4x2mm, BU-S21: fragmento de ponta, 7x4x1mm, BU-S21: fragmento de ponta em osso de mamífero, 10x4x1mm, BU-S21: fragmento de osso serrado, 8x4x1mm; BU-S21: fragmento de ponta, osso de mamífero, 17x5x2mm, BU-S21: fragmento de ponta em osso de ave, 26x6x2mm, BU-S21: fragmento de ponta em osso, 18x4x2, BU-S21: fragmento de ponta, osso de peixe, 10x4x1mm, BU-S21: lasca c/sinais de corte de diáfise de osso longo, ave, 19x4x2mm, BU-S21: osso longo de ave c/sinais de corte, seccionado no terço distal, 30x7x6mm, BU-S21: lasca não modificada de osso longo, mamífero, 17x7x2mm, BU-S21: fragmento de ponta, osso de peixe, 21x5x2mm; Sep. 21: 33 dentes s/trabalho, seláquio; D1 a D24: 24 dentes s/trabalho, seláquio; 15 dentes de seláquio, sem trabalho, estavam depositados na altura das vértebras cervicais; N° 038 (s/n°): dente trabalhado, <i>Prionace glauca</i>, 17x12x3mm; N° 074 (s/n°): dente c/sinais de trabalho na base de fixação, <i>Odontaspis taurus</i>, 31x13x9mm; N° C10-002/62-63/XXI: valva de gastrópode, <i>Ollivancillaria urceus</i>, 51x38mm, junto ao ocre; N° C9-002/62-63/XXI: (raspador, cortador) valva modificada c/quebras consecutivas na borda, <i>Chlamys sp</i>, 68x68x7mm, junto ao ocre; SN132-002/62-63/XXI: 1 valva de <i>Tivela</i>, 54x68x3mm, 1 valva não modificada, <i>Thais</i>, 50x29mm, 1 fragmento de valva de <i>Strophocelillus sp</i>, 1 valva c/sinais de quebra - uso ou quebra para abrir as valvas, <i>Lucina pectinatus</i>, 54x58x2mm; 002/62-63/21(fauna e rejeitos ou matéria-prima): 42 lascas e fragmentos de ossos de mamífero, 48 ossos de ave: ossos longos e lascas de diáfises, diáfises serradas e modificadas, com ocre, 101 ossos de peixe, pontas de raios de nadadeira, 2 fragmentos de mandíbulas de <i>Cuniculus paca</i> com dentes (2 indivíduos); Carapaça de quelônio modificada, <i>Hydromedusa sp</i> (em restauração); (as valvas de <i>Macoma</i> - não localizadas, de <i>Strophocelillus sp</i> e <i>Phacoides</i>, estavam recobertas por ocre e depositadas na região das patelas, as pontas ósseas e os dentes de seláquio estavam sob o agrupamento faunístico, dois maxilares de roedores entre as pontas ósseas e uma carapaça de quelônio - em conservação - sob o joelho esquerdo)</p>
			<p>Outras associações: 06 - sep. XXI - fragmento de arenito com sinais de queima, friável, 62x37mm; 01 - sep. XXI - Fog 1E-16/02/63 - lasca de quartzo, 38x12x5mm; 03 - sep. XXI - Fog 1E-16/02/63 - lasca de quartzo, 19x16x8mm; 05 - sep. XXI - Fog 1E-16/02/63 - lasca de quartzo, 18x12x7mm; 04 - sep. XXI - Fog 1E-16/02/63 - lasca de quartzo, 15x11x4mm; SN 1245 sep 21: lasca de quartzo hialino - cristal de rocha, 24x20x7mm; SN 1244: lasca, quartzito, 41x31x15mm; SN1244: lasca, quartzito, 16x13x8mm; SN 1244: lasca, quartzito, 17x9x5mm; N° 204(S21): goiva , osso de mamífero, 92x14x5mm(associado?); N° 184(S21): ponta fragmentada, osso de ave, 34x5x2mm(associado?); N° 251(S21): ponta fragmentada, osso de ave, 57x8x4mm; N° 340(S21): fragmento, lasca serrada , osso de mamífero, 81x11x4mm(associado?); N° 562(S21): rejeito, lasca de osso de ave, 30x5x2mm; N° 576(S21): fragmento de ponta, osso de mamífero, 42x9x4mm (associado?); N° 575(S21H): ponta biterminada, osso de mamífero, 35x4x2mm (associada?); N° 707 (S21-I): ponta biterminada, osso de peixe, 43x4x2mm (associada?); N° 708(S21-B): ponta biterminada, osso de peixe, 48x4x3mm (associada?); N° 518(S21-C): ponta biterminada, osso de mamífero, 35x4x3mm (associada?); N° 517(S21-J): ponta biterminada, osso de mamífero, 40x4x3mm(associada?); N° 516(S21-Q): ponta biterminada, osso de ave, 31x4x2mm (associada?); N° 732(S21-L): ponta biterminada, osso, 67x5x3mm(associada?); SN134-002/62-63/XXI(fauna associada): 22 valvas não modificadas, utilizadas, <i>Olivella verreauxi</i>, (2 c/ 13x6mm e 20 c/ 8x4mm em média), 3 valvas s/trabalho, <i>Astrea sp</i>, 20x17x0.5mm, 1 valva s/trabalho , <i>Thais</i>, 32x7mm, 1 valva não modificada de <i>Modiolos carvalhoi</i> , 28x15x1mm, 1 fragmento de pinça de <i>Callinectes sp</i> , <i>Portunus sp</i>, 1 fragmento de pinça de <i>Cancer cancer</i>, 5 valvas de <i>Lucina pectinatus</i>, sendo: um raspador, 42x51x2mm, 1 valva c/quebras, 35x39x1mm, 1valva com quebra, 37x42x2mm e 2 valvas de um mesmo indivíduo, c/sinais de quebra, 62x67x3 e 52x58x3mm; SN134-002/62-63/XXI(fauna asociada): 17 fragmentos de valvas de <i>Lucina pectinatus</i>, 1 fragmento de valva queimada de <i>Lucina pectinatus</i>, 5 fragmentos de valvas de <i>Thais haemastoma</i>, 5 fragmentos de <i>Astrea sp</i>, 2 fragmentos de valva de gastrópode, <i>Cymatium parthenopeum</i>, 8 fragmentos de bivalves; C2 à C9-Fog. 1E: 11 fragmentos de valvas de moluscos, incluindo de <i>Lucina pectinatus</i>; SN1303-11-01-63: 2 fragmentos de maxilares de peixes; SN135-002/62-63/XXI-12/19-01-63: 23 vértebras de peixes ósseos (pequeno, médio e grande porte), 2 vértebras de condriactes de médio e pequeno porte, fragmentos de costelas e ossos de mamíferos, 1 vértebra e 1 espinho peixe ósseo, 1 fragmento de costela e de outros ossos de mamífero, úmeros, clavícula, fêmures, tíbias, ulnas, tarso e metatarso de ave de pequeno porte; SN1146-002/62-63: 1 vértebra e ossos de peixes ósseos de pequeno porte; SN1283: 3 fragmentos ósseos , ave e peixe;</p>
22	-	Criança Feto	<p>Outras associações: N° 013(002/62-63): raspador, valva c/sinais de uso, <i>Lucina pectinatus</i>, 56x67x2mm; SN111-8-002/62-63/XXII(fauna associada): 2 valvas de <i>Lucina pectinatus</i> (uma c/quebra), fragmentos de <i>Lucina pectinatus</i>, <i>Mactra alata</i>, <i>Astrea sp</i>, <i>Murex senegalensis</i>, <i>Thais haemastoma</i> e <i>Strophocelillus sp</i>, fragmentos queimados de <i>Astrea sp</i>; SN1176: ossos de peixe, mamífero, vértebras de peixes ósseos e seláquios, fragmentos de valvas de moluscos não identif.;</p>
23	-	Criança	<p>Ocre, recobrimdo toda a área da cova (não coletado).</p>
24	-	Criança	<p>Outras associações: C1-002/62-63/XXIII.: valva c/sinais de trabalho (raspador-cortador?), <i>Lucina pectinatus</i>, 45x50x1mm; F1-002/62-63/XXIII: fragmento de osso de peixe;</p> <p>C1-002/XXIV: pendente, valva trabalhada e perfurada, <i>Strombus sp</i> , 72x55x4mm, perfuração de 1mm, entre o crânio e a pelve; ocre, não coletado, estava sobre os membros inferiores, membro superior direito e mão esquerda</p>
25	M	adulto	<p>Outras associações: SN1287-Fog.1E: diáfise queimada de mamífero, pinça de <i>Callinectes sp</i>, vértebras de peixe ósseo;</p> <p>Outras associações: 002/62-63/XXV-01 - lítico sem trabalho, sem uso, 29x18mm; N°102 (051): goiva (ponta em bisel?), osso longo de ave, 47x9x6mm; 002/62-63/XXV-C1: valva de <i>Thais haemastoma</i>, 31x19mm; 002/62-63/XXV: C2: fragmento queimado de valva de <i>Thais haemastoma</i>, C3: fragmento de valva de <i>Strophocelillus sp</i>; 54 e 57(fauna): úmero e rádio-ulna de ave; 06, 52, 53, 55, 58, 01(fauna): 5 espinhos de peixe ósseo, uma ulna fragmentada de mamífero; SN 1317-J1-R- fragmento de valva (serra)com sinais de trabalho, <i>Lucina pectinatus</i>, 1 raio de nadadeira de peixe ósseo; SN1331-J1-R-03-03-63 (fauna): 6 fragmentos de crânios de peixes ósseos, 1 ulna com sinais de queima, ave; SN1229-J1-R-3-2-63: ossos de peixe, falange e epífise distal de fêmur de mamífero (felídeo), 1 vértebra de peixe ósseo, 1 fragmento de carapaça de quelônio, maxilar de peixe ósseo, 4 fragmentos de ossos de peixes; SN1298: osso de peixe e vértebra queimada (peixe); F1 e F1b: 2 vértebras de seláquio;</p>
26	-	-	-
27	-	-	<p>D1: dente de seláquio, sem trabalho; D2: dente de seláquio sem trabalho; 1 dente de seláquio s/trab (não localizado, D3?), todos enfileirados ao lado do úmero (escarificador, serra?)</p>
28	-	Criança	<p>Outras associações: 01-002/62-63-XXVII - 23/02/63 - lasca de quartzo, 19x15x5mm;; C1-002/62-63/XXVII-23-02-62: 1 valva fragmentada de <i>Mactra alata</i>;</p> <p>Outras associações: SN1316-EX6-24-02-63: lasca, quartzo hialino, 18x17x4mm; SN1316-EX6-24-02-63: lasca, quartzo hialino, 18x14x3mm; Ex6-Sep.28-24/02/63: ponta biterminada , osso de mamífero, 38x5x3mm; D1: dente</p>

29	-	criança	<p>fragmentado na base de fixação, sem trabalho, seláquio; Ex6-24-02-63: ponta biterminada, osso de mamífero, 38x5x3; SN1315-Ex6-24-02-63: 1 vértebra de <i>Bagridae</i>;</p> <p>D1 a D13: 13 dentes s/trabalho, seláquio, alinhados na vertical(colar, serra, escarificador?); No. 002/XXIX - 4 lascas de quartzo 01 à 04; 06 - Bu-XXIX - lasca de quartzo hialino("grupo ornamental"), 26x20x5mm; 08 - Bu-XXIX - lasca de quartzo hialino("grupo ornamental"), 13x12x3mm; 05 - Bu-XXIX - lasca de quartzo hialino ("grupo ornamental"), 27x17x6mm; 10 - Bu-XXIX - lasca de quartzo hialino ("grupo ornamental"), 13x10x7mm; 09 - Bu-XXIX - lasca de quartzo hialino ("grupo ornamental"), 20x11x2mm; 07 - Bu-XXIX - lasca de quartzo hialino ("grupo ornamental"), 13x6x5mm; 11 - Bu-XXIX - fragmento de quartzo sem sinais de trabalho ou uso, 20x12x9mm (anômalo); N° 160 (317): fragmento de mandíbula c/trabalho-serrada, anta, 112x50x21; N° 163(059): ponta lanceolada, osso de anta (mandíbula?), 92x45x4mm; N° 161(056): ponta lanceolada, fragmento, osso de mamífero (anta), 69x25x6mm; N° 162(058): ponta lanceolada, fragmentada, osso de mamífero (anta), 86x45x4mm; N° 701(OS6): fragmento de ponta lanceolada, osso de mamífero(anta?), 43x30x6mm (associada?); N° 577(OS4): ponta fragmentada, osso de mamífero, 60x10x6mm(associada?); OS7, OS11 à OS13-002/62-63/XXIX(camada basal de conchas): ossos de peixes(OS11 à OS13) e osso de mamífero (OS7), "grupo ornamental"; SN1150-002/62-63/XXIX (camada basal de conchas): 1 lasca de diáfise de osso longo de mamífero do "grupo ornamental"</p>
30	-	criança	<p>Outras associações: 002/62-63/29 - amostra de corante (amarelo); C1-002/XXIX: raspador, valva c/sinais de uso, <i>Macra alata</i>, 78x56x2mm; 002/62-63/XXIX: C2: fragmento de valva de <i>Macra alata</i>, C3: fragmento de valva de <i>Macra alata</i>, C04: fragmento de <i>Macra alata</i>, C4: fragmento queimado de <i>Macra alata</i>; 002/62-63/XXIX: 1 vértebra e dois espinhos de peixes ósseos; SN1320 (camada basal de conchas): 2 vértebras de peixe ósseo (pequeno porte), 4 fragmentos de ossos de peixes;</p> <p>Ocre (ao redor de valvas de moluscos, em frente ao esqueleto); 4 líticos grandes (descartados); 1 lasca (não localizada); OS1 (002/62-63/XXX): fragmento de ponta, osso de mamífero, 24x5x4mm, na região do crânio; valvas de <i>Pecten</i>, dispostas na vertical, com ocre (não localizadas); C1-XXX: pendente, valva trabalhada e perfurada, alterada, <i>Strombus</i> sp, 86x76x8mm, perfuração de 5x3mm; 1 pendente em valva de <i>Strombus</i> trabalhada e perfurada, em frente aos parietais (não localizada); 1 ponta óssea (junto ao pé, não localizada); dentes de seláquio (14?), sob o crânio: D1 a D4, D7, D13, D15 a D17: 9 dentes s/trabalho, seláquio; N°079(D26): dente perfurado fragmentado na base de fixação, pingente, <i>Prionace glauca</i>, 15x14x4mm, 3mm(perf.); N° 092(D14): dente perfurado, pingente, <i>Prionace glauca</i>, 18x17x3mm, 2mm(perf.); N°046(D6): pingente, dente perfurado, fragmentado na base de fixação, <i>Prionace glauca</i>, 14x20x3mm, 2mm(perf.); N° 037 (D21): dente perfurado e fragmentado na base de fixação, <i>Prionace glauca</i>, 17x22x3mm, 2mm (perf.); N° 080(22): dente perfurado e fragmentado na base de fixação, <i>Prionace glauca</i>, 12x12x2mm, 1,5mm(perf.); N° 095(08): pingente em dente perfurado, <i>Prionace glauca</i>, 16x18x3mm, 2,5mm(perf.); N° 034(316): pingente, dente perfurado e fragmentado na base de fixação, <i>Prionace glauca</i>, 18x20x3mm, 2,5mm(perf.); N° 093(D19): pingente, dente perfurado, <i>Prionace glauca</i>, 17x17x3mm, 2mm(perf.);N°091(D11): dente c/duas perfurações, fragmentado na base de fixação, <i>Prionace glauca</i>, 15x19x3mm, 1,5 e 2mm(perf.); N° 049(D10): dente c/duas perfurações, base de fixação fragmentada, <i>Prionace glauca</i>, 15x16x4mm; N° 044(D18): dente c/duas perfurações (?), fragmentado, <i>Prionace glauca</i>, 14x12x3mm, uma perfuração c/2mm diâm.; N° 076(D12): dente perfurado, fragmentado na base de fixação, <i>Prionace glauca</i>, 18x20x4mm, 3mm (perf.); N° 033(002D5): dente não modificado, <i>Prionace glauca</i>, 16x21x3mm; SN1289-coleta 25/02/63: fragmento de valva de <i>Astrea</i> sp ; SN1328-26-02-63-camada basal de conchas: fragmento de vértebra de peixe ósseo, fragmentos de conchas (intrusão junto do crânio)</p>
31	-	criança	<p>N° 01 - 002/62-63/XXXI - 01/06/62 - fragmento de granito, 140x82mm; n° 02 - 002/62-63/XXXI-01/06/62-: fragmento não modificado, quartzito, 62x50x32mm; n° 05 - 002/62-63/XXXI-01/06/62-: fragmento não modificado, quartzito, 57x49x31mm; n° 06-sep XXXI - 002/62-63/XXXI-01-06-62: fragmento de granito muito alterado, 60x51mm; n° 03-002-01-06-62: lasca, quartzo, 56x21x12mm; n° 04-002-01-06-62: lasca, quartzo, 63x50x13mm; n° C9-002/XXXI: valva perfurada, c/sinal de uso, <i>Macra alata</i>, 90x68x1mm; J002/62-63/XXXI: vértebra perfurada de seláquio, F1, 19diam.x9h; sep. 31: dente sem trabalho, seláquio; N° 211(s/n): ponta fragmentada, osso de ave, 72x10x5mm; N° 028-002-64: pendente, valva perfurada, sem sinais de uso, <i>Macra sp</i>, 66x88x1mm; N° 029(002-63): pendente, valva perfurada na região da charneira, <i>Macra sp</i>, 100x73x2mm; N° 063(s/n): dente sem trabalho, c/sinal de uso na ponta, <i>Odontaspis taurus</i>, 18x17x5mm; N° C2-002-sep.XXXI: valva utilizada, não modificada, <i>Lyropecten nodosus</i>, 103x117x2mm; C6: valva c/sinais de uso ou modificação, <i>Macra alata</i>, 74x103x2mm; C7: valva de <i>Macra alata</i>, 73x98x2mm; C8: valva c/sinais de uso, quebra, <i>Macra alata</i>, 68x99x2mm; C14, C18, C20, C21, C22, C23, C25, C26: valvas fragmentadas de <i>Macra alata</i>; 002/sep.XXXI (fauna associada): C5, C10 à C17, C19, C24: valvas de <i>Sanguinolaria cruenta</i>, 38x66x2mm (média); SN1321: 3 fragmentos de <i>Astrea sp</i>, 20x17mm; SN 1275: 2 fragmentos de <i>Astrea sp</i>, região do membro superior e mão esquerda; SN1322-sep. 31-26-02-63: 2 fragmentos de <i>Astrea sp</i> (região das vértebras); SN 1276-26-2-63: fragmentos de ossos de peixes, raio de nadadeira, peixes ósseos; SN1179-J002/62-63/XXXI: ossos - pelve, vértebras, ossos longos - de anfíbio de grande porte; Sep.31: fragmento de maxilar esquerdo com incisivo, <i>Dasiprocta aguti</i>; SN1282: terço distal de úmero de mamífero, diáfise de tíbia de mamífero; F2-002/62-63/XXXIV: 1 fragmento de maxilar c/2 dentes e fragmento de mandíbula de <i>Cerdociontus</i> (carnívoro); (valvas de <i>Iffigenia</i> não foram localizadas, 2 valvas de <i>Pecten</i>, na vertical e com ocre ao redor não foram localizadas)</p>
32	M	Adulto	<p>SN 1278 - 3 lascas de quartzo; SN 1337 - 2 fragmentos de quartzito (pé D); N° 01 a 05 (002/62-63-XXXII) - fragmentos de granito não modificados; SN 1252 - lasca de quartzo (cristal), 31x26x11mm; SN1312 - 2 fragmentos de ocre; lascas s/n: 27x22x8, 27x25x21, 27x13x12(as duas últimas sem retoque); N° SN 1259: lasca c/retoque, quartzo ou cristal de rocha, 31x26x11mm; SN 1262: lasca, quartzo hialino alterado, 32x23x15mm; SN 1292: lasca, quartzo hialino, 19x9x5mm; 01-002/62-63/XXXII: lasca, quartzo, 29x23x5mm; 01-002/62-63/XXXII: lasca, quartzo, 19x13x8mm; SN1345 (esqueleto de animal): mandíbula, 2 dentes, fragmentos de crânio, fragmentos de ossos longos, falanges, vértebras, <i>Nasua sp</i> (<i>Nasua narica</i> jovem), dispostos sob os ossos dos pés; SN1273: 8 fragmentos de ossos de mamífero jovem (sob os pés); (líticos e restos de fauna estavam sob o crânio, restos de um "gambá" - coati jovem - estavam sob os ossos dos pés) -</p>
33	M	Adulto	<p>Outras associações: Sep. 32: canino perfurado, mamífero, c/fraturas na coroa e ápice da raiz, 24x8x6, perf. 3mm; BU-Sep.32: fragmento de ponta, osso, entre costelas e vértebras, 20x5x3mm; Sep. 32: fragmento de ponta, osso, 18x5x2mm; Sep. 32: fragmento de ponta, 18x5x2mm; Sep. 32: fragmento de ponta, osso de mamífero, região das costelas e vértebras, 20x5x3mm; SN1311: vértebras de peixes ósseos; SN1291(restos humanos): fragmento de occipital de criança; SN 1160-002/62-63/XXXII: ossos de peixes, réptil, mamífero e 3 vértebras de peixes; SN1324: fragmento de osso de <i>Bagridae</i>; SN1260: ossos de peixes, mandíbula de <i>Progyon</i>, vértebra de mamífero; SN1280: vértebra de seláquio (região das costelas); SN1300: diáfise de osso longo de ave (região das vértebras do esqueleto); SN1295: fragmentos de crânios de peixes;</p> <p>1 lítico decomposto ou muito alterado e 2 percutores (não localizados)</p>

			<p>Outras associações: 01-002/62-63/XXXIII - lasca de quartzito, 34x33mm; 17-002/62-63/XXXIII - lasca de quartzito, 13x15mm; 07 - lasca, quartzito hialino, 26x22x7mm (lascamento por pressão); 06 - lasca, quartzito hialino, 23x19x6mm; 04 - lasca, quartzito hialino, 31x21x16mm; 01 - lasca, quartzito, 31x13x5mm; 02 - lasca, quartzito, 39x32x20mm; 05 - lasca, quartzito, 35x26x8mm; 03 - lasca, quartzito, 32x22x19mm; 11 - lasca, quartzito, 25x21x16mm; 16 - lasca, quartzito, 23x15x7mm; 10 - lasca, quartzito, 19x11x2mm; 12 - lasca, quartzito, 13x11x2mm; 13 - lasca, quartzito, 13x8x4mm; nº 08: fragmento não modificado, quartzito; nº 14: fragmento não modificado, quartzito; nº 15: fragmento não modificado, quartzito; C1-002/62-63/XXXIII: raspador, valva c/sinais de uso, região das mãos, <i>Lucina pectinatus</i>, 55x54x3mm; C2-002/62-63/XXXIII: raspador, valva c/sinais de uso, <i>Lucina pectinatus</i>, 40x44x2mm; C4-002/62-63/XXXIII: valva trabalhada, com lascamentos sucessivos (raspador-cortador?), <i>Lucina pectinatus</i>, 44x54x2mm; C5-002/62-63/XXXIII: valva c/sinais de uso (raspador-cortador?), <i>Lucina pectinatus</i>, 52x57x2mm; C3-002/62-63/XVI: valva, <i>Lucina pectinatus</i>, 53x59x2mm; D3: <i>dente fragmentado, sem trabalho, seláquio</i>; OS1: fragmento de osso de mamífero (capivara?), 69x28x7mm; OS1: ponta fragmentada, osso de peixe, 32x4x4mm; C6 e C7-002/62-63/XXXIII (fauna associada): 2 fragmentos de <i>Thais haemastoma</i>; D1: canino de macaco, D2: dente de mamífero marinho (<i>Sotalia sp?</i>); F1 a F1h-002/62-63/XXXIII: ossos de peixe (F1a, b, d, f), de ave (F1c) e vértebras de peixes ósseos (F1e, g, h); 1 bloco lítico não modificado estava sobre o crânio, não tendo sido localizado - descarte?; 8 dentes de seláquio não perfurados, estavam dispostos na região do tórax, enfileirados de 4 em 4, distantes meio centímetro a fileira de cima com a de baixo - são parte dos 104 dentes s/trabalho de seláquio?; Sep. 34: 104 dentes s/trabalho, seláquio;</p>
34	M	Adulto	<p>Outras associações: Lasca 05: lasca, quartzito hialino, 25x19x9mm; Lasca 07: lasca, quartzito hialino, 13x10x5mm; Lasca 02: lasca, quartzito hialino, 18x8x7mm; Lasca 10: lasca(fragmento anômalo), quartzito hialino, 31x13x7mm; Lasca 01: lasca (fragmento anômalo), quartzito, 10x5x4mm; Lasca 03: fragmento, quartzito, 15x14mm; Lasca 04: fragmento, quartzito alterado, 38x34x21mm; SN 1332-13-03-63: 1 valva queimada de <i>Modiolos carvalhoi</i>, 16x11x1mm, 1 molar fragmentado de mamífero-carnívoro, 2 maxilares e 3 espinhos de peixes ósseos; SN1138-002/62-63(restos humanos e fauna): 12 vértebras e 1 fragmento de crânio de peixes ósseos, fragmentos de ossos humanos, falanges de pé.; SN1139-002/62-63-XXXIV: 1 molar de <i>Cuniculus paca</i>, 3 dentes de roedor, 2 dentes de macaco; SN1296: fragmento de epífise distal de úmero de mamífero; SN1309-13-03-63: vértebra de peixe ósseo. Ocre abundante (não coletado), ausência de acompanhamentos(?)</p>
35	-	Criança	<p>Outras associações: 002/XXXV/01 - L1-32-4-2 - lasca de quartzito (hialino), 29x14x8mm; SN1258: lasca, quartzito h., 22x21x9mm; C1-002/XXXV: valva perfurada, sinais de uso e impregnação ocre, <i>Macra alata</i>, 107x75x2mm; SN549- sep XXXV-62-63: 1 fragmento com ocre de <i>Lucina pectinatus</i>, 1 fragmento de <i>Astrea sp sp.</i>; SN1257: 1 molar de porco do mato, 1 fragmento de <i>Macra alata</i>; 1 fragmento de carapaça de quelônio de grande porte (marinho), 89x44x27mm; SN548-62-63(fauna e restos humanos): 12 vértebras de peixes ósseos de pequeno e médio porte; 2 terços proximais dos úmeros direito e esquerdo, 1 fragmento de terço proximal e médio de tíbia, 1 terço distal de fêmur, 1 fragmento de arco vertebral, 2 metatarsianos c/ocre, criança (<5anos); 002/XXXV: fragmento de coroa de canino, porco do mato.</p>
36	-	Criança	<p>D9-XXXVI: dente superior sem trab ou uso, <i>Carcharhinus leucas</i>, 21x21x4mm; D2-XXXVI: dente superior sem trabalho ou uso, <i>Carcharhinus leucas</i>, 21x24x4mm; D8-BU-XXXVI-002: dente superior sem trabalho e uso, <i>Prionace glauca</i>, 14x20x3mm; Nº 045(002D7): dente sem trabalho, não modificado, <i>Prionace glauca</i>, 18x22x3mm; Nº 039 (002D10): dente sem sinal de trabalho, não modificado, <i>Prionace glauca</i>, 12x17x2mm; Nº 041(002/XXXVI-D4): dente não modificado, <i>Prionace glauca</i>, 21x13x4mm, (todos na região do tórax); Nº 526(002/OS1): ponta biterminada, osso de ave, 43x6x2mm ;</p>
37		Criança	<p>Outras associações: Nº 03-J002/63/XXXVI-32-4-2: lasca, quartzito hialino, 18x14x4mm; Nº 01-J002/63/XXXVI-32-4-2: lasca, quartzito hialino, 17x13x4mm; Nº 02-J002/63/XXXVI-32-4-2: lasca, quartzito hialino, 22x20x15mm; Nº 645(OS3): vértebra de seláquio perfurada, 12x8mm, 1mm(perf.)-associada?; SN1140(restos humanos e fauna): costelas, fragmentos de clavícula, vértebras e falanges de criança (<5anos), 2 espinhos de peixe, 1 osso craniano de peixe, 1 vértebra de peixe ósseo; OS2: lasca de diáfise de osso longo de ave; Nº04/002/62-63/XXXVII - batedor/polidor, seixo de rocha básica, 62X50x31mm; SN1307 - lasca de quartzito, 20x9x2mm; 07-002/62-63/XXXVII - arenito alterado, não modificado, 87x27x17mm; Sep. 37 - artefato polido, longo (esboço de zoólito?), rocha básica, 92x27x26mm; nº 01 - 002/62-63: fragmento não modificado de quartzito, 73x51mm; nº 05 - 002/62-63: artefato polido (inespecífico, esboço de zoólito?), 82x31x28mm; lasca 03-002/62-63: lasca, quartzito hialino, 31x22x9mm; lasca 02-002/62-63: lasca, quartzito hialino, 32x31x25mm ; osso trabalhado (com os restos do crânio), não localizado.</p>
38	-	Criança	<p>Outras associações: C1-002/62-63/XXXVII: valva perfurada, gastrópode, <i>Natica limbata</i>, 31x23mm; C3-002/62-63/XXXVII: valva perfurada, gastrópode, <i>Natica limbata</i>, 33mm (altura); BU-XXXVII-004: dente superior sem trabalho e uso, <i>Carcharhinus leucas</i>, 20x23x4mm; Bu-sep.37-03-02-63: ponta fragmentada, osso de mamífero, 38x9x4mm; Sep.37-03-02-63: ponta fragmentada, osso de mamífero, 34x10x4mm; Nº 220(OS2): ponta biterminada, osso de mamífero, 40x5x2mm; SN1338: 1 valva de <i>Astrea sp</i>, 22x15x1mm; SN1308: osso de peixe; OS1 e OS3-002/62-63/XXXVII: 2 espinhos de peixe;</p>
39	M	Adulto	<p>Outras associações: Nº 572(OS1): ponta fragmentada, osso de mamífero, 33x8x4mm; SN552-62-63(restos humanos e fauna): fragmentos de costelas, ílio, clavícula esquerda, 7 corpos vertebrais, criança (<5anos), 3 vértebras de peixes ósseos;</p> <p>2 blocos líticos depositados sobre o tórax (descartados), 2 dentes de seláquio, região da mandíbula (não discriminados na coleção), 1 lítico (inespecífico) perto da pelve (não discriminado na coleção)</p>
			<p>Outras associações: 16 a 24 - lascas de quartzito, (Bu-24, 22x14x6mm; Bu-23, 25x14x5mm; Bu-22, 24x14x8mm); Bu-13, lasca de quartzito, 16x13x4mm; No. 5- lasca de diabásio (decomposta); Nº 33 - 002/62-63/XXXIX - 10/03/63 - lasca de quartzito, 22x20x5mm; Nº 25 - 002/62-63/XXXIX - 10/03/63 - fragmento de quartzito, 50x42mm; Nº 12-XXXIX - 14/03/63 - seixo fragmentado, rocha básica, 27x22mm; Bu-20 - lasca de quartzito, 28x20x7mm; Bu-21- lasca de quartzito, 22x18x4mm; Bu-19 - lasca de quartzito, 29x24x4mm; Bu-17 - lasca de quartzito, 34x17x7mm; Bu-16 - lasca de quartzito, 33x29x11mm; Bu-18 - lasca de quartzito, 24x24x8mm; 04 - sep.39 - lasca de quartzito, 34x31x15mm; 07 - sep.39 - lasca de quartzito, 28x14x6mm; Nº 02 - 002/62/63/XXXIX - corante ocre; XXXIX - 10 -14-3-63 - fragmento de quartzito, 130x54x32mm; 01 - sep. 39 - batedor (com superfícies polidas por uso?), 97x64x47mm; nº 04: lasca c7retoque, quartzito, 34x31x15mm; nº 07: lasca, quartzito, 28x14x6mm; 26: lasca, cristal de rocha ou quartzito hialino, 53x39x10mm; nº 30: lasca, cristal de rocha ou quartzito hialino, 33x22x23mm; nº 27: lasca, cristal de rocha ou quartzito hialino, 33x22x7mm; nº 29: lasca, cristal de rocha ou quartzito hialino, 23x24x6mm; nº 28: lasca, cristal de rocha ou quartzito hialino, 31x20x11mm; nº 31: lasca, cristal de rocha ou quartzito hialino, 19x13x6mm; nº 32: lasca, quartzito hialino, 25x15x8mm; nº 14: lasca, quartzito hialino, 29x22x10mm; nº 02 e nº 03: 2 fragmentos não modificados de quartzito; XXXIX-nº11-1962: lasca, quartzito, 36x19x4mm; nº 10 - XXXIX - 14-03-63: fragmento não modificado, quartzito, 130x51x33mm; nº 08-002/62-</p>

			<p>63/XXXIX-sep 39-14-03-63: fragmento não modificado, quartzito, 74x52mm; n° 09-002/62-63/XXXIX-sep 39-14-03-63: fragmento não modificado, quartzito, 68x39mm; n° 15-002/62-63-10-03-63: fragmento não modificado, quartzito, 79x50mm; n°06 - 002/62-63-XXXIX: fragmento, quartzito, 25x19x10mm; D1 a D46 (002/62-63/XXXIX)- 46 dentes: dentes de seláquios sem trabalho e sem uso: D12, 10, 7, 11, 9, 1, 2, 6, 18, 4, 8, 16, 43, 3, 17, 30, 40, 37, 42, 33, 26, 21 e 41 (23 dentes superiores) de <i>Carcharhinus leucas</i>, D24, 5, 39, 15, 44, 27, 25, 28, 33, 38, 35, 20, 14, 19, 22, 29, 13 e 45 (18 dentes inferiores) de <i>Prionace glauca</i>, D32, 34, 36, 21, 31 (5 dentes superiores) de <i>Shyrna sp.</i>, com medidas de 20x21x4 a 8x13x3mm; Sep. 39-002/62-63/XXXIX: 3 dentes s/trabalho, seláquio; N°110(OS2): ponta biterminada, osso de ave, 35x5x2mm; 002/62-63 (restos humanos): ísquio, epífise de tíbia, occipital, falanges de pé, criança (<2anos); .002/62-63/XXXIX: fragmentos cranianos de peixe; 002/62-63: lascas de ossos de peixes e mamífero; 002/62-63/XXXIX: raio de nadadeira fragmentado e serrado; D53: fragmento de ossos de peixe; SN551-10-03-63: fragmento com sinal de queima de carapaça de quelônio, 1 vértebra de seláquio(?), 14 vértebras de peixes ósseos, 1 espinho de peixe com sinais de queima, 2 premolares de macaco, fragmentos de ossos de mamífero, 1 fragmento da porção anterior de mandíbula de macaco, fragmentos de peixes ósseos; 002/62-63/XXXIX: fragmento queimado de ossos de quelônio; SN1333: 2 vértebras de peixes ósseos (região do pé e mão do esqueleto); 051: osso de peixe (espinho); 002/62-63/XXXIX: vértebras com sinais de queima, de peixes ósseos;</p> <p>40 M Adulto 1 bloco lítico (deslocado, depositado sobre o corpo), descartado em campo</p>
			<p>Outras associações: N°XL 01: fragmento de quartzo, 25x19x9mm; n° 02 - sep XL-08-02-63: fragmento não modificado, quartzito, 47x32x31mm; SN 1263-002/62-63/XL-08-02-63: ossos de mamífero, 1 dente de raia, 1 fragmento de frontal com face orbitária esquerda de porco do mato.</p> <p>41 - Criança XLI - D1 a D16: 16 dentes s/trabalho, seláquio (outros 2 não foram localizados, todos estavam dispostos junto da mandíbula)</p> <p>Outras associações: 002/62-63-F1(restos humanos e fauna): molar inserido em fragmento de osso alveolar, porco do mato, fragmento de osso de peixe, restos humanos: 3 corpos de vértebras, 1 ísquio esquerdo, 1 falange, criança (>2a e <5anos), 3 vértebras de peixe ósseo, 1 vértebra de seláquio, 4 fragmentos queimados de ossos de mamífero; SN1294: fragmentos de crânios de peixes; 002/62-63(restos humanos): 2 ossículos, criança; (18 dentes pequenos não perfurados de seláquio na região da mandíbula)</p>
42	F - M	Adulto(s)	-
43	-	Criança	-
Sn° a	M	Adulto	-
Sn°b	M	Adulto	-
Sn° RA	F	Adulto	-
Sn° J2R	M	Adulto	-

Medidas em mm, comprimentoXlarguraXespessura máximos ; dados em negrito: acompanhamentos funerários citados por Pallestrini (1964): as demais associações foram identificadas em laboratório; F = feminino, M= masculino; - = indeterminado; criança = <12anos; adolescente = >12 e <20 anos; adulto = >20 anos; - = indeterminado.

Tabela: autor, 10-07-2003. Ref: PALLESTRINI, L. A jazida do Buracão -Km 17 da estrada Guarujá-Bertioga. Separata del Homenaje a Fernando Márquez-Miranda. Madrid, Sevilla, 1964.

Anexo 4 - Relação dos sepultamentos de Buracão por número, sexo, grupo etário, quadra, estratigrafia e níveis:

Sepultamentos de Buracão: sexo, idade, quadra, camada, nível e acompanhamentos funerários						
Nº	sexo	grupo etário	camada	quadra	nível (m)	Restos humanos
1	-	adolescente	Barranco, camada de terra preta c/poucas conchas, recoberto por pouca cinza	Ex1	4,254 centro Ex1	Mandíbula, fragmentos de crânio, fragmentos de vértebras cervicais e clavícula.
2	-	-	Barranco, camada de terra preta, c/ carvão, restos alimentares, coquinhos queimados e cinza	Ex1/Ex5	4,134 ossos longos	Fragmentos de ossos dos membros inferiores(ocre)
3	-	criança	Barranco, camada de terra preta	Ex1/Ex5	4,234 crânio	Fragmentos de crânio
4	M	adulto	ITP*	LN5	4,254 crânio	Ossos e fragmentos do esqueleto (completo) - ocre
5	-	criança	Fogueira IA, coberta por cinzas	LN1/M1	4,234 crânio	Fragmentos de crânio, costelas, clavícula, acrômio, temporal, ossos de mãos e vértebras.
6	-	criança	Basal de conchas	N1	4,041 crânio	Fragmentos de crânio, dos membros, costelas, vértebras (ocre)
7	-	adulto(?)	Terra preta	LN10	2,174 pelve	Fragmentos representativos de todo o esqueleto (muito fragmentado)
8	M	adulto	Base, sob a camada basal de conchas	G2/G3	3,404	Maxilares superiores, ausência de vértebras (muito incompleto)
9	F	adulto	Em material rolado	P2/P3	2,240	Fragmentos de crânio
10	-	adulto	Base, na rocha decomposta - nicho, sob a basal de conchas, com carvão e ocre	G2	2,804 centro	Ossos e fragmentos representativos de todo o esqueleto (fragmentado)
11	-	adulto	Em material rolado, próximo à base	Ex9/LN9/ Ex8/LN8	-	Fragmentos de crânio, vértebras, membro superior, temporal, escápula (ossos reagrupados)
12	M	adulto	Fogueira IE	Ex7	3,884 crânio 3,784 tórax	Fragmentos de crânio, vértebras (muito incompleto na parte inferior).
13	-	adulto	Em material rolado, terra preta com conchas e areia da base	I2	3,514	Fragmentos de crânio, metacarpianos, metatarsianos, falanges e fragmentos de vértebras.(incompleto)
14	F	adulto	Em material rolado,	I2	3,484	Fragmentos de crânio, metatarsiano, escápula, costelas, tibia, fíbula, ulna, tálus, clavícula, úmero, rádio e do osso do quadril (semiarticulado)
15	M	adulto	Fogueira IE	Ex6	3,720 crânio	Fragmentos representativos de todo o esqueleto (semiarticulado)
16	M	adulto	Fogueira IE, em terra preta, com conchas de Astrea e Lucina	M3/L3	4,034 crânio	Fragmentos representativos de todo o esqueleto(articulado)
17	-	criança	Terra preta, no primeiro solo superior à base	K2	-	Fragmentos de ossos
18	-	criança	Base, inserida na base decomposta, recoberta por materiais rolados	K2	3,294 3,484	Fragmentos de crânio, costelas, membro inferior (incompleto)
19	M	adulto	Terra preta, coberta por material rolado (perturbado)	K3/J3	3,164 crânio	Fragmentos representativos de todo o esqueleto
20	-	criança	Terra preta, com algumas conchas, coberto pelo material rolado e parcialmente perturbado	L3	3,424	Fragmentos de ossos representativos de todo o esqueleto (esparso e com ocre)
21	F	adulto	Fogueira Ic: pertencia ao núcleo de habitação de IB, sendo enterrado em Ic	M1/L1	4,079 crânio 4,049 pés	Fragmentos representativos de todo o esqueleto(ocre)
22	-	criança (recém-nascido)	Fogueira IE, recoberta por material rolado	L2	4,004	Intrusão de fragmentos de crânio de criança(cujos restos estavam esparsos), pelve e ossos longos de recém-nascido
23	-	criança	Fogueira IE,	K1/J1	3,984	Fragmentos representativos de todo o esqueleto(ocre sobre os membros inferiores)

24	-	criança	Fogueira IE, no contato com a basal de conchas, restos de carvão e manchas de cinza	LN6	3,584 crânio	Fragmentos representativos de todo o esqueleto
25	M	adulto	Fogueira IE, perturbado	LN6	3,904	Fragmentos ósseos muito alterados, um osso do quadril e ossos de pés
26	-	-	Em material rolado, muito perturbado	K1/K2/L2	-	Fragmentos diversos (esparcos)
27	-	-	Base, na base, recoberta pela camada basal de conchas, barranco	LN5	3,379	Terço proximal de úmero, escápula e fragmentos de costelas
28	-	criança	Base, barranco	Ex6	3,574	Fragmentos de crânio, costelas, dentes, vértebras e fragmentos de ossos longos
29	-	criança	Camada basal de conchas, com terra preta, barranco	LN5	3,554	Fragmentos representativos de parte do esqueleto (rolado)
30	-	criança	Base, no barranco, dentro de nicho rochoso, coberto por camada basal de conchas	Ex6	3,434 crânio 3,404 pés	Fragmentos e ossos representativos de grande parte do esqueleto
31	-	criança	Base, dentro de uma depressão da base, recoberta pela camada basal de conchas, terra preta e restos de peixe e carvão	K1	3,734 3,449	Fragmentos de crânio, fragmentos ósseos muito alterados, ossos longos e costelas.
32	M	adulto	Terra preta, no primeiro solo superior à base	L4/K4	3,069 crânio 3,299 pés	Fragmentos e ossos representativos de todo o esqueleto
33	M	adulto	Base, contido no material decomposto da base e recoberto pela camada basal de conchas, com alguma terra preta	L1/L2/M1/M2	3,434 crânio	Fragmentos e ossos representativos de todo o esqueleto
34	M	adulto	Terra preta, em contato com a base, coberto por fogueira e um bolsão de conchas	M3/L3	3,394 crânio	Fragmentos e ossos representativos de todo o esqueleto
35	-	criança	Base, contido na base e recoberto por camada basal de conchas, com terra preta	L1	3,424	Fragmentos de crânio, costelas, falanges, ossos do quadril (ocre)
36	-	criança	Camada basal de conchas, em mistura com terra preta e restos de fogueira	K2	3,334	Fragmentos e ossos representativos de todo o esqueleto
37	-	criança	Camada basal de conchas, com pouca mistura de terra preta (perturbado)	L2	3,224	Fragmentos do crânio (muito incompleto, sem os demais ossos)
38	-	criança	Terra preta, coberto por material rolado(perturbado)	L2	3,074	Fragmentos de crânio, um osso longo e fragmentos diversos não identificados
39	M	adulto	Terra preta, no primeiro solo superior à base(sepultamento que perturbou o sep.40)	K3	2,954	Fragmentos e ossos representativos de todo o esqueleto
40	M	adulto	Terra preta, no primeiro solo superior à base (perturbado pelo sep.39)	L2	2,934	Fragmentos e ossos representativos de todo o esqueleto
41	-	criança	Terra preta, no primeiro solo acima da base	K3	2,914	Incompleto, fragmentos muito alterados (decompostos)
42	F	adulto	Em material rolado	M5	-	Ossos em decomposição (incompleto)
	M	adulto	Em material rolado	M5	-	Ossos em decomposição (incompleto)
43	-	criança	Base, coberta por material rolado	L5	-	Fragmentos muito alterados (decompostos)

* **ITP:** primeira camada de terra preta que finaliza a ocupação no sítio; **Nível:** em metros acima do nível do mar.

Fonte: PALLESTRINI, L. A Jazida do Buracão - Km 17 da estrada Guarujá-Bertioga, Separata del Homenaje a Fernando Márquez-Miranda, Madrid, Sevilla, p.300-319, 1964.

ANEXO 5 - RELAÇÃO DOS ACOMPANHAMENTOS FUNERÁRIOS - SAMBAQUI PIAÇAGUERA, SP

Relação dos acompanhamentos funerários dos sepultamentos de Piaçaguera. No campo **Idade**, as idades e seu grupo etário correspondem aos dados da tabela *Estimativas de Idade e Sexo dos Esqueletos do sambaqui de Piaçaguera, SP*, seguidos ou não de dados (parêntesis) do Caderno de Sepultamentos de Piaçaguera; as interrogações seguidas correspondem, respectivamente, as idades publicadas e corrigidas por Marília C de Mello e Alvim na tese de Uchôa, 1973, p. 152; idades não corrigidas da mesma publicação; grupos etários publicados em Uchôa, 1970, p. 13 e 38; No campo **Acompanhamentos funerários** foi considerada a presença de carvão, concreções e sementes (os dois últimos resultantes de fatores tafonômicos e possíveis intrusões não intencionais).

Sepultamento	Esqueleto	Sexo	Idade	Acompanhamentos funerários (nº. e níveis)
I (LVII)	1	F	20-21 anos (Sub-adulto); 21 a 25 anos; 20 a 25 anos; jovem?	Cota crânio = 11,93m: Esq. 1: S/no. dente de seláquio não identificado, sem trabalho (niv. 11,93m); 4 - 1 dente perfurado Prionace sp. (glauca), Q62, 8/9/65, niv. 11,92m; 2 - 1 dente trab e perfurado Prionace sp. (glauca), Q74, E9, 6/9/65, 11,73m; 3 - 1 dente perf. Prionace sp. (glauca), Q62, B6, 6/9/65, 11,92m; 8 - 1 dente s/trab. Prionace sp. (12,19m); 8-A - 2 dentes Odontaspis taurus (1 c/ponta desg.) a 12,19m; s/no. (1)- 72 dentes s/trab. Sphyrna diplana (11,93m); 1 - 1 dente de bugio (canino perf. c/ponta desg.), Q74, E9, 6/9/65, a 11,73m; 9 - 1 dente de boto c/perf. e trab a alt.perf. (pen.), 11,93m; 7-A - ponta em osso de mamífero, Q63, 11,44m; 90-A - machado de gnaise, 11,93m; 38-A - machado em anfibólito, 11,93m; 39-A - frag. de ocre s/sinais de uso (limonita) a 11,93m; s/no. - machado em filito a 11,93m; s/no. - 4 dentes de capivara a 11,93m; s/no. - 6 dentes de Prionace sp. (4 c/perfuração), 11,93m; s/no. - 3 dentes perfurados de Sphyrna diplana, 11,93m; ocre; carvão.
	57	-	±2 meses (Feto)	Cota crânio (centro) 12,23m, Q80, HIJ 8/9-, centro crânio H9, 12,13m; carvão.
II	2	F	±22 -25 anos (Adulto jovem); -; -; adulto?	Cota = 12,00m: 23 - 7 dentes perfurados de macaco (junto ao crânio), 12,00m; 24 - 1 dente de capivara, frag. c/sinais de trab. (crânio), 12,13m; 21-1 dente perf. de macaco (junto ao crânio), niv. 12,10m, Q79; ocre.
III	3	M	±50 anos (Adulto velho); -; -; -; adulto?	Cota crânio: 12,00m, Q58, CD2-: ocre.
IV	4	-	±4 anos (Criança); +5 -12 anos; + 5 e - 12 anos; criança?	Nível (crânio) = 11,92m: 22-1 dente perfurado e c/trab. na raiz, Prionace sp. , niv. 11,92m (próx. vert. Cervicais); 48- 1 dente de Prionace sp. Perf. e com trab na raiz e ponta desg., Q79, 8/10/66, Nív. 11,64m; carvão, sementes.
V	5	M	35-40 anos (Adulto maduro); 31 a 40 anos; 30 a 40 anos; adulto?	Nível (crânio) = 11,77m, Q80, G8: 88- ponta em osso de mamífero (em bisel), niv. Q80, 11,78m (junto ao crânio); 90- seixo de quartzo frag. , Q80, niv. 11,69m (abaixo do crânio); 91- 1 dente perf. Prionace sp. , Q80, peneira, niv. 11,70m; 91-A- 1 dente perfurado Prionace sp., niv. 11,70m; 91-B- 1 dente perfurado de Prionace sp. , niv. 11,70m.; ocre; carvão; sementes.
VII	7	F(?)	6 - 7 anos (Criança); +7- 12anos; +7 - 12 anos; criança ?	Carvão; sementes.
VIII (XVI)	8	M	35-40 anos (Adulto maduro); 31 a 40 anos; 30 a 40 anos; adulto?	Esq. 8: 114- 1 dente perf. de Carcharodon, Q93, H6, niv. 11,37m, junto esq. 8 ou 16; 115- 1 esfera de osso, Q96, J5, niv. 11,39m (Exposição do Museu); 125- 1 dente perfurado de Carcharodon c/trab na placa basilar, Q93, H6, niv. 11,37m, associado esq. 8 ou 16; 126 - 1 dente perfurado de Prionace sp. , Q93, niv. 11,36m, junto as vértebras cervicais esq. 8; 128- 1 dente perf. c/trab. na placa basilar e frag. Prionace sp. , niv. 11,36m, Q93, esq. 8, peneira.; ocre; carvão.
	16	-	±3(7)anos (Criança); +5- 12anos; + 5 - 12 anos; criança?	Esq. 16: sementes.
IX	9	F	±45 anos (Adulto maduro); -; -; adulto?	49- 1 dente perf. de macaco (pen.), niv. ±11,50m, Q90, IJ 1-10; ocre; carvão, sementes.
X	10	-	Feto a termo (Feto); -6 meses; -6 meses; criança?	Sementes.
XI	11	M	±50 anos (Adulto velho); 41 a 50 anos; 40 a 50 anos; adulto?	85 - 1 dente incisivo de capivara, sem trab. , niv. 11,72m, Q60, ao nível do crânio, ver fotografia; 66 - 1 ponta em osso de mamif. ou peixe?, prox. crânio, pen., ponta de arpão?, Q77, niv. 11,64m; ocre; carvão, sementes.

XII (XIII, XV)	12	-	6±3meses (Infante); +6 e - 12 meses; + 6 - 12 meses; criança?	Esq. 12 e 13: Ocre; carvão. Esq. 15 : -
	13	-	12±6meses(18±6 meses); +6 e -12 meses; +6 - 12 meses; criança?	
	15	F	21-24 anos (Adulto jovem); 21 a 25ano; 18 a 25 anos; adulto?	
XIV	14	M	35-40 anos (Adulto maduro); 31 a 40 anos; -; adulto?	117 - ponta de arpão em osso de peixe, niv. 11,47m, Q77, peneira, abaixo do esqueleto; ocre; carvão.
XVII	17	M	20 -22 anos (Sub-adulto); -;-; adulto?	Ocre; carvão; sementes.
XVIII	18	-	±16 anos (Sub-adulto); -; -; adulto?	Ocre .
XIX	19	M	24-26 anos (Adulto jovem); 21 a 30 anos; 20 a 30 anos; adulto?	142 - 1 dente perfurado de <i>Prionace sp.</i> , niv. 11,31m, Q95; 144 - 1 dente perf. <i>Prionace sp.</i> c/blaca basilar trab., niv±11,28m (pen.), Q77, esq. 19 ou 20; 225 - 1 dente perfurado e c/trab. na placa basilar de <i>Carcharodon</i> , niv. 11,25m, Q77; 226 - 1 dente perfurado e com trab. na placa basilar de <i>Carcharodon</i> , niv. 11,25m; 227 - ponta em bisel frag. de osso de mamífero, niv. 11,13m, Q77, B8, sobre massa de ocre; ocre; sementes.
XX	20	F(?)	±3 anos (Criança) ; +2 e - 5 anos; +2 - 5 anos; criança?	92 - 1 dente perfurado de <i>Prionace sp.</i> , com trab na placa basilar e desgaste na ponta, niv. ±11,43m(peneira), Q77; 196 - 1 dente perfurado de <i>Prionace sp.</i> , niv. 11,37m, abaixo do crânio, Q78; ocre.
XXI	21	F(?)	±30 anos (Adulto jovem); -;-; adulto?	Ocre; carvão.
XXII	22	M	30-35 anos (Adulto jovem); 26 a 30 anos; 25 a 30 anos; adulto?	270 - 1 dente de bugio perf. e com desgaste no ápice (fisiológico?), niv. 10, 83m; 311 - 1 valva de <i>Olivella verreaux</i> perfurada., niv. 10, 60m; 403 - 2 valvas de <i>Olivella verreaux</i> perfuradas, niv. ±10,90m (peneira), Q96, 19/05/67; 452 - 1 dente de porco do mato com sinais de uso, niv. 10,97m; ocre.
XXIII (XXIV, XXV)	23	F	19-20 anos (Sub-adulto); 21 a 30 anos; 20 a 30 anos; adulto?	Esq. 23: 274 - 1 dente perfurado e com trabalho na placa basilar de <i>Prionace glauca</i> , niv. 10,95m, esq.23; 273 - 1 dente perfurado e com trabalho na raiz, bugio, niv. 11,00m, esq. 23; 289 - 3 dentes perfurados de <i>Galeocerdo cuvier</i> , sob a mandíbula do esq. 23, niv. 10,96m, Q74; carvão; concreção carbonática.
	24	M	30-35 anos (Adulto jovem); 26 a 35 anos; 25 a 30 anos; adulto?	Esq. 24: 290 - 1 ponta de arpão em osso de peixe (entre a penúltima e a antepenúltima vértebra lombar), niv. 10,90m, esq. 24; 291 - 1 dente frag. e perfurado, com trab. na placa basilar, <i>Prionace sp.</i> , Q74, niv. 10, 90m, entre duas vértebras lombares, esq. 24.
	25	-	12 ±4 meses (Infante); + 6 e - 12 meses; + 6 - 12 meses; criança?	Esq. 26: S/no. - 23 dentes sem trabalho de <i>Prionace sp.</i> , niv. 11,00m; 295 - 1 dente perfurado de <i>Carcharodon</i> c/desgaste na placa basilar, Q75, niv. 10,90m; 308 - 1 dente perfurado de <i>Carcharodon</i> c/desgaste na placa basilar (disposto sob a mandíbula do esq. 26), Q75, niv. 10,90m; 309 - 1 dente perfurado de <i>Carcharodon</i> com desgaste na placa basilar, sob mandíbula do esq. 26, Q75, niv. 10,90m; concreção.
XXVI (LXV)	26	F	36-40 anos (Adulto maduro); 36 a 40 anos; 35 a 40 anos; adulto?	298 - 1 dente perfurado de bugio, niv. 10,65m; 298-A - 1 dente perfurado e c/trabalho (ponta desgastada) de <i>Galeocerdo cuvier</i> , Q73, niv.10,70m; 300 - 134 dentes de bugio perfurados, niv. 10,51m.
	65	-	Feto in Útero	Esq.28: 344 - 1 dente de bugio perfurado e c/ponta frag., niv. 10,51m/10,71m, Q98, J2, 1967; 569 - 2 dentes perfurados (1 c/ponta desgastada) de <i>Prionace sp.</i> , Q98, niv. 10,39m, próximo ao pescoço, entre as vértebras, costelas e escápula, em concreção, achados em laboratório durante lavagem do esq. 28; 569-A - 1 dente de <i>Galeocerdo</i> , c/perfuração, niv. 10,39m; ocre; carvão; concreção
XXVII	27	F	40-45 anos (Adulto maduro); 40-45 anos; +10-15 anos; criança ?	Esq.30: 348 - 6 dentes de jacaré, niv. 10,48m (ou 3 dentes perf de mamíf , niv. 10,48m, Q98, região IJ1,2?); 349 - 37 dentes perfurados de macaco (colar), niv. 10,48m, região I-2, Q98; 349-A - 1 dente de capivara frag a alt desg., c/trab (colar), niv. 10,48m; 442 - 4 dentes perfurados de (1 c/trab na placa basilar) <i>Prionace sp</i> , na região das cervicais e crânio do esq. 30, niv. 10,49m; 442-A - 1 dente perfurado de <i>Carcharodon</i> , niv. 10,49m; 447 - frag de ponta em esporão de raia, niv. 10,47m; ocre.
XXVIII (XXX)	28	M	50-55 anos (Adulto velho); 41 a 50 anos; 40 a 50 anos; adulto?	317 - 1 dente perfurado e c/trabalho na placa basilar de <i>Carcharodon</i> , niv. 10,46m. (outros acompanhamentos foram citados mas não encontrados como 1 machado de diabásio, 1 dente de <i>Sphyrna</i> c/perf. e desg. e 247 <i>Olivellas?</i>); carvão.
	30	-	18±6 meses (Infante); +12 e - 24meses; +12 - 24 meses; criança?	
XXIX	29	-	18 ± 6 meses (Infante); + 6 e - 12 meses; +6 - 12 meses; criança?	
XXXI	31	M	35-40 anos (Adulto maduro); 21 a 30 anos; 20 a 30; adulto?	431 - fragmento de goiva em osso de mamífero - boto?, niv. 10,21m, Q64, FG-3,4, abaixo dos ossos dos pés.; ocre; carvão.

XXXII (XXXIII, XXXIV)	32	F	15-17 anos (Adolescente) (+20 anos); 21-30 anos; 18-25 anos;jovem?	Esq. 32: ocre; carvão; concreção.
	33	-	18±6 meses (Infante); + 6 e - 12 meses; + 6 - 12 meses; criança?	Esq. 33: 318 - machado de diabásio, Q73, BC-1,2, niv. 10,49m; 443 - 23(14?) valvas perfuradas de <i>Olivella verreaux</i> , Q73, niv. 10,49m, na região das cervicais; 444 - 1 dente perfurado e com trabalho na placa basilar de <i>Carcharodon</i> , Q73, niv. 10,49m, região do pescoço; 448 - 3 dentes sem trab. <i>Prionace sp.</i> , niv. ±10,49m (peneira); concreção.
	34	-	2-3 anos (Infante);+ 6 e - 12 meses; + 6 - 12 meses; criança?.	Esq. 34(sobre o joelho do esq. 32): ocre; carvão.
XXXV (XXXVI)	35	M(?)	2 anos ± 8 meses (Infante); + 2 - 5 anos; + 2 - 5 anos; criança?	Esq. 35: 404 - 1 valva perfurada de <i>Olivella</i> , niv. ±10,50m (peneira); 405 - 1 valva perfurada de <i>Olivella</i> , Q63, niv. 10,48m (peneira); 406 - 14 valvas perfuradas de <i>Olivella</i> , niv. 10,47m, 10,45 e 10,50m; 407 -1 dente perfurado , com placa basilar trabalhada, de <i>Galeocerdo</i> , Q63, niv. 10,45 a 10,50m ou 10,47m; 408 - 1 dente perfurado de <i>Galeocerdo cuvier</i> , niv. 10,48m, Q63; 416 - 1 dente perfurado de <i>Carcharodon</i> , niv. 10,48m, Q63, região I-4; 432 - 10 dentes (1 c/desgaste na ponta e os demais sem trabalho) de <i>Prionace glauca</i> , Q63, niv. 10,42m; 433 - seixo de gnaiss, abaixo dos pés, Q62, niv. 10,42m; 441 - 1 dente de capivara com sinais de uso (ou desg fisiol.?) , Q63, niv. 10,42m, sobre as costelas 660 - 1 dente perfurado e c/trab na placa basilar de <i>Carcharodon</i> , niv. 10,42m (dentro da cavidade bucal), encontrado em laboratório em 28-8-68; ocre; carvão; concreção; sementes.
	36	M	50-55 anos (Adulto velho); 41 a 45 anos; 40 a 45 anos; adulto?	Esq.36: 434 - 1 dente perfurado com trabalho na placa basilar de <i>Carcharodon</i> , niv. 10,42m, próximo e sob a mandíbula (ver fotos); 435 - 15 dentes sem trabalho de <i>Galeocerdo cuvier</i> , Q62, niv. 10,42m, mão esquerda do esq.36 (ver fotografia); 437 - 27 dentes sem trabalho de <i>Galeocerdo cuvier</i> , Q62, niv. 10,42m, mão direita); 438 - 1 seixo de diabásio,sem sinais de trabalho, niv. 10,42m (abaixo da pelve, do lado esquerdo, mobiliário funerário?); ocre; carvão; concreção.
XXXVII	37	-	6-12 meses (Infante); + 6 e - 12 meses; + 6 - 12 meses; criança?	446 - dente c/perfuração por desgaste na região cimento-esmalte, niv. 10,51m; concreção.
XXXVIII	38	M	25-30 anos (Adulto jovem); 21 a 30 anos; 20 a 30 anos; adulto?	449 - 1 dente perfurado e com trabalho na placa basilar de <i>Carcharodon</i> , niv. 10,89m (região das cervicais); ocre; carvão; concreção..
XXXIX	39	M	40 anos (Adulto maduro); -; -; adulto?	Carvão; concreção.
XL (XLVII)	40	-	18 ± 6 meses (Infante); + 12 - 24 meses; + 12 - 24 meses; criança?	Esq. 40: 557 - 11 dentes s /sinais de trabalho de <i>Galeocerdo</i> , niv. 10,54m, Q75-76, lado direito; 555 - 29 dentes sem trabalho de <i>Galeocerdo</i> , niv. 10,54m, lado esquerdo do esqueleto; 555-A - 1 dente sem trabalho de <i>Sphyrna diplana</i> , 10,54m; 556 - 1 dente perfurado e com alisamento da placa basilar de <i>Carcharodon</i> , niv. 10,54m, junto as cervicais; 556-A - 1 dente perfurado e com alisamento da placa basilar de <i>Carcharodon</i> , niv. 10,54m, junto as cervicais; 556-B - 1 dente perfurado e com alisamento da placa basilar de <i>Carcharodon</i> , niv. 10,54m, junto das vértebras cervicais; 560 - 160 valvas perfuradas de <i>Olivella verreaux</i> , niv. 10,54m, próximo membros inferiores; 558 - machado (filito), niv. 10,54m; 559 - seixo de filito sob machado 558, niv. 10,54m, retirados para exposição na França em 16-06-1988; ocre; carvão; concreção.
	47	-	12 ± 4 meses (Infante); + 6 - 12 meses; + 6 - 12 meses; criança?	Esq. 47: 562 - 16 dentes sem trabalho de <i>Galeocerdo cuvier</i> , niv. 10,87m, lado direito do esqueleto; 561 - 22 dentes sem trabalho e 2 com desgaste na ponta de <i>Prionace sp.</i> , Q76, niv. 10,87m, lado esquerdo do esqueleto; 683 - ponta em osso de peixe (arpão), Q76, niv. 10,54m,encontrada no laboratório em 11-1-68.; carvão.
XLI	41	M	45-50 anos (Adulto maduro); 41 a 50 anos; 40 a 45 anos; adulto?	Ocre; carvão; concreção.

XLII (XLIII, LXXII)	42	-	±2 anos (Infante); + 2 e - 5 anos; + 2 - 5 anos; criança?	Esq. 42: 546 - 61 dentes sem trabalho de <i>Galeocerdo cuvier</i> , niv. 10,44m; 535 - 1 dente perfurado de <i>Carcharodon</i> , niv. 10, 44m, vértebras cervicais; 546-A - 1 dente sem trabalho de <i>Sphyrna diplana</i> , niv. 10, 44m;
	43	-	±18 meses (Infante); + 2 e - 5 anos; + 2 - 5 anos; criança?	536 - 28 dentes perfurados de bugio (colar), Q62, niv. 10,44m, junto dos dentes do esqueleto; 536-C - 1(3?) dente perfurado de bugio (colar), niv. 10,44m; 536-B - 6 dentes perfurados de quati, niv. 10,44m; 536-A - 1 incisivo c/perfuração e fragmentado de porco do mato, niv. 10,44m; 537 - 657 valvas perfuradas de <i>Olivella verreaux</i> , niv. 10,44m; 536-D - 23 vértebras perfuradas de seláquio, niv. 10,44m, junto dos dentes do esq.; 534 - 1 dente com duas perfurações de <i>Carcharodon</i> , niv. 10,44m, vértebras cervicais; ocre; carvão; concreção.
	72	-	Feto a termo	Esq. 43: (3 dentes de <i>Carcharodon</i> , perf., próximos às vértebras cervicais, niv. 10,46m?); carvão; concreção. Esq. 72: -
XLIV	44	M	26-30 anos (Adulto jovem) (26 a 40 anos); 26 a 30 anos; 25 a 30 anos; adulto?	541-A - 3 dentes sem trabalho de <i>Galeocerdo cuvier</i> , niv. 10,46m; 541 - 31(33?) dentes sem trabalho e 1 dente com ponta desgastada de <i>Prionace sp.</i> , Q97, niv. 10,46m, sobre as costelas; 541 (?) - 75 dentes sem trabalho e 4 dentes com desgaste na ponta de <i>Prionace sp.</i> , niv. 10,46m; 542 - 1 dente perfurado de <i>Prionace sp.</i> , Q108, niv. 10,46m, na extremidade do instrumento de osso que está sob o crânio; 472 - 1 dente perfurado (e com desgaste no ápice) de bugio, niv. ±10,40m(peneira); 471 - 2 valvas de <i>Olivella</i> , Q97, niv ±10,40m (peneira); 544 - artefato em osso de mamífero (goiva), Q108, niv. 10,40m, sobre o crânio; 543 - 1 dente de capivara, com trabalho, Q108, (próx. ao ombro, ver fotografia); ocre; carvão. Esq. 45: 527 - 2 dentes perfurados de <i>Galeocerdo cuvier</i> , Q93, niv. ±10,33m.; carvão.
XLV (XLVI)	45	-	-6meses(feto a termo?); - 6 meses; - 6 meses; criança?	Esq. 46: 554 - 6 dentes perfurados (2 além da perfuração, apresentam a placa basilar com trabalho) de <i>Galeocerdo cuvier</i> , niv. 10,72m, junto das cervicais, embaixo da mandíbula; 516 - 1 dente perfurado, com desgaste no ápice, de <i>Prionace sp.</i> , Q92, niv.± 10, 60m (peneira); 523 - 1 dente perfurado e desgastado de <i>Prionace sp.</i> , Q79, niv. 10,45m; 517 - 1 dente perfurado de <i>Sphyrna diplana</i> , Q92, niv. ±10,60m(peneira); 567 - 1 batedor(?) em seixo de gnaisse, muito alterado, niv. 10,72m; ocre; carvão.
	46	M	35-36 anos (Adulto maduro); 31-40 anos; 20 a 30 anos; adulto?	562 - 16 dentes sem trabalho de <i>Galeocerdo cuvier</i> , niv. 10,87m, lado direito do esqueleto, sobre o tórax; 561 - 22 dentes sem trabalho e 2 dentes com desgaste na ponta, de <i>Prionace sp.</i> , Q76, niv. 10,87m, lado esquerdo do esqueleto, sobre o tórax; 683 - ponta em osso de peixe (arpão), niv. 10,54m, encontrado no laboratório; carvão.
XLVII	47	-	12 ± 4 meses (Infante); +6 e - 12 meses; + 6 - 12 anos; criança?	552 - osso chato com sinais de trabalho; 586 - 1 dente perfurado com sinais de trabalho na placa basilar de <i>Galeocerdo cuvier</i> , Q77, G4, niv. 10,85m, junto v+ertebras cervicais; 532 - 1 dente fragmentado com sinais de trabalho, capivara, niv. 10,95m; 531 - 9 valvas de <i>Olivella</i> , Q78, niv. 10,95,(peneira); carvão; concreção.
XLVIII	48	M	40-45 anos (Adulto maduro); 40-45 anos; 40-45 anos; adulto?	-
XLIX	49	F	±30 anos (Adulto jovem); - ; - ; adulto?	-
L	50	M	±40 anos (Adulto maduro); - ; - ; adulto?	574 - 1 dente perfurado, seccionado longitudinalmente, <i>Carcharodon</i> , Q113, D9, niv. 10,34m, (rolado e frag.).
LI (LII)	51	-	2 anos ± 8 meses (Infante); + 12 - 24 meses; + 12 - 24 meses; criança?	Esq. 51: 594 - 1 dente com desgaste na ponta de <i>Prionace sp.</i> , Q78, niv. ±10,78m,(peneira); 728 - 4 dentes sem trabalho de <i>Sphyrna diplana</i> , niv. 10,51m, 29-05-1969; 728-A - 37 dentes sem trabalho de <i>prionace sp.</i> , niv. 10,51m, 29-05-1969.
	52	M	30-35 anos (Adulto jovem); 25 a 30 anos; 25 a 30 anos; adulto?	Esq. 52: 715 - machado em diabásio, niv. 10,50m, 28-5-1969; 716 - batedor (percutor) em granito, niv. 10,50m, junto com machado no. 715; 727 - 207 valvas perfuradas de <i>Olivella</i> , niv. 9,74m, 6-6-1969, (duas estavam aderidas ao crânio).
LIII	53	F	26-30 anos (Adulto jovem); 25-30 anos; 25 a 30 anos; adulto?	657-A - 30(29?) dentes sem trabalho de <i>Galeocerdo</i> , niv. 10,50m; 657 - 65 dentes sem trabalho de <i>Prionace sp.</i> , niv. 10,50m, junto aos ossos dos braços e mãos; 658 - 1 dente perfurado e com trabalho na placa basilar de <i>Carcharodon</i> , Q 95, niv. 10,50m, junto as vértebras cervicais; 659 - 1 dente perfurado e com alisamento da placa basilar de <i>Carcharodon</i> , niv. 10,50m, (peneira).(improváveis associações: 643 - 1 dente perfurado de <i>Prionace</i> ; 644 - 1 fragmento de esporão de raia; 645 - 1 epífise serrada de mamífero).
LIV	54	M	± 45 anos (Adulto maduro); - ; - ; adulto?	-
LV	55	M	13-14 anos (Adolescente) (+15 - 18 anos); +15 -20 anos; +15 - 20 anos; jovem?	-
LVI	56	M	± 30 anos (Adulto jovem); - ; - ; adulto?	Concreção.
LVIII	58	F	10-12 anos (Criança)	?
LIX	59	M	± 15 anos (Adolescente)	?
LX	60	-	18±6 meses (Infante)	?

LXI	61	M	±19 anos (Subadulto)	?
(LXII)	62	-	Feto a termo?	
LXIII	63	F	± 40 anos (adulto maduro)	?
LXIV	64	F	22-25 anos (Adulto jovem)	?
LXV	65	-	Feto in Útero	?
LXVI	66	F	15-17 anos (Adolescente)	?
LXVII	67	F	25-30 anos (Adulto jovem)	?
LXVIII	68	M	± 15 anos (Adolescente)	?
LXIX	69	F	35-40 anos (Adulto maduro)	?
(LXX)	70	-	nascimento ±2 meses	
LXXI	71	F	22-25 anos (Adulto jovem)	?
LXXII	72	-	Feto a termo?	?
LXXIII	73	-	Feto a termo ±2 meses	?
LXXIV	74	F	20-24 anos(Adulto jovem)	?
LXXV	75	F	20-24 anos(Adulto jovem)	?
LXXVI	76	-	- 1 ano (Infante)	?
LXXVII	77	M	± 17 anos (Adolescente)	?

Referências: Tabela *Estimativas de Idade e Sexo dos Esqueletos do sambaqui de Piaçaguera, SP*, 1986, (documento esperso, contendo dados produzidos por Marília Carvalho de Mello e Alvim, UERJ, UFRJ segundo FEREMBACH, D, SCHWIDETZKY, I, STOUKAL, M. Recommendations for Age and Sex Diagnoses of Skeletons. Journal of Human Evolution, London, v.9, p. 517-549, 1980); Caderno - Enterramentos de Piaçaguera, Cosipa, SP; Caderno de Registro, sambaqui Piaçaguera - laboratório; Tese de doutorado (Uchôa, 1973, p. 152, Tabela 14); Dissertação de mestrado (Uchôa, 1970, p. 13 e 38); UCHÔA, D P. Nota prévia sobre os sepultamentos do sambaqui de Piaçaguera. Estudos de Pré-História Geral e Brasileira. IPH-USP, São Paulo, p. 487-492, 1969.

ANEXO 6 - PLANTA BAIXA DOS SEPULTAMENTOS DE PIAÇAGUERA:

ANEXO7- PLANTA DOS ENTERRAMENTOS DE BURACÃO:

ANEXO 8 - PLANTA BAIXA DOS ENTERRAMENTOS DE TENÓRIO (LESTE)

ANEXO 9 - PLANTA BAIXA DOS ENTERRAMENTOS DE TENÓRIO (OESTE)

ANEXO 10 - PLANTA BAIXA DOS ENTERRAMENTOS DE MAR VIRADO (VERSÃO 2005)